



15 126 517



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by

Dr. Antonio Gomes

Da Rocha Madahil





Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

CHRONICA

DELREY

D. AFFONSO

HENRIQUES

POR

DUARTE GALVAO

CHRONICA

DE

D. AFRONSO

HENRIQUES

PER

DUARTE GALVAO

CHRONICA
DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE
D. AFFONSO HENRIQUES

PRIMEIRO REY DE PORTUGAL,
COMPOSTA

POR DUARTE GALVAO,
Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mor do Reyno.

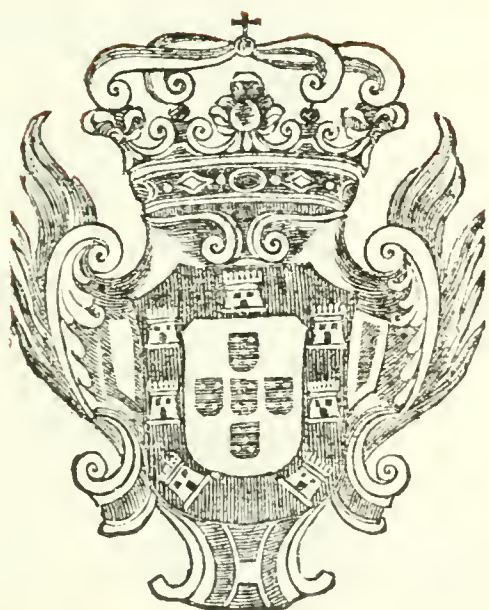
FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL, QUE
se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÃO V.
NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVI.

Com todas as licenças necessarias.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

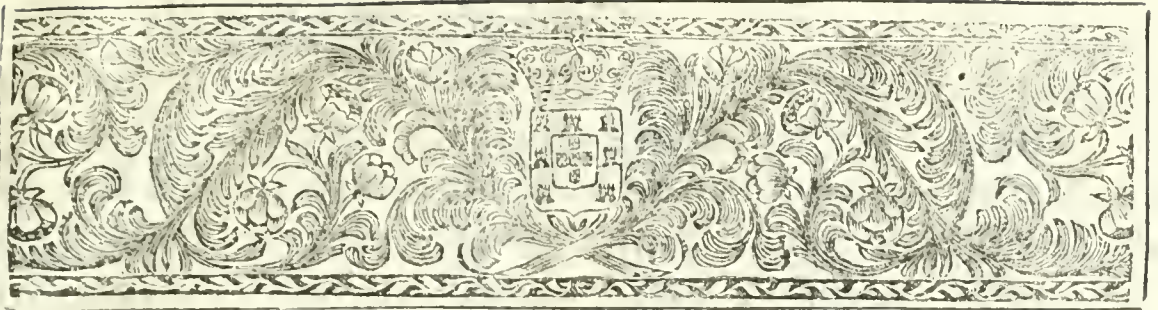
D. J. O'NEILL
1910

FOR THE
OFFICE OF THE
LIBRARY

D. J. O'NEILL
1910



LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF CHICAGO



SENHOR.



ROSTRADO AOS
Reays pés de V. Magestade,
lhe offereço a Chronica do Fundador da sua gloriosa
Monarchia o Santo Rey D. Affonso Henriques decimo
quinto Avo de V. Magestade, que ha mais de dous
seculos

seculos escreveu Duarte Gualvaõ , taõ estimado do Senhores Reys de Portugal, como o dizem os grandes lugares, em que o occupáraõ , especialmente o Senhor Rey D. Manoel quinto Avo de V. Magestade, em cujo Reynado se vio com mayor admiracão a grande capacidade deste Chronista. Aceite V. Magestade com a sua Real, e costumada benignidade este meu pequeno obsequio, para que desta fórte animado possa continuar com a impressãõ das outras Chronicas dos Serenissimos Predecessores de V. Magestade. Deos guarde a V. Magestade muitos annos como desejanos, e havemos de miltar.

MIGUEL LOPES FERREYRA.



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNAO TELLES
DA SYLVA

MARQUES DE ALEGRETE DOS CONSELHOS DE ESTADO,
e Guerra del-Rey Nosso Senhor, Gentil-homem de sua Camara, Vêdor de sua
fazenda, Embayxador extraordinario à Corte de Vienna, ao Serenissimo
Emperador Joseph, e Condutor da Serenissima Rainha Nossa Se-
nhora a eltes Reynos, Academico, e Censor da Academia Real
da Historia Portuguesa, &c.

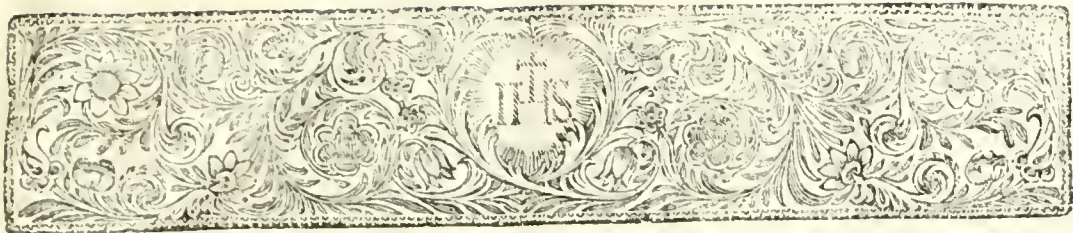


*EPOIS de ter resolutto dedicar esta Chronica del-Rey D.
Affonso Henriques a ElRey Nosso Senhor, não podia ter du-
vida em que fosse Vossa Excellencia quem lha offerecesse em meu nome. Se para se
consultarem os Oraculos, se procuravaõ aquellas pessoas, que eraõ dedicadas aos
Templos*

Templos em que elles respondiaõ, justamente dezejo a protecção de Vossa Excellencia para hum Oraculo taõ Soberano, que o merece ser de todo o mundo. A proporção he o que mais se deve de procurar, e sendo assim, não pôde Vossa Excellencia accuzar a confiança, com que lhe peço, offereça este livro a S. Magestade que Deos guarde, pois he para este fim hum meyo taõ proporcionado, que o mesmo Principe elegeo a Vossa Excellencia para lhe assislr com a pessoa no seu Palacio, e com as prudentes experiencias do seu grande entendimento aos negocios mais importãtes de toda a Monarchia. Deos guarde à Vossa Excellencia muitos annos como dezejo.

Criado de Vossa Excellencia

MIGUEL LOPES FERREYRA.



MIGUEL LOPES FERREIRA AO LEITOR.



ELA Chronica do primeiro Rey de Portugal começa a satisfazer a promessa de dar ao Prelo todas as Chronicas dos nossos Reys, que até agora se conservavaõ manuscritas. Esta do fundador glorioso do Imperio Portuguez tem mais de dous seculos de antiguidade, porque seu Author Duarte Galvaõ falleceu na Ilha de Camaraõ a 9. de Junho do anno de mil e quinhentos e dezafete. A authoridade de quem a escreveu não he menor, porque o Pay deste Chronista foy Ruy Galvaõ Secretario, e Escrivaõ da Puridade de ElRey D. Affonso V. de Portugal, lugares taõ grandes, e taõ immediatos á Magestade, que suppõem illustre a quem os exercita. Duarte Galvaõ seu filho foy do Conselho dos Reys D. Joaõ o II. e D. Manoel, Chronista Mór do Reyno, Alcaide Mór de Leiria, doutissimo nas Letras humanas, e Embaixador a França, e Alemanha, e ultimamente ao Preste Joaõ, levando em sua companhia ao Embaixador Mattheus, que da Corte do Abexim tinha passado à de Portugal, vencidas, e compolltas as injustissimas duvidas da sua verdade. O irmão deste Chronista foy D. Joaõ Galvaõ, que depois dos mayores lugares da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, sendo Bispo da mesma Cidade, lhe fez mercê ElRey D. Affonso V. do Titulo de Conde de Arganil, que até agora se conserva nos seus Successores, e desta Mitra passou para a de Braga. Nesta Historia se achão alguns pontos encontrados com a verdade, o que de nenhum modo se deve de attribuir a malicia do Author senaõ a que naquelle tempo devia de ser esta a tradiçaõ, que havia entre nós mal fundada no principio, e peyor continuada na boca dos que a passavaõ a outros, em que como he natural; cada dia se vay de figurando, e perdendo a sua fórma verdadeira. Estes descuidos emendou doutissimamente o Doutor Fr. Antonio Brandaõ na Terceira Parte da Monarchia Lusitana, porque examinou a verdade no segredo dos Cartorios,

A O L E I T O R .

em que estava sepultada. Algumas pessoas me aconselhavaõ , que lhe fizesse notas , porèm segui o parecer de outras , que assentáraõ , que como esta Chronica se imprimia para os que sabem , elles não ignoraõ pela lição de Fr. Antonio Brandaõ , o que he tradição errada. Sahe pois a Chronica de El Rey D. Affonso Henriques da sorte que a escreveu Duarte Galvaõ , e lhe fiz o beneficio de lhe ordenar hum Index para utilidade de todos. Agradeça o Leitor o meu cuidado , que brevemente lhe darey impressas todas as mais Chronicas manuscritas dos nossos Reys , e entre ellas a de El Rey D. Joaõ o II. que escreveu Ruy de Pina , taõ rara como desejada.

V A L E .



PRO:

PROLOGUO

DO AUTHOR.

DEREGIDO AHO SERENISSIMO, E MUITO Poderoso Principe El Rey D. Manoel nosso Senhor, sobre has vidas, e excellentes feytos dos Reys de Portugal, seus Antecessores, ordenados, e escritos por seu mandado, por Duarte Gualvaõ Fidalgo da sua Casa, e do seu Conselho, no qual falla do grande louvor destes mesmos Reys de Portugal.



MUITO devem, Serenissimo Senhor, trabalhar hos ho-
mens, por em sua vida obrarem virtudes, paraque me-
reçaõ ha Deos no outro mudo, e neste leyxem de seu tem-
po memoria, nom sómente, que viveraõ, ho que has
animalias tem por iguoal commoquo; mas que bem, e
louvadamente passaraõ sua vida, que hee proprio do ho-
mem, ho qual tendo ha vida, em dias breve, com ha virtude que obra,
ha faz lingua, e durar mais des que morre, vivendo depois de morto
no outro mundo, por gloria, e neste por exemplo assi, que para nós
necessario nos hee nossa virtuosa vida, e para hos outros nossa virtuosa
fama; esto como quer que convem ha todos, muito mais cabe em hos
Principes, e Reys fazelo, cuja mayor excellencia de seu nome traz lo-
guo mayor obriguacaõ de seu carreguo, que hee serem Reys postos por
Deos; para regedores principaes na terra sobre hos outros homens pa-
ra execuçaõ, e exemplo de toda perfeyta virtude, mas pois que toda des-
posiçaõ para obrar virtudes por muito que naça com ha pessoa nom
póde ler comprida, nem aver perfeysaõ se nom por ajuda, e graça Di-
vinal. Grandes, e perpetus louvores devem ser dados ha nosso Senhor,
por todos hos naturaes do Reyno de Portugal, por tanto participar de
sua graça, com hos Reys vossos Antecessores, e com vossa Real pessoa,
com tam clara mostrança de hos querer honrar, e escolher para seu san-
to serviço, exalçamento da sua Santa Fèe, de maneyra, que para se
mais mostrar que vinha delle, e por elle, segundo em seus grandes mys-
terios sempre neste mundo, até em sy mesmo escolheo ho menos,
para fazer, ou desfazer ho mais, e ho bayxo para se fazer conhecer por
mais alto, lhe aprouve dar graça, e poder ha vossos Antecessores por
onde no Reyno, e senhorio menos de outros que vemos na Christan-
dade, alcançaram por suas louvadas famas, e obras, em todo genero

P R O L O G U O

de louvor , e virtudes grande, e affinado merecimento para ho ōtro mundo , e neste muita honra , fama , e proveyto , para sua Real Coroa , e de seus Reynos, e esto entam poucas idades, que se has contarmos parece muy pouquo tempo , e segundo ha grandeza de suas obras julgarse-ã por infindo , querendo nosso Senhor , que assi como no desejo , e fervor de serviço em especial de punhar pela Fée vossos Antecessores fossem sempre muy singulares ; alli fosse singular antre hos outros Principes nessa parte , e em outra seu louvor, remunerando-lhes nosso Senhor nisso seus grandes merecimentos como hoje em dia faz ha vossa Real Alteza, segundo se grandemente manifesta no grande lōuvor , e nom menos mysterio de vossas muy louvadas, e excellentes obras ; has quais bem contradas concludem , e claramente mostram nom menos, que vosso Divino nome ser Deos commosquo , e cō ho bem destes Reynos mais que de antes ; dando-vos nellos para hodiante como fruito mostrado , e prometido , no grande em florecer de vossos Antecessores, escuzame, Senhor , de ser, nem parecer adulaçam , ho que diguo.

Primeiramente vossa successã nestos Reynos por nosso Senhor tam claramente querida, e ordenada levando para sy tantos ; que vos nela precediam, segundo seus ocultos Juizos, porẽm sempre justos, e escuzame ho grande fervor , que loguo poz em vosso virtuoso coraçam para seu serviço , em tirar Judeus , e Mouros destes Reynos por tal , que lançado fõra todo Judayco , e Mofometrico culto , ficasse sōo ho verdadeyro de sua Christãa Religiaõ ; e escuzame esso mesmo vossa perseverante devaçam , e cuydado ; em profeguir, e obrar por maar , e terra , guerra contra Mouros , em as partes Dafrica , do que nom satisfeyto vosso manhanimo coraçam , e desejo , que sempre hãa por me- nos ho muito de tam santas emprezas , nom leyxou de mãdar ha Levãte por maar Armada de muy nobre gente , mayor do que des memoria de homens , sem Rey sayo destes Reynos em soccorro da Christandade contra hos Turcos, e por Capitam della D. Johão de Menezes Conde de Tarouca vosso Moordomo Mor , e Capitaõ da Cidade de Tanger , muy dino de semelhantes , e mayores encarguos por sua singular cavalaria , e prudencia. Escuzome finalmente antes, e despois desto, ha grande maravilha, e mysterio , do achamento , ou mais com verdade conquista das Indias , nunca esperado , nem cuydado pelas gentes , atee que se vio feyto por vosso mandado , e posto por obra , e alli descobrimento de minas, terras outras, maares , climas poolos , e gentes inco- nhtas , nunca de antes sabidas , nem de nōs conversadas , ho que nem aquelle grão Rey Alexandre Conquistador do mundo , nem Carthaginenses Senhores Dafrica , e grande parte Deuropa , nem Ro-
mãos ;

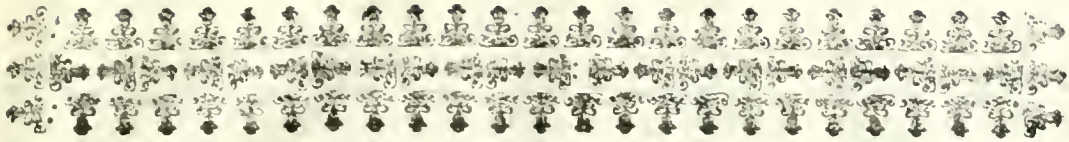
mãos, que todos hós outros passaram em senhoria, poderam alcançar trabalhando-se desso, como se lêe, nem ello mesmo fazer vossos Antecessores em sessenta annos com muitas mortes de gentes, grandes despesas, e continuadas diligencias, ho que se fez, e comprio nos primeyros dons, e tres annos de vosso Reynado triguando-se (segundo parece) ha Divina Clemencia ha manifestar este grande mysterio, por elle em vosso tempo predeltinado, pelo qual quiz que em tam breve espaço, se fizelle de huma sóo viagem, e por hos primeyros, que ha ello mandastes, outro tanto caminho, para achar ha India, como em sessenta annos estava feito, no q, Senhor, grandemente servistes ha Deos, ganhastes perpetua honra, nobrecestes vosso Reyno, obrigastes ho mundo, fazendo que em muita parte nom sabida, ho mundo soubesse parte de sy mesmo, e por conseguinte de seu Creador, e Redemptor; ho qual por sua infinda piedade, e amor que sempre mostrou aho bem, e honra destes Reynos; ordenou, que por vossas mãos se supprisse pelo mundo outra quasi segunda Prêgação dos Apostolos, para notificação de nossa Fé, renovada às gentes, que apoz seus peccados depois de recebida perderão, e necessaria para outra, que ha nunca ouveram, e de necessidade hã de aver, segundo affirma Santo Agostinho, que em tempo dos Apostolos nom foy prégada ha Fé de Christo por todo ho mundo, nem atè seu tempo, quatro centos annos despois, dando loguo em prova desso muitas gentes em Africa donde elle era, como pelos Cativos, que se de lá traziam era manifesto, e que em todo caso ha dita universal manifestação avia de ser, para se cumprir, ho que nosso Senhor disse, q seu Evangelho avia de ser notificado por ho mundo universo ante do fim, em testemunho ha todas as gentes, segundo se ora afsas confirma por vossa naveguação, e conquista ho qual mysterio traz consigo grande mostra, e pronostico de seer, nom sómente para convertimento de muitos infieis, mas ainda para destazimento, e destruiemento da Mahometica secta confirado bem, Deos seja louvado, hos começos, e proseguimentos de seus maravilhosos effectos.

Muitos outros louvores, Serenissimo Rey, apontaria de vossas muy singulares obras, e virtudes muy compridas, se tam facil me fosse poderlhe dar cabo, quam facil me hee acharlhe começo, e se ha elle nom aprouvera fazellos mais sobidos, e manifestos por vossas obras, do que poderiam seer por minhas palavras, mas hy fiquará tempo, e lugar para com sua graça se poderem dizer em vossa Coronica mais compridamente com todo, Senhor, heme forçado dizer ainda de vossas virtuosas obras huma necessaria à presente materia, ha qual hee, mandarme V. A. muy afficadamente, que hos notaveis feyts dos muy es-

cla-

P R O L O G U O

clarecidos Rey's vossos Antecessores, escritos, e postos por negligencia de Escritores, ou culpa dos tempos, nom sóo em menos polida, mas ainda em desordenada, e acerqua nam achada memoria, hos quizesse ordenar, e escrever, e quasi trespassar, e ha mais honrados Jaziguos, e sepulturas, como hee meu desejo para vosso serviço, e na confiança que me nello V. A. mostra muito para folguar, mas para nella presumir sufficiencia nom mais de atrever, que quanto está conhecido, que tam grandes, e verdadeyros louvores participados de tanta graça Divinal, nom pode nhum humano falecimento apouquentallos, nem fazellos menos da verdade ante toda humana eloquencia, sem receo de nhum pra's no deve de folguar acharse vencida de tam excellente materia, cujo muy estimado pezo mais hee de culpar quem nom queyra, q̃ quem nom possa levalo; porque ainda nom leyxará de precalçar muito louvor, e contentamento quem de tam nobres, e louvados feytos fizer lembrança, que foraõ, posto que nom abaste diamante fazella de quam louvados foram, pois ha grandeza de seu louvor por elles mesmos milhor se póde estimar, que dizer. Escuzo aqui poder pela ventura parecer este carreguo, e serviço menos da maneyra, e estimação de meus serviços; porque certo amor, e vontade, sobeja nom acha serviço minguado, nem devem de mais para hos Princepes, cujas cousas por grandes que sejam, nom devem tolher atrevimento, mayormente quando por algumas rezões necessarias ha seu mais serviço se mandaõ, ha quem sem ellas poderiaõ ser escusado mandar-se, aissi que, Senhor, esto que me V. A. manda fazer se deve ha meu juizo antre outras vossas louvadas obras muito estimar, e aver por outro quasi novo descobrimento, e renovaçam de cousa ácerqua perdida, que tanto devia estar láa, e alumeadada como cousa principal do muy devulguado bem, e honra q̃ vossos Reynos tem, e logram, no que nom menos, que em todas outras cousas esclarece vosso grande louvor, porque bem se mostra povoado de muitas virtudes, e nom emvejar has alheas, quem has dos outros muito ama, e assi has manda renovar, e apreguoar, pelo qual, Serenissimo Senhor, como quer que álem da grandeza da materia, me àja de ser trabalho, e difficuldade ajuntar, e supprir cousa de tantos tempos, desordenada, e falecida, e para aver de emendar escritos alheos, vejo que armo sobre mim juizos de muitos; porém pois V. A. ho à tanto por bem, e serviço seu, e de seus Antecessores, muy de vontade me puz ha fazello, sendo certo, que averey ante elle grado se nom de sufficiencia, aho menos de obediencia, pois por comprir seu mandado, no que muito me nom atrevo fazer, me nom pude, nem soube neguar.



L I C E N C A S.

DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informações, pode-se imprimir (menos o riscado) a Chronica do Senhor Rey D. Affonso Henriques, que compoz Duarte Galvão, e depois de impressa tornarà para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 23. de Julho de 2726.

Rocha. Fr. R. de Allencastre. Cunha. Teixeyra. Sylva. Cabedo.

D O O R D I N A R I O.

Approvaçãõ do Reverendissimo P. Mestre Fr. Joseph de Sousa, Religioso da Ordem de nossa Senhora do Carmo, Lente Jubillado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Prior que foy do Real Convento do Carmo de Lisboa Occidental, Vigario Provincial Apostolico, que foy da dita Provincia, Provincial, Commissario, Visitador Geral que foy da mesma Ordem nestes Reynos, &c.

ILLUSTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

L a Chronica do Inviçtissimo Monarca o Serenissimo Senhor D. Affonso Henriques de santa, e eterna memoria, famoso Conquistador, e primeiro Rey de Portugal, a qual quer dar á estampa Miguel Lopes Ferreira, dignissimo do titulo de Vivicador das glorias de Portugal, pois que zeloso da fama Regia, por meyo do Prelo intenta resuscitar as memorias daquelle seculo dourado, em que Portugal no berço da sua infancia, com mayor fortuna, que a do valeroso Alcides no da sua mininisse, soube despedaçar innumeraveis Hydras Africanas, que em varios recontros, capitaneadas por dezouto Reys, e hum Emperador de Marrocos Almiramolim, em formidolosos exercitos intentáraõ cortar os venturosos progressos, com que hia sacudindo o torpe jugo do perfido Mauritano. Mas a pesar sentidissimo de Mafoma, em taõ perfidos recontros, e em taõ renhidas batalhas, havendo

L I C E N C A S.

vendo em algumas quasi cem Mouros contra cada hum só Portuguez , ficaraõ sempre os Mouros inteiramente destroçados , os seus Reys vergonhosamente vencidos , e só Portugal gloriolamente triunfante , e Senhor pacifico naõ só das terras , que pela repartição dos Estados tocavaõ à sua Monarchia , mas de muitas , que pertenciaõ á de Hespanha , porque de humas , e outras , á força de forte braço , e duro ferro fez largar a iniqua , e injusta posse , que havia muitos seculos , desde a sempre lacrymosa perda de Hespanha , logravaõ os Agarenos : protegido sempre daquelle destemido Capitaõ , e valerosissimo Heroe D. Affonso Henriques , que efficazmente soccorrido da maõ Omnipotente do Senhor dos exercitos , na miraculosa apparição do Campo de Ourique quando batalhou com cinco Reys Africanos , ficou seu valente braço revestido de huma fortaleza taõ desmedidamente grande , que já vibrando a lança , nunca tirou bote , que naõ fosse inexoravel desizivo da morte , já empunhando a espada naõ descarregou golpe , que naõ fosse infeliz Parca da vida. E sendo tal o esforço de seu braço , que o manejo das Armas ; naõ era menos o valor do seu coração para o exercicio das virtudes : porque foy constantissimo no da Justiça administrando-a , e fazendo a guardar rigorosamente aos seus povos , sem que o continuo exercicio de Marte , lhe embaraçasse as execuções de Nemesis , mas antes , que com a espada sempre empunhada representava hum vivo simulacro da Justiça. No da Humildade foy singular , porque sem respeito aos sacros decoros da Magestade , familiar , e urbanissimamente com palavras , e obras , como a companheiros , e amigos a todos os seus vassallos , tratava carinhoso , e cariciava benigno. No da Liberalidade foy magnifico , porque quando nas campanhas , os ricos despojos das batalhas (e naõ foraõ poucos) primeiro os enfardelavaõ os Soldados , do que elle se relimitte com parte das coroas dos triunfos , porque até destas repartia seu nobre coração com os que o ajudavaõ a vencer ; e quando na Corte dos seus Frarios eraõ chaves mestras os merecimentos de seus vassallos. No da Misericordia foy insigne , porque naõ cabendo já nos limites de seu estado , la se dilatou para o Hospital de Jerusalem com oytenta mil dinheiros de ouro [que nem tudo lhe consumiaõ as guerras , consumindo-lhe as guerras muito) para emprego de que annual , e perpetuamente rendessem para sustento dos pobres , que nelle se alvergassem. No da Piedade foy magnanimo , como testemunhaõ entre muitas Igrejas que fundou os Reays Mosteiros de S. Vicete de Fóra em Lisboa , o de Santa Cruz em Coimbra , e o de Alcobaca , aos quaes dotou de amplos Senhorios , e copiosissimos patrimonios. No da Religiaõ , todo este Livro he breve compendio dos vastos dominios

que

L I C E N C A S.

que conquistou para as cearas da Igreja; instituindo de muitos delles o nobilissimo Bispado de Coimbra, e o Illustrissimo de Lisboa, que offereceu ao Romano Pontifice adiantando-se este tanto nos seus augmentos que não cabendo na estera de sua propria grandeza se multiplicou em duas Sagradas Sedes, nas quaes, huma conservando o titulo de Archyepiscopal, que ja tinha, se separou com a differença de Oriental por respeito do sitio que tem na Corte, e a outra com o distintivo de Occidental, que he o sitio deste Reyno a respeito do Mundo, se exalta com o especioso titulo de Patriarcal sendo a primeira que o logra em todo elle. Por ventura que tanta gloria la tenha o seu proporcionado auspicio, no seu glorioso fundador, que tambem foy o primeiro em Portugal; mas sem questaõ, deve o seu glorioso augmento à Serenissima, Augustissima, Felicissima, e sempre Magnifica Magestade do Senhor Rey D. João o V. no no ne que somando na linha de todas suas acções sempre em tudo heroicas, em tudo excellentes, e magnanimas em tudo, o numero admiravel de todas as de seus gloriosissimos Progenitores se dignou de illustrallas com a Real preheminencia de engrandecer a sua Corte com huma Sancta Sé Patriarcal, realçando seus lustres com o feliz, e premeditado a certo de instituir por seu primeiro Patriarca ao Meritissimo, Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomàs de Almeida da Nobilissima Casa de Avintes, Bispo que foy de Lamego, e Porto; e para que finalmente na sua Corte pela destas Igrejas Occidental, e Oriental constasse notoriamente o ardentissimo desejo, que rezide no seu religioso coração de que o nome da Divina Magestade, o Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores seja sempre louvado desde o Oriente onde o Sol nasce, tè o Occaso onde fenece: *A Solis ortu usque ad Occasum laudabile nomen Domini.*

Tam gloriosos progressos, tiveraõ o seu feliz principio nas acções do Serenissimo Senhor D. Affonso Henriques, que esta Chronica descreve, e ha mais que justo, fayaõ a luz do mundo, que pertende darlhe este Restaurador das primitivas, e estupendas memorias de Portugal, para que por beneficio da estampa resuscite no mundo hum vivo modelo da Magestade, hum elegante exemplo do valor, e hum famoso trofeo da admiração. Este o meu parecer salv. semp. mel. Carmo de Lisboa Occidental 1. de Agosto de 1726.

Fr. José de Sousa.

Vil.

L I C E N C ; A S .

Vista a informação, pôde-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornarà para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrà. Lisboa Occidental 3. de Agosto de 1726.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

D O P A C O .

Approvaçãõ do Reverendissimo P. Mestre D. José Barbosa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico do Numero da Real Academia da Historia Portugueza, &c.

S E N H O R .

Por Ordem de V. Magestade vi a Chronica d'El-Rey D. Affonso Henriques, que compoz Duarte Galvão, e que quer mandar imprimir Miguel Lopes Ferreira. De hum louvo ozelo em fazer publicar as Chronicas dos nossos Reys, que tantos tempos ha que se conservaõ manuscritas, e do outro não posso deixar de lhe não accusar a negligencia com que se houve na composiçãõ desta Chronica, porque parece que não fez exame algum para o que havia de escrever. Mas como vejo riltados nella alguns Capitulos, e tudo vejo reformado pelo Doutor Frey Antonio Brandão Chronista mór deste Reyno no 3. tomo da Monarchia Lusitana, bem se pôde imprimir sem escrupulo. V. Magestade ordenarà o que for levido. Nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia 12. de Agosto de 1726.

D. José Barbosa C. R.

Que se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà á Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrà. Lisboa Occidental 22. de Agosto de 1726.

Pereira. Galvão. Teixeira. Bonicho.



INDEX

DOS CAPITULOS QUE CONTEM
esta Chronica.

- C**AP. I. Como El Rey D. Affonso de Castella, chamado Emperador, casou sua filha Dona Tareja com ho Conde D. Anrique, dando lhe em Casamento Portugual, para Condado com certas condições, pag. 1.
- CAP. II. Do Tronco, e linhage Real, de que decendem hos Reys de Portugual, e donde se chamou Portugual, pag. 3.
- CAP. III. Como D. Eguas Moniz creou ha D. Affonso filho do Conde D. Anrique, que foy saõ por milagre de nossa Senhora, da aleijaõ com que nasceu, pag. 4.
- CAP. IV. Como ho Conde D. Anrique adoeceu a morte, e das palavras que disse ha seu filho, antes que falecesse, pag. 5.
- CAP. V. Como D. Affonso Anriques, tanto que seu pay faleceu se fez chamar Principe, e levando-o ha enterrar se alçou em tanto ha terra com sua mãy Dona Tareja, pag. 7.
- CAP. VI. Como ho Principe D. Affonso Anriques pelejou cõ seu padraсто, e foy vencido, e como tornãdo outra vez ha batalha ho venceo, e prendeu, e sua mãy cõ elle, pag. 8.
- CAP. VII. Como ho Principe D. Affonso Anriques pelejou cõ El-Rey D. Affonso de Castella, chamado Emperador, como seu Avou ho venceu, e tomou has Fortalezas, que estavam alçadas por sua mãy, e como andando nesto veyo hum Rey Mouro cerquisar Coimbra, pag. 10.
- CAP. VIII. Como El Rey D. Affonso de Castella, chamado Emperador, veyo cerquisar ho Principe D. Affonso Anriques seu primo La Guimarães, e como D. Eguas Moniz lhe fallou, ao modo que lhe fez lev usar ho cerco, pag. 11.

I N D E X

- CAP. IX.* Como El Rey D. Affonso de Castella levantou ho cerco de sobre Guimarães, e do desprazer, que ho Principe D. Affonso teve, do que nesso fez D. Eguas Moniz, pag. 13.
- CAP. X.* Como D. Eguas Moniz se foy apresentar com sua mulher, e filhos ha El Rey D. Affonso de Castella, pela menagem, que lhe feito tinha, em ho cerco de Guimarães, pag. ibi.
- CAP. XI.* Como D. Eguas Moniz livremente despedido del Rey D. Affonso de Castella, se tornou ha Portugal, e sabio ha receber ho Principe, ho qual apoz esto ajuntou gente, e foy tomar Leiria, pag. 14.
- CAP. XII.* Como ho Principe D. Affonso Anriques abaleu com gente ha guerrear ahos Mouros ha terras de Alentejo, e como no caminho adoeceu, e morreu D. Eguas Moniz, e do seu enterramento, e da muita devaçam dos Cavalleiros daquelle tempo, pag. 15.
- CAP. XIII.* Como ho Principe D. Affonso passado ho Tejo foy buscar El Rey Ismar, que com quatro Reys outros, e infinda Mourama vinha contra elle, e como sentaram seus arrayaes à vista do outro, pag. 17.
- CAP. XIV.* Como hos Portuguezes vista ha multidam dos Mouros, requereram aho Principe D. Affonso, que escuzasse ha batalha, e da falla que lhes ho Principe fez sobre esso, pag. 18.
- CAP. XV.* Como nesso Senhor appareceu aquella morte aho Principe D. Affonso Anriques pello na Cruz, como padueu par nós, pag. 20.
- CAP. XVI.* Como ho Principe D. Affonso Anriques, depois de ordenar suas azes para pelejar com los Mouros no campo Dourique foy ler antado por Rey, pag. 22.
- CAP. XVII.* Como ho Principe D. Affonso depois de levantado por Rey de Portugal deu batalha ha cinco Reys Mouros no Campo Dourique, e do grande vencimento della, pag. 23.
- CAP. XVIII.* Como El Rey D. Affonso Anriques depois da batalha venida acrescentou em suas Armas sinaes, que mestrassem, ho que lhe alli hacontecera, e da nova que ouve do corpo de S. Vicente por alguns que ahi foraõ tomados, pag. 25.
- CAP. XIX.* Como Daciano reyo ha Espanha por mandado do Emperador de Roma, e mandou matar ha São Vicente depois de muyto atormentado, por pregar ha Fee de Christo, pag. 26.
- CAP. XX.* Como ho Corpo de S. Vicente foy trazido aho Cabo, que se era chama de S. Vicente, e como El Rey D. Affonso ho foy buscar, e nam he pedendo aho se tornou para Coimbra, pag. 27.
- CAP. XXI.* Como depois desto El Rey Ismar, que foy vencido no cam-

D O S C A P I T U L O S .

- Campo Dourique veyo tomar Leiria, e ho Prior de Santa Cruz de Coimbra foy ha Alentejo, e tomou Arronches, e como El Rey D. Affonso tornou outra vez ha tomar Leiria ahos Mouros, pag. 28.*
- CAP. XXII. Como El Rey D. Affonso tornou ha dar Leiria ao Prior de Santa Cruz, e assi tambem Arronches em todo ho Espiritual fiquando ho temporal com hos Reys de Portugal, e como El Rey cazou cõ Dona Mofalda filha do Conde D. Anrique de Lara, pag. 29.*
- CAP. XXIII. Das bondades da Villa de Santarem, e seu termo, e como El Rey D. Affonso propoz, e ordenou em sua vontade de ha tomar, e ha tomou, p. 30.*
- CAP. XXIV. Como El Rey D. Affonso Anriques fazendo tregua com hos Mouros de Santarem, mandou laa D Mem Moniz ha espiaar ha Villa, e do conselho que teve com hos seus para ir sobre ella, pag. 32.*
- CAP. XXV. Como El Rey D. Affonso Anriques partio com sua gente para ir tomar Santarem, e do voto, que fez no caminho ha S Bernardo, ho que naquella ora lhe foy revelado laa em Franca onde estava, pag. 33.*
- CAP. XXVI. Como El Rey D. Affonso descobriu ahos seus que hiam sobre Santarem, e das rezões, que disse ha todos, p. 34.*
- CAP. XXVII. Como El Rey D. Affonso Anriques cheguou de noite ahos olivæes de Santarem, e dos sinais, que pareceram, p. 36.*
- CAP. XXVIII. Como El Rey D. Affonso Anriques, e hos seus escalarã ha Villa de Santarem, e foy entrada, e tomada, p. 37.*
- CAP. XXIX. Como Auçery Alcaide de Santarem tomada ha Villa fugio, para Sevilha, e El Rey se tornou hi Coimbra, e donde se chamou ha Villa Santarem, pag. 39.*
- CAP. XXX. Como El Rey D. Affonso Anriques ordenou de hir cerquar Lisboa, e hi tomou, e das gentes estrangeiras, que para esso ouve em sua ajuda, pag. 40.*
- CAP. XXXI. Do que El Rey D. Affonso Anriques fez depois de entrada ha Cidade de Lisboa, e tomada, e do que fallou, e passou com has gentes estrangeiras, pag. 43.*
- CAP. XXXII. Dos Milagres, q̃ Deos mostrou pelo Cavalleiro Anrique Alemã, que morreu quando ha Cidade de Lisboa foy entrada, pag. 45.*
- CAP. XXXIII. Como ho Cavalleiro Anrique appareceu em sonhos ha hum homem bom mandãdo-lhe, que soterrasse hum seu Escudeiro ha par delle, que na entrada de Lisboa muyto ferido morrera, pag. 46.*
- CAP. XXXIV. Da Palmeira, que nasceu na corva do Cavalleiro Anrique, e dos milagres, que Deos por elle fazia, pag. ibi.*

CAP.

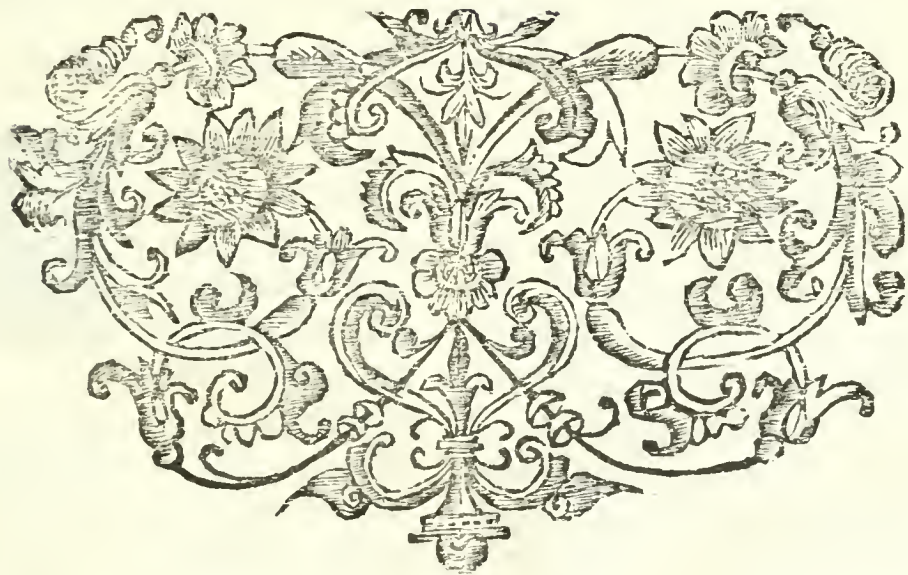
I N D E X

- CAP. XXXV. De como El Rey D. Affonso Anriques ordenou de fazer Lisboa Bisgado, e quem foy ho primeiro Bispo della, pag. 47.*
- CAP. XXXVI. De como El Rey D. Affonso Anriques ordenou Prior no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, e quem foy ho primeiro Prior delle, e de que Ordem, p. 48.*
- CAP. XXXVII. Dos Luguares, que El Rey D. Affonso Anriques depois tomou na Estremadura, e Alem do Tejo, pag. 49.*
- CAP. XXXVIII. Dos filhos, que El Rey D. Affonso ouve, e como casou sua filha Dona Mofalda, pag. 50.*
- CAP. XXXIX. Como El Rey D. Affonso tomou Ceçimbra, e Palmella, e peleijou, e venceu El Rey Mouro de Badalhouze com muita Mourama, pag. 51.*
- CAP. XL. Do desvairo, que sobreveio antre El Rey D. Affonso Anriques, e El Rey D. Fernando de Liam seu genro, e como se quebrou ha perna ha El Rey D. Affonso, e foy prezo del Rey D. Fernando por cazo da perna, quebrada, pag. 54.*
- CAP. XLI. Em que falla, e amoesta Duarte Gualvam Autor, quanto se devem escuzar has maldições dos pays, e mãys a hos filhos, pag. 56.*
- CAP. XLII. Como hos Mouros vieram com Albojame Rey de Sevilha cerquar El Rey D. Affonso Anriques em Santarem, e como El Rey sayo ha pelejar com elles, e hos desbaratou, e venceu, pag. 57.*
- CAP. XLIII. Como ho corpo de S. Vicente foy achado por luns devotos homens, que ho foram buscar, pag. 59.*
- CAP. XLIV. Como o corpo de S. Vicente foy posto na Sé de Lisboa, pag. 60.*
- CAP. XLV. Como El Rey D. Affonso Anriques ordenou de mandar ho Infante D. Sancho seu filho ha Alem-Tejo ha guerrear hos Mouros, e das rezões q̄ sobre ello dice, pag. 61.*
- CAP. XLVI. Do Alardo, que El Rey D. Affonso Anriques mandou fazer em Coimbra, da gente q̄ mandava com ho Infante D. Sancho seu filho, e como em partindo no meyo da ponte se despediram todos del Rey, p. 62.*
- CAP. XLVII. Das Fornadas, que o Infante D. Sancho fez, e como partio de Evora guerreando hos Mouros até Sevilha onde fez falla a hos seus, ante que com hos Mouros pelejasse, p. 63.*
- CAP. XLVIII. Como ho Infante D. Sancho pelejou cō hos Mouros de Sevilha, e ho esperaraõ ante ha Cidade, e do grande vencimento, que ouve, pag. 65.*
- CAP. XLIX. Como hos Mouros foram cerquar Beja, e ho Infante D. Sancho ho seube, e foy sobre elles ha soccorrella, e da batalha, que com elles ouve sobre ella, pag. 67.*

CAP.

D O S C A P I T U L O S .

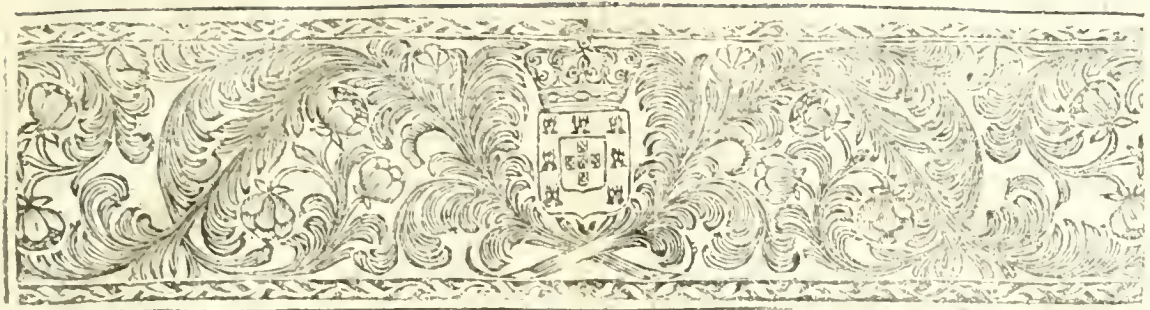
- CAP. L. Como hos Mouros cerquaram Porto de Mooz, e foraõ desbaratados por D. Fuaz Roupinho Alcaide do Castelo, p. 70.
- CAP. LI. Como D. Fuas Roupinho pelejou no mar com hos Mouros, e hos venceu, e tomou delles nove Gualés, pag. 71.
- CAP. LII. Como D. Fuas Roupinho tornou outra vez sobre mar por mandado del Rey D. Affonso contra Mouros, e foy desbaratado, e morto elle, e hos seus, pag. 72.
- CAP. LIII. Como Almiramolin q³ Emperador de Marroquos, se dizia entrou em Portugal com muitas, e innumeraveis gentes, e cerquou ho Ifante D. Sancho em Santarem, e em fim foy vencido, e desbaratado por El Rey D. Affonso, que veyo ha socorrer seu filho, pag. 73.
- CAP. LIV. Como casou Dona Lareja filha del Rey D. Affonso Anriques, ha derraden a com D. Philippe Cõde de Frandez, p. 76.
- CAP. LV. De como veyo ha socorrer El Rey D. Affonso Anriques e de seus grandes louvores, e cavallarias em soma brevemente toquados mais, que dianamente escritas, pag. 77.
- CAP. LVI. Dos annos, que El Rey D. Affonso Anriques viveu, e do dia, mez, e era, em que se finou, e onde joy sepultado, pag. 78.



Faint, illegible text in the upper left quadrant of the page.

Faint, illegible text in the upper right quadrant of the page.





CORONICA

DO MUYTO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCEPE

D. AFFONSO ANRIQUES
PRIMEYRO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Como El Rey D. Affonso de Castella chamado Emperador, casou sua filha Dona Tareja com ho Conde D. Anrique, dandolhe em casamento Portugal por Condado com certas condições.



COMECANDO de escrever das vidas, e muy excellentes feitos dinos de eterna memoria, dos muy esclarecidos Reys de Portugal, encomendome àquelle guiador de seus nobres, e virtuosos corações Espiritu Santo, que assi como participou com elles de sua infinda graça para has obrar, me queira dar alguma para hos escrever, e assentar em devida lembrança, por tal que nom pareçaõ falecidas minhas palavras na grande excellencia de tam louva-

das obras, de cujo louvor ha primeyra prova, e testemunho será ho muy esforçado, e manifico Rey D. Affonso Anriques, primeyro Rey de Portugal, fundamento loguo proprio, e necessario, por Deos ordenado para tam alto cume da gloria de estes Reynos, como nelle edeficou, segundo q seu immenso louvor nom menos se verá aho diante accrescétado, e cóformado pelos Reys seus successores, hos quaes, contádo deste primeyro Rey, são por todos quatorze có ho Serenissimo de todo louvor illustrado El Rey D. Manuel N. Senhor,

No anno
de 1505. se
escreveo
esta Chro-
nica.

nhor ho qual vay em déez annos, q̄
aho presente Reina, anno do Se-
nhor de mil e quinhētos e cinquẽ.
Mas porq̄ melhor se saiba ho pro-
cedimēto deste muy virtuoso Rey
D. Affonso Anriques, he forçado
recorrer algum tanto pelas Coro-
nicas atraz, ha ElRey D. Affonso de
Castella ho Sexto, chamado Em-
parador, que tomou Toledo ahos
Mouros, dino de muyto louvor
em todo principalmente em guer-
rear hos imigos da nossa Santa Fè
Catolica, de que entãõ ha Espa-
nha estava occupada, ha cuja muy
devulgada fama, movidos com
muy devota cavalaria, grandes se-
nhores, e outras gentes Estrangey-
ras vinhaõ buscaõlo, para em sua
cõpanhia, por ser serviço de Deos,
e salvação de suas almas, participa-
rem de suas santas empresas, e tra-
balhos, antre hos quaes vieraõ trez
muy principaes senhores, ha saber,
ho Conde D. Reymaõ de Tolosa,
grande senhor em França, e ho
Conde D. Reymaõ de S. Gil, de
Proença, e D. Anrique sobrinho
deste Conde de Tolosa, filho se-
gundo genito de huma sua irmãa,
e DelRey D. Hungria, com quem era
cazada, hos quaes trez foraõ muy
honradamente por ElRey D. Af-
fonso recebidos.

Era este Conde D. Anrique
muy discreto, e esforçado Cava-
leyro, e nom menos de todas ou-
tras bondades cõprido, trazia em
seu Escudo de Armas campo bran-
quo sem outro nhum sinal, e an-

dando sempre depois, nã guerra
dos Mouros com ElRey D. Affon-
so, fez muitas, e affinadas cava-
larias, por onde DelRey, e de to-
dos hos da terra era muy estimado,
e querido, e assi ho Conde de To-
losa seu tio, e ho Conde de S. Gil
de Proença, e tendo ElRey assi
delles contentamento querendo
honralos, e remunerar leus no-
bres feitos, e trabalhos, que em sua
cõpanhia passaraõ na guerra con-
tra hos infieis, determinou de cazar
trez filhas suas com elles, huma
chamada Dona Urraqua, cazou
com ho Conde D. Reymaõ de To-
losa, de que depois naceo ElRey
D. Affonso de Castella chamado
tambem Imperador, donde de-
cendem tambem todos hos Reys
de Castella, outra Dona Elvira, ca-
zou com ho Conde D. Reymaõ de
S. Gil, de Proença; outra chama-
da Dona Tareja deu por molher
ha D. Anrique sobrinho do Conde
de Tolosa, dandolhe com ella em
cazamento Coimbra, com toda ha
terra atèe ho Castello de Lobeyra,
que hee hũa legua alèem de ponte
Vedra, em Gualiza, e com toda ha
terra de Vizeu, e Lameguo, q̄ seu
pay ElRey D. Fernando, e elle gua-
nharaõ nas Comarquas da Bey-
ra. De todo ho que lhe assi deu, fez
Condado chamado ho Condado
de Portugual, com tal condiçaõ, q̄
ho Conde D. Anrique ho servisse,
e fosse às suas Cortes, e chamados,
e sendo caso que fosse doente, ou
tivesse legitimo impedimento a

nom poder là hir, lhe mandasse hum dos mais principaes de sua terra ha seu serviço com trezentos de cavallo, nom avendo naquelle tempo mais naquella terra de Portugal. E ainda lhe assignou mais terra da q̄ hos Mouros possõyam, que ha conquistasse, e tomandoa, à crescentasse em seu Condado, ho que elle, e seus successores com muito esforço, e valentia por muito arriscados perigos, e trabalhos depois fizeraõ, como aho diante se verá, e q̄ nom querendo ho Conde D. Anrique cumprir assi esto, qualquer que fosse Rey de Castella pudesse tomar ha terra aho dito Conde, e mais toda ha outra q̄ ho dito Conde, e seus successores ganhasssem, e fazer della ho que lhe aprouvesse, como de cousa sua propria.

CAPITULO II.

Do Tronco, e linhagem Real de que descendem hos Reys de Portugal, e donde se chamou Portugal.

DEste Conde D. Anrique, e Dona Tareja sua molher descendem todos os Reys de Portugal, que atee agora foraõ, e ha causa porque ha terra se chamou Portugal, foy que antiguamente sobre ho Douro foy povoado ho Castello de Guaya, e por aportarẽ ahi mercadores, e navios, e assi pes-

cadores pelo Rio dentro ancorarem, e estenderem suas redẽs da outra parte para isso mais conveniente, se povoou outro luguar, que se chamou ho Porto, que era hee Cidade muy principal, donde ajuntando estes dous nomes, foy chamado Portugal. E era então naquelle tempo costume, que todos hos filhos dos Reys se chamavão Reys, e has filhas Rainhas, posto que fossem bastardos, e como quer que El Rey D. Affonso de Castella, desse este Condado de Portugal, aho Cõde D. Anrique, e ha sua filha, e ella se chamasse Rainha; porẽm elle nunca se chamou Rey em sua vida, nem seu filho ho Principe D. Affonso, atee que houve huma grande batalha, e vencimento no Campo Dourique, contra cinco Reys Mouros, onde foy alevantado por Rey de Portugal, cuja geraçãõ veyo de Reys, assi da parte do pay, como da mãy, que segundo já dicemos este Rey D. Affonso Anriques primeiro Rey que foy de Portugal, era neto de El Rey D. Hungria da parte do pay ho Conde D. Anrique, q̄ foy filho legitimo del Rey D. Hungria, e da parte de sua mãy, era neto del Rey D. Affonso acima dito, filho de sua filha Dona Tareja, por onde se mais manifesta ha esclarecida gloria dos Reys de Portugal, pela nosso Senhor de todos cabos tanto ha exalçar, que de Nobreza, e Realeza de sangue nom menos, que de excellentes

virtudes, fòssẽm em tanto grão
illuſtrados.

CAPITULO III.

*Como D. Eguas Moniz criou a
D. Affonso filho do Conde D. An-
rique, que foy ſaõ por milagre
de N. Senhora da aleijaõ
com que naceo.*

DEpois que ho Cõde D. Anri-
que foy cazado com ha Rai-
nha Dona Tareja , filha delRey
de Caſtella como dito hee, vindo
ella a emprenhar, D. Eguas Moniz
muy eſforçado, e nobre Fidalguo,
grande ſeu privado, que com elle
yiera da ſua terra, e ha quem tinha
feyto muyta merce, chegou aho
Conde pedindolhe que qualquer
filho, ou filha, que ha Rainha pa-
riſſe lho quizeſſe dar para ho elle
criar, e ho Conde lho outroguou.
Veyo ha Rainha ha parir hũ filho
grande, e fermoſo, que nom podia
mais ſer huma creatura, ſalvo, que
naceo com has pernas tam enco-
lheyta, que ha parecer de Meſtres,
todos julguavaõ q̃ nunca poderia
ſer ſaõ dellas. O ſeu nacimiento
1094. foy no anno de noſſo Senhor de
mil noventa e quatro.

Tanto que D. Eguas Moniz
ſoubes que ha Rainha parira, caval-
guou à preſſa, e veyo-ſe ha Guima-
rães onde ho Conde eſtava, e pe-
diolhe por merce que lhe deſſe ho
filho que lhe nacera para ho haver

de criar, como lhe tinha prome-
tido. Ho Conde lhe reſpondeo que
nom quizeſſe tomar tal carreguo ;
porq̃ ho filho, que lhe Deos dera,
nacera por ſeus peccados tolheyto
de modo, que todos tinhaõ, que
nunca guareceria, nem ſeria para
homem. D. Eguas quando eſto ou-
vio peſoulhe muyto, e diſſe: *Se-
nhor, antes cuida eu que por meus
peccados aconteceo; mas pois ha Deos
aprouve de tal ſer minha ventura;
dayme toda via voſſo filho, que jan-
do quer que ſeja:* E ho Conde poſto
que tiveſſe grande pejo polo bem
q̃ ha D. Eguas Moniz queria, de ho
encarregar em ſemelhãte criação;
por cauſa da aleijaõ da criança,
com tudo lha deu por lhe com-
prazer, e quando D. Eguas vio a
criança taõ fermoſa, e com tal alei-
jaõ, ouve muy grão dõo della, e
confiando em Deos, que lhe po-
deria dar ſaude, lia tomou, e fez
criar, nom com menos amor, e
cuydado como ſe fora ſam.

E jazendo D. Eguas hũa noyte
dormindo, ſendo já ho Menino de
ſinquo annos, lhe appareceo noſſa
Senhora, e dice: *D. Eguas dormes.*
Elle ha eſta vòz, e viſaõ acordando
reſpondeo. *Senhora quem ſões vós.*
Ella dice: *Eu ſam ha Virgem Ma-
ria, que te mando q̃ vas ha hum tal
luguar, dandolhe loguo hos ſinaes
delle, e faze hi cavar, e acharas hi
huma Egreja que em outro tempo foy
começada em meu nome, e hũa Im-
agem minha; faze correger a Imagem,
e ha Egreja feita à minha honra; e
eſto*

esto feyto farás hi vigilia poendo ho Menino q̄ crias sobre ho Altar, e sabe que guarecera, e será sam de todo, e nom menos te trabalha da hi avante de hobẽ guardar, e criar como fazes; porque meu filho quer por elle destroy muitos imiguos da Fée.

Desaparecida esta vizaõ ficou muy confolado D. Eguas Moniz, e alegre, como vassallo q̄ com sam, e verdadeiro amor amava seu Senhor, e suas coufas, e tanto que foy manhã levantouse loguo, e foise com gente àquelle lugar, que lhe fora dito, e mandando hi cavar achou aquella Egreja, e Imagem poêdo em obra todas has coufas que lhe N. Senhora mandara. Hà qual aprouve pela sua santa piedade, tanto q̄ ho Menino foy posto sobre ho seu Altar, ser loguo guarecido, e sam das pernas de toda àleijaõ, como se nunca tivera nada della.

Vendo D. Eguas este tam grãde milagre, foy muito ho seu prazer, deu muitas graças, e louvores ha Deos, e ha Nossa Senhora sua Madre, criando, e guardando dahi avante cõ muito mayor cuydado ho Menino, cujo Ayo foy sempre, atee que seu pay morreo em Estorgua, sendo elle já de tal idade, q̄ nas guerras, e fadiguas supria hos carreguos de seu pay. E por causa deste milagre foy depois feyto em esta Egreja com muita devaçãõ ho Moesteiro de Carquare; e como quer q̄ algũs contem seu nacimiento ser ultra maar, e bautizado

no Rio do Jordaõ, porẽm por mais verdade achey ser seu nacimiento como dice.

CAPITULO IV.

Como ho Conde D. Anrique adoeceo à morte, e das palavras que dice ha seu filho ante que falecesse.

ERa este Conde D. Anrique muy nobre, e esforçado cavalleiro, muito amator da Justiça, e a temor de Deos muy cheguado, e elle com grãde devaçãõ fez ha See de Coimbra, e de Bragua, e do Porto, e de Vizeu, e Lameguo, e pôz em ellas Bispos, q̄ has houvessem de reger por mandado, e licença do Santo Padre. Em este tempo andãdo ha era de Nosso Senhor de mil cento e trez, foy este Conde D. Anrique ha ultra maar à Casa Santa de Jerusalem, conquistada avia quatro annos de Christãos, novamente pelo Duque Gudufre de Bulhaõ, quatro centos e noventa annos depois que em tempo de Mafamede, e do Araclio Imperador foy tomada ha Christãos, e possuida de Mouros, e quando de là veyo trouxe este Cõde muitas Reliquias de Santos, entre has quaes foy hum braço de S. Lucas Evangelista, que por filho del Rey Dunga, e fama de sua grande bondade, e cavalarias lhe foy dado em Constantinopla, e ha roguo de S. Giraldo

Giraldos q̄ entãõ era Bispo de Bragua, deu parte delle à See da dita Cidade, ho qual elle recebeo em muy grande dom, e ho pôz cõ outras Reliquias da Egreja, e depois que assi ho Cõde D. Anrique veyo de Jerusalem nom lhe cessaraõ guerras com hos Liunezes, e ganhoulhes muyta terra atee chegar ha Estorgua, ha qual tendo tomada, e metida sob seu senhorio, da ly hos guerreou fazendo continuamente muitas cavalgadas pela terra estraguãdolhes pães, e vinhas, matando, e prendendo muita gente delles, com q̄ hos pôz em tanto aperto, que se lhe nom podiaõ defender, e lhes foy forçado pretejarensẽ por esta guiza, que se El Rey D. Affonso de Castella seu primo chamado Emparador, lhes nom soccorresse atee quatro mezes, elles lhe entreguallem ha Cidade de Liaõ com todas has rendas, e senhorio que El Rey nella tinha. E tendo assi pretejada veyo ho Cõde à doecer de modo, que bem conheceo nom aver nelle vida. Polo qual vendo-se elle em tal ponto chamou seu filho D. Affonso Anriques, e lhe fez huma falla muito de cavaleiro entendido, e esforçado em esta maneira.

Filho esta ora derradeira q̄ me Deos ordena para te aver de deixar cõ ha vida deste mundo me faz, que te veja, e fale com dobrado amor, e sentido do nosso apartamento, e por esso assenta em teu coração minhas palavras como de pay aquẽ apõz estas

ja nom âs douvir outras. Deves filho de saber, q̄ ho poderio que ho Senhor Deos neste mundo ordenou de alguns Principes sobre outros sometidos ha elles foy por tal, q̄ hos maos sejaõ constangidos, e hos bõos vivaõ entre elles em paz, e ha socego, porque conservaçaõ hee dos bõos, e pungimento dos maos, pelo qual filho more sempre em teu coração vontade de fazer justiça, virtude hee que dura para sempre na vontade, e corações dos justos, e dà igualmente seu direito, que he ho mayor louvor, e merecimento que hos Principes em seu regimento podem alcançar, que todo ho governo, e bem commum consiste principalmente em duas cousas, ha saber: em premio, e em pena; e assi como hos bõos pela justiça se fazem milhores recebendo premio, hee gualardaõ de suas bõas obras, assi hos maos vem ha ser bõos, ou abo menos cessaõ de seus males com receo da pena, e por tanto fazẽ filho sempre como ajaõ todos direito assi grandes como pequenos, e nunca por rogo, nem cobiça, nem outra nhuma afeição leixes de fazer justiça, que ho dia que hum soo palmo ha leixares de fazer loguo no outro se arredar.à de teu coração hũa braçada.

Trabalhate muito de saber se hos que tem teu carreguo fazem justiça, e direito compridamente, e se ha fizerem, fazelhe compridamente bem, e mercè, e se ho contrario, dalhe pena segundo seu merecimento, por hos outros tomarem castiguo, nom consintas em modo algum, q̄ hos teus sejaõ soberbos, nem atrevidos em mal fazer,
que

que perderàs teu preço, e estimayom se taes cousas nom vedares; mas segue toda via justiça temendo, e amãdo muito ha Deos, para q̄ sejas dos teus amado, e temido, tendo Deos em tua ajuda, teràs has gentes para teu serviço, e sem ella nom haa poder, nem saber que te aproveite, de sua mãõ somos isso, que somos, e ho que temos nom teriamos, se da sua mãõ, e bondade ho nom tivessemos, e portanto trabalhate por conservar em seu serviço. Ho que tiveres, e de toda esta terra que te eu leixo Deslorgua atee Liaõ nom perquas della hum palmo qua eu ha ganhey cõ grãde fadigua, e trabalho. Toma filho do meu coraçãõ hum pouquo; porq̄ sejas esforçado, e sem medo: abos Fidalgos see companheiro, e dalhe dos teus dinbeyros, e abos Conselhos faze guãzalhado, e trata bem, e chama aguora estes Deslorgua, e mandaràs que te façãõ loguo menagem da Villa, e desque me levarem ha enterrar loguo te torna, e nom ha perquas, e de qui cõquistaràs toda ha outra terra adiante, ou mandame com alguns meus vassallos, e teus que me vaõ enterrar ha Santa Maria de Bragua, que eu porvoey. Tudo esto filho faze assi com a minha bençãõ; porque sejas com o filho de bençãõ ha serviço de Deos com muita honra prosperado.

CAPITULO V.

Como D. Affonso Anriques tanto que seu pay faleceo si fez chamar Princepe, e levando ha enterrar se elçou em tãto ha terra com sua mãy Dona Tareja.

DEsta doença se veyo ha finar ho Conde D. Anrique em Estorgua dous mezes, e cinco dias antes que ho prazo de Liaõ fosse acabado. Seu fnamento foy no anno de nesso Senhor de mil cento e doze, e tanto que elle faleceo leguo seu filho D. Affonso Anriques fiquãdo em idade de dezoito annos se fez chamar Princepe, dando ordem como ho corpo de seu pay fosse muy honradamente levado ha Santa Maria de Bragua onde se mandara lançar, e preguntou ha seus vassallos se hiria cõ elle ha seu enterramento, ou se ficaria, e elles diceraõ q̄ fosse com seu pay, e ho honrasse, nem por isso temesse nada da terra, porque obrar virtude nunca deu ha ninguem perda, e entãõ se foy com seu pay; porque mais honradamente fosse enterrado, e em quanto assi foy com elle tomaraõlhe toda ha terra de Liaõ que elle tinha por sua, e ha terra de Gualiza lhe ficou que lha nem poderaõ tomar. Quando elle vio ha terra tomada mandou desafiar ha El Rey D. Affonso de Castella chamado

mado Emperador seu primo com irmão filho do Conde D. Reymão de Tolosa, e de Dona Urraqua irmã de sua mãy ha Rainha Dona Tareja, mas logo foraõ reconciliados, e amigos, e entãõ se foy ha Portugal, e nom achou onde se acolhefe: porque toda ha terra se alçara com sua mãy ha qual cazou com D. Vermuy Paes de Trava, e depois D. Fernando Conde de Trastamara seu irmão delle lha tomou, e cazou com ella, e D. Vermuy Paes cazou depois com hum filha desta Rainha Dona Tareja, e do Conde D. Anrique já finado, que elle tinha em sua caza, q̄ chamavaõ Dona Tareja Anriques, e por este peccado foy feito em Gualiza hum Moesteiro chamado de Sobrado. Outra filha ficou do Conde D. Anrique, que havia nome Dona Sancha que foy cazada com D. Fernão Mendes. Este Conde D. Fernando de Trastamara acima norneado, era naquelle tempo ho mayor homem de Espanha que Rey nom fosse, e por esta causa se alçou toda ha terra aho Principe D. Affonso Anriques com sua mãy.

CAPITULO VI.

Como ho Principe D. Affonso Anriques pelejou com seu padrasto, e foy vencido, e como tornando outra vez á batalha ho venceo, e prendeo, e ha sua mãy com elle.

Quando ho Principe D. Affonso Anriques vio q̄ nom tinha onde se acolher, e que sua mãy tam pouco delle curava, segundo mal peccado muitas veses vemos has mãys com novos esposos se tornarem madrastras, trabalhou de lhe furtar dous Castellos: hum delles foy Neyva, e ho outro ho Castello da Feyra terra de Santa Maria, e destes dous Castellos fazia muita guerra ha seu padrasto, tanto que vieraõ ambos à fala com ha Rainha Dona Tareja de presente, e dice ho Conde D. Fernando: *Principe nom nos asadiguemos mais nesta contenda, mas ajuntemo-nos hum dia em batalha, eu e vós quando quizerdes, e ou vós vos sahireis de Portugal, ou eu.* Respondeu ho Principe D. Affonso. *Nom devia de ha prazer ha Deos tal cousa que vós me queyrais deytar fóra da terra que meu pay ganhou.* E haco-dio ha Rainha sua mãy dizêdo: *Minha he ha terra, e ferra que meu pay ma deu, e ma leixou.* Dice entãõ ho Conde D. Fernando ha ella. *Nom andemos mais neste debate, ou vós*

vós vos hireis conmigo para Gualiza, ou leixareis ha terra ha vosso filho, se mais poder que nós.

Sobre esto se dezafiaraõ para hum dia certo, e vieram-se ajuntar em Guimarães em hum lugar que chamaõ Santilhanhas, elles estando prestes para peleyjar dice ha Rainha aho Conde seu marido: *Com vosquo quero eu hir à batalha; porque tenh'is mais razão de fazer mais por meu amor, e trabalhay toda via muito por prender ho Princepe meu filho, que mayor poder temos que elle.*

Ha batalha foy gravemente peleyjada, e ho Princepe D. Affonso lançado do campo desbaratado, e hindo elle assi huma legua de Guimarães encontrou com D. Eguas Moniz seu Ayo, que ho vinha ajudar, e ser com elle na batalha, e quando D. Eguas ho vio, dice: *Que he esto Senhor como vindes vós assi.* Respondeo ho Princepe: *Venho muy desbaratado, que me venceo meu padraço, e minha mãy, que hi era com elle.* Dice entaõ D. Eguas: *Nom fizestes bem, nem sizodardes batalha sem mim, mas tornay, e eu com vosquo, e espero em Deos, que ha hi prendamos vosso padraço, e vossa mãy, recolhey ha vós toda vossa gente que vem fogindo, e tornemos ha peleyjar;* Respõdeo ho Princepe: *Praza ha Deos, que assi seja.*

Tornáraõ em tam ha batalha, e venceraõ-no, e ho Princepe prendeo hi seu padraço, e sua

mãy, e quando se ho Conde D. Fernando vio prezo, cuydou logo de ser morto, e fez preyto, e menagem aho Princepe de nunca mais entrar em Portugal, e ho Princepe ho soltou, e foyse, huns dizem, que para sua terra, outros, que para terra dultra mar, sem nunca mais tornar. Ho Princepe D. Affonso poz entam sua mãy em ferros, e ella vendo se alli preza, dice. *Filho D. Affonso prendestes-me, e desberdastes-me da terra, e honra que me leyxou meu pay, e quitastes-me de meu marido, ha Deos pesso que prezo sejais vós assi como me eu vejo, e porque puzestes minhas pernas em ferros que vos ajudaram ha trazer, e ha criar com muitas dores em meu ventre, e fóra delle, com ferros sejaõ has vossas quebradas ha Deos praza que assi seja.* E depois aconteceu ha este Princepe D. Affonso sendo já Rey, que lhe quebrou huma perna em sahindo pela porta de Badalhouce, e foy prezo del Rey D. Fernando de Liaõ, como se aho diante dirã, dizendo todos, que lhe acontecêra por lho assi mal dizer sua mãy.

CAPITULO VII.

Como ho Princepe D. Affonso Anriques pelejou com ElRey D. Affonso de Castella , chamado Emperador como seu avoo , e ho venceo, e tomou has Fortalezas que estavaõ alçadas por sua mãy, e como andando nisto veyo hũ Rey Mouro cerquar Coimbra.

Vendo assi Dona Tareja Rainha como ho Princepe D. Affonso seu filho ha nom queria soltar emviou seus recados ho mais secreto que pode ha ElRey D. Affonso de Castella chamado Emperador como ElRey D. Affonso seu avoo , em que lhe fazia queyxume do Princepe seu filho ha ter preza dizendo que Portugual pertencia ha elle de direyto, e que assi por elle cobrar ho que seu era, como pelo que devia à virtude em acudir por huma sua tia posta fóra de seu marido , e em prizaõ tam deshonesto lhe pedia , que ha quizesse vir livrar, pois nom tinha ha quem có mais rezaõ se soccorresse, e lhe podesse valer. Quando ElRey de Castella vio ho recado de sua tia , aprouelhe muito com elle , e fez loguo prestes suas gentes de Castella, e de Liaõ, e de Araguaõ, e de Gualiza, e abalou com muy grande poder contra Portu-

gual. Hos Portuguezes desque souberão que ElRey de Castella ajuntava seu poder para vir conquistar Portugual , e tirar sua tia da prizão, ouvérão todos seu accordo, que estivessem com ho Princepe D. Affonso Anriques , e ho ajudarem contra elle , e então se vierão todos para ho Princepe muy guarnecidos de suas armas, e ajuntaramse com elle em hum lugar que chamaõ Val de Vez, entre Monção, e Ponte de Lima , e ha ly esperarão ElRey de Castella, ho qual tanto que cheguou loguo huns, e hos outros ordenarão suas azes para ha batalha , e dambas has partes foy grande peleja, e tam grande vencimento por parte do Princepe D. Affonso , que ElRey de Castella foy ferido na perna esquerda de duas lançadas, e sahiose da batalha em hum cavallo fogindo, acolhendose ho mais que pode ha Toledo, por haver medo de com este desbarato perder ha Cidade , e prenderamlhe na batalha sete Condes , e outros muitos Cavalleyros , e mataraõlhe hos Portuguezes muita gente. E ho Princepe D. Affonso se foy loguo da ly levando consigo sua mãy preza, e todos hos luguares, que se levantaraõ contra elle hos tomou por força , e tratou ásperamente hos que hos tinham.

Em quanto elle assi andava na guerra com ElRey de Castella , e com aquelles que tinham hos Castellos por parte de sua mãy, ElRey Achy

Achy Mouro veyo guerrear Coimbra com grande multidaõ de Mouros que aho juizo de todos passariam de trezentos mil de pee, e tevea cerquada muitos dias combatendo muy rijamente, mas hos da Cidade com grande esforço, e ajuda de Deos se defendiaõ muy bem matando muytos dos Mouros com setas, e pedras, e muitos delles morrião por fome, e pestilencia q̄ no arrayal avia. A hos da Cidade nunca lhes faleceo mantimentos em a bastança em quanto estiveraõ cerquados, e vendo hos Mouros ha Fortaleza da Cidade, e sentindo ha abundança de mantimentos que dentro avia, e ha mortandade da peste, e ha fome do arrayal, que cada dia viam desesperaçãõ de ha tomar, e levãtãrãõ ho cerquo destroindopães, vinhas, olivães, e foram-se perdendo grande parte da gente que trouxeraõ, e tanto estava ha Cidade abastada, que depois do cerquo alevantado davam sinq̄o quarteyros de trigo por hum maravedy de ouro, e dous moros de vinho por outro maravedy, e valia ho vinho pelo preço dantes do cerquo, e este cerquo se poz nove dias por andar de Junho no anno do Senhor de mil cento e dezaete.

CAPITULO VIII.

Como ElRey D. Affonso de Castella chamado Emperador veyo cerquar ho Princepe D. Affonso Anriques seu primo ha Guimarães, e como D. Eguas Moniz lhe falou, de modo q̄ lhe fez levantar ho cerquo:

A Cabo de pouco tempo, estando ElRey D. Affonso de Castella chamado Emperador em Toledo sentindo muito seu desbarato, e vencimento que delle ouve ho Princepe D. Affonso Anriques tendo elle que toda Espanha lhe avia de obedecer, e conhecer senhorio, determinou em muy secreto conselho tornar ha Portugal, e ajuntada muita gente ho mais desstimulado que pode, abalou para Gualiza, e cheguou de supito ha Guimarães onde cerquou ho Princepe D. Affonso, que dentro estava despercebido nem ha Villa estava bastecida, que ha poucos dias ha tomãra ElRey de Castella setivera ho cerquo, e sobre esto vendo D. Eguas Moniz Ayo do Princepe ho grande periguo em que seu Senhor estava, vestindo sua capa pelo trajo, e nome daquelle tempo, cavalguou secretamente hum dia pela menbãa cedo, sem levar ninguem consigo,

guo, e foyse aho arrayal dos inimigos. Cavalguara ElRey, e andava alonguado de redor da Villa, vendo por onde mais ligeiramente se poderia combater, e tomar, e cheguando D. Eguas ha elle, fezlhe sua reverencia, e beyjoulhe ha mão; ElRey salvou-o perguntando-lhe ha que vinha. Respondeo D. Eguas que queria falar com elle; entam se apartarãõ ambos, e perguntoulhe D. Eguas porque se viera lançar sobre aquella Villa? E ElRey respondeo, que viera cerquar D. Affonso Anriques seu primo porque lhe nom queria conhecer senhorio, nem hir ha suas Cortes como era rezão, e como lhe faziaõ em toda Espanha, que sua determinaçãõ era levalo prezo comfiguo, e dar ha terra ha quem lhe conhecesse senhorio com ella.

Respondeo entonces D. Eguas, e dice. *Senhor nom fostes bem aconselhado virdes aqui cerquar esta Villa, porque ho Príncipe vosso primo he tal Cavalleyro como vós bem sabeis, e tem comfiguo dentro tanta gente, e tam boa ha fóra muita que tem pela terra muito ha seu querer, e mandar, que grande será ho poder, e muito mor ha ventura de quem lhe forçar, e tomar ha Villa, porque Senhor havey por certo, que desses movimentos das guerras que com vosso primo ouvestes, elle foy sempre tam sospeytofo, e receado de vós, e se por tanto ha recado para semelhantes cazos, esperando cada dia de se veer nelles com vosquo, co-*

mo se ora vee que toda sua terra, e Fortalezas fez guarnecer, e habastecer grandemente, e assi has tem bem providas, e bastecidas, em especial esta Villa, em que ha miudo estãõ que ha meu entender, outra mais gente da que esta dentro, se nella podesse caber teria abastança para muitos annos de cerquo, pois estando vós tempo sobre ella, ainda que escuzado tendes meu conselho, poderia trazer trovaçãõ ha vosso estado assidos de vosso Reyno, como dos Mouros que tam vizinhos, e fronteyros tendes, e quanto aho que Senhor dizeis que vosso primo vos conheça senhorio, e vã ha vossas Cortes, certo amin parece rezãõ, e ainda Senhor, me parece mais, que se vos partirdes daqui para vossa terra, que nom pareça que vosso primo por força, nem rendimento de medo ho faz; eu acabarey com elle que vã ha vossas Cortes onde vós quizerdes, e disto Senhor vos farey preyto, e omenagem. Quando ElRey de Castella esto ouvio, prouelhe muito de receber ha omenagem de D. Eguas Moniz ha cerquadello, ficandollhe de se partir aho outro dia, e depois de dada, e recebida ha dita menagem; D. Eguas se tornou para ha Villa muy callado como della sayra, sem dar conta ha ninguem do que viera fazer.

CAPITULO IX.

Como El Rey D. Affonso de Castella levantou ho cerquo de sobre Guimarães, e do desprazer q̃ ho Princepe D. Affonso teve, do que niço fez D. Eguas Moniz.

A Ho dia seguinte levantou El Rey de Castella ho cerquo, e se partio com toda sua Corte, como ficara ha D. Eguas Moniz, e ho Princepe D. Affonso vio partir El Rey, e espantandose muito porque nom sabia ha causa, perguntou ha D. Eguas Moniz que lhe parecia de tal alevantamento, e partida de El Rey de Castella, porque entendia que era? D. Eguas lhe contou entao tudo ho que era, e como ha causa passara, ouvindo ho Princepe esto, ouve grande pezar, e foy muy indinado dizendo que escolhera antes ser morto, que fazer semelhante, nem hir ha suas Cortes. Dice D. Eguas: *Senhor. non haveis de que vos queyxa, que no que eu fiz vos tenho feyto muito servico; porque El Rey de Castella por forza vos tomara, segundo estaveis desapercebido de mantimentos, e de todo ho que para vossa defensa cumpria, assi que em todo ho caso foreis prezo, ou morto, e ho senhorio de Portugal dado aoutrem, de tudo esto eu vos livrey, e quanto a menagem que fiz ha El Rey de Cas-*

tella nom vos de dessonza, que assi como ho fiz sem vosso mandado, assi ho livrey sem vosso conselho com ha graça de Deos.

CAPITULO X.

Como D. Eguas Moniz se foy apresentar com sua molher, e filhos ha El Rey D. Affonso de Castella pela menagem, que lhe feyto tinha em ho cerquo de Guimarães.

V Indo ho tempo do prazo em que ho Princepe D. Affonso Anriques avia de hir às Cortes, que se faziaõ em Toledo, segundo ha menagem que D. Eguas fizera ha El Rey de Castella. Ordenouse D. Eguas de todo, e partio com sua molher, e filhos, e cheguaraõ ha Toledo, foraõ de cer aho Paço onde El Rey estava, e aly se despiram de todolos panos senom hos de linho, e sua molher com hum pelote muy ligeyro, trajo daquelle tempo, descalçaraõ-se todos, e puzeraõ senhos barãos nos peçoços, e assi entraraõ pelo Paço onde El Rey estava có muitos Fidalgos, e Cavalleyros, e cheguado ha El Rey puzeramse todos assi como hiaõ de joelhos ante elle, falou entam D. Eguas Moniz, e dice.

Senhor, estando vds em Guimarães sobre ho Princepe vosso primo meu senhor, eu vos fiz ha omenagem que sabeis, ha qual eu fiz por ver
que

que sua pessoa, e honra àquelle tempo corria grande risco de se perder por na Villa nom aver mantimentos, nem percebimento algum para defensão, se lhe vós tivésseis ho cerco, e eu porque ho criej de seu nascimento, quando ho vi em tamanho trabalho, e perigo, tomej de mim haquelle conselho, de me hir ha vós, e fazer esso que fiz. Recontando dahi avante perante todos cumpridamente ho feyto como passara, e em cabo de todo dice: *Por causa deste Senhor me venho apresentar ante vós, eys aqui estas mãos com que vos fiz ha menagem, e ha lingua com que vo la dice, e demais vos traguo aqui minha molher, e estes moços meus filhos para se vossa ira ouver por mayor minha culpa que ha vingança do meu corpo sóo, por esta molher, e por estes moços ha cuja fraqueza, e idade, ha ira dos inimigos soe apiedarse, seja vossa indignação satisfeyta, prestes Senhor vos traguo tudo para esso, tomay se vos assi parecece por culpa de hum sóo vingança de muitos, do pay, da mãy, de seis filhos quejanda vossa merce for, nom me pezarà que vossa sobeja vingança faça mayor meu comprimento, e que se digua em todo ho tempo mais comprio D. Eguas, do que errou.*

Desque D. Eguas acabou de falar ficou ElRey muy irado, e quizera mandalo matar, dizendo, que ho avia enganado: mas hos Fidalgos, e nobres que ahi estavaõ lhe diceraõ, que tal nom fizesse, que nom tinha rezaõ de lhe fazer

nhum mal, porque D. Eguas fizera todo seu dever como muy noble, e leal vassallo, quejando elle era, e todos hos Princeses deviam de dezejar ter muitos tais, que seu mesmo fora ho engano de se deyxar enganar, e que antes por seu bom nome tinha razaõ de lhe fazer muira honra, e merce, e mandalo em paz. ElRey affocegudo de sua sanha pelo que lhe diziam, conhecendo que era assi na verdade perdeo todo ho despeyto de D. Eguas, e quitouline ha omenagem que lhe feyto tinha, e depois de lhe fazer muytas merces ho mandou livremente elle, e sua molher, e filhos tornar para Portugal.

CAPITULO XI.

Como D. Eguas Moniz livremente despedido delRey D. Affonso de Castella se tornou ha Portugal, e ho sabio ha receber ho Principe, ho qual apoz esto juntou gente, e foy tomar Leyria.

DEsque D. Eguas Moniz se affo partio delRey de Castella quite, e livre de sua menagem, e com sua graça veyo caminho de Guimarães, e ante que ahi chegasse, ho Principe D. Affonso Anriques sabendo sua vinda ho sabio ha receber com toda sua Corte muy alegre como quem parecia que aquella ora cobrava de

novo hum tal servidor, e vassallo, como era D. Eguas; porque sempre esperára que elle em Castella fosse morto, ou deshonrado para sempre, e tudo sômente por seu respeyto, ou serviço, e assi quanto lhe estas cousas tinhaõ dado pezar, lhe davam aguora sobejo prazer com sua vinda em salve. Quando D. Eguas chegou a ho Princepe quiz-lhe beijar has mãos, e ho Princepe has tirou ha si, e abraçou-o muy de vontade com grande guazalhado parecendolhe com muyta rezaõ que tal obra, e merecimento mais merecia ser recebida com mostrança de muita honra, e aguardecimento que sobgeyação, e assi vieraõ ambos fallando com muito prazer atee Guimarães, onde depois dalguns dias ho Princepe por se prover de nom cair em outra tal mingua, e de lastre de se ver cerquado, e nom apercebido como dantes, começou abastecer seus Castellos, e Villas de todas as cousas que para sua defençam lhe compriam, e em dar ordem ha esto per si, e pelos seus, passáram alguns dias.

E dahi veyose ha Coimbra onde lhe pareceo que estava muy de vago, e sem proveyto, pois senom occupava em mais, que no que tinha mandado a hos seus que fizesssem pelo qual ajuntou algũa gente, e fez entrada na terra dos Mouros, e no primeyro lugar em que deu foy Leyria ha qual combateo rijamente, e posto que ho Castel-

lo fosse muito forte, e hos Mouros ho muy bem defendessem tomou ho por força, e hos mais dos Mouros que ali achou andáram à espada, e assi esta Villa tomada ho Princepe ha deu aho Prior de Santa Cruz de Coimbra, por ser homem em que elle tinha grande devaçam, e fez ha elle, e aho Moesteyro doçam della no temporal, e espirital, e ho Prior lha teve em muy grande merce; e pondolhe loguo por Alcaide no Castello Payo Guoterres homem bom Fidalguo. E desque ho Princepe D. Affonso Anriques assi tomou ha Villa de Leyria, seguiu mais sua entrada pela terra dos Mouros, e tomou Torres novas, e entam se tornou para Coimbra com muita honra, e vitoria, e hos seus riquos, e abastados de despojos, e estas duas Villas foram tomadas no mez de Dezembro andando ha era do Senhor em mil cento e dezafete annos, avendo ho Princepe D. Affonso vinte e trez annos de sua idade.

1117.

CAPITULO XII.

Como ho Princepe D. Affonso Anriques avallou com gente ha guerrear a hos Mouros ha terras de Alentejo, e como no caminho adoeceo, e morreo D. Eguas Moniz, e do seu enterramento, e da muita devaçã

vação dos Cavalleyros daquelle tempo.

DEpois que ho Princepe D. Affonso Anriques tornou de ganhar Leyria, e Torres novas, esteve em Coimbra alguns dias, e vendo que tinha suas terras, e Fortalezas muy providas, e poitas em ordem do que lhe compria, e tambem que de Castella estava seguro de guerra por algumas rezões que ha Estoria nom declara, confirando elle, que nom devia, nem podia milhor empregar ho bem, e honra que feu pay, e elle guanharaõ, que em serviço de nosso Senhor de cuja mão ha tinham recebido, e como nom avia entam nhum serviço de Deos mais necessario em Espanha occupada de Mouros, que serem guerreados, e lançados fóra della, segundo fora sempre seu proposito, e vontade, ouve conselho com hos seus de fazer guerra nas terras de Alentejo, especialmente na Comarqua do Campo Dourique, e esto por duas rezões, ha primeyra, porque ha terra era muy povoada, e de poucas Fortalezas, em que hos seus averiaõ assaz mantimentos, e prezas; ha segunda, e principal porque se El Rey Ismar, que regia em Espanha toda ha mayor parte dos Mouros contra Ponente, viesse ha pelejar com elle, e dandolhe Deos delle ho vencimento que esperava, toda ha terra que se chama Estremadura, que era sob seu senhorio, nom

averia poder de se lhe defender, e ho Princepe D. Affonso tinha que eria acompanhado de tam boa gente, que era bastante para peleyjar com elle.

E tanto que juntou, e teve sua gente prestes, partio de Coimbra; e ha poucas jornadas no Campo Dourique adoeceo à morte D. Eguas Moniz seu Ayo, e te finou, de cujo falecimento ho Princepe tomou pezar, e ho sentio grandemente mostrando ho menos pelo da gente, e feyto ha que hia Cazo he ha morte dos bons vassallos, e servidores em que hos Princepes sempre devem mostrar sentimento, por animarem mais hos que fiquaõ para seu serviço, e se mostrarem virtuosos, e bons, nom sómente em vida, mas depois de mortos, porque has virtudes (onde à virtude) auzentes devem de ser queridas, e lembradas. Entam mandou ho Princepe tornar com ho corpo de D. Eguas tantos dos seus, e taes pelloas com que podia hir honradamente. Mandouse elle enterrar no Moesteyro do Paço de Souza, que elle mesmo fez, e ho seu moymento está dentro da Capella q se chama do Corporal, ou dos Freguezes, e entre elle, e ha parede nom está se nom hum moymento bayxo, esto se poz haqui para se saber onde jaz tam noble, e honrado Cavalleyro.

Elle fundou em sua vida dous Moesteyros, este do Paço, e ho de S. Martinho de Cucujães à quem
da

da Cidade do Porto, os quaes do-
tou de muitas possessões, e guar-
neceo de grandes ornamentos, no
que he bem de notar, e seguir ha
muita devoção dos Cavalleyros
daquelle tempo, que com todas
suas presas, e trabalhos, e grandes, e
continuas despezas, em guerra tão
santa, e quasi do Reyno ha dentro
sendo entam ho Reyno mais pe-
queno, e menos rico, nom se des-
cuydãraõ por esso de todo ho ser-
viço de Deos, conhecendo, que ho
serviço de Deos salva para ho ou-
tro mundo, e acrecenta ha caval-
laria, e honra deste mundo, e por
tanto vemos muitas Egrejas hon-
radas, e grandes, e sumptuosos
Moesteyros feytos daquelle tem-
po, e nhuns Paços, e cazarias mayo-
res, e pompa sobeja, edeficadas,
mas hos passados segundo parece,
fundavaõ-se mais em fazer, guar-
necer moradas para has Almas,
que para hos corpos, lembrando-
se sóomête dos corpos ho enterra-
mento que delles avia de ser, mais
que ha vivenda, que havia deyxar
de ser.

CAPITULO XIII.

*Como ho Princepe D. Affonso
passado ho Tejo foy buscar El-
Rey Ismar, que com quatro
Reys, outros, e Infinda Mou-
rama vinha contra elle, e
como sentaraõ seus arrayaes*

hum à vista do outro.

FInado D. Eguas, e mandado
alli enterrar como dito he, ho
Princepe D. Affonso Anriques co-
mo quer que lhe muyto pezasse
do falecimento de tam honrado
Cavalleyro, em quem tinha gran-
de confiança; seguiu avante ho
que hia fazer, por serviço de Deos,
e partindo daquelle lugar, onde
se D. Eguas finara, passou ho Te-
jo, e has charnequas muy grandes,
e despovoadas que aguora ainda
hi ha, e entaõ seriaõ mayores, e
sahido dellas começou ha fazer
grande guerra ahos Mouros, cor-
rendolhe ha terra, e tomandolhe
Villas, e luguares, e fazendo gran-
des cavalgadas, e avendo mui-
tos vencimentos contra elles, do
que tanto, que El Rey Ismar ouve
nova, mandou requerer toda ha
mourama dos luguares, e outras
partes do redor, mandando seus al-
vites, que elles entre si haõ por ho-
mens de santa vida, que fosseni
prégar, e requerer da parte de Ma-
famede, que ha corresseni à terra
que estava em ponto de se perder,
pelo qual ouve El Rey Ismar mui-
ta em sua ajuda de Mouros dà-
quem, e dálem maar, e outras gen-
tes barbaras, q era infinda ha mul-
tidaõ delles em tanta desigualança
dos Christãos, que se à por certo,
serem pouco menos de cento para
hum, entre hos quaes vieraõ qua-
tro Reys outros, cujos nomes nom
achamos escritos, e vieraõ com

estas gentes molheres vezadas ha peleyjar como has Amazonas, ho que foy sabido, e provado depois pelos mortos, que acharaõ no campo. Ho Princepe D. Affonso quando soube, que ElRey vinha com aquellas gentes, foy muy ledo, e moveo contra elle, com muy grande esforço, e vontade de servir a Deos em tal afronta, e andando suas jornadas veyo ha hum lugar, que se hora chama Cabeças de Rey junto com Castro verde, onde estava huma Ermida, e nella hum Irmitam. Esto era ha ora da Sexta, aly se viraõ has Ostes ambas, e ho Princepe D. Affonso, e ElRey Ilmar sentáram seus arrayaes hum à vista do outro, em vespera de Santiago, anno de N. Senhor de mil cento e trinta e nove.

1132.

CAPITULO XIV.

Como hos Portuguezes vista ha multidaõ dos Mouros requereraõ aho Princepe D. Affonso que escuzase ha batalha, e da fala que lhe ho Princepe fez sobre esso.

HOs Christãos que eraõ com ho Princepe, vendo ha grande multidaõ dos Mouros sem conto, começaraõ de poer duvida em se aver de dar batalha pela muy grande desigualança, que avia delles ahos Mouros. Entam se foraõ aho Princepe, e lhe diceram: Se-

nhor quem sua cargua compassa pôde com ella, e vós vedes bem ha multidaõ de gente, que ElRey Ismar traz consigo, e cuydardes de com tam pouqua, como tendes peleyjar com elle, he cousa fóra de toda ha rezaõ, que ainda parece mais tentar ha Deos, que se zuda valentia, nem se deve aver por serviço de Deos, antes por muito seu deserviço para tamanha aventura, e risco de hũa soo ora o senhorio de Portugal, guanhado em tantos de muitos dias, e annos, pelo qual Senhor, ha todos parece, e nom com mingua de coraçãõ, e vontade que em nós nunqua achastes, devesse ter moodo por onde toda via se escuze esta batalha. Quando ho Princepe D. Affonso ouvio aos seus esto, pezoulhe muito, e posto que nelle soo ouvesse ho esforço que ha toda ha Oste corapria, lhe pareceo necessario fazer ha todos huma falla, ha qual depois de todos ajuntados, assi começou.

Meus beõs vassallos, e amigos, muito vos deve lembrar ha tençaõ, e desejos com que partimos de Coimbra para servir ha Deos, e punhar por sua santa Fee Catholica, contra estes seus inimigos, e nossos, e ora estando nós já em vista dos que viemos buscar, serã grande mingua, e ainda poderseya mais azinha de Portugal seguir essa perda, nom peleyjando, que peleyjando receaes se fogissemos às batalhas ha que nos Deos, e nossas vontades taõ acerqua trouxeraõ, que já nosso recolhimento

nom podia leyxar de parecer fugida, ou ser desbarato. Deos por sua piedade nunca abriu mão dos que em elle esperam, nem para dar, ou tolher, ha quem lhe praz vitoria, à mister poder de mais, nem menos gente. Lembrevos quantas vezes, e em quantos lugares, peleyjaram nossos antecessores com estes inimigos da Fée, e hos vencerão pouquos, pois nom he agora menos poderosa ha mão do Senhor Deos para nos ajudar contra El Rey Ismar, do que foy nos tempos passados para ajudar ha elles, e assi outros muitos Princepes, e Senhores Christãos, em semelhantes casos, e tanto mais da ventagem de nossos inimigos; deve nosso coraçãõ, e esforço quanto temos mais justas causas, e rezãõ de peleyjar. Nós peleyjamos por Deos, pela Fée, pela verdade, e estes arreneguados que vedes, peleyjaõ contra Deos, pela falcidade. Nós por nossa terra, elles pela que nos tem tomada, e furtada, e querem furtar. Nós pelo sangue, e vingança de nossos Antecessores, elles por ainda cruelmente espargarem o nosso. Nós por poer nossos pays, nossas mãys, nossas pessoas, molheres, e filhos, com liberdade, elles ha nós todos em seu cativeyro, ha terra que hoje em dia tem, e pessuem em Africa, em Espanha, nossa foy, e ha Christãos por nossos peccados ha tomaraõ, e aguora que Deos quer, que ha cobremos, com seu desfazimento, e destruiçãõ, nom desfaleçamos ha vontade do Senhor Deos, e ha tamanho bem nosso; oh quanta merce nos Deos

faz Cavalleyros, e ha quanto beninos cheguou, se lho bem conhecessemos, cheguouos ha hum dia, e feyto tam glorioso, quanto Cavalleyros, nom poderiaõ, nem saberiaõ mais desejar. Cheguouos a peleyjarmos por elle, e por nós, peleyja sua, e nossa contra sinquo Reys Mouros inimigos da sua santa Fée, em que nos elle salvou, peleyja em que mataremos, seguros de culpa, morreremos mais seguros de gualardaõ, matando, ganharemos terra, e honra temporal, morrendo ganhamos ho Ceo, e gloria eterna, matando tolhemos ha vida a nossos inimigos, e morrendo damos vida, e gloria ha nós para sempre, ha quem se deve mais nossa vida que ha Deos q̄ no la deu, nem nosso sangue que ha Christo, que ho seu proprio por nós espargeo, nem que podemos fazer neste mundo por elle, que muito mais, e primeyro nom fizesse por nós, elle sendo filho de Deos, se abayxou ha fazer homem por nos fazer filhos de Deos, e nós filhos de homens, ainda por elle nom faremos por onde filhos de Deos pareçamos? Elle padeceo por nós, s̄o nuu, e despido, sem gualardaõ, e nós cubertos de armas, e acompanhados, e com gualardaõ, muito mayor, que merecimento, receamos peleyjar por quem assi por nós morreo, para que nos fez loguo Deos, para que nos teve amor tam sobejo, que por remir tam ingratos servos, deu seu proprio filho, sendo loguo (quanto assi por nós, e nós possamos fazer por elle) feyto tudo s̄o por nós, e para nós, que Deos nada lhe faz

mister? Certo nom hee de homens, nem de Cavalleyros, e muito menos de Christãos, e mais nõs Portuguezes recearmos trabalho, que nos sae em tanta gloria, nem morte que nos passa a vida para sempre segura da morte, pelo qual meus bons Cavalleyros tenhamos muita Fee, e muita Esperança, em N. Senhor, ho dia de ha menhãa em que com sua graça venceremos ha batalha, sera de tanto prazer para nõs, e nos apresenta tanta gloria, e honra para ho outro mundo, e para este cuidando no premio, faz ligeyro ho trabalho, nom cureis de nhumas rezões, nem temores que ha lembrança de Deos suo, e de tanto bem nõsso, no los deve lançar fóra de nõsso corações. Hi vos aguora todos em boa ora ha repouzar, e esperay com muito prazer, e descansanço ho dia da menhãa, tam ledo, e de prazer, como nunca foy ha Cavalleyros, tanto que amanhecer vamos loguo com ha ajuda de Deos, e sua graça a ho que viemos fazer, que elle a de ser com nõsquo como sempre ho hee com os seus, e elle por sua piedade nolo darã feyto, e vencido, em nõssas mãos, e de manhãa prazendo ha elle acabareis de confirmar para sempre ho bom nome, e louvor que hos Portuguezes tem de saberem bem aguardar seu Senhor nas preças, e periguos mayores, porq̃ com ha ajuda do Senhor Deos, eu espero tomar tal lugar na peleyja, onde me faça mestter vossas mãos, e ajuda.

Quando os Portuguezes ouvirãõ taes palavras, com tanto, e taõ

confiado esforço do Principe, forãõ assy todos esforçados, e animados, de hum coraçãõ para servir ha Deos, e ha elle naquella batalha que pareceo ser trespassado em cada hum ho mesmo esforço, que no Principe viaõ, responderãõ todos muy ledos, que pois elle que ria, e lhe assy parecia, elles estavaõ muy prestes para fazer ho q̃ sempre fizeraõ aquelles donde elles decendiaõ.

CAPITULO XV.

Como N. Senhor appareceo a quella noyte aho Principe D. Affonso Anriques, posto na Cruz como padeceo por nõs.

Quando foy contra ha tarde depois que ho Principe fez poer as guardas em seu arrayal, ho Irmidaõ que estava na Irmida, que acima disemos, veyo a elle, e disse-lhe: Principe D. Affonso Deos te manda por mim dizer, q̃ pela grande vontade, e desejos que tens de ho servir, quer que tu sejas ledo, e esforçado, elle te farã de menhãa vencer El Rey Ismar, e todos seus grandes poderes, e mais te manda por mim dizer, que quando ouvires tanger hũa campanha, que na Irmida estaa savras fóra, e elle te apparecerã no Ceo, alli como padeceo pelos peccadores. [E já antes d'isso elle tinha feyto, e dotado com grande deva-

devação ho Moesteyro de Santa Cruz de Coimbra, à honra da morte, e payxaõ que N. Senhor recebeu na Cruz, pelo qual hee de crer, q̄ lhe quiz Deos allí apparecer, porque por onde cada hum mais merece, por hy ho mais honra, e alevanta] Desque se partio ho Irmitaõ, ho Princepe D. Affonso poz hos giolhos em terra, e dice: *Oh bom Senhor Deos todo poderoso, ha que todas as creaturas obedecem, sogeytas ha teu poder, e querer, aty s̄õ conheço, e tenho em merce hos grandes bens, e merces que me tens feyto, e fazes em me mandares prometer tam grande cousa, como esta, e tu Senhor sabes que por te servir, passsey muita fadigua, e trabalho cõtra estes teus inimigos, com hos quaes, por serem contra ty, eu nom quero paz, nem hos ter por amigos, e pois em quanto viver, me nom ey de partir de seu serviço à tua infinda piedade peço que me ajudes, e tenbas em sua santa guarda; porque ho inimigo da linhagem humanal nom seja poderoso para torvar teu santo serviço, nem fazer que meus feytos sejaõ ante ty abhorrecidos.*

È desde que esto dice com outras muitas devotas palavras, encomendouse ha Deos, e à Virgem gloriosa sua Madre, entaõ acostouse, e adormeceu, e quando foy huma ora, ante menhãa tangeosse ha campa, como ho Irmitaõ dicera, e entam ho Princepe sayose fóra da sua tenda, e segundo elle mesmo dice, e dentro em

sua Estoriã se contem, vio Nõsso Senhor em ha Cruz no modo que dicera ho Irmitaõ, e adorou-o muy devotamente cõ lagrimas de grãta de prazer, confortando-se, e animando-se com tal elevamento, e confirmação do Esprito Santo, q̄ se affirma [tanto que vio N. Senhor] aver antre outras palavras falado alguma sobre coraçãõ, e espirito humano, dizendo: *Senhor, a hos Ereges, a hos Ereges faz mister appareceres, que eu sem nhuma duvida creyo, e espeero em ty firmemente.* Esso mesmo nom hee para leyxar de crer, ho que tambem se affirma que nelte apparecimentõ foy ho Princepe D. Affonso certificado por Deos de sempre Portugal aver de ser conservado em Reyno, e ho tempo, e caso, a quella ora sua virtude, e merecimentos eraõ taes para lho Deos prometer. E mais se affirma que por ser esta ha vontade de N. Senhor cõfirmou-o depois hum parceyro de S. Francisco homem santo, que veyo ha Portugal, do que nos tempos passados, e em nossos dias, Deos seja louvado, se vio muito grande mostra deslo ateeguora, e serã para sempre; tudo he para crer que N. Senhor queria, e faria ha Princepe tam virtuoso, sobre que fundava Reyno, e Reystam virtuosõs, para tanto seu serviço, e da santa Fee Catholica, e por suas cõfusas andarem por culpas dos tempos em muy falecida lembrança de escriptura quiz Deos, segundo parece;

que

que fiquassem algumas em confirmada fama.

CAPITULO XVI.

Como ho Princepe D. Affonso Anriques depois de ordenar suas azes para peleyjar cõ hos Mouros no Campo Dourique foy levantado por Rey.

TAnto que N. Senhor desappareceo, ho Princepe muy cheo de prazer, e esforço, se veyo para sua tenda, e fezse armar, mandando dar às trombetas, e atabales, e anafins; hos do arrayal foraõ loguo todos levantados, e começaraõ-le de confessar, e ouvir suas Missas, e communguar encomendando-se todos ha Deos, com grande devaçãõ, e alegria. Isto acabado partio ho Princepe sua gente em quatro azes, na primeyra meteo trezentos de cavallo, e tres mil homens de pée, e na reguarda fez outra az em que hiaõ outros trezentos de cavallo, e tres mil de pée, huma das azes fez de duzentos de cavallo, e dois mil de pée, outra az fez de outros tantos, que eraõ por todos dez mil homens de pée, e mil de cavallo, na primeyra az hia ho Princepe com muy bõos Cavalleyros, hia com elle D. Pero Paes Alferes que levava sua bandeira, e D. Dioguo Guonçalves, que era grande rico homem, ha reguarda foy encomendada ha D.

Lourenço Viegas, e ha D. Guonçalo de Souza, e ha az esquerda ha Mem Moniz filho de D. Eguas Moniz jáa finado, e ha direyta ha seu irmão Martim Moniz.

Nom cessava ho Princepe em ordenando has azes, e depois de ordenados, correndo por todos ha animalos, e esforçalos, chamando-os por seus nomes, trazendolhe à lembrança ho que lhes tinha falado, e encomendado, e nelles cabia fazer, e assi desde que ho Sol sahio, e ferio nas armas dos Christãos, mayormente indo acompanhado da graça de Deos resplandeciaõ, e reluziaõ tam grandemente, que ainda que poucos fossem, non avia poder mayor que hos non remesse.

Hos Mouros tambem de seu cabo postos no campo, fizeraõ de si doze azes de gente muy grossa, assi de pée, como de cavallo, e quando hos Senhores, e grandes que estavaõ com ho Princepe viraõ has azes dos Mouros, e grande multidão delles sem conto, chegarão a ho Princepe, e diceraõ: *Senhor, nõs vimos ha vòs que nos façais huma merce, ha qual serãa grande bem, e honra dos que aqui viverem, e a hos que morrerem, e ha todolos hos de sua geraçãõ.* Ho Princepe lhe respondeo que dicessem, que non avia cousa, que em seu poder fosse de fazer, que de boa vontade non fizesse, elles diceraõ. *Senhor, ho que toda esta vossa gente vos pede hee, que vòs consintais q̄ vos façãõ Rey,*
e assi

e assi averão mais esforço para peleyjar. Respondeo elle, e dice.

Amiguos seres irmãos, eu assaz tenho de honra, e senhorio antre vòs, por sempre ser de vòs muy bem servido, e guardado, e porque desto me contento muito, nom me quero chamar Rey, nem selo, mas eu como voffo irmão, e companheyro, vos ajudarey com meu corpo contra estes infieis inimigos da Fèe, quanto mais q̄ para ho que dizeis ho lugar, nem ora, nom som convenientes pelo qual para ho feyto, em que estamos vos sede muy esforçados, e nom temais nada, que o Senhor Jesu Christo, por cuja Fèe somos aqui juntos, e prestes para peleyjar, e esparger nesso sangue, como elle fez por nós, nos ajudará contra estes inimigos, e hos dará vencidos em nossas mãos, e o prezioso Apostolo Santiago cujo dia ojee hee, seràa nosso Capitaõ, e valedor nesta batalha. Responderão elles todos: Senhor, praza ha Deos que assi seja, e naõ menos ho esperamos de sua graça, porèm para elle ser mi-lhor serviço de vòs, e de nós neste feyto, e em todos os outros adiante, hee muy necessario que vos alcemos por Rey, e nom deve huma sóo vontade vossa trovar ha de todos que volo tanto pedimos, e desejanos. Ho Princepe vendo-se tam afiquado de illes, dice q̄ pois alli era que fizessem ho q̄ lles bem parecesse. Entam todos ho levantarão por Rey, bradando com grande prazer e alegria: Real, Real, por El Rey D. Affonso Anriques de Portugal.

anno de Christo de mil cento e **1139**, trinta e nove.

CAPITULO XVII.

Como ho Princepe D. Affonso depois de alevantado por Rey de Portugal deu batalha ha sinquo Reys Mouros no Campo Dourique, e do grande vencimento della.

FEyto esto El Rey cavalluotti loguo em hum cavallo grande, e fermoso, que lhe foy trazido cuberto de suas armas brancas, como dantes trazia, e hos senhores Cavalleyros se tornaraõ cada hum ha suas azes, e luguares ordenados, e sem mais tardança, moveraõ contra hos Mouros, que jáa vinhaõ contra elles. El Rey quando vio ser tempo dice ha D. Pero Paes seu Alferes que abalasse mais rijo com ha bandeyra, e toda sua àz, ho fez assi, e forão todos juntos ferir nos Mouros muy rijo onde El Rey que hia diante ferio, hum Mouro da lança, de tal sorte, e encontro, que deu loguo com elle morto em terra, e rompendo ha primeyra àz dos Mouros chiegua-rão à segunda da gente muy grossa, e aly foy grande sem conto ho poder dos Mouros, que tambem das outras azes carreguaram sobre El Rey. Entam D. Lourenço Viç-guas, e D. Gonçalo de Souza que

traziaõ ha reguarda acodiraõ ha ElRey muy esforçadamente, e foy ha peleyja muy grande, e ferida de ambas has partes, eslo mesmo Martim Moniz, e Mem Moniz Irmãos, Capitães das azes entraraõ cada hum de sua parte na baralha, como esforçados Cavalleyros, que eraõ, fazendo grande matança nos Mouros.

Todos ho faziaõ muito bem: mas em especial ElRey da vantagem que era muy grande de corpo, e de muy affinada valentia, de força grande, e coração muyto mayor, e gram cortador de espada, e por tanto seu peleyjar onde se topava, antre todos era avantejado. Foy eõta batalha tam bravamente peleyjada, que durou atée oras do meyo dia, sem tomar fim, sendo ho dia tam quente, e tanto pôo naquelle tempo, que cada huma destas cousas com pouqua mais afronta hos devera cansar; mas N. Senhor que era com ElRey D. Affonso tam esforçado Cavalleyro, e com hos seus lhes deu esforço, como nem com nhuma destas cousas, nem com tanta multidaõ de Mouros afraquassem dandolhe batalha, e de tudo tam grande vencimento, qual se nom deu, de tam poucos, e tantos em batalha campal aprazados; foy assi vencido ElRey Ismar, e hos quatro Reys Mouros que vinham com elle, e mortos na peleyja muy grande conto de Mouros, e muitas das molheres pelejadoras, que acima

dicemos, nem da parte dos Christãos foy ha vitoria sem perda grande, morrerão muitos antre hos quaes Martim Moniz Capitaõ da az direyta, e D. Dioguo Guonçalves, homens muy principaes.

Nom se espante ninguem, nem duvide do que em cima escrevo da grandeza deste vencimento, como jáa vi espantar alguns por mo assi ouvirem, quando Plutarco, e outros Authores Greguos, e assi Tito Livio cõ outros Latinos, concordando affirmãõ, e dizem ha vitoria da batalha q Lucullo Lentulo Capitaõ de Roma ouve em Asia contra ElRey Tigrames ser a mayor que ho Sol nunca vio sendo hos Romãos onze mil de pée, ha fóra ha gente de cavallo, e hos imiguos duzentos, e vinte mil de peleyja, avendo-o loguo com gente tam cobarda, e prestes para fogir, q sobre morrerem delles cem mil no desbarato, dos Romãos sómente sinquo morrerão, e feridos nom passãraõ de cento, donde se escreve, que hos Romãos ouveraõ vergonha, e se riraõ de si mesmos por tomarem armas para tam vil gente, da qual segundo affirma Tito Livio eraõ os vencedores quasi ha vigesima parte, ho que em muy mayor grão, e desigualança se deve estimar, e dizer desta vitoria delRey D. Affonso assi pelo muito mais numero de imiguos, e menos dos Christãos, como pela valentia, e animozidade, e seyta contraria dos infieis, e além desso vezados às
mesmas

mesmas guerras nossas, e ha muitas victorias avidas contra nós, com que se tinhaõ feyto vencedores da Christandade, e senhoreado ho mundo, nem des ho tempo de Lucullo Lentullo para cá, nom acho victoria dessas mais assinadas, que foraõ; porque desta del Rey D. Affonso se devia julguar, nem dizer menos do que dice.

CAPITULO XVIII.

Como El Rey D. Affonso Anriques depois da batalha vencida acrecētou em suas Armas sinaes que mostrassem ho que lhe ally acontecera, e da nova que ouve do Corpo de S. Vicente por alguns que abi foram tomados.

Depois da batalha vencida esteve El Rey D. Affonso tres dias no campo, como hee de costume fazerem os Reys se forçados, necessidade lhes nom vém, e estando assi no campo, em lembrança da grande merce que lhe Deos naquella dia fizera acrecentou em suas Armas sinaes que mostrassem ho que lhe ally acôrecera, no Ceo, em Cruz. Poz sobre ho campo q̄ dantes no Escudo trazia, por Armas huma Cruz toda azul, partida em sinquo Escudos, pelos sinquo Reys que vencera, e meteo trinta dinheyros de prata em cada hum dos Escudos em lembrança

da morte, e Payxaõ de Jesu Christo, vendido por trinta dinheyros, e hos Reys de Portugal, que depois vieram, vendo que se nom podião meter tantos dinheyros em pequenos Escudos Darms puzeram em cada hum dos sinquo Escudos sinquo dinheyros em aspa, e assi contando por sy cada huma carreira da Cruz do longuo, e atavez mettendo sempre no conto de ambas has vezes ho Escudo da ametade, fazem trinta dinheyros, e desta maneira se trazem aguora.

Depois dos tres dias passados que El Rey D. Affonso esteve no campo com muy grande honra, e grandes prezas de ouro, e prata, presioneiros, e guados tomados na batalha, tornou-se para Coimbra. Antre hos presioneiros era hum bom quinham de gente que chamavão Moçaraves hos quaes erão Christãos, que hos Mouros tinham por cativos naquella terra, e quando El Rey chegou ha Coimbra ho Prior de Santa Cruz ho sayo ha receber, e dicelhe: *Oh Senhor Rey, e vós outros nobres varões que sois filhos da Santa Madre Igreja, porque trazeis assi prezos, e cativos estes Christãos irmãos vossos como se fossem infieis, devendo-os de ter, e tratar como vós mesmos, ora vos pesso senhor, pois saõ da Ley de Christo como nós, sejaõ soltos, e livres da prizaõ.* E El Rey que era muito fogeyto ha toda rezaõ, e virtude de todo bom, e verdadeyro Christão, outorgou

loguo no que ho Prior falou, e hos mandou todos soltar, e livrar de cativeyro.

Vinhaõ entre estes Moçaraves dous homens de grande idade, e muy louvada vida, hos quaes conrãõ ha El Rey como jãa eltiveirão no cabo da terra do Alguarve que mais fae aho mar do Occidente, que naquelle luguar jazia ho Corpo de S. Vicente, aho qual elles ally viraõ fazer muitos milagres. Quando El Rey esto ouvio, tomou grande defejo de aver aquelle Santo Corpo em sua terra, mas pois me ha Estoria trouxe ha fazer mēção de tam glorioso Martyre que em Portugual temos pareceme erro passar assi por elle, sem dizer primeyro aho menos em soma como, e onde foy martyrizado, e seu Corpo guardado dos Christãos, e depois em seus luguares contarey, como foy trazido àquelle Cabo, que se ora de seu nome chama Cabo de S. Vicente, onde por duas vezes foy busquado, e nom se podendo achar da primeyra, foy achado da segunda, e foy trazido à Cidade de Lisboa.

CAPITULO XIX.

Como Daciano veyo ha Espanha por mandado do Emperador de Roma, e mandou matar S. Vicente depois de muito atormentado por prèguar ha

Fée de Christo.

FOy S. Vicente natural da Cidade de Osqua, que ora hee no Reyno de Araguaõ, de nobre linhagem, de Fée, e virtude muito mais nobre. Foy discipulo do Martyre Papa Sixto I. e praceyro muito como irmão de S. Lourenço, e sendo enviado ha Espanha pelo Papa, cheguouse ha S. Valerio Bispo de Valença, ho qual por ser empachado na linguaõ, em prèguações, e muitos outros autos do serviço de Deos, cometia ho carreguo ha S. Vicente. Era entam Emperador de Roma Diocleciano gentio, que fez gêralmente pelo mûdo ha decima persecuçãõ contra Christãos, que durou dez annos, e foy mayor, e mais cruel, que nhuma feyta antes, nem depois, e antre muitos emxuquutores, que ha effo mandou por rodalas Provincias, enviou Daciano em Espanha ho qual estando em ha Cidade de Valença, tanto que soube da vida de S. Valerio, e S. Vicente, e da doutrina de Christo, que aho povo prègavaõ, hos fez trazer ante sy, preguntandolhes, e emquerendo com gram sanha, e ameaços pelas obras que faziaõ, e prèguavaõ, e S. Valerio por ser jãa velho, e empachado da fala, como dito hee, começou ha responder manço, e de vaguar.

Dice entam S. Vicente ha S. Valerio: *Padre nom cumpre aqui resposta que seja emcolheyta mas se*
man-

mandardes eu responderey ha este fuiç. S. Valerio respondeo: Prasmefilho que como sabes dias à que te tenho muitas vezes cometido. Entam S. Vicente respondeo, e falou ha Daciano com tanto fevor, e constancia pela Fèe de Christo, que Daciano muy irado ho mandou fortemente atromentar mudandolhe, e dobrandolhe, (ha fim de ho tirar de Christo por muitos dias) hos tormentos, tais, e tantos, quanto crueza sobeja muito podia sobejadamente inventar, e fazer, sem fiçar nhum que se possa cuydar, hos quaes por brevidade, dizer escuzo. Vendose Daciano com todos seus tormentos, perante todos vencido, e S. Vicente cada vez em elles mais vencedor, e glorificado, receando, que se por entaõ morresse nos tormentos leyxaria de sy mayor gloria, mandou que ho lançaessem em sua cama, muy mole, e curar muyto bem delle, para depois de convallecido lhe renovar novas dores, e chaguas e assi por continuação de tormentos fizello render, mas elle jazendo naquella preciosa, e nom caridosa cama, deu ha Alma ha Deos, que como sua ha levou para sy, e ha quiz aver por escuza de mais exames, nem provas de virtudes.

Sabendo sua morte Daciano ainda entam se nom doeo delle, se nom decendo vivo lhe ser tolhido sua crueza, dizendo: *Pois em vivo ho nom venci, morto ho vencerey, e desferey.* Mandou entaõ lançar ho

Corpo às avees, e animalias, que ho comecem, onde ouve pelos Anjos tam guardado; que nhuma lhe poz boqua, antes de Corvos que al nom busquavaõ; foy hum vislo guardallo, e defendello, ho que sendo dito ha Daciano, dice com a mesma sanha, e crueza dantes de mais: *Se nem morto ho poderey vencer.* Entam mandou atar huma grande móo aho Corpo, e lançallo no mar para debayxo do mar ser escondido, e desfeyto, quem sobre ha terra nom pudera; mas ho Corpo de S. Vicente milagrosamente veyo ateer à terra primeyro que ho mesmo barquo, que ho foy deytar, e ally por sua revelação foy sabido, e recolhido seu Corpo dalguns Christãos, que ho devotamente enterrarão, fazendo ali sempre muitos milagres. Padeceo depois de N. Senhor duzentos e oitenta e sete annos. Deste Martyre precioso falam muitos Doutores, muy grandes louvores, antre hos quaes diz delle São Agostinho: *Oh Bemaventurado Vicente, verdadeiramente venceste: venceo nas palavras, venceo nas penas, venceo queymado, venceo alaguardo, venceo vivo, venceo morto.*

CAPITULO XX.

Como ho Corpo de S. Vicente foy trazido aho Cabo que se ora chama de S. Vicente, e como El-Rey D. Affonso ho foy laa bus-

*quar, e nom ho podendo achar
se tornou para Coimbra.*

Contaõ has Estorias dos Arabiguos, que andando ha era dos Mouros, em cento e trinta e finquo annos, se levantou nas Espanhas hum poderoso homem, ha que chamavam Abdenamer, ho qual começou ha conquistar, e sobgiguar por Espanha assi Mouros, como Christãos, nom achando Santuario de Christãos, q̄ nom destruisse, nem oslos de Martyres, que nom queymasse, e andando nesta Cõquista foy ter ha Araguaõ, e ha Valença, e hos homens que tinhaõ ho Corpo do Martyre S. Vicente, quando souberaõ de sua vinda, e do que fazia às Reliquias, e Corpos dos Santos, ouveraõ seu acordo de fogirem com elle, para terra onde fosse guardado, aprouve ha N. Senhor de hos guiar à quelle Cabo chamado ora de S. Vicente, como acima se diz, para ho seu Corpo ally ser enterrado, e escondido, e àquelles homens boõs que ho trouxeraõ, estiveraõ continuadamente com elle até que por ally cheguou hũ Cavalleyro Mouro, q̄ morava naquella terra dos Algarves natural do Reyno de Fées ha que chamavãõ Albofacem, e contaõ has Estorias em como elle dice, que andando por ally de noyte achãra certos homens guardando aquelle Corpo hos quaes mata- ra, e leyxara ho Corpo.

ElRey D. Affonso ouvindo ho

contheudo nesta Estoria com ho que lhe tinham falado, e affirmado hos dous velhos Moçaraves de como estiveraõ no mesmo lugar, onde jazia ho Corpo de S. Vicente. Teve concelho com hos seus em que modo ho poderiaõ aver, e acordaraõ que fizessẽm treguaõ com hos Mouros, e por tempo certo. Ellas feytas, ElRey D. Affonso partio de Coimbra para aquelle lugar, com tanto desejo, e devaçãõ, que apaguava em seu coraçãõ todo receo, trabalho, e periguo que nisso corria, e cheguando làa fez bulquar com grande diligencia ho Corpo, e nunca ho pode achar por N. Senhor ter ordenado, que ho Jaziguo deste glorioso Martyre fosse na Cidade de Lisboa onde aguora jaz, ha qual ainda entam era de Mouros. Quando ElRey D. Affonso vio que nom podia achar este Santo Corpo, como quer que muito lhe pezasse, remetco seu pezar à vôtade de Deos, que por entam parecia ser aquella, e da ly tornou se para Coimbra.

CAPITULO XXI.

*Como depois desto ElRey Ismar
que foy vencido no Cãpo Dou-
rique veyo tomar Leyria, e ho
Prior de Santa Cruz de Co-
imbra foy ha Alentejo, e tomou
Arronches, e como ElRey D.
Affonso tornou outra vez to-
mar*

mar Leyria aos Mouros.

EL Rey Ismar, que foy vencido no Campo Dourique, por El Rey D. Affonso Anriques como já dicemos, tendo sempre grande vontade em guerrear Chriitãos, em especial depois de avêr aquelle grande desbarato, ajuntou muitas gentes, e veyo-se ha Santarem, e daly partio levando conciguo ha Euzari que era Alcayde da Villa, e correo ha terra, atè chegar ha Leyria, ha qual combateo tam fortemente, que entrou por força matando hos mais dos Chriitãos, que hi achãraõ, e levando cativo Payo Guoterres, que ho Prior de Santa Cruz ahi leyxãra por Alcayde, e depois de leyxarem Mouros no Castello, e Villa, que ha bem mantivessem, e guardassem, tornaraõ-se loguo para suas terras, fazendo tudo esto com tanta preça, e triquança, que El Rey D. Affonso estando em Coimbra nom teve tempo para socorrer, e vir à batalha com elles.

1140. Foy tomada Leyria del Rey Ismar era de N. Senhor de mil cento e quorenta annos. Quando ho Prior de Santa Cruz ha que chamavam Theotonio homem ante El Rey muito estimado, vio tomada Leyria, que lhe El Rey D. Affonso com muita devaçãõ, e vontade tinha dado, tomou em sy grande pezar, e partindo-se do Moesteyro, foyse ha guerrear às terras de Alentejo, que hos Mou-

ros pessuyaõ, onde tomou ha Villa de Arronches, e em quanto alli ho Prior lá andou guerreando, El Rey D. Affonso tendo grande pezar por se alli tomar Leyria, ajuntou outra vez gente, e foy sobre ella, e Deos que sempre ho ajudava em todos hos seus feytos, lhe deu tam boa esquença, que por força ha tornou ha tomar, posto que hos Mouros ha muy bem defendessem. E esto foy quatro dias por andar de Fevereyro era do Senhor de mil cento e quorenta e cinco annos, e porque vio ho Prior aquem elle dantes dera ha Villa lha nom guardãra bem, poz em ella, e no Castello tal guarda, como compria para sua defensam, que lha nom podessem assi hos Mouros outra vez ligeiramente tomar, e tornou-se ha Coimbra.

CAPITULO XXII.

Como El Rey D. Affonso tornou ha dar Leyria aho Prior de Santa Cruz, e assi tambem Arronches, em todo ho espiritual, quando ho tēporal cõ hos Reys de Portugal, e como El Rey cazou com Dona Mofalda filha do Conde D. Anrique de Lara.

ACabo de dias, estando El Rey D. Affonso em Coimbra chegou ho Prior de Santa Cruz, e disse

e dice a ElRey: *Senhor vòs déstes ha está vossa Egreja ha Villa de Leyria quando ha tomastes ahos Mouros, e com quanto eu fiz para ella ser guardada todo ho que bem podia, e devia, porèm por nossos peccados foy tomada de Mouros como se vio, pelo qual eu tomei tanto nojo, que me fez leyxar ho modo de meu viver ordenado, e tomar vida de andar em guerra, no que me ainda Deos ajudou tanto que tomei ha Villa de Arronches, e ora Senhor somos aqui ante vòs, eu, e meus amiguos, ho feyto de Arronches, e Leyria todo pomos em vossas mãos.* ElRey avendo sobre esso concelho, e vendo como hos negocios temporaes nom convinhaõ ha tal Habito, e Religiaõ, mayormente em feytos de guerra, teve por bem que todo ho espiritual destas Villas ambas, fosse de Santa Cruz, e ho temporal ficasse sempre ahos Reys de Portugal.

Estando assi ElRey D. Affonso com muy grande honra, e fama em Coimbra, foylhe cometido ho cazamento com Dona Mofalda Anriques filha do Conde D. Anrique de Lara, e ha elle aprouvelhe muito de cazar com ella por estes respeytos, primeiramente por ha Caza de Lara ser avida, por ha mais alta linhagem Despanha, esso mesmo porque em toda Espanha, nom avia molher nhuma de linhagem de Reys ha que elle nom fosse muy cheguado em parentesco, tambem por ella ser muito

fermosa, e dotada de muitas virtudes, e bondades, e por tanto tomou muy grande contentamento deste cazamento, ho qual foy feyto em Coimbra, era de N: Senhor de mil cento quorenta e seis annos, avendo jáa sete annos que fora levantado por Rey, e fazendo cinquenta, e dous annos de sua idade, e por se nom achar escrito nada das cousas, que se neste cazamento fizeraõ, nem como foram, se nom poz aqui mais, que sóoamente cazar ElRey, e ho tempo em que cazou; pelo qual passando por esto, falaremos, como se ElRey moveo depois para tomar ha Villa de Santarem.

CAPITULO XXIII.

Das bondades da Villa de Santarem, e seu termo, e como ElRey D. Affonso propoz, e ordenou em sua vontade de ha tomar, e ha tomou.

A Ho tempo que hos Mouros ha que em Arabiguo chamaõ Miçamidas entraraõ por Espanha, e destruiãõ ha Cidade de Sevilha na era do Senhor de mil cento quorenta e sete annos, estava ElRey D. Affonso em Coimbra avendo jáa oito annos que depois de alçado por Rey reynava, ho qual avia muito que tinha grande vontade, e dezejos de tomar ha Villa de Santarem, ha humas, por della

della se fazer muita guerra, ha toda sua terra, ha outra por ser ha melhor Villa do Reyno, pela nobreza, e abastança de seu assento, que da parte do Oriente ha vista dos homens nem se póde faltar de ver ha fermosura dos campos muy cháos, abastados de muito pam, correndo por elles ho grande, e muy nomeado Rio do Tejo, esto mesmo aho Occidente, e aho meyo dia desfallece ha vista dos olhos em ho ver espaçoso, e aho Norte contra hos Montes, grande avõdança de vinhas, e olivaes, pelo qual falando muitas vezes ElRey D. Affonso em seu deleytoso, e abastado assento em todas as cousas, chamavalhe Paraiso deleytoso, era ElRey muy maguoadado, e todo penoso em seu coração por ha ver em poder de Mouros, e nom poder tomalla, com quanto trabalho jáa romára sobre ella, porque ha Villa nom era tam grande de manter, nem defender, ahos que dentro estavaõ, nem ram pequena, que se pudesse furtar de pouquos, além desto, era muy forte de muro, e torres, e barreyra da parte do Occidente ha que hos Mouros chamaõ Alfaõ, porque parecia deste cabo cham, em respetto do outro cerquo que he sobre barroquas muy altas, e da parte do Oriente fizeraõ hos Mouros carretar tanta terra ahos Christãos que tinham cativos, com que encheraõ de fundo acima, e fizeraõ hum oiteyro de tal altura, que

lhe pozeraõ hos Mouros nome Alarfa, que quer dizer couza ingreme, e temerosa, porque lançavaõ por ally hos que eraõ condenados por sentença à morte, e hiaõ os corpos mortos ter aho fundo à ribeyra do Tejo, e da parte do Sul por rezaõ da propriedade da terra esbarrondada que seubre chamavão Alfange, que em Portuguez soa quebrada, e nom se podia por ally aver entrada aho lugar, se nom por recayos, e da parte do Norte nom menos está ha Fortalezado, pela grãde altura do Monte que he pedreguoso, e aspero, pelo qual assi pela grande Fortaleza da Villa, que por nhuma maneyra de engenhos se podia combater, como pelo grande percebimento de muito boagente, e mantimentos q̄ dentro avia, nom podia ElRey D. Affonso aver modo de ha tomar, nem remedio para tolher ha grande guerra, que jáa de gram tempo defra Villa se fazia ha Coimbra, e ha outros seus lugares.

Ajudava muito ha Fortaleza da Villa, ha difficuldade para se poder tomar ha grandeza das agoas do Tejo, que por junto corre, porque quando lhe ElRey punha guardas de huma parte, se passavaõ com seus guados para ha outra, de mais que estes campos eraõ tam cheos de pavez, e insoas, nem se podiaõ andar, se nom por barquas em tempos certos: por onde ha Villa era tam grave de filhar, que seu avoo ElRey D. Affonso de Castel-

la nunca ha pudera tomar, senom por fome, nem eslo mesmo Cid Rey Mouro, nem Abderazaca que teve ho senhorio della trinta e quatro annos, ho que parecerà cousa muito de maravilhar quando se ouvir, que semilhante Villa foy tomada por ElRey D. Affonso Anriques com tam pouqua gente, e como quer q̄ elle cuydasse muitas vezes em seu pensamento como ha poderia tomar por força, ou por algum despercibimento, aquelles com que esta cousa communicava, representavaólhe sempre duvidas, de muito grande periguo, e receo.

CAPITULO XXIV.

Como ElRey D. Affonso Anriques fazendo treguoã com hos Mouros de Santarem mandou lãa D. Mem Moniz, ha espigar ha Villa, e do Concelho q̄ teve com hos seus para ir sobre ella.

DUVIDOSO ElRey D. Affonso Anriques nesta maneyra de poder tomar ha nobre Villa de Santarem, assi pelas duvidas que punhaõ elles com que falava, como pela grande deficuldade que desse mesmo feyto parecia, com todo seu grande animo, que sempre em Deos esperava, e ha nhumas deficuldades se rendia, deter-

minou toda via de trabalhar sobre eslo, e fazendo treguoas com hos Mouros, por certo tempo, mandou D. Mem Moniz sabedor de todo este neguocio, e concelho lãa, para que visse, por qual parte, se podia ha Villa furtar, e entrar mais descaçado, e seguramente, ho qual indo lãa, e assentando ha treguoã espitou todo muy bem, como homem muy avizado, e de grande engenho, e esforço que era, e da tornada falou com ElRey em segredo fazendolhe ho caso possivel, prometendolhe que elle seria ho que fosse diante, e dos primeyros q̄ no lugar entrassem, e poria ha sua bandeyra, sobre ho muro, e quebraria has fechaduras das portas, e assi ho fez depois, porque era tambom Cavalleyro, de sua pessoa, e para tanto, que para servir ElRey, e cumprir sua Cavallaria, todalas cousas lhe pareciam muy ligeyras, e seguras de periguo.

ElRey foy muy ledo com seu recado, e esforço, porque entendia, fazendo-se como D. Mem Moniz dizia, ha Villa poderia tomar, nom sendo primeyro descuberto, e tanto lhe pareceo q̄ cumpria ser feyto com grande segredo, que nom quiz falar esta cousa ahos de seu Concelho, em seu Paço, receando-se de poder ser em algum modo ouvido, antes foy hum dia ha folguar aho campo chamado Arnado, e ally apartou D. Lourenço Viegas, e D. Guonçalo de Souza,

Souza, e D. Pero Paes seu Alferes, e outros, e contoulhes todo seu intento, e proposito do que queria fazer, mandoulhes que ho tivessem em muy grande segredo sobpena de morte, em tal guiza, que ninguem ho podesse entender, em quanto ally estivessem, nem à partida, e ho concelho acabado, tornou-se ElRey para ho Paço, e vindo pela rua da figueyra velha chegando à Praça dice hũa velha reguateyra contra has outras: *Que-reis vòs saber, ho que ElRey con aquelles seus companheyros falou. diceraõ ellas: Que falou? Falou dice ella, como fossem furtao Santarem.* ElRey em passando ouviu tudo, e vendo todos aquelles com que falara esta couza hir comsigo diante sem nunca se apartarem delle, foy assi maravillando-se até ho Paço, e como descavalguou chamou-hos todos, e dicelhes: *Nom atentastes no que dice aquella velha, certo se algum de vòs se apartara de mim, eu cuidava que fora descoberto por elle, e lhe mandara por ello cortar ha cabeça, sem ho merecer.*

CAPITULO XXV.

Como ElRey D. Affonso Anriques partio com sua gente para hir tomar Santarem, e do voto que fez no Caminho ha S. Bernaldo, ho qual naquella ora lhe

foy revelado lãa em França, onde estava:

DEpois desto fez ElRey preses loamente, hos seus continuos de sua caça; e alguns poucos de Coimbra, com Guonçalo Guonçalves; e assi mantimentos que lhes abastassem, e ante que partisse foyse aho Moesteyro de Santa Cruz ha falar, com aqueile devoto homem Prior do Moesteyro em que elle tinha grande, e singular devaçam, e encomendoulhe sua alma, e seu estado, assi como ouvesse de partir deste mundo; dizendolhe todo ho que tinha ordenado para hir fazer, e quando avia de ser, encomendandolhe muito afinquadamente que naquelle dia cõ seus amigos roguasse ha Deos de vontade que ho quizesse ajudar naquelle feyto ha que hiaõ por seu serviço, e que esta couza tivesse em grande segredo. Entam se partio ElRey huma segunda feyra non sabendo ninguem para onde hiaõ, salvo aquelles ha que ho comunicara, e levarã ho caminho tam revelado, e encuberto que hos Mouros nom ouverã novas delles, e vieraõ aquelle dia poer has rendas em Alfalar, esta foy ha sua primeyra jornada, aho seguinte dia partiraõ, e foraõ dormir ha Cordonolos, e daly mandou ElRey ha Martin Mohaz que fosse dizer alos Mouros de Santarem que elle levantava ha tregua da ly em diante, e que ha paz dantre si, e elles;

fosse quebrada até tres dias, que segundo costume daquelle tempo, cada hum podia engeytar ha tregua ha seu inimigo quando lhe aprouvesse, com tanto que lho fizesse primeyro saber. Martim Mohaz foy, e depois de comprir ho mandado que levava, tornou à quarta feyra ha Aldeguas, onde ElRey estava ho qual partio da ly, e hindo pela serra Dalvardos acertouse que D. Pedro irmão bastardo delRey, que fora jáa em França, hia falando com elle dos muitos milagres, que naquella terra Deos fazia pelo Abbade S. Bernaldo que entam era vivo, e como lhe Deos outorguava toda couza que lhe pedia.

Então ElRey movido ha devação pelas couzas que lhe seu irmão alli contava, dice: *Eu d' honra, e louvor de Deos, prometo que se me elle Santarem quizer dar, por sua piedade, e pelos roguos do Bemaventurado S. Bernaldo, que vós dizeis, e eu lhe dee toda esta terra para ha sua Ordem quanta vejo daqui atée ho mar, e que faça hum Moesteyro em que Frades da sua Ordem vivaõ hà serviço de Deos, e porque ella se ja mais acrecentada.* E segundo cõta ha Lenda de S. Bernaldo, tanto que ElRey fez este voto, loguo lhe ha elle foy revelado láa em França, onde estava esta promessa delRey, e como avia de tomar Santarem ahos Moutos, e em como aquelle Moesteyro que ElRey prometera de fazer seria muy nobre, e abalta-

do de todas couzas, segundo depois foy, e hee aguora hum dos grãdes, e riquos Moesteyros da sua Ordem que haa na Chiistandade.

Tanto que ho Abbade S. Bernaldo assi ouve esta revelação mandou loguo tanger ha Cabido, e todos hos Monges juntos, lhes contou ho que lhe fora revelado, entam todos cantando: *Te Deum Laudamus.* Foraõ à Egreja dar graças ha Deos, e mandãram loguo partir certos Monges para Portugal com livros da sua Regra, e ordenança, e hos q quizessem, viessem para ally, hos quaes em se começando ha obra do Moesteyro, vierão hi ter, e tomaraõ posse pela ordem da Doaçam que lhe ElRey fizera, começando hi de viver, segundo sua Regra com muito acrescentamento, ho qual ha N. Senhor aprouve que fosse sempre depois, e aguora neste tempo.

CAPITULO XXVI.

Como ElRey D. Affonso Anriques descubrio ahos sens que hiaõ sobre Santarem, e das rezões que dice ha todos.

NA serra Dalvardos, que acima dicemos, esteve ElRey ha quinta feyra atée noyte, e dahi abalaram aho seraõ andando toda ha noyte, atée ha mata que está sobre Pernes, onde cheguaõ sexta feyra amanhecendo, entam concirou ElRey

El Rey que era bem descobrir ha todos seu dezejo, e' aho que hiaõ, e fez lhe hũa falla nesta maneyra: Meus boõs Cavalleyros, e amigos, mais verdadeyramente, que ha outros nhuns se ha de chamar, bem sabeis quantos trabalhos, e fadiguas comigo, e sem my padecestes por azo desta Villa de que àcerqua estamos, e quanta guerra, e males tem feytos à nossa Cidade de Coimbra, e ha todo meu Reyno por muito tempo, pelo qual detreminey de ha vir com vosquo esqualar, e tomar, como em Deos espero, e ainda que parece necessario chamar mais gente para esso, e seja certo que me viera de muy boa vontade, porèm nom quiz, nem escolhi mais que vòs soeis, em que sempre puz, e ponho meus concelhos, e fadiguas, e cuja lealdade, e valentia, em muitos periguos meus conhecida me deu sempre de vòs, tal, e tam firme confiança, que com ha graça de Deos, ey jaa por feyto ho que vimos ha fazer, alem deste vejo em vossos gestos, e continencias nom menos sentirdes, e dezejardes, esta cousa que eu mesmo, ho que me cauza tanto prazer, que jaa me nom parece termos nisto mais pejo, que ha detença deste dia, que passe azinha, para com ha graça de N. Senhor nos irmos ha noyte seguinte apossentar dentro na Villa, e ho que tenho cuydado para se esto mais ligeiramente fazer, escolhamse cento e vinte de nõs, para dez esquadas partidos ha cada huma doze, que loguo no primeyro sobir, se achem nom menos de dez so-

bre ho muro, e assi se dobre cada vez ho conto da gente.

Hos primeyros que sobirem levantem loguo minha bandeyra, para esforço dos nossos, e esmayo dos inimigos se espertarem do sono, e ha por esto quebray has fechaduras das portas, e assi a volta, e estrondo, dos que pela porta entrarem, ajuntados com hos de dentro esmayaram mais hos inimigos, em cuja matança de homens sabidos do sono, nuus, e desarmados, bem vedes quam pouquo ha de fazer. Vòs ha nhuma pessoa nom perdoeis, nem deis vida, nem ha homem, nem ha mulher, moço, nem velho, de qualquer idade, e qualidade, todos andem à espada, e esto fazey com grande, e triguozo esforço, que Deos serà abi em nossa ajuda, para cada hum de nõs matar cento delles, e hoje, e à menhã fazem por nõs oração geral ho Prior, e todos hos Coneguos do Moesteyro de Santa Cruz, ha que eu ante que partisse notifiquey ho que vinhamos fazer, e assi tambem ha Clevesia, com todo ho povo, e por quelhes dice que tinha trato, e intelligencia na Villa, para nos dentro receberem, me perdoe Deos esta mentira, q' àcinte lhe dice, porque lhe esforçasse hos coraçõs, e vontades, assi meus amigos vos esforçay, e peleyjay como sempre fizestes, lembrandovos ho que fazeis por Deos, por my, e por vòs, por vossos filhos, e netos, hy serey eu, e me verey com vosquo, que nom pôde aver afronta, nem periguo, que ha viver, e morer me aparte de vòs, como vejo que fa-

reis por my.

Ouviraõ todos ha ElRey , muy prompts, e animados , em seus corações, para ouzarem , e cometerem; todo ho que lhes falou, mas concirando elles antre sy, ha grande ardidez delRey , e ho muito periguo ha que se queria poer, apartaraõse com elle, e diceram. *Senhor vossa pessoa, nom ira com nos-quo, que se formos vencidos , nossos inimigos nom averaõ tanto louvor, nem que morramos delles , ou todos, nom hee muito de curar, salva vossa pessoa, e tirada de semelhanterisquo, cuja perda que Deos defenda seria perderse Portugal , e leyxandovos nõs entrar em tamanho periguo , seria nossa linhagem sempre desdita, e prasmada, como filhos de tredores, que tendo tal Rey consentiraõ perdelo: ElRey respeytando ho que lhe assi diziaõ, ha muito amor, respondeo-lhes com outro tanto, estas palavras: *Oh amigos roguo a Deos se este anno, eu hey de viver sem vòs tais Cavalleyros tomardes esta Villa de Santarem, ha elle praza que antes en desta vez em ella morra.**

CAPITULO XXVII.

Como ElRey D. Affonso Anriques chegou de noyte ahos Olivaes de Santarem, e dos sinais que pareceraõ.

PAssado assi esto , com outras muitas palavras, e praticas sobre ho caso, aparelharam todo ho

que fazia mister, para tal obra, e leyxando ally has tendas, e todo ho al que traziaõ, cavalguaraõ em seus cavallos, e chegaraõ ahos Olivaes de Santarem, de noyte. Esto era em vespora de S. Miguel de Mayo sete dias andados do mez, na era de mil cento e quorenta e sete annos, e chegados ally viraõ hum sinal, que lhes estorçou muito mais hos corações; viraõ huma estrella grande ardente com grande rayo correndo pelo Ceo, da parte da Serra, que alumiaava ha terra, e foy ferir no mar. Vendo esto diceraõ loguo todos. *Senhor Deos todo poderoso ha Villa hee em vossas mãos.* Esso mesmo no dia q̃ ElRey mandou notificar ahos Mouros ho britamento das treguoas, que acima dicemos ahos da Villa, appareceo outro sinal muy espantoso pronostiquo de sua mortindade, que foy na terceyra noyte leguinte, viraõ no Ceo ha oras do meyo dia semelhança de hum Touro hir por meyo do Ceo, levando chamas de fogo acezas, deldo cabo atée ha cabeça. Ho que esses mais sabedores, antre hos Mouros intrepetáraõ que Santarem averia cedo Rey novo, e seria ho filho delRey de Sevilha Mourto, cujo Santarem, e Lisboa, e parte da Estremadura era.

Sendo jãa ElRey com hos seus perto da Villa, lançaraõse em hum valle encuberto, e escuso, tam acerca do luguar, que ouviaõ falar has velas do muro, quando bra-

bradavaõ huns aios outros, e estiveraõ ally toda ha noyte, com hos cavallos pelas redeas, vigiãdo com grande cuydado, do que aho dia seguinte esperavaõ de fazer, sem hos Mouros delles averem nhum sentimento.

Em esta noyte, e ho dia seguinte ho Prior de Santa Cruz de Coimbra, com grande devaçãõ occupado em roguar ha Deos por ElRey, mandou fazer ahos seus Coniguos orações publicas, e particulares, e elle em seu orar muy devotamente dizia: *Senhor Deos todo poderoso, que sem combate, nem força humana fizeste cair hos muros de Feriquó, e ha roguo, e voz de Feroé, mandaste estar quedo ho Sol de seu curço contra Guabaaõ, pesso à tua infinda bondade, que segundo tua grande misericordia queyras dar vitoria ha El-Rey D. Affonso afadiguado por te servir, dandolhe Sol, e sombra que ajude sua tençaõ, e todo ho arzo como tome ha Villa, q̄ wayguanhar, para teu serviço, e livrar dos imiguos que ha tem com doesto de tua santa Fée, e por tal q̄ ha çuia seÿta de Mafamede seja lançada fóra della, e ho teu santo nome seja sempre hylouzado.*

CAPITULO XXVIII.

Como ElRey D. Affonso Anriques, e hos seus escalaraõ ha Villa de Santarem, e foy entrada, e tomada.

DEsque veyo ha madrugada sobre o quarto dalva quando

elles entenderaõ, que has velas estavaõ mais foseguadas, e sonorentas, e hos da Villa mais defegurados, e entregues ao sono, partiraõ donde estavaõ, leyxando naquelle valle hos pajes com hos cavallos, e tomaraõ ho fomideyro antre Motiraz, e ha fonte Datamarma, ha qual assi chamaõ em Arabiguos; pelas aguoas della, que saõ doces, e forãõ assi pelo meyo do Vale, indo diante D. Mem Moniz que sabia bem has entradas, e saydas, e ElRey mais atraz, e posto que por onde levãõ tençaõ de escalar, achassem ho côtrario do que cuydavaõ, porém Deos ha cujo poder nom pôde aver contrario, lhe tornou em bem esse impedimento, por mostrar assi seu poder, e ajuda que no luguar porque aviãõ de entrar, e sobir, tinham por certo nomi aver ahi nhuma guarda, acharam estar duas velas, postas em hum cadafalço, feyto de novo, que se espertavaõ hum aho outro, e nifro, ha tolda que andava pelo muro requerêdo às velas, cheguou por hy, e faloulhe, e hos Christãos leyxaraõse estar quedos, em hum paõ, que hy estava, arêc lhes parecer que has velas poderiãõ adormecer.

E ha cabo de pouquo abalou D. Mem Moniz triguozo com hos seus pelo infesto, e foy por cima da caza de hum oleyro, aho muro ha poer ha escada, em huma aste ha fundo, e deu no telhado fazendo grande som; do que D. Mendo

avendo grande pezar de pela ventura, espertarem has velas amergeose, e de hy ha pouquo fez assentar curvo, hum mancebo, e por cima delle poz ha escada mais entregue no muro por onde tanto que acima sobio loguo levantou ha bandeyra del Rey, que levava, subiraõ dous com elle, e nom sendo ainda mais de tres sobre ho muro, nom leyxaraõ has velas de acordar, e sentillos, e falou hum delles com voz rouqua, e dormente, como desvelado, e tresnoytado, e dice: *Menhu* que quer dizer, *quem anda aby*. Respondeo entaõ D. Mendo por Aravia, que era dos da rolda, e tornava por lhe dizer coufas que compriaõ, que decesse abayxo, ho Mouro tanto que deceo foy D. Mendo muy prestes ha matallo, e cortoulhe ha cabeça, e deytou-a ahos defõra, para mais seu esforço, e seguro, e nesto ha outra vela quãdo ouvio, e conheceo que eraõ Christãos, e nom sendo ainda em cima do muro, mais que dez dos nossos, chegaram hos da rolda correndo ahos brados da vela que ouviraõ, e encontrando-se com hos Christãos, vierão às cutiladas bravamete hos nossos por darem conteço, e entrada aho porque hiã, e hos Mouros pola tolher, antes que ho mal mais crecesse.

D. Mendo nesta afronta bradou chamando em ajuda Santiago Patram de Espanha; e El Rey tambem do pée do muro, altas vo-

zes acodio: *Santa Maria Virgem Bemaventurada, e glorioso Apostolo San-Iaguo acorrenos*. Bradando ahos seus, que eraõ em cima do muro. *Matayos: andem a espada todos, que nom fique nhum*, e hos que sobiraõ, apartaraõse loguo pelo muro, em duas partes peleyjando cada huma com hos Mouros que vinham.

Era jáa tamanha ha volta, e ha roido de ambas partes, que se nom podiam entender, El Rey dice entam ahos seus muy apressado: *Façamos ajuda ahos nossos, e tenhamos à parte dextra se podermos sobir alfam, e Guonçalo Guonçalves com hos seus ha seextra, que filhe primeyro ho caminho que do ceiceguo, que nom possaõ hos Mouros vir por laa, e tomar primeyro ha entrada da porta, e assi atalhados se perquaõ hos nossos dentro à ha nossa mingua, e deshonra*. Mas ho Senhor Deos, que ajuda has obras de seu serviço lhes mudou em melhor, e mais seguro sua tenção, e fadigua, que onde se trabalhavã de entrar pelo muro, entrarã pela porta, e de dez escadas que fizerã, duas sóos abaflaram para tudo, porque sobiraõ atée vinte e finquo, hos quaes correrã muy prestes ha quebrar has portas com hum machado que lhes foy dado de fõra, e britadas has fechaduras, e ambudes entrou El Rey apée com hos seus, e poendo hos giolhos em terra, antre has portas, com grande prazer, se encomendou, e deu muitas graças ha Deos.

Hos

Hos Mouros acodirão todos ally peleyjando muy rijamente , e vendo já dentro comfiguo tanta gente defesperando de se poder ally teer , acolherão-se hos mais delles ha Alfam , mas pelo despercebimento em que se achárão foram loguo entrados, e muy muitos delles homens, e molheres , e moços trazidos à espada de que foy ho sangue tanto pelas ruas, que parecia serem ally mortos grande multitudam de guados. Todos hos que escaparam de nom serem mortos na peleyja, forão cativos com grãdes, e riquos despojos que na Villa se acharão. Foram hy antre outros cativos, tres Cavalleyros principaes muy riquos de que ElRey ouve fazenda de grande valia. Para ho escalamento desta Villa foram escolhidos, primeyramente D. Mem Moniz Guarda mór delRey, e delle muy querido, filho de D. Eguas Moniz, e D. Pedro Affonso irmão delRey bastardo, e D. Lourenço Viegas, e D. Pero Paes seu Alferes, e D. Guonçalo de Souza, e outros nobres homens.

CAPITULO XXIX.

Comô Auzery Alcayde de Santarem, tomada ha Villa, fugio, para Sevilha, e ElRey se tornou ha Coimbra, e donde se chamou ha Villa Santarem.

ENtrada, e tomada assi ha Villa de Santarem, Auzery Alcay-

de mór della, escapou fugindo, com tres de cavallo configuo caminho de Sevilha, quãto mais pode. Estava ElRey Mouro de Sevilha sobre ha Torre do ouro chamada, e quando Auzary afomou vendo-o ElRey vir, veyolhe por sentido, segundo muitas vezes ho coração sente dante maõ, e advinha has cousas, que seria aquelle Auzary, e diceo ally ahos que com elle estavam, elles mostráráõ nom cair em couza de tam longe enxcrãguada, e tambem por desviar ElRey do sentido de más novas antecipado; e dice entãõ ElRey: *Sé aquelle que vem hee Auzery, e cheguando ha aquelle porto derem agnoa abos carvallos: Santarem he tomado, e se nom derem de beber, Santarem he cerquado, e vem Auzary a grampressa ha demandar socorro.* Hos de cavallo cheguando aho porto deram agnoa de seu vaguar, ElRey carregou se mais de sua prognostiqua, e cheguãdo Auzary, contoulhe como se tomára ha Villa, e da grande mortindade que se nella fizera de que ElRey de Sevilha, e todos hos Mouros ouveram grande pezar, nom sóo pela perda desta Villa, mas de outras ha que ha perda desta dava cauza forçada.

ElRey D. Affonso desque tomou ha Villa, poz nella seu Alcayde, leyxandoa abastecida como compria, e tornou se para Coimbra com muito prazer, onde contando elle à Rainha sua molher, e ha outros muitos como lhe acontecera

tecera na tomada de Santarem, dice estas palavras: *Don ha Deos dos Ceos muitos louvores, ante cujos olhos todas as cousas são sabidas, e conhecidas; que nom tenho agora ha grande maravilha, serem pelo seu poder em outro tempo hos muros de Jeriquè, como se lee derribados, nem estar quedo ho Sol por rogua de Josué hum dia todo, em comparação da piedade, e misericordia que lhe aprouve fazer comigo, em me dar hum tam forte lugar tomado com tam pouca gente, pelo qual glorifico ho seu Santo nome, e suas maravilhosas obras, has quaes renovando em nossos dias elle, quiz mostrar neste feyto, tanto sobre poder humano, que quando me eu vi ante has portas da Villa abertas, poendo meus olhos em terra com muita devesaõ, e prazer de minha alma, orey ha elle palavras que me elle naquella ora, como todo ho al, antam deu no espirito que janda agora nom saberia dizer: mas dos usados esforços, e cometimentos, que se na tomada da Villa fizeram, dignaõ no hos que se ally acharaõ, porque nom he em my dizelo. Esta Villa se chamava antiguamente Cabilycasto, e depois da morte de Santa Eyrea, lhe poseram os Christãos nome de Santarem, que vem de Santa Eyrea Martire que ha ella veyo teer.*

CAPITULO XXX.

Como ElRey D. Affonso Anriques ordenou de hir cerquar

Lisboa, e ha tomou, e das gentes Estrangeyras que para esso ouve em sua ajuda.

DEpois de tomado Santarem le foy ElRey D. Affonso para Coimbra como se dice, e nom para descansar, nem repouzar seu coração, q̄ nunca cessava de buscar afrontas, e louvadas impresas, em q̄ Deos fosse servido, mas para ho melhor ordenar, como em frequo se milhor aproveitasse do vencimento, e tomada de Santarem, sabendo que nas guerras fama de huma vitória aproveitada com tempo daã azõ ha muitas, pelo qual ajuntou loguo seu poder para conquistar hos lugares que ficavam na Estremadura de Santarem atè ho maar, em especial ha Cidade de Lisboa, ha qual tomou no modo que se segue.

Chegando ElRey ha terra onde Lisboa estãa cituada, pareceo-lhe milhor guerrear, e tomar has Fortalezas aho redor della ante de cerquar ha Cidade por tal q̄ quando viesse ho cerquo tivessem hos seus menos trabalho nas forragens, e se podessem hos seus mais ligeiramente sem outras guardas estender pela terra, e ally tomou loguo ho Castello de Mafora, e deuho ha D. Fernão Monteyro, ho primeyro Mestre de Aviz que ouve em Portugal, e apoz esto foy loguo cerquar Sintra, e tomou-a, mas se foy por força, se por pre-

tesia

tesia nom hō achamos escrito , e sendo assi tomada, appareceo no maar huma frota de cento, e oventa velas, de gentes, q̄ naquelle tempo moverao de Alemanha, e de Inglaterra, e de França, para guerrear hos infieis por serviço de Deos, e vindo assi todos de maar em fóra demandar terra à rocha de Cintra.

Estava ElRey D. Affonso em cima do Castello, e seus principaes que com elle eraõ, e maravillhando-se do ajuntamento, e naveguação de tam grande frota, mandou loguo quatro Cavalleyros, ha saber que gentes eraõ, e ha causa de sua vinda, hos quaes chegando ha Casquais jáa ha frota toda poufava, vieraõ entam ha fallar, e perguntarlhes que gentes eraõ? Elles responderam, que eraõ Christãos partidos de suas terras para virem guertear por serviço de Deos hos Mouros imiguos de sua santa Fé. Nesta frota vinham muitos Condes, e outros grandes Senhores; mas ha escriptura nom falla de seus nomes, mais que de quatro, hum por nome Mossem Guilhem de lingua espada, Conde de Lincoll de que se diz ser em seu tempo avido pelo milhor Cavalleyro, que sabiaõ em toda Inglaterra, nem França, aho outro chamavam Childe Rolim, aho outro D. Liberche, aho outro D. Ligel.

Sabendo ElRey pelos que láa mandara como eraõ Christãos, e da tenção que traziam para servir

ha Deos, foy deffo muy ledo, e bem se lhe poz no sentido q̄ Deos fizera mover aquella gente, e a portar em sua terra, por lhe fazer tanta merce, que ha Cidade de Lisboa fosse tomada, e deu-lhe por ello em seu coração muitos louvores, pelo qual lhes enviou menssageyros, porque lhes mandou dizer como elle scubera hos bons movimentos, e tenção de suas boas vontades, que traziaõ para servir ha Deos, e que fossem bem certos que nom sem misterio seu, e vontade, elles eraõ ally aportados trazendohos N. Senhor ha tal luguar, onde ho bem podiaõ servir, e cumprir seus desejos, e devação, e nom menos accreentar suas honras para este mundo, porque de ally donde elles estavaõ pouzados nom mais de sinquo leguoas, estava hũa Cidade de Mouros muy guerreyra das principaes de Espanha, de que por maar, e por terra se fazia muita guerra, e dano ahos Christãos, ha qual tinha muy fermoso porto, em que suas Nãos, e muitas mais podiaõ muy seguramente estar ancoradas, e elles aver muitos mantimentos em abastança, e pois aho Senhor Deos aprouvera sem irem trabalhar mais longe, trazellos tam perto de tamanho azo, e oportunidade para ho que vinham buscar, nom leyxassem esta empresa por Deos tam querida, e mostrada por outra nhuma creatura, e que elle como Rey que era da terra hos ajudaria ha ello com todas

suas forças, como elles bem verião.

Andáram assi estes recados de huma parte, e da outra, atè que vieram concertar de irem juntamente todos cerquar ha Cidade, à condiçãõ que sendo tomada, amerade fosse delRey, e ha outra merade dos Estrangeyros, e assi loguo ElRey por terra, e ha frota por maar foram poer cerquo ha Lisboa, ElRey acentou seu arrayal da parte do Oriente, onde aguora está ho Moesteyro de S. Vicente de Fõra, e hos Ingleses, e outras gentes tomaraõ ha parte do Ponente, onde ora são os Martires. Durou ho cerquo perto de sinquo mezes, por ha Cidade ser muy forte, de sitio, e cerqua, e estarem dentro muitos Mouros, q ha muy bem defendiãõ, fizeraõ-se neste cerquo grandes escaramuças, e fortes combates, em que se matavam muitos Cavalleyros de huma parte, e da outra. Cada hum arrayal dos Christãos, edeficou sua Igreja em que enterrassem hos que ally morriam, e ElRey D. Afonso fez ha sua, onde depois foy edeficado ho Moesteyro de S. Vicente à honra do Martyre S. Vicente, e hos Estrangeyros edeficaram outra que ora he chamada Santa Maria dos Martyres. Estas Igrejas estão aguora dentro dos muros da Cidade, desque ha cerquou ElRey D. Fernando ho noveno Rey de Portugal, como se adiante dirà, porque quando Lis-

boa esta vez foy tomada ha Mouros, nom era sua cerqua mayor, que quanto se ora vee, e chama cerqua velha.

Quando veyo em dia dos Martires S. Chrispino, e Chrispiniano, que hee ahos vinte e sinquo dias do mez de Outubro, andãdo ha era do Senhor em mil cento quorenta e sette annos, foy a Cidade muy rijamente, e com grande determinação combatida, dando ho Senhor Deos tanta graça ahos Christãos, que seu esforço, e gram devaçam de peleyjar por seu serviço, passava pelas muitas feridas, e mortes, e todas outras grandes difficuldades, e periguos do combate, avendo elles todo por menos, pelo grande pezar que tinham em lhe parecer que todo seu trabalho seria debalde, e Deos nom servido, se ha Cidade se nom tomasse, e assi com este fervor, e muy animosa determinação, poendo em fim ho que hos seus devotos corações tanto desejavão, entrãrão ha Cidade por força.

Entrou-se principalmente por ha porta que ora chamão de Alfama, e de hy pelas outras portas, e depois de entrada foy dentro ha peleyja muito mais fera, que janda soc antre hirados vencedores, e vencidos, desesperados, peleyjando jáa hos Mouros com estremada desesperação, e vontade de querer antes morrer antre has mortes de suas molheres, e perdimento de filhos, paes, parentes, e amigos, e
assi

assí hos Christãos nom com menos indinaçam por infieis entrados, e vencidos querendo ainda mais deter, e danificar seu vencimento, nem se querendo dar por vencidos, por tanto foy tam grande ha mortindade delles, e sobejo ho conto dos que foram mortos, e trazidos ha ferro, que he escuzado cuydar quam pouquos ficáraõ.

CAPITULO XXXI.

Do que ElRey D. Affonso Anriques fez depois de entrada ha Cidade de Lisboa, e tomada, e do que falou, e passou com has gentes Estrangeyras.

DEsque ha Cidade de Lisboa assi foy tomada por ElRey D. Affonso Anriques, e aquelles Estrangeyros com elle ajuntou loguo ElRey todos, e com grande procissão se foraõ à Mesquita onde ora estãa ha Sée edificada, e depois de limpa, e mundificada das abominaveis ceremonias que hy eraõ feytas da seyta de Mafamede, hos Cleriguos, e Bispos revestidos, segundo sua ordem, com *Te Deum laudamus*, entraraõ nella, e assi foy consagrada, e instituida à honra, e louvor da Virgem Maria, celebrando loguo em ella hos officios Divinos nomeando-a por Sée Cathredal, se aho Santo Padre aprouesse. Feyto esto man-

dou ElRey loguo chamar Mossen Guilhem de lógua espada, Childe Rolim, e D. Liberche, e D. Ligell, e outros Capitães, grãdes, que eraõ na companhia dos Estrangeyros, e dicelhes. *Amiguos bem sabeis como concertamos se nos Deos desse ha Cidade q̄ ha partiſſemos por meyo, e pois ha elle por sua piedade aprouve de ha tomarmos, muitos louvores, e graças lhe sejaõ dadas, vós escolhey, e tomay Cavalleyros, e eu darey outros que vaõ partir ha Cidade, e assi todalas cousas que dentro, e fóra della ouver, e forem achadas.*

Vendo esto aquelles Capitães, e gentes Estrangeyras tiveram ha grande bem ho que ElRey dizia, e responderaõ-lhe que averiaõ sobre ello concelho, e lhe tornariam reposta. Ho concelho, e determinação delles foy, que pois partiraõ de suas terras, e foram ally vindos, sôo com tenção de servir ha Deos, nem fora outro nhum seu proposito, e vontade, nom queriaõ aver Cidades, nem terras, nem outras riquezas, quanto mais nom lhes parecendo cousa conveniente que tal Cidade fosse partida, nem manteuda cõ ElRey de por meyo em sua terra, que abastava para elles leyxarem-na em poder de Christãos como fora seu dezejo, e assi se foraõ ha ElRey, e lho dice-raõ muy francamente, ho que lhes elle muito agradeceo, offerecendo-se, que se alguns delles, e de suas gentes quizessem fiquar em sua terra, elle lhe daria lugares

para povoarem, e viverem em elles izentamēte, e às suas vontades. Depois deste partito El Rey grandemente com hos Capitães, e gentes que quizeram tornar para suas terras, e allí se expedirão d'elle com muita sua graça, e hos que ficãrão para morarem na terra escolherão para sua povoação vivenda ha Atouguia, e Lourinhãa, e Arruda, e Villa-verde, e Villa-franqua, que primeyro foy chamada Corna-gua, porque aquelles que ha povoaram erão Ingrezes de Cornualba, e chamaraõ-na do nome de sua terra, e povoaram tambem ha Azambuja, e pozeraõ-lhe este nome, porque estava ally hum grande Azambujeyro, e hos Ingrezes por em sua lingua fazerem do masculino, femenino, chamaraõ-lhe Azambuja. E segundo memoria dos edificadores daquelle lugar, o senhor daquelles que ha povoaram havia nome Rolim, nom que por effo fosse Childe Rolim, ho que em cima dicemos ser hum dos grandes senhores que naquella frota vinha, ho qual nome he de cuydar que ficasse em Portugal para povoar terra de novo, avendo tantas Villas, e luguares povoados, de que mais com rezaõ se devera partir com elle ficando na terra, mas he bem de crer, que fosse outro algũ Capitão Fidalgo seu parente, com q̃ folguassem de ficar, e seguir alguma daquella gente, segundo que desentam, e hoje em dia seus successores, bem

mostrãrão sua cavallaria, e fidalguia com muita honra, e serviços feytos a hos Reys, e Reyno de Portugal, e outros alguns destas gentes povoaraõ Almada, e pela nomeação deste nome se mostra que foraõ muitos ha povoalla, e fazella, ou por trabalho de suas pessoas, ou por contribuirem dinheyros para effo, porque ho proprio nome seu em linguaagem Ingreza he, vimadel, que quer dizer em Portuguez: *todos ha fazemos*, e depois por tempo, que todalas cousas muda, corrompendo-se ho nome, lhe chamãrão Almadam, ho que ainda vay teer ha Almadee, que soa em Ingrez, todo feyto, mas leyxaremos aqui hum pouco de profeguir ha Estoria por contarmos de alguns milagres, que ha N. Senhor aprouve de fazer por alguns Martyres, que no cerquo, e entrada de Lisboa morreraõ, em especial de hum Cavalleyro Almadão por nome Anrique, sendo muita razaõ, que hos Justos sejam como diz ha sagrada Escritura em memoria eterna, e de sua gloria por Deos manifestada, se faça louvada menção, pois se faz de seus temporaes feytos, cujos merecimentos por muito que nelte mundo mereçamos, nom chegua à gloria, e louvor do premio, que no outro ante Deos se alcança.

CAPITULO XXXII.

Dos milagres que Deos mostrou pelo Cavalleyro Anrique Alemaão que morreo quando ha Cidade de Lisboa foy entrada.

A Cima se dice, como durando ho cerco de Lisboa soterraram hos mortos naquellas duas Egrejas, que nos reaes se fizeram para esto, e tomando-se ha Cidade aconteeceo dos que na entrada soterraram na Egreja que ora hee; chamada S. Vicente de Fóra, hum nobre, e valente Cavalleyro Alemaão chamado Anrique, compri-do de bons, e virtuosos costumes, foy morto naquelle combate peleyjando muy esforçadamente, e sendo assi enterrado naquelle lugar N. Senhor em cujos olhos hee muy preciosa ha morte dos seus Santos, e Bemaventurados aquelles, segundo elle dice, q̃ no amor de Deos, quanto mais hos que por seu amor morrem, fazia por este Cavalleyro Anrique muitos milagres de que alguns sómente por mostra brevemente diremos.

Vinhaõ na frota daquellas gentes Estrangeyras dous homens surdos, e mudos de leu nascimento, e hindo hum dia à sepultura daquelle Cavalleyro deytaraõ-se apar del-le com grande devaçãõ, pedindo em suas vontades, que por seus me-

recimentos lhes empetrasse do Senhor Deos piedade, e misericordia para sua enfermidade, elles jazendo assi adormeceram ambos, e appareceu-lhes loguo em sonhos ho Cavalleyro Anrique vestido em trajos de Romeyro, trazendo na mão hum bordão de palma, e falou àquelles mancebos, dizendo-lhe: *Alevantayvos folguay, e avey prazer, e hy ouvi, e falay, que pelos merecimentos meus, e destes Martyres, que aqui jazemos, ganhastes do Senhor Deos graça, aquai hee com vosquo.* E dito esto desapareceo, e elles entam acordarão, e achando-se saãos de todo, ouvindo, e falando milagrosamente, e assi em voz, e linguoagem clara, começarão ha contar ha todo ho povo ho milagre que Deos em elles fizera pelos merecimentos deste Cavalleyro.

E ElRey D. Affonso, e todos hos que hy estavam davão muitas graças, e louvores aho Senhor Deos, que taes maravilhas obra, como diz ho Profeta, por honrar, e exaltar hos seus Santos, e amigos. Era este Cavalleyro Anrique natural de huma Villa que se chama Bom composta na ribeyra de Reyna quatro leguoas acima de Colonha, na qual eu fuy, e estive dessas vezes, que àquellas partes fuy enviado por Embayxador vendo-a sempre com muita affeyção, e saudosa lembrança deste Santo Cavalleyro Anrique.

CAPITULO XXXIII.

Como ho Cavalleyro Anrique appareceo em sonhos ha hum homem bom, mādando-lhe q̄ soterrase hum seu Escudeyro apar delle, que na entrada de Lisboa muito ferido morrera.

LOguo ha poucos dias, que esto aconteceo veyo ha morrer hum Escudeyro deste Cavalleyro Anrique de grandes feridas, que tambem ouve na entrada da Cidade, e enterraraõ-no na mesma Egreja donde jazia seu senhor, e sendo ally soterrado, appareceo de noyte ho Cavalleyro Anrique a hum homem muito velho, que servia aquella Egreja e avia nome Anrique como elle, dizendolhe: *Levantate, e vay aho lugar onde hos Christãos enterraraõ ho meu Escudeyro alonguado de mim, toma ho seu corpo, e vem enterrallo aqui junto comigo, porque quem me seguio, e se ajuntou comigo na morte, nom deve ser apartado na sepultura.* Do que aquella homem bom nada curou, e vindolhe outro tal segũdo aparecimento, e amoestação tam pouquo curou desso, como da primeyra, entam lhe appareceo ha terceyra vez ho Cavalleyro Anrique muy irado, e com sembran-te bravo, e queyxoso ameaçando-o com palavras de grande medo, se

loguo nom fosse comprir ho que por tantas vezes lhe dicera, pelo qual aquella bom velho cheyo de temor se levantou loguo de noyte, e foy com candeyas à sepultura onde jazia ho Escudeyro, e desenterrou-o trazendo-o elle por sy sóo e lhe fez huma cova ha melhor que pode apar do Cavalleyro Anrique onde ho enterrou, e quando veyo pela menhãa, achouse ho velho tam saõ, e sem cançasso do trabalho da noyte passado, sendo impossivel por sua muy cançada idade podelo fazer, como se jouvera em sua cama folguando sem fazer nada, e contando aho outro dia todo assi como lhe acontecera, ahos Prelados, e ha todo ho povo deram todos muitos louvores ha N. Senhor:

CAPITULO XXXIV.

Da palmeyra que naceo na cova do Cavalleyro Anrique, e dos milagres que Deos por elle fazia.

QUerendo ainda ho Senhor Deos segundo ha grande avondança de sua infinda beneficencia, mostrar por mais maravilhas quanto lhe tinha aprazido, ho serviço deste Cavalleyro Anrique, appareceo à cabeceyra de sua sepultura huma palma semelhante àquella que trazem os Romeyros de Jerusalem em suas mãos, assi começ

começou, em verdecer, e deytar folhas, e crescer sobre ha terra, em sua altura juxta, ElRey, e todos vendo tam grande, e famofo milagre, louvaraõ muito ha Deos, e quantos enfermos ally vinham tomar palma, e deytavão aho colo loguo eram saãos ha essa hora, de qualquer enfermidade que tivessem, e outros ha tomavão, e tostavão, e depois de moida bebiaõ della aquelle póo, e allí mesmo se achavão loguo saãos das dores que tinham, e tanta foy ha continuação da muita gente que vinha tomar daquella palma, q̃ a pouquo tempo nom ficou nada della sobre ha terra, atée por nom porem boa guarda nella, vierão algũs de noyte, e ha arrancarão de todo, levando ho que ficava sobre ha terra. Por estes milagres, e outros que N. Senhor aprouve de fazer pelos seus Santos Martyres, q̃ ally morreraõ, tinha ElRey nelles muy grãde devação, que se sentia em sy algum abalamento de doença deytava-se em oração sobre seus jaziguos, e achava-se loguo remediado.

CAPITULO XXXV.

De como ElRey D. Affonso Anriques ordenou de fazer Lisboa Bispado, e quem foy ho primeyro Bispo della.

PAssado allí todo esto fez ElRey juntar toda sua gente que

com elle era, e dicelhe: *Amiguos meus eu atéeguora como vistes depois de tomada esta terra, e Cidade, me ocupey em ordenar, e distribuir hos bens temporaes della, hos quaes muitas vezes tem rezaõ, nom em dignidade, nem em preyminencia, mas em ordem para se haver primeyro de entender nelles, que nos espirituas para que Deos seja assimais ordenadamente servido, segundo requiere ha orde, e maneyra das cousas deste mundo, e ha fraqueza da condiçãõ humana sem ho temporal nom pôde vaguar no espiritual, aguora he muita rezaõ que nom tardemos mais de entender no Espiritual, ordenemos, e elejamos quem nesta Cidade seja Bispo, e Pastor de nossas Almas, e regedor da Egreja Cathedral.* Louvarão todos ho que ElRey dizia, e entam foy eleyto hum homem virtuoso, que ally era, chamado Gilberto, de muito boa vida, e costumes, e leterado em Degredos, e ha poz esto mandou ElRey loguo notificar aho Papa cumpridamente ho cerquo, e tomada de Lisboa, da eleyção do Bispo, que por serviço de Deos novamente fizera pedindo ha Sua Santidade, ho quizesse confirmar. Ho Papa lhe outorguou todo esto, e outras mais cousas, que lhe enviou pedir dandolhe grandes perdões, indulgencias para has Egrejas que tinha feytas. Tanto que este recado veyo de Roma chamou ElRey ho Bispo Gilberto, e dicelhe: *Bispo estas duas Egrejas, foraõ aqui edificadas como*

como sabeis, tẽdo nõs ainda esta Cida-
de cerquada para se nellas enterra-
rem hos q̃ morriaõ, pois ha N. Senhor
aprouve de vermolõ, e podermolõ fa-
zer, eu quero dotalas começando pri-
meyro no Moesteyro de S. Vicente de
Fóra. E entam ho dotou de mui-
tas posseções, porque entendeo q̃
poderiaõ bem, e sem minguaõ vi-
ver, hos que em elle ouvessem de
servir ha Deos, e para hos Povos
terem mais azo, e devaçam de aju-
dar, e fazer ho Moesteyro poz em
elle grandes indulgencias, que lhe
ho Papa mandou, e assi tambem
na Igreja de Santa Maria dos Mar-
tires.

CAPITULO XXXVI.

*De como El Rey D. Affonso An-
riques ordenou Prior no Mo-
esteyro de S. Vicente de Fò-
ra, e quem foy primeyro
Prior delle, e de que
Ordem.*

E Depois desto consirando El-
Rey como ho seu Moesteyro
de S. Vicente de Fóra ouvesse de
ser millhor servido prepoz de poer
em elle Capellães Cleriguos onest-
tos, e estando neste seu preposito;
aconteceo chegar ha Lisboa hum
Frade Flamenguo de boa, e onest-
ta vida, chamado Gualterio, e com
elle quatro Frades seus cõpanhey-
ros, que vinham ha busquar onde
fizessen hum Moesteyro da Or-

dem de que elles eraõ, para nelle vi-
verem. El Rey sabido de sua vida,
e preposito folgou muito, e man-
dou por elle dizendo-lhe como
edificara aquelle Moesteyro de S.
Vicente, roguandolhe que elle, e
seus companheyros quizessem nel-
le viver, e estar por ser caza para
ello muy conveniente, e para Deos
hy delle ser servido, aprouve mui-
to dello ha Gualterio, e ha seus
companheyros, e foraõ-se loguo
para ho Moesteyro.

Queria muito este Prior Gual-
terio, que ho Moesteyro fosse cha-
mado da Ordem que elle era, e
que El Rey no Moesteyro nom ti-
vesse nhum especial poder, ho que
nom querendo El Rey consentir,
se partio Gualterio com hos seus
companheyros para onde vieraõ.
El Rey fez entam Prior hum Co-
neguo Estrangeyro, q̃ avia nome
Damer, ho qual ha cabo de pou-
quos annos se foy tambem para
sua terra, por onde parecendo ha
El Rey que Religiosos assi vagua-
nãos, e fóra de Superior por muita
devoçãõ que traguaõ, e presumaõ
nom haõ graça para durar à ordẽ,
e serviço de Deos determinou de
mandar aho Moesteyro do Banho
que he da Ordem dos das sobre-
pelizes por hum Coneguo q̃ cha-
mavão Guodinos, q̃ fosse ho Prior
do Moesteyro, ho qual sendo assi
Prior por suas virtudes foy eleyto
por Bispo de Lameguo, e El Rey
entam mandou por outro Cone-
guo ha esse mesmo Moesteyro do
Banho

Banho, que avia nome D. Mendo, e avendo oytto annos q̄ era Prior, se veyo ha finir; e ha poz este ouve outro Prior, que chamavaõ D. Payo, e foy ho derradeyro Prior que em S. Vicente ouve em tempo del Rey D. Affonso, e posto que estas cousas que dicemos fossem feytas por espaço de tempos, em vida del Rey D. Affonso. Nós contamolas aqui juntas por pertencerem à tomada de Lisboa. Ora adiante diremos outras cousas que se fizeraõ loguo seguintes à sua tomada.

CAPITULO XXXVII.

Dos Luguares que El Rey D. Affonso Anriques depois tomou na Estramadura, e Alem do Tejo.

DEpois de El Rey D. Affonso Anriques ter tomado Lisboa como se já dice, loguo naquelle anno seguinte andando ha era de N. Senhor em mil e cento e quorenta, e oytto annos, foy El Rey sobre Alanquer, e Obidos, e Torres vedras, e sobre outros Castellos da Estremadura, que ainda eraõ de Mouros durando em hos tomar seis annos, e depois que hos reve assentados, e assi toda ha terra da Estremadura, ajuntou todas suas gentes, e passouse ha Alemtejo, onde fez grande destruição em hos Mouros tomandolhes Alca-

cere, Evora, Elvas, Moura, e Serpa, e outros luguares atée chegar ha Beja, ho qual tendoa cerquada entrou grande poder de Mouros pela Comarqua da Beyra ha fim de retraher, e fazer cellar ho dano que El Rey em elles fazia em Alemtejo, e cerquaraõ Tranquozo, e depois de combatiõ tomado por força destruirãõ ho lugar, e leyxaraõ-no, matãdo muiitos Chritãos, e levando muiitos delles cativos.

El Rey D. Affonso posto que lhe estas novas cheguassem, nem se quiz levantar do cerquo, que tinha sobre Beja, antes ha combateo, antam fortemente com engenhos, e artilharias, atée que ha tomou por força, e pelo despeyto que tinha do mal que hos Mouros fizeram em Tranquozo, todos hos Mouros de Beja andaraõ à espada, ficando muy poucos vivos. Foy Beja tomada na era do Senhor de mil cento e cinquenta e cinco annos. Feyta assi esta destruição nos Mouros, e avidas estas vitorias nas terras Dalentejo, leyxou El Rey Beja, e todos los outros Luguares, muy bastecidos, e providos de Cavalleyros, e gente que hos muy bem podessem defender, e guardar, e tornou-se para Coimbra com muita honra, e grande prazer, pelas merces, e grandes vencimentos, que lhe N. Senhor Deos contra Mouros deraa.

CAPITULO XXXVIII.

1165.

Das filhos que ElRey D. Affonso ouve, e como cazou sua filha Dona Mofalda.

Tanto que ElRey D. Affonso chegou ha Coimbra lhe foy loguo commettido cazamento para sua filha Dona Mofalda, elle teve tres filhas, e hum sóo filho, ho filho ouve nome D. Sancho, que erdou ho Reyno por falecimen- to de seu pay, e em sendo Ifante foy sempre muy bom e esforçado Cavalleyro, e valente, e depois que Reynou, nom menos boom, virtuoso, e esforçado Rey, fazendo muitas cavallarias, e accrescen- tando seu Reyno como em seu lugar contaremos, e ha primeyra filha ouve por nome Dona Mofalda, que foy cazada com D. Rey- mondo, filho do Conde D. Rey- mondo de Barcelona, e ha outra chamada Dona Urraqua, cazou có ElRey D. Fernando de Liam; ha terceyra filha ouve nome Dona Tareja. Esta foy cazada có D. Felipe Conde de Frandes, e sendo assi commettido ha ElRey D. Affonso ho dito cazamento para sua filha Dona Mofalda, ha vieram ha concertar, que ho Conde D. Rey- mondo de Barcelona viesse à Ci- dade de Tuye, que era delRey D. Affonso, e ally fizessẽ vistas an- tre sy sobre este cazamento. Entam

le partio ElRey para láa com mu- tos Senhores lrelados, e Cavalley- ros, levando consigo ha Rainha sua mulher, e tuas filhas. Chegua- ram ha Tuye dez dias andados do mez de Janeyro; dahi ha oyro dias chegou ho Conde D. Reymon- do, fezlhe ElRey dar bayrro, e pouzadas grandes, e boas para elle, e toda sua gente, que com elle vinha ha qual era muita, e muy luzida, vindo ho Conde, ElRey sahio-ho ha receber acompanhado de honrados lrelados, e outros Grandes do Reyno, e Cavalleyros muy principaes; hiam com elle D. Joam Arcebispo de Bragua, D. Mendo Bispo de Lameguo, D. Izidoro Bispo de Tuye, D. Pedro Conde das Asturias, ho Conde D. Ramiro, e ho Conde D. Valquo, D. Guonçalo de Souza, D. Pedro Paes seu Alferes, e outros muitos riquos homens, e Cavalleyros com muita gente. Quando ho Conde chegou veyo ElRey para elle, e ho recebeu com muita honra, e gua- zalhado, trazendo ho consigo a- tée ho Paço, ally descavalguáram, e se foram loguo para onde esta- va ha Rainha, e has Ifantes, e ho Conde esto mesmo fez grande reverencia à Rainha, e suas fi- lhas, de que foy muy bem recebi- do, e depois de fallarem ally hum pouquo tomou ElRey ho Conde, e levou-ho para onde aviam de comer.

Aquelle dia comeo ho Conde com ElRey em sala, elle, e todos
hos

hos que com elles vinham, e affi ha Rainha, e has Infantes com suas Donas, e Donzelas, e deique acabaram de comer, vieram Jograens, e tangedores, e foram grandes danças. Isto acabado, avendo-se ho Conde de hir colher ha suas pouzadas se quizera ally despedir del Rey, e elle nom quiz, se nom que se despedice sóo da Rainha, e suas filhas, e foy-se com elle atée porta do Paço onde avia de cavalgar, e El Rey tinha jáa ahy cavallo para hir com ho Conde; mas ho Conde nom ho quiz consentir em nhuma maneira, ficou entam El Rey, e todos hos outros Senhores, e Cavalleyros da Corte, se foram com ho Conde atée sua pouzada, El Rey mandou ha todos seus Officias, q dessem todas has coasas sem dinheyro, que ho Conde ouvesse mister, em quanto hy estivesse, e des aquelle dia em diante, começaram ha falar no trato do casamento da Infante, e do filho do Conde, estiveram em ho concertar atée dous dias por andar de Janeyro em que se fez ho casamento; no qual dia sendo hy juntos muitos Senhores, e Prelados, e Cavalleyros de huma parte, e da outra, foy lida á Rainha, e Infantes huma Procuraçam de D. Reymondo filho do dito Conde porque dava poder ha seu Pay, que em seu nome podesse receber com elle ha Infante D. Mofalda filha del Rey D. Affonso. E vista ha Procuraçam,

El Rey tomou sua filha, e trouxe a ante ho Arcebispo de Bragua, ho qual tomou ho Conde pela mam, e affi ha Infante, e entao hos recebeu, elle como Procurador de seu filho, e ella por sy, como manda ha Santa Madre Egreja de Roma, e esto feito, entreguou El Rey sua filha aho Conde, que ha levasse consigo atée onde ouvessem de ser feitas has vodas, e ho Arcebispo de Bragua, e D. Martim Moniz, e affi Donas, e Donzelas foram em sua companhia della. Deu El Rey ricas joyas aho Conde, e zhos seus fez merces de modo que elle, e todos hos que com elle vinham partiram muy contentes del Rey. Partio-se affi ho Conde, levando ha Infante consigo, e elle partido, El Rey se tornou para Coimbra com toda sua gente, e Corte.

CAPITULO XXXIX.

*Como El Rey D. Affonso tomou
Cezimbra, e Palmela, e peleyjou,
e venceo El Rey Moura de
Badalhouse com muita
Mourama.*

Sempre despois deste casamento El Rey D. Affonso esteve, e andou por aquelles luguares, que guanhára ahos Mouros, provendo-os das couzas, que lhe compriam para sua defençam, como fossem guovernados em justiça,

1165. e estando assi em Alcacer na era do Senhor de mil e cento e sessenta e cinco annos avendo jáa ElRey setenta e hum de sua idade, veyo recado como Cezimbra estava minguoada de gente, q ha tomaria se fosse sobre ella. Ha esta nova partio loguo ElRey de Alcacer com toda sua gente, e foy-a combater com tanta affronta, que ainda que ha Villa, e Castello eram muy fortes, filhou-a por força, e desque teve ha Villa soceguada, e posto nella quem a guardasse, determinou de hir ver Palmella, e ho acento, e fortaleza della, levando consigo, sessenta bons Cavalleyros, e alguma gente de pé, e besteiros, e chegando ha Palmella, e estando vendo-a, asomou ElRey de Badalhouse com muita Mourama das frontarias daredor, em que avia quootro mil homens de cavallo, e sessenta mil de pé, e vinhaõ aho longuo sem ordem ha gram pressa para soccorrer Cezimbra, descuidados de verem, nem acharem ally Christãos. Tevesse ElRey traz hum cabeça, e vendo hos que eram com elle tanta gente, começaram de aver grande receyo, e todos aconselhavam ElRey, que se acolhesse ha seu arayal ho millhor que podesse, e delles diziam, que se puzesse em huma alta ferra, que por hy vay, que se chama ha ferra Dazeitam, e tomassem em ella algum luguar forte para se deffenderem, atée hir recado ahos do arrayal.

ElRey com quanto vio ho medo, e receyo dos seus pela grande multidam dos Mouros; porêm esforçando-se no poderio de Deos, ser mayor que ho dos homens, no qual elle sempre esperando se achava vencedor, fallou ahos seus em esta maneira: *Que esmayo he este annuos, ou que nova desconfiança do Senhor Deos, nem que vedes vós aguora de novo, para tanta torvaçam, estes muitos, que vedes sam hos que vós muito menos, dos que ora soes, sempre vencestes, para effo ganhamos nós peleijando, e vencendo, à sinquenta annos, tanto merecimento, e honra ante Deos, e ho Mundo, para todo em huma sóo hora, fugindo perdermos, certo que ouvindo-vos, ho que ouço, se vos ha todos nom conhecera, podera mal cuiidar, serdes hos que comiguo vencestes muitos mais, que estes inimigos no campo Dourique, e em outros lugares, nom ponhaes ante vós meus amigos, quantos mais sam, que nós, mas quanto no poder, e querer de Deos, por quem peleyjamos, sam muito menos que nós, ho medo, em que hos Deos jáa poz para nós mayormente se dermos nelles de sobresalto, far'da que lhes pareçamos muitos mais do que somos, e elles assimesmos, menos muito, do que sam, e tendo nos Deos tantas vezes mostrado esta verdade, podeis ainda cuiidar em nos devermos de retraher, nem fugir, Deos por nós sempre contra elles em honra, e vencimento, e nos queremos ora poer em des-honra,*

bonra, e nossos inimigos em gloria, e esforço contra nós. Ora avey Cavalleyros, que mingua de fée, mingua de crença, nos encurta ho esforço, mal concorda no coração de Christam esmayo com ardidez, mal no Christam desconfiança com fée, que inda q̄ pouquos sejamos, tambem de muitos, pouquo sam hos q̄ pelexjam, nom tem hoje estes nossos inimigos em seus corações, consa mais certa que topando-se no campo com vosquo, e coniguo, averem-se loguo por vencidos. tanto que nos virem nom ficara destroço, nem mortos, nem vencimentos passados, quantos contra elles ouvemos, que como presentes ante sy nom ponham, este de agnorra, que com ha graça de Deos averemos. Pelo qual meus bons Cavalleyros, nom vos venham por sentido medos, de que nosso Senhor Deos sempre livrou, e mostrou ho contrario, e pois por tantas, e tam milagrosas vitorias, que sobre nosso poder, por sua piedade nos deu, temos tam sabido nada ser ha elle impossivel, nom devemos nada temer, vamos loguo com sua graça, que nos sempre acompanha ferir nos inimigos. Eu quero hoje ser vosso pendaõ, e ver se me quereis seguir, e guardar como sempre fizestes, que pois Deos ordenou para mostrar mais seu grande poder, que com tam pouquos me aqui acertasse, eu determino por seu serviço, hoje neste dia, de vencedor, ou de morto me nom partir do campo.

Desque ElRey acabou de falar, vendo hos seus em elle tam

grande confiança, e determinação, todos muy esforçados com suas palavras, e esforço, disseram, que por muito mais dezigual, que ho cazo fosse, delles ahos Mouros, pois elle seu corpo detremtava poer ha tal feito, elles lhes nom falleriam, e ho segueriam como sempre fizeram, dizendo que dessem loguo nelles. Vinham jáa pello infesto assima, ha cerqua, e nom aviam mais que tardar. Abalou entam ElRey á pressia com grande coração, e esforço, e todos com elle, em se mostrando fez dar às trombetas, e foram ferir nos primeiros tam rijamente, q̄ loguo muitos delles foram derribados, antre mortos, e feridos. Hos Mouros achâdo-se saltados, e conhecendo, que aquelle era ElRey D. Affonso, que tanto temiam, figurandose-lhe, que seria muita mais gente, foy ho medo em elles tam grande, que começaram loguo ha fugir, parecendo ahos trazeiros, que hos seus mesmos, que voltavam fugindo, eram inimigos, como soe ha fazer gente de medo cortada, e assi correndo ho desmayos por elle, se puzeram todos em desbarate. Alguns contam, que se guardou ElRey para de madrugada dar nelles, onde foram vistos pouzar, por ser ora, e tempo azado, para mais desmayo, e desbarato dos Mouros, e assi ho fez, e hos desbaratou. Como quer, que fosse feito, foy em que entrou saber de Cavallaria,

ria, com grande coração, e esforço ajudado por nosso Senhor, por cujo serviço se aventurava. Seguiu ElRey apoz hos Mouros matando, e ferindo, e cativando muitos no alcance tomádo-lhes ha carriage, e despojos grandes, de quanto traziam. Tanto que ho desbarato foy acabado, mandou ElRey dous Cavalleyros ha grande pressa ha Cezimbra ha suas gentes, q' láa fiquaram, q' loguo fossem todos com elle, e foram aho outro dia todos hy juntos, muito ledos, pela boa andança, que Deos dera ha ElRey, e nom menos tristes, por se nom acertarem com elie na batalha. Tanto que hos de Palmella viram ho desbarato dos seus Mouros, e hos Christãos juntos contra sy, tendo perdida ha esperança do socorro, preitejaram-se cõ ElRey, que hos leixasse sahir em salvo, e lhes dariam ha Villa, e ha ElRey aprouve dello, e assi ouve ha Villa de Palmella.

CAPITULO XL.

Do desvairo, que sobreveyo entre ElRey D. Affonso Anriques e ElRey D. Fernando de Liam seu genro, e como se quebrou ha perna ha ElRey D. Affonso, e foy prezo delRey D. Fernando, por caso da perna quebrada.

Sendo ElRey D. Fernando de Liam cazado cõ Dona Urra-

qua, filha delRey D. Affonso Anriques como acima dissemos, veyo ha deixala, e apartarse della por mandado do Papa, por serem parentes muy cheguados, e cazarem sem dispensaçam, mas ho modo como este apartamento foy feito, nem ho que se fez desta Rainha Dona Urraqua nõ achamos escrito, salvo, que ouve della hum filho chamado D. Affonso, que depois da morte de seu pay foy Rey de Liam. Tomando ElRey D. Affonso deste feito grande pezar, pôs em sua vontade de hir cerquar Badalhouse, que estava em poder de Mouros, por ser da Conquista delRey D. Fernando de Liam, e ajuntando suas gentes para eslo foy poer cerquo sobre ha Villa, estragando-lhe pães, e vinhas, e fazendo lhe tanto dano, e apresso, que veyo ha tomala. Como quer que hos Mouros, se muy bem defendessem, ElRey D. Fernando quando soube, que ElRey D. Affonso de Portugal tomara Badalhouse, envioulhe ha dizer por seus Menssageiros, que lha leixasse, pois sabia, que era sua, e de seu Reyno, e ElRey D. Affonso lhe respondeo, que lha nam avia de leixar, e entam ho dezafiaram sobre esto, pelo qual ElRey D. Fernando de Liam, ajuntou loguo seu poder, e veyo contra ElRey ha Badalhouse, e vinha com elle D. Dioguo ho bõ senhor de Bisquaya, cõ cuja irmãa chamada Dona Urraqua Lopes filha do Cõde de Navarra,

varra , foy depois cazado este Rey D. Fernando. Vinha tambem D. Fernando Rodriguez de Castro , lendo entã ambos vailallos deste Rey D. Fernando de Liam , deza- vindos del Rey de Castella , e vin- do jáa acerqua differam ha El- Rey D. Affonso.

Senhor, aqui hee El Rey D. Fer- nando , e toda sua oste. Pois assi hee , dice El Rey: Armemonos, e sayamos ha elle aho campo , que pois nos vem busquar , bem he que nos achem láa fóra em campo com figuo. Entã se armãram todos , e sahiram fóra da Villa, e nisto diceram ha El Rey D. Affonso como hos seus se embara- çavam jáa có D. Dioguo ho bom, e com D. Fernando Rodriguez de Castro , que vinham na dianteyra muy bons Cavalleyros , e El Rey com este recado abalou rijo aca- vallo, correndo por sahir fóra da Villa ha chegar ahos seus , e acõ- teceo , que ho cabo do forrolho nom fiquãra bê colhido aho abrir das portas , e ho cavallo , assi co- mo hia correndo topou nelle com huma ilhargua de guiza , que se fe- rio muito , e quebrou ha perna, esquerda del Rey, ho qual nom ley- xou por ello de chegar ahos seus ha ajudalos, e nisto ho cavallo que hia ferido , nom podendo mais so- frer se cahio com El Rey em hum sental , sobre ha mesma perna , e acabou-se de quebrar de todo , de modo que hos seus , nom poderaõ mais levantalo, nem poer ha caval- lo, e entã Fernãõ Rodriguez Caf-

telhano , que ho vio cair , foy di- zer ha El Rey D. Fernando: *Senhor ha ly jáa El Rey D. Affonso com hu- ma perna quebrada, hy prendelo, que mais sem trabalho volo deu Deos nas mãos do que eu cuidava.*

Cheguou entã El Rey D. Fer- nãdo onde El Rey jazia , e por hos seus , q ho viram cair , e se acertã- ram serem poucos , e hos imi- guos muitos , ouve de ser tomado, e prezo com esles que hy eram com elle ; nam se podendo valer , nem ser valido , e com hos outros seus , que se colhiam á Villa , en- trãram hos del Rey D. Fernando de mistura , e devulguando se jáa ho dezaftre del Rey D. Affonso , foy ha Villa nessa hora tomada, se- gundo loguo tudo talece , como falece ho Capitã Levou assi El- Rey D. Fernando com figuo , ha El Rey D. Affonso para ha Villa , e tezlhe muy bê pençar da perna, em quãto ho teve em poder assen- tãdo-o sempre apaar de sy, fazen- do-lhe muita honra ; despois veyo apreytejar com elle , que lhe desle ha terra da Corunha , que hee do Minho , atè ho Castello da Lo- beyra , huma leguaõ além de pon- te Vedra , e porfima pelos chãos de Castella , aquella terra , que de- ram ó Conde D. Anrique seu pay, como no começo da Estoria se di- ce , fazendo-lhe tambem mena- gem , que tanto que em besta ca- valguase se tornasse ha sua prizã , El Rey D. Affonso nem podendo al fazer dice , que lhe prazia.

Despois de entregar ha terra, e Fortalezas, e fazer ha dita menagem, El Rey D. Fernando ho soltou, e elle tornou para seu Reyno, e sendo muy bem saõ da perna, nunca mais quiz cavalgar em besta, por non tornar ha menagem, antes sempre depois andou em carro, como soyam andar hos Reys antiguamente, e loguo no 1166. anno seguinte de mil e cento e sessenta e leis annos dia Dassenção, em Coimbra fez El Rey como muy prudente, e discreto que era, fazer todos hos Grandes, e Cõselhos do Reyno todo menagem ha seu filho ho Ifante D. Sancho, e este seu quebramento de perna, foy sempre atribuido aho que sua mãy lhe roguou, quando ha poz em prizaõ, segundo atraz nesta Estõria se contem.

CAPITULO XLI.

Em que fala, e amoesa Duarte Gualvaõ Autor, quãto se devem escuzar has maldições dos pays, e mãys ahos filhos.

HO pezar que me faz, e ha tã dos farãa vendo este dezastre del Rey D. Affonso Anriques, me faz falar contra has maldições dos pays, e mãys, que ameude se lançaõ com pouquo tento, e resguardo devendo-se escuzar com muito, vendo, e sabendo todos;

que com nome de filhos nos reconciliou Deos para sy, e com nome de Pay nosso, mandou que ho adorassemos, cõ ho nome em que se conclue, e encerra ha mayor obriguação, e ajuntamento de reverencia, e amor que póde aver antre nós, nem de nós para elle, por onde hos filhos devem muito fazer por acatar sempre seus pays, e mãys, segundo por Deos lhe hee distintamente mandada escuzar de hos provoquar ha semillhantes maldições, antes recealas muito, e temellas, por injustas que sejaõ, como se diz das excommunhões, que desprezando-as averãõ por ventura lugar de obrar, como justas, e ajuntadas com outros males de que mal peccado andamos acompanhados descote, e ante Deos desmerecemos, porque tanto quiz Deos, que se guarde, e acate, ha ordem que neste mundo ordenou, que elle mesmo sendo sem peccado justo Julgador, soffreo ser injustamente julgado, por injustos, e perversos julgadores, por terem na terra ho cargo, e presidencias por elle ordenadas, ho que tanto mais devem hos filhos acatar, e soffrer ha seus pays, e mãys, quanto ha ley de justiça, e ordenança de Deos, lho devem ainda por grande obriguação de natural reverencia, e amor.

E hos pays muito mais de seu cabo devem ha meu juizo escuzar semillhantes maldições, quanto mais idade, e entender tem, concirando

rando que são homens, e pays de homens, e que elles poderiam jáa fazer outro tanto ha seus pays, e mãys, mayormente que hos erros dos filhos nom podem ser tam danosos, que muito mais nom sejam has maldições dos pays, lançando-se sempre por humano defeyto da sanha vindicativa, ha qual se decegua em desenfriada ira, nom procedese, nom averia luguar contra ho sobejo amor dos pays, e mãys, sendo sempre tamanho, que quanto mais cô causa dizem aho filho. *Maa morte te mate*, vendolhe algum mal muito menos de morte se culpaõ, e mataõ por elle, e Deos manda, que das nossas injurias, e dãos, leyxemos ha vinguança ha elle. Dessas pessoas lhe devemos mais leyxar de que ahos outros devemos tomar que são pays, e filhos hos quais toda ha rezaõ obrigua, que antre si mais se comportem, e hajam em suas cousas paciencia, pois Deos que has fez ha quem se ainda mais nesso erra, haa com elles paciencia, e assi escuzaram hos filhos ha culpa tam crime como hee desobediencia ahos pays, de conhecimento tamanho para Deos como hee ahos filhos, que lhe deu, por bençam, fazerem filhos de maldiçaõ, ha qual por esto são tambem por injusta que fosse abastaria pela ventura, para fazerem por pena, e peccado do pay, penar ho filho innocente neste mundo, em que bem podemos padecer por culpas, e peccados alheys,

assi como filhos por pays, e servos por senhores; ainda que no outro non possamos, se nom pelos proprios nossos, e da verdade deste cá-lô prouvera ha Deos, q̄ tiveramos em outra parte ha prova, e exemplo mais longe, e estrangeyro, e nom del Rey D. Affonso, qu sendo tam virtuoso, e todos seus feytos; sempre com virtuosa tençaõ, e de serviço de Deos, nom leyxou maldiçain de mãy, mais madrastra que empecer ha este Rey, na pessoa, na fazenda, e na honra, ha filho tam virtuoso.

CAPITULO XLII.

Como hos Mouros vierão com Albojame Rey de Sevilha cercuar El Rey D. Affonso Anriques em Santarem, e como El Rey sayo ha peleyjar cõ elles, e hos desbaratou, e venceu.

E Stando assi El Rey D. Affonso em seu Reyno, andando em colos de homens, e outtas oras em carros como jáa em cima dicemos, veyo-se para Santarem, e correndo novas pela terra, do desfastre do britamento da perna, e da preytzia, e menajem q̄ fiquara com El Rey D. Fernando de Liaõ, por cuja causa, nom cavalguava em cavallo, nem era de sua pessoa poderoso, para fazer guerra como dan-

tes, nem suas costumadas cavallarias; tomaram hos Mouros oulardia, e esperança grande de se vingarem, e fazer grande danno ha Portugal, pelo qual Albojame Rey de Sevilha, ajuntou grande multidão de Mouros, de toda Andaluzia, e de outras partes, e atravessando todo, antre Tejo, e Odianna, matando, e estragando tudo por onde vinham, vieram cerquar Santarem, onde ElRey D. Affonso estava, destroindolhe toda ha terra de redor. Sayaõ hos Christãos às barreyras ha escaramuçar com elles, e de huma parte, e da outra morrião muitos.

ElRey D. Affonso por nom poder cavalgar ha cavallo, e sair ha elles era muy enojado em seu coração acostumado ha vencer nos campos, e cerquar, e nom ser cerquado, pelo qual determinando de sair fóra em carro, ha lhes dar batalha, alguns dos seus lho contradiceraõ, e outros diziaõ que era bem fiquar na Villa, e que elles sayriaõ apeleyjar com hos Mouros, concelhos ambos muito fóra do parecer delRey, e do seu grande animo, e por tanto lhe respondeo, e dice. *Amiguos nom cumpre aguarra ver se sayremos, ou nom, mas he tempo de tomardes tal esforço para peleyjar, que eu possa perante todos louvar hos que ho bem fizerem, e eu mesino em pessoa vos ajudarey ha esso contra hos inimigos, quanto em mim for como sempre fiz, e se pela ventura alguns tiverem receo, ho que*

nom cuydo, fiquem na Villa, e nom vaõ laa que eu nom poderey sofrer jua mais tanta vergonha. Entam acordaram que era bem, sair fóra em toda maneyra, e estando jáa prestes para hum dia certo, e corregidos como deviam de hir, e de quaes avia ElRey de ser guardado, aconteceu virem novas ha ElRey D. Affonso como ElRey D. Fernando de Liam seu genro, vinha com muita gente, ho qual por ser Rey muy virtuoso, e muy chegado ha Deos, como quer que se quitasse de sua filha, e sobrevencello pareceffe ser rezaõ estar delle quey-xoso, por buscar azo de nom cumpir ha menagent que lhe tinha feyto de tanto que cavalguasse em huma besta, acudir ha sua Corte, nom olhando nada desto, como soube, que ElRey Albojame com grande poder tinha cerquado ElRey D. Affonso em Santarem ajuntou sua gente, e partio para ho ajudar, e andando entam ha era do Senhor em mil e cento e setenta e hum annos, assi que vindo recado certo ha ElRey D. Affonso Anriques de como ElRey D. Fernando de Liam era acerqua, e que em pouquos dias seria com elle, foy em grande pensamento, cuydando que vinha contra elle por rezaõ da menagem ha que nom fora, e posto nesta duvida tanto mais, determinou de peleyjar primeyro com hos Mouros, e tambem hos Mouros de sua parte quando souberaõ de sua vinça, crendo
que

que vinha contra elles, em ajuda del Rey D. Affonso seu sogro, determinaram levantar ho cerquo, e layo entam El Rey D. Affonso ha elles, no modo que dantes tinha ordenado, e depois de muito peleyjarem fez grande mortindade nelles, e desbarato, de muytos prezos, mortos, e feridos, e grandes, e riquos despojos tomados.

Assi se foram hos Mouros des troçados fogindo quanto mais podiaõ. El Rey D. Fernando quando soube que hos Mouros eram desbaratados, e El Rey D. Affonso descerquado, nom quiz hir mais adiante, posto que perto fosse; e esteve ally quedo tres dias, enviando dizer ha El Rey D. Affonso que tomasse prazer, e nada receasse delle, que nom abalara, nem vinha ha outra cousa, se nom soo por ho descerquar, e pois hos Mouros, jáa eram ydos, que fiquasse com ha paz de Deos, e El Rey D. Affonso lhe deu por ello muitas graças, e hee que desque foy prezo na batalha, que ouve com este D. Fernando de Liaõ seu genro, nunca depois foy visto ledõ, nem aver prazer como dantes, e quando lhe lembravam has cavallarias q dantes foya fazer contra Mouros, e quam temido era delles, nom podia estar que muy enxerguadamente se nom entristecesse, mas porque deste tempo atée que ho Corpo de S. Vicente foy trazido ha Lisboa, nom achamos outra cousa que de contar seja, quere-

mos aqui dizer como, e em que modo foy aqui trazido.

CAPITULO XLIII.

Como ho Corpo de S. Vicente foy achado por hums devotos homens que lo ferão buscar.

TAa antes deste, em seu lugar contamos como El Rey D. Affonso Anriques, foy por sy com grande cuydado, e devaçam, buscar ho Corpo de S. Vicente, e nom ho pode achar avendo jáa vinte e seis annos, que ha Cidade de Lisboa era em poder de Christãos, tomada ha Moutos, fez El Rey Albojaque treguoas, com El Rey D. Affonso Anriques por cinco annos, has quaes foram feytas quatro dias do mez de Mayo era do Senhor de mil cento e setenta e

1173

ha N. Senhor que ho acharaõ, e dandolhe muitas graças, e louvores, ho tomãram com muito prazer, e devaçãõ, e puzeraõ-no dentro na barqua, e logo Deos ally mostrou por elle, hum grande milagre, que hum dos que hiaõ na barqua, em desenterrando aquelle santo Corpo, furtou hũ dos ossos, e tanto que ho tomou, ceguou logo de to to, pelo qual cortado de medo, e arrependimento, tornou apoello donde ho tomãra, e neste ponto lhe foy restituída toda sua vista, e foy saõ como dantes, e tambem se deve attribuir a hos grãdes merecimentos deste Santo Martir, que sendo sempre ho maar ally alevantado, e perigoso, e reçaça muito grande, foy visto tam chaõ, e manço fóra do acostumado aho embarquar do seu Corpo, como se fora em qualquer outro lugar, onde nunca ouvesse, nem podesse fazer ondas, e assi tornãram com muito prazer ha salvamento.

CAPITULO XLIV.

Como ho Corpo de S. Vicente foy posto na Sée de Lisboa.

Elles chegados aho porto da Cidade de Lisboa, nom quizeram logo tirar fóra ho Corpo do glorioso Martir, com receo de lho tomarem por força, e aguardando lia noyte levaraõ-no escondidamente à Igreja de Santa Jus-

ta, ho qual tendo logo sabido aho outro aia pela mennã, segundo Deos nom quer sua gloria elcondida, toda ha Cidade corria para ally, e huns diziaõ, que era bem de ho poerem em S. Vicente de Fóra, e outros, que mais rezaõ era estar na Sée, e neste debate D. Guonçalo Viegas Adiantado mór de Caval-laria del Rey, que era presente, vèdo quam errada coufa era, arguir-se mal, e arroydo sobre coufa tam santa, e devota, que mais com rezaõ deviam tolhelo, fez cessar ho alvoroço da gente, e que esperassem atée que ho El Rey soubesse, e mandasse, ho que sua merce fosse nello. D. Roberto Dayam da Sée homem onesto, e de boa vida, foy ho mais onesta, e escuzamente q̄ pode ha D. Moniz Prior da Igreja de Santa Justa, e roguoulhe muy afinquadamente, que por honrar, e obrigar ha Sée, que era ha principal, e mais dina Igreja da Cidade em que aquelle santo Corpo mais honradamente, que em outra parte podia estar, lho quizesse dar, e ha elle aprouve darlho, e entam hos da Sée, com toda outra Clerezia muy ledos, foraõ por elle, e ho levaraõ muy honradamente em procissaõ, acompanhado de toda ha gente da Cidade, dando todos muitas graças, e louvores ha N. Senhor, e assi foy trazido, e posto na Sée, onde ora jaz. Hos Coneguos de S. Vicente vieraõ logo hy ha pedir que lhe dessem das Reliquias daquelle santo Corpo,

mas nom lhe foram dadas.

Quando ElRey D. Affonso Anriques soube esto, segundo era devoto, chorou com prazer, louvando muito aho Senhor Deos, por querer em seus dias honrar seu Reyno com tam preciosas Reliquias, mandando outra vez àquelle luguar donde ho Corpo fora trazido, que vissem, e cataassem bem, se fiquara ainda làa alguma coufa delle. Foram làa, e feyta toda diligencia, acharaõ ainda hum pedaço do tecto da cabeça, e pedaços pequenos defataudados do Ataude, ho que todo trazido sem nada fiquar, pozeraõ com ho Corpo. E conta ha Estoria, que depois que este santo Corpo ally foy na Sé, ho Corvo ho qual, segundo jáa dicemos, que foy visto guardado quando foy deytado às aves, e animalias veyo sempre na barqua com elle, e ho acompanhou, e depois de posto na Sé, ho viram muitas vezes sobre ho seu Moymento, como quem ho nom queria desemparrar, e outras oras se punha sobre ho Altar mór, e allí andava voando pela Igreja, e aconteceu, que hum moço chamado Joane, que servia na Igreja deu com huma pedra ha este Corvo, e foy coufa milagrosa, que loguo ha esta ora foy tolheyto, de todos seus membros, e entram seu pay do moço quando vio tamanho pezar aho moço seu filho, lanço use em oração de noyte muito devotamente ante ho Corpo de S. Vicente, e

foy loguo ho moço saõ de todo, como dantes era; e da ly nunca mais ninguem ouzou de fazer nojo àquelle Corvo, ho qual foy hy visto por muitos tempos. ElRey mandou escrever ho dia, e era em que ho Corpo deste glorioso Martir veyo ha Lisboa, e foy ahos quinze dias do mez de Serembro da sobredita era de mil e cento e setenta e tres annos. 1173.

CAPITULO XLV.

Como ElRey D. Affonso Anriques ordenou de mandar ho Ifante D. Sancho seu filho ha Alentejo ha guerrear hos Mouros, e das rezões que lhe sobre ello dice.

DEpois que hos sinquo annos das treguoas, que ElRey D. Affonso fez com ElRey Albojaque, como acima dicemos, foram acabados, que foy na era do Senhor de mil cento e setenta e oytto annos, estando ElRey D. Affonso Anriques em Coimbra, vendo q em toda sua terra, era guerra cessada sem ter receo, salvo dantre Tejo, e Odiana, que pelo acabamento da tregua cumpria ser bem defeza, e guardada, e que além desto seria coufa honroza, se com ha defençaõ della, se azas se ganharem mais alguns Luguares ha Mouros, chamou

chamou seu filho ho Ifante D. Sancho, e perante alguns do seu Concelho lhe dice assi: *Filho tu sabes bem quanto trabalho tenho passado na guerra com hos Mouros, e pela tregua que tinha com El Rey Albojaque ja ser acabada, bey por certo que hos Mouros, nom estarão quedos, e guerrearão esses Luguares que delles guanbey em Alentejo, donde recebem, e esperam de receber muito dano, e já me foy falado, e requerido que entendesse na defença dellas, pelo qual eu cuydando como se esto milhor podia fazer de quantas cousas me vierão por sentido me pareceo, e parece milhor que tudo, que eu te mande lãa em pessoa, e esto por duas rezões, ha primeyra, porque sabes que esta meu cazo de nom poder cavalgar em besta por nom hir às Cortes del Rey D. Fernando ho que eu nom fora por cousa q̄ no mundo ouvesse, que fazendo traria ha ty, e ha mim grande perda, e ha todos hos do Reyno de Portugual; ha segunda porque prazendo aho Senhor Deos depois de meus dias, tu às de ter ho carreguo de reger, e defender este Reyno, e pois te deu Deos entender, e corpo, e manhas para ho poderes fazer, hee bem que já aguora comeces, e ho faças.*

Quando ho Ifante ouvio esto ha seu pay foy muito ledo, e bey. joulhe has mãos, dizendo: *Senhor, eu vos tenho em muy grande merce esto, que me encarreguais, e espero em ha graça do Senhor Deos com hos bõos Senhores, e Cavalleyros, de vosso*

Reyno trabalhar como seu serviço, e vossa vontade, e mandado seja cumprido; e pois Senhor se esta cousa ha de fazer seja vossa merce querer que se faça loguo; porque quanto mais cedo for tanto porey ha terra em milhor estado, e defençaõ. El Rey respondeo, que lhe prazia, que assi ho mandava poer em obra, e ordenando loguo quais, e quantos daquem do Tejo contra ho Porto fossem chamados para aver de hir com ho Ifante escrevendo que todos se juntassem em Coimbra ha certo dia; esto mesmo fizeram ordenanças, e Regimentos que ho Ifante avia de ter no feyto da guerra, que avia de começar.

CAPITULO XLVI.

Do Alardo que El Rey D. Afonso Anriques mandou fazer em Coimbra, da gente que mandava cõ ho Ifante D. Sancho seu filho, e como em partindo no meyo da Ponte se despediraõ todos del Rey.

DEs pois de vindos todos hos q̄ eram chamados aho tempo que lhes foy assinado, fez El Rey fazer Alardo no campo que se chamava Arnado, de afaas fermoza, e ataviada gente de armas; e de bésteyros, e piães, e outros todos com grande mostra de coraçãõ,

178. ção, e muy ledos para hir com ho Ifante D. Sancho ha fazerem por suas honras ho que ha cada hum convinha em tal cazo, e delque ho soldo foy paguo, e elles todos p. estes partiram de Coimbra no mez de Julho da sobtedita era. El Rey fayo de seus Paços apée, e veyo atée ponte, e ho Ifante D. Sancho, e todolos outros Grandes com elle, e ha outra gente passada da parte d'alem, e cheguando aho meyo da ponte dice ho Ifante ha El Rey: *Senhor esto he assaaz de vossa vinda, nom tome vossa merce mais trabalho, mas lançaynos vossa benção, e com ha graça de Deos eu, e estes Senhores vossos Cavalleyros, e Vassallos, que aqui estamos, iremos fazer ho que mandais, e ha elle que sempre endereçou vossos feytos, e teve em sua boa guarda apraza de nos ajudar em tal modo que vosso coração seja ledo, e descansado.* Respondeo El Rey: *Filho vós fazeis muito bem, mas crede que me hee tam grave vossa partida, e destes Vassallos meus naturaes com que soya estar, e teer continos comigo, que ainda que vós, e elles fosseis ha cavallo, e eu sempre atée, pareceme q̄ me nom enfadaia, nem cansaria tanto, que muito mais nom faça, como faz este apartamento; mas pois he forçado, peſso ha N. Senhor em cujo serviço hys vos ajude ha todos, e vos haja em sua guarda de guiza, que por vós seja sua santa Fé acrecentada, e seus inimigos lançados fóra da terra, que nossos antecessores guanbaraõ. Esto assi passa-*

do, quantos ahy estavaõ foraõ beyjar ha maõ ha El Rey, e se despediraõ delle. Ho Ifante foy ho derradeyro que se delle despedio beyjandolhe has mãos. El Rey lhe lançou sua benção, e se tornou para ha Cidade, e elles cavalguaraõ todos, e se foraõ seu caminho.

CAPITULO XLVII.

Das jornadas que ho Ifante D. Sancho fez, e como partio de Evora guerreando hos Mouros atée Sevilha, onde fez falla ahos seus ante que com hos Mouros peleyjaſse.

PArtidos dally foram aquella noyte pouzar ha Penela, e ally dice ho Ifante ha todos que lhe parecia bem, nom hirem juntos, e que para hirem mais folguados, fosse cada hum à sua vontade, por onde mais quizesse, porém que se juntassem com elle na Guoleguam. Ahos tres dias andados do dito mez de Julho, e juntos hy todos como lhes era mandado, partiram dally, e passando ho Tejo se meteram todos em ordem, como quem entrava em terra ha cada passo sospeyta de inimigos, andaram assi tanto por suas jornadas, que cheguaram ha Evora onde ho Ifante foy bem recebido dos que hy moravam, e todos hos seus que com elle hiaõ. Esteve ho Ifante em Evora alguns dias por sentir ho
que

que hos Mouros queriaõ fazer por sua viaã, e tambem por dar folguedo caminho ahos leus. Este tempo que ho Ifante hy esteve, hos Mouros nunca fizeram entrada, nem intentaraõ couza alguma, que de contar seja, pelo qual pareceo aho Ifante tempo de fazer ho porque viera. Entam mandou chamar alguns das frontarias aho redor, para hirem com elle, e que todavia, has Villas, e Luguares fiquassem bem guardadas. De nhua lhe acodiam tantos, como de Beja, ho que causou ficar ha Villa muito minguada de gente, que para sua defenõã lhe fazia mister.

1178. Ho Ifante desque teve sua gente junta, abalou de Evora oytos dias andados de Outubro da sobredita era de mil cento e setenta e oytos annos, e foy seu caminho direyto pelo Castello da Gineta, e da ly se comecaõram de estender hos corredores, e outros homens de armas guerreando hos Mouros, estraguãdolhes ha terra, e alli correo todo aquelle caminho, contra Sevilha, atêe que passou ha Serra Morena. Quando hos de Sevilha, e Andaluzia, souberaõ da vinda do Ifante D. Sancho tiveraõ-se por muy desonrados, porque depois que Espanha fora tomada, e Sevilha em poder de Mouros, nunca fora guereada de Christãos, quanto mais ouzarem de chegar tam ha cerca della pelo qual ouveram acordo, de sayr aho Ifante, e poze-

raõ-se todos à sayda do Inxarasc. Cheguãraõ novas aho Infante como hos Mouros esperavam ally para peleyjar com elle, do que foy muy ledo, dando muitas graças ha Deos, por se achar ha tempo, e ora que ho podesse servir contra aquelles infieis seus imiguos, mandou entam chamar hos Grandes, e outros principaes Cavalleyros de sua oste; e dicelhes: *Querovos aniguos daar boas novas, com que muito deveis de folguar, como eu faço. Sabe que todo ho poder de Sevilha, e terras de redor vos estam aguardando para peleyjar com nos que, parece me que muito nos mostra ho Senhor Deos aprazerlhe de nos dar em nossas mãos ho porque viemos, cousa com que elle seja muy servido, e vós grandemente honrados, que por eu ser novo nestas cousas, e vós que comiguo vindes Cavalleyros, em ellas tam provados, ainda agnora esta honra ha de ser mais vossa que minha, pelo qual sede muito ledos, e com muito prazer ordenemos, como loguo de menhãa vaamos ha elles, e assi ha ordenança que ha nossa gente ha de levar, que do mais ey por muy escuzado, dizervos nada do que cada hum hade fazer, nem metervos esforço para esso, conbecendovos que sois tais, e que sabeis tanto de honra, e cavallaria exercitados em muitas peleyjas, e batalhas, e grandes vencimẽtos com El Rey meu Senhor, e pay, que soyes mais para dar de esso ensino, e esforço, que tomalo de ninguem; hey por assãas lembravos*

bravos, que ponhaes em vossos corações ho mais que tudo vos ha de lembrar, que peleyjamos por cefender, e acrescentar ha Ede de N. Senhor Jezu Christo, ho qual de sermos nada, fez de nós filhos, ha elle que nos tanto amou, ha elle em cujo serviço se nom perde trabalho: nos encomendemos, elle que para haveremos de servilo por em nós ho querer, nos cumpra ho poder que façamos com sua graça de menbãa, por onde corram de nós taes novas, que elle seja louvado, e meu Pay descansado, e vejaõ todos que para parecer em seu filho, e vós seus Cavalleyros, e amigos, nom faz mister ser elle presente. Com estas palavras do Ifante folguaõ todos muito, e toram muy satisfeytos, respondendo: *Senhor, nós todos somos vossos, e por serviço de Deos, e vosso faremos neste feyto quanto em nós for, e vós podereis ver, de modo que Deos seja servido, e com sua ajuda vós guanbeis muita honra para vós, e para nós, e desaguora ordenay loguo ho que se em ella ha de fazer, porque hoje seja sabido de cada hum, em que lugar ha de hir, e estar.*

CAPITULO XLVIII.

Como ho Ifante D. Sancho peleyjou com hos Mouros de Servilha, e ho esperaraõ ante ha Cidade, e do grande vencimento, q' ouve.

E Sto alli passado, ho Ifante se apartou loguo com hos prin-

cipais para ho averem de fazer, e ordenaram de toda sua gente finquo azes, ha primeyra fosse ha vanguarda, e ha outra apoz esta batalha do meyo; e ha terceyra reguarda, e has outras duas azes, ho Ifante levava consigo, dous mil e trezentos de cavallo, ha fóra hos corredores que aguora chamam ginetes. Ho Ifante meteo na primeyra az em que elle hia, seiscentos de cavallo. Eraõ hy com elle D. Joaõ Arcedispo de Bragua, e ho Conde D. Guonçalo, e D. Pero Paes Alferes, que entam naquella yda servio ho Ifante de seu officio, e D. Mem Moniz: ha outra batalha segunda, foy encomendada ha D. Guonçalo de Souza, com outros seiscentos de cavallo; ha terceyra, que era reguarda, com outros seiscentos ha D. Lourenço Viegas, ha az direyta levava D. Pedro das Esturias, cõ duzentos, e tinquoenta de cavallo, e ha esquerda ho Conde D. Ramyro, cõ outros tantos, e hos mais dos corredores com homens de pée pozeram tras ha carruagem, que ha ouvessem de guardar, le alguns Mouros quizessem dar nella, e da gente de pée nom lemos, conto, nem repartiçãõ acabada, mais que de quatro mil, de que na avanguarda, onde ho Ifante hia, foraõ metidos mil, e quinhentos homens de pées. A's azes foraõ dados dous mil, e hos mais com ha carruagem como ditto he.

Tanto que esta ordenança foy

feyta, ho Ifante mandou ha D. Pero Paes, que fosse pela oſte ha encomendar ha cada hum ho que havia de fazer, porque naquelle tempo ho Alferes tinha aquelle carreguo, e poder, que ora tem hos Condeſtabres. Aho outro dia ante menhã, fez ho Ifante daar às trombetas, foraõ loguo todos levantados muy preſtamente, de ſy ordenaram ſuas azes, e onde cada hum avia de hir, e eſtar. O Ifante fez mover ſua bandeyra, e aſſi todos hos outros, e foram todos em ordem até chegar em aonde hos Mouros eſtavaõ, e loguo ſem mais detença foram daar, e ferir em elles. Hos Mouros receberaõ nos muy eſforçadamente, aho juntar ouve loguo muitos derribados, de huma parte, e da outra, e muitos cavallos andavaõ pelo campo ſem ſenhores. Sobre ha az do Ifante, que primeyro juntou cõ hos Mouros carreguaraõ tantos delles, que ſe nom fora ſoccorrida, em modo algum ſe podera ſofrer, que vendo D. Guonçalo de Souza, e D. Lourenço Vieguas ho Ifante aſſi cerquado, e encerrado ante tantos Mouros, foram ha gram preſſa ha ferir nelles; tambem hos Condes D. Pedro das Eſturias, e D. Ramyro, Capitães das azes, e depois de has azes todas aſſi envoltas, e ante ſy muy feridas, partio ſe à peleyja em quatro, ou ſinquo partes muy brava em todos los cabos. Era para louvar ha Deos, e folguar de ver ho eſforçado peleyjar dos

noſſos, que por força fizeram juntarſe onde eſtava ho pendaõ de Sevilha; e do Ifante, ſe acha eſcrito, que bem mostrava ſer filho de ſeu pay, em ferir, aſſi de lança como de eſpada peleyjando muy eſforçadamente, onde quer que ſe acertava. Em eſto vendo D. Pero Paes Alferes, hos Mouros aſſi todos juntos com ho pendaõ de Sevilha dando vozes ha D. Mem Moniz, e ha outros Senhores, remeteo aho Alferes que ho tinha, e deulhe tais duas feridas de eſpada, que ho deſatinou, e leyxando cair ſua eſpada dependurada por huma cadea, para eſſo ſegundo parece costumada travou no Alferes, e como era forçoſo deu com elle, e cõ ho pendam em terra.

Neſto hos Mouros, que com algum eſforço, ou vergonha de ver ainda ſeu pendaõ levantado, ſoſtinham ha peleyja, tanto que ho viram derribado começaraõ todos ha fugir, via da Cidade, e ho Ifante, e hos ſeus apoz elles matando, e derribando quantos podiam, e a ho entrar de Triana foy tanta ha preſſa nos Mouros, que nom poderam cerrar ha porta, e hos noſſos entraraõ de volta com elles. Hos Mouros que tinham jáa ha ponte paſſada, por tornarem ha ſoccorrer hos que ſiquavaõ atraz, acalçados dos noſſos, deram tanto empacho, e torvaçam a hos trazeiros, que tiveram hos noſſos grande, e deſpejado tempo, e lugar, para fazer em elles grande

matan

matança, e em muitas pârtes se acha escrito aver sido tanta mortindade dos Mouros, feridos, e mortos no rio Guadalquivir, que suas agoas pareciam sangue, segundo ho sangue tinge sempre mais de sua quantidade ha agoa em mostra muito mayor. Ho Ifante feyto este tam grande desbarato dos Mouros, tomouse para onde elles tiveram seu arrayal de antesentado, no qual acharão prezas grandes, e ouro, e prata, e muitas joyas, e cavallos, e outras cousas, has quaes repartio por elles Grandes, e Cavalleyros, e outra gente, como lhe bem pareceo sem tomar nada para sy, do que todos foram delle muy contentes.

CAPITULO XLIX.

Como hos Mouros forão cerquar Beja, e ho Ifante D. Sancho ho soube, e foy sobre elles ha soccorrella, e da batalha que com elles ouve sobre ella.

A Cha-se escrito, que siquando alli Beja falecida de gente para sua defençaõ, pela muita que della se fora com ho Ifante D. Sancho mais que de outro nhum Lugar Dalentejo como acima dicemos, e ainda de estes que nella ficaram alguns com medo de ha non poderem defender, se partiram della para outros Lugares de

Christãos, e hos Mouros sabendo certo como ha Villa estava para ligeiramente se poder tomar, pela mingua de gente que non tinha, ajuntarão-te dous muy principaes entre elles chamados hũ Alboacamefim, e outro Albouzil, e muitos Mouros, que lhes seguiraõ, e chegarão ha pôr cerco sobre ella. Hos poucos Christãos, que dentro estavam, corregerão ha Villa ho melhor que poderão, e poseirão-se ha defendela, e aprouve ha N. Senhor, que com quanto hos Mouros logo em chegando ha combateram, e afrontaram muy rijamente, hos nossos ha defenderam com tanto esforço, que hos inimigos ha non poderão tomar tam de ligeyro, como traziam por certo, e alli por sua multidam, e hos defensores da Villa serem poucos, como por ho Ifante ser com ha outra gente muy alonguado, para hos aver de loccorrer, determinaráõ toda via sentar rayal sobre ha Villa, fazendo conta, que ainda que ha non tomassem logo em chegando ha tomariam, em alguns poucos dias, que para esto teriam despaço, e começaram trazer, e fazer engenhos, e arteficios, que para tal cazo cumpria.

Quando hos de dentro da Villa viram ha determinaçam, e assento dos Mouros, tomaram accordo de ho fazerem saber aho Ifante, e mandaram hum Escudeyro dos q̃ na Villa estavaõ sabedor muy bem

da terra, cavalgado em hum especial cavallo, ho qual como foy noyte fayo se fóra da Villa com tal tento, e avizo, que nom ouve sentimento, nem torvaçam dos do arrayal, e ha carta q̄ levava era que hos da Villa se encomendavão em sua merce, e lhe pediam, que lhes acorresse em tam grande fadiga, e trabalho em que estavam; no qual entre tanto elles fariam quanto em sy fosse, por toda via guardarem ho que lhes encomendára. Passando assi estas cousas depois de vencida ha batalha de Sevilha, ho Ifante partio da ly contra ha terra, que ora em Castella chamão Algarve, fazendo muita destruiçam nos Mouros por toda aquella terra, e estando sobre Niebla, chegou ho recado dos Cavalleyros de Beja, como aquelle Mouros ha tinham cerquada. Ho Ifante vista ha carta chamou logo hos do seu Conselho, e ha mostroulha, dizendo: *Amiguos que vos parece desto, ou que devemos fazer.* E todos acordaram, que para andarem correndo ha terra, nom era bem perderse tal Villa, como era Beja. Entam pareceo ser bem, que ho Ifante tomasse de sua gente até mil e quatro centos de cavallo dos meliores em cavalgados para logo partirem com elle, e que toda ha outra oste ho seguisse, e tirassem de pôs elle ho melhor que podessem direyto ha Beja.

Esto assi detreminado, dice ho Ifante ha D. Pero Paes Alferes, que

tomasse carreguo, dos que aviam de ficar, e elle lhe respondeo: *Que cousa Senhor será irdes vós em algum lugar poer em ha ventura ha vosso corpo, em que me eu nom ache ha teer vossa bandeyra, como ora em esta batalha, que vencestes de Sevilha, e outras muitas com vosso pay, atéguora me sempre achey.* Ho Ifante lhe tornou ha dizer, que elle fora deslo mais ledo, mas pois seu carguo era guardar ha oste, e regella, e guovernalla, e nelle tanto confiava toda via quizesse ficar com ella. Entam ficou D. Pero Paes com ha gente, e deu de sua mão ha bandeyra ha hum seu sobrinho, por nome Sueyro Paes, muy bom Cavalleyro. Logo aho outro dia cedo, sem mais tardar partio ho Ifante com aquelles mil e quatro centos de cavallo, ha mais andar, e hos Adays, e Guias que com syguo levava, ho levaram por tais Luguares, e caminhos, que hos Mouros nom poderam aver novas delles, e passaram pelo vão de Mertola, onde chamam has Afenhas. Hos Mouros de Mertola, tinham escuitas no vão, e vieram dar novas à Villa, e porque ho Ifante passava aho Seraõ, e ha Villa era muy forte, nom temeraõ hos Mouros de Mertola, que aquella gente vinha sobre elles, mas que hiam soccorrer ha Beja, pelo qual mandaram logo ha gram pressa homens de pé, e de cavallo fazer saber ha Alboacamezim, e Albouzil, como pelo vão das Afenhas passa-

passara aquella noyte muita gente, e que aviam por certo nom ter outrem se nom ho Ifante D. Sancho.

Avido este recado, foy muito grande alvoroço no arrayal dos Mouros, e huns diziam, que era bem que se fossem, e outros que era melhor aguardarem, e peleyjarem com hos Christãos. Ho Ifante tanto que veyo ahos chãos do Campo Dourique, dice ahos seus, que se nom triguassem ha andar por chegarem mais folgados ahos inimigos, porque ho caminho fora grande, e mao, e vinhaõ trabalhados e por causã desso nom poderaõ chegar à vista dos inimigos se nom ha ora de Terça. Tinham hos Capitães dos arrayaes, especiais espias, e tanto que ouveram avizo de Mertola, mandáram loguo essa noyte corredores ha saber, que gente era ha que vinha, e se vinham para ally, se para outra parte. Hos corredores dos Mouros amanheceraõ acerca de alguns do Ifante, que vinhaõ adiantados, e prenderam hum Escudeyro, que lhes contou todo como era, e tornáram loguo à pressa com elle ha seus Capitães, e sabida ha verdade por elle, esses milhores do arrayal, por escuzarem vergonha de nom esperar, mostraram grande esforço, e tenção de quererem em todo cazo peleyjar com hos nossos, como quer que al tivessem na vantage, outros mostravam ho contrario, pelo grande receyo que tinhão aho Ifante, e ahos outros que vi-

nham com elle, avendo que seriaõ affinados Cavalleiros, dobravallhes este medo ho frelquo desbarato, e mortindade de Sevilha, segundo, que à corações encontrados em receyos, sempre se lhes agoura, e apresenta ho peor. Este incerto alvoroço dos Mouros deu espaço para ho Ifante poder chegar sem elles poderem al fazer, se nom esperar, e fante fóra do arrayal, tam acerca viam jáa ho póo da gente dos Christãos.

Quando ho Ifante chegou estavam jáa hos Mouros com suas azes prestes, e sem mais aguardar, dice loguo ho Ifante ha Sueyro Paes, que abalasse riço com ha bandeyra, e assi foraõ riço ferir nos Mouros, e ha peleyja, esse espaço que durou, foy fortemente peleyjada dambas has partes, e cõ mostra de aver mais de durar, mas aprouve ha N. Senhor, q hos Mouros nom poderam soffrer ho grande esforço, e combate dos nossos, e comellárão ha fugir, e foraõ delles muitos cativos, e mortos, antre hos quais morreram hy hos dous Capitães Alboacamezim, e Albouzil. Ho Ifante com hos seus, e assi hos da Villa ouveram grandes prezas em aquelle desbarato, e ho Ifante assentou seu arrayal fóra da Villa, sem querer entrar nella, até que chegasse ha outra gente sua, que elle mandára que ho seguisse. Hos da Villa sayram fóra, e trouxeraõ-lhe serviços desso q podiaõ. Ho Ifante hos recebeu com muito

prazer

plazer, e agradecimento louvando-os muito do grande esforço, e bondade que tiveram em defender ha Villa, sendo tam poucos.

1179. Foy esta peleyja, e vencimento do cerco de Beja, em dia Dascença de N. Senhor dezoyto dias de Mayo, do Nascimento de N. Senhor de mil cento e setenta e nove annos. Acabo de tres dias, do desbarato dos Mouros, chegou D. Pero Paes com toda ha oste, que lhe ficou encarregada, e depois de chegados, foy ho Ifante com certos Cavalleyros ver ha Villa, e entrando pela porta vio ainda em cima estar has Armas de Almançor, mandou-as logo tirar, e poer has delRey seu pay. Mas ora deyxará ha Estoria de falar do Ifante D. Sancho, que ficou em Beja muy temido dos Mouros de toda aquella terra, e contará de huma entrada, que ElRey Guami Mouro, e hũ seu irmão fizeram em Portugal, e como foy desbaratado, e prezo em Porto de Móos, por hum Cavalleyro, q̄ avia nome D. Fuas Roupinho.

CAPITULO L.

Como hos Mouros cerquaram Porto de Móos, e forão desbaratados por D. Fuas Roupinho Alcaide do Castello.

Sabendo hos Mouros de cima do Tejo, como ho Ifante D.

Sancho era em Beja, de socego, parecendo lhes que com ha occupaçam que láa teria, elles podiam ha seu salvo fazer entrada em Portugal, hum Rey daquela terra onde ora hee Caceres, e Valença, que chamavam Guami, e hum seu irmão com soma de gente das terras ha redor, passou ho Tejo, e correo toda ha terra de Christãos, até chegar ha Porto de Móos. Em aquelle tempo tinha ho Lugar hum Cavalleyro, q̄ chamavaõ D. Fuas Roupinho, ho qual quando soube, que vinha aquelle Mouro sobre elle, sayose do Castello leyxando em elle gente que ho podesse defender, encomendandolhes muito, que assi ho fizessem, que elle se nom sayase nom para logo lhes soccorrer com mais gente. Saydo elle meteo-se em cima da Serra, q̄ chamão Amendigua, da parte dõde nace ho royo de Porto de Móos, fazendo esconder hos seus, mandou logo ha gram pressa, ha Alcaneyde, e Santarem fazendo saber ha vinda daquelles Mouros, e que lhe enviassem gente, porque com ha ajuda de Deos esperava, q̄ avia aver delles honra, e vencimento. Acodio-lhe logo bom quinham de gente, e no dia que elles chegaram aonde estava D. Fuas Roupinho, chegou ho mesmo Rey Guami com todas suas gentes sobre Porto de Móos, e vendo ho Castello tam pequeno, fazendo conta que ligeiramente ho tomaria, foram logo todos em chegando

quando ha combatello muy rijamente. Foy ho combate tam profiado, que durou atè noyte, dos Mouros foram muitos mortos, e feridos, e assi da parte dos Chriſtãos ouve danno aſas, e durando ho combate hos que eſtavam na Serra com D. Fuas Roupinho, debatiaõ-se todos por hir ſoccorrer aſos ſeus, e elle lhes dice.

Amiguos poſto que nõs aqui ſejamos muitos, porẽm eu vos roguo, que vos rejais hoje neſte cazo por mim, que ſegundo cuido, e eſpero prazera ha Deos, que voſſos deſejos, e meus, eu volos darey compridos com muito prazer, e honra, antes q̃ eſtes Mouros daqui vaõ, e vòs ſede certos, que hos que eu leyxeyno Caſtello ſaõ taes, que ſe defenderaõ bem, ainda que creio, que hos Mouros de hos ter em pouquo, nom ceſſaraõ do combate atè que ha noyte hos deſparta, e eſſo he o que eu mais deſejo, porque entam do caminho, e combate mais cançados ſe lançaraõ ha repouzar, e dormir, e nõs ante menbãa daremos nelles, e hos desbarataremos.

E assi lhes ſayo em todo, porq̃ de madrugada deram nos Mouros entregues aho ſono, e nom menos em deſcuido de lhes tal acontecer, e porque ho lugar onde hos Mouros eſtavam ante ho Rio, e ho Caſtello ſer muy eſtreito, deu ainda mais azo para ſendo assi cometidos ſe embaraçarem, antre ſy, e desbaratarem, e ſerem mortos, e feridos muitos mais, ſem

ſe poderem remediar. Foy ahy prezo ElRey Guami, e ſeu irmaõ com elle, e outros muitos, hos quais com ſinquoenta dos melhores D. Fuas Roupinho levou ha ElRey D. Affonſo Anriques ha Coimbra. ElRey ho recebeu com muito prazer, e guazalhado, e mandou meter em prizãõ ha ElRey Guami, e todos hos que com elle foraõ levados, e ha D. Fuas, e aſos que com elle hiaõ, e foram na batalha fez grandes merces, como cabe aſos Princepes fazer por ſerviços, e merecimentos, aſlinados como aquelle. Foy eſta batalha de D. Fuas Roupinho, e ElRey Guami em Porto de Móos aſos vinte dias do mez de Mayo, era de mil cento e 1180. oytenta annos.

CAPITULO LI.

Como D. Fuas Roupinho peleyjou no maar com hos Mouros, e hos venceo, e tomou delles nove Gualès.

E Stando assi D. Fuas Roupinho, com ElRey em Coimbra, quando lhe levou aquelle Rey Mouro prezo, eſcreveraõ hos de Lisboa ha ElRey como hy andavam nove Gualès de Mouros, de que era Almirante hum Mouro por nome Johaõ Ferreyro Dalfanim, ho qual fazia muita guerra, e danno por aquella Coſta, que foſſe ſua merce mandalo remediar. ElRey avendo

avendo este recado, chamou D. Fuas Roupinho, encomendoulhe que fosse a Lisboa, e fizesse armaar Gualês, e que fosse elle por Capitam, para hir peleyjar com hos Mouros, se ho esperassem; e deu-lhe loguo cartas, e mandados para seus officiais, que lhe dessem para ello todo ho que lhe fizesse mister, e outra para ha Cidade, de como ho mādava lāa para armaar aquella frota, e portanto fizessem todo ho que acerqua desso, elle lhes requeresse. Tanto que D. Fuas foy despachado, espedio-se DelRey, e partio-se para Lisboa, e como chegou deu ha Carta delRey à Cidade, e hās outras ahos officiaes daquelle carreguo, e loguo à pressa se deu ordem para se armaar ha frota, e como foy prestes, D. Fuas entrou em ella, e partio volta do Cabo de Espichel, por aver novas que na paragem do rio de Setubal continuadamente, continuavam mais has Gualês dos Mouros, e faziam sua guerra, has quais avendo lāa nova da Armada, que se fazia, vinhaõ tambem contra Lisboa ha fabello, e trovallo se podessem, e em dobrando ho Cabo, ouveram vista da frota dos Christãos, e sem mais detençā se foram a ferir huns com outros, peleyjando muy fortemente, e quiz N. Senhor, que hos Mouros foram desbaratados, e todas suas Gualês tomadas. Isto foy na era jáa dita de mil e cento e oytenta annos, ha quinze dias de Julho. Tornouse entam D. Fuas

para Lisboa, com grande vitoria, e honra, com a qual como era rezaõ foy recebido.

CAPITULO LII.

Como D. Fuas Roupinho tornou outra vez sobre maar, por mandado delRey D. Affonso contra Mouros, e foy desbaratado, e morto elle, e hos seus.

TAnto que D. Fuas Roupinho tornou ha Lisboa, com este vencimento, segundo muitas vezes, pequena boa andança enguana para dezaventura mayor, alcreveo loguo ha ElRey D. Affonso ha Coimbra da vitoria, que ouvera onde ho mandāra, e mais lhe fazia certo, que hos da Cidade, e toda ha terra aho redor estavam em grande reto, e vontade de entrar nas Fustas, e Gualês para irem fazer guerra ahos Mouros, e se ouvesse por seu serviço, elle hos serviria nesso. E ElRey lhe mandou dizer, que lho tinha muito em serviço, e que assi ho fizesse, escrevendo á Cidade sobre esso, e visto ho recado delRey armaram loguo huma soma de Gualês, e D. Fuas, foy Almirante, e foram correr ha Costa do Algarvé; mas de couza notavel, e para contar que hy fizessem nada achamos escrito, e entam D. Fuas teve Conselho do que fariam, e acordaram ser bem hir sobre

sobre hō porto de Cepta , e hy acharam Fustas de Armada de Mouros, e tomaraõ-nas, e assi outros Navios grandes com elles, e depois de estarem ahy dous dias ante Cepta , tornãram para Lisboa trazendo hos Navios tomados comfiguo, vindo cō grande prazer e contentamento de suas prezas, e logo ha pouquos dias depois de chegados , com nom menos alvoroço, sem tento, ho que nom consente rezaõ ser sempre ditozo, se fizeram prestes para tornarem láa.

Hos Mouros muy sentidos dos dannos feytos por D. Fuas, recendo-se de mais adiante , mandãraõ sobre ello recado por toda ha Mourissima da praya, e tambem das partes da Espanha , e ajuntãram sinquoenta e quatro Gualés, e D. Fuas nom sabendo desto parte, entrou pelo Estreyto dentro, e depois achouse-lãa com Gualés dos Mouros, e pela grande corrente lançãramse has nossas Gualés sobre ha frota dos imiguos, e nom poderaõ hos nossos al fazer , se nom peleyjarem com elles , e assi aferrãraõ, e peleyjaraõ muito espaço. Mas pela grande desigualança , e hos Mouros serem muitos mais foram hos nossos vencidos , e desbaratados, e mortos muitos, e antre elles ho nobre D. Fuas Roupinho. Esta foy ahos dezaete de Outubro da dita era de mil e cento e oytenta annos.

CAPITULO LIII.

Como Almiramolim, que Emperador de Marroquos se dizia, entrou em Portugal com muitas, e innumeraveis gentes, e cerquou ho Ifante D Sancho, em Santarem, e em fim foy vencido, e desbaratado por El-Rey D. Affonso, que veyo ha soccorrer seu filho.

DEs pois que o Ifante D. Sancho teve Beja corregida do q̄ compria para sua defenlaõ , leyxando em ella fronteyros, e assi nos outros Luguares, e Villas Dalentejo veyo-se para Santarem com ha gente que de continuo trazia comfiguo, e alguma pouqua mais, porque ha outra fiquava repartida pela frontaria dos Mouros , e estando assi ho Ifante D. Sancho em Santarem Almiramolim Emperador antre hos Mouros Rey de Marroquos , vendo ho grande danno, e estraguo que hos Mouros tinhaõ recebido del Rey D. Affonso Anriques , e do Ifante D. Sancho seu filho , e como de toda ha terra se lhe mandavaõ desso cada vez mais agravar, foy movido ha fazer guerra ha Portugal, e juntou muitas gentes de infieis, dáquem, e dálema maar, e segundo diz humna Cronica , que foy achada em Santa Cruz de Coimbra , nom era em

1184.

memoria até aquelle tempo que tanta gente de Mouros fosse junta para entrar em Portugal. Vinhaõ com Almiramolim, ElRey Albojaque de Sevilla, e ElRey Albozady, e ElRey de Grada, e ElRey de Féés, e outros Reys Mouros, q por todos eram treze, cujos nomes se nom achaõ escritos, e vieram pelas partes Dalentejo, ha entrar na Estremadura, passando ho Tejo, hũ Dominguo, dia de S. Johaõ Bautista, sete dias por andar de Junho, era do Senhor de mil e cento e oytenta e quatro annos, hos Mouros loguo em esse dia foram sobre ho Castello de Torres Novas, e destruyraõ-no, e à Segunda feyra vieram poer seu arrayal, em hum lugar q se chama ho monte de Pompeo, e à Terça feyra se ajuntaram todos na Redinha, e à Quarta feyra, se vieram ha Orta lagoa, e ally sentaram seu rayal, e esta cõta da entrada, e jornadas de Almiramolim se escreve assi na Coronica, como quer que hum letreiro dos que estam no Convento de Thomar, desvayre algum tanto, e diz que foy Almiramolim cerquar ho Castello de Thomar ho primeyro dia de Julho, e ho teve cerquado seis dias, e que trazia comsigo quatrocentos mil de cavallo, e quinhentos mil de pèe, poderia passado ho Tejo de tanta multidaõ apartarse muita gente, poer esse cerquo, e fazer outras corridas, pela terra, e chegar elle ha esso, e deyxalo posto.

Ho Ifante D, Sancho que estava em Santarem, como dicemos, nom tendo comsigo gente, que com rezam podesse peleyjar com tanta multidaõ de Mouros, meteo-se ha correger ha Villa ho melhor que pode para se aver de defender, e segundo achamos escrito ainda entam, ha mayor parte de Santarem era arrevalde, nem avia ahy mais cerqua que Alcaceva pela torra de Alfam, arde Alfamja, ho Ifante despois de correger hos muros, e ordenar ha defençaõ fayo-se fóra aho arravalde, e tomou huma parte delle, para ho abarreyrar de cubas, e portas, e escudos, e fez palanques, e luguares em que podessem estar para defender, mandando derribar todas has cazas de redor, e entam repartio sua gente, e elle posse com sua bandeyra onde lhe pareceo aver de ser mór pressa, e aho outro dia pela menhaõ Quinta feyra vinte oyto de Junho vespõra de S. Pedro, e S. Paulo abalou Almiramolim com toda sua gente, e chegou ha Santarem, segundo conta aquella Estoria achada em Santa Cruz, como jáa dice, e em cheguando, tanto que soube, que ho Ifante ho esperava assi naquelle palanque ouveo por desprezo, e fez loguo dar às trombetas, e mover toda sua gente, e combater ho palanque.

Fey ho combate tam forte, que morrerãõ, e foraõ feridos muitos de huma parte, e da outra, em quanto huns peleyjavam, destruyãõ

troyão hos òutros todo ho arravalde de fóra do palanque até torre Lavinha, por fazerem ahos Mouros mayor praça, e despejo, para combater. Tanto que veyo ha noyte, que partio ho combate, ho Ifante poz guarda no palanque, e fez aguazalhar, e repouzar ha outra gente, e pensar dos feridos, e esta mesma afronza sofreram hos Christãos assi sinquo dias arreyo, porque hos Mouros eram tantos, que muy folguadamente se renovavam cada vez muitos ahos combates, desde pela manhã até noyte; e segundo conta ha dita Estoria, quando El Rey D. Affonso soube, que Almiramolim vinha sobre ho Ifante seu filho, ajūtou ha mais gente que pode, e abalou tanto à pressa, que ahos tres dias desque ho Almiramolim chegou ha Santarem, foy El Rey ha Porto de Móos. Hos Mouros sabendo da vinda del Rey D. Affonso nom leyxáram por esso seguir com mayor afronza seus combates, cada dia, como antes faziam, e aho quinto dia foy ho Ifante, e hos seus tam afiquados dos Mouros, e postos em tanto aperto, que ho palanque foy roto por algumas partes, e muitos dos Christãos mortos, e feridos, e ho Ifante esso mesmo foy ferido, com todo muy esforçadamente se defenderam, e softiveram aquelle dia, que nom foram entrados, e jáa nom tinham modo de defençaõ, se nom desemparrar ho palanque, e acolherse àcerqua; mas ho

Senhor Deos, que he poderoso em rodalas cousas, quando se ho homens em ellas nom sabem, nem podem valer, entam acode elle com sua ajuda, porque se entam mais conhça, e por tal medo, e receo nos Mouros, com ha vinda, e chegada del Rey D. Affonso, que começaram ha dezemparrar hos combates que faziam, e harte pouquos, apouquos, ha mais andar, como desbaratados, como loe ha muita gente de fazer, e de mandar-se, quando se menos pôde reger, e hos Christãos vendo hos rãyaes dos Mouros moverse, e partirem-se de onde estavam, fayo gente de pée do Ifante contra elles, e hos Mouros se afastáraõ para hum Lugar, que se chama monte de Abbade, e nisto appareceo El Rey D. Affonso com sua gente, de que ho Ifante, e hos seus toraõ muy ledos, e pozeraõ-se loguo todos ha cavallo, e juntos com El Rey déram nos Mouros, fazendo nelles grande estraguo, e mortindade, de que morreram alguns dos Reys, que ally vinham, e grande parte dos mais nobres Mouros, e foy ally ferido Almiramolim, e fayo assi n. lie, e nos seus tam grande desbarato.

Tornouse El Rey, e ho Ifante com grande vencimento, e prazer de todos hos seus, e acháraõ no arrayal dos Mouros grandes despejos de ouro, e prata, e tendas armadas, cavallos, e camellos, e outras muitas cousas com pressa da peleyja deyxadas. E com todo esto, e mui-

tos Mouros cativos, entráram na Villa muy leitos, dando muitas graças, e louvores a N. Senhor. Estos Mouros, que allí hiaõ fugindo com quãto hiaõ desbaratados, porém por ainda fiquarem muy muitos de tanta multidam foram poer arrayal acerca Dalanquer, e tiverã-na cerquada alguns dias, combatendo-a rijamente sem lhe poderem empesser, e depois se alçãrã daly, e foraõ-se Arruda, e destruyrã-na toda por terra, e daly se foram cerquar Torres Vedras, e estiveram sobre ella onze dias, e vendo que ha nom podiam tomar, ouveram Conselho de se hir volta de sua terra, achando que eram dos seus muitos mortos, e perdidos, e allí muitas riquezas, q̄ trouxeram, e entam se partiram seu caminho, e passado ho Tejo morreo ho seu grãde Emperador Almiramolim das muitas feridas, que ouve na batalha.

CAPITULO LIV.

Como cazou Dona Tareja filha del Rey D. Affonso Anriques ha derradeyra, com D. Felippe Conde de Frandes.

DEpois que ha batalha allí foy feyta, El Rey D. Affonso Anriques esteve alguns dias em Santarem, partio-se para Coimbra levando consigo ho Ifante

D. Sancho seu filho, e como quer que jãa tenhamos dito, juntamente que El Rey D. Affonso teve tres filhas, e que humã dellas cazara com El Rey D. Fernando de Liaõ, e outra com ho Conde D. Reymon de Barcelona, e outra com D. Felippe Conde de Frandes, nesta era acima dita de mil e cento e oytenta e quatro annos, metendo-se antre ho seu cazamẽto, e de suas Irmãas passante de vinte e cinco annos, em que parece, que ainda esta Dona Tareja nom era nacida, ou avia pouquo que nacera, mas como se veyo tratar ho seu cazamento, nom achamos escrito couisa para dizer de certo, sómente que desta tornada del Rey D. Affonso, de Santarem para Coimbra, mandou ho Conde D. Felippe de Frandes, por Dona Tareja sua moïher, e vieram por ella Cavalleyros, e Senhores muytos, e outra muito nobre gente, e bem luzida, e Náos muy bem guarnecidas, à Cidade do Porto, e tanto que El Rey soube que elles hy eram, partio-se com sua filha para láa, levando consigo guo desses grandes do Reyno, e homens principais, e quando chegou hos Senhores, e Cavalleyros, que vinham pela Ifante, sayrãõ ha El Rey, e ha ella de quem foram bem recebidos, e com muita honra, aguazalhados, preguntando-lhe El Rey com muita ateyçam, e allí ha Ifante por novas da saude, e disposiçãõ do Conde, e de seu estado, e depois desto entregou-lhes

El Rey

ElRey sua filha muito honradamente, mandando com ella em outras Nãos dos seus naturaes alguns Grandes do Reyno, e pessoas principaes, e alli Donas, e Donzellas de linhagem quantas compria, e esta Dona Tareja viveo cõ seu marido vinte e tres annos.

CAPITULO LV.

De como veyo adoecer ElRey. D. Affonso Anriques, e de seus grandes louvores, e cavallarias em soma brevemente toquadas mais que dinamente escritas.

Vendo-me chegado aver de dar cabo ahos muy nobres feytos delRey D. Affonso Anriques com sua morte, ha qual nos bons sempre he temporam, por tarde que venha, tomo desso grande pezar, como se vivendo com elle ho vice falecer. Tam conversado, e afleyçoado trazia ho espirito na materia de suas excellencias! Depois de feyto ho cazamento acima dito, veyo ho nobre Rey adoecer logo aho anno seguinte, e faleceo dessa doença ho Excellête Principe muy manhanimo igual ha qualquer dos muy excellentes antigos em valentia de forças, e coraçam muy grande, nem que na Christandade ouve outro, antes, nem depois delle mais temido dos Mouros, cujos muy notaveis feytos

nom hee duvida acharem-se muito menos postos em escrito, do que foram por obra, ora fosse por culpa dos tempos, ora por minguoa dos Escritores, segundo em alguns passos desta sua Estoria se pode assâas comprehender, porque em ella se nom faz mção de muitas cousas assinadas de sua pessoa, nem dos seus, assi como de D. Gualdim Paes, que foy Mestre do Templo de Christo, em Portugal, e fez ho Castello de Thomar, e outras Fortalezas, e servio grandemente em seu tempo.

Teve este muito esforçado Rey, em suas excellentes cavallarias, como por ellas se mostra, ho animoso fervor, e ardente esforço de Julio Cesar, e ha segurança muy confiada de Publio Cipião Afriquano, em tanto grão, que todo ho que estava por fazer, cometia como se ho tivesse jáa feyto, e ho que muy difficil se acha sendo tam activo. Era cheyo de muita fée, e devaçãõ, sem ha qual roda cavallaria no Christãõ, hee deslouvada, e ainda muytas vezes danosa, e com rezaõ mal preparada, pelo qual este muy virtuoso Rey, tendo tamanha occupaçam de guerras tam santas, e meritorias, contra hos infieis, que assâas bastavam para muito merecer ante Deos, nom leyxou por esso de fazer muitas Igrejas, e Mosteyros muy sumptuosos, dotados de muita renda, e ornamêtos com muito serviço, e acrecentamêto do culto Divino, de que hoje em dia,

saõ

saõ principaes ho Moesteyro de Sãta Cruz de Coimbra, e ho Moesteyro de Alcobaça, leyxando manifesto exemplo ahos menos devotos, que occupaçam de servir ha Deos em huma cousa, nom tolhe por esso, mas antes da graça, e poder para muitas outras.

E em huma Coronica a chey, q̃ elle começou ha Ordem de Santiagu, e deu aho Esprital de Jerusalem oytenta mil dinheyros de oyro para se comprar herança, e tanta renda, porque dêsse cada dia ha todos hos enfermos da enfermaria mantimento de paó, e vinho, para que ho metessem cada dia em orações, e satisfez outras muitas cousas de caridade, e devaçam, foy muy amado, e temido dos seus. Ouve, e venceo em pessoa muito grandes batalhas, e afrontas de peleyjas, segundo se achou com muito pouquos contra muitos, desbaratou em pessoa dous Emperadores, hum Christaõ, e outro Mouro, e vinte Reys Mouros, cõ grandes poderes, e gentes, sendo elle muito menos. Primeyramente em Val de vez, antre Monçaõ, e Ponte de Lima, venceo El Rey D. Affonso de Castella chamado Emperador. Depois no Campo Dourique venceo sinquo Reys Mouros, com infinda Mourama, e junto com Palmela venceo El Rey de Badalhouce Mouro, vindo com grãde poder. E em Santarem Albojaque Rey de Sevilha, e apoz esto, Almiramolim Emperador, que se

dizia antre hos Mouros Rey de Marroquos, que trazia treze Reys Mouros comtiguos, com novccentos mil homens, como dito hec, nom contando outros vencimentos grandes, que ouve de Luguares, e Fortalezas, que tomou ha Mouros, muitas, e muy grandes, e fortes: primeyramente na Estremadura, Santarem, Lisboa, e todas outras Fortalezas della, desde Lisboa atée Coimbra, em Alentejo, tomou Cezimbra, Palmela, Alcaçer, Evora, Elvas, Cerpa, Moura, Beja, e outras Fortalezas muitas, muy fortes, e grandes.

CAPITULO LVI.

Dos annos que El Rey D. Affonso Anriques viveo, e do dia, mez, e era em q̃ se finou, e onde foy sepultado.

NA verdade El Rey foy dino de grande louvor, e memoria de todos seus feytos, e que alguns escrevessem delle que em sua mancebia foy bravo, e esquivo, sobejo, certo amim parece concirando bem tudo, que em nhum tempo teve cousa alguma, que sendo elle ho primeyro Rey de Portugal, e no modo que ho foy, lhe nom fosse compridoyro ser em tudo qual foy, assi para serviço de Deos, como para bẽ, e muita honra do seu Reyno, e que se tal nom fora, nom sabemos que fora de Portugal,

tugal, ho que Deos feja louvado, aguora hee, porque como diz Arilloteles, ho principio hee mais, que ho meyo das cousas, porque muitas vezes ouvi dizer ha meu irmao D. Joao Gualvaõ, Arcebispo que foy de Bragua, e Prior de Santa Cruz de Coimbra, Escrivaõ da Puridade del Rey D. Affonso ho Quinto, que Santa gloria aja, que segundo achava pelas cousas daquelle Moesteyro, e outras obras daqueste virtuoso Rey, elle ho tinha por Santo, e por tal ha seu parecer deve ser avido.

Hos annos, que neste mundo viveo ainda que se achem escritos em diversos modos, porẽm tirada alimpo com muita diligencia, ha verdade desso, achey que viveo noventa e hum annos; porque elle naceo na era de N. Senhor Jesu Christo de mil e noventa e quatro, sinquo annos antes que ha Caça Santa de Jerusalem fosse tomada ahos Mouros pelo Duque Gudufre de Bulhaõ; e por morte de seu pay ho Conde D. Anrique ficou elle de dezoyto annos, e desentam foy chamado Principe vinte e sete annos, e despois chamado Rey quorenta e seis annos, e sendo

alçado Rey em idade de quorenta e sinquo annos, que saõ alli por todos noventa e hum annos, em que ho Senhor Deos aprouve levado para sy, tres annos antes que ha Caça Santa se tornasse ha perder, e tomar de infieis, pelos peccados dos Christãos, tolhendo N. Senhor ha este virtuoso Rey, que nom visse tam grande pezar, quem lhe tanto mereceo empunhar pela sua Santa Fèe.

Finouse ahos seis dias do mez de Dezembro, era de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oytenta e sinquo annos. Foy enterrado no Moesteyro de Santa Cruz de Coimbra que elle mandou fazer. Ainda que velho foy muy sentida sua morte, de seu filho, ho Ifante D. Sancho, e de todos seus Cavalleyros, e Vassallos, do Povo, do Reyno de Portugal, e seu corpo enterrado com muita honra, e grandes obsequias, e sua Alma levada nas mãos dos Anjos, à gloria do Parayso, onde todos sejamos. Amen. Tem de fóra da sepultura hum letreiro de versos em Latim, que diz, outro Alexandre jaz aqui, ou Julio outro.

DEO GRATIAS.

IN.



INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

Abdenamer **A** Ativou em Espanha muitos Mouros, e Christãos, e abrazou muitos Santuarios, pag. 28.

Achy Rey Mouro com trezentos mil Soldados cerca Coimbra, e levanta o cerco com grande perda, pag. 11.

D. Affonso Rey de Liaõ foy filho de D. Fernando, e Dona Urraqua filha del Rey D. Affonso Anriques, pag. 53.

D. Affonso de Castilla chamado o Emperador caza sua filha Dona Tareja com o Conde D. Anrique, pag. 2. He vencido na batalha de Valdevez por D. Affonso Anriques, pag. 10.

D. Affonso Anriques Quando naceo, pag. 4. He entregue a

Egas Monis para ser seu Ayo, ib. He apresentado por este Fidalgo a N. Senhora a qual o livra da aleyjaõ com que naceu, ibi. Acompanhou a seu pay defuncto atè o lugar onde o sepultárão, pag. 7. Dezafia a seu Primo el Rey de Castilla D. Affonso filho do Conde D. Reymão por lhe tomar Liaõ, mas logo se reconciliárão, pag. 7. e 8. Peleja com seu Padrasto, e he vencido, pag. 8. Torna segunda vez a batalhar, e o vence, e prende juntamête com elle a sua Mãy, pag. 9. Alcança a batalha de Valdevés onde fica vencido D. Affonso de Castilla chamado Emperador, pag. 10. He cercado em Guimarães por D. Affonso de Castilla, pag. 11. De como levantou o cerco, pag. 13. Conquista Leyria, e Torres no-
L vas,

vas, pag. 15. Parte ao Alentejo para pelejar com os Mouros, p. 16. Sentio muito a morte de Egas Moniz, ibi. Busca a el Rey Ilmar, e assenta os arrayaes no lugar chamado Cabeças de Rey, pag. 17. He despersuadido pelos Soldados a não commetter a batalha do campo de Ourique, mas elle os anima para o conflito, pag. 18. e 19. Aparecelhe Christo Senhor nosso, e lhe segura o bom successo da batalha, pag. 20. e 21. Antes da batalha he levantado Rey, pag. 22. Da-se a batalha, e sahe victorioso, pag. 23. Depois desta victoria acreecentou o escudo das suas Armas, pag. 25. He informado do lugar onde está o Corpo de S. Vicente Martyr, pag. 26. Vay buscar este santo Corpo ao Cabo do seu nome, e o não acha, pag. 27. Toma Leiria aos Mouros, pag. 29. Faz doação a S. Theotonio de Leiria, e Arronches sómente no espiritual, ibi. Caza com Dona Mofalda, pag. 30. Intenta tomar Santarem, pag. 30. 31. e 32. Manda por Martim Mohás levantar a tregoa com os Mouros de Santarem, pag. 33. Voto que fez a S. Bernardo se conquistasse Santarem, ibi. Practica que fez aos Soldados para conquistar esta Villa, pag. 35. Escala esta Villa, e se fez Senhor della, pag. 37. De que modo rendeo a Deos as graças pela

tomada desta Villa, pag. 40. Ordena cercar Lisboa, ibi. Exhorta aos estrangeiros que chegaraõ na Armada para a conquista de Lisboa, pag. 41. Conquista esta Cidade, e purifica a sua Mesquita, pag. 42 e 43. Determina fazer esta Cidade Bis-pado, e quem foy o seu primeiro Bispo, pag. 47. Nomeya o primeyro Prior do Mosteyro de S. Vicente de Fóra, e quem foy? pag. 48. Conquista Alanquer, Obidos, Torres vedras, e Alca-cere, Elvas, Moura, e Serpa, pag. 49. Dos filhos que teve, p. 50. Recebe com grande pompa em Tuy ao Conde de Barcelona D. Reymondo, que vinha com procuração de seu filho a despozar-se com Dona Mofalda filha do mesmo Rey, pag. 50. e 51. Toma Cezimbra, e Palmella onde desbaratou os Mouros, pag. 51. 52. e 53. Conquista Badalhouse, p. 54. Contendas que teve com seu genro D. Fernando Rey de Liaõ, e sahindo a pelejar com elle quebra hũa perna no ferrolho das portas de Badalhouse, pag. 54. e 55. Por causa deste desastre fica prisioneiro, e para recuperar a liberdade concede, e larga algumas terras, e Fortalezas a D. Fernando, pag. 55. Fez juramento a seu filho D. Sancho por successor da Coroa, e quando se celebrou este acto, pag. 56. Desbarata em Santarem a Albojame

me Rey de Sevilha, que a vinha cercar, pag. 57. e 58. Manda a seu filho D. Sancho a pelejar com os Mouros no Alentejo, p. 61. Soccorre ao mesmo Infante, que estava em Santarem cercado por Almiramolim Emperador de Marrocos, e o desbarata, pag. 75. Acções illustres, que obrou, pag. 77. e 78. Annos, que viveo, p. 79. Dia, e anno da sua morte, e onde está sepultado, ibi.

Alanquer He conquistado por D. Affonso Anriques, pag. 49.

Albojame Rey de Sevilha he desbaratado pertendendo tomar Santarem, por D. Affonso Anriques, pag. 57. e 58. Fas tregoaas com o mesmo Rey por cinco annos, pag. 59.

Alcacere He conquistado por D. Affonso Anriques, pag. 49.

Almada Diversos nomes que teve, pag. 44.

Almiramolim Emperador de Marrocos cerca em Santarem ao Infante D. Sancho, e he desbaratado, pag. 73.

Arronches He tomado por São Theotónio Prior de Santa Cruz de Coimbra, pag. 29.

Auzery Alcayde mór de Santarem foge para Sevilha quando se tomou a dita Villa, pag. 39.

Azambuja Porque cauza lhe puzerao este nome, pag. 44.

B

Badalhouse He tomado por D. Affonso Anriques, pag. 54. No ferrolho das suas portas quebrou o mesmo Rey huma perna; e por esta cauza he prisioneiro por seu genro D. Fernando Rey de Liaõ, e recupera outra vez Badalhouse, p. 55.

Batalha De Santilhanas, nella foy prisioneyro por D. Affonso Anriques D. Fernando Conde de Trastamara juntamente com a Rainha Dona Tareja mãy do mesmo Rey, pag. 9.

A de Valdeves, nella ficou destruido D. Affonso de Castella chamado Emperador, pag. 10.

A do Campo de Ourique, pag.

23. A de junto de Palmella, p.

52. e 53. A de Inxarafe alcançada pelo Infante D. Sancho,

pag. 65. A de Beja alcançada pelo mesmo Infante, pag. 67.

A de Santarem onde he destruido Almiramolim Emperador de Marrocos, pag. 74. e 75.

Beja He cõquistado por D. Affonso Anriques, e em que anno, p. 49. He cercada pelos Mouros governados por Albocamefim, e Albouzil, e levantão o cerco derrotados pelo Infante D. Sancho, pag. 67.

S. Bernardo. Estando em França soube por illustração Divina o voto que fizera à sua Religiaõ

D. Affonso Anriques se cõquistalle Santarem, pag. 34.

C

Cezimbra **H**E conquistada por D. Affonso Anriques, pag. 52.

Childe Rolim Foy hum dos principaes Cavalleiros que veyo na Armada que ajudou conquistar Lisboa, pag. 42. Passou à Villa de Azambuja, que ficou a seus descendentes, pag. 44.

Cóimbra He cercada por Achy Rey Mouro, e levanta o sitio com grande perda, pag. 11.

D

Daciano **M**Artyrizou a S. Vicente, pag. 26.

D. Diogo Gonçalves Morre valerosamente na batalha de Ourique pag. 24.

E

D. Egas Moniz **F**Oy o Ayo del Rey D. Affonso Anriques, pag. 4. Aparece-lhe de noute N. Senhora, e lhe manda leve a este Principe a hum lugar, onde acharà huma Igreja sua onde ficarà livre da Aleijão com que nacera, e assim succedeo, pag. 5. Da maneira que fallou a El Rey de Castella D.

Affonso, e lhe fez levantar o cerco de Guimarães, pag. 12. Vay com sua mulher, e filhos apresentarle a El Rey de Castella pela menagem que lhe tinha feito em Guimarães, pag. 13. He livremente despedido pelo dito Rey, pag. 14. He recebido com grande alegria por D. Affonso Anriques quando voltou de Castella, ibi. Da sua morte, e onde está enterrado, pag. 16.

Elvas He conquistada por D. Affonso Anriques, pag. 49.

Dona Flvira Filha del Rey de Castella D. Affonso chamado o Emperador casou com o Conde D. Reymão de S. Gil de Proença, pag. 2.

Evora He conquistada por D. Affonso Anriques, pag. 49.

F

D. Felipe **C**Onde de Frandes cazou com Dona Tareja filha terceyra del Rey D. Affonso Anriques, pag. 50.

D. Fernando Conde de Trastamara cazou cõ Dona Tareja viuva do Conde D. Anrique, p. 8. Era o mayor homem de Espanha, e por esta causa se levantou todo Portugal por elle contra El Rey D. Affonso Anriques, ibi. He prisioneiro na batalha de Santillhanas por El Rey D. Affonso Anriques, pag. 9.

D. Fernando Rey de Liaõ cazou com

com Dona Urraqua filha de D. Affonso Anriques, pag. 50. Separate delle por ordem do Papa por serem parentes, pag. 54. Prisiona em Badalhoulle a seu sogro D. Affonso Anriques, p. 55.

D. Fuas Roupinho Desbarata os Mouros que cercavam Porto de Móos, pag. 70. Alcança huma vitoria naval dos mesmos inimigos, e lhe roma nove Galês, pag. 71. Peleja segunda ves com os Mouros em o mar, onde foy desbaratado, e morto, pag. 72.

G

Gilberto **F**Oy o primeyro Bispo, que teve Lisboa depois de ganhada aos Mouros, pag. 47.

D. Gonçalo de Souza Valerosamēte peleja na batalha de Curique pag. 23. Achouse na conquista de Santarem, pag. 39. Acompanhou a D. Affonso Anriques quando foy a Tuy receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 50. Assistio na batalha de Inxarafe com o Infante D. Sancho governado a seiscentos homens de cavallo, pag. 65.

D. Gonçalo Viegas Adiantado mór da Cavallaria delRey, socega o tumulto, que havia sobre o lugar onde se havia de collocar o Corpo de S. Vicente quando

chegou a Lisboa, pag. 60.

Gualtero Frade Flamengo he nomeado primeyro Prior do Mosteyro de S. Vicente de Fóra por D. Affonso Anriques, e não permanece, pag. 48.

Gumaraes He cercada por ElRey de Castella D. Affonso, pag. 11. Levanta o sitio por persuasão de D. Egas Moniz, pag. 13.

Guodinos Conego Regrante, e Prior do Mosteiro de S. Vicente de Fóra he eleyto Bispo de Lamego, pag. 48.

I

Inglezes **Q**ue vieraõ na Armada para cercar Lisboa assentaõ o seu arrayal no lugar donde está a Igreja Parochial dos Martyres, pag. 42.

D. Joaõ Arcebispo de Braga recebe em Tuy a Dona Mofalda filha delRey D. Affonso Anriques com D. Reymondo filho do Cõde de Barcellona assistindo este com procuração do filho, pag. 51. Assistio com o Infante D. Sancho na batalha de Inxarafe, pag. 65.

D. Isidoro Bispo de Tuy acompanhou a esta Cidade a ElRey D. Affonso Anriques quando foy receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 50.

ElRey Ismar Com quatro Reys he vencido na batalha de Ourique sendo o numero dos inimigos

gos muito superior ao dos Christãos, pag. 24. Toma Leyria, pag. 29.

L

Leyria **H**E conquistada por D. Affonso Anriques, p. 15. He tomada por ElRey Ismar, pag. 29.

Lisboa He cercada por D. Affonso Anriques, pag. 41. Em que dia, e anno foy ganhada, p. 42. Quem foy o primeiro Bispo, que teve depois de conquistada aos Mouros, pag. 47.

D. Lourenço Viegas Peleja valerosamente na batalha de Ourique pag. 23. Achouse na conquista de Santarem, pag. 39. Assistio na batalha de Inxarafe governando seiscentos homens, p. 65.

M

Martim Moniz **F**ilho de Egas Moniz Capitão de huma Az na batalha do Campo de Ourique peleja valerosamente, pag. 24. Morre na batalha, ibi.

Mem Moniz Filho de Egas Moniz era Capitão na batalha de Ourique, pag. 24. He mandado por D. Affonso Anriques a fazer treguas com os Mouros de Santarem, e de como espiou a Villa, e do conselho, que deu a

ElRey para poder ser conquistada, p. 32. Acha-se na conquista de Santarem sendo já Guarda-mór delRey, pag. 37. Assistio na batalha de Inxarafe D. Sancho, pag. 65.

D. Mendo Bispo de Lamego acompañou a ElRey D. Affonso Anriques a Tuy onde recebeu a D. Reymondo Conde de Barcelona, pag. 50.

Mozaraves São prisioneiros na batalha do Campo de Ourique, os quaes informaraõ a ElRey D. Affonso Anriques donde estava o Corpo do Martyr S. Vicente, pag. 25. e 26.

Dona Mofalda Filha do Cõde D. Anrique de Lara caza com D. Affonso Anriques, pag. 30.

Dona Mofalda Filha delRey D. Affonso Anriques caza com D. Reymondo filho do Conde de Barcelona, e quando, e como se fez este cazamẽto, p. 50. 51. e 52

Mofeyro de S. Vicẽte de Fõra Nelle, antes de ser fundado, pôs o seu arrayal D. Affonso Anriques para conquistar Lisboa, p. 42. Quil foy o seu primeiro Prior nomeado pelo mesmo Rey, p. 48

Moslem Guilhem De longa espada Conde de Lincoll foy hum dos principaes Cavalleiros, que vierã na Armada, que ajudou tomar a Lisboa, pag. 41.

Moura He conquistada por D. Affonso Anriques, pag. 49.

O

Obidos **F**Oy cõquistado por D. Affonso Anriques, p. 49.

P

Payo Guoterres **H**E feyto Alcaide do Castello de Leyria por S. Theotonio quando foy conquistado por D. Affonso Anriques, pag. 15. He prisioneiro no Castello de Leyria quando foy conquistado por ElRey Ismar, pag. 29.

Palmella He conquistada por ElRey D. Affonso Anrique onde desbarata em huma batalha aos Mouros de Badajos, p. 51. e 52.

D. Pedro Conde das Asturias acompanha a Tuy a ElRey D. Affonso Anriques quando foy receber a D. Reymondo Conde de Barcelona, pag. 50.

D. Pedro Affonso Irmaõ bastardo delRey D. Affonso Anriques se achou na conquista de Santarem, pag. 39.

D. Pedro das Esturias. Governou na batalha, que se compuziua de duzentos, e sincoenta cavallos, pag. 65.

D. Pero Paes Alferes de D. Affonso Anriques se achou na cõquista de Santarem, pag. 39. Acompanha o mesmo Rey a Tuy quã-

do foy receber ao Cõde de Barcelona D. Reymondo, p. 50. Affiltio com o Infante D. Sancho na batalha de Luxarafe, pag. 65.

Porto de Moos He cercado pelos Mouros, onde foiaõ desbaratados por D. Fuas Roupinho, p. 70

Portugal He dado em dote ao Cõde D. Anrique por ElRey de Castilla D. Affonso chamado Emperador quando cazou cõ elle a sua filha Dona Tareja, pag. 2. Porque tomou este nome? p. 3.

R

Conde D. Ramiro **A**Cõpanhou a Tuy a ElRey D. Affonso Anriques quando foy a receber a D. Reymondo Conde de Barcelona, p. 50. Affiltio na batalha de Inxarafe governando a Az esquerda, que se compunha de duzetos, e sincoenta cavallos, pag. 65.

D. Reymondo Conde de Barcelona recebe com procuraçãõ de seu filho a Dona Mofalda filha delRey D. Affonso Anriques, e quando, e como se fes este casamento, pag. 50. e 51.

D. Roberto Dayam da Sèe de Lisboa faz que o Prior da Igreja de Santa Justa lhe conceda, que o Corpo do Martyr S. Vicente seja collocado na Sèe, pag. 60.

S

Dona Sancha **F**ilha do Conde D. Anrique cazou cõ D. Fernão Mendes, p. 8.

Infante D. Sancho Filho de D. Affonso Anriques em que dia, e anno foy jurado em Coimbra, pag. 56. He mandado por seu Pay ao Alentejo a pelejar com Mouros, e do alvoroço com que recebeo esta ordem, e o que executou, p. 61. até 64. Alcança huma gloriosa vitoria dos Mouros em Sevilha, pag. 65. Alcança outra vitoria dos mesmos inimigos hindo cercar Beja, pag. 67. He cercado dentro em Santarem por Almiramolim Emperador de Marrocos com quatrocentos mil cavallos, e quinhentos mil de pée, e sendo soccorrido por ElRey seu Pay he desbaratado com todo o exercito, pag. 74. e 75.

Santarem Descreve-se a bondade do leu paiz, e como D. Affonso Anriques determinou conquista-talla, e da difficuldade, que havia para o conseguir, pag. 30. e 31. He escallada, e entrada por ElRey D. Affonso Anriques, p. 37. Porque tem este nome? p. 40. He cercada por Albojame Rey de Sevilha, onde foy derrotado por D. Affonso Anriques, pag. 57.

Serpa He conquistada por D. Af-

fonso Anriques, pag. 49.

*Sinai*s Elpantosos, que apparece-
raõ em o Ceo de noute quando
ElRey D. Affonso Anriques
quize tomar Santarem, pag. 36, 3

T

Dona Tareja **C**Aza com o Cõ-
de D. Anrique,
e leva por dote a Portugal co-
mo Condado, pag. 2. Depois
da morte do Conde D. Anri-
que cazou cõ D. Vermuy Paes
de Trava, e depois com D. Fer-
nando Conde de Trastamara
Irmaõ de Vermuy Paes, pag. 8.
He prisioneira na batalha de
Santilhanas por seu filho D. Af-
fonso Anriques, pag. 9.

Dona Tareja Filha terceira delRey
D. Affonso Anriques cazou cõ
D. Felipe Conde de Frandes,
pag. 50. Como foy conduzida
para aquelle Condado, p. 76.

S. Theotónio Prior de Santa Cruz
conquista Arronches, pag. 29.
Fazhe doação D. Affonso An-
riques de Leyria, e Arronches
sõmente no Espiritual, pag. 30.
Recebe do mesmo Rey Leyria
assim no Espiritual, como no
temporal, e lhe poem por Al-
cayde do Castello a Payo Guo-
terres, pag. 15. Faz oração com
os seus Conegos pelo bom su-
cesso da conquista de Santarem
pag. 37.

Thomar O seu Castello he cercado
por

por Almiramolim Emperador de Marrocos, pag. 74.

Torres novas Quando foy cõquistada por D. Affonso Anriques? pag. 15. O seu Castello foy destruido por Almiramolim Emperador de Marrocos, pag. 74.

Torres Vedras Foy cõquistada por D. Affonso Anriques, pag. 49.

Trancoso He tomado pelos Mouros, onde fizeraõ grande mortandade, pag. 49.

V

Conde D. Vasco **A** Cõpanhou a Tuy a El Rey D. Affonso Anriques quando foy receber ao Conde de Barcelona D. Reymondo, pag. 50.

D. Vermuy Paes de Trava Cazou cõ a Rainha Dona Tareja viuva do Conde D. Anrique, p. 8. Depois deixandoa cazou cõ hũa fi-

lha da mesma Dona Tareja, ibi. *S. Vicente* Donde era natural, e por quem foy martyrizado, p. 26. O seu Corpo he trazido ao Cabo que agora tem o seu nome, e de como o foy buscar D. Affonso Anriques, e o não achou, pag. 27. Como foy achado o seu Corpo, e collocado na Sée de Lisboa, pag. 56. 60. e 61.

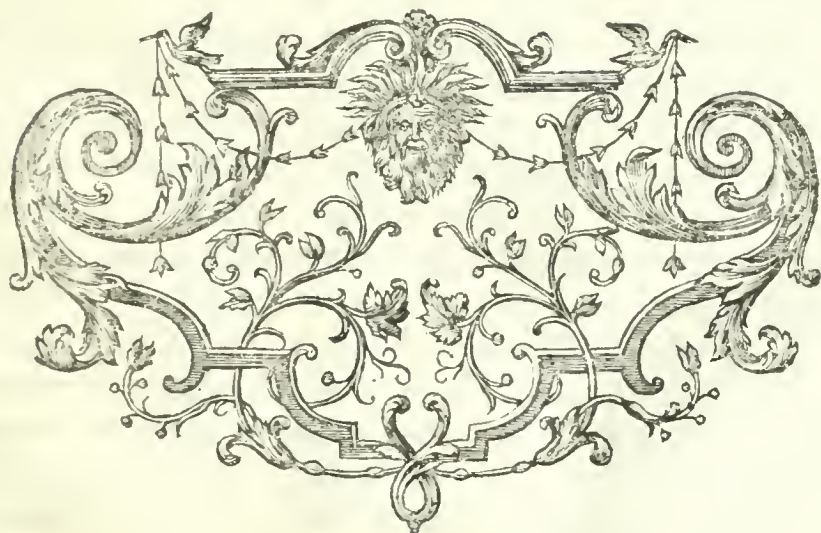
Villa franca Foy chamada antigamente Cornaguoa, pag. 44.

Dona Urraqua Filha del Rey de Castella D. Affonso chamado o Emperador caza com o Conde D. Reynaõ de Tolosa, p. 2.

Dona Urraqua Filha de D. Affonso Anriques cazou com D. Fernando Rey de Liaõ, pag. 50.

Dona Urraqua Lopes Filha do Cõde de Navarra Irmãa de D. Diogo o bom Senhor de Bisquaya cazou com El Rey de Liaõ D. Fernando, pag. 54. e 55.

F I M.





TRASLADO
DO JURAMENTO DEL-REY
D. AFFONSO
ANRIQUES.

O qual se conserva no Archivo do Real Mosteiro
de Alcobaça.



GO *Alfonfus Portugallia Rex, filius illustris Co-*
mitis Henrici, nepos magni Regis Alfonsi, coram
vobis bonis viris, Episcopo Bracharensi, & Epis-
copo Colimbriensi, & Theotonio, reliquisque mag-
natibus officialibus vassalis Regni mei in hac Cruce
area, & in hoc libro Sanctissimorum Euangeliorum
juro cum tactu manuum mearum, quod ego miser
peccator, vidi hisce oculis indignis verum Dominum
nostrum IESUM Christum in Cruce extensum in hac forma. Ego eram
cum mea hoste in terris ultra Tagum, in agro Anriquo, ut pugnarem cum
Isinaele, & aliis quatuor Regibus Maurorum habentibus secum infinita
millia, & gens mea timorata propter multitudinem, erat fatigata, &
multum tristis, in tantum, ut multi dicerent esse temeritatem inire bellum,
& ego tristis de eo quod audiebam, cepi mecum cogitare, quid agerem, &
habebam unum librum in meo papillione, in quo erat scriptum Testamen-
tum antiquum, & Testamentum IESU Christi. Aperui illum, & legi
victoriam Gedeonis, & dixi intra me: Tu scis Domine IESU Christe,
quia pro tuo amore suscepi bellum istud contra tuos inimicos, & in manu
tua est dare mihi, & meis fortitudinem, ut vincamus illos blasphemantes
tuum nomen, & sic dicens dormivi supra librum, & videbam virum se-

nem ad me venientem, dicentemque: *Adeponse, confide, vinces enim, de bel-
labisque Reges istos infideles, conteresque potentiam illorum, & Dominus
noster ostendet se tibi. Dum hac video, accedit Joannes Ferdinandus de
Souza vassallus de meo cubiculo, dixitque: surge domine mi. Adest homo se-
nex, vult que te alloqui. Ingrediat, dixi, si fidelis est. Ingressus ad me, ag-
novi esse illum, quem in visione videram, qui dixit mihi, domine, beno animo
esto, vinces, & non vinceres. Dilectus es Domino, posuit enim super te, &
super semen tuum post te oculos misericordiae suae usque in sextam decimam
generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respi-
ciet, & videbit. Ipse me jubet indicare tibi, quod dum audieris sequenti no-
cte tintinnabulum Remisorii mei, in quo vixi sexaginta sex annis inter infi-
deles, servatus favore altissimi, egrediaris extra castra, solus sine arbitris,
ostendere tibi pietatem suam multam. Parvi, & reverenter in terra posi-
tus, & nuntium, & mittentem veneratus sum, & dum in oratione po-
situs sonitum expectarem, secunda noctis vigilia tintinnabulum audivi,
& ense, & scuto armatus, egressus sum extra castra, vidique subito a
parte dextra, orientem versus, micantem radium, & paulatim splendor
crescebat in maius, & dum oculos ad illam partem efficaciter pono, ecce in
ipso radio clarius sole signum Crucis aspicio, & IESUM Christum in eo
crucifixum, & ex una, & altera parte multitudinem juvenum candidis-
simorum, quos Sanctos Angelos fuisse credo. Quam visionem dum video,
deposito ense, & scuto, relictisque vestibus, & calceamentis, frenus in
terram me projicio, lacrymisque abundè missis, cepi rogare pro conforta-
tione vassalorum meorum, dixi que nihil turbatus. Quid tu ad me Domi-
ne? Credenti enim Fidem vis augere? Melius est ut te videant Infideles,
& credant, quam ego, qui à fonte baptismatis te Deum verum Filium
Virginis, & Patris Aeterni agnovi, & agnosco. Erat autem Crux mi-
rae magnitudinis, & elevata a terra quasi decem cubitos. Dominus sua-
vi vocis sono, quem indignae aures meae perceperunt, dixit mihi. Non ut
tuam Fidem angerem hoc modo apparui tibi, sed ut corroborem cor tuum in
hoc conflictu, & initia Regni tui supra firmam petram stabilirem. Confide
Alfonse, non solum enim hec certamen vinces, sed omnes alios in quibus
contra inimicos Crucis pugnaveris. Gentem tuam invenies alacrem ad bel-
lum, & fortem, petentem, ut sub Regis nomine in hac pugna ingrediaris;
nec dubites, sed quidquid petierint, liberè concede. Ego enim adificator,
& dissipator Imperiorum & Regnorum sum: volo enim in te, & in semi-
ne tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras gentes;
& ut agnoscant successores tui datorum Regni, insigne tuum ex pretio,
quo ego humanum genus emi, & ex eo quo ego à Judæis emptus sum, com-
piones, & erit mihi Regnum sanctificatum, Fide purum, & pietate di-
lectum*

lectum. Ego ut hæc audivi, humi prostratus adoravi dicens: Quibus meritis, Domine, tantam mihi amicitias pietatem? Quidquid jubes faciam, & ut in mea prole, quam promittis oculos benignos pene, gentemque Portugallensem salvam custodi, & si contra eos aliquod paraveris malum, certe illum potius in me, & in successores meos, & populum quem tanquam unicum filium diligo, absolve. Annuens Dominus inquit: Non recedet ab eis, neque a te unquam misericordia mea, per illos enim paravi mihi messem multam, & elegi eos in messores meos in terris longinquis: hæc dicens disparuit, & ego fiducia plenus, & dulcedine redii in castra, & quod taliter fuerit, juro ego Aldefonsus Rex per Sanctissima Jesu Christi Evangelia hisce manibus tacta. Idcirco precipio successoribus meis in perpetuum futuris, ut scuta quinque in crucem partita, propter Crucem, & quinque vulnera Christi, in insigne ferant, & in unoquoque triginta argenteos, & super serpentem Moysis, ob Christi figuram, & hoc sit memoriale nostrum in generatione nostra: & si quis aliud attentaverit, a Domino sit maledictus, & cum Juda traditore in Infernum maceratus. Facta carta Colimb. III. Kalend. Novembris. Era M. C. LII.

Ego Aldefonsus Rex Portugaliæ.

I. Colimb. Episcop.

I. Bracharent. Metropo!

T. Prior.

Ferdinandus Petri Curia Dapif.

Petrus Telag. Curia Signifer.

Velasco Sancij.

Alfonso Menen. præf. Ulif.

Gondifalvus de Souta procur. Imn.

Pelagius Menen. procur. Vi'en.

Suer. Martin. procurat. Colimb.

Menendus Petri, pro Magistro Al-

berto Regis Cancellario.

Cuja significação em Portuguez he a seguinte.

EU Affonso Rey de de Portugal, filho do Conde Henrique, e neto do grande Rey D. Affonso, diante de vòs Bispo de Braga, e Bispo de Coimbra, e Theotonio, e de todos os mais Vassallos de meu Reyno, juro em esta Cruz de metal, e neste livro dos Santos Euangelhos, em que ponho minhas mãos, que eu miseravel peccador vi com estes olhos indignos a nosso Senhor JESU Christo estendido na Cruz, no modo seguinte. Eu estava com meu exercito nas terras de Alentejo, no Campo de Onrique, para dar batalha a Ismael, e ontros quatro Reys Mouros, que tinhaõ consigo infinitos milhares de homens, e minha gente temerosa de sua multidaõ, estava atribulada, e triste sobremaneira, em tanto que publicamente diziaõ alguns ser temeridade acommetter tal jornada. E eu enfadado do que ouvia, comecey a cuidar comigo, que faria; e co-

mo

mo tivesse na minha tenda hum livro em que estava escrito o Testamento Velho, e o de Jesu Christo, abriho, e li nelle a vitoria de Gedcaõ, e disse entre mim mesmo. Muy bem sabeis vòs, Senhor JESU Christo, que por amor vosso tomey sobre mim esta guerra contra vossos adversarios, em vossa mão està dar a mim, e aos meus fortaleza para vencer estes blasfemadores de vosso nome. Ditas estas palavras adormeci sobre o livro, e comecey a sonhar, que via hum homem velho vir para onde eu estava, e que me dizia: Affonso, tem confiança, porque vencerás, e destruirás estes Reys infieis, e desfarás sua potencia, e o Senhor se te mostrarà. Estando nesta visão, chegou Joaõ Fernandes de Sousa meu Camereiro dizendo-me: Acorday, senhor meu, porque està aqui hum homem velho, que vos quer fallar. Entre (lhe respondi) se he Catholico: e tanto que entrou, conheci ser aquelle, que no sonho vira; o qual me disse: Senhor tende bom coração, vencereis, e não sereis vencido; sois amado do Senhor, porque sem duvida poz sobre vòs, e sobre vossa geração depois de vossos dias os olhos de sua misericordia, até a decima sexta decendencia, na qual se diminuiria a successão, mas nella assim diminuida elle tornarà a pôr os olhos, e verà. Elle me manda dizer-vos, que quando na seguinte noite ouvirdes a câpainha de minha Ermida, na qual vivo ha sessenta e seis annos, guardado no meyo dos Infieis, com o favor do muy Alto, sayais fóra do Real sem nenhuns criados, porque vos quer mostrar sua grande piedade. Obedeci, e postrado em terra com muita reverencia, venerey o Embaixador, e quem o mandava; e como posto em oração aguardasse o som, na segunda vela da noite ouvi a campainha, e armado com espada, e rodela sahi fóra dos Reays, e subitamente vi à parte direita contra o Nacente, hum rayo resplandecente; e indo-se pouco, e pouco clarificando, cada hora se fazia mayor; e pondo de proposito os olhos para aquella parte, vi de repente no proprio rayo o sinal da Cruz, mais resplandecente que o Sol, e Jesu Christo Crucificado nella, e de huma, e de outra parte, hũa copia grande de mancebos resplandecentes, os quais creyo, que seriaõ os Santos Anjos. Vendo pois esta visão, pondo à parte o Escudo, e espada, e lançando em terra as roupas, e calçado me lancey de bruços, e desfeito em lagrymas comecey a rogar pela consolação de meus vassallos, e disse sem nenhum temor. A que fim me appareis Senhor? Quereis por ventura accrescentar fé a quem tem tanta? Melhor he por certo que vos vejaõ os inimigos, e creiaõ em vòs, que eu, que desde a fonte do Baptismo vos conheci por Deos verdadeiro, Filho da Virgem, e do Padre Eterno, e assim vos conheço agora. A Cruz era de maravilhosa grandeza, levantada da terra quasi dez covados. O Senhor com hum tom de voz suave, que minhas

orelhas

orelhas indignas ouviraõ, me disse. Naõ te apareci deste modo para ac-
 crescer tua fé, mas para fortalecer teu coração neste conflito, e fun-
 dar os principios de teu Reyno sobre pedra firme. Confia Affonso, por-
 que naõ só vencerás esta batalha, mas todas as outras em que pelearas
 contra os inimigos de minha Cruz. Acharás tua gente alegre, e esferçada
 para a peleja, e te pedirà que entres na batalha com titulo de Rey. Naõ
 ponhas duvida, mas tudo quanto te pedirem lhe concede facilmente. Eu
 sou o fundador, e destruidor dos Reynos, e Imperios, e quero em ti, e
 teus decedentes fundar para mim hum Imperio, por cujo meyo seja
 meu nome publicado entre as Nações mais estranhas. E para que teus
 descendentos conheçaõ quem lhe dà o Reyno, comporàs o Escudo de
 tuas Armas do preço com que eu remi o genero humano, e daquelle por-
 que fuy comprado dos Judeos, e sermeha Reyno santificado, puro na fé,
 e amado por minha piedade. Eu tanto que ouvi estas cousas, postrado
 em terra o adorey dizendo: Porque meritos, Senhor, me mostrais taõ
 grande misericordia? Ponde pois vossos benignos olhos nos succedores
 que me prometeis, e guarday salva a gente Portugueza. E se acontecer,
 que tenhais contra ella algum castigo aparelhado, executay o antes em
 mim, e em meus descendentos, e livray este povo, que amo como a uni-
 co filho. Consentindo nisto o Senhor, disse: Naõ se apartarà delles, nem
 de ti nunca minha misericordia, porque por sua via tenho aparelhadas
 grandes searas, e a elles escolhidos por meus legadores em terras muy
 remotas. Ditas estas palavras desapareceu, e eu cheyo de confiança, e
 suavidade me torney para o Real. E que isto passasse na verdade, juro
 eu D. Affonso pelos Santos Euangelhos de JESU Christo tocados com
 estas mãos. E por tanto mando a meus descendentos, que para sempre
 succederem, que em honra da Cruz e cinco Chagas de JESU Christo
 tragaõ em seu Escudo cinco Escudos partidos em Cruz, e em cada hum
 delles os trinta dinheiros, e por timbre a Serpente de Moysés, por ser fi-
 gura de Christo, e este seja o trofeo de nossa geraçaõ. E se alguem in-
 tentar o contrario, seja maldito do Senhor, e atormentado no Inferno
 com Judas o treidor. Foy feita a presente carta em Coimbra aos vinte e
 nove de Outubro, era de mil e cento e cincoenta e dous.

Eu ElRey D. Affonso.

João Metropolitanõ Bracharense.

João Bispo de Coimbra.

Theotonio Prior,

Fernão Peres Vedor da Casa.

Vasco Sanches.

Affonso Mendes Govern. de Lisboa.

*Gonçalo de Sousa Procurador de entre
 Douro e Minho.*

Payo Mendes Procurador de Viseu.

Sueiro Martins Procurador de Coimb.

*Mem Peres o escreveu por Mestre Al-
 berto Cancellario delRey.*

LISBOA OCCIDENTAL,
NA Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVI.

Com todas as licenças necessarias.



CHRONICA
DELREY
D.SANCHO I.
SEGUNDO DE PORTUGAL.

CHRONICA
DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE
D. SANCHO I.

SEGUNDO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mór do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

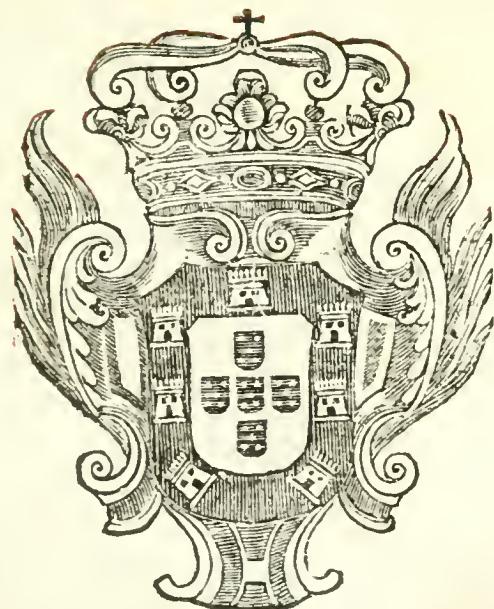
OFFERECIDA

A: MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA:



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVII.

Com todas as licenças necessarias.

DA SANGHOY

SEUNDO LET DE MONSIEUR
LE ROY

POUR LE DROIT

Le Roy a permis au sieur de la Roche
de faire imprimer par ses soins
le present ouvrage au profit de son
droit de Roy.

M. DE LA ROCHE

A PARIS CHEZ LAULANDE

DA LOA V

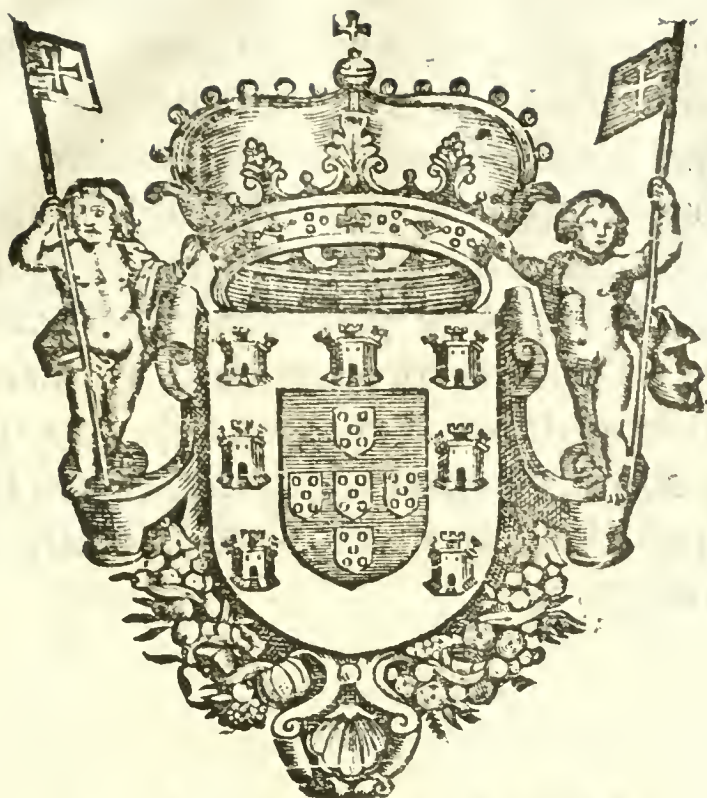
NOSSO SENHOR

REY DE PORTUGAL

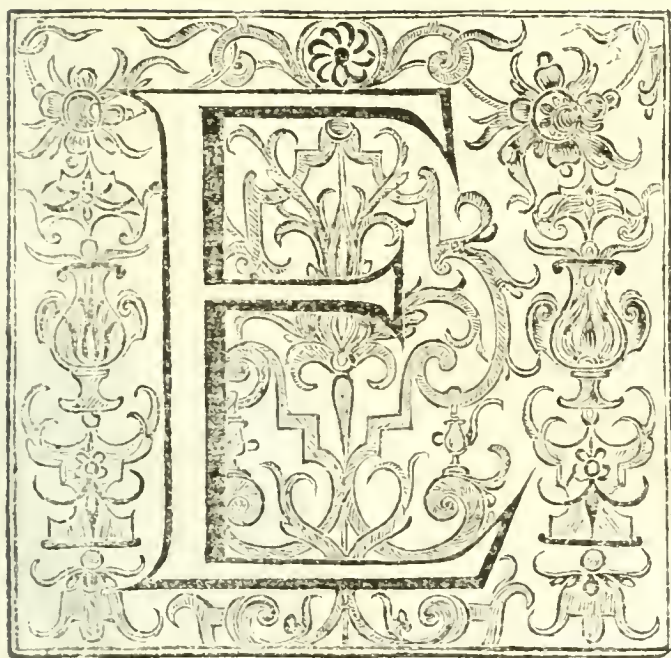


LE ROY DE PORTUGAL
A LISBOE

1714



SENHOR



STA he a segunda vez,
que chego aos Reays
pés de V. Magestade agradecido, e pretendente. Agrade-
cido, porque V. Magestade com a sua natural benignida-
de

de le dignou de aceitar a vida que lhe offereci, do Senhor Rey D. Affonso Enriques, escrita ha mais de dous seculos por Duarte Galvaõ. E pretendente de que V. Magestade com a mesma Real benevolencia, se sirva de Amparar com a sombra soberana do seu Augusto Nome, a vida do Senhor Rey D. Sancho I. que lhe offereço agora, para que animado com a sua Real protecção possa continuar no desempenho da palavra prometida de hir dando à luz as Chronicas dos Senhores Reys deste Reyno, que ha muitos annos se conservaõ manuscritas. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como dezejamos; e havemos mister.

MIGUEL LOPES FERREYRA:



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNAO TELLES
DASYLVA

*MARQUES DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO,
e Guerra del Rey Nosso Senhor, Gentil-homem de sua Camara, Vedor de sua
fazenda, Embayxador extraordinario à Corte de Vienna, ao Serenissimo
Emperador Joseph, e Condutor da Serenissima Rainha Nossa Se-
nhora a estes Reynos, Academico, e Censor da Academia Real
da Historia Portuguesa, &c.*

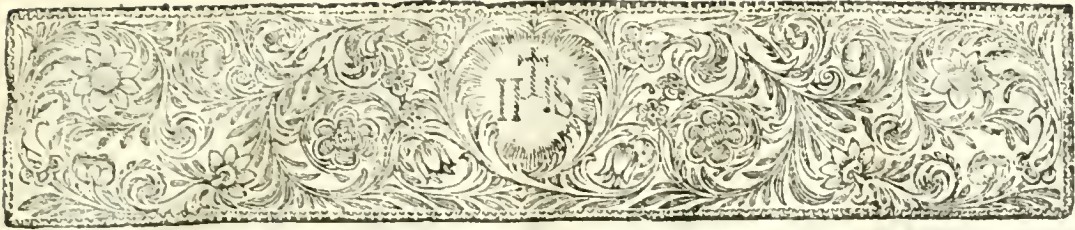


S repetidas vezes que Vossa Excellencia me tem favoreci-
do com a sua costumada affabilidade, me animaõ a que
novamente me valha do seu favor , pedindolhe queira fazerme a merce de of-
recer a Sua Magestade que Deos guarde, a Chronica del Rey D. Sancho I. que
pelas

pelas heroicas ações de que foy generoso instrumento, bem merece a sua Real protecção. Espero de Vossa Excellencia este beneficio, fundado nos que tenho recebido da generosidade de Vossa Excellencia. Cujá excellentissima Pessoa guarde Deos muitos annos.

Criado de Vossa Excellencia

MIGUEL LOPES FERREIRA.



MIGUEL LOPES FERREYRA
AO LEITOR.



A impressãõ, que agora publico, da Chronica del-Rey D. Sancho I. de Portugal verás amigo Leyter, que não falto à palavra que te dey de hir imprimindo as Chronicas manuscritas dos nossos Reys. A que ha poucos mezes dey à luz del Rey D. Affonso Enriques, foy escrita por Duarte Galvaõ; esta de seu filho, e dos mais Reys, que se lhe seguirão, não he facil a averiguação de quem seja o seu verdadeiro, e legitimo Autor. Commummente andaõ em nome de Ruy de Pina, que foy hum homem de grande estimação pela pessoa, e pela sciencia. Foy Cavalleiro da Caza del Rey D. Manoel seu Chronista, e Guarda mór da Torre do Tombo, e na Embaixada de obediencia à Santidade de Alexandre VI. com que foraõ a Roma D. Pedro de Noronha Mordomo mór do dito Rey, e Vasco Fernandes de Luceña, foy o Secretario della Ruy de Pina. Damião de Goes na Quarta parte da Chronica del Rey D. Manoel Cap. 38. trata com grande miudeza este ponto, e mostra que estas Chronicas forão compostas humas por Fernão Lopes, e outras por Gomes Eannes de Zurara, mas não duvida, que Ruy de Pina lhes deo melhor fórma, ou na ordem, ou no estilo, que he o que basta para que de algum modo se lhes deva dar o nome de suas. A mim não me toca o exame desta questaõ, mas só o dar noticia do que se tem escrito nesta materia. Aos Autores das Bibliothecas pertence a averiguação deste ponto, e amim continuar com a impressãõ das outras Chronicas, que se seguem, que como todos sabem, andaõ em nome de Ruy de Pina, para deste modo servir ao publico, tirandoas do segredo da Torre do Tombo para mayor commodidade dos curiosos.

Vale.



MILITARY HISTORY

NOTICE

The following notice is published for the information of the public and to inform them of the various regulations and orders which have been issued by the War Department since the 1st of January, 1917. It is the duty of every soldier, sailor, and airman to know the laws and regulations which govern his conduct and to observe them to the letter. It is the duty of every citizen to know the laws which govern his conduct and to observe them to the letter. It is the duty of every citizen to know the laws which govern his conduct and to observe them to the letter.



PROLOGUO

DO AUTHOR.

DAS CORONICAS DOS PRIMEIROS REYS de Portugal, primeiramente a Coronica del Rey D. Sancho deste nome ho primeiro, e dos Reys de Portugal ho segundo, dirigido aho muito Alto, e Excellente, e Poderoso Principe El Rey D. Manoel Nosso Senhor, por Ruy de Pina, seu Coronista mór, e Fidalgo de sua Caza.



ESTA desculpa podera ser para mim Rey poderoso, e Principe muy excellente nom emprender obra tam ardua, e tam difficil como esta, ha que ho estreyto mandado de V. A. e seu louvado dezejo me obrigaõ, pois aguora em vosso bemaventurado tempo me manda, que ordene, e componha has antiguas Estorias, louvadas memorias, e notaveis feytos dos primeyros, e esclarecidos Reys de Portugal vossos progenitores, que de seus tempos dividamente se nom acham compostas, ou nos outros despois delles por negligencia se perderam, e abastaria por muy claro corregimento desta escuza, e por receo do grande trabalho, e cuydado do espirito, e das muitas difficuldades, que nesta obra se offrecem, saberem, q̃ jáa por vosso mandado ha começou, e nom proseguio Duarte Gualvam, do vosso Concelho, que para ella, e para couzas outras de moor importancia, he homem por sua doutrina assaas desperto, e muy sufficiente, mas porque vossa vontade Rey muyto excellente, sempre se inclina, e nunca dezeja, salvo obras santas, e justas, e muy virtuosas, assi por esso ella foy sempre, e he preveligiada, e favorecida da suma potencia Divina, que para comprimto de vossos dezejos, e propositos nunca para ordenar vos falece saber, e prudencia, nem para executar, e cumprir forças, e grande poder, e da consequençam desta singular prerrogativa, que he vossa muy Real pessoa, todas nossas empresas, e por vossa boa ventura para sempre outorguada, de que ha prosperidade, e verdadeyra fama de vossos maravilhosos feytos dam em todo mundo muy claro testemunho; tomey emprestado para esta obra, que toda hee vossa, alguma ouzadia, ainda que receosa, com que no cansaço deste grande serviço, por ventura nom conhecido,

PROLOGO.

nhecido, esforçale ha fraqueza de minhas forças, e favoreceffe ha rudeza de meu engenho, para que aho menos por minha piquena possibilidade mostre primeyramente, que de vossa muita bondade, e esforço, e grandeza de animo nom'foy sómente descobrir novos Reynos, novos maares, novas regiões, com que aho mundo mayor, e mais riquo que nas terras nom conhecidas, de Deos nunca conhecedoras, seu muy santo nome, como outro Apostolo fizesseis conhecer, e pubriquir sua verdadeyra Fée, mas que ainda para mayor acrecentamento do preciozo thezouro de vossas virtudes descobristes esta vossa propria, e muy louvada virtude de tam prefeyta piedade, de que àcerqua dos gloriosos Reys, e Rainhas de Portugal de que descendeis, tam prefeytamente uzais, com ha qual refucitando vossa muy Real Senhoria ha seus nomes muy dinas memorias, e memorandas façanhas, cujo juizo ho esquecimento tinha jáa assi mortificuadas de todo, e dandolhe estas suas verdadeyras lembranças huma tam segura maneyra para vida eterna, ellas juntas por immortal interesse de mais vosso louvor, se tornem todas ha ver em vós, com mayor resplendor, renovadas, e nellas V. A. mostre aho mundo hos Reaes, e limpos originaes de que foy, e ha my por sua grandesa, e humanidade, perdoe estes cometimentos, que fiz de vos querer louvar, pois verdadeyra necessidade aqui hos inxerio, porque em cazo que seja regra, e principio muy dino, que bem faz quem sempre vée bem outras.

Porém nom fica por saber, muito excellente Rey, que vossos limpos, e castos ouvidos jaa nom esperam por meus louvores, por boquas de Santos Papas, e de grandes Reys, por todo ho mundo tantas vezes publicuados, e muitos mais merecidos, porque ha temperança de vossa alma he tal, que com ha sóo operaçam de vossas virtudes, sem q se diguam, intrinsequamente se contenta, mais alegre de bem fazer, que de bem ouvir, mas com tudo porque vós Princepe muy esclarecido sabemos, que fostes sobre todos, e lois dado por Rey da sóo maõ de Deos, ha nós, hos vossos Portuguezes, por grande nossa gloria, e vemos que tendes feyta profissaõ, que maravilhosamente comprireis na sagrada Religiam das mais excellentes virtudes Divinas, e hmanas, por esto nom hee amy, nem ha outrem periguo, mas segurança, nom hee culpa, mas merecimento, e divida, que devemos louvar vossas coulas tam grandes, e ha vós principalmente porque quando se assi nom fizesse claramente se erraria, e nom tanto ha vós, como ha Deos, pois falando se vossas grandezas, e prosperidades se dá graças, e louvores aho todo Poderoso Deos, que em sua maõ por vós has faz, porque todos sabemos, e ha todos hee muy notorio que ha gloria, e louvor, que por vossa bemaventurança hos homens querem attribuir ha vós, vossa alma, como aquella, que destes beneficios hee muy aguardecida, e

loguo

D O A U T H O R.

loguo hás offrece ha Deos, de quem fielmente credes, e affirmais que tu-
do procede.

E por tornar aho fio do Prologuo, que hum pouquo quebrey, acho Rey poderoso, e muy excellente, que del Rey D. Affonso Anriques deste nome, e dos Reys de Portugal ho primeyro, até El Rey D. Affonso deste nome ho quarto inclusivè, que saõ sete Reys, nom parece de suas vidas, nem de seus feytos se acha nos vossos Reynos Estoria ordenada, e composta, como fora rezam, e se merecia, mas haa sómente por Lúguares muy ocultos algumas lembranças, cartas confuzas, e muy duvidozas, cuja verdade quanto for possivel, ainda que seja com muito estudo de grande trabalho, hee necessario que se busque, e se apure, e para algũas semelhantes lembranças, creio que Duarte Gualvaõ, que se diz compoer ha Coronica del Rey D. Affonso Anriques ho primeyro, de que algum tanto se achou mais escrito, e ha que esta del Rey D. Sanchõ seu filho, vay continuada, e has outras dos outros Reys, que ho socederam, posto que em seu Prologuo se offrecesse de has acabar, bem sey que nom por defeyto de saber, nem por falecimento de bom dezejo, mas por nom aver, e mais nom achar ha materia para essto necessaria, póde ser que defestio de has compoer, e ha este pezo tamanho, que ha sua suficiencia deyxou, V. A. pela natural obediencia, e servidam, que lhe devõ me manda, e constrange, que sem escuza soometa meus hombros, em caso que fazelo seja proprio de meu officio, bem sinto porem, que de meu saber hee muy estranho, mas como eu Serenissimo Rey sam de vossa esperança favorecido, e com essto tenho alguma confiança de meu dezejo, e cuydado, e assi da grande deligencia, que para esta composiçam se requiere, espero prazendo ha Deos, quanto ha hum homem nom sufficiente for possivel, que satisfarey com sua graça ha vosso mandado, posto que nom seja com inteyra satisfaçam de vosso Real dezejo, e esto nom será sem trabalho fundamento, porque hos feytos, e has memorias de nossos gloriosos Reys de Portugal antiquos, e mais modernos, foram, e sam por todas has rezões do mundo, assi notorias, e estimadas, que hos Escitores, assi Latinos, como de outras linguoas estranhas, por nom serem ingratos ahos merecimentos de seus tempos, em seus processos, e Coronicas, que compozeram, notarem ha elles Reys de Portugal por muy excellentes em suas obras, e feytos por muy singulares, e dinos para sempre alembra-rem, e nunca esquecerem.

De q se segue q quanto hos Reys de Portugal foram Catholicos, de-
votos, e obedientes ha Deos, e à Santa Sée Apostoliqua nas vidas, e regil-
tos dos Summos Pontifices por seus grandes merecimentos, e louvores,
claramente se nota, e quanto elles foram generosos, e conquistadores pela

P O L O G U O .

Santa Fé, e de seus proprios Reynos, e Senhorios verdadeyros Augusto nom sómente Coronicas da Espanha, e dos Reys, e Reynos nossos vezi-
nhos, sem dauida ho testemunham, mas has dos barbaros infieis, ainda
que seja com grandes seus estraguos, e cativeyros, muito melhor publi-
quam, e quantas Rainhas, e Princezas, e quantos Ifantes, Princepes, e Se-
nhores sayraõ desta Real Caza de Portugal para muy altos, e licitos ma-
trimonios de Emperadores, Reys, e Princepes de toda ha Christandade,
nas Coronicas de suas vidas feytos, e Reynos manifestamente parece, cu-
ja vista, e leytura, e bom exame amy, para esta obra, nom se escuzam, assi
muy alto, e poderoso Princepe, que possivel hee ainda que seja por cami-
nhos tam longuos, e tam deficultozos, que has Coronicas dos muy excel-
lentes Reys vossos mayores, q̄ atraz apontey, nom serem como sam de to-
do apaguadas, e que podem em alguma boa maneyra aluminarem este
por mim, e se nesta acupaçam, e seruiço assi prefeytamente ho nom com-
pirir como V. A. manda, e eu dezejo, seja tanto da costumada benenida-
de de seu animo, relevar minha imprefeyçam, quanto ha deficultdade de
couzas jáa esquecidas, e ha calidade, e grandeza dellas ho requiere, e por
concluir minha introduçam hee bem, que cõ ha graça, e favor de Deos,
comece logo ha Coronica del Rey D. Sancho deste nome ho primeyro,
e dos Reys de Portugal ho segundo, cuja louvada memoria, e grandes
feytos sam como se segue.



LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Manoel Guilherme Religioso da Ordem de S. Domingos , Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMMINENTÍSSIMO SENHOR

V I o livro intitulado Chronica do Senhor Rey D. Sancho I. composto pelo Chronista mór do Reyno Ruy de Pina, e me parece não ter couza que dificulte a licença de se imprimir : porque lhe não acho couza contra a Fé, ou bons costumes. Vossa Emminencia mandara o que for servido. S. Domingos de Lisboa Occidental 10. de Fevreyro de 1726.

Fr. Manoel Guilherme.

V ista a informação, pode-se imprimir a Chronica del Rey D. Sancho I. e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 12. de Fevreyro de 1726.

Rocha. Fr. Lancaestre. Cunha. Teyxeira. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre D. Joze Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia, Chronista da Serenissima Caza de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

ILLUSTRÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR.

P Or ordem de V. Illustrissima vi a Chronica del Rey D. Sancho I. de Portugal, que escreveo Ruy de Pina, e nella não acho clausula alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. V. Illustrissima ordenará o que for servido. Nesta Caza de N. Senhora da Divina Providencia 12. de Agosto de 1726.

D. Joze Barbosa Clerigo Regular.

Vista

Vista a informação pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e despois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 19. de Agosto de 1726.

D. J. A. L.

DO P A C O.

Approvaçãõ de Antonio Rodrigues da Costa, Cavalleyro professo da Ordem de Christo, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Conselheyro Ultramarino, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

S E N H O R

V I, como V. Magestade foy servido ordenarme, a Chronica do Senhor Rey D. Sancho I. composta pelo Chronista mór, e Guarda mór da Torre do Tombo Ruy de Pina; e não acho nella cousa que deva impedir a sua impressãõ. Porque ainda que está tam rudemente escrita, que não corresponde ao titulo honorifico de Chronista n ôr, e com tam poucas noticias, e taõ mal circumstanciadas, que tambem parece que não he produçãõ legitima de hum Guarda mór da Torre do Tombo, que he o Archivo publico do Reyno: com tudo como a antiguidade sempre he veneravel, será justo que laya á luz. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Occidental 25. de Setembro de 1726.

Antonio Rodrigues da Costa.

Q Ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e despois de impresso tornará á Meza para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 8. de Outubro de 1726.

Galvaõ. Oliveyra. Teyxeira. Bonicho:



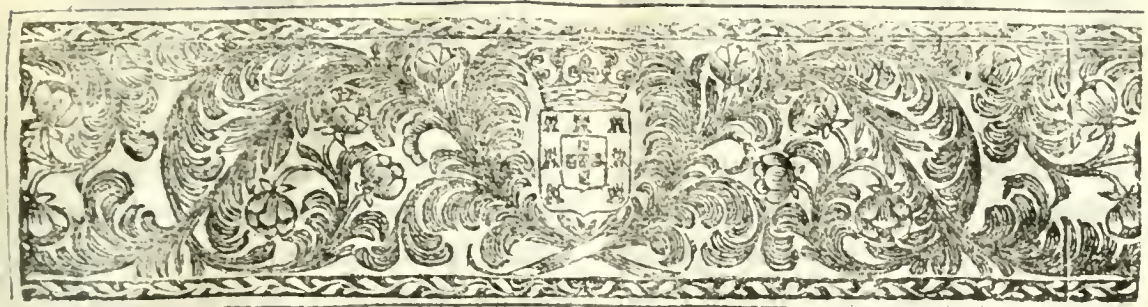
INDEX

DOS CAPITULOS QUE CONTEM esta Chronica.

- C**AP. I. Do tempo, e idade, que El Rey D. Sancho foylevantado, e obedecido por Rey, e assi dalguns geraes avizos para declaraçãõ, e milhor entendimento das couzas antigvas de Portugal, pag. 1.
- CAP. II. Dalgumas couzas, e feytos notaveis, que El Rey D. Sancho fez em sendo Ifante, pag. 5.
- CAP. III. Como estando ho Ifante em cerco, sobre ha Villa de Nebla, que he em Andaluzia, hos Mouros cerquaraõ Beja em Portugal, e ha veyo loguo socorrer, e da vitoria, que delles ouve, p. 7.
- CAP. IV. Como ho Ifante D. Sancho, foy em Santarem cerquado de Miramolim de Marroquos, e como El Rey D. Afonso seu Padre ho socorreo, e descerquou, e mataram ha Miramolim, pag. 9.
- CAP. V. Das couzas em que El Rey D. Sancho nos primeyros annos loguo entendeo de seu Reynado, e como neste tempo ha Santa Cidade de Jerusalem foy dos in-
- feis tomada, e do que El Rey sobre esto fez, pag. 12.
- CAP. VI. Como ha segunda passagem, que por socorro da Caza Santa se fez, e ho que della socedeo, pag. 15.
- CAP. VII. Do que El Rey D. Sancho fez depois da escuzza dultremaar, e como foy cerquar Serpa, e despois ha Cidade de Sylves, que era de Mouros, pag. 18.
- CAP. VIII. De como ha gente de Portugal, e ha dos Estrangeyros chegarã ha Sylves, e puzeraõ cerco, e derã ho primeyro combate, pag. 20.
- CAP. IX. Como El Rey D. Sancho chegou com sua gente por terra ha Sylves, e da outra sua que tambem foy por maar, e dos combates, que loguo se derã, pag. 21.
- CAP. X. De como foy combatida, e tomada ha couraça da Cidade em que estava ha mais segurança, e mayor repayro dos Mouros, pag. 22.
- CAP. XI. Dos mais combates que se derã, e como hos da Cidade

I N D E X.

- por força se renderam ha partido, e ha cobraram, pag. 25.
- CAP. XII. De huma entrada que huin D. Pedro Fernãdes de Castro, dito ho Castellam, sendo lançado com hos Mouros, fez em Portugual, e de como foy prezo, e hos Mouros com que entrou, desbaratados, pag. 29.
- CAP. XIII. Das couzas, e imiza- des antre hos de Castro, e de Lara, por cuja causa este D. Pedro Fernandes de Castro entrou em Portugual, em tempo del Rey D. Sancho, que era neto do Conde D. Anrique de Lara filho de Dona Mofalda, molher del Rey D. Alfonso Anriques sua filha, pag. 30.
- CAP. XIV. Como El Rey Jacoboim Casim Mirabolim de Marrocos com grande gente de Reys Mouros entrou em Portugual, pag. 34.
- CAP. XV. Do casamento del Rey D. Sancho, e dos filhos, e filhas que teve assi legitimos, como bastardos, pag. 36.
- CAP. XVI. Das couzas, que ha El Rey D. Sancho em seu Reyno socederam despois do apartamento da Rainha Dona Tareja sua filha, atée seu falecimento, p. 49.
- CAP. XVII. Do falecimento del Rey D. Sancho, e de seu testamento, e de algumas couzas, e obras que fez, pag. 51.
- CAP. XVIII. Dalguns Luguares que El Rey D. Sancho novamente fundou, e fez, e ha que deu foraes, pag. 53.



CORONICA

DO MUYTO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SANCHO I.

SEGUNDO REY DE PORTUGUAL.

C A P I T U L O I.

Do tempo, e idade que El Rey D. Sancho foy levantado, e obedecido por Rey, e assi de alguns geraes avisos para declaração, e melhor entendimento das cousas antigas de Portugal.

HO muy alto, e excellente, manhannimo, virtuolo, e muy Catholico Principe El Rey D. Affonso primeyro, e bema-venturado original dos muy esclarecidos, e christianissimos Reys de Portugal, depois de vencer por seu braço em muitas, e muy periguosas batalhas infindos barbaros, e diversos imigos da Fé, e por seu maravilhoso esforço, lhes ganhar por força de armas muitas Cidades, Villas, e Castellos, e terras, e has ajuntar com louvor de Deos à

primeyra, e bem merecida Coroa de seu Reyno de Portugal, de que dina, e primeyramente se intitulou, como em sua Coronica se declara, chegando elle ha tanta idade, que por graveza da carne jáa nom podia exercitar algum dos seus proprios, e muy acostumados officios de Capitaõ, e Cavalleyro, se recolheo à sua Cidade de Coimbra, onde despois de fazer seu solene Testamento, e prover com Divinos, e necessarios Sacramentos em rodo ho que ha bem de sua alma, e descarreguo della compria acabou santamente sua vida em idade

A de

1185

de noventa e hum annos, ha seis de Dezembro da era de mil e duzentos e vinte e tres annos, e do Nascimento de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oytenta e sinquo, dos quaes sendo Ifante, e Principe, e Rey Reynou em desvayrados tempos, setenta e tres annos, onde seu corpo, que era muy grande, e bem composto, foy loguo unguido, e metido com grande solenidade em hum Moymento de pedra, sepultura para tam grande Rey, nom sumptuosa, antes chãa, e muy onesta, posta por entãõ em huma Cappella do Moesteyro de Santa Cruz, que elle novamente fundou, e larguamente dotou, em que tinha singular devação, e depois ho muito alto, e excellente Principe El-Rey D. Manoel deste nome ho primeyro nosso Senhor, porque em todas suas obras sempre foy Principe muy prefeyto, e sobre todo muy manhifiquo, mandou remover ha dita sepultura, e pôr no mesmo Moesteyro em outro lugar que lhe pareceo mais conveniente para ennobrecer, e intitular como ha taõ excellente original, e ha taõ dino Rey, seu mayor, e Antecessor se devia.

E aho tempo do falecimento del Rey D. Affonso era presente ho Ifante D. Sancho seu filho legitimo primeyro, e herdeyro, cuja hee ha presente memoria, ho qual ahos tres dias loguo seguintes da era de Cezar, e do anno de Christo acima ditos, por hos Prelados, e No-

bres de seu Reyno, que ahy eraõ, e com has ceremonias, e devida solenidade foy alevantado, e obedecido por Rey de Portugal soomente, sem outro acrescentamento de titulo, em idade de trinta e hum annos, porque elle naceo ha onze dias de Novembro da era de Cezar de mil e cento e noventa e dous annos, e do anno de Christo de mil e cento e sinquoenta e quatro, e foy alevantado por Rey na dita era de mil e duzentos e vinte e tres, e do anno de Christo de mil e cento e oytenta e sinquo, em que seu Padre faleceo, porque do tempo do dito Rey D. Affonso seu Padre, que primeyro se intitulou Rey de Portugal, atée El Rey D. Affonso Conde de Bolonha, em França, seu bisneto exclusive todos hos Reys seus sucessores se intitulãrãõ Reys de Portugal soomente, sem outra adiçaõ de titulo, nem algum acrescentamento nas sinquo Quinas do Escudo Real, porque ho dito Rey D. Affonso Conde de Bolonha seu bisneto por razaõ, e titulo do Alguarve daquem maar, que por El Rey D. Affonso deste nome ho Decimo de Castella, e de Liaõ seu sogro lhe foy dado em casamento com ha Rainha Dona Breatiz sua filha, se intitulou primeyramente Rey de Portugal, e do Alguarve, e acrecentou aho Escudo Real de sinquo Quinas, ha orla dos Castellos douro em campo vermelho, como em sua Coronica aho diante se dirãa, e para remover, e declarar algumas

algumas devidas que nas Coronicas dos Reys de Portugal podem occorrer.

Hee de saber, q̄ El Rey D. Affonso Anriques, primeyro Rey deida de dezoyto annos, q̄ avia quãdo ho Conde D. Anrique seu Padre faleceo, atée aver quorenta e sinquo annos, se chamou Ifante, e assi em quanto regeo sua terra, ha Rainha Dona Thareja sua Madre, ha qual por ser filha del Rey D. Affonso deste nome, ho sexto de Castella, aquelle que guanhou Toledo ahos Mouros sempre se chamou Rainha, e ho dito Conde D. Anrique seu marido, nunca mudou, nem accrescentou ho nome de Conde; e depois que D. Affonso Anriques seu filho nom consentio, e ha privou de sua governança, elle se chamou Principe dos Portuguezes, e de idade de quorenta e sinquo annos que avia quando venceo ha batalha do Campo Dourique, e foy pelos nobres Cavalleyros seus, que tinha ahy levantado por Rey, atée aver oytenta e sinquo annos, se chamou, e intitidou Rey de Portugal, por sua sóo vontade, e com acordo dos Grandes, e Povo do seu Reyno, e nom foy por authoridade dos Reys de Castella, nem consentimento como em algumas Coronicas Castelhanas craramente eu ho vi escrito, e destes oytenta, e sinquo annos atée aver idade de noventa e hum, em que faleceo se intitidou Rey de Portugal por authoridade, e approvaçãõ do Papa

Alexandre III. ho qual para ho dito Rey D. Affonso de Portugal ho primeyro, e assi todos seus sobcessores ho poderem fazer, e proseguir, com inteyra superioridade, lhe concedeo sua Bulla Rodada autentiquã, e solene, que eu seu Coronista mór vi ha qual foy dada em S. Joã de Latraõ, em Roma ha déz das Calendas de Junho, que hee ha vinte e tres dias de Mayo do anno da encarnaçãõ de N. Senhor Jesu Christo de mil e cento e setenta e nove annos, e ahos vinte annos de seu Pontifiquado, e proviquada por Alberto Presbitero Cardeal da Santa Egreja de Roma, e Chançarel della, com Imposiçãõ, e Cenço del Rey, e seus sobcessores, darem em cada hum anno à Sée Apostoliqua dous marcos douro, q̄ hos Arcebispos de Bragua, que pelos tempos fossen em nome dos Papas, aviaõ em cada hum anno de receber: mas estes marcos douro, em nossa memoria se nom acha que se paguassem, nem outra coula por elles, antes se cree, que pelos muitos, e muy affinados serviços, que hos Reys de Portugal, como filhos sobre todos muy obedientes, loguo, e despois sempre fizeraõ à Sée Apostoliqua, e assi outros por defençaõ de exalçamento da Santa Fèe, sejaõ, como saõ desta pagua para sempre livres, e relevados, assi q̄ neste Mayo deste anno de Christo de mil e quinhentos e treze, em que esta Coronica se começa, se cumprem, e acabaõ trezentos e se-

1179.

1513.

tenta e cinco annos que Portugal hee Reyno, e haa trezentos e trinta e quatro que foy aprovado por Reyno, izento como hee, nom reconhecete superioridade ha outro algum.

Aho tempo que ElRey D. Sancho assi foy levantado por Rey avia quatro annos, que era jáa cazado com ha Rainha Dona Doce sua mulher filha delRey D. Reymon Rey de Araguaõ, e Conde de Barcelona, e da Rainha Orraqua sua mulher ha qual em algumas memorias mais antigas se chama ha Rainha Dona Doce, e em outras mais modernas se chama ha Rainha Dona Aldonça: mas esto nom faz contradicãõ porque em sustancia ho nome hee todo hum, e della ElRey D. Sancho tinha jáa ho Ifante D. Affonso seu filho primeyro, e erdeyro, e assi outros filhos, e filhas de que aho diante farey breve mençaõ, dos quaes hos filhos barões legitimos se chamaõ Ifantes, e has filhas legitimas, em cazo que nom fossem cazadas se chamaõ Rainhas, e assi eraõ nomeadas nas solenes doações, e contratos em que todos eraõ nomeados, e hos aprovavaõ, este costume se guardou sómente atèe este Rey D. Sancho, porque ElRey D. Affonso seu filho jáa chamou ahos filhos, e filhas Ifãtes, ahos lègitimos de Dom, como em suas doações, e testamento parece, e hos filhos bastardos que este Rey, e outros Reys depois tiveraõ, nom se chamavaõ de Dom, mas por di-

ferença da bastardia, foraõ sómente chamados por seus nomes do Bautismo com seus sobrenomes tomados dos nomes dos Padres, ou Avoos, sem precedencia de Dom e sem alguma outra diferencia nem titulo de preminencia, mas affi como quaesquer outros do Povo, ha saber Pero Sanches, e Orraqua Affonso, e Orraqua Sanches, e assi hee de saber, que do tempo delRey D. Affonso Anriques, atèe ElRey D. Pedro inclusive, em que ouve oyto Reys de Portugal decendentes hum do outro, todos em suas Cartas, Privilegios, e Doações, e quaesquer outras Escrituras q̄ eraõ feytas em nome DelRey, e que nom passavaõ por Dezembargadores, e officiaes decrarados, se punhaõ seus sellos sem affinarem de seus nomes, nem doutro algum, e sómente se dizia: *ElRey homan dou, e foaõ Escrivaõ ho fez.* E quando has cousas eraõ de grandes importancias, e para que compria mais legurança, e moor autoridade, ha saber: *Pazes, Cazamentos, e Testamentos,* punhaõ de suas mãos: *Eu foaõ Rey ha vi, e sob escrevi por minha maõ,* porque ElRey D. Fernando filho do dito Rey D. Pedro loguo como Reynou affinou por sy, poendo: *ElRey,* segundo nas Cartas dos huns, e dos outros que estaõ na Torre do Tombo nestes Reynos de que eu Coronista sou Guarda moor, todo esto assi vi, e ho examiney por verdade, e este costume, e Ordenaçãõ de hos Reys

affina-

affinarem muitas cousas por sy, ainda aguora se guarda, mas hee com grande differencia dos sinaes, porque nas cousas, e Provizões que haõ de aver sellos, affinaõ *El Rey*, e nos Alvaràs, e Cartas missivas affinaõ sómente *Rey*, e em outras cousas acordadas, que ainda requerem fazerse outra provizaõ poendo seu passe, e em todos estos sinaes depois del Rey D. Affonso deste nome ho Quinto, que primeyro ho costumou, além delles, sinquo pontos por lembrança das sinquo Quinas de Portugal.

CAPITULO II.

De algumas cousas, e feytos notaveis, que El Rey D. Sancho fez em sendo Ifante.

EL Rey D. Sancho aho tempo, que direytamente foy obedecido por Rey além do Real, e antigo Sanguie dos Reys de que descendia para devidamente ser Rey, ainda por obras, e claros feytos, jáa se fizera digno, nom sómente de erdar por direyto ha sobcessão del Rey seu Padre que erdou, mas de ser para ella emlegido, e requerido, nom era sem causa, porque tendo El Rey D. Affonso seu Padre em idade de oytenta e quatro annos correndo ho anno do nascimento de N. Senhor em mil e cento e setenta e oyto annos, porque neste tempo se acabaraõ humas treguoas

de sinquo annos, e de grande necessidade, que elle com hos Reys Mouros Delpanha seus comarquãos posera, vendo q̄ por indelposiçaõ de sua pessoa, que por ha perna que nas portas de Badalhouse quebrara, e por outros emcõvenientes de sua honra, em que encorria se cavalguase, nom podia por sy fazer ha guerra a hos infieis, assi como compria, e elle sempre fizera, confiando jáa das mostranças de discriçaõ, e esforço de D. Sancho seu filho, que avia vinte e quatro annos porque com o exercicio das armas, e guerra jáa perfeytamente ho experimentara, desejando que em seu nome, e como seu verdadeyro sobcessor, elle prosseguisse contra hos infieis inimigos da Fée, ha conquistaçaõ legitima, e meritoria, que tinha emprendida, e com tanta tristeza leyxada por tal, que mais tempo se nom interrompesse, e metesse seu filho na dita conquista lhe fez sobre esto em Coimbra aquella excellente falla, muy dina de tal Pay, e de Rey muy Catolico, e taõ bom Cavalleyro, ho qual Ifante D. Sancho porque sua idade ho requeria, e seu coração muito mais ho dezejava, com tal obediencia ha recebeo nos ouvidos, que loguo ha passou ha seu coração, e nelle atou cõ firmes nóos de grande Fée, e singular Cavallaria, com que loguo tanto que foraõ percebidos hos Capitães, e gente de cavallo, e de pé, que para effo compria, se dispoz aho caminho, e à guerra jáa

jáa bem praticada, e refazendo-se na Cidade de Evora, com afaas bem pouqua gente, para tam grande, e tam periguoſa empreza, como tomara, e ſe lhe offerencia, e com habençaõ, e boa ventura delRey ſeu Pay que tinha recebida, partio da hy alegre com o roſto na terra Dandaluzia, que entãõ era chea de Mouros guerreyros por onde com muy ſingular deſtreza, e ouzadia foy guerreando, e eſtraguando has gentes, e terras dos infieis, e poſto que no caminho arduas contradicções, e grandes afrontas dos imiguos recebeſſe, porẽm ſempre ha ſeu pezar delles, e com grandes ſeus eſcramentos paſſou ha Serra Morena ſempre vencedor, e nunca vencido, e nunca temeroſo, e ſempre temido, e aſſi chegou à Cidade de Sevilha ha qual por ſer Cabeça, e titulo entãõ de grande Reyno, e para prefunção, e ſoberba em que eſtava de muito poderoſa, ouve por ſua grande deſhonra, e incomparavel abatimento ho que aſſi ſentia com dor, e vergonha porque a todos era notorio, que depois da gêral perdição Deſpanha, que foy em tempo delRey D. Rodriguo ho derradeyro Rey dos Guodos, nunca de Chriſtãos, ella fora guerreada, nem ſómente viſta, ho que aho ſfante D. Sancho, e ha boa, e leal gente de Portugal que levava, acrecentou muita mais honra, e louvor, onde na crua batalha que nos arrabaldes foy aprazada, e loguo cometida, e bem pelejada nom

faleceo ha D. Sancho prudencia, e acordo com que aconselhado da ſingular gente que levava, regeo, e ordenou ſuas batalhas, nem menos eſforço de valentia de coração com que nellas pelejou, ca por dar ahos ſeus clara eſperança de ſegura vitoria com ſuas mãos, e armas nom ociozas, ſeus encontros, e golpes, nom eraõ ſegundos, mas primeyros, com hos primeyros cometia has mayores afrontas, onde dos irozos braços de ſeus imiguos recebiaõ para retorno dos que dava golpes duros, e afaas periguoſos, aly ha olhos de todos no louvado, e glorioſo officio de Capitaõ, e Cavalleyro claramente ſe moſtrou ſer bom filho de ſeu Pay, dino de em todo ho ſoceder, aly ha calidade, e antigua bondade das armas de gente Portugueza, dava ſeguro eſforço, e eſperança de vencer ho que ha ſua pouqua quãtidade de gentes tam deſigual à dos Mouros, podera por rezaõ dene-guar, mas finalmente aprouve ha N. Senhor em cujo nome, e por cujo louvor, e ſerviço ha batalha foy cometida, que ella ſe acabou com muito eſtraguo, e grande mortindade dos imiguos da Santa Fée, ficando ho campo aſaaz cheo de corpos cortados de ferro, e vazios das almas danadas, honde ho ſangue dos vencedores, e muito mais dos vencidos foy tanto que deu nova, e muy eſpantoza, corrẽte às aguoaſ do fermoſo Rio de Guadalquibir aho longuo do qual, e ſobre

bre ho qual foy esta batalha onde jáa sem resistencia, e temor dos imiguos que com medo, se recolheraõ ho despojo do campo, que de cavalos, armas, cativos, e outras riquezas, foy de grande preço, sem estima, ho qual despojo ho dito, Ifante com muita discricão, e maior nobreza por vencedores, com muyta alegria loguo repartio, nom tomando para sy, salvo ha honra, gloria, e louvor da vitoria, e sobre tudo como Capitaõ prudente lhes dava aquelles agradecimentos, e louvores que por seus trabalhos, e serviços mereciaõ, com que hos contentou, e satisfez de maneyra, que acrecentou seu amor, e esforço, para nas mayores necessidades que aho diante ocorressen, melhor ho servirem; e de Sevilha porque has forças dos contrarios comarquãos, pela força da batalha passada, fiquaraõ muito quebrados, favorecido ho Ifante D. Sancho da fortuna, e da sua propria Fèe, principalmente guerreou, e destrohiõ muitos Luguares, e terras Dandaluzia ao longuo do maar.

CAPITULO III.

Como estando ho Ifante em cerco sobre ha Villa de Nebla, que hee em Andaluzia, hos Mouros cerquaraõ Beja, em Portugal, e ha veyo loguo socorrer, e da vitoria que delles ouve.

ANdando ho Ifante D. Sancho nesta prospera conquista, com vontade de ho proseguir muito tempo, estando em cerco sobre ha Villa de Nebla, e posta ella jáa em tanta necessidade, e estreiteza, para ha em breve tomar, foy avizado, que ha Villa de Beja que El Rey D. Affonso seu Padre a hos Mouros tomara, era entaõ delles cerquada, e posta em grande afronta, e deste prudente ardil consultáraõ hos imiguos para cõ elle afrouxarem ho Ifante da guerra Dandaluzia em que tam prosperamente andava, naqual cousa ho Ifante como Principe nom menos prudente que piedoso, e esforçado, concirando que El Rey D. Affonso seu Padre, por elle Ifante ser afastado, lhe nom seria tam facil aver gente, como para tal pressa, e socorro requeria, especialmente por elle trazer ha principal do Reyno com finguo, e tambem nom lhe esquecendo que era melhor, e ha elle mais devido, antes conservar ho ganhado, e seguro, que conquistar ho duvidoso, detreminou de deixar ho cerco de Nebla, e partirse, e socorrer com suas forças ha Villa de Beja, por se nom perder, e por nom dilatar muito tempo, e poder fazer suas jornadas com mayor pressa, e menos torvações, apartou loguo da sua gente aquella que lhe pareceo, com que melhor, e mais em breve podia socorrer, e porque ho outro seu Exercito viria mais vaguaroso, e para que fiquando em terra

terra de imiguos, se podesse seguramente recolher, deyxou por Capitaõ moor delle, D. Pero Paes Alferes moor, que se mostrou agravadado, e descontente por ficar, e nom levar sua bandeyra, especialmente em caminho, e para cousa de tanta honra, e periguo como se offerecia, e assi como por seu officio sempre fizera, e este D. Pero Paes Alferes foy filho de Payo Soares C,apata, e cazou com Dona Ervira filha de D. Eguas Monis, e de sua mulher Dona Thareja Affonso ha que fez, e dotou ho Moesteyro das Sarzedas, e foy homem neste tempo muy principal, e em feytos darmas muy estimado.

Eraõ Capitães, que tinhaõ Beja cerquada, Abeamazim, e Albouzil estimados antre hos Mouros, por bons Cavalleyros, antre hos quaes, e assi antre has muitas gentes que comfigno tinhaõ, porque souberaõ da vinda, e socorro do Ifante, do que ha passar de Guadiana foraõ loguo certifiçados, ouve Concelhos alãas delvairados ca huns temendo jáa seu esforço, e ho favor das vitorias de Sevilha, e Dandaluzia de que vinha muy favorecido, e assi nom receando pouquo aridez de dos bons Cavalleyros que ho seguiaõ, aconselhavaõ ha levantar ho cerquo, e nom esperar. E outros concirando ha pouqua gente que ho Ifante trazia em comparaçaõ da muita que elles tinhaõ, receozos de receberem, por esso verguonhosa deshonna, e pubriquo vitu-

perio ainda que jáa eraõ meyos vencidos, aconselharaõ esperar, e dar-lhe batalha, e este final acordo romáraõ para sua mayor perdiçaõ, e para mais acrescentar na honra, e louvor do Ifante, e na bondade, e merecimentos de sua gente, porque achando elle Ifante hos Mouros cerquadores jáa fóra de seu arrayal, e estanças, e com luas azes para batalha bem percebidos, e elle assi como vinha de caminho, tendo jáa com poucas palavras esforçada, e bem avizada sua gente, ferio nelles tam rijamente, e com tal esforço, que posto q ha batalha fosse loguo da sua parte, e da outra bem ferida, e perigouosa, porém ha poucas oras, aquelles dous Capitães Mouros principaes que dice, foraõ ambos mortos; e sua gente rota, e destrozada, e posta em fugida, no alcance da qual, que foy curto, hos Christãos mataraõ, e cativaraõ muitos, e tornaraõ-se vitoriosos ha roubar seu arrayal em que acharaõ muito, e muy riquo despojo pelo qual ho Ifante vendo de sua jornada ho efeyto tam prospero, recolheo sua gente, e assentou seu arrayal fóra da Villa, e depois de dar pela vitoria infindas graças, e louvores ha N. Senhor elle tambem a hos Christãos cerquados, que com muita alegria, ho sayraõ ha receber, e visitar, deu singulares agradecimentos, que por sua constante lealdade, e por tam louvada registencia mereciaõ, dizendolhe mais, que ha estima em que

que tinha suas pessoas, e serviços, davaõ testemunho, e verdadeyra Fée, ha que loguo poderião ver, e sentir na pressa, e diligencia que loguo pozeram, e no socorro tam vitorioso como elles por sua misericordia, e poder de Deos, tam profperamente lhes déra, e sobre esto dilatou ho entrar da Villa atée que D. Pero Paes Alferes com ha gente que em Andaluzia fiquara, alegres, e leguros cheguaram ha elle, com que entrou com muito prazer, e solenidade na Villa, honde por algum repouso dos seus sobresteve alguns dias, e despois de afortalezar ha Villa, e assi outros Luguares da frontaria, de armas, gentes, mântimentos, e de toda outra defençaõ que sentio, que compria aforrado com pouqua gente se foy ha Santarem.

CAPITULO IV.

Como ho Ifante D. Sancho foy em Santarem cerquado de Miramolim de Marroquos, e como El Rey D. Affonso seu Padre ho soccorreo, e descerquou, e mataoõ ha Miramolim.

E Stando assi ho Ifante em Santarem com proposito de hir visitar, e fazer reverencia ha El Rey seu Padre, que era em Coimbra, e darlhe conta de sua viagem, sobre-

veyo loguo, que Abuaxam Almo- hadim, ho segundo Miramolim de Marroquos por vinguaça das mortes, cativeyros, e males que hos Mouros da Espanha por El Rey D. Affonso Anriques, e por elle Ifante D. Sancho seu filho recebidos tinhaõ, de que ha parte da Lusitania por elles entao logeyta, e ho Alguarve com grandes lamentaçoes, e verdadeyras causas de sua destroiçaõ se enviaraõ querelar, detreminou passar em Espanha, e fazer loguo guerra ha Portugal, e destroi-lo se podesse, para que ajuntou comsigo das gentes daquem, e dalem maar, treze Reys Mouros, e com tanta gente de infieis, e de nações armas, e trajos tam desvairados, como atée entao, segundo testemunho dos mais antigos, nunca outra tanta se vira junta, hos quaes entraraõ pela Lusitania, que hee arriba de Odiana, e correaõ ha Estremadura, e sem resistencia passaraõ ho Rio do Tejo, e depois de por força tomarem Torres Novas, e destrohirem ha Villa, com outras Villas, e Castellos de redor em que fizeraõ muito dano, elles neste anno que era do Nascimento de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oytenta e quatro, cõ seus poderes juntos ha mais andar, vieraõ cerquar ha Villa de Santarem, ho Ifante D. Sancho que pela pouqua gente com que se achou tam desigual em numero para resistir assi contra hos infieis foy posto em grandes, e duvidolos pensamentos,

1184.

tos, e porem porque era ho Principe de gram coraçãõ, e ha que semelhantes afrontas jáa nom eraõ has primeyras para com sua quebra ho saltearem, esforçandose principalmente na piedade de Deos, cuja era ha empreza, e de sy na experiencia, e bondade, e lealdade dos Portuguezes, que com elle eraõ detreminou nom leyxar ha Villa, e esperar nella ho cerquo, e batalha, qual se seguiffe, e para receber hos combates, que loguo esperava nom se quiz afortalezar dentro nos muros da Villa, nem Dalcaceva, que entãõ era taõ sómente cerquada, e que em tal tempo era, e mais segura esperança de sua salvagam, mas por melhor amosstrar seu animo nom vencido, e acrescentar mais na honra da vitoria, q se aparelhava aguardou, e se foste sempre nos arrabaldes da Villa em palanques, e estancias, que com madeyras sómente afortalezou, honde por sinquo dias continos foy de combates mortaes asáas afrontado, e elle ferido, nom sem muita perda com mortes, e feridos de seus bons Cavalleyros, e leaes Vassallos, que nom acabavaõ has vidas sem dobrada vinguança de seus imiguos.

Aho tempo deste cerquo, El-Rey D. Affonso Anriques era em Coimbra em idade de noventa annos porque dahy ha hum anno loguo faleceo, e sabendo da vinda de Miramolim vendo loguo de futuro como prudente, como exercitado guerreyro, que de alguma grande

afronta de combates, ou batalha ho Ifante seu filho neste cerquo se nom podia escuzar, posto que ha carne por sua fraqueza, e grande velhice, jáa bem nom podia obedecer ha bondade, e viveza de seu espirito, porém no amor de tal filho, e na lembrança de seu periguo, que ho esforçava, aparelhou ha mais gente que pode para que com sua pessoa, posto que taõ cansada fosse dar loguo ha seu filho soccorro nom menos necessario, que piedozo.

Sabendo hos Mouros, que El-Rey D. Affonso era jáa na Villa de Porto de Moos, com firme detreminação de descerquar seu filho, e darlhes batalha, se comprisse, elles para exprimentar se cobrariaõ primeyro ha Villa, ante de sua chegada deraõ seus combates a hos palanques do Ifante, com forças, e pressas dobradas honde de huma parte, e da outra se davaõ, e recebiaõ muitas mortes, e feridas, e grandes danos, e achando nos Christãos taõ grandes forças com tanta, e taõ acordada resistencia desesperaraõ loguo de cobrar ha Villa, e temendo com effo ha chegada delRey D. Affonso nom sómente afroxaraõ loguo dos combates, mas muitos do arrayal jáa como desesperados se partiaõ, e este conhecimento que do medo, e fraqueza dos Mouros loguo se tomou, dobrou a hos Christãos tanto esforço, que muy acezos para vinguança hos cometeraõ muy rijamente,

mente, e por força hos afastaraõ de seus palanques, e estancias ordenadas, e hos fizeraõ dahy recolher aho lugar, e monte Dabhade, e ho Ifante estando ainda duvidoso, e nom bem seguro de Miramolim com mayores forças tornar aho cerco, e combates sobre elle, nom sabendo, nem esperando ho socorro, que lhe vinha, appareceo El Rey D. Affonso seu Pay assentado em hum carro acompanhado de sua gente mais esforçada, e Real, que muita, e todos guiados de sua bandeira Real, em que ho Ifante, e hos Christãos por ser ella guarnecida de tantas, e taõ grandes victorias loguo viraõ huma certa confiança de segura vitoria, pelo qual muy alegres, e com ella fauorecidos cavalguaram, e sem detença se ajuntaram ha El Rey, sem se passar tempo em contas de cousas passadas, nem se fazerem antre elles has reverencias, e acatamentos devidos, mandou loguo mover has batalhas contra hos Mouros, em que feriraõ tam sem medo, e com tanto esforço, que em poucas oras foraõ todos desbaratados, e vencidos, e hos mais dos Reys Mouros que aly vieraõ, mortos com muitos outros dos mais principais, e na outra gente se fez grande estrago, e Miramolim de tais feridas foy ferido, que em passando ho Tejo dellas morreo, e nas Coronicas dos Mouros se afirma, que hum piam Portuguez ho matou estando sobre Santarem, e por vingança da mor-

te de Miramolim, entrou loguo em Espanha Habuhalh-Moady, tambem terceyro Miramolim de Marroquos, este foy ho que venceo ha batalha de Lharquos ha El Rey D. Affonso deste nome ho Noveno de Castella, de que hos Christãos receberaõ muita perda, e Espanha esteve outra vez em ponto de se perder, mas este Miramolim morreo, e ha poz elle soccedeo outrò Miramolim seu filho, que diziaõ Abemtuaomas, e este tornou ha ser vencido por ho mesmo Rey D. Affonso, na outra muy celebrada batalha, que se diz nas Naves de Tolosa acerca Dubeda em Castella pela qual batalha hos Mouros siquaraõ em grande escarmento, e de huma batalha ha outra ouve despaço dezasete annos como nas Coronicas de Castella esto mais larguo, e mais proprio se declara, e torno às cousas de Portugal.

Como esta vitoria, e descerquo de Santarem foy taõ prosperamente acabado, El Rey, e ho Ifante volveraõ sobre ho arrayal dos Mouros, e ho despojaraõ em que acharaõ requissimo despojo de muito ouro, e prata, e de tendas, Camelos, Cavalos, armas, e infinitos cativos com que entraraõ na Villa riquos, vitoriosos, e alegres, dando muitas, e muy merecidas graças ha nosso Senhor por vitoria taõ milagrosa, e despois que El Rey sobre este taõ louvado, e taõ glorioso trabalho quiz repouzar, ho Pay, e ho filho se deceraõ, e ho

Ifante despois de lhe beyjar has mãos lhe deu particular contra das grandes cousas que em Andaluzia, e em Beja, e neste cerquo passara com que ha alma delRey se alegrava, nem eraõ seus ouvidos fartos de has ouvir, pelas quaes perfeições, e muitas bondades, que em seu filho sentia, e com taõ claras experiencias de jáa nom serem duvidozas tendo nelle hos olhos de lagrimas de muito prazer, e alegria lhe dice.

Filho Deos nosso Senhor ha que nada se esconde, sabe que nesta ora em que vos vejo, eu nom sey se por serdes meu filbo, ou por has bõdades, e virtudes, que em vós conheço vos deva mais amaar, mas por esso ho louvo mais por ambas estas obrigações, e respeytos que quiz ajuntar em vós, para com rezaõ vos ter por ellas dobrado amor, se em mim se podesse dobrar. E despois de proverem has cousas de Santarem como compria, ambos juntamente se partiraõ para Coimbra, onde apouquos dias ElRey com sua alma jáa descançada, e satisfeyta das cousas deste mundo, e para has do outro em todo descarregada, e limpa ha deu ha Deos que lhe daria eterna bemaventurança, e assi he de crer piedosamente, e ho Ifante D. Sancho foy loguo alevantado por Rey, como acima jáa brevemente dice.

CAPITULO V.

Das cousas em que ElRey D. Sancho nos primeyros annos loguo entendeu de seu Reynado, e como neste tempo ha Santa Cidade de Jerusalem foy dos infieis tomada, e do que ElRey sobre esto fez.

NOs primeyros tres annos do Reynado delRey D. Sancho entendeu elle em defender com has armas seu Reyno, e governalo direytamente com justas leys, porque para huma cousa, e para outra tinha singular perfeição, porque era Principe Catholico, e muy amigo de Deos esforçado, bom, e prudente, e de boni juizo, e muito amado de seu povo, e principalmente procurou que ho Reyno para has cousas temporaes fosse bem aproveytado, e que hos homens naturaes delles sendo fóra das guerras e afrontas necessarias nom se deslem ha vicios, e ociosidades, mas que vivessem por seus trabalhos, e para effo deu muitos foraes, e muy favoraveis ha muitas Cidades, Villas, e Luguares do Reyno, que elle novamente fundou, povorou, e fortalezou, como aho diante direy, e assi fez muitos empraçamentos de terras, e reguenguos ha muitas pessoas particulares, e tanto gosto tomava, e cuidado no aproveytamen-

to,

88. ro, e bem feytorias da terra, que géralmente nom sem cauza era chamado Lavrador, e no cabo dos tres annos andando ha era de Cezar em mil duzentos e vinte e seis annos, em ho anno do Nascimento de N. Senhor de mil cento e oytenta e oyto annos, ha Caza de Jerusaleem por Saladino Soldam do Egypto, e imiguo da Féé ultimamente foy tomada, e porque ElRey D. Sancho com hos outros Reys, e Principes Christãos, para ha recobragem foraõ dos Papas com grande instancia exhortados, e requeridos, para esto melhor se entender farey desso algum fundamento breve, muy alto.

Para ho q̄ he de saber, q̄ no anno de N. Senhor de mil e noventa e dous hũ Pedro Ermitaõ, de naçaõ Francez, baraõ Religioso de santa vida, e muy esforçado, vindo da Terra de Suria, e Cidade Santa de Jerusaleem achou em França ho Papa Urbano II. aqui por Catholicas querelas, e grandes lamentações que lhe fez sobre ho vituperado cativeyro do Santo Sepulchro, e do desprezo, e mao trato de seus Menistrõs, estando tudo por fraqueza dos Fieis em poder de Caliõ phã Mouro tyrano, e muy poderoso, e comoveo ha fazer como fez solene, e géral Concilio em França na Cidade de Claromonte em Alveinja, onde comoveo para esta conquista, e assi todos Reys, e Principes de Europa, que aly nesta santa expedição se apartaraõ prin-

cipalmente Guodafre de Balhaõ Duque de Lotorigia, e Baldovino seu irmaõ, e ho Conde D. Rey-maõ de S. Gil, genro delRey D. Affonso VI. de Castella, cazado com Dona Ervira irmãa da Rainha Dona Thareja madre delRey D. Affonso Anriques; e ho grande Huguo irmaõ delRey Fellippe de França, e ho Principe de Milam, e Bermudo irmaõ de Rogerio Duque Dapulha, e hum filho de Vital Michael Duque de Veneza, com grande frota, e assi ha Cidade de Genoa, com muitas Gualés, hos quaes todos segundo ha géral estimação, que se fez, refizeraõ para esta conquista trezentos mil homens que de huma Cruz vermelha foraõ todos assinados, e cruzados em nome do Papa.

Foy por seu Deleguado no Exercito Hadamaro Bispo Podiense Baraõ em todo muy singular, e ho sobre dito Pedro Ermitaõ tomou sobre sy ha Capitania de muita, e muy esforçada gente, ha q̄ se ajūtou Reynaldo Capitaõ dos Alemães, que sua via para Alemanha, e Ungria, e hindo para terra entraraõ ha Suria, e com grandes revezes, e fadiguas de mortes, e cativeyros que nos caminhos padeceraõ, finalmente chegaraõ ha Jerusaleem, e hos outros Capitães ordenados com suaz gentes passaraõ hos Alpes, e depois de visitarem ha Roma, e receberem ha benção, e absolvição do Papa, se despediraõ, e embarcaraõ em Italia, e assi todos se

se ajuntaraõ sobré ha Santa Cidade; ha qual por longuos tempos, e grandes antevãlos cobrarãõ, e ha tiraraõ do poder do dito Calypha, que ahy mórteo, sendo tambem destroçados, e vencidos outros Reys barbaros, e feyto nelles taõ grande estraguo, e em suas gentes, que ho sangue, segundo fêe de dinos escritores dava nas ruas da Cidade pelos artelhos dos pés dos homens, e esto foy no anno de N. 1099. Senhor de mil e noventa, e nove, e do cativeyro de quatro centos e noventa annos, quando tendo nella ho imperio, e senhorio Heraclio foy dos infieis primeyro tomada.

1101. E por concordia, e prazer de todos Principes, e Senhores Christãos, que nesta expunhaçaõ eraõ presentes foy alevantado por primeyro Rey de Jerusalem ho dito Duque Gudufre de Bulhaõ ha que se deu em Belem ha obediencia com grandes, e santas ceremonias no anno de nossa salvaçaõ de mil cento e hum annos, e neste alevantamento porque com huma coroa douro muy riqua ho quizeraõ coroar, e elle ho nom consentio, e ha desprezou, dizendo, que nom era cousa dina homem Christãõ sendo terreal ter em sua cabeça Real coroa douro, naquelle luguar onde ho Divino Rey dos Reys, por salvaçaõ da geraçaõ humana ha tivera na sua cora espinhos taõ aspera. Este Rey Gudufre, e seis Reys de Jerusalẽ, q̃ ha poz elle Reynaraõ, das quaes Guido Rey foy ho der-

radeyro, tiveraõ ha Caza Santa com grande honra, e muita gloria, e louvor da Religiaõ Christãa atẽ oytenta e oyto annos, no cabo dos quaes foy della Rey muy singular, e muy esforçado Baldovino ho leproso, deste nome ho quarto, e dos Reys de Jerusalem ho setimo, que por sua incõmpatível enfermidade nom cazou, e fez herdeyra no Rey. no Sebila sua irmãa mayor, que logo cazou com Guilhelmo dito por alcunha lingua espada, filho do Marquez de Monferrado, que ha pouquo tempo faleceo, e ficouo delle, e de Sebila sua mulher hum filho chamado tambem Baldovino, ha qual Sebila ainda em vida de seu irmão Baldovino cazou ha segunda vez com Guido de Louinhãa; homem muy principal aho qual, e assi ha D. Reymaõ Conde de Tripuly ho dito Rey Baldovino deu ha tituria do menino Baldovino seu sobrinho com fêe, e juramento, que tanto que fosse em idade para por sy reger, lhe entreguasse ho Reyno, que elles em tanto aviaõ de guovernar, e defender, mas como El Rey Baldovino ho leproso faleceo, Guido, e Sebila sua mulher nom consentiraõ ho Conde de Tripuly na guovernaçãõ do Reyno, q̃ em nome do menino se havia de fazer, ho qual ha oyto mezes depois da morte do tio, tambem logo faleceo, cuja morte sua mãy encobrio, atẽ que por dadivas, e promeças concordou com ho Patriarca dito Arnulpho, e com hos mais dos

dos Senhores daquelle Reyno, que Guido seu marido fosse emlegido, e alevantado por oytavo Rey de Jerusalem, naquella eleição, e obediencia ho sobredito D. Reynaõ nom consentio antes ho contradice, e havendo entre sy muitas differencias, e começos de grandes imizades, partio de Jerusalem, e se lançou com ho graõ Soldaõ de Babilonia, e muita gente com elle, da qual cousa por elle ser muy principal, e de grande authoridade, se seguio grande mal, e total perdição do dito Guido Rey, e de todos os outros Christãos da Terra Sãta porq̃ Saladim Rey barbaro Mouro no Egypto muy poderoso, sendo desta divizaõ, e discordia dos Christãos certifiçado, ajuntou grandes exercitos de infieis com que loguo conquistou, e cobrou sem resistencia muitas Cidades, e terras do Reyno de Jerusalem, e veo pòr cerquo ha Cidade Descalolom, onde por mais forte estava ElRey Guido, e ho Mestre do Tẽplo, cujas pessoas despois de perlonguado ho cerquo por condição, e partido forçados, e sem suas vontades foraõ pelos da Cidade entregues ha Saladim, por dar por effo como deus ha vida ha todos os outros, que na Cidade eraõ cerquados, e com esta vitoria, e destroço dos Christãos, ho dito Saladim foy loguo cerquar ha Cidade de Jerusalem, que temORIZADA com seus defençores das mortes, e cruezas por outra jáa padecidas, e desespere-

rada do soccorro, nem outra ajuda, sem afronta, nem estreyto combate se lhe deu, tomando hos de dentro has sóos vidas por partido, com ho que às costas podessem levar de suas fazendas, e esta miseravel tomada, e doloroso cativeyro da Santa Cidade de Jerusalem foy ha dous dias Doutubro, do anno de N. Senhor de mil cento e oytenta e oytoto, que foraõ oytenta e oytoto annos despois que do Duque Gudufre fora tomada, e com muita prosperidade, e grande louvor da Christandade possuida como atraz jáa toquey.

1188.

CAPITULO VI.

Como ha segunda passagem que por soccorro da Caza Santa se fez, e ho que della succedeu:

DAs gentes, que das inhumanas cruezas, e grandes cativeyros dos infieis, salvaraõ has vidas cada hum por salvo conduto dos barbaros outorguados seguiraõ ho caminho, que suas vontades, ou suas venturas lhes entaõ melhor ordenou, antre hos quaes muitos que vieraõ ha Europa loguo se foraõ lamentar sobre ho cativeyro, e redenção do Santo Sepulchro a hos Papas Urbano ho segundo, e Gregorio ho outavo, cuja morte breve, e anticipada, que lhe sobreveyo, atalhou seus delejos, que para ho
cfeyto

efeyto desto mostraraõ muy fer-
ventes, e ho Papa Clemente III.
que hos succedeu, ainda que pou-
quo vivesse, comoveo em sua vida
grandes exercitos de muitos Reys,
e Principes Christãos que passaraõ
ha ultra maar, em que era ho Em-
perador Federiquo, e Felipe Rey
de França avoo del Rey S. Luis, e
Ricardo Rey Dinglaterra, e ho
Duque de Borgonha, com outros
muitos Duques, e Condes, e Sen-
hores de nobres titulos, e grandes
potencias de toda ha Christandade
hos quais antre sy por escuzarem
competencias, e sem alguma con-
tradiçaõ emlegeraõ por seu Capi-
taõ geral ha Bonifacio Marquez de
Monferrado, que era auzente por
ser homeni prudente, muy esforça-
do, e de grandes experiencias para
tal carguo, e sendo todos passados
ha ultra maar como quer que nom
cobraram ha Caza, e Cidade Santa
de Jerusalem; porém fizeraõ tam
grandes danos a hos infieis, que sen-
do ho tyrano Saladim em muitas
batalhas pelos Christãos destroça-
do, e estando jáa em condiçaõ, e
pensamento de lhes entregar ha
Santa Cidade, aconteceu por defa-
vêturado caso q ho Emperador Fe-
deriquo faleceo, ha poz cuja mor-
te ouve sobre ho Principado de Je-
rusalem tantas dissenções antre El-
Rey de França, por discontente do
negocio se tornou para seu Reyno,
e El Rey Dinglaterra ficou por
alguns dias fazendo crua guerra
ahos infieis, e detreminando cer-

quar ha Cidade de Jerusalem, e co-
brala com suas forças, e porque so-
brevieraõ grandes invernadas, e
por esso muitas gentes de seu exer-
cito se partiraõ, mudou seu propo-
sito da guerra, e fez com Saladim
pazes temporaes, de que ouve se-
gundo testemunho de muitos, grã-
de soma de dinheyro, com ha qual
tornando-se para Inglaterra no ca-
minho foy de Christãos Dalema-
nha seus imiguos prezo, e cativo, e
despois resgatado por mayor rique-
za do que recebeo.

Mas ho louvado Capitaõ Boni-
facio com aquelles Christãos que
ho quizeraõ ajudar nunca leyxou
ha empreza gastando nella todo ho
que tinha, atée sobre esto vender ha
Venezianos ha Ilha, e Senhorio de
Candea, que era sua, por dinheyro
apreçado para em alguma maney-
ra foster ha gente darmas, que por
fée, e devaçãõ ho seguiaõ, em cuja
Capitania ha conquista de ultra
maar, e guerra della durou alguns
tempos, lostendo, e defendendo al-
guns Luguares que pelos infieis
nom foraõ tomados. Ha qual guer-
ra durou assi atée ho tempo do Pa-
pa Innocencio Terceyro, q fazendo
grande, e universal Concilio em
Roma à cerqua de S. Joã de La-
traõ sobre ha guerra dultra maar, e
recobramento da Caza Santa, se-
bre ha justa concordia que se to-
miou, enviou seus Breves, e com
elles Bullas da Cruzada ha todos
Reys, e Principes de Europa, antre
hos quais foy El Rey D. Sancho,
que

que ouve tambem seu Breve aſas longuo, cuja copia chea de lamentações, e de rezões muy evidentes, eſculo declarar aqui, porque ha cauſa para Chriſtãos era muy juſta, e ſanta, e has neceſſidades para remediar eraõ urgentes, e muy piedoſas, ſómente abaſta ſaberſe, que com toda ha efficacia, lhe ſenifi- quou ha ultima deſtroiçam da Ca- za Santa, e ho comunicou, e ex- hortou para cobramento della, com outorgua, e conçeſſaõ de plenarias Indulgencias ahos que láa foſſem, e tambem ahos que para tam ſanto ſoccorro, e juſta expedi- çam deſſem ajudas de gentes, e di- nheyros.

E com eſta meſſagem do Papa ſobre caſo tam triſte, que ElRey D. Sancho recebeu foy muy anoja- do, e nas couſas de ſua muy real Peſſoa, e Corte, moſtrou tanto ſen- timento, quanto ſe eſperava de tam bom, e Catholico Rey, como elle era, e tendo Concelho ho que em tal tempo, e tal caſo ſe devia fazer; ElRey em quanto tomava Conce- lho de ſy meſmo, e de ſua deuaçaõ, e do deſejo que tinha da cabar ajuda em ſemelhante conquista de tanto ſerviço de Deos para mereci- mento, e ſalvaçaõ de ſua alma, pa- receolle couſa juſta leyxar ſeu Reyno, e levar delle todo ſeu te- ſouro, e gente, e armas, e poder, e ſeguir ha empreza dultra maar por redençaõ da Caza Santa, mas aconselhado da rezaõ que lhe aprefen- tou hos muitos inconvenientes, e

grandes males, que nom ſómente ha ſeu Reyno, mas ha toda outra Religiam Chriſtãa pelos Mouros Dafriqua, e da Eſpanha principal- mente ſem reſiſtencia ſendo auſen- te ſe podiaõ ſeguir, ouve entam ha ida de ſua Peſſoa, e ajuda de ſuas gentes por muy perjudicial, e em grande deſerviço de Deos, e de ſua ſanta Fèe, ho que nom era ſem cau- ſas muy conhecidas, porque ha moor parte de ſeu Reyno de Por- tugal tinha Mouros imiguos, por fronteyros, e continos guerreyros, que por males ſeus recebidos, pro- curariam loguo ſua vinguança, co- mo elles por ſeu dobrado mal, que receberam, muitas veles comete- ram, eſpecialmente tendo por ſy, e em ſeu favor toda ha potencia Da- friqua, com vivo deſejo, e tam crua, e antigua imizade para ha ſegun- da deſtroiçam Deſpanha, pelo qual concirou, que nom ſeria total ſe- gurança da Chriſtãdade cerrarem- ſe has portas da guerra Dazia com ha conquista de ultra maar, e abrie- remſe has de Europa em Eſpanha, para mais conhecida, e mais facil deſtroiçam da Religiam Chriſtãa. Has quaes rezões, e elcuzas delRey D. Sancho emviou loguo por ſua parte aho Papa, e aho ſagrado Col- legio dos Cardiaes, e ahos Princi- pes, e ſenhores, que para eſta con- quista eram aparelhados, remetendo tudo ha ſeu bom Concelho, e madura detreminaçam, hos quaes ſem longuo exame, nem muitas al- tercações louvaram, e aprovaram ſeu

seu conelheiro, e santa, e prudente tenham, e ouveram por bem que fiquasse, e nom fosse.

CAPITULO VII

Do que ElRey D. Sancho fez depois da escuzada da outra mar, e como foy cerquar Serpa, e despois ha Cidade de Sylves, q'era de Mouros.

ELRey D. Sancho por assi figurar, e nom hir com hos outros Reys, e Principes nesta conquista pareceo claramente que recebeo, e ficou com muita tristeza, mas porque esta sua devaçãõ para guerra tam piedosa nom pareceste esteril, e izenta de algum beneficio nom leyxou por esso de fazer, e enviar grandes ajudas, e esmolas ha Jerusalem para se manter, e nom desistir da santa guerra, e além desso para mayor perpetuidade della, deu em seu Reyno ha muitas Villas, e terras novas, que entãõ eram do Espiritual de S. Joãõ, e do Templo de Salamaõ em Jerusalem, para reparo do Santo Sepulchro, cujas rendas se arrecadaõ pelos Mestres, e Priores que pelas ditas Ordens em cada hum Rey. no eram deputados, e além destas testemunhas verdadeyras de sua grande fé, e fervente devaçãõ porque ellas ainda nom satisfaziaõ ha bondade, e grandeza de seu coraçãõ, determinou pois hos outra

mar aviam de trabalhar por acrescentamento, e louvor da santa Fé, que elle tambem em seu Reyno nome estivesse ocioso, pelo qual has treguoas, que por algum tempo tinha com hos Mouros assentadas has mandou logo alevantar, e com suas gentes, que logo ajuntou coreo, e destroyo em pessoa has terras dos infieis na frontaria Dandaluzia, e da volta jáa lobre ho Inverno, veo por cerquo sobre ho Castello de Serpa, que por dias combateteo, e poz em grande afronta, com danos, e mortes dos cerquados.

Mas por chuvas, e grandes tempestades, que logo sobrevieram, alevantou o cerquo, e parece que daquella vez nom tomou ha Villa, e por ha este respeyto ser tomada ha Caza Santa como dice, acertou que no anno seguinte na era de N. Senhor de mil cento e noventa e nove, muitos Christãos nobres das terras de Ponente de nações desvairadas, ha saber Alemães, e Framenguos, e Francezes, sendo em suas terras pelo Papa exhortadas para santa passagem de Jerusalem, como ho foraõ todos os outros Christãos movidos por devaçãõ, como bons Catholicos, e para mayor merecimento de suas almas se meterãõ em sincoenta e tres Naos para yrem ajudar ha servir na dita conquista, e sendo em mar ha travez Espanha, deu nelles hum grande, e perigosa tromenta, que para ho que se seguio, foy assas piedosa,

dosa, e bem aventurada, com força da qual, e sem suas vontades delles veo ao singular, e seguro porto da Cidade de Lisboa, aho qual tempo ElRey D. Sancho era em Santarem, e sendo avizado da vinda, e estada da frota por saber da nação das gentes que nella eraõ, com que fundamento, e proposito vinham, se veyo ha Lisboa, e despois de saber delles em certo seu santo proposito, ouve deffo grande prazer, e em sua pessoa lhe louvou muito, e sobre esto hos mandou honrar, e agualhar com ha honra, e aquella abastança de mantimentos, e refrescos, que seu destroço desejava, e como à grandesa, e estado de tal Rey pertencia, e porque ho tempo por huma ordenança, e premissam Divina foy à frota, e à sua navegação muitos dias contrairos para nom poderem sair, e fazerem sua preposta viagem, ElRey praticou com hos principaes delles huma deliberaçam, que despois de saber sua vinda àquelle porto comfiguo mesmo loguo maginou, e com alguns seus, despois ha consultara, ha qual era hirem todos juntamente sobre algum Lugar principal dos Mouros; que na costa do maar estivesse; e com ha ajuda de Deos, e suas forças trabalhasssem de ha tomar; e que para esta obra tam tanta podiam direyta-mente com mudar seus votos, e deiejo que traziam de na mesma guerra contra hos infieis servirem ha Deos, e ainda que sua providen-

cia parecia para outro fim; nom prometia sua tardança, ho que ahos Estrangeytos principaes loguo pareceo bem, e despois por acordo que antre sy todos tiveram, ho aprovaram, e apontando ElRey hos Luguares dos infieis sobre que deviam de ir, nom se achou outro contra que houvesse mais rezaõ que ha Cidade de Sylves no Alguarve porque era Lugar grande, e junto da costa do maar, em q̄ hos inimigos cossayros achavam provi-ções; e amparo, e dahy fayaõ ha fazer suas prezas ha desvayrados Luguares em que danifiquavam muito ahos Christãos, e por estes males para q̄ na Cidade avia grande disposiçaõ, e que hós Estrangeyros foram representados lhes prouve que esta fosse, ha que fossem combater, e tomar mais que outra alguma, e sobre esto antre ElRey, e elles foy concordado, que dando Deos ha Cidade em seu poder que ElRey em sua parte ha ouvesse com seu senhorio, e elles levasssem todo ho despojo que se nella tomasse, e de esto se fizeram antre todos seguranças devidas, e firmes, e tanto que antre elles esto foy assentado porque ElRey tinha alguma sua gente prestes mandou em tanto cõ ella por terra ho Conde D. Mendo, que se dizia ho Souzam, seu vassallo, e natural que no Reyno de Portugal àquelle tempo era ho mayoral, e mais principal Senhor; porque era bisneto delRey D. Afonso Anriques, filho de D. Gon-

çalo de Souza que cazou com Dona Orraqua Sanches filha de D. Sancho Nunes, e de Dona Tareja Affonso filha bastarda delRey D. Affonso Anriques, e tinha muitos, e muy honrados filhos de que ouve genros homens de estima, e ordenou ElRey, que hos Estrangeyros fossem por maar, para loguo porrem cerquo à Cidade, e que ElRey despois de ajuntar mais gentes por maar, e por terra, lhe yria loguo soccôrrer, e assi se comprio porque ho Conde com ha gente que lhe foy ordenada loguo partio, e chegou ha Sylves primeyro que ha frota.

CAPITULO VIII.

De como ha gente de Portugual, e ha dos Estrangeyros chegaram ha Sylves, e lhe puzeram cerquo, e deram ho primeyro combate:

Despois da frota dos Estrangeyros arribar aho porto do maar mais acerca de Sylves, e hos Capitães, e homens principaes della poerem suas gentes em terra, e assentarem seu cerquo ho Conde D. Mendo como era barão de muy nobre sangue, e prudente, e no exercicio da guerra bom Capitaõ, e esforçado Cavalleyro, tanto que vio hos Estrangeyros aposentados hos visitou loguo com grande prazer, e muita humanidade dizendo-

lhe palavras de esforço, e desejada esperança, com que mostraram ser para sua empreza alegres, e espartos, sendo loguo juntos, lhes dice mais. *Pareceme senhores que ha rezaõ, e ho serviço de Deos porque vivemos, e tambem nossas honras nos obriguam fazermos nesta cheguda tal cometimento porque estes Mouros imiguos da santa Fée, loguo comessem de ver, e exprimentar com seu dano, nossas forças, e que gente somos porque muitas vezes hum sóo, e piqueno combate, se he bem apressado faz tal quebra, e fraqueza na força dos imiguos, que sem grandes periguos, nem grandes trabalhos hos move, e faz render por vencidos, e havendo de ser como aqui parece seja loguo sem outra tardança.*

Da qual coula muito aprouve ahos Estrangeyros q̃ ho louvaraõ, e aprovaraõ, porque eram homens de bom coração, e de suas terras vinhaõ jáa para esto inclinados, e oferecidos, pelo qual todos juntos, e conformes em huma vontade na boa ordenança que antre sy praticaram, deram loguo à Cidade hum rijo combate com que entraraõ por força hos arrabaldes della, que eraõ cerquados, que hos Mouros leixando primeyro nelles muitos dos seus moitos, e feridos, loguo desemparraraõ, e mal acordados de meyos vencidos se recolheram àcerqua da Cidade, ha qual naquella volta fora dos Christãos entrada, senom fora ha delordenada cobiça, e principalmente dos Estrangeyros com que

que esquécidos da honra, e lembrados por entaõ da riqueza, e despojo que se lhes oferecia ha nom quizerã entrar, intentos, e ocupados sómente em roubar has muitas, e boas cousas, que pelas cazas dos arabaldes achavam, e has recolhiam loguo ahos Navios sem outro cuidado, e ainda despois de has recolharem, e satisfazerem ha seus desejos, com tudo ho que do despojo melhor lhe pareceo aho mais que ficou por se delle outros nom aproveytarem pozeram foguo bravo, do que desaprouve muito ahos Portuguezes, e lhe estranharam como lua cobiça, e inveja entam mereciam, pör nom quererem que do que nom queriaõ, e lhes avorrecia, hos outros se aproveytassem.

CAPITULO IX.

Como ElRey D. Sancho cheguon com sua gente por terra ha Sylves, e da outra sua que tambem foy por maar, e dos combates que loguo se deram.

ELRey D. Sancho despois de apurar, e ajuntar suas gentes do Reyno apartou dellas has que lhe bem pareceram, e com ellas por terra se foy ha Sylves, e has outras mandou por maar em sua frota, em que avia quarenta Gualés, e Gualiotas ha fóra outros muitos Navios, em que yaõ todalas armas,

engenhos, artelharias, que compriam para cerquo, e combate de huma tal, e tam forte Cidade, e assí muitos mantimentos aquelles que se bem poderam alojar, e cheguou ElRey sobre ha Cidade no mez de Julho vespóra de Santa Maria Magdalena do anno de N. Senhor de mil e cento e noventa e nove, e neste tempo jáa ho Infante D. Affonso filho mayor, e erdeyro delRey D. Sancho, e da Rainha Doce, era nacido, e avia treze annos.

1199.

Com ha chegada, e Pessoa delRey foram hos Christãos muy alegres, e favorecidos, e hos Mouros da Cidade muy tristes, e postos em duvidosa esperança de sua salvaçaõ, e defençam, e por ElRey nom estar ouciozo mandou loguo com muita pressa, e destresa armar hos engenhos em torno da Cidade, e repartir ho combate das escalas, em que ordenou muitos besteyros, e archeyros, e todo ho mais que compria, com que loguo por muitas partes combateram ha Cidade sendo ElRey em pessoa, que hos esforçava. Mas por ella ser muito forte, e afaas provida de gentes infieis, e bem guerreyras, e elles como desesperados de alheo socorro, e por salvarem has vidas, se defenderam por maneyra que hos Christãos com muito dano que dos dentro receberam, se afastaram dos combates porque ElRey vendo ha resistencia, e força dos imiguos, e has minas de setas, e pedras com que

que feriam, assi ho mandou, e houve entam por milhor, que emfestir no combate, e hos Framenguos nom menos maravillhados, que receosos de tam periguosos combates crendo que por minas secretas poderiam derocar hos muros, e mais facilmente cobrar ha Cidade, trabalharamse de loguo has fazer de que fossem cubertas de terra.

E passandose alguns dias neste trabalho sem se darem apertados combates, conforme ahos primeyros, hos Mouros entendendo por tal lugar, ho outro fundamento, que se fazia para sua destroicam, e entrada da Cidade, fizeram como prudentes outras contraminas com que atalharam o lugar onde conjenturaram que poderiam sair hos Christãos, e com muita triguança de fazer fizeram outras minas muy mais altas com devida segurança de nom danar ho pezo da terra ahos que ha faziam. E porque viram que hos combates da Cidade para se tomar à escala vista como cuydaram, eram muy difficultosos, e de grande periguo, e com isto para mais fadigua dos cerquados, nom leyxava ElRey de mandar combater ha Cidade com todalas outras armas, e engenhos, e artilharias que era possivel, mas faziam pouquo dano, cà era loguo remediado, e atalhado dos Mouros, e com outros engenhos, e defezas, que ha necessidade (mestra mayor de todalas coufas) em taes afrontas lhe ensinava, e nestes combates que El-

Rey ordenava, hos Estrangeyros que nom menos eram armados d'armas, que de bom esforço, nunca mostravam sinal de covardes, antes assi se offereciam ahos mayores periguos como se nas mortes recebessem pará sempre has vidas, porque quando alguns delles neste auto morriam, em quanto sua alma estã no corpo, e podia ouvir, e entender ho que lhes dicessem huns cõpanheyros ahos outros, se diziam palavras tam catholiquas, e de tanto conforto, e com tam fervente esperança de sua certa salvaçam que parecia hos vivos averem ahos mortos enveja, por tam bemaventuradamente, e por Fée de N. Senhor, e seu exalçamento hos verem acabar, e para devidamente sepultarem hos seus que no cerquo falecessem, e para que às suas almas se podessem fazer algum beneficio, de sacrificios, fizeram de novo hũa Egreja que hos Bispos de Coimbra, e do Porto aly consagraram.

CAPITULO X.

De como foy combatida, e tomada ha couraça da Cidade em que estava ha mais segurança, e mayor repayro dos Mouros.

DUrando jáa ho cerquo por tres semanas, e sendo ha vitoria dos cerquadores, e cerquados muy duvidosa porque ElRey detreminou

treminou nom se alevantar do cerquo; sem primeyro cometer todos caminhos para cobrar ha Cidade, vendo que hos Mouros tinham para o rio huma couraça de muros muito fortes, e bem torrejada pela qual se provião abastadamente sem periguo daguoas com que eram por muitas coufas, e em suas necessidades muy refresquados, determinou sobre Conselho, e acordo bem confirado de poer loguo suas forças em cobrar ha couraça, para ha qual concertados todos os engenhos, artelharias, e todas has outras coufas que compriam, sendo juntos todos os bésteiros, e frecheyros, e outra gente darmas escudados de mantas fortes, e amparrados cubertos de couro para combater, fizeram principalmente sobre effo huma manta de traves, e viguas muy fortes, que peguaram com ha torre que estava sobre hum grande poço de muita agoa doce, que dentro da couraça avia tambem com tenção de ha piquarem, e sendo derribado fazerem por ahy ha entrada à couraça, e à Cidade, mas hos Mouros quando viram coufa tam aparelhada para mais breve sua perdição, acorreram aly com diligencia, e grande triguança para impedir ho efeyto da manta, que se concertava, lançaram das Ameas muita lenha, e sobre ella outros materiaes revoltos em fogo, e foy tanto, e ardente que ha manta sem algũa detenção foy queymada, e feyta em póo.

E ho fogo foy tam forte, e tam junto da torre, que com ha força delle abrio ella loguo por muitas partes, em que tambem se mostrou outro verdadeyro caminho de mais certa destroiçam dos contrayros, pelo qual El Rey lhe mandou loguo tirar com grandes tiros, e grossos de polvora, com que ha pouquas horas foy derrotada, e vendo El Rey aparelhada desposiçam de cobrar ha Cidade, elle com palavras doces, e promessas de grandes merces, esforçou, e animou todos para ho apressado, e nom medroso combate alarguando mais has coufas de sua nobresa ahos que melhor, e mais ousadamente naquelle feyto lhes merecessen, e ha esto nom ajudou pouquo has santas exhortações, e evidentes exemplos com aprovadas authoridades com que hos Prelados da hoste tambem esforçavam, porque concludiam que ha causa da peleyja era sóomête de Deos cujo gualardam ahos que vissesem, e morressesem era muito certo que neste mundo teriam honrada fama, e grande louvor, e na outra ha gloria dos Santos para sempre.

E acertouse que hum Christão dos que cavavam nas minas tinha cativo na Cidade hum filho, e com seu natural desejo de ho ver, e cobrar, dice ha El Rey, que elle queria ser ho primeyro que dos muros da couraça tirasse ha primeyra pedra, e com seu esforço que El Rey favoreceo, com promessa de grande

de merce, elle assi ho comprio cujo exemplo, e bondade loguo seguirão, com que no muro fizeraõ hum buraquo assi grande, e tambem cavado em arquo, que dentro delle sem medo dos tiros, e lanços que vinham do muro cavavam, e faziaõ sua obra como era seu proposito minando aho longuo, e apontando ho muro, e enchendo hos vazios delle com lenha, e outras cousas, com que ho fogo que lhe puzessem melhor ardesse, ho qual ha poz esto foy posto, com que em breve espaço cayu hum grande lanço de muro, que estava contra ho arrayal, sobre ha qual cousa se seguirão loguo muitas gritas, e outros sinaes de grandes alegrias, que hos Christãos por esto fizeraõ, dando muitas graças, e louvores ha N. Senhor por mostrar taes começos de hos querer ajudar.

E com esto mandou ElRey triguolamente trazer huma escada añas forte, e conveniente, e ha deu àquellas pessoas de que por entam confiou, que nom receariam ha subida, mas ho muito alvoroço, e grande triguança foy assi desordenada nos que aviam de lobir, porque na dianteyra se melhorasse em honra, e merecimento como nos taes calos, e antre hos nobres homens se costuma fazer, nom seguraram ho assento da escada, como deveram, pelo qual sendo jáa chea de gente desconcertouse ho assento, e com todos cayu em terra, de que dous sómente morreram do

qual desastre, e máa prudencia começou de tirar dos corações dos Mouros alguma da muita tristeza, e desmayo que ho ardido cometimento dos Christãos lhe tinha posto, e quizeram esto testemunhar com vozes, e alaridos de grandes desprezos, e porem ahos Christãos ainda que vissem estos, que pareciam começos de infelices pronostiquos, nom faleceo tambem ha mesma tristeza, e assi dor com que encomendandose ha Deos devotamente lhe fizeram esta breve oração.

Oh Deos, Santo dos Santos, Eterno, e todo Poderoso, porque em teu serviço, te aprouve de nos guardar deste tam grande, e manifesto perigo, te damos muitas graças, e porém ha tua grande Misericordia, e ha teu imenso poder de coração pedimos que assi como às vozes das trombas dos Sacerdotes, hos muros de Jèriquo por teu mädado cayraõ, e milagrosamēte vieram todos à terra, assi nesta empreza, que toda hee tua nos queyras ajudar contra estes Mouros, que sómente temos por nossos inimigos, porque ho saõ da tua santa Fèe, de maneyra que nossas forças de tua ajuda, e graça favorecidas hos ponham em tal temor, e espanto que nom ressißtam, nem duxem mais ante nossa face.

Sobre ha qual devotã oração hos Christãos todos como vestidos doutro mayor esforço loguo com grãde aguça concertaram ha escada, e assi ha assentaram, e puzeram
ahos

ahos muros da couraça para que outra desordem, e periguo como ho passado desso se nom seguisse, pela qual hos ordenados loguo sobiram sem temor, nem espanto das muitas pedradas, e feridas, que hos Meuros por resistencia, e sua defençam ahos Christãos davam, e ho que tomou ho guia deste escalamiento, levava sua espada nua cuberto de hum leve escudo, q̄ como foy sobre ho muro, matou loguo ho primeyro Mouro que encontrou, apoz ho qual seguiram loguo outros que cometeram, e feriram assi ahos infieis contrayros, que nom podendose soffrer, nem sabendo resistir à força dos Christãos, que hos venciam, e forçava, tomaram por sua salvação volver has costas, e leyxarem sem defençam hos muros da couraça, que hos Christãos yaõ loguo cobrádo, e hos outros Mouros que ficavam nas torres, e muros da Cidade por guarda, e defençam della, quando viraõ hos Christãos jáa senhores da couraça, e despostos para tomar ha Cidade, e entralla por força; muitos delles com fundamento de em efeyto desesperado acabarem has vidas, e honrarem bem suas mortes, se apartaram para socorro dos que fugiaõ, com que fizeram huma volta em que dambas has partes ouve huma crua, e muy ferida peleyja, que ha sóo noyte apartou com mortes, e feridas de muitos, e hos Mouros se recolheram dentro da Cidade, e cerraram has portas, sobre que po-

zeram seguras guardas, e ha couraça ficou tomada em poder dos Christãos, que muy alegres do feyto deram muitas graças ha N. Senhor; porque nelle jáa viam prospero começo para ho feyto de sua empreza.

CAPITULO XI.

Dos mais Combates, que succederam, e como hos da Cidade por força se venderam ha partido, e ha cobraram.

COM ho cobramento da couraça nom cessavam de trabalhar nas minas altas, que começaram com desejo de has chegar abayxo dos muros, para cõ foguo, sem periguo da gente, hos fazerem cair, como hos da couraça, e tambem com effo nom leyxaram de aver rebates, e escaramuças, que hos Mouros davam; mas nom eram tam apressados, nem com tanta viveza, e esforço como dantes faziaõ, porque nellas com has mortes, e feridas, que recebiam eram jáa muy escarmentados, e receozos, e porque este cerquo tinha mostranças de mais perlonguado do que se esperou, e que ahos Estrangeyros era jáa muy nojoso, desejando por effo que ho cobrar da Cidade, ainda que fosse com todo seu risco se nom dilatasse, falaram sobre effo com seus Sacerdotes, que antre sy na frota

D traziam

traziam por pessoas de que recebiam seus conselhos, e por quem principalmente se governavam, estes eram trinta, e leis homens de boas vidas, e santa tençã que cada dia celebravam, e faziam hos Officios Divinos, ahos quaes significaram ho nojo, e enfadamento que recebiam em fazerem tam perlonguadamente sobre aquella Cidade com algum desejo de se levantarem.

Mas hos Sacerdotes por muitas causas danosas, e com vivas razões para esto hos reprenderam, apontandolhe ho abatimento, e deshonra que fariam às terras, e nações donde eram naturaes, e de que vieram para outro fim seguir tal empreza leyxandoa quasi vencida, e com has mayores afrontas jáa passadas. Do qual movimento ElRey, e assim hos Portuguezes do arrayal por meyo de alguns seus, com que conversavam, foram logo avizados, e lhes pezou muito, mas ha boa, e santa amoestação dos Sacerdotes fez nos Estrangeyros tam proveytoza emprezaõ, q̃ muy firmes na Fé, com q̃ aly vieram por huma ordenança, primeyro bem consultada se armaram todos, e como foy manhãa alegres, e muy esforçados se desposeram aho combate, que déram à Cidade muy afrontado, e com verdadeyro desejo de averem vitoria.

Porém depois daquella presunçã que diceram, sempre nos Portuguezes ouve bom avizo, para

de contino trazerem ante elles pessoas fieis, que hos entendiam, por receo, e sospeyta que se delles tomou de alguns serem pelos Mouros corrutos, e que por soma de dinheiro, ou por alguma outra couza de seu interesse dariam, ou leyxariam tomar aguaõ que pela privaçã da couraça, estavam jáa em necessidade mortal, e estando ho cerco neste estado, porque hos Mouros eram muy falecidos de muitas cousas, que para defençã, e mantimento eram muy necessarias, e assi desesperados de socorro em todo, jáa cada hum desejava, e procurava sua particular salvaçã, pelo qual hum Mouro da Cidade escondidamente veyo ha ElRey, e lhe trouxe furtados dous Pendoens de pessoas conhecidas, e principaes de dentro, pedindo com elles ha vida com que ElRey muito folgou, e ouve loguo por bom final, apoz este vieram outros dous Mouros, que ElRey recebeu beninamente, hos quaes certificarã ha incomparavel cede, que hos de dentro padeciam, e hos muitos que por esto morriam, de que hos Framenguos principalmente mostraraõ ser muito alegres, e em sua linguoagem compunham cantiguas, e has andavam cantando pelo arrayal, cujo conselho era que leyxassem ha todos Mouros morrer de cede aly dentro, e nom fossem ha partido de vida recebidos, em cazo que ho cometessem, ou que loguo, pois estavam em tanta desesperaçã, e fraqueza

queza, hos combatessem, e do combate nom desfistissem atée que ha Cidade fosse entrada, e cobrada por força.

E sendo jáa mez, e meyo passado, que ElRey jasia sobre ha Cidade de Sylves, alguns principaes do Reyno tambem se anojavam, e murmuravam antre sy, agastados pelo delonguado cerquo, e assi por nom verem aparelho, que huma Cidade tam forte, e tambem murada le ouvesse assi em breve de tomar por combate, desesperando por effo da esperança que tinham tam bem começada, concluindo alguns que seria bem, e proveyto delRey, e do Reyno leyxar o cerquo, e partirse delle, da qual cousa de que hos Framenguos loguo foram avizados por ventura com desejos de roubar, ou mais certo por tal Cidade nom fiquar em poder de infieis mostraram receber muito nojo, e grande sentimento com que se foram ha ElRey pedindolhe, que se lembrase de como hos delviara do caminho, e preposito com que de suas terras partiram, e assi ho concerto em que com elles fiquara, e quizesse concitar no muito tempo que naquelle cerquo estiveram, e ho pouquo que tinham feyto, e que pois ha empreza, e ha honra eram ambas suas, que seria verguonha ha tal Rey leyxalas, mas que por combates mais aturados, em que elles inteiramente ajudariam cobrase ha Cidade, e sem effo nom quizesse, nem consentisse, que della

se partissem.

Ahos quaes ElRey brevemente respondeo dizendo: *Amiguos vós deveis ser em craro conhecimento, que como eu party de meu Reyno, e leyxey minhas terras para vir ha terra de imiguos em que estamos, vindo com tanta custa, e trabalho meu, e de meus vassallos, que nom soy por vos enganar com minha perda, no concerto que com vosquo fiz, ho qual eu sam muy contente de se cumprir, porque se este feyto se nom acabou como vós, e toaos desejamos Deos sabe que nom he, nem fey nunca por minha culpa, nem dos meus naturaes, mas porque se mais nom pode fazer, como creyo, que por obras ho tereis bem visto, porque nas cousas da guerra sam huns hos prepositos: e hos fins delles sam às vezes outros, e por effo nom vos anojeis, ca se me vós nom falecerdes com has vossas pessoas, sede certos que eu vos nom falecerey com ha minha verdade, e assi por minha fêe real volo torno ha prometer, e segurar.*

Com estas palavras de real segurança que hos Cavalleyros principaes, e Sacerdotes da frota ha ElRey ouviram, fiquaram muy ledos, e muy esforçados para loguo combaterem, e cobrarem ha Cidade mais do que nunca estiveram, louvãdo muito ha bondade, e esforço, e constancia delRey, e por tanto entre elles foy loguo concordado que no cerquo estivessem atée certo tempo limitado, e que nelle pozessem suas forças, e deligencia

para se cobrar ha Cidade, e que se acabado ho dito tempo se nom cobrasse, fiquasse em liberdade ha huns, e ha outros sem quebras de suas verdades, se podesssem partir, e avido sobre effo géral Conselho, acordaram por menos custo do exercito, que hos enfermos, molheres, e Religiosos fosssem, como foram, loguo levados com boa segurança fóra do arrayal, e hos Mouros quando hos viraõ partir, porque faziam grande soma de gente cuydaram segundo depois affirmaram, que ho arrayal, e cerco se queria de todo alevantar, mas como ho loguo viram assentar, e fortalecer muito mais do que era, affirmaram que ha partida de tantos Christãos nom era para yrem, como cuydavam, mas trazerem muito mais, e por seu mayor mal jazerem muito mais tempo sobre elles, e neste tempo por has necessidades de muitas cousas, e daguoa principalmente eram hos cerquados em tanto extremo, que muitos com cede andando morriam, e ha outros com temor da morte certa aborrecia jáa de viver, e tantos eram hos corpos dos mortos, e ha fraqueza tanta nos vivos, que hos nom podiam jáa soterrar, nem lançar fóra das casas, especialmente pelo incomportavel fedor delles, de que ha Cidade era toda contaminada, e com estes grandes padecimentos, que hos Mouros sofriam, receando que cada dia sem confiança de algum remedio, e socorro

que nom tinham, receberiam outros mayores, desesperando de se mais poder ter, detreminaram em tamanhos males, como se lhes offerciam, que eram morrer, e perder ho que tinham, escolher ho menor, que era perder has fazendas, e por melhor (se fosse possível) segurarem has vidas aquelles ha que ha ventura quizera leyxar vivos.

E por estas mortaes necessidades de que jáa todos eram sabedores, e constangidos, sayo ho Alcaide acompanhado de dous Mouros hos mais principaes da Cidade, e sem algum precedente trato, nem seguro se viaram ha ElRey, dizendo com rostos tristes, e palavras para humanidade assaas miseraveis, que vinham para lhe dar ha Cidade de se sua grandeza, e piedade ahos de dentro désse has vidas, com todas has cousas suas que comsiguo tinham.

ElRey alegre com tal embayxada loguo em sua vontade consentio no partido, mas comprio com hos Estrangeyros ho que por seus concertos era obriguado de nom fazer sem elles alguma preytesia, nem concerto com hos Mouros, hos mãdou chamar hos quaes depois de ouvirem por ElRey ha preposiçaõ, e partido, que lhe era cometido, responderam com opiniões de barbara Féé, ou com tençam de pura cobiça, que nom eram contentes, nem ho aprovavam, mas sómente queriam propostos todos hos inconvenientes, e periguos q̄ podiam sobrevir,

sobrevir, que hos infieis todos morressem sem algum para cativeyro ficar reservado, mas ElRey por sua humanidade vencido jáa da miseria dos Mouros, elle com suas palavras brandas tanto infiltio com hos Framenguos, que finalmente consentiram que has vidas se dessem ahos Mouros, e que elles de suas fazendas, e coulas nom tirassem, nem levasssem, salvo has mais vis roupas, em que saysssem vestidos, e assi se fez, pelo qual hos Estrangeyros da frota, das riquezas, e fazendas dos Mouros, que foram achadas tomaram, e levaram ho que quizeram, com que alegres, e muito contentes delRey, e do feyto tam prospero, se tornáram para suas terras, e ha ElRey ficou ha Cidade de Sylves livre, em q loguo mandou fazer Egreja Cathedral, e dedicala aho culto Divino, que loguo se nella celebrou, ho que foy na era de N. Senhor de mil cento noventa e nove annos, hum anno despois que ha Rainha Dona Doce molher delRey D. Sancho faleceo.

CAPITULO XII

De huma entrada que hum D. Pedro Fernandes de Castro dito ho Castellaõ, sendo lançado com hos Mouros fez em Portugal, e de como foy prezo, e hos Mouros com que entrou desbaratados.

Neste anno em que ha Cidade de Sylves, foy ahos Mouros tomada como se dice, Reynava em Castella ElRey D. Affonso deste nome ho Noveno, e filho delRey D. Sancho, que diceram ho delejado, ho qual Rey D. Affonso por peccados seus, segundo diceram, e por maa providencia, foy vencido dos Mouros na memorada, e dolorosa batalha Delharquos, no anno que jáa passára de N. Senhor de mil cento e noventa, e sinquo sendo ElRey delles Abualmohadim terceyro Miramolim de Marroquos; dahy ha dezalete annos loguo seguintes, ho mesmo Rey D. Affonso tornou ha vencer Abémahomadmohady ho quarto Miramolim, filho do sobredito Abualmohadim, na gloriosa batalha, que se diz das Navas de Toloza, como atras jáa fica apontado, e do tempo desta batalha Delharquos em que hos Mouros venceram atée ha outra das Navas de Toloza, que foram vencidos hos Mouros assi Dafrica, como Despanha, em que tinham grande parte, eram na mesma Espanha em grande numero, e favorecidos, e ouzados com ho favor da primeyra vitoria se soltaram com muita ouzadia pelas terras dos Christãos de que na Espanha ganharam muitas.

E neste anno em que ha Cidade de Sylves foy tomada ahos Mouros com ajuda, e por industria de D. Pedro Fernandes de Castro chamado ho Castellaõ, vassallo del.

del Rey D. Affonso o Noveno de Castella, sendo elle desfavorecido, e mal tratado por causa dos Condes de Lara, elle bem acompanhado de Cavalleyros Christãos se lançou com hos Mouros, e com elles como inimigos da Casa de Lara, donde Dona Mofalda primeyra Rainha de Portugal procedia, entrou em Portugal antre Tejo, e Odiãna, e chegou ha Thomar, e ha Abrantes, de que tinha, e levava cativos muitos Christãos, com grande despojo, e fez muito mal pela terra, e aho recolher que quizera fazer, hum Martim Lopes bom Cavalleyro Portuguez, com pouqua gente de cavallo, e com alguma mais de pé, que comfiguo ajuntou, lhe sahio aho encontro, e pelejou com alguns delles em que ya ho dito D. Pedro Fernandes, e hos desbaratou, e lhes tomou hos Christãos cativos, e tirou todo ho que mais levava, e prendeo ho dito Pedro Fernandes, que depois delle livre, e enviado ha Castella, foy retornado a hos Mouros, sendo jáa em Castella cazado com Dona Maria Sanches, filha do Infante D. Sancho, aquelle que do Urffo foy morto em Canameyro de que tinha filhos, ha saber D. Alvaro Pires de Castro, que primeyro cazou com Dona Mecia Lopes, que depois foy molher del Rey D. Sancho Capello, e Dona Olaya Pires, que cazou com D. Martim Sanches filho del Rey D. Sancho. E este desbarate foy no mez de Março, nas

Oytavas de Pentecoste do anno foõ 1199. bredito.

CAPITULO XIII.

Das causas, e imizades antre hos de Castro, e de Lara, por cuja causa este D. Pedro Fernãdes de Castro entrou em Portugal em tempo del Rey D. Sancho, q̃ era neto do Cõde D. Anrique de Lara, filho de Dona Mofalda molher del Rey D. Affonso Anriques, sua filha.

PAra se tomar algum conhecimento das causas da imizade, que ouve antre hos de Castro, e de Lara dos Reynos de Castella, e de Liam, e por este respeyto has teve D. Pedro com Portugal, e brevemente soube, que por morte del Rey D. Sancho deste nome ho terceyro de Castella, ha que diceram ho desejado, ficou menino D. Affonso erdeyro, deste nome ho Noveno, em idade de quatro annos, cuja guarda, e criaçam El Rey seu padre leyxou encomendada ha Guoterre Fernandes de Castro, Cavalleyro muito honrado, e principal em Castella, que era de grande bondade, e bom Cavalleyro, e de saber cham, e simpres, no qual tempo Reynava no Reyno de Liam, El Rey D. Fernando, irmão do dito Rey D. Sancho, e tio deste menino

menino Rey de Castellã , ho qual Rey D. Fernando por loguo nom ter resistencia , nem contradicãõ dos Castellhanos, tomou ha seu sobrinho muitos Luguares de Castella, e sobre effo alguns dizem que ou lhe queria tomar ho Reyno , e fazerse Rey de Castella , ou aho menos ho meter sob sua obediencia, e neste tempo eram em Castella Senhores mais principaes hos Condes D. Manrique de Lara , e D. Affonso de Lara irmãos , filhos do Conde D. Pedro de Lara , e de Dona Heva filha do Conde D. Pedro Fernandes de Trava, hos quaes Condes de Lara com ajuda de D. Garcia Garces seu padraſto, que de pois cazou com ha dita Dona Heva sua mãy delles , porque era Cavalleyro, de grande Caza, e de alto sangue, com rezões, que entam pareciam convenientes , e com grandes promessas, que offereceraõ aho dito D. Guoterre Fernandes fizeram que entreguasse, como entregou ElRey D. Affonso menino aho Conde D. Manrique de Lara , ho qual cõ hos de sua valia, trazendo ElRey em seu poder se diz, que excediam , e nom guardavam ha guovernança do Reyno como deviam, e crendo ho dito D. Guoterre, que fizera grande erro em tirar ElRey de seu poder requireo ahos Condes de Lara , q̃ lho tornassem, ho que nom quizeram fazer, lobre ho que antre elles, e suas valias ouve grandes pelejas, e muitas mortes, e danos em Castella , e de que fi-

quou grande imizade antre hos de Lara, e hos de Castro com quanto eram muito parentes, e em tantos boliços, e movimentos, foy ElRey por sua legurança levado pelos Condes de Lara, e D. Garcia Garces à Cidade de Soria , hos quaes por terem ElRey D. Affonso em seu poder, foram por ElRey D. Fernando de Liam , tam perseguidos , que nom podendo elles jáa mais resistir lhes conveyo prometerlhes por juramento, e menagem , para elle ho ter, e criar.

Sobre ho qual comprimento , e entrẽgua que se avia de fazer , ElRey D. Fernando foy á dita Cidade de Soria onde loguo ante elle foy trazido , ElRey D. Affonso, e porque nas mãos do tio, que ho afaguava começou ho menino de chorar, ho Conde D. Manrique era presente por dar singular exemplo de sua bondade, e louvada lealdade publicamente , e sem mostrança de algum tẽmor, dice ha ElRey D. Fernando.

Senhor este menino nosso Senhor, deseja mamar, e nom servir, e queria mais has tetas de sua ama, que hos afaguos do tio, e estaria milhor no seu berço, que no Paço alheo, e quer mais leyte, q̃ sangue. O Rey D. Fernando hoje parece, que quereis fazer, ho que natureza nom consente, cobicais que este, que ainda nom sabe falar, loguo ante vós forme palavras de menagem, com que livre se obrigue, e desejais que vos sirva, quem ainda nom começou de viver, e finalmente

mente quereis, que vos seja vassallo, quem de rezaõ, e direyto devia ser senhor, e pois he isto por vossa vontade, e muito contra ho que em todo devcis, sabey que obedecemos aho tempo, e nom a rezaõ, e honestidade, mas porque este menino torne ha vos ver mais alegre, e nom chorando leyxayo com vosso prazer, e no lugar ha elle conveniente vaa receber criaçam de sua ama, e loguo tornara.

Mas loguo hum bom Cavalleyro chamado Pedro Melcondes, por mandado dos Condes, e secretamente ho tomou debayxo da capa, e em fima de hum cavallo ha gram pressa ho levou ha Santo Estevam de Guorivaz. Da qual couza tendo certo ElRey D. Fernando mostrou receber por esso grande sentimento, e foy em palavras, que dice muy irado contra hos Condes, hos quais por salvaçam de suas honras, e vidas affirmaram que ha tal mudança delRey D. Affonso fora sem sua sabedoria, mas que loguo yriam por elle, e lho apresentariam, e ho Conde D. Nuno se foy loguo diante, e tirou ElRey de Santo Estevaõ, e ho levou à Fortaleza da Tença cã bem lhe parecia, que nom errava contra sua menagem, q̄ déra forçada salvando seu Senhor em tal caso de morte, ou servidam, sobre ho qual, ElRey D. Fernando mandou retoar, e dezafiar aho dito Conde D. Nuno por tredor, que sem retardança por sua limpeza veo ante elle, e posto seu caso em Conselho

de juizo de Cavalleyros da Corte delRey D. Fernando acharam que nom fizera feyto feyo, nem tinha errado, antes merecia por esso louvor, e bom gualardam, e dahy se volveo loguo ElRey D. Fernando ha leu Reyno de Liam.

E neste tempo ho dito Guoterre Fernandes, que primeyramente fora dado por amo delRey, por sua guarda era jáa falecido, de que ficaram muito honrados sobrinhos e grandes homens en Castella, ha que leyxou suas terras, e erança, que tinha, por nom ter filhos, e antre estos sobrinhos, hum era D. Fernaõ Rodrigues de Castro filho do Conde D. Rodriguo Fernandes, que diceram ho Calvo, irmão do dito D. Guoterre Fernandes, pelo qual hos Condes de Lara tendo ElRey em leu poder, pediram em seu nome ha D. Fernaõ Rodrigues de Castro ha Villa de Huete para ElRey, e nom lha quiz dar por ElRey ainda nom aver quinze annos de sua idade até hos quaes ElRey D. Sancho seu pay mandara que se lhe nom entreguassem Fortalezas, nem dessem menagens aquelles, que has tinham ha ElRey D. Sancho feytas, sobre ha qual deneguaçam ho Conde D. Manrique dezafiou por desleal, ha D. Fernaõ Rodrigues, e aceytou ho dezafio, e com suas valias, que ambos ajuntaram, ouveram crua peleja, na qual D. Fernaõ Rodrigues matou D. Manrique, e prendeo seu irmão ho Conde D. Nuno

de

de Lara , que despois diceram ho bom, e ha este D. Nuno soltou loguo sobre sua fée, e menagem Fernão Rodrigues, para que tanto, que enterrasse ho corpo, do Conde D. Manrique seu irmão , se tornar à sua prizaõ, naqual tornada D. Nuno uzou de cautela, porque por nom acudir à fée, que dera, poz ho Ataude, e ho coipo do irmão sobre ha mais alta torre de hum seu Castello, e nella longuo tempo sem sepultura ho leyxou estar, e passados despois alguns tempos, hos ditos D. Fernão Rodrigues, e ho Conde D. Nuno ouveraõ outra batalha aprazada, em que de huma parte, e da outra, eraõ grandes homens de Castella, e de Liaõ, e nesta tambem D. Fernão Rodrigues tornou a prender ho Conde D. Nuno, e matou a ho Conde D. Soeyro, seu sogro delle dito Fernão Rodrigues, porque fora em ajuda do dito D. Nuno, e tornou ha soltar D. Nuno sobre sua fée, para que tanto, que enterrasse D. Soeyro seu sogro, se tornasse à prizaõ, mas ho Conde D. Nuno uzando tambem de cautela, para nom ser prezo, aho dia certo em que era obriguado vir, veio, e apresentou se com muita gente darmas ha D. Fernão Rodrigues, que estava desacompanhado em Duenhas apar de Palencia, e lhe requireo, que pois se apresentava ante elle, como prometera que ho prendesse, e quando nom, que protestava, que tinha comprido sua fée, e disto ho Conde D. Nuno tomou

estromentos com que se partio, e D. Fernão Rodrigues, porque D. Soeyro seu sogro fora nesta batalha contra elle, se quitou de sua filha, com que era cazado, e cazou com Dona Estevaninha, filha bastarda do Emperador Despanha D. Affonso, de que ouve este D. Pedro Fernandes de Castro, que entrou em Portugual, aho qual diceram ho Castellaõ.

El Rey D. Affonso de Castella, despois de reger por si seu Reyno, ha requerimento, e por favor dos de Lara, ha que era muito afeçoado, tomou ha terra ha D. Fernão Rodrigues de Castro, e ho desterrou, e elle se foy para hos Mouros, e despois pelos grandes danos, e muitos males q̄ por seu desterro, se seguiram ha Castella, foy por aderencias retornado aho Reyno, e reconciliado com El Rey, e despois da morte de D. Fernão Rodrigues de Castro, ficou seu filho, e erdeyro de sua caza, e terras este D. Pedro Fernandes de Castro, ha que El Rey D. Affonso de Castella quiz grande mal, pelo qual se desterrou, e lançou com Mirabolim de Marroquos, e foy com elle na batalha Delharquos, em que este Rey D. Affonso foy vencido, e despois cõ sua gente entrou em Portugual como atraz fica dito. E cõ este D. Pedro Fernandes passáram de Sevilha, que era de Mouros, em Marroquos hos sinquo Frades martirizados, ho qual sendo em serviço, e companhia do Infante D. Pedro

dro filho deste Rey D. Sancho, que tambẽ estava em Marroquos, e hodia do Martyrio dos ditos Frades, foy morto dos Mouros porque ho acharam de noyte vizitar os corpos mortos dos ditos Martires, e com elle mataram alli tambem Martin Affonso Tello, sobrinho do Ifante D. Pedro, filho de sua irmãa Dona Thareja Sanches, cazada com Affonso Telles ho Velho, que povo-rou Albuquerque.

CAPITULO XIV.

Como ElRey Jacobaboym Casim Mirabolim de Marroquos com grande poder de gente de Reys Mouros entrou em Portugal.

A Traz fiqua jáa apõtado como em vida delRey D. Affonso Antiques, hum Mirabolim de Marroquos com outros Reys, e grande poder de Mouros, cerquaram ha Villa de Santarem, ElRey D. Sancho seu filho, sendo Ifante, e como elle com ajuda, e soccorro, e favor delRey seu padre, se descerquou com grande estraguo dos infieis cõ ha morte do mesmo Mirabolim, e avendo jáa dezaseis annos, que este destroço de Santarem passara, sendo ho anno de N. Senhor de mil cento e noventa e nove, hum Jacobaboym Casim Mirabolim de Marroquos, Rey muy poderoso, que descendia daquelle que mata-

ram no descerquo de Santarem, por vinguar sua morte, e porque ha entrada que D. Pedro Fernandes fizera em Portugal non succedera na vingança como quizera, ajuntou loguo ha seu poder outros Reys Mouros Dafriqua cõ infindas gentes de delvayradas nações, e assi da Despanha, que vieram em sua companhia, e ainda ElRey de Sevilha, que era seu irmão, e ElRey de Cordova com todos seus poderes, e valias, que faziam numero de inimigos sem conto, e acordaram entrar no Reyno de Portugal, por tres partes, ha saber, ElRey de Sevilha entrou pelo Alguarve, onde despois de correr ha terra, poz cerco à Cidade de Sylves, que entam fora ahos Mouros tomada, como acima he dito, ElRey de Marroquos entrou por Riba Dodiana, e passou ho Tejo pelo mez do S. Joaõ deste anno, e despois de fazer muitos danos, e roubos pelo Reyno, foy cerquar ho Castello da Villa de Torres Novas, que jáa estava feyto, e repayrado da primeyra vez que foy tomado, e leyxado dos Mouros, ho qual Castello aquelles que ho guardavam com medo das cruexas de que hos inimigos usavam lho entreguaram com segurança das vidas, que por partido sóamente salvaram.

ElRey de Cordova entrou tambem por Alentejo, e chegou à Cidade de Evora, ha que talhou vinhas, e olivaeas, e arvores, e assi danou, e queymou hos pães, q̃ achou

nos agros, que ainda nom eram neste tempo recolhidos, ho qual dano alli continuou em todos hos Luguares porque passou, e fazendo todos estes males em todalas cousas dos Christãos que se lhe offereciam, e elle podia, se foy ajuntar com ElRey de Marroquos, que tinha assentado ho corpo de seu arrayal junto do Tejo, e estando em Torres Novas adoeceo de grande mal do ventre porque triguosamente se loguo partio, e fez seu caminho por has Villas de Thomar, e Dabrantes, com proposito de has tomar, mas por bem defendidas dos Christãos has nom tomou, e apresado de sua doença, elle, e ElRey de Cordova leyxáram ha empreza, e se tornáram para Sevilha, e esta deve ser ha grande entrada de gente de cavallo, e de pé dos Mouros sem conto, de que o letreyro de pedra que está na porta do Convento de Thomar faz memoria. E desta partida de Mirabolim, sendo certificado ElRey de Sevilha seu irmão que guerreava ho Algarve, e tinha cerquado ha Cidade de Sylves, e sabendo has grandes perdas, e mortes, q̄ em suas gentes tinham no Reyno de Portugal recebidas, se alevantou do cerquo, e se foy para elles, e nom se acha q̄ ha Cidade durando ho cerquo fizeffe muito dano, mas que elle em si, e nos seus ho recebeo dos Cavalleyros, e fieis Christãos, porque ha mesma Cidade foy despois cerquada, e tomada dos Mouros em tempo del-

Rey D. Affonso, filho deste Rey D. Sancho, quando Alcacere do Sal foy tambem delles tomado, mas como estes Luguares se despois cobraram dos inimigos, e em que tempo, ahe diante nas Coronicas dos Reys ha que toquar inteiramente se dirá.

ElRey D. Sancho porque tantos, e tam grandes Reys Mouros fizeram suas entradas por tantas partes de seu Reyno, foy neste tempo poito em grande cuydado, e afronta, mas com seu coração esforçado, e nom vencido, e com ha muita prudencia, que com elle nasceo, concirando que dar batalha com sua gente ha tantos Reys, nom seria em tal tempo feyto de louvada fortaleza, antes parecia caso de desesperação, que has mais das vezes he periguoza, veyo ha Santarem, e ha Lisboa onde repartia has gentes, e armas, e soccorria hos Luguares ha que entendia serem mais necessarios, e punha esperança de seu remedio, e soccorro na bondade de Deos, e sua misericordia principalmente, e assi na dilacão do tempo, que lançaria como lançou a hos Mouros fóra de sua terra, e neste tempo faleceo ElRey D. Fernando de Liam, genro del Rey D. Affonso Anriques cazado cõ Dona Urraqua, sua filha, de que se apartou, e de que ouve seu filho D. Affonso, que apoz elle Reynou em Liam, com ho qual este Rey D. Sancho seu tio cazou sua filha Dona Thareja, como loguo direy,

e esta Dona Urraqua jáas sepultada na Igreja mayor de Liam.

CAPITULO XV.

Do casamento del Rey D. Sancho, e dos filhos, e filhas que teve assi legitimis como bastardos.

Como quer que à conta do casamento del Rey D. Sancho com ha Rainha Dona Doce sua mulher devera preceder muitas cousas que atraz escrevy, porém por continuaar loguo aho casamento do pay, e da mãy ha memoria de seus filhos, e filhas, e por assi juntamente melhor se poder comprehender ho leyxey para este Capitulo, em q̄ direy ho q̄ de cada hũ achey, e pude saber. El Rey D. Sancho sendo Infante em vida del Rey D. Affonso seu Padre, e ante de sua morte quatro annos, cazou com ha Rainha Dona Doce, filha de D. Reymam Berenguario Conde de Barcelona, e ho primeyro ha que ho Reyno Daraguam com ho dito Condado primeyramente se ajuntou, ho que foy nesta maneyra. El Rey D. Affonso deste nome ho primeyro, e dos Reys Daraguam ho quarto, filho del Rey D. Sancho deste nome ho primeyro, e dos Reys Daraguam ho oytavo, foy levantado por Rey Daraguam por morte del Rey D. Pedro seu irmão que faleceo sem legitimo erdeyro,

e este D. Affonso, he ho que cazou com ha Rainha Dona Urraqua viuva, filha legitima del Rey D. Affonso VI. de Castella, chamado Emperador, ha qual fora primeyramente cazada com D. Reymam Conde de Tolosa de que ouve filho legitimo D. Affonso, criado em Liam, que despois foy oytavo Rey D. Affonso, e Emperador Despanha, aquelle, que fez ha segunda repartiçam antre hos filhos do Reyno de Castella, e de Liam, e desta Dona Urraqua filha, nem doutra mulher legitima, este Rey D. Affonso Daraguam, e settimo Rey D. Affonso de Castella nom ouve filho, nem filha, nem avia outro algum legitimo erdeyro, Daraguam salvo D. Ramilo seu irmão legitimo, que era de Ordens de Missa, e Monge professõ no Mosteyro de São Fagundo da Ordem de São Bento, ho qual D. Ramilo Monge por despenaçam, e por authoridade Apostoliqua por necessidade de Rey legitimo, e de natural sobcessor, sobre que ouve dantes grandes differenças, e algumas inclinações, finalmente foy tirado da Religiaõ, e cazado com hũa irmãa do Conde de Protes em França, e della ouve loguo huma filha chamada loguo Dona Perona, e despois mudou ho nome, e chamouse Dona Urraqua, ha qual em vida del Rey D. Ramilo seu pay foy cazada com ho dito D. Reymam Berenguario, izento Conde de Barcelona, que por morte del Rey D. Ramilo

Ramilo seu logro, deste nome ho primeyro, Rey Daraguam ho setimo, e desta Dona Urraqua como ElRey D. Reymam oave filhos, logo ElRey D. Ramilo Monge se tornou aho Moesteyro, e leyxou ho Reyno Daraguam ha seu genro, ho qual ouve da Rainha Dona Urraqua estes filhos, ha saber, D. Affonso segundo deste nome, que apoz elle Reynou em Araguam, e Barcelona, e D. Sancho, que foy Conde de Rosselhon, e Serdenha, e assi esta Rainha Dona Doce, que cazou com ElRey D. Sancho de Portugual, e desta Rainha elle ouve nove filhos, e filhas legitimas, e à ora de sua morte eram todos vivos, e ahos filhos barões, e aho erdeyro tambem sendo cazado chamou em seu testamento Ifantes, e assi ha todas as filhas legitimas chamou Rainhas, em cazo que em tam ho nom eram, nem fossen despois, dos quaes loguo aqui farey breve memoria, posto que alguns feytos, e couzas que delles dice, locedessem em outros tempos, e em vidas doutros Reys, ho que tambem nom fi quara por toquar.

Do Ifante D. Affonso filho erdeyro.

ElRey D. Sancho dos filhos barões que teve, ouve primeyramente D. Affonso primogenito, e erdeyro que loguo apoz elle soccedeo, e Reynou, ho qual naceo dia de S. Jorge, vinte e dous dias Da
1185. bril do anno de N. Senhor de mil

cento oytenta e sinquo, de cujos feytos, e vida aho diante em sua Coronica propria darey largua conta.

Do Ifante D. Fernando.

E assi ouve ho Ifante D. Fernando, que naceo na era de N. Senhor de mil e cento e oytenta e seis annos, aho qual ElRey D. Sancho seu pay leyxou em seu testamento solene q̄ fez, dez mil maravedis douro de sessenta maravedis em marquo douro, ho qual por ha real geraçam de que decendia, e assi por suas singulares virtudes segundo ho que brevemente se acha, foy cazado com huma Condeça de Frandes, e foy em tempo delRey D. Philaõ de França, ho que diceram Augusto avoo delRey D. Luis de França, contra quem este Conde D. Fernando, sendo entam debayxo de sua obediencia se alevantou, e sendo aliado com outro Emperador dos Alemães, e assi com ElRey D. Joham de Inglaterra, e com outros senhores daquellas partes lhe fez ha guerra segundo has Coronicas de França ho testimunhaõ, foy estimado, por estimado Cavalleyro, e singular Capitam, e ha causa de sua yda em França, e em Frandes, segundo ho mais que se pode saber, foraõ respeytos, e esperanças da Cõdeça de Frandes Dona Thareja sua tia, irmãa delRey D. Sancho seu pay, filha delRey D. Affonso Anriques, cazada com D. Felippe

Felippe Conde de Frandes, de que nom ficou filho baram erdeyro, e vaguando ho Condado, ficou para sobcessam delle femea, que com D. Fernando este acima dito cazou, e achate que em huma batalha, que com hos seus aliados ouve contra ho dito Rey de França, elle dito Conde foy prezo com Reynaldo Conde de Bolonha, e com outros Condes, e muito nobres homens de Inglaterra, e Dalemanha, e jouve tres annos prezo em ha torre fóra dos muros de Pariz, que se diz Anobres, ou Lupara, e ha cauza que ho moveo ha ser contra El Rey de França, foy por lhe nom dar duas Villas, ha saber, Arua, e Santo Andomato, que eram do Condado de Frandes, e El Rey lhas tinha forçadas, e depois este Conde ha requerimento da Condessa sua molher por intercessam da Rainha Dona Branca de França sua tia, que cazou com El Rey D. Luis, filho deste Rey D. Felippe, foy solto por grande soma douro, e de prata, que por sy, e alguns seus deus, ho qual despois de ser solto, por bolços, e outros movimentos, que contra El Rey de França outra vez commetteo foy morto, e nom se sabe geraçã que delle ficouasse.

Do Ifante D. Pedro.

El Rey D. Sancho ouve mais da Rainha sua molher ho Ifante D. Pedro, q̄ segundo algũas breves lembranças das cousas de Portugual,

naceo ha vinte e novè dias de Março da era de N. Senhor de mil cêto e oytenta e sete annos, aho qual El Rey seu pay leyxou tambem em seu testamento outros dez mil maravedis douro, ho qual foy cazado com huma filha do Conde de Urgel em Barcelona, de que nom ficouou geraçam, que aguora se sayba, e conquistou sendo cazado has Ilhas de Malhorqua, e Minorqua, que eram de Mouros, que despois por Christãos lhe foram contra rezam tomadas, pelo qual alguns dizem, que por agravos, e sem rezões, e poucas ajudas, que sobre esto recebeo dos Reys Despanha, com que por devidos era liado tendo nada de terras em Portugual, se foy para Mahomad Mirabolim, que entam era Rey de Marroquos, aquelle que junto com Uveda foy vencido na batalha das Navas de Toloza, que era filho doutro Mirabolim, que venceu ha batalha Delharquos, como jáa dice, e outros dizem, ho que mais he de creer que se foy com desejos de veer terras diverssas, e atentar sua ventura, e veer aquellas principalmente em que compria millhor se enformar das cousas, que compriaõ para guerra dos Mouros Despanha, e de França, que daquelles tempos de huma parte, e da outra muito se exercitavam

Pelo qual nas guerras, e deferenças, que este Mirabolim tinha com hos Reys Mouros seus vezinhos, despois de ser retornado em suas

suas terras de França este Infante D. Pedro com muita, e nobre gente Despanha, que com elle passou trabalho assibem, e com tantos perigos de sua pessoa, e com tantas experiencias de sua bondade, que de Mirabolim, e de todas as gentes de seu senhorio foy sempre muy estimado, e honrado, donde passados alguns annos elle por hũa permiffam de Deos avendo idade de trinta annos retornou ha este Reyno de Portugal, despois da morte del Rey D. Sancho seu padre, e em vida del Rey D. Affonso seu irmao, que Reynava com ha Rainha Dona Urraqua sua molher quando trouxe hos ossos dos cinco Frades Menores, que em seu tempo, e caza, em sua presença foram do mesmo Mirabolim em Marroquos martirizados, de q̄ na Coronica do dito Rey D. Affonso seu irmao, em que propriamente convem, farey aho diante mais largua mençam.

Do Infante D. Henrique.

E affiouve ho dito Rey D. Sancho da Rainha sua molher ho Infante D. Henrique, que naceo no anno de Nosso Senhor de mil cento, e oytenta e nove, ho qual moço, e sem cazar em vida del Rey seu padre faleceo, e jaz em Santa Cruz de Coimbra.

Da Rainha Dona Thareja filha deste Rey D. Sancho.

E ouve mais este Rey D. Sancho

da Rainha Dona Doce sua molher ha Rainha Dona Thareja, que em vida del Rey seu padre cazou com El Rey D. Affonso de Liam, e foy delle pela Igreja apartada por ambos serem primos com irmaos, porque ha Rainha Dona Urraqua mãy del Rey D. Affonso era irmaã del Rey D. Sancho, filhos del Rey D. Affonso Anriques, e ha cauza porque este casamento entam se fez, e despois se desfiz, toquarey aqui brevemente.

Hos Reis de Portugal, e de Liam nos tempos que com seus Reynos, e terras, foram apartados, e izentos del Rey, e do Reyno de Castella, sempre procuraram de huns com hos outros se liar, e confederar por pazes, e cazamentos, por tal que ambos juntamente concordesssem mais forças, e mayor poder contra El Rey de Castella, porque hos nom obriguasse, nem constrangesse, como jáa por força, e em outros tempos, constrangera El Rey de Navarra, e El Rey Daraguam, que nas cousas da guerra, e da paz, como Vassallos ho serviram, e lhe obedeceram, porque na segunda partiçam de Castella, e de Liam, que ho dito Rey D. Affonso VIII. e Emperador fez antre dous seus filhos, que teve, e leyxou ho Reyno de Castella ha D. Sancho filho mayor, e ho Reyno de Liam, e de Gualiza, com ho que fora por Castella guanhado em Portugal, e segundo opiniam de muytos, esto fez El Rey de Castella D. Affonso por

por concelho de D. Manrique, e de D. Nuno seu iram, Condes de Lara, que por serem pessoas muito principaes tinham muita parte em seu Concelho, e guovernam do Reyno porque segundo se diz, dezejavam para mais seu acrescentamento, que nos Reynos ouvesse sempre necessidades de guerras, e nenhum descanço de paz, na qual partiçam ElRey D. Affonso Anriques, que entam era, e foy ho primeyro Rey de Portugual, por roturas, e guerras antre ambos jáa passadas, e porque elle ho vencera, e ferira na batalha de Valdevez em Portugual, nom ficou de seu Reyno tam seguro, que nom receasse hos cerquos, e cometimentos da guerra em que se jáa vira em Guimarães, e de que com sua honra, e vitoria, se livrou, e muito menos esperou segurança, e perpetuidade de seu Reyno, ElRey D. Fernando de Liam, despois da sobcessam delRey D. Sancho seu irmão, que era filho mayor do Emperador, que por ventura querendo annullar tal repartição em cazo, que seu pay ha fizesse, queria contra elle uzar, assi como outro Rey D. Sancho segundo fizera na outra repartiçam primeyra dos Reynos de Castella, e de Liam, e de Portugual, e Gualiza, contra seus irmãos hos Reys D. Affonso, e D. Guarcia de que hos quizera privar, e hos prendeo, por ser filho mayor, posto que ElRey D. Fernando seu pay à ora de sua morte, antre elles todos tres, hos

ditos Reynos partira, e para começo desta prova, loguo que ho dito Rey D. Fernão de Liam vio q̄ ElRey D. Sancho seu irmão Reynou por ser mais poderoso, loguo entrou no Reyno de Liam ha entender em aggravos de que alguns Cavalleyros se queyxavam, e comoveo ha ElRey D. Fernando ha fazer em Liam todo ho que ElRey D. Sancho seu irmão quiz, e lhe mandou ainda que fosse, como foy contra sua vontade, pela qual ElRey D. Affonso Anriques sobre esto, e com este fundamento de se liarem, cazou loguo sua filha Dona Urraqua, com este Rey D. Fernão de Liam, que eram primos com irmãos, e della ouve ho Ifante D. Affonso, que despois d'elle Reynou em Liam, e quitou se della por achaque de parentesquo, com que livremente se despençaram, mas ho dito Rey D. Fernando ho nom quiz fazer, nem procurar ha dita dilpensaçam, que poderam bem aver, por que despois da morte delRey D. Sancho seu irmão elle perdeu todo ho receo, e temor que d'elle tinha, que ElRey D. Affonso de Castella ho Noveno deste nome de que atraz jáa dice, filho, e sobcessor delRey D. Sancho ficou muito menino, e case d'elle dito Rey D. Fernando em poder, cujo dezejo parece, que foy fazer se Rey dambos hos Reynos, se Deos, e ha lealdade de vassallos Castilhanos lhe nom resistiram, como atraz esto jáa ficou mais declarado,

E sobre

É sobre este apartamento da Rainha Dona Urraqua ElRey D. Affonso Anriques por vingança, e ElRey D. Fernando por sua defeza tiveram continuas guerras, e ouve antre elles grandes odios, ho que foy no tempo que ho dito Rey D. Affonso quebrou ha perna no ferrolho das portas de Badalhouse, como em sua Coronica melhor se declara, e assi despois por este respeito de liança, e concordia ElRey D. Sanchõ de Portugal sem devida despençam cazou esta Rainha Dona Tareja sua filha com ElRey D. Affonso de Liam, primo com irmão della, e seu sobrinho, filho de sua irmãa Dona Urraqua, e do dito Rey D. Fernando de Liam; e tambem ha esse tempo se ouve por muy necessario fazerse este casamento, para com elle, como bom meo de paz ferrarem guerras, e differenças, que antre elles Reys de Portugal, e de Liam entam se aparelhavam, e porem segundo se acha por escrito, tanto que ambos foram cazados, que foy no mez de Fevreyro, loguo em Portugal, e Castella por qualquer cazo, que de adversa influencia do Ceo, ou por outros misterios, e peccados da terra, sobrevieram grandes, e tam pre-severadas invernadas, e chuvas que duraram sem cessar até ho Junho seguinte, com que se danaram, e perderão muitas novidades de pão, vinho, e azeyte, e fruytas, e algumas, que fiquaram, sobreveo tamanha pragua, e multidam de ver-

mões, que atée à terra todas has comeram, e veyo-se tam grande Estio, e secura por quenturas do Sol que durou atée meado Janeyro do anno, que vinha, e cessando ho Estio, sobrevieram grandes pestilencias, e outras dores espantozas, e de mortal periguo, especialmente em terra de Santa Maria, Bisgado do Porto, onde ha peste foy tam ciua; e danosa, que em grandes povorações, e Luguares de muitas pessõas elcassamente fiquaram tres vivos.

E na terra de Bragua particularmente se acha, que nos homens, e molheres intrinsecos males, e de tanto, e tam rayvozo ardot, que lhes parecia que ardiam, e comiam em sy mesmos, e assi com taes padecimentos sem aproveytar cura, nem remedio algum piadosamente morriam, e porque das mortaes perseguições, que à terra podiam vir, algũa nom fiquasse por passar; ouve neste tempo em Portugal durando este casamento tanto falecimento de mantimentos, que muitas gentes morriam de fome, e por susterem has vidas por alguma maneyra, comiam como bestas hos guomos das vinhas, nem leyxavam has ervas verdes dos campos, e no mesmo tempo, porque hos homens nom gouvessem dalgũ bem da paz veo que por derradeyra perseguiçam, hum Jacob Mouro poderoso Rey de Sevilha, sabendo destas minguoas, e necessidades do Reyno de Portugal, para mais facilmente ho conquerir, e guerrear,

elle com muita gente de pée , e de cavallo por terra, e com afaas frota por maar, no mez de Mayo entrou em Portugual , e veyo loguo poer cerquo sobre ha Villa de Alcacere do Sal, que ElRey D. Affonso Anriques primeyramente tomou a hos Mouros, e assi ha combateo loguo com engenhos darmas de noyte, e de dia, que a hos três dias de Junho seguinte , com afaas dano dos da Villa ha tomou.

Pelo qual hos Christãos que viam nos Castelllos Dalmada, e de Cezimbra , e Palmella, que tambem nom avia muito tempo , que ho dito Rey D. Affonso tomára a hos infieis, sabendo que Alcacere do Sal, Villa tam forte fora assi, sem resistencia , nem socorro tomada, desesperados de se poderem nelles defender, hos leyxaram vazios , e se acolheram ha outros Luguares dos Christãos em que esperavam teer moor segurança. Sabendo esto ho dito Rey Mouro , veyo loguo a hos ditos Castelllos, e atée ho chaõ hos derribou, e destroyo, e despois de leyxar Alcacere bem fortalezado , foy loguo com seu poder cerquar ha Cidade de Sylves , que ElRey D. Sancho avia pouquo tempo , que lha tinha tomada , como atrás hee declarado , e com engenhos de combates continos assi afrontou ha Cidade, que hos Christãos que ha defendiam despois dalguns dias passados em que nom esperavam socorro , deram por partido ha Cidade a hos Mouros, com

segurança das vidas, e fazendas, que salvaram.

Ha qual necessidade ElRey D. Sancho nom pode entam soccorrer assi como fora rezaõ, e elle dezejava por minguoas , e necessidades dos Reynos, e assi por outras em que contra ElRey de Liam andava revolto, e ocupado, e neste tempo hos Mouros da Cidade de Sylves no Alguarve, atée que Reynou D. Affonso Conde de Bolonha , neto delRey D. Sancho, porque no tempo deste se tornou outra vez ha cobrar com todo ho Alguarve, como em sua Coronica aho diante se dirá. E porém desta entrada, e guerra que este Mouro assi fez, recebeu Portugual grandes danos, que hos infieis levaram delle grandes roubos, e muitos Christãos cativos de que muitos passaram alem maar, mas ElRey D. Sancho para algum repayro, e descanço destes males passados , e porque jáa has gentes de seu Reyno estavam por estas guerras, e necessidades muy trabalhados , tratou treguoas por sinquo annos com ho dito Rey Mouro, has quais foram por sua parte firmar, hum Pedro Affonso, e Gil Guonçalves, seus vassallos , e pessoas em que tinha confiança.

Das quais tribulações, e grandes males, que Espanha , e Portugual assi padeciam , sendo informado Celestino III. que ha este tempo era Papa em Roma, cuydando que poderiã ser por maldiçam de Deos , e por pendença da culpa erros,

erros, e peccados, em que hos Reys estavam, por este casamento, por ser feyto antre tam conjuntos parentes, sem dispensaçam, e contra ho preceyto da Egreja para ho desfazer, enviou de Roma por Leguado ha Espanha, e ha Portugal principalmente, D. Guilherme Diacono Cardeal do titulo de Santan-gelo, ho qual com Arcebispos, Priores, e Abbades Bentos do Reyno de Portugal, e de Liam, que mandou ajuntar, fez Concilio em Salamanca onde foy acordado divorcio, e apartamento dos ditos Reys D. Affonso, e ha Rainha Dona Tareja, nem quizeram dispensar sobre ho casamento antre elles jáa feyto, e porque El Rey, e ha Rainha nom obedeceram, nem quizeram loguo apartar, puzeram inuy estreyto antredito em ambos hos Reynos, por rignor do qual has gentes neste tempo nom entravam nas Egrejas, nem se diziam nellas Missas, nem Officios Divinos, nem davaõ sepulturas a hos corpos mortos em luguares Sagrados, ho qual antredito durou hum anno, e hum mez, e tres dias.

1207. No cabo do qual tempo ho dito Rey, e Rainha obedeceram à Santa Sèe Apostoliqua se apartaram, ho que foy na era de Nosso Senhor de mil duzentos e sete annos, e este dito Rey D. Affonso de Liam, tambem sem dispensaçam tornou ha cazar com ha Rainha Dona Beringela, filha del Rey D. Affonso Noveno de Castella, e despois de

averem filhos dantre ambos tambem della se quitou; e della ho dito Rey D. Affonso de Liam ouve El Rey D. Fernando seu filho, em que hos Reynos de Castella, e de Liam, se tornaram àjuntar, e este foy ho que ganhou Cordova, e Sevilha dos Mouros; e porém El Rey D. Affonso de Liam, e ha Rainha Dona Thareja, que primeyro cazaram, jáa tambem tinham dantre ambos tres filhos, ha saber, ho Infante D. Fernando, que faleceo moço sem filhos, ha que este Rey D. Sancho seu avoo, leyxou em seu testamento dez mil maravedis douro, dos quaes maravedis douro, sessenta faziam hũ marquo, e eram de preço de como aguora neste tempo são hos cruzados douro, e assi tinham ha Infante Dona Doce, que El Rey D. Sancho criou em Portugal, e em sua caza, e ha que leyxou em seu testamento outros dez mil maravedis douro, e cento, e sincoenta marquos de prata, e assi tinha ha Infante Dona Sancha, que se criou em Castella, ha que tambem leyxou El Rey D. Sancho outros dez mil maravedis douro, e esta he ha que cazou com El Rey D. Anrique de Castella despois que foy quite da Rainha Dona Mofalda, filha deste Rey D. Sancho de Portugal, de que loguo se diráa.

Has quaes Infantes se dizem *de Castro torrafe*. Despois da morte del Rey D. Affonso de Liam seu padre, porque has leyxou erdeyras do Reyno em seu testamento, e assi

Fij por

por concelho da Rainha Dona Thareja sua madre se alevantaram com ho Reyno de Liam, contra ElRey D. Fernando seu irmão, filho da Rainha Dona Biringela, e em fim, em Valença do Minho, onde ha dita Rainha Dona Biringela veu, elles todos foram concordados nesta maneyra, ha saber, que ellas Infantes filhas da Rainha Dona Thareja leyxassem hos Castellos de Liam, e ouvessem para seu soportamento por has rendas doutros Luguares loguo affinados sinquenta mil dobras douro cada anno, e sobre esto côcerto, se foraõ ver com ElRey D. Fernando em Benavente, donde partiram amigos em paz.

E ha Rainha Dona Thareja delpois de passados alguns dias se veu para Portugual, ha que ElRey D. Sancho seu Padre leyxou no dito testamento para soportamento de sua vida, ha Villa de Montemoor ho Velho, e ho Lugar Desgueyra, e mais outros dez mil maravedis douro, e cento e sinquenta marcos de prata, e esta Rainha reformou de novo aho Moesteyro de Lorum da Ordem de S. Bernardo, ha tres leguas da Cidade de Coimbra, e ho dotou de muitas rendas, e foy Senhora delle, e nelle jaas sepultada, e leyxoulhe para sempre ho dito Lugar Desgueyra, que ho dito Moesteyro aguora tem.

Da Rainha Dona Mofalda, filha delRey D. Sancho.

E assi ouve ElRey D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher ha Infante Dona Mofalda, que em perfeções, e bondades do corpo, e dalma, foy Princeza muy acabada, ha qual foy cazada com ElRey D. Anrique deste nome ho primeyro Rey de Castella, filho, e erdeyro do sobredito Rey D. Affonso ho noveno, eram parentes dentro no quarto grao, e cazaram sem dispensaçam, e principalmente sem consentimento, e contra vontade da Rainha Dona Biringela sua irmã, foram pelo Papa Innocencio III. apartados, ho que para declaraçam doutras cousas, que podem obcorrer, foy brevemente nesta maneyra.

Por falecimento do sobredito Rey D. Affonso noveno de Castella, ficou por seu erdeyro em muy piquena idade D. Anrique seu filho, deste nome ho primeyro de Castella, filho da Rainha Dona Leonor, filha delRey D. Anrique de Inglaterra, à qual despois da morte delRey seu marido, ficou ho regimento, e governança dos Reynos de Castella, e assi ha criaçam delRey seu filho, atée elle ser em idade para por sy poder reger, e porque esta Rainha Dona Leonor, loguo ha poz seu marido faleceo, ficou por sua morte, encomendado todo seu carguo à Rainha

He Sanra, e della reza a Igreja, e faz festa a 17. de Junho. por Decreto do Papa Clemente XI.

inha Dona Biringela, irmã do dito Rey D. Anrique, e Rainha, que fora de Liam, e estava em Castella por ser ha esse tempo, por authoridade, e mandamento da Egreja apartada del Rey D. Affonso de Liam, seu marido, e primo com irmão, como atraz jáa roquey, ha qual em bondades, virtudes, e grandes prudencias, foy Princeza singular, e porque naquelle tempo hos Condes de Lara, há saber D. Fernando, e D. Alvaro, e D. Guonçallo, filhos do Conde D. Nuno de Lara ho bom, de que atraz jáa faley, eram peffoas mais principais do Reyno, elles para que com mais licença, e amor poderem usar de suas vontades, e cobiça trabalharam de tirar El Rey D. Anrique do poder desta Rainha sua irmã, para que lhes fosse entregue, ha qual por escuzar bolços do Reyno, que se aparelhavam, com precedente concelho primeyramente, e com consentimêto dos Estados do Reyno, e em Cortes aprazadas, e com juramentos, e menagens solenes ouve por bem de entregar, e entregou El Rey seu irmão aho Conde D. Alvaro de Lara, que loguo quebrou, e nom guardou has lemitações, e condições com que prometeo de reger, e guovernar por El Rey, fazendo em sua guovernança couzas assi feas, e graves, que eram contrayras ha toda justiça, e honestidade, e pareciam proceder de cobiça, e tirania, ou de pura vangança, de que por odio, nom quiz

isentar ha mesma Rainha Dona Biringela, ha que sem algum resguardo de sua dignidade, e grandes merecimentos, quizera tambem tirar muitas cousas, que da Coroa de Castella direyramente tinha, e porque sentio, que assi ha Rainha, como outros grandes Senhores de Castella lhe queriam tirar El Rey D. Anrique, e ha guovernança de seu Reyno, e via que ho mesmo Rey assi ho dezejava, por assegurar principalmente ha vontade del Rey em que a mayor força da contradicam, e concordia de suas cousas estava, e para teer mayores, e mais ajudas, para ha força que queria fazer, sabendo que ha Ifante Dona Mofalda filha del Rey D. Sancho de Portugal estava por cazar, e era Senhora em que avia respeytos, e grandes prefeções para se della terem muitos contentamentos, ho Conde D. Alvaro de Lara leyxou El Rey D. Anrique na Cidade de Palença, q̄ hee de Castella, e se veyo ha Portugal, e com tanta eficacia, e com taes rezões, e fundamentos tratou este cazamento com El Rey D. Sancho, que sem mais dilaçam, ouve por bem loguo lhe entregar sua filha, que com aquella honra, e companhia, que merecia, loguo ho dito Conde ha levou ha Palença à vista del Rey D. Anrique, e dahy loguo ha Medina del Campo onde cazaram, e fizeram suas vodas, com festas publicas, e honradas.

E deste cazamento pezou mui-

to à Rainha Dona Biringela , que com palavras ha seu descontentamento conformes , e principalmente por cazarem em peccado, e sem dispensaçãõ , ho mandou muito estranhar aho Conde, ho qual sobre esso respondeo à Rainha, por ventura mais aspero do que deverã, e ella merecia, e quizera , pelo qual ha Rainha , loguo sopriquoou aho Papa Innocencio III. sobre esto pedindolhe , que hos apartasse , ho qual cometeo ha cauza ha D. Tello Bispo de Palença , e ha D. Moyninho Bispo de Burguos, hos quaes juntos, e ouvidas sobre esso has partes , e sabida ha verdade do feyto, julguaram ho apartamento antre ElRey, e ha Rainha , e com apremadas censuras, e antreditos, que nos Reynos pozeram, foram ambos apartados , e ha Rainha Dona Mofalda se tornou ha Portugual para ElRey D. Sancho seu padre, e ElRey D. Anrique, foy loguo concertado de cazar , e cazou com ha sobredita Dona Sancha , filha delRey D. Affonso de Liam, e da Rainha Dona Thareja sua molher , e neta delRey D. Sancho, com fundamento, e condiçãõ , que despois da morte delRey D. Affonso de Liam, porque nom tinha filho baram legirimo, que hos sucedesse, e erdasse, que hos Reynos de Castella, e de Liam fiquassem juntamente aho dito Rey D. Anrique, e nom veyo ha effeyto , porque dahy ha pouquos dias estando ElRey em Palença julgando, e avendo pra-

zer com seus Fidalguos, hum delles que se diz ler da linhagem de Mendoça, lançando alto hum mançal toquou em hum telhado, onde por defastre cayo huma telha, que deu na cabeça delRey, que ha pouquos dias loguo faleceo , e ha elle sobcedeo loguo nos Reynos de Castella ho Ifante D. Fernando seu sobrinho, filho do dito Rey D. Affonso de Liam.

Este Rey D. Fernando seu filho por nom aver ahy outro legitimo sobcessor baram, sobcedeo tambem ho Reyno de Liam , e nelle como atraz apontey hos Reynos ambos de Castella , e de Liam, outra vez se tornaraõ ajuntar no anno seguinte, que foy de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e duzentos e trinta e dois annos, como nas Coronicas Despanha mais declaradamente se conteem , e ha esta Rainha Dona Mofalda , ElRey D. Sancho seu pay leyxou em seu testamento para soportamento de sua vida, e estado, dez mil maravedis douro, e duzentos marcos de prata, e mais ha Igreja de Bonças, e Moesteyro Darouqua , da Ordem de S. Bernardo, que ella novamente fundou, e nelle acabou onesta, e santamente sua vida, e ahy jáas sepultada.

1232.

Da Ifante Dona Sancha, filha delRey D. Sancho.

E assi ouve mais ElRey D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher , ha Ifante Dona Sancha, que

que nom cazou, e foy guovernado-
ra do Moesteyro de Lorum, e ha
esta leyxou ElRey seu padre ha
Villa Dalanquer por sua Cidade, e
outros dez mil maravedis douro, e
duzentos, e sinquoenta marcos de
prata, e mais muita roupa de caza,
e riquas joyas de sua pessoa, e esta
jaas sepultada no Moesteyro de
Santa Cruz de Coimbra, e fundou
ho Moesteyro de Saõ Francisquo
Dalanquer da Observancia, ainda
em vida de S. Francisquo, e esta de-
vaçam tomou quando hos sinquo
Frades ha vieram de caminho vizi-
tar, e hos vestio, e lhe fez esmola,
como se aho diante dirá.

*Da Ifante Dona Branca, filha
tambem del Rey D. Sancho.*

E assi ouve ElRey, e ha Rainha
sua molher ha Ifante Dona Bran-
qua, que foy Senhora de Guadal-
ferrara em Castella, e mandouse
trazer, e enterrar em Santa Cruz
de Coimbra, e ha esta leyxou tam-
bem ElRey seu pay outros dez mil
maravedis douro, e duzentos mar-
cos de prata.

*Da Ifante Dona Biringela, filha
Del Rey.*

Teve mais ElRey D. Sancho da
Rainha sua molher por derradeyra
filha, ha Ifante Dona Biringela,
que faleceo sem cazar, e foy criada
pela Rainha Dona Thareja sua ir-
mãa em Lorum, e ha esta tambem

ElRey leyxou em seu testamento
outros dez mil maravedis douro, e
duzentos marcos de prata, e aho
tempo de seu falecimento se man-
dou enterrar em Santa Cruz de
Coimbra onde seu pay jazia, hos
quaes filhos, e filhas legitimos ho
dito Rey D. Sancho ouve da Rai-
nha Dona Doce sua molher, ha
qual faleceo na era de Nosso Se-
nhor de mil cento e noventa e oy-
to, e mandouse logo soterrar em
Santa Cruz de Coimbra, onde des-
pois foy sepultado ElRey D. San-
cho seu marido. E aho tempo em
que ha Rainha faleceo, ElRey D.
Sancho quando viuvou, era de ida-
de de quorenta e quatro annos.

1198.

*Dos filhos bastardos del Rey D.
Sancho.*

Depois do falecimento da Rai-
nha Dona Doce, ElRey tomou lo-
guo por manceba huma Dona Ma-
ria Ayres de Fornelos, de que ouve
dous filhos, ha saber Martim San-
ches, e Dona Urraqua Sanches, e
este Martim Sanches, foy Adian-
tado del Rey D. Affonso de Liam,
seu Primo com irmão, e era bom
Cavalleyro, e cazou com ha Con-
dessa Dona Olaya Pires, filha de
D. Pedro Fernandes de Castro, ho
Castelam, de que jaã dice, e ven-
ceo tres vezes ha gente de D. Af-
fonso de Portugal seu irmão, em
nome del Rey D. Affonso de Liam,
e teve quatro Condados, em que
entrava ho Condado Destramara
em

em Gualiza, e nom teve filhos, e jáas honradamente sepultado em Cofinos lugar da Ordem de São Joham em Castella, em terra de Campos.

E despois desta primeyra manceba, que ElRey leyxou, e ouve por bem que cazasse com D. Gil Vaz de Souza, homem principal, tomou loguo q̄ teve atée sua morte, outra segunda Dona Maria Paes Ribeyra, ha que deu Villa de Cōde, e outras Cidades, e terras, se nom cazasse, e ha esta foy ElRey muito affeyçoadado, e della ouve estes filhos, e filhas ha saber, Dona Thareja Sanches, que foy cazada com D. Affonso Telles ho Velho, que povorou Alboquerque, hos quaes ouveram filhos, ha saber, D. Joham Affonso Tello, e Martim Affonso Tello, e ha esta Dona Thareja, ElRey em seu Testamēto leyxou sete mil maravedis douro, e assi ouve della D. Gil Sanches, ha que ElRey leyxou oyto mil maravedis douro em seu testamento. E Dona Constança Sanches, ha que ElRey leyxou sete mil maravedis, e sem cazar acabou ho Moesteyro de S. Francisquo de Coimbra, que em vida de S. Francisquo se fundou, e jáas em Santa Cruz, junto com ElRey D. Sancho seu padre, e ouve della mais ha D. Ruy Sanches, ha que leyxou outros oyto mil maravedis, e este morreo em huma peleja na Cidade do Porto, que nom devia de ser de Mouros, e jáas soterrado no Moesteyro de

Grijóo. E esta Dona Maria Paes despois dalguns dias do falecimēto delRey, cazou com Joham Fernandes de Linna, que diceram ho bom de Gualiza, que foy muito honrado, e de grande caza, e delle tambem ouve filhos, e filhas, e huma lua neta, que chamaram Dona Ignez Lourenço de Valadares, cazou com D. Martim Affonso, filho bastardo delRey D. Affonso ho segundo de Portugual, que ouve de huma molher, que fora Moura, e estes ouveram hum filho dito Martim Affonso Chichorro, que ouve filho que chamaram Vasquo Martins Chichorro, de que vem hos Chichorros de Souza, de Portugual, que agورا saõ.

A qual Dona Maria Paes, que se acertou aho tempo do falecimento delRey D. Sancho, indo de Coimbra com seu doo, e triste para sua terra, que era Villa de Conde, acompanhada de D. Martim Paes Ribeyro seu irmaõ, aconteceu que hum Guomes Lourenço Viegas, neto de D. Eguas Moniz, que era homem principal ha salteou no caminho, e ha levou por força aho Reyno de Liam, e ferio mal ha seu irmaõ, ho qual se foy loguo querellar ha ElRey D. Affonso, filho delRey D. Sancho, que entam começara de Reynar, que sobre esso escreveo loguo ha ElRey de Liam, assi aspero, e com rezões de requerimentos de justiça, e emmenda como ho cazo de tal força requeria, e porque Guomes Lourenço, por
empra-

emprazamentos, e citações que sobre ho cazo lhe foram loguo feytas, e sobre entrega de Dona Maria Paes se vio muy aprefado, induzido della, e aconselhado falsamente se vieram ambos ha ElRey D. Affonso de Portugual, que ha esse tempo era em Castell Rodrigo de Riba de Coa, de que lhe fez dissimuladamente creer, que depois daosseguado, e satisfeyto seu irmam Martim Paes, elle dito Guomes Lourenço averia perdam, e remedio, mas ella como se vio ante ElRey loguo assi se leyxou cayr em terra, e com vozes, e palavras de grande sentimento, e com muitas lagrymas lhe pedio justiça, e vingança de Guomes Lourenço, que era presente, pela força, e deshonra que lhe fizera, pelo qual ElRey despois de ha ouvir, e sem escuza confessar seu crime, ho mandou loguo matar, e despois desto porque ella era de boa linhagem, e fiquara muy riqua, cazou com ho dito Joham Fernandes de Lima, como acima dice.

CAPITULO XVI.

Das cousas, que ha ElRey D. Sancho em seu Reyno socederam despois do apartamēto da Rainha Dona Thareja sua filha atè seu falecimento.

DO apartamento delRey D. Affonso de Liaõ, e da Rainha

Dona Tareja sua molher atè ho falecimento deste Rey D. Sancho, se passaram doze annos, e has cousas que nestes Reynos, achey que fez, e que em seu Reyno, e tempo se passaram, saõ has seguintes (brevemente) primeyramente no anno seguinte despois que hos Mouros destroyram hos Castellos atraz apontados, ElRey mãdou reformar, e fortalecer ho Castello de Palma, e assi de novo ho de Cezimbra, e alguns dez annos que apoz este loguo se seguiram por desvayrados curços dos Ceos, mais que por erros de cousas da terra, ouve em Espanha guerras, fomes, e cruas pestilencias nos homens, e grandes mortindades em toda calidade de alimarias, e em quanto duraram has treguoas que ElRey D. Sancho poz com hos Mouros, sempre pela mayor parte do tempo teve guerra com ElRey D. Affonso de Liam, ha que tomou em Gualiza ha Cidade de Tuy, e has Villas de Sampayo, e de Lobeo, e Ponte Vedra, e outros Luguares que em sua vida teve, porque despois de sua morte, e em tempo doutros Reys seus socessores por bem de paz, e concordia, hos ditos Luguares foram tornados aho Reyno de Liam.

E na era de Nosso Senhor de mil e cento e noventa e nove annos antre ha Sexta, e Noa do dia foy grande, e muito espantezo Cris do Sol, que por todos aquelles que escreviam has couzas maravilhosas de seus tempos, afaas memorado,

1199.

porque ho Sol foy negro todo como pez, e ho dia que era craro, se tornou muy escura noyte, e nos Ceos sendo de dia pareceu ha Lua, muitas Estrellas, por cujo nome, e espanto, e mortal temor, hos homens, e molheres de todo ho estado, e condiçam, crendo que ho mundo se acabava, e vinha ho dia do derradeyro juizo, temendo ha morte, e por acabarem has vidas, em santos luguares leyxavam has cazas, e fazendas, e desacordadas se acolhiam às Egrejas, e Cazas piedosas, e despois que has trevas se começaram ha derramar, e ho Sol cobrando sua claridade, foy ha Lua vista em desvayradas maneyras, como nunca fora vista, e viam estes sinaes serem tam fóra do regulado curso da natureza, como hos que tiveram ha Payxam de N. Senhor, e este dia deste Cris assi foy nomeado, e assi ficou lembrado nas memorias dos homens, especialmente de Portugual, que quando despois pessãoas antiguas se perguntavam por cousas de tempos passados, de que queriam saber ha verdade, e has testemunhas para certidam de suas idades, e tempos referiam seus ditos, e mores lembranças, ha este dia que se tornàra noyte, e acha-se mais, que despois da era de N. Senhor de mil e duzentos e hum annos, por continuas chuvas, que em todos hos mezes sobrevieram nom se poderam fazer lomenteyras, salvo em muy pouquos luguares, em que ha semente se

1201.

perdeo, de que se seguio outra tam grande fome, que segundo ha estimaçam, que se fez se affirma, que ha terceyra parte da gente, que era viva morria, especialmente em Gualiza, onde por este pestifero mal, fiquaram ermos muitos Luguares, e de todo despovoados, e no anno seguinte se mostra, que El Rey D. Sancho mandou de novo edefiquar ho Castello de Monte moor ho novo, no Bispado de Evora, e neste anno até hos dous seguintes se acha aver neste Reyno no maar, e na terra grandes tromentas, e tempestades, de que receberam mortes, e muitos danos, e perdas gerges, assi nos homens, e molheres, como guados, e Navios, e mercadorias, e neste anno El Rey D. Sancho povorou, e fez de novo ho Castello de Penella, e no anno seguinte de mil duzentos e oyto, ha vinte, e cinco dias de Julho, se acha brevemente que ho dito Rey com gente de guerra ordenada tomou a hos Mouros por força ho Castello Delvas, e esta foy ha derradeyra couza, que por serviço, e acrecentamento de sua honra, e bom nome fez contra hos infieis no qual feyto jáa com elle foy ho Ifante D. Affonso seu filho erdeyro, que apoz elle Reynou.

1202.

1208.

CAPITULO XVII.

Do falecimento del Rey D. Sancho, e de seu Testamento, e de algumas cousas, e obras que fez.

NO anno de N. Senhor Jesu Christo de mil duzentos, e doze, tendo jáa El Rey D. Sancho sinquoenta, e oyto annos de sua idade, e avendo vinte, e sete que Reynava, fazendo primeyro seu solene testamento, e como Catholico, e muy virtuoso Rey, recebendo para bem de sua alma todos los Sacramentos ordenados pela Egreja, faleceo de sua vida corporal na Cidade de Coimbra, onde no Moesteyro de Santa Cruz jáas sepultado junto com El Rey D. Affonso Anriques seu padre, onde jazia jáa sepultada ha Rainha Dona Doce sua molher, como atraz jáa dice, e antes dous annos, que falecesse ho dito Rey D. Sancho, fez seu solene testamento, que eu Coronista vi escrito em perguaminho, com palavras de latim, e asselado sob seu selo de chumbo, e approvado com juramentos, e menagens solenes por ho Ifante D. Affonso seu filho primogenito, e locessor, e pelo Arcebispo de Bragua, e pelo Prior de Santa Cruz, e pelo Abba-de de Sam Tiço, e pelo Mestre do Templo de Salamam em Jerusa-

lem, e pelo Prior do Esprital de S. Joham em Jerusalem neste Reyno, e por D. Pedro Affonso, e por D. Guarcia Mendes, e D. Martim Fernandes, e por D. Lourenço Soares, e D. Guomes Soares, que eram Senhores, e peffoas mais principaes do Reyno, com hos quaes fez seu testamento, todos em auto pubriquo fizeram Juramento nas mãos do Arcebispo de Bragua, e menagens nas proprias mãos del Rey que sobpena de tredores, e aleyvoços, e excomunguados, e malditos da maldiçam de Deos, todas has couzas de seu testamento comprissem, e fizessem inteiramente cumprir, ho qual testamento foy feyto na Cidade de Coimbra no mez de Outubro do anno de N. Senhor de mil duzentos e dez, e da hy ha dous annos faleceo El Rey, como já dice.

E dos leguados, e esmolas que no dito testamento leyxou, e donde ordenou que ha pagua de tudo se fizesse, nom me pareceo ser alheo da Estoria, assi para louvor deste glorioso Rey, como para bom exêplo dos outros, que esto virem, porrey aqui hũa lumaria, e verdadeyra lembrança, que soya ser ha do Tombo das Escrituras de seus Reynos, e assi em poder do Mestre da Freyria de Evora, que aguora hee de Aviz, e no Castello de Tomar em poder do Mestre, e Freyres do Templo, que aguora hee de Christus, e no Castello de Belver, que era do Prior do Esprital de Jerusalem,

e assi em poder do Abbade de Alcobaça, e do Prior da Santa Cruz, e no Castello de Leyria leyxava quinhentos e tres mil e tantos maravedis douro de sessenta, e mil e quatrocentos marcos de prata, declarando ha soma particular que em cada hum destes lugares tinha.

E porque aho tempo de seu falecimento elle tinha quinze filhos, e filhas todos vivos, ha saber, nove legitimos, e seis bastardos, como tenho acima declarado ha estes todos desta soma, além doutros grandes leguados de panos, e joyas, e guindos, e cavalos, leyxou mais trezentos e sincoenta mil maravedis douro, em que leyxou destes aho Infante D. Affonso seu filho mayor, que decrarou por erdeyro, e mais hos outros filhos, e filhas, mil e cem marcos de prata, ha saber, ha cada hum dos filhos, e filhas legitimas dez mil maravedis, e ha cada huma das femeas duzentos e sincoenta marcos de prata, e ha cada hum dos filhos barões bastardos sete mil, e mais certos marcos de prata, e dos cento e sincoenta e oyto mil e tantos maravedis, que siquãrão leyxou quarenta mil ha Alcobaça, ha saber, dez mil para delles se fazer huma guafaria em Coimbra, dez para fazer hum Mosteyro da Ordem de Cistel, e hos sinco mil para ha fabrica, e bem feytorias de Alcobaça, e aho Mosteyro de Santa Cruz X maravedis, e mais ha sua Capella, huma

o X com
a plet por
coma vale
dez mil.

copa douro de que mandou que se fizesse huma Cruz, e hum Calix, e mais cem marcos de prata, para frontaes dos Altares de S. Pedro, e Santo Agostinho, e para redemção dos Cativos leyxou quinze mil maravedis, e aho Templo Santo de Jerusalem X maravedis, e aho Espiritual de Jerusalem outros dez mil maravedis, e para se fazer ha ponte de Coimbra X maravedis, e aho Papa Innocencio III. leyxou cem marcos douro, ha que pedio, como ha Senhor de seu corpo, e da sua alma, que com sua santa authoridade, faça inteiramente comprir este seu testamento, e dos sessenta, e oyto mil maravedis tomou sinco mil para satisfazam das couzas que se achassem, que elle com direyto devia restituir, e hos mais mandou estribuir por alguns Mosteyros principaes, e Egrejas do Reyno por somas loguo declaradas de mais, e menos, segundo ha calidade das Egrejas, e na merce, e beneficios, que fez às Egrejas Cathedraes do Reyno, entrou ha Sêe da Cidade de Tuy com moor soma, que has outras, ha que mandou dar tres mil maravedis, por ser a este tempo de Portugal, porque cada huma de todas has outras ouve sómente mil maravedis, soamente Bragua, e Evora, que ouverão dous mil, e ha cada huma das Egrejas pequenas mandou dar dous maravedis, que se alguma sobejasse da soma, ho que para estas despezas piedozas apartara, que ho tornal-
sem

sem ha dar, e repartir pelas Egrejas mais pobres.

CAPITULO XVIII.

De alguns Luguares, que El Rey D. Sancho novamente fundou, e fez, e ha que deu foraes:

Deu à Ordem de Santiago em tempo de Sancho Fernandes, que era Mestre della, has Villas Dalcacere do Sal, e Palmela, e Almada, e Arruda, e povorou ha Villa de Valhelhas, e lhe deu foral, e ha deu à Ordem da Freyria Devora, que entam era de Calatrava, e ora he Daviz, e deu à Ordem Daviz, sendo Mestre della D. Guonçalo Viegas, filho de D. Eguas Moniz, hos Luguares Dalcane de, e Alpedriz, e Juromenha, e ho Castello de Mafora, ennobreceo ha Sée da Cidade de Vizeu, deu foral à Cidade, e às Villas de Cea, e de

Gouvea, e povorou Pena maior, e lhe deu foral, e assi à Villa, e Castello, de Sortella, e assi deu foral ha Torres novas, que refez, ennobreceo despois da destroyçã, que nella fizeram hos Mouros, e deu ha Cidade da Idanha primeyramente à Ordem do Templo, e assi deu foral ha Bragança, e povorou, e fez de novo ha Villa de Contraste, que aguora he Valença do Minho, e povorou de fundamento Monte moor ho novo, e lhe deu foral; e assi povorou Penela, e Figueyró, e deu foral ha Cezimbra, e ha Pinhel, e ennobreceo ho Castello, e ha Villa; e assi povorou Covilhã, e Folguosinho na Serra Destrella, e lhes deu foral, e assi à Cidade da Guarda, e ha outros muitos Luguares de seu Reyno, como Rey, em que avia esforço, e grandeza de animo para ho defender, e acrescentar, e ennobrecer, nem lhe faleciam bondades, e justiça, e san conciencia para em seu tempo ser bem governado, e regido como foy.

D E O G R A T I A S :





INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a Pagina.

A

Abeamázim, e Albouzil.

Capitães Mouros, que governavaõ o exercito que sitiava Beja, saõ mortos por ElRey D. Sancho I. pag. 8.

Abuaxam Almohadim Miramolim de Marrocos, he morto na batalha de Santarem, pag. 9.

Principe D. Affonso Filho primogenito delRey D. Sancho I. quando naceo, pag. 37. Sendo Rey mandou matar a Guomes mes lourenço Viegas, neto de Egas Moniz, por forçar a Dona Maria Paes Ribeira, q̄ fora amiga delRey D. Sancho I. seu pay, pag. 49.

D. Affonso III. De Portugal foy o primeiro, que se intitulou Rey dos Algarves, e que acrescentou ao Escudo das Quinas a orla

dos Castellos, pag. 2.

Affonso Nono de Castella He vencido na batalha Delharquos, p. 29. Vence aos Mouros na celebre vitoria das Navas de Tolosa, pag. 29.

D. Affonso Henriques Onde, e quando morreo, pag. 1. e 2. Em que sepultura está enterrado, pag. 2. Quando se intitulou Rey de Portugal, pag. 3. Recupera Santarem com seu filho D. Sancho I. pag. 10.

D. Affonso Telles o Velho Cazou com Tareja Sanches filha natural delRey D. Sancho I. de que teve filhos, pag. 48.

Infante D. Anrique Filho de D. Sancho I. de Portugal, em que anno naceo, e onde está sepultado, pag. 39.

ElRey D. Anrique de Castella He separado por ordem de Innocencio III. da Rainha Dona Tareja

INDEX

reja sua mulher por serem parentes, pag. 44. Caza com Dona Sancha filha del Rey D. Affonso de Liaç, pag. 46. Morre infelicamente, ibi.

B

Infãte Dona Beringela **F**ilha de D. Sancho I. de Portugal nũca cazou, e onde estã enterrada, pag. 47.
Infanta Dona Branca Filha de D. Sancho I. de Portugal, foy Senhora de Guadalferrara em Castella, e onde estã sepultada, pag. 47.

C

Ce'estino III. **D**issolveo o casamento de D. Affonso de Castella cõ Dona Tareja, por serem parentes muito chegados, pag. 43.
Cezimbra O seu Castello foy novamente edificado por D. Sancho I. pag. 49.
Chichorros Donde procedẽ, p. 48.
Dona Constança Sanches Filha natural del Rey D. Sancho I. de Portugal, viveo no Convento de S. Francisco de Alanquer, e onde estã enterrada, pag. 48.

D

Rainha D. Doce **M**ulher del Rey D. Sãcho I. de Portugal, de quem foy

filha pag. 4. Em que anno faleceo, pag. 47. Filhos que teve, p. 37. e os seguintes.

E

Eclipse **F**Oy espantozo o que succedeo no anno de 1199. pag. 49. e 50.
Elvas O seu Castello quando foy conquistado aos Mouros por D. Sancho I. pag. 50.

F

Infante D. Fernando **F**ilho del Rey D. Sancho I. de Portugal, em que anno naceo, pag. 37. Cazou com a Condeffa de Flandes, ibi. Foy prisioneiro em a batalha q̄ teve com El Rey de França, ibi.
Filhos Os legitimos dos Reys tinhaõ Dõ e naõ os bastardos, p. 4
Fome Foy espantosa a que se pa-deceo em Portugal, e Galiza, de que morreo a terceira parte da gente, pag. 50.

G

Gil Sanches **F**ilho natural de D. Sancho I. de Portugal, quem foy sua mãy? p. 48.
D. Gil Vaz de Souza Cazou com Dona Maria Ayres de Fornellos, amiga que fora del Rey D. Sancho

DAS COUSAS NOTAVEIS.

Sancho I. de Portugal, p. 48.
Guarda Deu foral a esta Cidade
 ElRey D. Sancho I. pag. 53.
Gudufre de Bulhaõ He cleyto Rey
 de Jerusaleme depois de ser cõ-
 quistada, pag. 14.
D. Guilbelme Diacono Cardial do
 ritulo de SantanGelo, Legado
 do Papa Celestino III. veyo a
 Portugal a separar do matrimo-
 nio a ElRey D. Affonso III. de
 Castella, e a Rainha Dona Ta-
 reja, por estarem nullamente
 cazados, pag. 43.

Guomes Lourenço Viegas Neto de
 Egas Moniz força a Dona Ma-
 ria Paes Ribeira, e por este cri-
 me he sentenciado à morte por
 ElRey D. Affonso II. de Portu-
 gal, pag. 49.

I

Jacobabrym C, afim **M** Iramo-
 lim de
 Marrocos entra com hum grã-
 de exercito em Portugal acom-
 panhado dos Reys de Sevilha, e
 Cordova, pag. 34.

Idanha Esta Cidade he dada por
 ElRey D. Sancho I. de Portu-
 gal à Ordem do Templo, p. 53.

Jerusalem Em que anno foy to-
 mada por Saladino Soldaõ do
 Egypto, pag. 13. He restaurada
 pelos Christãos, e que Capitães
 assistiraõ a esta cõquista, p. 13.

c 14.

Innocencio III. Escreve a ElRey

D. Sancho I. exhortando-o à
 Conquista da Terra Santa, p. 16.
 Por sua ordem se dissolveo o
 matrimonio delRey D. Anri-
 que de Castella, com a Rainha
 Dona Tareja por serem paren-
 tes muito chegados, pag. 44.

João Fernandes de Lima Cazou cõ
 Maria Paes Ribeira, que fora a-
 miga delRey D. Sancho I. de
 quem teve filhos, pag. 48.

M

ElRey D. Manoel **M** Andou
 levatar
 hũa sumptuosa sepultura a El-
 Rey D. Affonso Hêriques, p. 2.
Maravedis De ouro quanto era a
 sua valia, pag. 53.

Maria Ayes de Fornellos Foy a-
 miga delRey D. Sancho I. de
 quem teve Martim Sanches, e
 Dona Urraqua Sanches, p. 47.
 Cazou por consentimento del-
 Rey D. Sancho I. com D. Gil
 Vaz de Souza, pag. 48.

Dona Maria Paes Ribeira Foy a-
 miga deiRey D. Sancho I. e que
 filhos teve delle, p. 48. Depois
 da morte deste Principe cazou
 com João Fernandes de Lima,
 de quem teve filhos, p. 48. An-
 tes de ser cazada com este fidal-
 go, foy forçada por Guomes
 Lourenço Viegas, ibi.

Martim Affonso Tello Sobrinho
 do Infante D. Pedro, he morto
 em Marrocos pelos Mouros, p.

34.

H

Març

INDEX

Martim Lopes Cavalleiro Portuguez vence a D. Pedro Fernandes de Castro, que entrou armado em Portugal, pag. 30.

Martim Sanches Filho natural del Rey D. Sancho I. foy Adiantado del Rey D. Affonso de Liaõ, e cazou com a Condessa Dona Olaya Pires, filha de D. Pedro Fernãdes de Castro o Castelaõ, pag. 47. Onde està sepultado, pag. 48.

D. Mendo Souzaõ Governou a gente de terra quando D. Sancho I. conquistou Sylves, p. 19. Quem era este Fidalgo, e com quem cazou, ibi.

Rainha Dona Mofalda Filha del Rey D. Sancho I. de Portugal, foy cazada com El Rey D. Henrique de Castella, pag. 44. Foy separada de seu marido por ordem do Papa Innocencio III. por serem parentes, ibi. Fundou o Mosteiro de Arouca da Ordẽ de S. Bernardo, pag. 46.

Montemõronovo O seu Castello he edificado por Sancho I. pag. 50.

O

Olaya Pires **F**ilha de D. Pedro Fernãdes de Castro o Castelaõ, cazou com Martim Sanches filho natural del Rey D. Sancho I. de Portugal, pag. 47.

Ordem de Aviz Sendo seu Mestre D. Gonçalo Viegas, filho de D.

Egas Moniz, he deu D. Sancho I. de Portugal os Lugares de Alcanede, Alpedriz, Jurumenha, e o Castello de Matora, p. 53.

Ordem de Saõ Tiago Sendo seu Mestre Sancho Fernandes, he deu El Rey D. Sancho I. de Portugal as Villas de Alcacere do Sal, Palmella, Almada, e Arruda, p. 53.

P

Palmella **O** seu Castello he reedificado por D. Saõcho I. pag. 49.

Infante D. Pedro Filho de D. Sancho I. de Portugal, em que dia, e anno naceo, pag. 38. Cazou com a filha do Conde de Urgel, ibi. Conduzio os corpos dos Santos Martyres de Marrocos, pag. 39.

Pedro Fernandes de Castro Chamado o Castelaõ entra em Portugal, e he derrotado por Martim Lopes, pag. 29. Com quem foy cazado, pag. 30. He morto pelos Mouros em Marrocos, p. 33. Sua filha Olaya Pires cazou com Martim Sanches filho natural de D. Sancho I. pag. 47.

Penella O seu Castello he edificado por D. Sancho I. pag. 50.

D. Pero Paes Alteres mór, fica por Capitaõ do exercito de Andaluzia em quanto D. Sancho I. vay decercar Beja, p. 8. Quem era este fidalgo, e com quem cazou, ibi.

DAS COUSAS NOTAVEIS.

R

D. Ramilo **I**rmão del Rey D. Affonso de Castella, sendo Monge Bento sabio com dispensação a cazar com a irmã do Conde de Protes em França, pag. 36.

D. Ruy Sancho Filho natural de D. Sancho I. morreo em huma peleja na Cidade do Porto, e está enterrado em Grijó, p. 48.

S

Infanta Dona Sancho **F**ilha del Rey D. Sancho I. de Portugal fundou o Convento de Alamquer da Ordem de S. Francisco, e hospedou os Martyres de Marrocos, pag. 47

El Rey D. Sancho I. De Portugal, em que dia, e anno naceo, p. 2. Em q anno foy aclamado Rey, ibi. Antes da morte de seu pay, cazou com Dona Doce filha de D. Reymon Conde de Barcelona, p. 4. Sendo de vinte, e quatro annos alcançou a celebre vitoria de Sevilha, p. 6. Cerca a Villa de Nebla em Andaluzia, e decerca a Beja, alcançando hũa glorioza vitoria dos Mouros, p. 7. Recupera Santarem socorrido de seu pay, p. 9. Determina conquistar a Terra Santa, e o não executa impedido de

graves rezões, p. 17. Cõcorre com grandes donativos para a guerra da Terra Sãta, p. 18. Cerca Serpa, ibi. Ajudado de huma Armada de Estrangeiros combate Sylves, e depois de huma prolongada resistencia a conquista, p. 18. 19. 20. e os seguintes. Filhos que teve da Rainha Dona Doce, p. 37. até 47. Filhos naturaes que teve, pag. 47. Reedificou o Castello de Palmella, e fez de novo o de Cezimbra, p. 49. Tomou em Galiza a El Rey D. Affonso de Liaõ a Cidade de Tuy, e as Villas de Sampayo, Lobeo, e Ponte Vedra, ibi. Edificou o Castello de Monte mör o novo, p. 50. E o de Penella, ibi. Toma aos Mouros o Castello de Elvas, ibi. Onde, e quando morreo, p. 51. Está sepultado em Coimbra cõ seu pay, e sua mulher, ibi. O seu Testamẽto porque pessoas foy assinado, ibi. Em que dia foy feyto, ibi. Legados que deixou, ibi, e p. 52. Dos Lugares q povouou, e a que deu foraes, e privilegios, pag. 53.

Santarem He cercada pelos Mouros, e gloriosamente recuperada por Sancho I. junto cõ seu pay D. Affonso Henriques, pag 9.

Serpa He cercada por El Rey D. Sancho I. pag. 18.

Sortelha O seu Castello, e Villa forão povoados por D. Sancho I. pag. 53.

Sylves He tomada por El Rey D. Sancho

INDEX

Sancho I. ajudado de hũa Armada Estrangeyra, pag. 18. 19. 20. He cercada por ElRey de Sevilha, pag. 34.

T

Rainha Dona Tareja Filha de D. Sancho I. foy cazada com ElRey D. Affonso de Liaõ, p. 39. Dissolveuse este matrimonio, e se relata o motivo da separaçõ, p. 39. Calamidades q̃ padeceo este Reyno em quanto se naõ separarã estes Princepes, pag. 41. Reformou o Mosteiro de Lorvaõ da Ordem de S. Bento, p. 44. Nelle està sepultada, ibi.

Dona Tareja Sanches Filha natural delRey D. Sancho I. cazou com D. Affonso Telles o Velho, pag. 48.

Torres Novas Foy reedificada esta Villa, e ennobrecida por D. Sãcho I. p. 53. O seu Castello se entregou a ElRey de Marrocos, p. 34.

Tuy He conquistada por ElRey D. Sancho I. de Portugal a D. Affonso de Liaõ, pag. 49.

V

Valença do Minho Antigamente chama- da *Contraſte* foy edificada por ElRey D. Sancho I. pag. 53.

Valhelhas Foy povoada esta Villa por D. Sancho I. e a deu à Ordem da Freiria de Evora q̃ entãõ era de Calatrava, e agora de Aviz, pag. 53.

Vizeu A sua Cathedral foy ennobrecida por ElRey D. Sancho I. pag. 53.

Urbano II. Convocou os Princepes Catholicos para restaurarẽ Jerusalem, pag. 13.

Infanta Dona Urraqua Filha delRey D. Affonso Henriques, e mulher de D. Fernando de Liaõ onde està sepultada, pag. 36.

Dona Urraqua Sanches Filha natural delRey D. Sancho I. quem foy sua mãy, pag. 47.

FINIS LAUS DEO.

CHRONICA
DELREY
D. AFFONSO II.
TERCEIRO DE PORTUGAL.

ELIOT

DE

D. A. F. T. O. N. S. O. II.

TRACIPIO DE PORTUGAL.

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO II.

TERCEIRO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

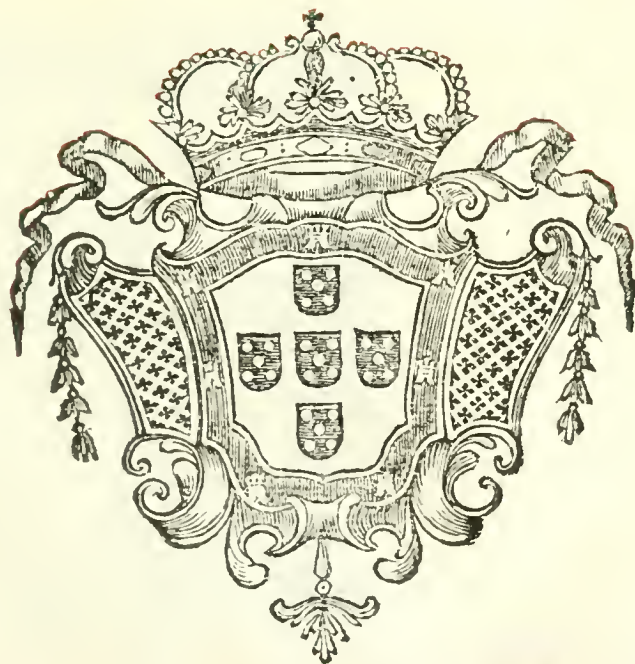
OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DEL REY

D. JOÃO V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA.

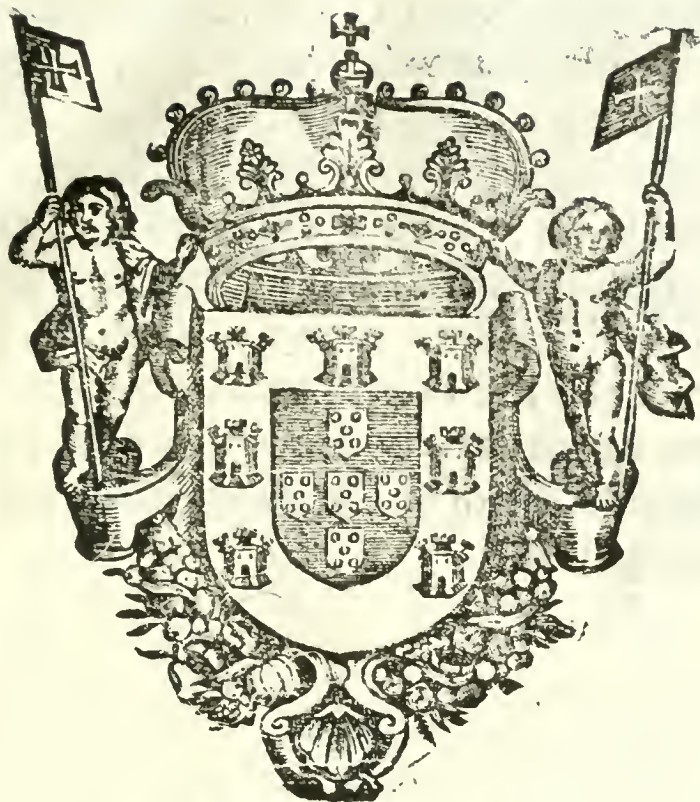


LISBOA OCCIDENTAL:

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVII.

Com todas as licenças necessarias.



SENHOR.

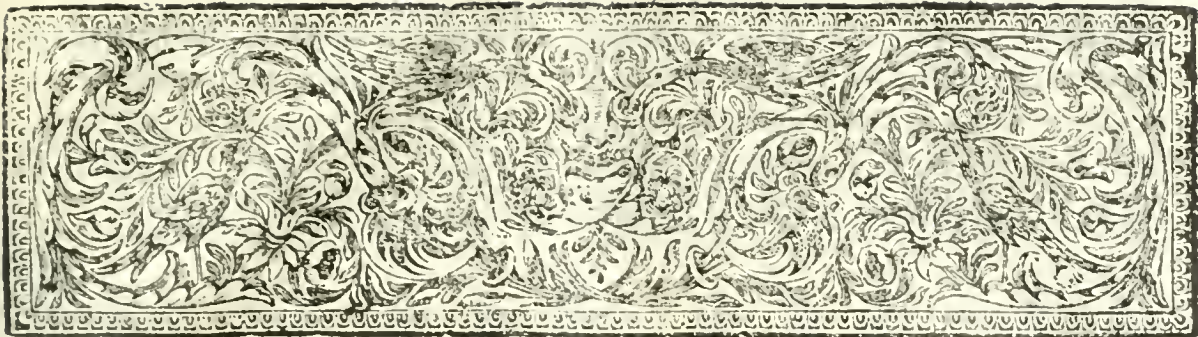


ONHO na Real pre-
sença de V. Magestade a Chronica do Senhor Rey D. Af-
fonso II que ainda que breve no volume, he larga na qua-
lidade

*

lidade dos succellos. Nella verà V. Magestade que os seus gloriosos Predeceffores não cessaraõ em tempo algum do augmento dos seus Estados, e da Religiaõ Christãa pois a este fim vestiaõ as armas, e tomavaõ a lança com perigo das suas Reaes vidas, como o experimentou este mesmo Principe, vendo-se quasi suffocado na campanha. Aceite V. Magestade este tributo do meu obsequio, que prostrado a seus Reaes pés lhe dezeja todas aquellas felicidades, que lò podem vir da mão de Deos que guarde a Real Pessoa de V. Magestade por muitos annos, como os seus vassallos lhe dezejamos.

MIGUEL LOPES FERREYRA.



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FERNAO TELLES DASYLVA

*MARQUES DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO,
e Guerra, del Rey Nosso Senhor, Gentil-homem de sua Camara, Vedor de sua
Fazenda, seu Embayxador Extraordinario na Corte de Vienna, ao Sere-
nissimo Imperador Joze, Conductor da Serenissima Rainha Nossa Se-
nhora a estes Reynos, Academico, e Censor da Academia Real
da Historia Portugueza, &c.*

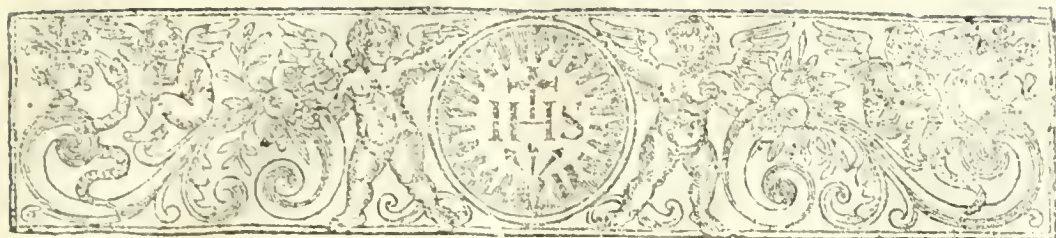


TERCEIRA ves busco a V. Excellencia como protector, e amparo commum dos que servem a Patria. A benignidade natural de V. Excellencia tem a culpa desta repetiçaõ. Offereço a V. Excellencia esta Chronica del Rey D. Affonso II. chamado vulgarmente o Gordo, para

para que V. Excellencia se digne de a pôr na Real presença de Sua Magestade. Espero que lembrado V. Excellencia de já me haver feyto duas vezes este mesmo beneficio, mo queyra continuar agora, porque he certo que suprirá a grandeza da Pessoa de V. Excellencia o que eu não mereço. A Excellentissima Pessoa de V. Excellencia guarde Deos muitos annos.

Criado de V. Excellencia.

MIGUEL LOPES FERREYRA.



PROLOGO

A O LEYTOR.



AM te admires vendo huma Chronica taõ pequena de hum Rey taõ grande. Em oyto capitulos a deo por acabada o seu Chronista, ou o reformador da sua Chronica antiga. Mas aqui he que se ha de estimar o livro pelo pezo, e naõ pelo volume. Verás nesta Chronica o que podem as paixões; verás o zelo da Religiaõ obrigando a hum Principe a entrar na campanha quando a sua demasiada corpulencia que lhe deo o nome *de Gordo*, justamente o desobrigava de taõ violento exercicio; mas o augmento da Fé o fazia esquecer dos impedimentos da natureza. Verás como no seu tempo vieraõ miraculosamente para a Cidade de Coimbra as Reliquias dos cinco Religiosos de São Francisco, que pela Fé deraõ o sangue em Marrocos, e verás como o mesmo Rey pessoalmente as foy receber. Le, e naõ te mostres ingrato ao meu cuidado que naõ cessa de procurar modos de satisfazer à tua curiosidade, como brevemente o verás.

Vale.

THE

ANNALS

OF THE

PROGRESS OF

THE

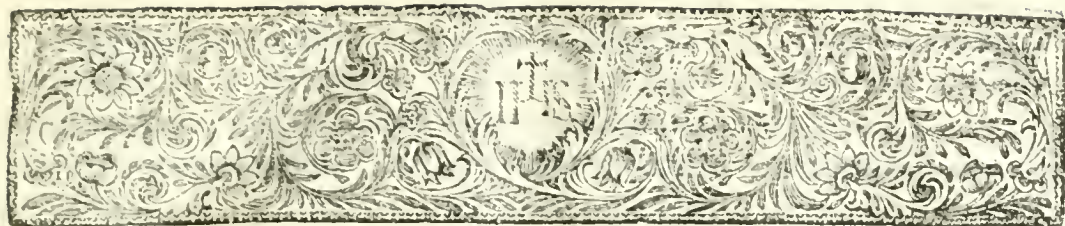
ARTS

AND

MANUFACTURES

OF GREAT BRITAIN

AND IRELAND



L I C E N C A S

DO SANTO OFFICIO:

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre D. Antonio Caetano de Souza, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR:

E Sta Chronica del Rey D. Affonso II. que V. Eminencia me manda ver, que anda em nome de Ruy de Pina Chronista môr em tempo de El Rey D. Manoel, e agora manda imprimir Miguel Lopes Ferreyra, depois de passados dous seculos, não contem cousa alguma contra a nossa Santa Fê, ou bons costumes. Não só esta Chronica, mas todas as que temos antigas desde El Rey D. Affonso I. e o Conde D. Henrique seu pay, até El Rey D. Duarte, conforme a observaçãõ que tem feyto os Eruditos da nossa Historia, todas foraõ escritas por Fernãõ Lopes primeiro Chronista môr do Reyno, que depois melhorou em estillo o dito Ruy de Pina, e publicou em seu nome, com que agora se imprimiraõ, com a licença de V. Eminencia, a que não tenho duvida se lhe conceda. Lisboa Occidental na Caza de N. Senhora da Divina Providencia 8. de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, Religioso da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente Jubilaçãõ na Sagrada Theologia, e Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

L I por ordem de V. Eminencia esta Chronica del Rey D. Affonso o II. della consta só a discordia, que ouve entre o dito Rey, e suas irmãas, mas ainda assim (depois de obrigado) estudou como se havia de concordar, como concordou, com ellas, sinal de ser Rey sabio, e virtuoso; Sabio como diz Santo Ambrosio: *Lib. 2. de Abraham c. 6. ante medium col. 1013.*

** 2

B. Sa-

B. Sipienti pacis, & concordiae est studium, imprudenti amica jurgia; e virtuoso como dá a entender S. João Chrylostomo Homil. 45. ante mediū col. 373. D. Ubi concordia, ibi bonorum confluxus, ibi pax, ibi charitas, ibi spiritualis letitia nullum bellum, nulla rixa, nusquam inimicitior, & contentio. Esta concordia, paz, charidade, alegria espiritual, &c. vemos por experiencia neste nosso Reyno agora de presente, mas como não ha de ser assim, se temos por Rey o Invitissimo, e Augustissimo Monarcha o Senhor D. João o V. q̄ Deos guarde por muitos annos, de quem com muita propriedade se pôde dizer o que lá disse Cicero (senão em tudo, em parte) *Orat. 42. pro Rege Dejotaro in princip. num. 1. tom. 2. Rex concors, pacificus, fortis, justus, severus, gravis, magnanimus, largus, beneficus, liberalis, &c.* Não tem a Chronica cousa contra a Fè, ou bons costumes, e assim julgo que se pôde imprimir. Santo Antonio dos Capuchos 21. de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

Vistas as informações, pode-se imprimir a Chronica del Rey D. Affonso II. e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 22. de Março de 1726.

Rocha. Fr. Lancaestre. Teyxeira. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçã do Reverendissimo Padre Mestre D. Joze Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das Tres Ordens Militares, Chronista da Serenissima Caza de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

Por mandado de V. Illustrissima vi a Chronica del Rey D. Affonso II. que escreveo Ruy de Pina, e nella não achey por onde se não lhe deva dar a licença para se imprimir. V. Illustrissima ordenará o que for servido. Nesta Caza de N. Senhora da Divina Providencia 18. de Agosto de 1726.

D. Joze Barboza C. R.

Vista a informaçã pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 27. de Setembro de 1726

D. J. A. L.

Appro-

DO PACO.

Approvaçãõ do Reverendo Beneficiado Diogo Barbosa Machado Presbytero do Habito de S. Pedro, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza.

SENHOR.

O Bedecendo ao Real preceito de V. Magestade, li a Chronicã do Serenissimo Rey D. Affonso II. do nome, e terceiro Rey de Portugal, compolta por Ruy de Pina Chronista môr deste Reyno, e Guarda môr da Torre do Tombo, hum dos mais deligentes Escreitores, que venerou a sua idade. Nella, como em pequeno mappa recopilou este Author parte das heroicas acçõens, que exercitou aquelle Principe, cujo coração foy sempre animado pelos espiritos marciaes, que com a Coroa herdada de seus augustissimos Predecessores, illustrando a sua Real purpura não com o barbaro sangue Mauritano, derramado na famosa conquista de Alcacere, como inferior à sua grandeza, mas com aquelle que sagradamente prodigos verteram em obsequio da Religiaõ sobre as aras do Martyrio sinco heroicos Soldados nas adultas campanhas do Marrocos, que sendo benevolmente hospedados em Coimbra, e Alamquer pela generosa piedade da Rainha Dona Urraca, e da Infante Dona Sancha, huma Esposa, e outra Irmãa deste Monarcha, quizerão satisfazer aquella piedosa hospitalidade com a posse das suas sagradas cinzas conduzidas ao Real Convento de Santa Cruz de Coimbra pelo fervoroso zelo do Infante D. Pedro. Certamente agora recebe nova gloria, e mayor esplendor e nome não só daquelle Principe, mas ainda do seu Chronista, pois se faz publica, e patente aos olhos do mundo huma Historia, que ha mais de dous Seculos estava occulta nos Archivos, e nas Bibliothecas, e ainda que era conhecida por alguns eruditos, não tinha a fortuna de lograr o beneficio da luz publica eternizada nos caracteres da Impressãõ mais perduraveis, que aquelles, que a vaidade dos homens abriu nos marmores, e e esculpido nos bronzes. Desta tão grande, e tão heroica felicidade o unico, e Soberano Author he V. Magestade pois com a altissima providencia, com que criou a Academia da Historia Portugueza introduzio nova vida no corpo historico desta Monarchia, que jazia sepultado nas injuriosas cinzas do esquecimento. Erigio hum Capitolio litterario para nelles se coroarem os Varões benemeritos da immortalidade. Abriu hũa doutra Officina para se lavrarem as Estatuas aos Heroes Portuguezes. Correo as cortinas ao veneravel Santuario das antiguidades Ecclesiasticas desta Coroa. Descobriu os thesouros da erudição Historica atégora fechados à perspicacia de muitos engenhos. Declarou formidavel guerra ao Impe-
rio

rio da ignorancia, e fez communicavel a todo o genero de pessoas o commercio das Letras. Toda esta gloria estava mysteriosamente reservada para o felis reynado de V. Magestade pois naõ lhe bastando para complemento da sua Real grandeza o suave dominio, que tem nos coraçõs de seus vassallos, o quiz tambem dilatar aos entendimentos, como parte mais nobre, e superior de todo o homem. Animados com os generosos alentos, com que V. Magestade inspira, e protege as Sciencias, laõ innumeraveis os Escritores, que com judiciosa critica, e vastissima erudição tem publicado os partos de seus fecundos engenhos, naõ sendo inferior a estes a zelozia diligencia com que Miguel Lopes Ferreyra se empenhou em obsequio deste Reyno a mandar imprimir as Chronicas dos Reaes Predecessores de V. Magestade das quaes he esta a Terceira, sendo igualmente digno da attençaõ de V. Magestade o seu zelo com que pretende eternizar as glorias desta Monarchia, como benemerito da licença este livro pelo nome de seu Author. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Occidental 20. de Março de 1727.

Diogo Barbosa Machado.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressa torne à Meza para se conferir, e taxar, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 5. de Junho de 1727.

Marquez P. Pereyra. Galvaõ. Oliveyra. Teyxeyra: Bonicho.



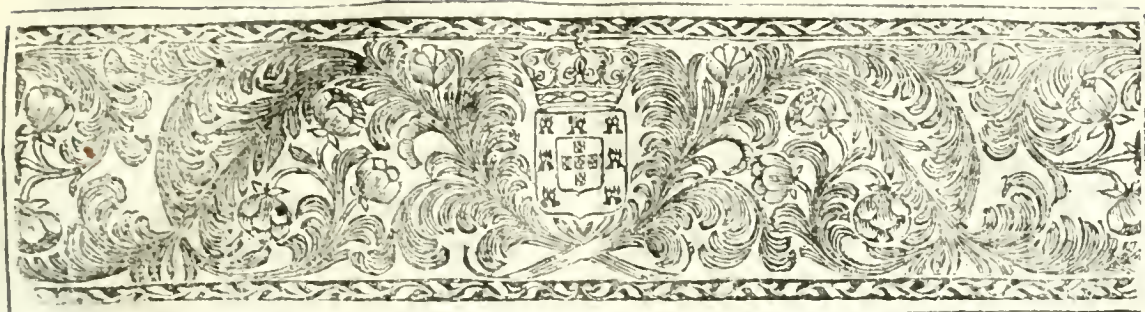
INDEX

DOS CAPITULOS QUE CONTEM esta Chronica.

- C**AP. I. Como ho Ifante D. Affonso, foy levantado por Rey, e como foy cazado, e com quem, e que filhos legitimos ouve pag. 1.
- CAP. II. Das dezavencas que ouve antre El Rey D. Affonso, e has Ifantes suas irmãas, e da guerra que sobre esso se moveo, pag. 4.
- CAP. III. Como foy pelo Papa procedido contra El Rey D. Affonso por causa da contenda que avia com suas irmãas, e como finalmente foraõ concordados, pag. 6.
- CAP. IV. Do fundamento que ouve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ser cerquado, e tomado dos Christãos, e do Bispo de Lisboa principalmente, pag. 9.
- CAP. V. Como Alcacere foy cerquado, e com que numero de gente Portuguezes, e tambem Estrangeiros, pag. 11.
- CAP. VI. Dos Reys Mouros que vieram por soccorro da Villa de Alcacere, e da primeira batalha que deram, em que foram vitoriosos, pag. 12.
- CAP. VII. Da segunda batalha que ouve sobre Alcacere, e como hos Reys Mouros foram vencidos, e feyto grande estraguo em suas gentes, pag. 14.
- CAP. VIII. Como hos Christãos combateram, e tomaram ho Castelo de Alcacere, pag. 16.
- CAP. IX. Como sinquo Frades Italianos da Ordem de S. Francisco foraõ ha Marroquos ha preguar ha Fé de Christo, e primeiramente chegaram ha Sevilha, que era de Mouros, pag. 18.
- CAP. X. Como hos Frades chegaram ha Caza do Ifante D. Pedro, e do que logo fizeram, e como foram tornados ha Ceita para viem ha terra dos Christãos, e dahy se volveram outra vez ha Marroquos, pag. 20.
- CAP. XI. De hum milagre, que se fez por cauza de Frey Berardo, e como foram prezos, e atormentados hos outros Frades, pag. 22.
- CAP.

I N D E X

- CAP. XII. Como *El Rey de Marroquos* falou com estes *Frades*, e por hos nom poder converter ha sua seyta por si mesmo hos matou, e como foram mortos tambem *Pedro Fernandes de Castro*, e *Martim Affonso Telo*, sobrinho do *Ifante*, pag. 23.
- CAP. XIII. Como hos corpos dos *Martyres* foram queymados, e despedaçados, e em fim recolhidos por devaçam, e industria do *Ifante D. Pedro*, pag. 24.
- CAP. XIV. Como ho *Ifante D. Pedro* foy tornado ha *Espanha*, e trouxe consigo hos ossos, e Reliquias dos *Martyres*, e has mandou ha *Santa Cruz de Coimbra*, e dos milagres, que ouve no caminho, pag. 25.
- CAP. XV. Como has *Reliquias dos Martyres* foram recebidas, e como foy ha morte da *Rainha Dona Orraqua* molher del *Rey D. Affonso*, e das cousas que foram vistas, pag. 27.
- CAP. XVI. Como *Santo Antonio* por Exemplo destes *Martyres*, tomou ho habito de *S. Francisquo*, e do que seguio em *Marroquos* por milagre, e da morte del *Rey D. Affonso*, pag. 29.



CORONICA

DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO II.

TERCEIRO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Como ho Ifante Dom Affonso foy alevantado por Rey, e como foy cazado, e com quem, e que filhos legitimos ouve.



REY Dom Sancho de louvada memoria deste nome ho primeyro, e dos Reys de Portugal ho segundo,

falecco em Coimbra na era de N. Senhor de mil e duzentos e doze, ho Principe Dom Affonso como primogenito, e herdeyro foy logo alevantado, e obedecido por Rey, em idade de vinte e cinco annos, avendo ja quatro annos que era cazado com ha Rainha Dona Orraqua filha legitima delRey

Dom Affonso deste nome ho noveno de Castella, e neste tempo sendo Ifante depois, que sua idade ho premitio, e em Reynando El-Rey Dom Sancho seu padre, foy com elle em muitas cousas notaveis, e grandes feytos darras, que naquelles tempos concorreraõ, em que por seu corpo, e braço assi ho fez sempre como bom, e esforçado Cavalleyro, que bem pareceo ser filho, e neto do pay de que descendia, e para claramente se ver que ha Real Caza de Portugal danti guamente foy liada, e conjunta em

A sangue

sangue com todas as Cazas de todos hos Reys, e Principes Chriftãos, he de saber, que El Rey Dom Affonso noveno de Castella, logro deste Rey Dom Affonso de Portugal foy cazado com ha Rainha Dona Lianor filha del Rey Dom Anrique Dinglaterra, e della ouve dous filhos, e finquo filhas; todos legitimos, ha saber, dous filhos ho Ifante Dom Fernando primeyro, e erdeyro, que em idade de dezaseis annos tem ter cazado faleceo em vida de seu pay antes hum pouquo da batalha das Naves de Tolosa, e ho Ifante Dom Anrique, que ha poz elle depois de sua morte ho soccedeo, e sem leyxar erdeyro, que ho soccedesse faleceo muy moço, como atraz na Coronica del Rey D. Sancho, he declarado, e das finquo filhas que ouve huma foy ha Ifante Dona Costança primeyra Senhora do Moesteyro das Holguas de Burgos, que El Rey seu padre novamente fundou, onde ella falleceo sem cazar, e has outras quatro filhas foram Rainhas, ha saber, ha Rainha Dona Branqua, filha mayor, que cazou com El Rey Luis de França, filho del Rey Felipe, ho que diceram Augusto, e ouveram erdeyro de França El Rey Saõ Luis, e outros filhos, e ha segunda Rainha, foy Dona Lianor, que foy cazada com El Rey Dom James, deste nome ho primeyro Rey de Araguam, de que ouve filho o Ifante Dom Affonso, que faleceo moço, e nom

Reynou, e ha terceyra filha foy ha Rainha Dona Biringela molher del Rey Dom Affonso de Liam de que ouve filhos El Rey Dom Fernando Rey de Castella, e de Liam, que dizem ho Santo, e ho que ganhou dos Mouros Cordova, e Sevilha, e muita parte Dandaluzia, e ho Ifante Dom Affonso de Molina, como na Coronica del Rey Dom Sancho brevemente se dice, e na Coronica de Castella mais larguamente se contem.

E ha quarta filha foy a Rainha Dena Orraqua molher deste Rey Dom Affonso de Portugal de que ouveram dous filhos, e huma filha ha saber, ho Ifante Dom Sancho ho que diceram ho Capelo, que ha poz elle loguo Reynou, e ho Ifante Dom Affonso que foy Conde de Bolonha em França, que ha poz Dom Sancho por nom ter legitimo erdeyro tambem Reynou em Portugal, e ho Ifante Dom Fernando, que se dice Ifante de Serpa, e segundo se brevemente acha, este cazou em Castella com Sancha Fernandes, filha de Dom Fernão, de que ouve huma filha chamada Dona Lianor, que foy depois cazada com El Rey de Dacia, e láa faleceo sem filhos, e ouve mais ho dito Rey Dom Affonso da Rainha Dona Orraqua sua molher ha Ifante Dona Lianor, q̄ cazou cõ ho filho erdeyro del Rey de Dinamarca, que depois da morte de seu padre erdou ho Reyno, mas quando, e como, e porquem estes Ifantes

tes Dom Fernando, e Dona Li-
nor cazaram, nom se acha escrito,
sómente parece que segundo ho
pouquo tempo que ElRey Dom
Affonso seu padre viveo, que elles
cazaraõ depois de sua morte, e por
aderencias das Cazas Reaes de
França, e Dinglaterra, com que
por sangue eram muy conjuntos.

E nom dou muita fée, nem au-
thoridade aho que destas Rainhas
Dona Orraqua de Portugal, e
Dona Branqua de França vulgar-
mente se diz, e alguns escreveram,
que os Embayxadores delRey de
França, e delRey de Portugal,
que juntamente vieram ha Castella
ha requerer cazamentos destas
Rainhas filhas delRey Dom Af-
fonso, que hos de França quizerão
antes ha Dona Branqua, posto que
era mais moça, e de menos estima,
e leyxáram ha Portugal Do-
na Orraquã por ser nome feo, para
França, por q̄ isto tem duas grandes
contradições, ha primeyra que ha
Rainha Dona Branqua nom era ha
mais moça, mas ha mais velha, e
nas contendas, que depois ouve an-
tre hos Reys de França, e Castella,
sobre ha soçesão de Castella, que
vinha de filhas, e nom de filhos, se
prova isto muito craro, porque El-
Rey Saõ Luis de França pertendia
ter direyto em Castella, por ser fi-
lho da Rainha Dona Branqua, filha
mayor delRey Dom Affonso no-
veno, e queria excluir ha ElRey
Dom Affonso deste nome ho deci-
mo de Castella, filho delRey Dom

Fernando, neto da Rainha Dona
Biringela, por ser filha menor del-
Rey D. Affonso noveno, e se ha
Rainha Dona Orraqua fora filha
mayor, este direyto pertencia ha
ElRey Dom Sancho Capelo, e ha
ElRey D. Affonso Conde de Bo-
lonha, Reys de Portugal, e filhos
da dita Rainha Dona Orraqua, ho
que nom foy, e ha segunda contra-
diçam he que este nome Dona Or-
raqua era nome ha Rainhas muy
costumado, e de muita estima, e
tal de que se muitas honraram, e
leyxando outras muitas, estas que
me aqui occorrem apontarey, ha
mã y do Emperador Despanha D.
Affonso deste nome ho outavo de
Castella, e molher do Conde Dom
Reymaõ de Tolosa avia nome Do-
na Orraqua, q̄ foy ha Rainha Des-
panha, e ha Rainha de Liam, mo-
lher delRey Dom Fernando, e fi-
lha delRey Dom Affonso Anri-
ques, tambem avia nome Dona
Orraqua, que foy Princeza muy
singular, e ha molher de Dom Rey-
maõ Conde de Barcelona, e Rey
de Araguam, que era da Caza, e
Reyno de França, que no mesmo
Reyno avia nome Dona Prona, e
mudou ho nome, escolhendo ou-
tro por millor, se chamou Dona
Orraqua, e desta veo D. Affonso
deste nome ho segundo Rey Dara-
guam, e ha Rainha Dona Doce
molher delRey D. Sancho de Por-
tugal, de que em sua Coronica se
dice.

CAPITULO II.

*Das desavenças que ouve antre
ElRey Dom Affonso, e has
Ifantes suas irmãas, e
da guerra que sobre es-
so se moveo.*

NO primeyro anno do Reynado deste Rey Dom Affonso de Portugal, era ho prazo da batalha das Naves de Toloza, que ElRey Dom Affonso seu logro tinha posto com Mirabolim de Marroquos, filho de outro Mirabolim, que fora vencedor na outra batalha Delharquos, para que ho Papa concedeo géral Cruzada, que ho Ifante Dom Fernando primogenito erdeyro do dito Rey D. Affonso em pessoa foy pedir, e trouxe de Roma, e loguo faleceo, como jáa dice, e por ganharem hos perdões, e remiões de peccados grandes outros Senhores, e outras muitas nobres gentes de toda Christandade vieram ha esta batalha em pessoas à qual nom se acha, q̄ fosse em pessoa este Rey Dom Affonso de Portugal, mas que enviou gentes suas, e ha cauza delle nom hir em pessoa, diz, que foy porque neste proprio anno começou de Reynar em Portugal, e assi por bolicos, e desassoceguos que dantre elle, e suas irmãas se moveram, como aho diante se dirá. E este Rey Dom Affonso de Castella aho tempo desta batalha era de

sinquenta e seis annos, e no anno seguinte rēdo Cortes em Burguos, se diz que mandou ha ellas chamar ha este Rey de Portugal seu genro, às quaes elle nom quiz hir, e elle anojado deffo, detreminou fazerlhe guerra, e tomarlhe hos Reynos se podesse, e que com este fundamento indo para Prazença adoeceo no termo de Revaldo em humma Aldea, que se diz Martim Manhos, e ahy faleceo, e foy dahy levado, e sepultado no Moesteyro das Holguas de Burguos, que elle novamente fundou, e outros dizem que vinha para se ver no estremo de Portugal com seu genro para ho aconselhar em suas cousas, e debates em que andava, com suas irmãas, e que todavia faleceo no dito luguar, porque tambem este Rey Dom Affonso de Portugal loguo como Reynou nom lhe faleceram grandes necessidades, e afrontas de excommunhões do Papa, e de guerras, e desavenças que ouve com suas irmãas ha Rainha Dona Tareja, molher que fora delRey Dom Affonso de Liam, e da Ifante Dona Sancha, de que ha cauza brevemente foy esta.

ElRey Dom Sancho, como em sua Coronica dice, leyxou em seu testamento à Rainha Dona Tareja, sua filha, que fora cazada com ho dito Rey Dom Affonso de Liam, ha Villa de Mōte mōor ho Velho, e Esgueyra, e mais déz mil maravedis douro, e certa prata, e que se ella morresse, que ouvesse estes

Luguares

Luguares ha Ifante Dona Branca sua irmãa della, e leyxou à Ifante Dona Sancha ha Villa Dalanquer, e déz mil maravedis douro, e tambem prata, e que se ella falecesse, que ouvesse ha Villa ha Ifante Biringela sua irmãa, das quais Villas, e cousas ellas ouveram ha posse, e has tinham; mas ElRey Dom Affonso seu irmão em caso que fosse contra seu juramento, e menagem, nom quiz estar inteiramente pelo testamento delRey seu padre, antes como Reynou loguo pedio has ditas Villas, e Fortalezas ha suas irmãas, dizendo: *Que ElRey seu padre lhas nom podia dar, que era em muy grande diminuição do Reyno, e que era sobresso concedido privilegio do Papa Alexandre Terceyro, por ho qual has cousas do Reyno senom podiam dar ha alguma pessoa nem em lhear, e que assias lhe leyxara ha ellas nos maravedis douro, e prata de seu testamento com outras cousas, que tinham de suas fazendas.*

E sobre este requerimento ElRey, e ha Rainha, e has Infantes suas irmãas por lhe darem reposta, pediram dias de liberaçam, dentro dos quais ellas se recolheram loguo com ha Ifante Dona Branca sua irmãa aho Castello de Monte moor, e ho basteceram, e fortaleceram, e deshy se emviaram loguo aggravar aho Papa Innocencio III. que ficara por executor do testamento delRey seu pay, e por esso lhe leyxou ho dito Rey D. Sancho

seu pay cem marquos douro, e assi ho fizeram ellas mais saber aho dito Rey de Liam com que ha dita Rainha Dona Tareja fora cazada, e era apartada delle pela Egreja, de que ouveram loguo ajuda, e socorro, ha que por seu mandado veo loguo o Ifante Dom Pedro seu irmão dellas filho delRey Dom Sancho ho que depois passou ha Marroquos, e trouxe ahos ossos dos Martyres, e assi veyo aho dito socorro, e ajuda ho Ifante Dom Fernando filho da dita Rainha Dona Tareja, e delRey Dom Affonso de Liam, e assi veo em sua companhia Dom Pedro Fernandes de Castro ho Castellam aquelle que em companhia dos Mouros foy prezo em Portugual, e loguo solto, e depois passou, e morreo em Marroquos, e com elle veo muita gente, que foy nos estremos de Portugual, donde enviaram às ditas Villas, e Fortalezas de Monte móor, e Alanquer aquella que comprio para defençaõ dos Castellos, e para resistencia delRey Dom Affonso de Portugual, ho qual por sentir muito ho insulto tamanho dos estranhos, e tam grande defobediencia dos seus naturaes, veo logo à dita Villa de Monte móor, e por algumas vezes requereo ha suas irmãas, e principalmente à Dona Tareja, cuja era, que ouvesse por bem de desistir de seu alevantamento, e quizesse que ho Castello se entregasse ha algũ homem de que ambos se confiassem para ho

teer em boa guarda, e fieldade, e que de sua fazenda delle lhe faria dar todas dispezas, e mantimentos para ello necessarios, e que este arrecadasse inteiramente para ella todas has rendas, e direytos da Villa, mas que has menagens fossem feytas ha elle ho que ella nunca quiz fazer, antes se diz que consentio, que hos dê dentro em desprezo, e por injuria delRey seu irmão calando ho nome do Reyno, e delRey de Portugal ha que deveram acatar, e obedecer, envocaram, e chamaram ho nome de Liam, que repetiam muitas vezes, e que outro tanto mandou fazer ha Ifante Dona Sancha no Castello Dalanquer, e por tanto ElRey temendo perder hos ditos Castelllos hos mandou cerquar, e combater, e com a gente do cerquo, que sobreveo se seguiram nelles, e em seus termos pela condiçam da guerra muitas mortes, e danos de huma parte, e da ourra, pelo qual hos Ifantes, e Senhores, que com ha gente do Reyno de Liam, que dice entráram em Portugal tomáram Valença do Minho, e Melguaço, Alguozo, e Freyxo, e outros Luguares chãos que roubaram, e queymáram, em que fizeram muito mal.

CAPITULO III.

Como foy pelo Papa procedido contra ElRey Dom Affonso por causa da contenda que avia com suas irmãas, e como finalmente foram concordados.

E Sobre esso para mais tormento delRey Dom Affonso de Portugal vieram de Roma por Juizes Deleguados do Papa ha requerimento das Ifantes ho Arcebispo de Santiago, e ho Bispo de Comora, que por ElRey de Portugal hir contra ho testamento delRey seu padre, e por nom desfistir do cerquo, que tinha posto ahos Castelllos de Monte móor, e Alanquer, excommungou sua pessoa, e pozeram entredicto géral em todo o Reyno, exceytuaram sómente has ditas Ifantes, e seus sequazes, e servidores, sobre ho qual ElRey Dom Affonso com rezões, e coufas que achou, e lhe aconselharam de sua justiça se enviou destes procedimentos querelar, e agravar aho Papa, e pedir emenda delRey de Liam, e dos que tinham has Villas, e Castelllos de seus Reynos forçados, e nelles feytos muitos danos alegando sobre esso ha pouqua justiça que suas irmãas tinham nas Villas, e Castelllos de seu Reyno, com que se levantáram, e dando outras rezões, porque entendia ser releva-

relevado da culpa que lhe dava dizendo por sua elcuza, que ho nom obriguava ho juramêto, e menagês, que fizera de comprir ho testamento del Rey Dom Sancho seu padre, porque ho fizera forçado, e por nom ser deferdado do Reyno, e mais que ha esse tempo seu pay nom estava em todo seu fizo, e entender verdadeyro, pois tanto contra justiça fizera tamanho enlheamento das cousas do Reyno, que nom podia fazer.

E ho Papa por seu respeyto cometeu este negocio a hos Abbades Delpina, e Vicaria, que fez Juizes Commissayros, os quais vieram ha Coimbra onde sobre segurança jáa pratuada, e antre todos concordada, foram tambem juntos El Rey Dom Affonso, e suas irmãas em pessoas ha que hos Juizes deram solene juramento porque prometeram estarem todos à obediencia, e detreminaçam de todo ho que elles em nome do Papa àcerqua de seus neguocios detreminassem, e mandassem, e por este juramento, e promessa que se fez El Rey, e hos seus foram da excommunham absolutos, e alevantado ho antredicção do Reyno. Hos Commissayros puzeram antre elles treguoas, e seguridade, que todos prometeram guardar, atée ho Papa finalmente detreminar suas contendas, e debates, e algumas condições das treguoas principaes, eram que hos de huma parte, e da outra podessem livremente andar, e tratar por has

terras chans huns dos outros, mas que nas Villas, e Castelllos cerquados nom entrassem sem licença dos Senhores dellas, e que tudo podessem huns, e hos outros comprar, e vender salvo armas, e cavallos, e que ellas Ifantes em algum seu Lugar de Portugal nom podessem mandar lavrar moeda douro, prata, nem dalgum metal, que quatro Cavalleyros principaes da parte del Rey jurassem que se El Rey nom guardasse has treguoas que cada hum delles com sinquo Cavalleyros mais servissem has Ifantes contra El Rey, e cada huma das Ifantes désse outros tantos por sy, que com esta condiçam servissem ha El Rey contra ellas, e mais que El Rey désse cem homens cazados, e honrados de Coimbra, e que todos lhe fizessem, e paguassem foro, e outros cento semelhantes de Santarem, que jurassem todos fazer sempre comprir esta treguoas, e que nom ha comprindo El Rey, que servissem às Ifantes contra El Rey, e que ellas por sua parte dessem outros taes, ha saber: cento Dalanquer, e cento de Môte móor, para que se ellas nom comprissem ha treguoas, que servissem ha El Rey contra ellas, e que neste tempo huns, e outros, nom cerquassem Villas, nem Castelllos, nem se fizesse algum mal, sopena de excommunhaõ, e antredicção, em que elles, e todos los ajudadores, e favorecedores *ipso facto* encorressem, e com mandado estreyto a hos Prelados do

do Reyno, que ha cada hum assi como lhe tocasse has sentenças dos ditos aleguados fizessem inteiramente cumprir, e executar atèe ho Papa finalmente has aprovar, ou emendar como fosse justiça.

1214.

Esta tregua, se fez em Coimbra na era de nosso Senhor de mil e duzentos e quatorze annos, dous annos depois que ElRey começou ha Reynar, e logo ahy se fulminou e principiou procello em que ha Rainha, e ha Ifante cada huma per sy segundo hos danos que delRey seu irmaõ tinham recebidos, e pelas injurias, e males, que no cerco padeceraõ, pediam contra elle restituçam, e assi segurança perpetua de suas Villas, e Castellos, e gram soma de maravedis, que naquelle tempo era moeda douro assi gèral, e praticada como neste, aguora sam na Europa hos cruzados, e duquados, porque sessenta delles faziam hum marquo douro, como jáa em outras partes tenho dito, e às petições das ditas Senhoras, veo ElRey por seu procurador com exceções, e contrariedades, e compensações sobre que de huma parte, e da outra foy dito, e assíaa aleguado, e sobre seus aleguados foy ho feyto concruzo, e hos Juizes remeteram ha pubricaçam da final sentença para Melguaço Castello de Portugual no estremo de Gualiza, ha que mandaram que ElRey, e has Ifantes fossem por sy, ou por seus procuradores, onde no Mayo seguinte ha publicaram,

e foy ElRey condenado por ha dita sentença em grande soma de dinheiro, e doutras emendas, e depois que passou ho termo para ha pagua, assinado, pozeram em ElRey sentença Dexcommunham, e assi antredito em todo ho Reyno, de que loguo apelou, e depois de muiros debates, e de longuas, que em Roma, e Espanha sobre este caso passaram, que nom fazem à realidade da Estoria, finalmente ElRey, e has irmãas se concordaram por maneyra, que has Villas de Monte móor, e Alanquer fiquaram com ellas segundo ha disposiçam do testamento delRey Dom Sancho seu pay, e has Villas, e Castellos, e terras de Portugual, que ElRey de Liam tinha tomadas foram entregues, e restituídas ha ElRey Dom Affonso. No qual meyo tempo que durou esta divilam, e discordia huns, e hos outros fizeram grandes, e danosas entradas, e muitos roubos nos Reynos, huns dos outros, em que ouve pelejas particulares sem alguma façanha de notar, cuja lingua, e expressa declaração nom ponho hora; porque para ha sustancia da Estoria nom he mayto necessaria.

CAPITULO IV.

Do fundamento, que ouve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ser cerquado, e tomado dos Christãos, e do Bispo de Lisboa principalmente.

NOs primeyros sinquo annos que ElRey Dom Affonso Reynou nom se acha, que socedeffem outras cousas, salvo has desavenças, e delacordos em que andou com suas irmãas, e irmãos, e assi ha guerra com ElRey de Liam, e com suas gentes como jáa dice, e passados hos ditos sinquo annos, e andando ha era de nosso Senhor em mil e duzentos e dezaete annos hos Christãos, que estavam na conquista dultra maar por defençam, e recobramento da Terra Santa, tinham muitas necessidades de concorrer às cruas guerras, e cerquos apertados, que dos Infieis padeciam, para ho q̄ hos Summos Pontifices convoquavam, e requeriam todolos fieis Christãos de todas nações, e vindo por maar ha este socorro muitas gentes Dalemães, e Framenguos, e outras de contra ho Norte fizeraõ todos hũa frota de cento e sinquoenta naos de que eram Capitães principaes Iliquino, Conde Dolanda, e Georgeo, Conde de Frifa, com que hiam outros Senhores, e grãdes homens,

e sendo em maar, em través de Portugal para demandarem ho estreito de Gibaltar deu na frota tam grande, e tam contrayra tromenta, que algumas naos dellas se perderam, e has outras correram aho Cabo de S. Vicente atée ha Villa de Farão, aqual com toda ha Comarca, e Reyno do Algarve ainda eram de Mouros, e porque ho vento contrayto, e assi ha terra de inimigos, em que estavam, nom lhes traçavam bem para sua segurança, elles para dos danos, e perdas recebidas se poderem milhor repayar fizeram volta, com fundamento de se virem aho porto de Lisboa.

Sendo outra vez em maar, deu nelles outra tromenta mais aspera, e de mayor periguo que ha primeyra, em que jáa tambem perderam algumas naos com toda ha gente que nellas vinha, e ha outra frota depois que ha trometa cessou, e sobreveo bom vento de viagem, entrou toda via, e veio surgir ante ha Cidade de Lisboa, e hos Capitães della assiaas tristes, e anojados, pelas grandes perdas de gentes, e doultras cousas, que no maar tinham perdidas, e sahindo logo Capitães com pouqua gente em terra, ho Bispo, que entam era de Lisboa chamado Dom Matheus, sabendo que eram Christãos hos recebeu, e tratou com muita honra, e bom acolhimento, segundo ha bondade de huns, e has necessidades dos outros requeria, de que ho Bispo lo-

guo loube o proposito com que vinham, que era por soccorro, e ajuda da Caza Santa. E dahy ha poucos dias este Bispo de Lisboa; porque era Prelado de muy bom espirito, e grande coraçam, depois de ter juntos com seus roguos, e boa humanidade hos principaes destes Estrangeyros lhe dice.

Honrados, e devotos Senhores Deos sabe que anim peza muito de todolos nojos infortunios, que passastes, e ho remedio por agora nom he outro salvo paciencia do passado, e esforço, e bom coraçam para ho que mais vier, vòs vedes bem, quanto vos he contrayro ho tempo para seguirdes vossa proposta viagem, e desto por vossos Pilotos, e mariantes podeis ser milhor certificados, pòde ser, e eu assi ho creo, que Deos ho premite assi para algũa cousa de seu louvor, e serviço, e tambem de nossas honras, e proveyto, e esto digo porque aqui junto ha hum Castello em poder de Mouros, que dizem Alcacere, de que esta terra toda que he de Christãos recebe muito dano, se vos prouuer pois este feyto, nom he estranho doutros, que empredestes, e ha que his ajudarnos nelle, assi como vejo que podeis fazer, e com vossa gente, e ajuda de Deos principalmte, ho ganharemos dos infieis, e pois ha obra, e o serviço he de Deos, elle por sua grandeza, e piedade vos darã delle boom gualardam, e nestas cousas sóommentè que tocam ha vossa honra, e salvaçam, aconselhayvos com sizo, e com a devoçam, e nom com ha von-

tade carnal, porque assias de verguonhosa cousa serã pubriquardes pelas bocas boom dezejo para ho servir, e has obras, que sam tam possiveis serem disso contrayras, e pois ho lugar, e tempo se offrecem aguora tam despostos roguovos que elles nom vos passem com onciosidade, ca bem creo, que bem sabcis que ella he fundamento de todolos peccados, e sepultura dos homens vivos, e corrução de todolos costumes, e propositos virtuosos, e pois em vossos sobresinaes que trazeis mostraes serdes devotos, e servidores da Cruz, assi tambem he rezaõ, que seiais inimigos dos inimigos della, e vossas mãos fortes dem aguora verdadeyro testemunho da bondade, e fée de vossos corações, e esta tomada de Alcacere, para que vos convido, e requeyro, serã com a graça de Deos assias possivel, se vòs com vossas pessoas, e frota quizerdes ajudar hanos, que com outra gente do Reyno vos seremos em todo fieis, e boons companheyros.

Estas palavras, e outras muitas ha estas conformes dice ho Bispo a hos Estrágeyros, alguns dos quaes depois de haverem antre sy seu acordo, e concelho riveram oppiniam contrayra, e se partiram, e outros, que foram hos mais consentiram na proposiçam, e requerimento do Bispo, e lhes aprouve ser na hida sobre Alcacere.

CAPITULO V.

Como Alcacere foy cerquado, e com que numero de gente Portuguezes, e tambem Estrangeyros.

A Quelles Estrangeyros, que foram dacordo com hos Portuguezes de irem sobre Alcacere se recolheram logo às suas naos, e sendo aparelhados do q̄ lhes compria no mez de Setembro, se foram, e seguiram ha barra de Setuvel, que neste tempo era Lugar pequeno, e nom era cerquado, em que pescadores sómente viviam, e da gente de Portugal se acha que foram estes Capitães principaes, ha saber este Dom Mateus, Bispo de Lisboa, e Dom Pedro Mestre da Ordem da Cavallaria do Templo, e Dom Mestre Guonçalo, Prior do Espirital, e Martim Barreguam, Comendador de Palmella, e estes levaram consigo da terra, Comarca de Lisboa, e de Evora, e de seus termos vinte mil homens, de que hos mais eram de pé, e alguns de Cavallo, e nom se acha que El Rey Dom Affonso, que entam Reynava em Portugal, fosse neste exercito em pessoa no qual tempo parece que elle deveria ser doente, ou impedido por alguma outra urgente causa, porque nom pôde ser neste feyto, e averia por bem, e mandaria que se fizesse prestes, como se

fez, ca nom hee de crer, que tamanho feyto sem seu mandado, e authoridade se cometesse, e ho que se neste caso achou, hee que hos Estrangeyros em navios, que poderam hir, foram de Setuvel pelo rio asima até junto Dalcacere, onde faindo alguns para tomar uvas, hos Mouros, que da sua ida eram jáa bem avizados, com armas lhe foram resistir, em que ouve algum acometimento de peleja, de que hum Mouro se diz q̄ ficou morto, e hos outros se recolheram aho Castello, e hos Estrangeyros surgindo com seus navios mais àvante poseram defronte da Villa suas pranchas, e sem resistencia sayram em terra, e logo elles, e hos Portuguezes que jáa tambem eram cheguados, juntos com devida diligencia, e resguardo cerquaram ho Castello de maneyra que alguma pessoa nom podia sair, nem entrar sem conhecido periguo; mas hos Mouros posto, que com tanta estreyreza se vissem cerquados nom mostravam ter por esto desmayo, nem temor, vendo que ho Castello em que estavam era de muros, Torres, barreyras, e ha cava muy forte, e bem provido, e acalcado de muitas gentes, e armas, e mantimentos para grandes tempos, e por milhor senefiquança ahos de fora de seu esforço, e cõfiança, poseram muitas bandeyras por cima do muro de que em final de desprezo diziam feas palavras, e davam suas costumadas gritas.

E hos Christãos leyxaram boa guarda sobre sua frota, que com gentes, e armas ficou no porto bem segura, e sobre esso huns, e outros fizeram loguo combater ho Castello, e vendo que pela largua, e alta cava com que ho muro era em torno valado nom poderaõ bem chegar a hos muros, e cortaram tantas arvores de fruyto, e juntaram tanto outro mato que sendo igual ha cava com ha terra de fóra podese sem mais sem trabalho chegar a hos muros, mas hos Mouros aconselhados das necessidades, e periguo em que se viam, lançaram de cima tanto fogo, com tantas coufas temperado, que ha lenha da cava ardeo loguo toda, por cujo impedimento leyxaram loguo de combater, e apoz esto ordenaram hos Christãos hum engenho para com pedras destroirem ho muro, mas sua fortaleza de dentro era tal, que dos seyços de fóra lhe dava muito pouquo, pelo qual tornáram ha lançar tanta lenha na cova, com que foy cheia, e tal guarda se poz, que nom foy dos Mouros queymada como elles loguo tentáram, por cima da qual hos Christãos chegados a ho muro deram hum cõbate ha que hos Mouros com seu grande esforço, e muitas armas resistiram de tal maneyra, que afastaram hos Christãos dos muros, em que de huma parte, e da outra ouve assás mortos, e feridos.

CAPITULO VI.

Dos Reys Mouros, que vieram por soccorro da Villa de Alcacere, e da primeyra batalha, que deram, em que foram vitoriosos:

HOs Christãos, que tinham cerquado Alcacere, e hos Mouros que nelle eram cerquados tinhaõ antre sy diversos pensamentos, ca huns consultavam engenhos para brevemente tomar, e hos outros artificios para se delles defender, e tambem nom leyxavam de busquar, e consultar conselhos, e remedios para com soccorro serem descerquados, sobre que tinham feytos seus avizos ha quatro Reys Mouros, que eram na Espanha, ha saber El Rey de Sevilha, El Rey de Cordova, El Rey de Jaem, e El Rey de Badalhouse, hos quaes para este soccorro, e descerquo foram pór seu arrayal a ho lugar que chamam Sitymos, que he huma legua Dalcacere, de cuja vinda sendo hos Christãos loguo sabedores foram postos em temeroso pensamento. E nom era sem causa, segundo verdadeyra certidam, que ouveram, ca traziam consigo por terra quinze mil de Cavallo, e oytenta mil de pée, e pelo maar dez Gualés bem remadas, e aparelhadas.

Mas aquelle alto Deos, que sobre

bre todos tem ho poder, nom quiz em tanto periguo, e necessidade desemparrar hos Christãos, que por sua fée emprenderam, & sostinham esta demanda, porque por huma sua permissam piadoza arribaram ha este porto, tambem na paragem de Setuvel trinta e seis naos de huma Cidade que dizem Trageyto, com gentes Christãas, nobres, e de boom esforço, que hiam àquella Conquista dultramaar, que disse, hos quaes em suas bandeyras traziam sinaes de S. Martinho, porque ha jurdiçam daquella terra donde vinham era do Bispo daquella Cidade; da frota era Capitam móor Dom Anrique de Nehusa, ho qual leyxando suas naos com aquella segurança, e relguardo de gente que compria, elle com a outra em bateis, e navios piquenos se foy aho arrayal de Alcacere, onde dos Christãos foram com muita alegria de grandes louvores recebidos, e todos loguo acordaram de valar ho arrayal em torno com valos altos, e fortes para resistencia dos Reys Mouros, que vinham, e aqui se diz, que alguns Estrangeyros da primeyra frota aconselhavam, e requeriam ahos outros da sua companhia, que se partissem em paz, e nom esperassem ho periguo da batalha, escuzando sua covardice torpe, com dizerem, que quando de suas terras partiram seu voto, e proposito nom foy pelejar se nom com aquelles infieis, que tinham tomada ha tarra de Jerusalem, e ho San-

to Sepulchro, e que alguns Portuguezes, em que nom avia verdadeyra Fée, nem bondade de coraçam concordavam com elles, dando por voto covarde, que era bem de descerquar ho Lugar, e leyxallo sem contenda, e posto que deltes ouvesse alguns com suas mostranças de tam vituperada fraqueza, avia porém outros muitos cuja santa, e virtuosa contrariedade esforçou, com que determinaram nom descerquar ho Castello, e confiando em Deos esperar ha ventura, que lhes viesse, pelo qual fizeram loguo seu alardo, e de gente de pé bem armada, e bem disposta para pelejar, se diz, que acharam comfiguo muita, mas gente de Cavallo se affirma, que escaflamente refizeram trezentos.

E hos Reys Mouros para cumprimento do proposito com que vieraõ, acordaraõ q̄ com ha mayor força, que nelles ouvesse viessem loguo ferir no arrayal dos Christãos, e que tambem has suas Gualés, que tinham jáa tomada huma nao de Portugual com duzentos homens, e jazia na entrada do porto de Setuvel, juntamente pozessem foguo à frota dos Christãos, que jazia sobre amarra, mas hos Christãos receosos deste dano, e avizados jáa para esto, pozeram tal guarda, e defençaõ na frota, que hos Mouros ho nom cometeram, e foy sempre delles segura. E huma segunda feyra como foy manhã sayram do arrayal dos Mouros, sinquo de Cavallo

valle corredores, e como chegua-ram, e viram ho assento do arrayal dos Christãos loguo volveram aho seu, e sobre esto abalou todo junto o seu Exercito em que avia tantas gentes, que toda ha terra cobriam, trazendo comfiguo tam grande estrondo de alaridos, e gritas, e com tantos sons de trombetas, e outros desvayrados instrumentos, que ha qualquer coraçam por abaltado de esforço, que fora nom leyxara de tocar de grande medo, e muito espanto, pelo qual hos Christãos avendo o assi por melhor, sayram ha elles de suas estancias, postos em suas batalhas ordenadas, e com muita ardidez huns ahos outros loguo le cometeram, e feriram, em que da huma parte, e da outra ouve cruel, e bem ferida peleja com mortes, e feridas de muitos, e daquella vez se diz, que hos Mouros levaram ha vantagem da batalha, com aqual se recolheram em seu arrayal.

CAPITULO VII.

Da segunda batalha, que ouve sobre Alcacere, e como hos Reis Mouros foram vencidos, e feyto grande estragio em suas gentes.

HOs Christãos vendo para ho ãm que vieram hum começo tam contrayto, e que ha força Dalcacere se fazia cada vez mais forte, e ha elles tirava toda esperança de

por força ho cobrar, nom leyxavam de murmurar, e apontar que seria bom iremse, e por aquella vez leyxar ho cerquo, e ho Bispo de Lisboa, que na gente dos Christãos era pessoa de móor credito, e mais principal, sentindo na noyte seguinte ha temerola, e fraca murmuraçam, que em todo ho seu arrayal avia, elle em prezença dos mais, que por entam se poderam ajontar lhes dice. *Honrados Senhores, e amigos, esta desaventura, e grande mal de que todos estaes espantados, nom veu sobre vós das forças, nem das armas dos nossos inimigos, mas cauzouse da grande presunçam, e muita confiança que de vós mesmos, e de vossas forças, e multidad de gentes loguo tomastes, esquecidos em todo, da sóo, e principal ajuda de Nosso Senhor, e Salvador Jesu Christo, que se nõs agnora aqui faleceo foy para ho melhor conhecermos, mas pois jáa aqui viemos, e somos muy fortes para armas, e temos gentes, e estamos bastecidos de mantimentos, nom queyraes desconfiar, porque esta avercidade ha potencia de Deos ha permite para crara esperiencia de mayor nossa Fée, e mais merecimento de nossas almas, mas brademos, e clamemos de coraçã aho Senhor Deos, e com efficacia, e devaçã, que nossas necessidades requerem lhe pessamos que esta sua ira, se contra nõs, por nossos peccados ha tem, ha queyra converter em nossos inimigos, e cada hum com hos grolhos em terra digua por sy como en diguo por*

por mim ; Senhor Deos Padre das misericordias , e grande ajudador nas tribulações ex as muitas nações de tantos infieis vieram para nos destrobir , pois como duraremos ante ha face delles se nos tu Deos nom ejudas , e pois assi he Senhor aguora nom ponham ante ty ha lembrança de nossos malles , e peccados , nã tomes de nós aqui vingança por elles ante estes imiguos de tua Santa Fêe , tu por tua bondade , e potencia hos dà nas mãos , e poder de teus servos , por tal , que hos que em ty crem louvem mais o teu Santo nome .

No cabo da qual Oração , que todos devotamente , e com muitas lagrimas ho téguiram , se diz que por consolaçam dos Christãos logo appareceo publicamente no Ceo hum maravilhoso final por bemaventurado prognostiquo , ha saber , hum homem resplandecête , como Sol , e alvo como huma neve , e no peyto trazia ho final da Cruz vermelha mais luzente que has Estrellas , com que hos Christãos , que craramente ho viram foram muy alegres , e esforçados crendo que Deos era em sua ajuda , e com este prazer , e alegria , que géralmente todos conceberam , jáa com feu temor dormiram asocceguados aquella noyte , e aho outro dia como foy manhã ho Bispo , como era homem em que avia prudencia , e bom esforço para se nom esfriar ho alvoroço , que sentio nos Christãos com a longura dalgum tempo fallou logo às gentes do Exercito

que ho podiam ouvir dizendo : *Senhores amigos bem vistes todos ho grande , e maravilhoso final que para nom temermos , e sermos esforçados Deos Nosso Senhor tam publicamente nos quiz mostrar , e por esso jáa seria muita nossa fraqueza , e grãde mingua de nossa Fêe tardarmos mais para ha segunda batalha , mas com ho esforço de Deos , que temos presente , e com ajuda , e preces dos Santos Martyres Proto , e Facinto , cujo dia hoje hee , vamos logo ferir nos imiguos , ca pelo melhoramento da vitoria , que contra nós ouveram , aguora hos acabaremos mais repouzados , e menos percebidos .*

Pelo qual hos Christãos postos em suas batalhas bem concertadas , com grande ousadia , e sem final dalgum medo sayram , e foram dar no arrayal dos Mouros , e assi duramente hos cometeram , e tam cruamente hos feriram , e foram tam cortados , e trovados de medo , que parecia nom terem armas para pelejar , nem forças para resistir , e desacordados se diz , que elles mesmos huns ahos outros se feriam , e matavam , e se espedaçavam com hos pées dos Cavallos , e que outros com medo da morte duvidosa ha tomavam certa no rio , que era junto em que se lançavam , e afogavaõ , e vendose hos Reys Mouros , e suas gentes assi salteados , e vencidos nom tendo jáa alguma esperança em sua resistencia , nem peleja , procuraram buscar sua salvaçam na fogida , em cujo alcance hos Christãos

tãos matando, e ferindo leguiram, em que se affirma que dos quatro Reys, que alli vieram, dous delles sem se dizer quem eram, foram mortos, e com elles trinta mil Mouros mais, e com esto recolhendo ho muito, e muy riquo despojo, que acharam no arrayal dos Mouros, hos Christãos se tornaraõ muy alegres ha seu cerquo, que tinham pulto sobre ha Villa, dando todos muitas graças, e louvores aho Padre nosso Senhor, que de sua mam deu esta vitoria, que foy ha onze dias de Setembro do sobredito anno de mil duzentos e dezafete annos, dia dos ditos Martyres Proto, e Jacinto, háa certidam da qual vitoria, como foy dada ahos infieis, que para este descerquo eram em sua frota postos no maar elles delacordados, e tristes se partiram, onde se diz que se perderam alguma parte de seus navios, e de suas gentes assáas nelles.

CAPITULO VIII.

Como hos Christãos combateram, e tomaram ho Castello Dalcacere.

HOs Christãos por esta vitoria ficaram alegres, e muy esforçados, depois de consultarem sobre a millior maneyra, que teriam para tomar ha Villa, fizeram duas escadas grandes, e com gente darmas que comprio foram loguo jun-

tas aho muro para ho entrarem, e comessarem de combater ho Castello; mas hos Mouros com a necessidade que tinham de salvar suas vidas, dobráram suas forças, pelo qual assi com fogo, com pedras, e traves, e setas, que de cima do muro lançaram, atastaraõ hos Christãos longe do muro, em que da huma parte, e da outra foram muitos mortos, e feridos, e porque hos Christãos viram que aquella qualidade de combate por ha grande fortaleza, e desposiçam dos muros lhe nom socedia como dezejavam, fizeram loguo cavas, e minas por bayxo da terra para has poerem debayxo dos muros, e postos em contos hos derribarem por fogo; mas hos Mouros que desto por avizos, ou por conjeyturas foram bem sapedores contraminaram has cavas dos Christãos, e huns, e outros com peleja muy crua se encontraraõ, em que ouve muito sangue derramado, e com grandes foguos, e coufas fumolas que hos Mouros fizeram, lançaram hos Christãos fora das cavas, e pozeram sobre sy segura guarda, pelo qual vendo hos Christãos que alguma cousa das cometidas de todo lhes nom aproveytava, elles, por conselho, e ordenança do Capitain da frota, que era homem engenhoso, e de bom esforço, fizeraõ loguo duas bastidas de madeyra muito fortes, e tam altas que cada huma dellas sobejava por cima das mais altas Torres do Castello, donde hos combates que nellas

nellas poferam hiam seguros , e nom temiam hos danos dos Mouros, e com esto, e com outros engenhos, que mais ordenaram, e com muitos bêsteyros, e frecheyros cõmetteram ho Castello rijamente por muitos lanços do muro , por cima do qual hos Mouros com ha força das setas , e pedras que lhe lançavam, nom ouzavam parecer, nem resistir como dantes faziam, e vendo-se fraquos de suas forças, e desesperados jáa em tudo, de todo ho loccorro , e finalmente porque se nom podiam solter, fizeram final que se queriam render , e sobre seguro, que lhes foy dado, vieram à pratica , e apontamento, em que pediram has vidas, e fazendas, mas has vidas sómente lhe foram outorguadas com legurança das quaes elles abriram has portas do Castello , e assi seguros se sahiram, e foram para onde quizeram , e ho Alcayde do Castello , que antre elles era ha pessoa mais principal, nom se quis hir com hos outros, mas acha-se que da tomada da Villa, ha tres dias por sua vontade foy bautizado, e tornado Christão , e hos outros Mouros, que hos Christãos acharam pelas Aldeas , e Luguares de redor todos , se diz que sem resistencia morreram ha ferro, e hos grandes despojos, que da batalha passada se recolheram , e na Villa se acharaõ foraõ loguo igualmente repartidos sem vantagem dalgum, salvo que aho Capitam de fóra , porque por seu concelho , e

ordenança ho cerquo fora sempre regido lhe deraõ mais dez por prezoneyros, que elle tomara.

E porque aho Bispo de Lisboa nom foy sobre elles dada alguma vantagem, q̃bem merecia, ho Capitam da frota ha que tal escasseza nom pareceo bem, por seu conforto lhe dice: *Reverendo Bispo, posto que vós aqui pelo bem recebeis mal, e pela bondade maliciã roguorvos que ha estes homens, que tam mal ho conhecem, e fazem sejai paciente, porque ho principal gualardaõ que por este trabalho mereceis Deos nosso Senhor, que hee boom , e justo, e porque bem ho recebestes volo darâ boom no Ceo, e sera melhor que este de cousas da terra.* E com esto hos Estrangeyros se recolheram ha suas frotas , e se partiram para onde quizeram, e ho Bispo com hos senhores Portuguezes, que aho cerquo vieram depois de leyxarem ha Villa afortalezada , e bastecida , como viram que compria, tambem se tornaram para suas terras, e cazas , e esta tomada de Alcacere em tempo deste Rey Dom Affonso II. foy em dia de S. Lucas, ha dezcyto do mez de Outubro da era de nosso Senhor de mil duzentos e dezaete annos , e dahy ha hum anno este Rey Dom Affonso com ha Rainha Dona Oraraqua sua molher lhe deu foral que aguora tem , como por elle parece.

1217.

CAPITULO IX.

*Como cinco Frades Italianos da
Ordem de S. Francisquo foram
ha Marroquos ha prégar ha
Fée de Christo, e primey-
ramente chegaram ha
Sevilha, que era de
Mouros.*

DEsta tomada Dalcacere até o falecimento del Rey Dom Affonso se passaram seis annos, nos quaes se nom acha feyto que elle fizesse, nem se passasse cousa digna de memoria, salvo que depois em sua vida, e da dita Rainha Dona Orraqua sua molher, ho Ifante Dom Pedro seu Irmao filho tambem legitimo del Rey Dom Sancho trouxe ha Coimbra hos ossos dos cinco Frades Menores, que em Marroquos morrerao Martyres, cujo caso segundo ha Lenda Santa, que delles se lee, e segundo ho q̄ mais delles verdadeiramente se acha foy brevemente nesta maneyra. Na Coronica del Rey Dom Sancho pay deste Rey, falando dos filhos q̄ teve sumariamente dice: q̄ ho Ifante Dom Pedro, seu filho, ho qual bem acompanhado de nobre gente Despanha passara em Africa, e estivera em muita estima, e grande authoridade com Mirabolim de Marroquos, até o tempo do Martyrio destes Santos Frades,

dos quaes se acha por ha dita sua Lenda, e por inquiriçao verdadey-
ra, q̄ ho sobredito Dom Matheus, Bispo de Lisboa delles, e do seu Martyrio, e milagres tirou por testemunhos de muitos, dinos de fée, que com ho dito Ifante andaram, e principalmente por hum Cavaleiro de Santarem que chamavao Estevaõ Pires, homem velho, e honrado, e de louvada vida, e costumes que aho dito Ifante sempre servio, que na era de nosso Senhor de mil 1219.
duzentos e desanove, e ahos treze annos da primeyra conversao de S. Francisquo, elle por vontade de Deos, escolheo em sua vida seis Frades de sua Ordem por natureza Italianos, e de maravilhosa santidade, ha saber: Frey Vital, e Berardo, Otone, Acurcio, Pedro, e Adjuto, e por saberem bem ha lingua Arabigua hos mandou aho Rey, e Reyno de Marroquos, que naquelle tempo sobre hos Mouros Dafriqua, e Despanha tinha ho moor Principado, para lhe prégarem, e trabalharem pelo converter à Fée de Christo.

E destes seis Frades fez mayoral, e Prelado ha Frey Vital, ho qual como elle com hos outros chegasssem aho Reyno Daraguam adocceo; e porque vio que sua doença se perlonguava por tal que seu mal corporal, ho bem, e neguocio espirital, e de Deos nom impedisse, mandou que por comprirem ho mandado de Deos, e de S. Francisquo se fosssem ha Marroquos, hos

hos quaes por sua obediencia ho leyxaram doente, e se partiram, e chegaram à Cidade de Coimbra onde ha esse tempo era ha Rainha Dona Oiraqua mulher deste Rey Dom Affonso, ha qual hos fez hir ante sy, e como falasse com elles em cousas de Deos, e nelles visse taõ grande desprezo do mundo, e tamanho fervor de morrer por amor de Jesu Christo, e sem duvida hos julgou, e houve por muy verdadeyros, e preseytos servos de Deos, e por esto com grande instancia lhe roguou, que por suas rogações pedissem ha Deos que revelasse ha ella ho derradeyro termo de sua vida, e posto que elles com sua humildade confessassem nom ser dinos entender nos segredos de Deos: porém vencidos das devotissimas preces da Rainha, ditas com muytas lagrymas, prometeraõlhe que assi ho pediriam, hos quaes orando ha Deos com firme, e pura fé, nom lóamente ho que da vida da Rainha, mas ainda ho seu Martyrio, por revelaçam de Deos lhe toy tambem senifiquado, porque logoo diceraõ que hos derradeyros dias da vida da Rainha seriam muy sedo quando seus corpos depois de seu Martyrio, fossem de Marroquos aly trazidos, e della mesma Rainha, e de todo ho povo com grandes honras recebidos, e assi foy como se dirá.

Partidos hos Frades de Coimbra para seguirem sua santa jornada, vieram por aviamento da Rai-

onha Dona Oiraqua à Villa Dalanquer, onde estava ha Infante Dona Sancha, irmã del Rey Dom Affonso, que era Senhora da dita Villa, ha que tambem revellaram todo ho seu proposito; como ella foy Princeza muy santa, aprovando seu negocio ella sobre hos habitos da sua Religiaõ, que elles traziaõ lhes den outras, vestiduras seculares, taes, com que mais livres, e facilmente podessem passar ha terra de Mouros, e assi com seus habitos desmullados foram à Cidade de Sevilha, que entam era de Mouros, onde na pouzada de hum Christaõ, leyxados hos habitos leyguos, por oyto dias estiveram escondidos, e acertouse que em hum dia fervendo seu espirito para Martyrio, elles sem guiz, nem concelho doutros se foram à principal Mesquita dos Mouros, e como em ella quizessem entrar hos infieis, que hos viram, e conheceram, endinados contra elles cõ empuxões, brados, e açoutes, que lhe deram, e por instituto, e costume hos nom consentiram entrar, e dahy hindo se às portas del Rey, e sendo ante has ditas portas dos Paços foram levados ante El Rey, e perguntados quem eram? Responderam: que vinhaõ ha elle Rey por Embayxadores, e Enviados do Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, que era Jesu Christo, e como ante El Rey muitas, e muy dinas cousas da Fé Catholica propoesssem aconcelhando-o para sua conversãõ, e para receber agoa do

lanto Bautifmo, e com effo muitas couzas feas, e torpes de Mafamede, e de fua feyta defcobillem, El Rey endinado de grande ira contra elles lhes mādava cortar has cabeças, mas amañado por palavras de hum feo filho, que era prezente, hos mandou meter em huma Torre muy alta junto dos Paços, de cuja altura ahos que entravam, e fahiaõ da caza del Rey, elles nom leyxavam de prégar em altas vozes ha Fée de Chrifto, e brasfemar, e mal dizer da Seyta de Mafamede, cujos leguidores, e favorecidos deziã que no inferno feriam com tormentos para fempre danados, e anojado El Rey de fuas palavras, e para lhe arredar ho azo de has nom poderem dizer, hos mandou meter no mais profundo da Torre, donde por concelho dos feus vassallos hos mandou tirar, e levar ha Marroquos em companhia de Dom Pedro Fernandes de Castro ho Castellam, de que atraz dice, e aho diante direy, que por odios, e perfequiõcs dos Condes de Lara, nom fe pode lofter em Castella, e duas vezes fe paffou ahos Mouros, e delta derradeyra para Mirabolim de

CAPITULO X.

Como hos Frades cheguaram ha caza do Ifante Dom Pedro, do que loguo fizeram, e como firaõ tornados ha Ceyta parvirem ha terra dos Chriftãos, e dahy fe volveram outra vez ha Marroquos.

N Este tempo estava em Marroquos ho Ifante Dom Pedro, filho del Rey Dom Sancho, e irmaõ deste Rey Dom Affonso, ha cuja caza hos ditos Frades, e ho dito Dom Pedro Fernandes loguo cheguaram, e ho Ifante hos recebeu com humanidade devaçãõ, e bom trato, e hos proveo de todo ho q̄ aviam mifter, porq̄ era Principe em virtudes muy acabado, e hos Frades como dahy em diante viam quaefquer Mouros loguo cõ muito fervor lhes prégavam, especialmente hum dia Frey Berardo, que delles era ho mais principal, e melhor fabia Arabia, sobindo em hum carro, ou luguar alto como pulpito, e préguando ha Fée de Chrifto ha muitos Mouros que ho ouviaõ acertouse que ho Mirabolim hia visitar, como tinha de coltume, ha fepultura dos Mouros Reys, que eram fóra da Cidade, e vendo ho Frade préguar, e por elle fer prezente nom querer defistir da piè.

prêguação à sua seyta cōtraria, estimãdo-o por homem sãdeo, e por tirar escandalos mandou, q̄ elle cō todos hos Frades fossem loguo lançados fóra da Cidade, e sem tardança levados ha terras dos Christãos, pelo qual ho Ifante Dom Pedro avendo-o assi por bem lhes deu alguns seus servidores, que seguramente hos levassẽ, como levavaõ atée ha Cidade de Ceyta, para dahy loguo passarem ha terra dos Fieis.

Mas hos Santos Padres nom cōtentes da viagem leyxaraõ has guias, que hos levavam, e tornaramse outra vez ha Marroquos, e como chegassẽ à praça da Cidade loguo ahos muitos Mouros, que nella acharam comessaram de préguar, louvando hos merecimentos da Fée de Christo, e brasefando dos vicios, e erros de Mafamede, e sua seyta, da qual cousa como El-Rey fosse certifiçado hos mandou loguo meter em hum estreyto carcere, onde sem alguma ordenada provizam, nem mantimento dos homens, que ouvessem, mas com ha sóo refeçam de Deos, que ouveraõ. Vinte dias foraõ encarcerados asperamente, e neste tempo, porque em toda aquella terra sobrevieram muy grandes, e desordenadas quenturas do Sol, e grandes destemperamentos do Ar, alguns creram que estes males poderiam vir pela injusta prizam dos Frades, pelo qual por concelho de hum Mouro chamado Abotorim,

que ahos Christãos tinha amor, e queria bem, El-Rey contentio que fossem livres do carcere, e trazidos ante elle, mandou ahos Christãos que loguo sem mais detença hos mandassem ha sua terra.

E porém El-Rey com hos outros Mouros nom fiquaram sem grande espanto, quando viram hos Frades tam esforçados dos corpos, e tam constantes das vontades, avendo vinte dias continos, que sem algum mantimento ordenado jouveram no carcere, e perguntados por El-Rey: quem hos mantivera tanto tempo? Lhe dice Frey Berardo, que como El-Rey bem crece na Fée de Jesu Christo loguo saberia como elles sem beber, e sem comer foraõ no carcere manteudos. E com tudo elles como se viram soltos, loguo sem algum medo outra vez quizeram tornar ha préguar ahos Mouros, mas hos outros Christãos, q̄ com elles estavaõ, receosos da ira del-Rey q̄ com mortes, e cruezas, se estenderia nas vidas de todos, como mostrava, lho nom consentiram.

Entam lhe ordenaram loguo outros homens fieis que hos acompanhassẽ, e levassẽ outra vez ha Ceyta, para dahy passarem ha terra dos Christãos, mas hos ditos Frades sospirando por seu Martyrio, despedindo-se daquelles, que hos levavam se tornaram outra vez ha Marroquos, onde ho Ifante hos mandou loguo recolher, e encerrar em sua caza com guardas, e defeza estreyta, que hos nom leyxassẽ

zaffem fahir, porque receava segūdo ElRey de tuas preguações se escandalizava, que nom sómente mandaria matar hos Frades, mas ha elle, e ha todos hos Christãos, que ouvesse na Cidade.

CAPITULO XI.

*De hum milagre, que se fez por
cauza de Frey Berardo, e como
foram prezos, e atormentados
hos outros
Frades.*

E Acertou se que ho Mirabolim ha este tempo mandou ho Ifante Dom Pedro cō outros muitos nobres homens de Christãos, e Mouros, que delle tinham soldo fazendo guerra, e fogiguar ha huns senhores Mouros seus vassallos, que se lhe rebelaram, apoz hos quaes Frey Berardo, e hos outros Frades, que tiveram maneyra de se soltar, logo seguiram, e foram devolta onde se diz, que disputando Frey Berardo com hum Mouro ante elles ho mais letrado, ho venceo, e confundio, e que este Mouro, com vergonha nunca mais tornou ha Marroquos, nem depois nom pareceo, e tornando ho Ifante com hos outros Mouros da conquista, que lhes foia encomendada, vieram por huma terra tam sequa que por tres dias para sy, nem para seus cavallos nom poderam achar em nenhuma parte agua para beber, e como ha

estreyteza da sede delesperasse ha todos das vidas, Frey Berardo eia na companhia, feyta primeyro sua devota oraçãõ, tomou na mão hum piqueno pao com que cavou hum pouquo na terra muy sequa donde milagrosamente loguo atubentou, e sahio huma grande fonte dagua doce, e muy singular de que nom sómente hos homens, e alimantias bebiaõ, e se abastaram, mas ainda encheram muitos odies, que levaram para ho caminho.

E como esta necessidade dagua foy satisfeyto, logo ha fonte se farrõ, e sequeo, e por tam grande, e tam manifestõ milagre, que de todos foy visto, e Deos por Frey Berardo fizera, todos hos do exercito dahy em diante ho tiveram em grande devaçam, e reverencia, e muitos por Santo lhe bayjaram hos pées, e has vestiduras, e como estes Santos Frades tornassem ha Marroquos, e em caza do Ifante fosse por elles posta grande guarda, para nom sahirem, e elles toda via sayram, e em huma Sexta feyra, que ho Mirabolim hia visitar hos sepulchros dos Reys Mouros, hos Frades sem algum temor, e com grande ousadia se apresentaraõ ante elle, e sobido Frey Berardo em hum tezo começou de lhe préguar muy sem receyo, e como ElRey hos visse, cheo de ira contra elles, mandou ha hū seu Capitam Mouro que vira ho milagre dagua, que loguo lhes cortasse has cabeças, pelo qual hos Christãos, que eram
pre-

presentes, com temor de suas proprias mortes, loguo fogiram dahy, e fechadas, e trancadas bem has portas de suas pouzadas, nellas sem layr jaziam escondidos, mas ho Principe Mouro mandou ahos homens da justiça, que trouxessem hos Frades ante elle, e como por duas vezes ho nom achassem hos tornaram ha levar ha mais aspero carcere com guolpes, e bofetadas com que hos feriam, e com effo hos ditos Frades assi ahos Christãos, que se lhe offereciam nom leyxavam de préguar ha palavra de Deos.

E sendo outra vez trazidos ante ho dito Principe, e com tanta constancia hos visse préguar, e confessar ha Féé Catholica, e reprovar, e reprehender com muita ouzadia has couzas de Mafamede, e sua seyta, acezo da ira contra elles hos mandou loguo atormentar com muitas, e muy desvayradas maneyras de tromentos, e depois apartar huns dos outros, e em desvayradas cazas onde cruamente hos mandou açoutar, e aquelles maos, e crueis ministros atados hos pèes, e has mãos dos Santos, e com cordas asperas lançadas ahos colos delles, e arrastando-os de huma parte ha outra pela terra, assi continuamente, e tam sem piedade hos açoutavam, que has tripas lhe apareciam, e sobre has chaguas recebidas por acrecentarem mais dor lhe lançavam vinagre, e azeyte fervendo, e assi foram por toda ha noyte

atormentados, e açoutados de trinta Mouros, que nelles se arrevezavam, na qual noyte daquelles, que hos guardavam foy visto, que hum grande resplendor decendia dos Ceos, e com huma companhia sem conto hos arrebatavam, e levantavam para cima, e maravilhados desto hos Mouros, e de todo espancados, chegando aho carcere acharam hos Santos Frades devotamente orando.

CAPITULO XII.

*Como El Rey de Marroquos fallou com estes Frades, e por hos nom poder converter ha sua seyta por sy mesmo hos matou, e como forão mortos tam-
bem Pedro Fernandes,
e Martin Affonso
Telo, sobrinho do
Ifante.*

HAs quaes couzas ouvindo El Rey de Marroquos, acezo com mayor sanha contra elles, mandou que loguo lhe fossem levados com has mãos atadas, e descalços dos pèes, e depois dos corpos continuamente açoutados, e espancados, hos quaes como El Rey na Féé de Christo hos visse tam firmes, mandou dentro meter comfiguo certas molheres, fermozas, e lançados todos fóra dice: *Converteyvos ha nossa féé, e darvoshey estas*

estas por vossas molheres, e com ellas muito dinheyro, e fereis em meu Rey. no muito honrados. Ha que hos Frades loguo responderam: *Tuas molheres, e teu dinheyro nom queremos; porque tudo esto desprezamos por amor de Christo:* E entam ElRey arrebatado de mayor ira, e sanha, apartados hos Santos hum do outro, por suas proprias, e muy cruas mãos ha cada hum per sy tallhou has cabeças por meyo das fontes, e apertando na mão tres cutellos, juntamente com huma crueza de bešta féra hos deguolou, hos quaes compriram este seu Martyrio ha dezaleis dias de Janeyro do anno de Christo de mil duzentos e vinte, em tempo do Papa Honorio III. em ho quarto anno de seu Pontificado, e quasi sete annos antes da morte de S. Francisquo.

1220.

E depois disto lançados fóra hos corpos do Martyres por has molheres, que comfiguo tinham: estes perros barbaros, e maos atando cordas ha seus pées, e mãos, hos arrastaraõ para fóra da Cidade, em torno da qual com grandes brados, e preguões hos trouxeram, e espedaçados de todos hos mēbros, hos leyxaram no campo, pelo qual hos Christãos, que hos assi viram, levantadas has mãos a hos Ceos, louvãdo ha Deos por seu tam glorioso Martyrio, comessaraõ de apanhar, e recolher has Reliquias dos ditos Santos escondidamente, ha qual couza como hos Mouros vissē, todos como cães rayvolos, tanta mul-

tidam de pedras lançaram nos Christãos, que parecia tempestade de lua rayva, mas hos Christãos defezos jáa pelos merecimentos dos Santos, fugindo da ira dos Mouros ha suas cazas se recolheram, donde com temor da morte, que antre sy traziam, escondidos por tres dias nom pareciam, principalmente, porque neste tempo ho Ifante mandou ha Dom Pedro Fernandes de Castro, Castellam, que láa era lançado, e ha Martim Afonso Tello, seu sobrinho, nobres homens, que com outros muitos andavam em sua companhia, que de noyte secretamente fossen ver onde jaziam hos corpos dos Martyres para se recolherem, e porque foram vistos, e achados dos Mouros, loguo hos mataram.

CAPITULO XIII.

Como hos corpos dos Martyres foraõ queymados, e despedaçados, e em fim recolhidos por devaçam, e industria do Ifante Dom Pedro.

E Depois desto em hum grande foguo, que foy feyto no campo, hos corpos dos Santos se lançaram por tal, que de todo fossen queymados, mas ho foguo por virtude Divina das santas Reliquias assim se apartava, e apaguava, como que ha materia muito lhe fosse cōtrayra com junto, antes ha cabeça de

de hum dos Martyres lançada muitas vezes no fogo, nem nos seus cabelos nom pareceo algum final de queymadura, ha qual assi com ha pelle, e cabellos foy mostrada sem alguma corrupçam no Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra, mas dos Mouros alguns por amizade, e outros por dinheyro, e proveyto, e assi hos Christãos, que na Cidade eram cativos apanhando has Reliquias dos Santos has offereciam aho Ifante, que recebendo-as com grande devação has mandou secretamente cozer, e depois que has carnes se guastaram, e hos ossos ficaram limpos, hos mandou sequear, e encomêdou ha guarda principal delles ha João Roberto, Coneguo de Santa Cruz, homem em virtudes acabado, e ha tres innocentes, moços honestos, seus moços da Camara, dos quais hum foy ho Estevam Pires de que atraz dice, que deu este estromento, ca nom era algum ouzado entrar onde has sagradas Reliquias estavam em guarda, porque ha sóo sua consciencia de qualquer crime occultamente commetido loguo ho reprehendia, e acuzava.

E neste tempo hum Cavalleyro chamado Pedro de Roza, tendo huma manceba por nome Maria da Roza, como sobisse ha hum sobrado onde has Reliquias se guardavam loguo elle sem se poder mover, e tolheyto, bradou fortemente dizendo: *Acorreyme, acorreyme, dayme Confissam.* Ha qual como

ho Coneguo lha deu, em que de todo ha renunciou ha manceba, loguo foy livre dos membros, e pode decer, mas nom pode falar atée que ho mesmo Coneguo por mandado do Ifante lhe poz sobre ho peyto ha cabeça de hum Martyre, com que de todo recobiou has forças, e fala, assi como dantes has tinha, e dahy em diante, assi ho Ifante como todos hos seus tiveram has Reliquias em mayor honra, e devação, das quaes mandou meter has cabeças em huma arquã, e hos ossos em outra, e has tinham em grande veneraçam na sua Cappela, e às santas Almas dos Bemaventurados Martyres, cujas Reliquias tinha continua, e devotamente pedia, que de Deos lhe guanhastem graça para sem periguo de sua pe-soa, e dos seus, se poder vir para sua terra de Christãos, porque jáa avia muitos dias; q̄ na dos Mouros contra sua vontade se detinha, e estava forçado.

CAPITULO XIV.

Como ho Ifante D. Pedro foy tornado ha Espanha, e trouxe consigo hos ossos, e Reliquias dos Martyres, e has mandou ha Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres, q̄ ouve no caminho.

E Sta graça pelas preces dos Martyres, foy da piedade de
D Deos

Deos brevemente empetrada, porque estando ho Ifante desta sua liberdade assáas desconfiado, ho Mirabolim de sua propria vontade, e sem requerimento dalguem ho mândou chamar, e alegremente lhe deu licença, que para sua terra se viesse quando quizesse, descobrindo lhe loguo has muitas vezes que para sua morte fora de seus principaes aconselhado, e induzido; mas por seus merecimentos, e bons serviços, que fielmente sempre lhe fizera, merecia outro gualardam. E com esta licença lhe deu mais suas cartas de passos, para elle, e hos seus seguramente poderem passar, com has quaes partiram de Marroquos, e depois de hum dia, e huma noyte, vieram no caminho dormir à Azora, que era lugar despovoado onde de ferozes brados dos muitos Liões, que ahy haa foraõ postos em temor de que loguo foram livres, como antre sy, e hos Liões pozeram com devaçam, e confiança has santas Reliquias, que por sua santidade fizeram tudo quieto, e aho outro dia cheguaõ ha hum Lugar em que se apartavam muitos caminhos, e duvidosos de qual era ho melhor que tomariam, e ho Ifante sospenço, e confiado na tanta guia das Reliquias, que acompanhava mandou dar ha dianteyra ha huma Azemala que as levava, e ouve por bem que aquelle caminho que ella tomasse, todos por melhor ho seguissem esperando que elle seria ho melhor, e mais seguro.

Ho que foy assi feyto, e ha Azemala se desviou de hum caminho para que ha gente se mais inclinava, onde ho Ifante soube depois em certo que Mouros ho esperavam para ho matar, e roubar, e da hy em diante em dezertos, e montes porque passáram sempre déram ha guia ás santas Reliquias, que com ha graça de Deos levaram ho Ifante, e hos seus ha salvamento até Ceyta, onde embarquando loguo em huma nao, que ho Divino favor lhe tinha prestes, e aparelhada pera terra de Christãos, partiram, e naveguaõ loguo com vento prospero, que em poucas horas, com grande escuridam se mudou o contrayro, e algumas outras naos que se acertaram em sua conserva, por huma respiraçam divina faziaõ daquella do Ifante Capitayna, por quem se regiam, e com ha grande sarraçam, que sobroveyo temendo de hir à Cesta se encomendaram devotamente a hos roguos, e merecimentos dos Santos Martyres, cujas sagradas Reliquias levavam, para que em salvamento hos guiassem, e loguo supitamente derramada ha escuridam, em que andavam, veõ ha grande claridade, e bonança, com que bem viram, e conheceram ho caminho de sua perdiçam, que levavam, e desviados delle aportaram na Aljazira, daquem Despanha, e dahy ha Tarifa, e loguo ha Sevilha, que era de Mouros, onde por hos Christãos que ahy eram, ho Ifante foy avizado, que
loguo

logo se partiſſe, porque El Rey de Sevilha ho mandava prender.

Pelo qual logo ahy embarquaram, e vieram ha Aſtorgua, que he em Gualiza do Reyno de Liam, onde entam reynava El Rey Dom Affonſo, primo com irmão do Infante Dom Pedro, e como foram partidos chegaram ha Sevilha mandados de Mirabolim de Marroquos que logo lhe prendeſſem, e tornaffeſſem ho Infante, e cortaffeſſem has cabeças ha todos hos ſeus, mas deſte periguo, e doutros muitos prouve ha Deos, que ho Infante, e hos ſeus, pelos merecimentos dos Santos Martyres, cujo devoto era, foſſem, como foram, livres, e ſeguros, e como cheguaſſem ha Aſtorgua hum hoſpede onde foram aguazalhados havia trinta annos que aſſi era doente, e tolheyto de parlezia, que do officio da fala, e dos membros era de todo privado, e ouvindo has grandes maravilhas dos Santos Martyres, que os Chriſtãos cõfiguo traziam, lançado em terra ante ha Arqua em que ſuas ſagradas Reliquias eram guardadas, pedindolhe com muitas lagrimas, e grande devaçam remedio para ſua doença, logo ahy á viſta de todos recebeo na fala, e em todos os membros perfeyta laude, e o Infante Dom Pedro nom veyo com has Reliquias dos Martyres ha Coimbra; mas de Aſtorgua mandou com ellas Affonſo Pires de Arguaniſ, que era Riquo homem, e peſſoa de grande credito, porque ho Infante

Dom Pedro nom era bem avindo com El Rey Dom Affonſo de Portugal ſeu irmam,

CAPITULO XV.

Como has Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foy ha morte da Rainha Dona Orraqua, molher del Rey Dom Affonſo, e das couſas que foram viſtas.

Como Affonſo Pires cheguaſſe ha Coimbra onde ha fama dos Santos Martyres já era, ha ſobredita Rainha Dona Orraqua molher deſte Rey Dom Affonſo de Portugal, que ahy eſtava com ho povo junto, que com toda a Cleresia, e muy devota, e ſolenne Prociſſam, ſayo ha receber has ſagraçdas Reliquias, e com muita devaçam, e grande ſolennidade has levaram aho Moeſteyro de Santa Cruz, onde muy honradamente has leyxaram, e como ha novz do glorioſo Martyrio deſtes Santos Frades cheguaſſe ha S. Francisquo alegrandolhe em ſeu eſpirito, dice: *Aguora verdadeyramente poſſo dizer que tenho cinco irmãos.* E no meſmo anno em que eſtes Martyres ſoraõ mortos ſegundo teſtemunho das ſantas Lições, que delles ſe dizem, por ſua vinguança ha ira, e indinaçam de Deos, veyo contra

El Rey de Marroquos, e seu Reyno, porque ha propria maõ direy-
ta, e braço com que ho dito Rey
Mouro matou hos Santos Frades,
todos seus membros daquella par-
te atée ho dextro pée, foram todos
sequos, e por maldiçam da sua ter-
ra, nos tres annos seguintes apoz
este Martyrio, nom choveo nella
couza alguma, de que se seguio
mais, que por sinquo annos conti-
nos ouve tanta fome, e tam cruas
pestilencias nos homens, que ha
moor parte da gente por tamanha
mortindade foy destruida por tal,
que hos annos da vingança fossem
iguaes aho numero dos Santos Fra-
des.

E porque ha Profecia dos San-
tos Frades em todo se comprisse ha
sobredita Rainha Dona Orraqua
passadas muy poucas horas, de-
pois que às Santas Reliquias foy da-
da divina sepultura, ella Rainha
chea de virtudes acabou sua vida,
e dahy foy levada ha Alcobaça on-
de jáaz, e à mesma hora que ella
faleceo, sendo ha noyte profunda,
Dom Pedro Nunes Coneguo, e
Sacristam do Moesteyro de Santa
Cruz, Varam por Santidade muy
esclarecido, e Confessor da mesma
Rainha, vio innumeraveis Frades
Menores entrar no Choro antre
hos quaes era hum, que ahos outros
com grande solennidade precedia,
e apoz elle sinquo antre todolos
outros com honra singular mais
excellentes, e como no Choro com
procissão, assi entraram logo com

doce melodia que se nom póde di-
zer, cantaram has Matinas, e ho
dito Pedro Nunes Sacristam, sen-
do pelo que vio todo atonito, per-
guntou ha hum delles, ha que vie-
ram, e porque luguar tantos Frades
em tal hora entrassem, sendo serra-
das todas as portas do Moesteyro,
ho qual lhe respondeo: *Nos todos
que aqui vez somos Frades Meno-
res, e agورا reynamos com Christo,
e aquelle que vez, que com tanta glo-
ria precede ahos outros, he S. Fran-
cisquo, que tanto dezejastes ver nesta
vida, e aquelles sinquo, que antre
hos outros tem mais excellencia são
hos Frades, que em Marroquos por
Christo receberam Martyrio, e neste
Moesteyro são sepultados, e sabe
que ha Rainha Dona Orraqua nes-
ta ora passou desta vida, e porque
ella de todo coraçam amou nossa Or-
dem, Nosso Senhor Jesu Christo nos
enviou ca todos, porque por sua hon-
ra diceßemos aqui Matinas, e por-
que tu eras seu Confessor, quiz Deos
que tu visses estas couzas, e da morte
da Rainha nom duvides; porque na
hora que daqui partirmos ouvireis
logo certa nova.* E aquella Procis-
são sendo todas has portas do Mo-
esteyro serradas logo sayram, e
nesta hora aquelles que eram da
familia da dita Rainha bateram às
portas, e denunciaram que ella ti-
nha jáa pagua sua necessaria divida
à carne, e falecera.

CAPITULO XVI.

Como Santo Antonio por exemplo destes Martyres tomou ho habito de S. Francisquo, e do que seguiu em Marroquos por milagre, e da morte del Rey Dom Affonso.

DEs pois que estes Santos Martyres comessaraõ de resplandecer com muy claros milagres de que muitos em sua mais profuza lenda se contem, e por exemplo delles ho Bemaventurado Antonio que ha este tempo era Coneguo no Moesteyro de Santa Cruz mesmo, e se chamava Fernando Martins, ardendo com dezejo de semelhante Martyrio, entrou na mesma Ordem dos Menores, em idade de vinte sinquo annos, e nella acabou dez annos, exclarecido em Santidade, e com milagres. E por esta ida destes Frades, o mesmo S. Francisquo, porque seu exemplo ardia em gram fervor, e dezejo de Martyrio, passou com sete Frades ha terra de Suria, e foy aho Gram Soldam, e como quer que com grande constancia, e muy sem medo lhe préguasse ha Fé de Christo, ho Gram Soldam ho tornou ha enviar livremente, e sam ha sua propria terra.

E acha-se por lembranças antigas, que por este Martyrio destes

Santos Frades ser tam cruamente feyta em Marroquos, e com tanto desprezo de Deos, e de sua palavra, ouve em todo aquelle Reyno tantas esterilidades, e securas, e por tantos annos, que esteve para de todo se despovoar, e porque géralmente antre elles, e pelo povo se dizia que tamanha maldiçã nom viera à terra salvo pela inocente morte dos Religiosos, El Rey ha cujas orelhas este rumor, e clamor cheguara, tendo sobre esto conselho com hos Mouros, e tambem com hos Christãos, q̄ estavam ahy, acordaram, que onde padeceram, que aly com grande arrependimento, e gemidos, e muitas lagrimas viessem, como vieram pedir ha Deos que avendo por esto com elles piedade, se diz que loguo choveo, e veyo à terra acostumada avondança em todas as cousas, por cujo beneficio se affirma que El Rey de Marroquos com todo seu povo prometeram, e ordenaram que da mesma Ordem dos Frades Menores fosse dado Sacerdote, ou Bispo ha todos os Christãos, que em Marroquos, e em sua terra vivessem, e que hos Frades fizessem ahy Moesteyro da Ordem de S. Francisquo, em que livremente sempre estivessem, e dessem hos Sacramentos ahos Christãos sem algum receo, ho que por muitos annos assi comprio.

E deste anno de Christo de mil e duzentos e vinte, em que esto succedeo, até ho anno de mil duzentos

1224. tos e vinte e quatro , em q̄ este Rey Dom Affonso faleceo , nom achey que elle fizelle, nem em seu Reyno succedesse outras coulas notaveis , pelo qual tendo elle trinta e sete annos de sua idade, e avendo doze annos que Reynava , faleceo na era de nossõ Senhor de mil e duzentos e vinte quatro, e jaz em Alcobaça, com h. Rainha Dona Orraqua sua

molher , na Capella grande, que elle em sua vida mandou fazer diante ha porta do Mosteyro , e neste anno se diz , que foy mudado ho Convento de Santa Maria, ha'antigua à nova Igreja, e Mosteyro de Alcobaça , que ElRey Dom Affonso Anriques, seu avoo de fundamento mandou fazer.

DEO GRATIAS.





INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS:

O numero denota a pagina.

A

D. Affonso II. **D**E Portugal, que idade tinha, e em que anno foy levantado Rey. pag. 1. Foy cazado com Dona Orraqua filha del Rey Dom Affonso IX. de Castella. ibi. Naõ quer conceder à Rainha Dona Tareja, e à Infanta Dona Sancha suas irmãas as terras, que lhes deyxara seu pay Dom Sancho I. pag. 4. e 5. He excommungado pelo Papa Innocencio III. para que largue os Castellos de Monte Môr, e Alamquer a suas irmãas. pag. 6. He absolvido da Excõmunhaõ, e com que circumstancias se ajustou a tregoa entre estes Principes. pag. 7. Contende judicialmente sobre a mesma materia com suas irmãas, e he condena-

do a pagarlhe hũa grande somma de dinheyro. pag. 8. Em que anno, e idade morreo. pag. 30. onde está sepultado. ibi.

D. Affonso IX. De Castella logro del Rey D. Affonso II. de Portugal com quem foy cazado, e que filhos teve. pag. 2. Manda chamar a seu genro D. Affonso II. de Portugal às Cortes que fez em Burgos, e naõ vay. pag. 4. onde morreo, e está sepultado. ibi.

Affonso Pires de Arguani. Entrega por ordem do Infante D. Pedro as Reliquias dos Martyres de Marrocos no Convento de Santa Cruz de Coimbra. p. 27.

Alcacere He cercado pelos Portuguezes, e Estrangeyros, e das pessoas principaes Portuguezas que assistiraõ neste cerco. pag. 11. No seu campo saõ mortos pelos Portuguezes trinta mil

Mou-

Mouros, e em que dia, e anno se conseguio esta vitoria. pag. 15. e 19. O seu Castello depois de huma larga resistencia he conquistado. pag. 16. Em que dia, e anno foy tomado. pag. 17.

Algozo, E Freyxo saõ tomados pellos Infantes D. Pedro, e D. Fernando em odio de seu irmão D. Affonso II. de Portugal. pag. 6.
D. Anrique de Nehusa Capitaõ de hũa Armada Estrangeyra, que constava de trinta, e seis naos, arribáraõ ao porto de Setuval, e junto com os Portuguezes batalhaõ com os Mouros, que estavaõ senhores de Alcacere, e sahem vitoriosos. pag. 13.

Santo Antonio Passa da Religiaõ dos Conegos de Santo Agostinho para a de S. Francilco, p. 29.

Armada De Alemães, e Framengos, que se compunha de cento, e sincoenta naos depois de padercer varias derrotas aportou a Lisboa. pag. 9.

B

Fr. Berardo **H**Um dos sinco Martyres de Marrocos, abre milagrosamente na terra seca huma fonte de que todos beberaõ, e se admiraraõ. pag. 22.

Infante Dona Beringela Filha del Rey de Castella Affonso IX. cazou cõ D. Affonso Rey de Liaõ, e que filhos teve, pag. 2.

Infante Dona Branca Filha de Affonso IX. Rey de Castella, cazou com El Rey de França, e foy mãy de S. Luis. pag. 2. Era mais velha, que sua irmãa Dona Orraqua. pag. 3.

C

Infante Dona Cõstança **P**Primeira Senhora do Mosteiro das Huelgas de Burgos, foy filha del Rey D. Affonso IX. de Castella. pag. 2.

F

Infante D. Fernando **C**Hamado de Serpa foy filho do Affonso II. de Portugal, e da Rainha Dona Orraqua, pag. 2. Com quem cazou, e que filhos teve. ibi.

Infante D. Fernando Filho de Affonso IX. de Castella morreo de idade de dezaleis annos. pag. 2. Foy a Roma bulcar a Cruzada que o Papa concedeo a seu pay para a batalha das Navas de Tolosa. pag. 4.

Foral Em que anno foy dado por El Rey D. Affonso II. à Villa de Alcacere. pag. 17.

S. Francisco O que disse quando teve noticia do Martyrio dos seus sinco Religiosos em Marrocos. pag. 27. Passa com sete Frades à Suria a prégar a Fé seguindo

guindo o exêplo daquelles cinco Martyres. pag. 29.

M

G

D. Gonçalo. **M**estre, e Prior do Elprital se achou no cerco de Alcacere. pag. 11.

I

Innocencio III. **M**anda excomungar pelo Arcebispo de Santiago, e o Bispo de Camora a Affonso II. por negar os Castelllos de Môte mór, e Alanquer a suas irmãas que seu pay D. Sancho I. lhe deyxara. pag. 6.

L

Dona Lianor. **F**ilha del Rey D. Henrique de Inglaterra, cazou com Affonso IX. de Castella. p. 2. Que filhos teve daquelle Principe. pag. 2.

Infante Dona Lianor Filha del Rey D. Affonso IX. de Castella cazou com D. James I. Rey de Aragaõ. pag. 2.

Infante Dona Lianor Neta de Affonso II. de Portugal cazou com El Rey de Dacia pag. 2.

Infante Dona Lianor Filha de Affonso II. de Portugal cazou com o filho herdeyro del Rey de Dinamarca. pag. 2.

Martim Affonso Tello **S**obrinho do Infante D. Pedro he morto em Marrocos. pag. 24.

Martim Barreguam Commendador de Palmella se achou no cerco de Alcacere. pag. 11.

Martyres Que padeceraõ em Marrocos como se chamavaõ. pag. 18. Saõ recebidos em Coimbra pela Rainha Dona Orraqua. pag. 19. Foraõ tratados com grande benevolencia em Alanquer pella Infante Dona Sancha irmãa de Affonso II. de Portugal. ibi. Prêgaõ animosamente em Sevilha contra a seyta de Mafamede. pag. 20. Cruéis Martyrios, que padeceraõ. pag. 22. e 23. Saõ degolados por El Rey de Marrocos. pag. 24. Anno, e dia do seu Martyrio. ibi. Saõ queymados os seus corpos, e maravilhas q̄ entaõ succederaõ ibi. Como foraõ trazidos os seus corpos a Coimbra. pag. 25. 26. e 27.

D. Mathêus. Bispo de Lisboa recebe aos Estrangeiros, que vinhaõ em huma Armada que aportou àquella Cidade, e os exhorta à conquista de Alcacere. pag. 9. e 10. Achouse no cerco de Alcacere. pag. 11. Fas huma practica aos soldados Portuguezes, e Estrangeiros q̄ stavaõ no

E campo

campo de Alcacere para q̄ não levantem o sitio, mas que tomem a Praça. pag. 14.

Melgaço He tomado pelos Infantes D. Pedro, e D. Fernando cõ alguma gente de Liaõ em odio de seu irmão D. Affonso II. de Portugal. pag. 6.

Mouros Como se houveraõ esforçadamente no sitio de Alcacere. pag. 12. Governados pelõs Reys de Sevilha, Cordova, Jaen, e Badalhouse vem soccorrer Alcacere. ibi Saõ derrotados, e mortos trinta mil no campo de Alcacere. pag. 16.

O

Orraqua **P** Rincezas varias que tiveraõ este nome. pag. 3.

Dona Orraqua Filha del Rey D. Affonso IX. de Castella, foy cazada com D. Affonso II. de Portugal. pag. 1. Era mais moça q̄ Dona Branca. pag. 3. Recebe em Coimbra aos Martyres de Marrocos, que lhe pronosticaraõ a sua morte. p. 19. Quando morreo. pag. 28. Onde está sepultada. pag. 30.

P

Infante D. Pedro **F** Ilho de Sanchinho I. de Portugal, veyo soccorrer a sua

irmãa Dona Tareja, que estava recolhida no Castello de Monte mór, contra seu irmão D. Affonso II. p. 5. Estando em Marrocos recebe em sua caza aos Santos cinco Religiosos que alli padeceraõ martyrio. pag. 20. He livre de gravissimos perigos por intercessaõ dos mesmos Santos Martyres. p. 26. Alcança licença del Rey de Marrocos para trazer as Reliquias dos mesmos Martyres para Portugal. ibi.

D. Pedro Mestre da Ordem da Cavallaria do Templo se achou no cerco de Alcacere. pag. 11.

Pedro Fernandes de Castro Chamado o Castellaõ he morto em Marrocos. pag. 24.

D. Pedro Nunes Conego, e Sanchristaõ do Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra, Confessor da Rainha Dona Orraqua, teve huma admiravel vidaõ dos Santos Martyres de Marrocos, p. 28.

R

Rey de Marrocos **P** Ela sua propria maõ degolou os cinco Martyres da Ordem de S. Francisco. pag. 23. Castigo que experimentou por esta impia crueldade. pag. 28. Movido das grandes calamidades que padecia o seu Reyno cõcede licença que os Frades Menores levantem Convento em Marrocos. pag. 29.

Reliquias

Reliquias Dos Santos Martyres de Marrocos como foraõ trasidas, e dos milagres que obraraõ pela jornada. pag. 25. e 26. Do modo com que foraõ recebidas em Santa Cruz de Coimbra. p. 27.

S

Infante Dona Sancha **I**Rmãa del-Rey de Portugal D. Affonso II. recebe com grande benevolencia em Alenquer aos Santos Martyres de Marrocos. pag. 19.

D. Sancho I. De Portugal, onde, e quando morreo. pag. 1.

Sytimos Lugar distante huma legoa de Alcacere foy a parte onde se alojaraõ os Reys Mouros que vinhaõ soccorrer o seu Castello. pag. 12.

T

Rainha D. Tareja **C**Om sua irmãa Dona Sancha se recolhem ao Castello

de Monte mór, e se queyxaõ ao Papa Innocencio III. da tyrania com que seu irmão D. Affonso II. lhe negava as terras que lhes deyxara seu pay D. Sancho I. pag. 5. He soccorrida por seus dous irmãos D. Pedro, e D. Fernando em Monte mór contra D. Affonso II. pag. 5. Do modo com que se concertou com seu irmão. pag. 8.

Tregoa Em que anno foy celebrada entre D. Affonso II. e suas irmãas Dona Tareja, e Dona Sancha. pag. 8.

V

Valença do Minho **H**E tomada pelos Infantes D. Pedro, e D. Fernando em odio de seu irmão D. Affonso II. negar as terras a suas irmãas que lhe deyxara seu pay D. Sancho I. pag. 6.

Vitoria Do campo de Alcacere em que dia, e anno se alcançou. pag. 16.

FINIS LAUS DEO,

LISBOA OCCIDENTAL.
Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVII.

Com todas as licenças necessarias.



CORONICA
DELREY
D. SANCHO II.
QUARTO DE PORTUGAL.

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SANCHO II.

QUARTO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL,

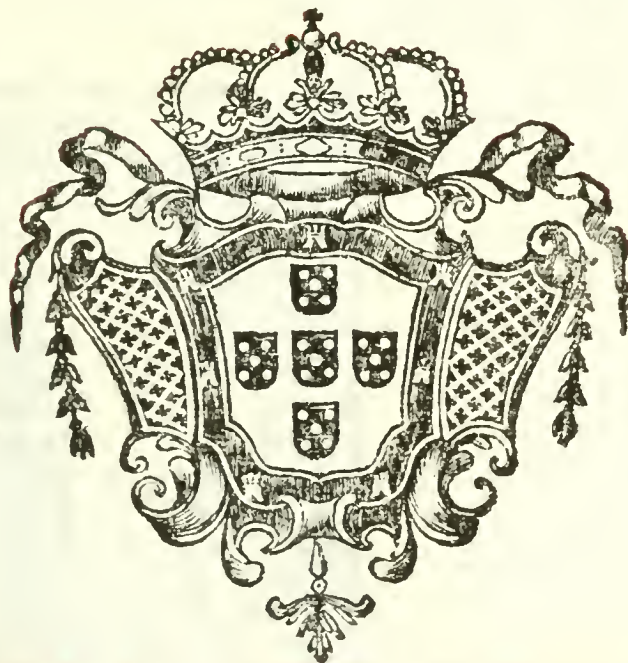
Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR.



LISBOA OCCIDENTAL:

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVIII.

Com todas as licenças necessarias.

GILBERT & SONS

D. S. Z. H. O. II

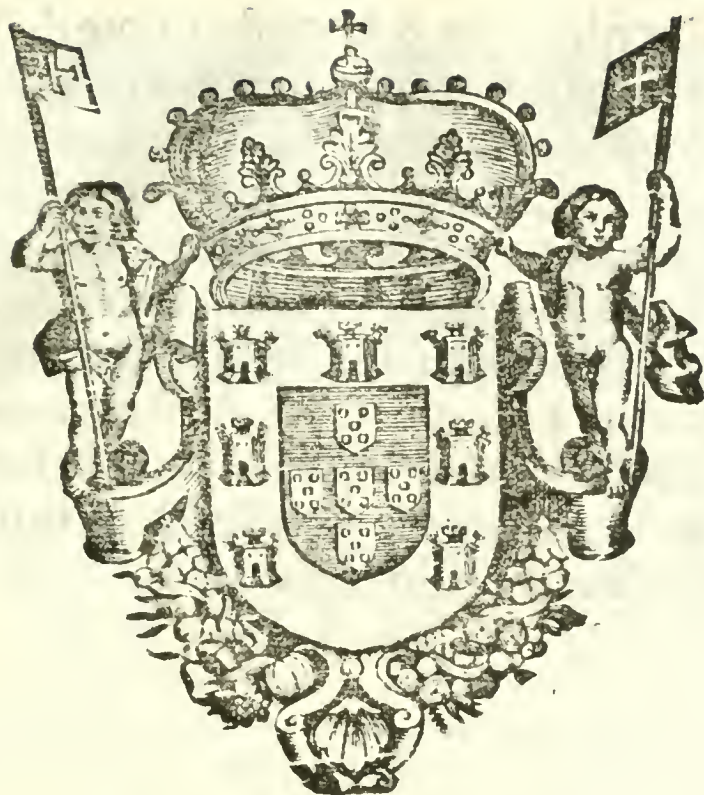
ROYAL WARRANTED
ESTABLISHED 1850
LONDON

D. I. O. A. O. V.



THE GREAT BRITISH
TRADE MARK

REGISTERED



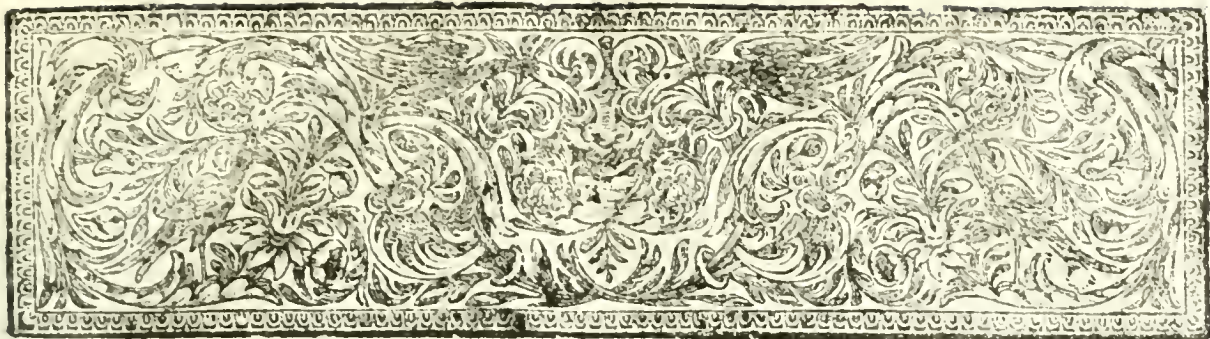
SENHOR.



S desgrças do infelicis-
simo Rey D.Sancho II. deste nome só se podem de algum
modo fazer menos sensiveis vendo-se amparada esta sua
brevif-

brevissima Chronica com o Augusto nome de V. Magestade se entre tantos infortunios quantos foraõ os que tem padecido a posteridade da sua fama, pòde haver algum genero de diminuicaõ, foy a brevidade, com que todos os Historiadores trataraõ as accões da sua vida, porque até parece que enfastia a memoria das infelicidades. Mas como he tanto o esplendor das inimitaveis accões de V. Magestade, bastará a sua protecçaõ Real para que retrocedendo tres seculos encha de gloria aquelle Reynado. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como todos os seus vassallos dezejamos.

MIGUEL LOPES FERREYRA:



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
**D. FRANCISCO XAVIER
DE MENEZES,**

*QUARTO CONDE DA ERICEYRA, DO CONCELHO
de Sua Magestade, Sargento mór de Batalha dos seus Exercitos, Deputado da
Junta dos Tres Estados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeyra, e Senhor da
de Anciaõ, oytavo Senhor da Caza do Louriçal, Cõmendador das Com-
mendas de Santa Christina de Sarzedello, de S. Cipriano de Anguey-
ra, S. Martinho de Frazão, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de
Elvas, e de S. Bertholameu de Covilhã todas na Ordem de
Christo. Academico da Academia Real da Historia Por-
tuguezã, e hum dos cinco Censores della &c.*



Benignidade com que V. Excellencia desculpou a minha
confiança quando procurey o seu amparo para offerecer a Sua Magestade a
Chronica delRey D. Affonso III. me anima agora a buscar segunda vez a V.
Excellencia, para que me faça a merce de pôr aos pés delRey N. Senhor esta

**

Chro.

Chronica de D. Sancho II. de Portugal. Na Pessoa de V. Excellencia concorrem todas as circumstancias, que são necessarias para este beneficio, porque V. Excellencia he dotado de huma condiçãõ tão propensa para os estudiosos, que a immensa copia de livros, que com singular eleiçãõ tem juntos, mais são dos que delles se querem servir, que de V. Excellencia mesmo. He verdade que esta generosidade tem o seu principio na estupenda memoria de que V. Excellencia he dotado, pois basta ler hum livro, para lhe escuzar outra vez a liçãõ, mas tambem nasce da particular satisfaçãõ, que V. Excellencia tem de que todos sejaõ imitadores dos seus estudos. A ninguem melhor do que a V. Excellencia se devia dedicar esta Chronica, porque só V. Excellencia tem meynos na sua grande capacidade para defender algumas materias, que nella se trataõ, porque he certo que nem tudo foy concedido a todos, mas na pessoa de V. Excellencia se acha tudo o que dividido fez grandes a outros. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.

Criado de V. Excellencia.

MIGUEL LOPES FERREYRA.

PRO;



PROLOGO.



QUI tens Amigo Leitor a brevissima Chronica do desgraçado Rey de Portugal D. Sancho II. deste nome. Foy este Principe na vida, e na morte o exemplo de toda a infelicidade humana, para que depois pelos inscrutaveis juizos de Deos tivesse o premio de tantos infortunios na eternidade da Bemaventurança.

Na vida foy como dizem, taõ sojeyto aos validos, que não teve acção, que se pudesse chamar sua, e na morte, foy taõ infeliz, que a não teve na Patria. Tudo o que escreveraõ os Authores, foy duvidoso, porque huns o fazem cazado, e outros lhe negaõ o cazamento; huns o fazem pusillanime, e outros valeroso. Seguirãõ as penas dos Chronistas a inconstancia da sua fortuna, tudo deixaraõ em questões, porque o seu descuido lhes não deixou averiguar a certeza do que escreviaõ. O Doutor Fr. Antonio Brandaõ na Quarta parte da Monarchia Lusitana desaggrava em muitas acções a este Principe das injurias dos seus Chronistas, mostrando, que fora valeroso, e que conquistara muitas Praças aos Mouros, como o dizem as doações, que fez dellas às Ordens Militares. Sem duvida que a administração do governo, que deraõ os povos a seu irmão D. Affonso Conde de Bolonha em França, foy a cauza do muito que tem padecido a Real opiniaõ deste Principe, porque não ha quem senaõ atreva a hum desgraçado, ainda que lhe anime as veas hum sangue soberano. As parcialidades que naquelle tempo havia de introduzir necessariamente na Corte a politica, deviaõ de ser o fundamento desta variedade, porque huns para justificarem a acção, o deviaõ de condenar, e outros que feriaõ os menos, o haviaõ de desculpar. Venceo com o tempo, a felicidade de seu irmão D. Affonso, e arrastrada da lizonja gemeo a memoria de D. Sancho. O que escreveraõ os antigos, he o que agora teydo a ler nesta brevissima Chronica. Se quizeres ver resgatada de tanto descuido a fama deste piissimo Rey, vé o Mestre Brandaõ, que em tudo mostrou a sua diligencia.

Vale.



LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI a Chronica de ElRey D. Sancho o II. aquem os nossos Authores antigos chamaõ o *Capelo*, que tambem anda em nome do Chronista Ruy de Pina, como já disse na censura, que fiz na de ElRey D. Affonso II. seu pay, e não contem couza alguma para que V. Eminencia não conceda a licença que se pede para a imprimirem, este he o meu parecer. Lisboa Occidental 8. de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, Religioso da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente jubilado na sagrada Theologia Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

A Chronica de ElRey Dom Sancho o II. a quem os Authores antigos chamaõ o *Capelo*, pelos vestidos honestos, de que sempre uzou, mais de feiçãõ de Religioso, que de Rey, não tem couza, que se oponha aos dogmas da nossa Santa Fè, ou bons costumes. Este Rey não teve exercicio de reynar todo o tempo de sua vida, porque pelos seus erros foy posto por Regedor no Reyno seu irmão o Infante D. Affonso Conde de Bolonha, e errou o dito Rey D. Sancho se cuidou que havia de reger sempre: *Errat, si quis existimat tutum diu esse Regem.* Diz Seneca *In sui Proverbis in fine positus lit. E.* Mas se lhe tiraraõ o Reyno, ou a regencia d'elle pelos seus erros, e culpas, não lhe podiaõ tirar o Reynar em o Ceo, morrendo (como dizem, morreo) com sinaes de bom Christaõ, e Catholico Rey, e cheyo de virtudes. Pelo que merece a licença que pede

pede o Chronista para se imprimir. V. Eminencia fará o que for servido. Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa Occidental 21. de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

Vistas as informações, pode-se imprimir a Chronica de El Rey D. Sancho II. e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 22. de Março de 1726.

Rocha. Fr. Lancaestre. Teyxeira. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Joaõ Baptista Troyano Religioso da Ordem de N. Senhora do Monte do Carmo, Mestre na Sagrada Theologia, Consultor do Santo Officio, Definidor perpetuo, e Provincial absoluto, Secretario que foy da Provincia, e Prior do Convento do Carmo de Lisboa Occidental, &c.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Illustrissima Reverendissima li a Chronica del Rey D. Sancho II. no Nome, e quarto dos Reys de Portugal, vulgarmente chamado *Capelo*, na fórma que a deyxou escrita Ruy de Pina Chronista mór do Reyno, e como nella senão encontre couza que se oponha aos dogmas da nossa Santa Fé Catholica, ou bons costumes, julgo se lhe póde conceder a licença, que se pede, salvo, &c. Carmo de Lisboa Occidental 4. de Outubro de 1726.

Fr. Joaõ Baptista Troyano Prior do Carmo.

Pode-se imprimir vistas as informações, a Chronica del Rey D. Sancho II. e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 1. de Junho de 1728.

Gouvea.

DO PACO.

Approvaçãõ do Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, do Cõcelho de S. Magestade, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e hũ dos cinco Censores della, &c.

SENHOR.

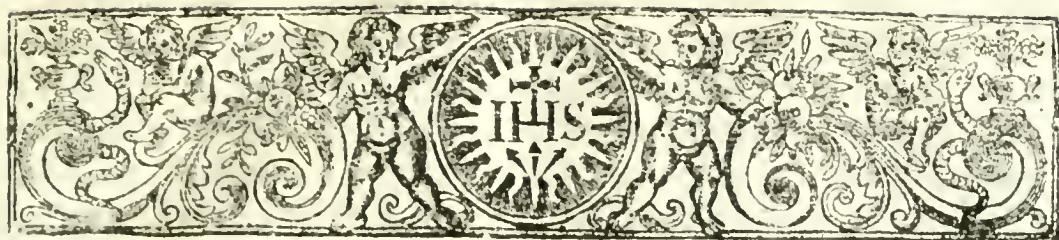
NA censura que fiz por ordem de V. Magestade à Chronica del Rey D. Sebastião, ponderey largamente o juizo, que fazia da utilidade que

que relultava à Historia de Portugal, de que se publicassem as memorias mais antigas, que se conservavao manuscritas na Torre do Tombo, e em muitas livrarias, ainda que tivessem alguns defeitos, que nalceraõ da sincera credulidade dos seus Authores, outros da corrupçaõ das copias, e muitos que os modernos suppoem, que foraõ erros, e que pôde ser sejaõ verdades, e que prevaleça a antiguidade de alguns seculos, que fas os Authores melhor instruidos da tradiçaõ sucessiva, e entaõ mais vezinha ao tempo dos successos; à critica que fundada em documentos, e conjecturas, nem sempre delcobre as dezejadas demonstraçoẽs. A Chronica del Rey D. Sancho II. sendo muito breve, merece mayor exame, que as outras, porque era preciso ao seu escritor defender o que fez todo o Reyno para autorizar a depoliçaõ daquelle Principe mais infelice, que culpado, e quanto mais razões buscou este escritor para culpar o seu Rey, tanto mais seguiu a primeira errada maxima, continuada por muitos Historiadores, que se convencem a si mesmos com a força ds razaõ, celebrando a fidelidade dos dous valerosos defenflores de Coimbra, e Cerolico. Tambem se buscaraõ outros principios, que as Monarchias independentes, como he a de Portugal, naõ admitem, nem acho inconveniente em que se imprimaõ as Historias do que o mundo fazia, e hoje naõ observa, porque assim conhecemos o genio dos seculos passados, e a parcialidade dos nossos Chronistas; sendo poucos em todas as naçoẽs, os que se livraõ deste perigo, e naõ sendo o mesmo permetir V. Magestade a licença que se pede para sahirem a luz os livros antigos, que aprovar tudo o que elles dizem, e copiáraõ os outros, que o seguirãõ, e assim entendo que com esta censura que deve imprimirse nas mais Edições desta Chronica, se dé a faculdade que pertende o seu curioso Collector, desta, e de todas as Historias antigas de Portugal. Lisboa Occidental 7. de Junho de 1728.

CONDE DA ERICEIRA.

Que se possa imprimir, visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Meza, para se conferir, e taxar, e sem isso naõ correrá, com declaraçãõ, que no mesmo livro se imprima esta censura do Conde da Ericceyra. Lisboa Occidental 8. de Junho de 1728.

Marquez P. Pereira. Oliveira. Teixeira. Bonicho.



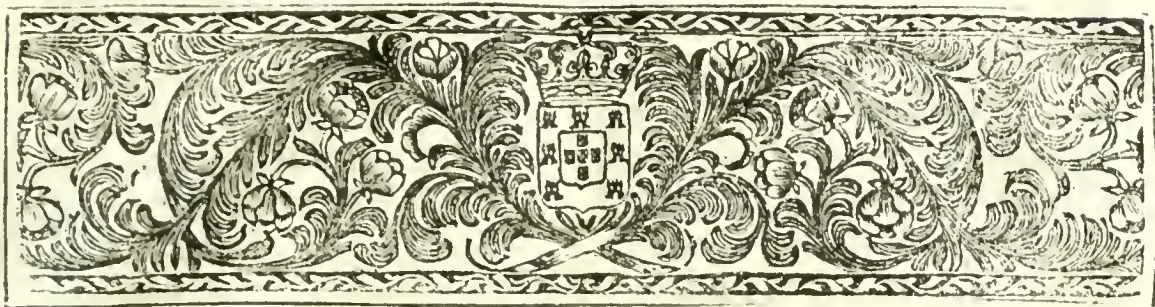
INDEX

DOS CAPITULOS DESTE LIVRO.

- C**AP. I. Como ho Ifante Dom Sancho Capelo foy a-
vantado por Rey, e das con-
dições fracas, que teve, e
como cazou, e nom como ha sua
honra, e Estado Real compria, e
se devia. pag. 1.
- C**AP. II. Do que ho Papa ha re-
querimento dos Prelados, e povo
de Portugal escreveo, e requireo
ha El Rey Dom Sancho por sua
Bulla. pag. 3.
- C**AP. III. Como El Rey Dom San-
cho por amoestações do Papa se
nom quiz apartar de Dona Me-
cia Lopes por sua molher, e como
lhe foy tomada. pag. 4.
- C**AP. IV. Do Concilio, que ho Pa-
pa Innocencio IV. fez em Liam
de França onde hos Prelados, e
hos Senhores de Portugal se foraõ
querelar del Rey Dom Sancho, e
lhe pediram novo Regedor pera
ho Regno, que por mingoa de jus-
tiça se perdia, e lhe outorgou ho
Ifante Dom Affonso Conde de
Bolonha irmão do dito Rey Dom
Sancho. pag. 5.
- C**AP. V. Como ho Conde de Bolo-
nha depois de aseytar ha gover-
nança de Portugal fez sobresso
juramento com algũuas condições
decraradas. pag. 7.
- C**AP. VI. Das Bullas, e Provi-
zões do Papa, que ho Conde trou-
xe ha Portugal pera hos do Regno
sobre sua governança, e asy ou-
tra Bulla, que sobre ho mesmo ca-
zo envion abos Frades de Saõ
Francisco. pag. 9.
- C**AP. VII. De como ho Conde de
Bolonha chegou ha Portugal, e
com elle huõ Delegado do Papa,
e das notificações, que logo fizeraõ
ha El Rey Dom Sancho. pag. 9.
- C**AP. VIII. Como El Rey Dom
Sancho maal aconselhado se foy
com hos de sua valia pedir socor-
ro ha Castella, e como veyo em
sua ajuda ho Ifante Dom Affon-
so de Molina, com outros gran-
des, e gentes de Castella. pag. 10.
- C**AP. IX. Como pelas diligencias
do Cõde de Bolonha, El Rey Dom
Sancho se tornou ha Castella, e do
que se passou no caminho com hos

- Cavalleyros de Trãcozo. pag. 12.
CAP. X. Como ho Conde cercou em Celorico da Beyra ha Dom Fernað Rodrigues Pacheco, que lhe nom quiz obedecer, e como por cauza de huã truita se alevantou ho cerco. pag. 15.
CAP. XI. Como ho Conde foy cercar ho Castello de Coimbra, que tinha Martim de Freytas por El Rey Dom Sancho, e das afrontas, que passou no cerco. pag. 16.

- CAP. XII.** Como pola morte del Rey Dom Sancho, Dom Martim de Freytas entregou ho Castello de Coimbra, e das diligencias, e exames que primeyro fez por limpeza de sua rigurosa lealdade. pag. 18.
CAP. XIII. Da morte del Rey Dom Sancho, e onde jaaz, e de alguãas couzas, que se em seu tempo passaram. pag. 20.



CORONICA
DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE
D. SANCHO II.
QUARTO REY DE PORTUGAL
ha que vulgarmente chamavaó ho Capelo.

CAPITULO I.

Como ho Ifante D. Sancho Capelo, foy alevantado por Rey, e das condiçoens fracas, que teve, e como cazou, e nom como ha sua honra, e estado Real compria, e se devia.



REY Dom Afonso deste nome ho segundo, e dos Rex de Portugal ho terceyro, faleceo na era de mil

idade de dezaseis annos, e ha cauza porque este sobrenome de Capelo lhe fosse posto, has lembranças antigas Delpanha, e de Portugal, que delle salam, e assi ho nomeam, nom ho declaram, soamente que lhe devia ser posto por sua maneyra de vestidos honestos, que sempre trouxe, mais de feyçam de Religioso, que de Rey, nem Cavaleyro, porque foy Principe, que do começo de sua vida até que acabou em servir mais ha Deos, que àaver respeyto às couzas, e pom-

1223.

duzentos e vinte e tres, como em sua Coronica hee declarado, e por seu falecimento foy logo alevantado, e obedecido por Rey ho Ifante Dom Sancho, seu filho mayor legitimo, e erdeyro, aque diceram Capelo, deste nome ho segundo, e dos Rex de Portugal ho quarto, em

pas do mundo, em cujo coraçam nom ouve ha verdadeyra fortaleza que pera Rey era muy necessaria, mas ouve nelle sua pura simpreza, com que dezejou que seus Regnos, e Vassallos fossem regidos por ley de natureza, e por regras, e conselhos de booa condiçam, sem outra prema, nem contradiçam de Lex, nẽ de alguũ direyto positivo, e por esto na execuçaõ nas coulas da justiça era muito brando, e has nom provia, nem ponia, com aquelle rigor, e escarmiento, que has culpas, e crimes de homens requeriam, e por esta sua naturaal, e fraca incrinaçaõ, e juntamẽte com hos maaos, e desassolutos Conselheyros, que de moço loguo ho recolheram, e porque nom devidamente se regia ho Regno de Portugal, e todos los naturaes delle em todas las couzas, assi elpirituaaes, como temporaes, durando ho seu Regnado padeceram muitas perdas, e danos incomportaveis, que depois com quebra de seu nome, e pera provizam de seu Estado se remediaram, como aho diante se diraa.

E aho tempo que este Rey Dom Sancho começou de Regnar em Portugal, governava hos Regnos de Castella, e de Liam sua tia, ha Rainha Dona Biringela, molher que foy del Rey Dom Affonso de Liam, com El Rey Dom Fernando seu filho, aquaal era tia deste Rey Dom Sancho, irmãa da Rainha Dona Orraqua sua madre, e porque ha Rainha Dona Biringela, ha

que este Rey Dom Sancho ficou encomendado, era Princeza de muy singulares virtudes, e Reaaes perfeições, e muyta prudencia, doendose da guovernança de Portugal, e de huã evidente sua perdiçam, ha que decrinava, ella muitas vezes enviou a conselhar ha seu sobrinho assi beem, e verdadeiramente como ha elle, e aho Regno compria, e principaalmente pera fundamento de sua mayor liança de ho querer cazar, como seu Estado, e dinidade Real requeriaõ. Aho q̃ El Rey D. Sancho por maaos conselhos dalguũs seus nom fiais, e danados Cõselheyros nunca obedeeo, antes por induzimento delles sem dispenaçam, e muito contra sua honra, e com grande escandalo, e nojo dos do Regno, cazou com Dona Mecia Lopes, Dona fermosa, e viuva, filha de Dom Lopo, senhor de Biscaya, que era parenta sua dentro no quarto graao, aquaal fora jaa cazada, com Dom Alvaro Pires de Castro, filho de Dom Pedro Fernandes de Castro, ho Castellam, e posto que El Rey Dom Sancho pelos Prelados, e poovos, Senhores, e pessoas de titulo de seu Regno muitas vezes fosse requerido, amoestado, e aconselhado, que se apartasse desta molher, e recebesse outra quaal, aa sua honra, e conciencia convinha, elle, ou por afeyçam nom quiz, ou por feitiços, de que diziam que era ligado, ho nom pode nunca fazer, nem consentir, porque naquelle tempo seguundo

guundo has couzas passavam, muy clara, e geralmente se dizia, que El Rey andava em poder della enfeytiçado, e ceguo do juizo sem se poder apartar, e que ajudavam muito ho maao conselho, daquelles, que sostinham ha parte da Rainha Dona Mecia, por cujo favor em que ha esse tempo havia ho poder, e authoridade com grande desoluçam elles tomavam, e destroyam do Regno todolo que queriam, e assi ho faziam, outros muitos grandes, e pequenos por seu exemplo, hos quaaes maales El Rey por fraqueza de coraçam nom castigava, nem tornava ha elles com aquella severidade, e rigor, que se devia, e assi teve El Rey D. Sancho esta molhar algum tempo sem della aver alguãa geraçam, nom cessando no Regno estes insultos, e desoluções, antes crescendo cada vez mais.

CAPITULO II.

Do que ho Papa ha requerimento dos Prelados, e povo de Portugal escreveo, e requereo ha El Rey Dom Sancho por sua Bulla.

PElo quaal hos Prelados, e povo de Portugal concirando ha fealdade destas couzas, que era em grande ofença de Deos, e cançasso, e destroyçam da terra, e vendo que ha continua, e perseverada apre-

zentaçõ de suas querelas ante El Rey nom aproveytavaõ, todos em huãa concordia se enviaram querelar aho Papa Honorio III. na Igreja de Deos ha esse tempo Prezidente, que como boom, e Sancto Pastor, por aconselhar ha El Rey, e por verdadeyramente aho Regno, sabendo todas as couzas sobreditas, q̃ cõ verdadeyra relaçam lhe foram senificadas, enviou ha El Rey seu Breve, em q̃ lhe vieraõ suas sanctas, e devidas amoestações, e nelle limitado tempo, em que inteyramente emendasse hos erros de sua pessoa, e satisfizesse ahos danos feytos por sua negligencia, em todo ho Regno, e passado ho tempo, que para ha emenda destas couzas lhe era assinado, sendo ho Papa certificado, que em nada se satisfazia, enviou ha elle de Roma por Delegado ho Bispo Sabenõse, ho quaal pela dureza, e pouca obediencia que nelle, e nos seus Conselheyros achou, poz condicionalmente em suas pessoas sentença de Excomunham, e de antredito, e em todo ho Regno sem outro devido, e preceptorio termo, que lhe assinou, se se nom emendasse, e satisfizesse. Das quaaes sentenças ficou por mero executor, por mandado especial do Papa, ho Arcebispo de Braga, q̃ por se nom satisfazer ahos maales, tomadias, e roubos, q̃ eram feitos especialmẽte aas Igrejas, nem se leyxavam de fazer tantos, ho tornou ha notificar aho Padre Sãcto, que por uzar de mais clemencia,

e piedade com ElRey Dom Sãcho, e lhe afastar todas as couzas de sua essencia, e lhe escreveu outra carta na entrada da quaal lhe tirou aquella solennidade de amor, e bençam Apostolica, que em outras escrevia a hos outros Rex sempre costumada de escrever, ca lhe nom poz Carissimo em Christo filho, nem dice nella: *Salutem & Apostolicam benedictionem.*

Com ha Bulla, que ha ElRey Dom Sancho em sua pessoa, e em muitas partes de seu Regno, foy publicada, elle foy muito anojado, e vendole apertado de muitas necessidades, que nesta necessidade concorriam, aconselhado dos seus que ho seguiam, dice que em todo queria, e prometia de obedecer aho Papa, e satisfazer inteiramente a hos mandamentos da Sée Apostolica, e que elle logo emendaria, e faria a hos seus emendar todos os danos, e perdas que eram feytos, e nom consentiria, que dahi em diante em seu Regno por elle, nem pelos seus, lhe fizessem outros alguus, assi por suas cartas patentes, ho legurou, e prometeo particularmente aho Papa, pelo quaal ha esta cautella, e com condiçam de todo cumprir ha certo tempo, foram todos absoltos da excommunham, e levantado ho antredito do Regno.

CAPITULO III:

Como ElRey Dom Sancho por amoestaçoens do Papa se nom quiz apartar de Dona Mecia Lopes sua molher, e como lhe foy tomada.

MAs como ElRey Dom Sancho da excommunham, e antredito se vio livre, e afroxado, e hos Delegados do Papa partidos do Regno, elle, e hos seus por maaos conselho, e induzimento de maaos homens, que comsigo trazia, nom leyxaram de proseguir, e uzar de todos os erros, e maalles, que dantes faziam, e esto durou por muitos annos, ca foy no tempo do dito Papa Honorio, e depois em vida do Papa Gregorio IX. que ha requerimento, e sopricaçam dos Prelados, e poovo de Portugal, lhe enviava continuas amoestaçoens, e sanctos conselhos, ha que nunca quiz inteiramente obedecer, quazi de sua booa, e fraca condiçam, era fazelo logo, ha Rainha Dona Mecia sua molher, e aquelles que seguiam sua vontade ho desviavam de seu boom proposito, espicialmente em ha nom querer, nem poder leyxar por molher, sobre que muitas vezes, foy pelo Papa aconselhado, e amoestado, e excommungado, por quanto ella era filha, do Conde Dom Lopo de Biscaya, como jaa dice, e era muito conjunto aho Real sangue

gue dos Rex Despanha, de que El Rey Dom Sancho descendia, e porèm nunca por direyto, nem por sua vontade ha quiz de si apartar, ca por quaalquer maneyra que fosse, elle lhe era muito afeyçoado, e porèm achasse, que neste tempo, tendo-a El Rey consigo em Coimbra, huum Reymam Viegas de Porto-carreyro, cõ gentes de Dom Martim Gil de Soveroza, naturaaes de Portugal, e Vassallos del Rey Dom Sancho, da frontaria de Galiza, donde eram, com muitas gentes, que consigo trouxeram, tomaraõ ha dita Dona Mecia, e ha levãraõ aho Castello Dourem, que ella tinha del Rey por Arras de seu casamento, sobre ho quaal El Rey logo foy armado, e com ha gente que pode requerendolhes, que lhe entregassem sua molher, e elles ho nom quizeram fazer, antes rezistiram ha El Rey com armas, e forças, com que se tornou, e elles ha levaram ha Galiza, mas ho que della se depois fez, ou com que fundamento, e cauza certa foy assi tomada, e levada, eu ho nom achei, nem soube, e porèm atee ho tempo, que ho Papa Innocencio IV. foy Presidente na Igreja de Roma, nunca por El Rey Dom Sancho nos maales, e danos passados, se fez alguma emenda, nem deu satisfaçam, nem menos avia rigor de justiça, por cujo temor elles se leixassem de fazer.

CAPITULO IV.

*Do Concilio, que ho Papa Innocencio IV. fez em Liam de França, onde hos Prelados, e hos Senhores de Portugal, se foraõ que-
relar del Rey Dom Sancho, e lhe pediram novo Regedor para ho Regno, que por mingoa da justiça se perdia, e lhe outorgou
ho Ifante Dom Affonso,
Conde de Belonha, ir-
maaõ do dito Rey
Dom Sancho.*

Sobre ho qual seendo El Rey por muitos, e muitas vezes aconselhado do requerido, e pedido, que se emendasse, e castigasse hos malfeytores, elle nom ho querendo, ou nom podendo fazer hos Prelados, e poovo se euviaram outra vez aggravar aho Papa Innocencio IV. e pedirlhe remedio, ho quaal por algumas vezes escreveo ha El Rey cartas de muy sanctos conselhos, e devidas amoestações, e assi outras aho Bispo de Coimbra, que em seu nome, e da sua parte ho aconselhasse pera se privar dos erros, e maales, que consentia, e ho esforçasse pera castigo, e emenda daquelles, q hos cometiam, encomendando aho dito Bispo, que de todo ho que em El Rey sobre esso achasse, e deste cazo

lhe pareceſſe, lho fizeſſe ſaber, por ſuas cartas, haſ quaaes enviaria aho Concilio, que ſe avia entam de fazer, como fez em Liam Solanova em França, para que foram convocados hos Rex, e Principes Chriſtãos, e aſſi muitos Prelados, no quaal Cócilio ſe acordaaram muitas, e muy ſanctas couzas por beem da univerſal Igreja, ante haſ quaaes El Rey S. Luis, por mortaal doença de huũ fernezim, de que eſcapou, tornando ha ſeu entendimento, fez nelle voto de hir, como foy em peſſoa, por ſe recobrar ha Caza Santa, e à conquista de ultra maar, e levou em peſſoa comſigo ha Rainha Dona Margarida ſua molher, filha do Conde de Proença, e deſta ida tomou por cerco ha Cidade Damiatã no Egipto, que era de inimigos, mas logo pelo grande poder do Soldam, El Rey, e dous ſeus irmaãos, que com elle paſſaaram, ha ſaber, Dom Affonſo, e Dom Carlos em huũa batalha foram tambeem cativos, e reſgatados pela meſma Cidade de Damiatã, e das muitas gentes de ſeu exercito, muitos foram mortos, e hos ourros prezos, e cativos.

E retornando El Rey S. Luis ha França cõ eſperança de vingar ho maal paſſado, logo cõ outro grãde exercito, que refez, tornou ha hir ſobre ha Cidade de Tunes, com propozito de fazer ho Rey della Chriſtaam, como lhe enviara prometer, e de conquistar por hi ha teerra dos Inſeis, aho longo do

maar atee Alexandria pera dahi poder cobrar ha Teerra Sancta cõ menos trabalhos das peſſoas, e deſiculdades, e eſtando neste cerco, e teendo comſigo tres filhos, ha ſaber Felippe Johane, e Pedro, elle faleceo de fruxo, e ho dito ſeu filho Dom Joham de peſte, e por eſtes merecimentos, e por outras muitas virtudes eſte Rey Luis, foy pelo Papa Bonifacio Canonizado, e era primo cõ irmaam deſte Rey Dom Sancho, filhos de duas irmaãs.

E volvédo aho prepoſito de ſua Iſtoria, El Rey Dom Sancho com todolos conſelhos, e amoeſtações de amor, e de rigor pelos Papas, e pelos de ſeu Regno muitas vezes lhe foraõ feytos, nunca por ſua natural fraqueza ſe quiz, ou nem ſe pode emendar, nem dar ordem como ſe hos malfeytores emêdaſſem, e caſtigalſem, e privafſem dos maleficios, que cometiam, pelo quaal hos Prelados, e mais principaaes do Regno cõ todo ho poovo, por remediarem ſua totaal perdiçam em que ſe viam, acordaram de enviar pedir no dito Conſilio aho ſobre dito Papa Innocencio IV. que lhes deſſe auto, e pertencente Regedor pera ho Regno, pera ho quaal foraõ eleytos pera Embayxadores, e Procuradores Dom Joham Arcebiſpo de Braga, que em todo ho Regnado del Rey Dom Sancho tinha muitas perſeguições, e perdas padecidas, e Dom Tiburço Biſpo de Coimbra, e Ruy Gomes de Briteyros, e Gomes Viegas, nobres

bres Cavaleiros, e pessoas de muita authoridade no Regno, hos quaes chegando aho Consilio, preposeram ante ho Papa, todas as querelas do Regno passadas, e ha desesperaçã, que avia pera se nunca emendarem antes aho despois se fazerem peor, pera cuja prova prezentaram aprovadas cartas, e verdadeyras inquirições, que pera eslo levavam, e ho Papa, que claramente gostou da verdade depois de sobre eslo aver sua deliberaçã lhes respondeo, q̄ elles escolhessem, e tomassem por Regedor do Regno de Portugal, quem quizessem, e entendessem, que ho faria beem, com tanto que fosse natural do Regno.

E porq̄ hos ditos Prelados, e Cavalleyros, tinhaõ já sobre este cazo assaas deliberado, e consultado depois de lhe beijarem por eslo seus sacros pees, lhes diceraõ, q̄ ha pessoa natural, que pera taal cargo achavam era ho Infante Dom Affonso, Conde de Bolonha, irmaaõ do mesmo Rey D. Sancho, e que este lhe pediam por mercee, que desse por Regedor, ca ho Papa approve, e lho outorgou. Sobre ho quaal mandou logo chamar ho dito Infante Conde, que era em Bolonha de França, nom longe do Papa, que era na dita Cidade de Liam, aho quaal Sua Santidade fez larga relação das couzas de Portugal, que até aquelle tempo eram passadas, e com eslo has necessidades, que hy avia pera com paz, e justiça se remedarem, e lhe encomendou, e

mandou que asseytasse ho Regimẽto defençã, e governaçã do dito Regno, e fizesse como se delle confiava, e ho Conde sem contradicã, nem escuza consentio no dito cargo, e ho asseytou, e esto foy em Liam ha seis dias de Setembro de mil duzentos quarenta, e cinco annos.

1245.

CAPITULO V.

Como ho Conde de Bolonha, depois de asseytar ha governança de Portugal, fez sobre eslo juramento com alguãas condiçens declaradas.

Tanto que ho Conde pelo Papa foy dado por Regedor de Portugal, elle, e hos ditos Prelados, e Cavalleyros do Regno, por acordo, que sobre eslo antes se tomou se vieram todos aa Cidade de Pariz, onde dentro nas cazas do Mestre Perochel da Cidade, tendo elle presente, e Mestre Joham, Capelam do Papa Adaiam da Igreja da Carnota, e Soeyro Soares Chãçarel, e Estevam Annes Cavalleyro do Conde, e assi sendo presentes hos ditos Arcebispos, e Bispo, e Cavalleyros, e outras muitas pessoas Religiozas do Regno de Portugal, ho dito Conde em presença de todos, e tendo has maõs sobre huũ livro dos Sanctos Evangelhos, fez solenne juramento nesta fôrma.

Eu Dom Affonso, Conde de Bolonha

lonha, filho Del Rey Dom Affonso de crara memoria, Rey que foy de Portugal, prometo, e juro sobre estes Sanctos Evangelhos de Deos, que por qualquer titulo, que eu aja ho Regno de Portugal, eu guarde, e faça guardar ahos Concelhos, e todo ho poovo, e Religiosos, e Clerezia de todo ho Regno, todolos boons costumes, e foros escritos, e nom escritos, hos quaaes ouveram, e tiveram com meu avoo, e com meu visavoo, e que tire todos hos maos costumes, e abuzões, que vieraõ por alguñas necessidades, ou que pozeram alguñas pessoas em tempo de meu padre, e de meu irmaõ, especiaalmente, que nom leyxe, nem consint. a nenhuũ maaõ costume, que ha no Regno, dese com mular ha Justiça que ha de morte de huũ homem em pena de dinheyro, e que eu faça, que hos Juizes, onde quer que hos ouver de poer, sejam justos, e scem cobiça, e amadores de fazer justiça, e direyto seem medo de nenhuuma pessoa, e esto ha quanto eu puder, e entender seguundo me Deos ajudar, e que sejam feytos por eleição dos mesmos poovos, que elles ouverem de reger, e nom por aseyçam, nem rogo, nem pera opremir, e despeytar ho poovo, que ham de julgar em justiça, e em direyto, e que este juramento me faram hos Juizes quando receberem hos officios.

Item, que eu tire Inquiriçam por mi, ou por outrem se taaes Juizes cumprem ho que juraram, e hos que naõ fizerem ho que devem que lhes mande dar taal pena, que ha elles

seja escarmento, e ha outros castigo.

Item, que aquelles, que forçarem quaaesquer molheres, ou matarem Clerigo, ou Frade, ou quaalquer outra pessoa, que eu faça delles taaes justizas, que ha sua pena castigue hos outros.

Item, que defenda, e mantenha em seu estado quanto eu puder has Igrejas, e Moesteyros, e Lugares Religiosos fazēdolhes entregar quaalquer couza, que lhe foy tomada, e que quaaesquer maales, e seem razoens, que alguũs sejam em posse de fazer dez ho tempo de meu irmaõ atee agora que nom lhe valha aleguança de tempo perlongado.

Item, que eu faça emendar seguundo meu poder, com conselho dos Prelados, e dos do Regno todolos maales, que atee qui foram feytos em elle, e reformarey paaz quanto poder nom leyxando sem pena taaes couzas passar nem has consentindo fazer no dito Regno.

Item, que seguundo me Deos ministrar, e eu puder, que beem, e lealmente reja, e aministre ho dito Regno de Portugal desque em elle for, e faça especiaalmente fazer justiça, dando ha cada huũ seguundo seu merecimento nom asseytando pessoas pobres, nem ricas.

Item, que reja todo boom estado da teerra, e proveyto do dito Regno com conselho dos Prelados, e poovos delle, e scer sempre obediente, e devoto aa Igreja de Roma minha madre, e assi como fiel, e Catholico, e como todo Principe Christeam deve scer, e que

que guardarey estas couzas sobreditas segundo meu poder, e me Deos mostrar.

E depois que ho dito Conde jurou estas couzas, e outras mais ha estas conformes, todolos, que eram presentes affinaram ho juramento, e deffo passaram escrituras publicas, que hos Prelados trouxeram ha Portugal.

CAPITULO VI.

Das Bullas, e Provizões do Papa, que ho Conde trouxe ha Portugal pera hos do Regno sobre sua governança, e assi outra Bulla, que sobre ho mesmo caso enviou aos Frades de S. Francisco.

Como ho Conde fez este juramento, procurou logo de aviar has couzas mais necessarias pera ha sua vinda, e aalem de sua fazenda lhe compria ha honra de sua pessoa, e serviço, e repayro de sua caza, e familia.

A traducão destas Bullas andaõ muito viciadas nas copias desta Chronica, e se achaõ em outros livros, e por esta, e outras causas se não imprimem neste Capitulo.

CAPITULO VII.

De como ho Conde de Bolonha chegou ha Portugal, e com elle huõ Delegado do Papa, e das notificações, que logo fizeram ha El Rey Dom Sancho.

Despedidas has Bullas do Papa, e aparelhadas has couzas, que aho Conde pera seu caninho mais compriaõ, se despedio da Condessa de Bolonha sua molher, q̄ avia nome Dona Matildes, ha quaal fora jaa outra vez cazada, e era da linhagem dos Rex de França, e molher, em que avia singulares boondades, e vertudes, e tinha muitas terras, e grande fazenda, e da hy com hos Prelados, e Cavalleyros Portuguezes, que ho foram requerer, se veyo ha este Regno, e com elle enviou mais ho Papa por seu Delegado pera estas couzas de Portugal Frey Desiderio, pessoa, em que avia doutrina, e finaaes de boom Religioso, pera que em nome do Papa, e da sua parte requeresse, que entregassem aho Conde hos Castellos do Regno, nos quaaes pozeffe Alcaydes, e has Villas, e terras, em que fizesse Juizes com que ho Regno se mantivesse em paaz, e justiça, e por taal, q̄ nas Fortalezas principaalmente se nomi acolhessem hos maal feytores, e que

nas pessoas, que em todo lhe nom obedecessem, pozesse sentença de excommunham, e como chegaram aho Estremo de Portugal, ho Conde por suas cartas noteficou logo sua vinda ha todolo Regno, dizendo em seu titulo: *Dom Affonso, filho do muito nobre Rey Dom Affonso por graça de Deos, Conde de Bolonha, e Procurador, e defensor do Regno de Portugal.* E assi noteficou ha ElRey Dom Sancho seu irmão, como ha requerimento do Regno vinha, e nom pera seer Rey, mas pera lhe reger, e governar ho Regno, e se fazer nelle direyto, e justiça, que se nom fazia, e lhe conheceria senhorio, como ha seu Rey, e Senhor, salvo aa cerca daquelles, em cujo poder, e mãos andava, e porque tam maal fora aconselhado, e por cuja cauza tantos maales no Regno eram feytos, e com esto lhe enviou ho Delegado huú Breve do Papa.

CAPITULO VIII.

Como ElRey Dom Sancho maal aconselhado se foy com hos de sua valia pedir soccorro ha Castella, e como veyo em sua ajuda ho Ifante Dom Affonso de Molina com outros grandes, e gentes de Castella.

ELRey Dom Sancho ha este tempo era em Coimbra, e co-

mo vio has cartas do Papa, e de seu irmão, e soube, que elle era entrado no Regno onde inteiramente lhe obedeciam, elle de si mesmo foy muito trocado, e ho fizeram seer muito mais hos homês maaos, e perversos Conselheyros, que consigo trazia, porque receáram executar-se nelles sem escuza, has penas, que por seus desmerecimentos, e grandes delitos mereciam, e estes lhe fizeram que nom cresse, nem obedecesse ha couza, que ho Papa, nem seu irmão lhe escrevesse, nem outros por seu beem lhe dicessem, porque ho beem, nem a secego delRey, em cazo que depois ho tivesse nom assegurava, nem descançava ahos que ho seguiam, pelo quaal de seu parecer delles, e como desesperado doutro boom conselho, seem receber dano de pessoa alguña, nem lhe ser feyta desobediencia, nem contradicam, se foy logo ha Castella com fundamento de pedir soccorro centra seu irmão, ha ElRey Dom Fernando, deste nome ho seguundo, que entam nelle Regnava, que era seu primo, com irmão, filhos de duas irmãs, da Rainha Dona Biringela, madre delRey Dom Fernando, e Dona Orraqua, madre delRey Dom Sancho, ou aho menos pedir este soccorro, e ajuda aho Ifante Dom Affonso, filho erdeyro do dito Rey Dom Fernando, que em Castella, e Liam, jaa tinha grande poder, e muita autoridade.

E com

1247.

E com este proposito chegou ha Toledo andando ha era em mil e duzentos quarenta e sete annos, antes huñ anno que Sevilha fosse a hos Mouros tomada. Ha este tempo El Rey Dom Fernando veu ha Toledo, tendo tomado Cordova, e jáa com dezejo, e fundamento de hir cercar, e tomar Sevilha, se podesse, aho quaal El Rey Dom Sancho de Portugal seu primo, dice logo, que ha cauza de sua ida ha elle, era pera lhe fazer saber, ho que elle teria sabido, que seu irmão ho Ifante Dom Affonso Cõde de Bolonha, entrara em seu Regno de Portugal, e que com ajuda, e favor dalguñs seus naturaaes, se alçara contra elle, e que ho tinham recebido por Senhor, e que porém lhe pedia, como ha Rey tam poderoso, e que com elle era tam conjunto em parentesco, que em tamanha força lhe desse ajuda, e favor com que inteiramente cobrasse seu Regno, e lançasse delle fóra seu irmão, que individamente lho tinha tomado, e que pois nom tinha filho, que ho erdasse, que depois de sua morte, ficasse Portugal ha elle, ou ha seu fillao erdeyro.

Da quaal couza prouve ha El Rey Dom Fernando, e pondo a obra ordenou logo pera vir ha Portugal ho Ifante Dom Affonso de Molina, seu irmão, filhos ambos del Rey Dom Affonso de Liam, e da Rainha Dona Biringela, e com elle Dom Diogo Lopes de Haro,

Senhor de Biscaya, e Dom Nuno Gonçalves de Lara, e Dom Ray Gomes de Galiza, e Dom Ramilo Frole, e Dom Rodrigo Froyas, boem Cavalleyro, e Dom Fernando Anes de Lima, e outros grandes senhores, e com elles muitas gentes de pee, e de cavallo, com que entraraõ em Portugal pola Comarca de Riba de Coa, que ha este tempo ainda era de Castella, e por elles fazerem sua entrada pola teer-ra da Beyra, q̃ toda estava aa obediencia del Rey Dom Sancho, nom ouveram no caminho contradicãõ, nem resistencia alguña, e assi chegaram aho lugar de Abiul, que hee ha quatro legoas de Leyria.

E ho Conde Dom Affonso de Bolonha tanto, que entrou no Regno, tanta alegria recebêram hos Portuguezes com sua vinda, sabendo quem era, e como vinha ha seu requerimento, que hos mais dos Lugares por has proprias vontades dos moradores delles se lhe davam, e aquelles, em que achava alguña cõtradiçãõ logo por exequções, que ho Delegado sobre elles punha, ou por combates, ou forças nom tardou em hos cobrar todos salvo Coimbra, em que estava Martim de Freytas, e Celorico da Beyra, em que estava Dom Fernam Rodrigues Pacheco, que ambos has tinham por El Rey Dom Sancho de que aho diante direy.

CAPITULO IX.

Como polas diligencias do Conde de Bolonha El Rey Dom Sancho se tornou ha Castella, e do que se passou no caminho com hos Cavalleyros de Trancozo.

E Sabendo ho Conde de Bolonha da entrada del Rey seu irmão no Regno cõ ho Ifante Dom Affonso de Molina, e com hos Cavalleyros, e gentes de Castella, logo precebeo, e ouve pera teer, e trazer comfigo por defençam do Regno has mais gentes, que pode, e com ellas se veyo ha Obidos, e avizou ha Dom Joham Arcebispo de Braga, e ha Dom Domingos, que entam era Bispo de Coimbra, hos quaaes lhe diceram, q̃ elles pola comissaõ do Papa, aviam ho dito Ifante Dom Affonso de Molina cõ todolos Senhores, e gentes de Castella por excomungados, e malditos, e deffo tomáram estromentos, e por esta cauza El Rey, e ho Ifante nom passaram de Abiul, e se tornáram pera Castella sem no Regno, nem nas gentes, e couzas delle fazerem alguñ maal, nem dano, e principaalmente se tornaram, e nom profeguiram adiante, porque El Rey Dom Sancho polas dezordens, e maales passados, ha que nunca provera, era de todolos mais do Regno muy dezamado, e maal

quisto, e ho Conde polo contrayro aalem deffo era jáa das mais forças delle de todo apoderado, e por esta cauza ho Ifante Dom Affonso com outros Senhores, que vieram em ajuda del Rey, vendo ho pouco, que lhe podiam proveytar, e ho muito dano, que se podia leguir, aconselharam aho dito Rey Dom Sancho, que ou ficasse em seu Regno, seguundo lhe era apontado, ou se fosse com elles ha Castella.

Este derradeyro ouve El Rey por melhor, sendo pior conselheiro, e porém El Rey Dom Sancho tinha feytas doaçõens aho Ifante Dom Pedro seu primo de muitas Villas, e Castelllos principaaes de Portugal, em grande dano da Coroa do Regno, has quaaes por sua injusta concessãõ nom ouveram nunca efeyto, como quer que ho dito Ifante depois ho procurasse, e requeresse alicadamente por intercessõens do Papa, que sobre effo escreveo alguñas vezes aho Conde de Bolonha, que justamente sempre se escuzou.

E achasse, que em tornando El Rey pera Castella, achegou aho Lugar de Moreyra, que hee junto da Villa de Trancozo, na quaal ha esse tempo estava Dom Gonçalo Garcia, e Dom Fernam Garcia de Souza, que diceram *Esgaravunha*, que foy boom trovador, e Dom Fernando Lopes, e Dom Diego Lopes, todos quatro irmãos, filhos de Dom Garcia Mendes de Souza, filho do Conde Dom

Dom Mendo ho Souzam, e de Dona Elvira Gonçalves, filha de Dom Gonçalo Paaes de Toronho, que eram nobres homens, e muy principaaes no Regno, e Dom Fernam Garcia sabendo da vinda de Castella del Rey por conselho de seus irmaãos com huñ loo Escudeyro, ha que deram sua lança, e sendo elle veiti lo de tudalas outras suas armas se foi aa Moreyra, onde estava El Rey, e ho Ifante, e hos outros Senhores, e posto ante elles tirou ho Elmo da cabeça, e com hos joelhos em teerra beyjou ha maão ha El Rey, e aho Ifante Dom Affonso, e como se levantou, fez reverencia ha Dom Diogo, e ha todos los outros hōmens honrados, que eram presentes, salvo ha Dom Martim Gil de Soverola, que era ho principal ho nem; porque El Rey Dom Sancho com quebra de seu Estado se regia.

E perguntando Dom Fernam Garcia ha El Rey se ho conhecia? Elle dice que sy, e que era seu natural vassallo, e Dom Fernam Garcia lhe tornou dizendo: *Senhor meus irmaãos, que estam em Trancozo, e por cujo mandado venho como vossos vassallos, e naturaes, vos mandam pedir, e requerer, por ante ho Ifante vosso primo, e estes Senhores, que aqui estam, que vos vades pera aquella Villa, na quaal, e em seu Castello vos receberam, como ha seu Rey, e Senhor, e assi em todos los outros de redor, que sam ha seu cargo, com tanto, que nom leveis com*

vosso Martim Gil, que aqui estaa, nem hos seus, que destrouiam vossa teerra, e elle matou, e leynou hos que quiz, sem querer que dos seus, e doutros maal feytores se fizesse alguma justiça, ca certamente voos nom tinbeis de Rey mais, que ho nome, e ha muito alta linhajem, e Real sangue de que decendeis, porque no efeyto elle era Rey, e com este tamanho credito, que lhe destes vos teem muy maal servido, em especial por seu maao conselho, por cuja cauza voos viestes aho estado em que agora estaes. E se elle dicer, que nom hee assi eu por minha verdade, e por sua confuzam me combaterey com elle, e lhe porey has maãos, e ho corpo, ca por esso venho aqui armado, e ally a porta tenho ho cavallo, e sobresso espero em Deos, que eu ho matarey, ou por sua boca lhe farey confeçar, que muy maal, e como nom devia vos teem aconselhado, e com grande quebra, e mingoa de vosso Estado, e de vossa teerra.

Este Martim Gil era Cavalleyro, e de honrada caza, e de grande esforço, porq̄ este foy ho q̄ com grande, e boom nome seu, venceu ha lide do Porto. E ouvindo estas palavras ha Dom Fernam Garcia, ficou muito injuriado, e abatido especialmente, porq̄ aaquella hora nom lhe respõdeo como ha sua honra compria porque soamente lhe dice: *Dom Fernam Garcia dizeis maal, e do que dicestes vos nom deveis de achaar beem, se eu nom morro. Polo quaal Dom Martim Gil, fez logo mos-*

moſtrança ha alguis dos ſeus, que ally eſtavam q̄ lhe foſſem teer aho caminho, e ho mataſſem, e Dom Fernam Garcia, que hos vio, e entendeo beem ha maa tençam, cõ que ſahiam, antes doutra couza dice ha ElRey: *Senhor, voos quereis hir pera Francozo, como vos tenho requerido?* E ElRey lhe reſpondeo, *que nom,* e entam tornou Dom Fernam Garcia, e dice aho Ifante Dom Affonſo: *Senhor, ſereis teſtemunha voos, e eſſes Senhores, que aqui eſtaades da oferta, que por meus irmaãos, e por mi vim fazer ha ElRey.*

E com eſto dito volveo ho roſto contra Dom Diogo Lopes, e ha Dom Nuno de Lara, e dicelhes: *Beem viſtes Senhores ha offerta, que por limpeza, e lealdade minha, e de meus irmaãos fiz com ElRey, e aſſi ou viſtes ho que tambem dice ha Dom Martin Gil, que aqui eſtaa, e nom querendo por ſeu corpo tornar ha eſſo, como por ſua honra devia, mandou aquelles ſeus, que daqui partiram, que me vam teer aho caminho pera deſacompanhado me matarem, porque vos peço, como ha nobres, e honrados Cavalleyros, que por boa meſura me mandeis poer em ſalvo em Francozo.* E logo Dom Affonſo ſe levantou, e dice: *Martin Gil voos nom atentaste no que Dom Fernam Guarcia vos dice? ho que deveis de fazer, ca me parece que vos toca por maneyra de traçam, e nom lhe quereis poer has maãos, como deveis, e vos elle requiere?*

E Dom Martin Gil brevemente dice, que dava pouco por ſuas palavras vaans, polo quaal eſtes Senhores diceram ha ElRey, q̄ Dom Fernam Garcia, e hos nobres homens, que eram em Francozo nom podiam fazer melhor comprimento, porque com elle compriam, como boons vaſſallos quanto deviaõ, e que dahi por diante quaalquer culpa que hy ouveſſe, que era delRey, e nom delles, e logo Dom Diogo, e Dom Nuno com eſſes boons homens que hy eram cavalgaram, e foramte com Dom Fernam Garcia atee Francozo, donde ſahiram ſeus irmaãos, e outra booa, e nobre gente, que hy eram, e lhe tiveram em mercee ſua vinda, e depois de praticarem ſobre has couzas, que pendiam, Dom Diogo, e Dom Nuno ſe tornaram pera ho Ifante Dom Affonſo, que juntos com ElRey Dom Sancho ſe foram todos pera Caſtella, e com elles eſte Dom Martin Gil, que era Portuguez, e homem muito honrado, ho que com medo do Conde Dom Affonſo nom ouzou de ficar, e ſe foy tambem ha Caſtella com ElRey Dom Sancho, e laa faleceo, e foy delRey Dom Affonſo Decimo, com quem viveo avido por Rico homem, e em grande eſtima, e por taal eſtaa poſto por teſtamenteyro, com outros no teſtamento delRey, quando por deſagardcimentos do Ifante Dom Sancho ſeu filho, ho delerdou de Caſtella, ainda q̄ ſeu delerdamento nom ouve eſeyto.

CAPITULO X.

Como ho Conde cercou em Celorico da Beyra ha Dom Fernão Rodrigues Pacheco, que lhe nom quiz obedecer, e como por cauza de huia truyta se alevantou ho cerco.

HO Conde de Bolonha governador como entrou no Regno segundo atraz jaa dice, logo por força, ou por vontade, ou aa sua obediencia todas as Cidades, Villas, e Castelllos do Regno, em que entraram todas que El Rey Dom Sancho tinha dado em Portugal aho Ifante Dom Affonso de Molina por entrar com elle, e em sua ajuda no Regno, do que ho dito Ifante se mandou queixar aho Papa, e assi com elle outros Cavalleyros, e Alcaydes de Portugal, polo Conde de Bolonha lhes tomar contra suas vontades hos Castelllos, que tinham por suas menagens, e destes ho Papa se escuzou avendo que ho Conde pera ascego, e boa governança do Regno fazia ho que devia, mas soamente escreveo aho Conde rogando-lhe polos Castelllos, que por El Rey Dom Sancho eraõ dados aho Ifante Dom Affonso de Molina, aho q nom satisfez polos grandes inconvenientes, neste avia, e por que

soube que eram cartas, e rogos de comprimento.

Neste tempo depois del Rey Dom Sancho leer em Castella, porque ho Castello de Celorico da Beyra, que tinha Dom Fernam Rodrigues Pacheco, e ho de Coimbra, que tinha Dom Martin de Freytas, ficaram soamente por El Rey, como atraz dice, ho Conde depois de sua partida lhes mandou dizer, e rogar, que lhos quizessem entregar, como hos outros tinham jaa feyto em todo ho Regno, prometendolhe por esto aalem de fazerem ho que deviaõ mercee, e boom galardam. E cada huũ por sy lhe respondeo: *Que elles tinhaõ feyta menagem ha El Rey Dom Sancho, seu Rey, e Senhor, e que em quanto elle fosse vivo; posto que andasse em Castella, nom deviam de entregar seus Castelllos, se nom ha elle, de cuja maõ hos receberam, ou por seu especial mandado, e do Papa, nem por outro alguũ temor, hos nom aviam de entregar, em caso, que sobreisso fossem excomungados, e padecessem cercos, e quaaesquer outras fadigas, e tormentos.*

Polo quaal vendo ho Cõde sua tam firme determinaçam, e que pera ho que dezejava nom aproveytavam muito suas rebricas brãdas, que fez, detreminou cercallos, e poz logo cerco em pelloã sobre Celorico, ca este por leer mais junto aa frontaria de Castella ouve por melhor cobiar-se logo, e este mandou combater muitas vezes

vezes, mas por sua fortaleza, e por ha booa gente, que ho defendia, nom se podia cobrar por força, e durou ho cerco tanto tempo, que por ho Castello nom teer socorro, nem lhe poder vir provizam de mantimentos de fóra, foram hos de dentro postos em tanta estreyteza de fome, e doutras necessidades que por nom morrerem, taõ cruas e dezesperadas mortes, como se lhes ofereciam, estavam pera se dar, e entregar ho Castello, e nom sofrer mais apertos de tam perversa lealdade.

E estando nesta afronta se diz, que Dom Fernam Rodrigues Pacheco se levantou huũ dia muito cedo, e andando polo muro cuidando na preça, em que estava, e sobresslo posto em desvayrados pêfamentos seem determinadamente saber ho que faria, lembrando-se de Deos, lhe pedia muito de coraçam, que por sua misericordia por alguũa maneyra lhe socorresse, por taal, que nom cahisse em tamanha mingoa de sua honra, como seria dar aquelle Castello se nom ha ElRey, que lho dera, e porque lhe tinha feyta menagem, e que durando nesta maginaçam, e oraçam, que vio vir contra ha ribeyra do Mondego, que hee ahy junto, huũa Aguia, que trazia nas unhas huũa grande truyta, e que voando por cima do Castello lhe cahio dentro, ainda muy fresca, com que alguũ tanto logo se alegrou, e que ha mesma truyta, e có

desse melhor paão, que no Castello se pode aver, e aparelhar, mandou todo em presente aho Conde no arrayal, que tinha cercado, e lhe mandou dizer: *Que beem ho poderia teer cercado quanto fosse sua mercee, mas que se por fome ho esperava tomar, que visse se hos homens, que daquella vianda eraõ beem bastecidos, se teriam rezaõ de entregar lhe contra suas honras ho Castello.* Da quaal couza ho Conde, e elles ha que dó presente deu parte, foram afaaz maravillados, e vendo, que por longar mais ho cerco ally, nom aproveytava, e em outras muitas partes danaria, alevantou ho cerco sobre Celorico, e ho foy poor sobre Coimbra.

CAPITULO XI.

Como ho Cõde foy cercar ho Castello de Coimbra, que tinha Martim de Freytas, por El-Rey Dom Sancho, e das afrontas, que passou no cerco.

HO Conde como chegou ha Coimbra antes de fazer grandes aparelhos pera ho cerco, e combates mandou dizer ha Dom Martim de Freytas: *Que lhe entregasse ha Cidade, e ho Castello, como por muitas vezes jaa lhe mãdara requerer, e por esso lhe faria muita mercee, porque se ho assi nom fizesse, que ho combateria, e ho cobraria tudo com sua*

sua perda, e dano. E Dom Martim de Freytas lhe respondeo: Que sua mercee poderia comprir sua vontade, e fazer ho que quizesse, porèm que fosse certo, que em quanto soubesse, que El Rey Dom Sancho seu Rey, e Senhor, era vivo, que lho nom entregaria seem seu mandado, ou sabendo, que era morto, e que ho nom ameaçasse com morte, nem perigos, porque tudo padeceria com boom coraçam por inteiramente comprir com sua lealdade. Polo quaal ho Conde asfentou seu cerco sobre ho Castello, e ordenou seus combates, com que logo, e depois ho combateo muitas vezes, em que de huã parte, e da outra ouve mortos, e feridos.

Mas ho Alcayde, e hos que por sua defençam consigo tinha eram taes, que hos cometimentos do Conde nom aproveytavam pera cobrar ho Castello por força, da quaal cauza anojado ho Conde fez juramento ha Deos de nunca se alevantar de sobre elle atee ho tomar por força, ou por fome, e assi ho fez porque ho cerco, foy tam porlongado, que hos de dentro por falecimento dagoa, e de provizões, que jáa nom tinham, como deesperados comiam, e bebiã couzas muy contrayras, e descostumadas da natureza humana, que nom ficãram bestas, caães, gatos vivos, nem hos couros das alimarias mortas. E sendo ho Conde desto certificado hos mandava afrontar, e requerer cada dia: *Que se dessem, e nom padecessem sem cauza, e por*

contumacia tam asperas cruezas, que ha sua taal façanha era vaã, q̄ nom podia, nem devia levar abo diante.

Aho que Dom Martim de Freytas por sua honra, e fama nom queria obedecer, e dice, que durando este cerco, padecendo jáa de dentro grande, e mortaal necessidade de fede, que porque viram huã Cavalleyro do Conde cavalgado polo rio do Mondego passar, e que ho cavallo de farto nom provou agoa, e que hos de dentro magoados por sua mingoa, e envejolos da beemaventurança da alimaria, fizeram sobressõ grandes lamentações, com que alguũs parentes, e amigos do Alcayde lhe aconselhavam: *Que pois hos padecimẽtos incomportaveis que sofriam sem esperanza de ajuda, nem socorro, esfranho eram taes, que jáa se nom podiaõ comportar, e elle no Regno era soo ho que sustinha taal profia, que por dar ha elle, e abos seus has vidas, dẽsse ho Castello abo Conde.*

Dom Martim de Freytas lhes respondeo: *Parentes, e meus amigos, que aqui estaaes, nunca Deos queyra, que obedecendo ha esse vosso concelho eu ponha tam grande magoa sobre minha limpeza, nem constinta tamanha traiaçã sobre minha honra, e lealdade, nas quaaes todas encorreria se dẽsse este Castello senom aquẽ por minha menagem mo deu, em quanto elle for vivo, e ami nom fica por ver, e conhecer craramente has grandes tribulações que voos, e eu, e todos aqui padecemos, mas se voos*

C *quizer.*

quizerdes trazer ha vossas memorias, e poer ante estas vossas necessidades outras muito mayores fomes, e maalles, que muitos sendo cercados jaa padeceram, achareis que por manterem suas lealdades depois q̄ todas as conzas lhe faleciam ha comerem has raizes das viz, ervas, se sosteveraõ, polo quaal deste temor, e afronta prazeraa ha Deos por sua piedade, que boom nome, e segurança nossa sedo nos livraraa, e em alguõ tempo vos alegrareis contardes ha vossos filhos, e amigos estes maales, que padeceis, com que nom acrecentareis pouco em vossolouvor, e merecumento, e obrigaçam de boondade, e lealdade, que ha outros em semelhantes cazos constrangeo, essa mesma neste caso vosso nos nom desobriga, ca em outra maneyra has vidas, que salvamos, duraram poucos dias, e ha infamia, e deshounra, que por esso recebemos, duraram pera sempre, polo quaal vis rogo, que em quanto poderdes nom me faleçais, e me ajudeis, ca Deos nos acorreraa, e este mal prazendo ha elle nom duraraa muito, e por ventura se alguõ de voos pera seu serviço, ou pera outra sua deleytaçam tiverem dezejos de molheres dizeymo, que aqui estaa minha filha, que hee booa donzella, e que muito amo ha que eu mandarey, que em tudo vos sirva de booamente, porque com melhor vontade consentirey, e menos medoeraa, que ella perca ha vertude de sua virgindade, que por mingoa de voos outros, perder eu minha lealdade, e seer constrangido ha

fazer tamanha trayçam, como seria daar como nom deuo este Castello ha quem mo nom deu.

Com estas palavras, que Dom Martim de Freytas dice, ficaram todos muito maravilhados, e louvando muito sua boondade, se esforçaram, e lhe prometeram, que ora fosse com rezam, ou sem ella, elles por satisfazer ha seu dezejo por alguõ cazo, e afronta, q̄ sobre viesse, ho nom leyxariam, antes todos morreriam primeyro com elle.

CAPITULO XII.

Como pola morte del Rey Dom Sancho, Dom Martim de Freytas entregou ho Castello de Coimbra, e das diligencias, e exames, que primeyro fez por limpeza de sua rigorosa lealdade.

E Stando Dom Mrrtim de Freytas nesta afronta com El Rey, e avendo jáa huõ anno, e quatro mezes, que El Rey Dom Sancho fora pera Castella, prouve ha Deos de ho levar deste mundo, e faleceo em Toledo, como adiante direy, e sendo de sua morte certificado ho Conde seu irmaão, tendo ainda ho cerco sobre Coimbra, como Principe em que avia muita prudencia, e grande piedade, mandou logo
ajuntar

ajontar muyto paõ, e vinho, e carnes, e pescados, e outras maneyras de refrescos, e mandou levar tudo aho Castello, enviando dizer aho Alcayde: *Que fosse certo, que El Rey Dom Sancho seu irmaõ era jaa fallecido, e que lhe daria tempo, em que por elle em pessoa, ou por outrem, podesse aver desso verdadeyra certidam, cõ ha quaal entregasse ho Castello.*

Dom Martim escolheo certificar-se por sy mesmo. E ho Conde ho legurou da hyda, e estada, e seer livre atee tornar aho dito Castello, que entaõ se nom combateria. Dom Martim de Freytas chegou ha Toledo, e como quer que por muitos fosse certificado da morte del Rey Dom Sancho, que no Moymento, que mostraram ho viram sepultar, elle ho nom quiz crer, mas por moor certeza fez tirar ha campa, que ho cobria, e como ho vio, e achou que em certo era aquelle, se diz, que presente muitas testemunhas, que trouxe por comprir com sua menagem poz has chaves do Castello de Coimbra, que levava, no proprio braço direyto del Rey Dom Sancho, e depois de lhe fazer por elias entrega do dito Castello lhas tirou, e trouxe comsigo ha Portugal, e desso tomou escrituras publicas, e fez cerrar ho Moymento, e se tornou ha Coimbra, e dentro entrou secretamente no Castello, e aho outro dia mandou logo dizer aho Conde, que ho fosse receber, porque jaa lho podia entregar,

e elle devia obedecer: e que ha elle, e nom ha outro alguõ ho entregaria com booa vontade.

Ho Conde foy logo aho Castello, e ho Alcayde abriu logo has portas delle, e tomou ha molher, e ha filha, e has poz fóra dizendo: *Leyxemos este Castello ha cujo hee. E com essto se poz de joelhos diante ho Conde, e com has chaves delle nas maõs alevantadas lhe dice: Senhor, pois ha Deos prouve que El Rey Dom Sancho, vosso irmaõ fallecesse tomay vossas chaves, e vosso Castello, e daqui por diante eu vos servirey, e averey por Rey, e Senhor. E logo amostrou aho Conde, e aa nobre gente que era com elle has escrituras das diligencias, que em Toledo por sua honra, e descargo fizera, e acertouse, que huõ Cavalleyro do Conde, que era presente dice ha Dom Martim de Freytas: *Que porque nom pedia perdã aho Conde, por quanto nojo, e deserviço lhe fizera, e por lhe ferir, e matar tanta gente, denegandolhe tanto tempo ha entrega, e obediencia do Castello, que era seu.**

E Dom Martim em se querendo elcuzar pera nom dever de pedir taal perdã, acudio muy prestes ho Conde, e dice aho fidalgo, que ho reprendia: *Que semelhante perdã em taal caso Dom Martim nom era obrigado de pedir, porque elle nom fizera erro, mas tinha feyta booa façanha dina de boõ Cavalleyro, e leaal fidalgo. E por ella lhe tornava ha dar ho dito Castello*

Cij pera

pera elle, e pera todos hos que delle decendeffem, fazendo menagem ha elle, e ha todos seus erdeyros. E Dom Martim lhe respondeo: *Que lho tinha muito em mercee; e mas que elle por alguãa maneyra, nom tomaria ho dito Castello, antes lançava maldiçam ha seus filhos, e netos, e ha todos, que delle descendeffem atee ho quarto graao se por Castello fizeffem menagem ha Rey, nem ha outra pessoa de quaalquer condiçam, que fosse.*

E com esto assi concertado ho Conde leyxou ho Castello de Coimbra, como devia, e se tornou outra vez ha Celorico, onde Dom Fernam Rodrigues estava, & porque da morte delRey Dom Sancho, era jaa beem certificado, e assi sabia, que ho Castello de Coimbra jaa era entregue, deu logo aho Cõde ho Castello scem mais resistencia, nem cautella. Estes dous foram hos derradeyros Castellos de Portugal, que aho Conde obedecéraõ.

CAPITULO XIII.

Da morte delRey D. Sancho, e onde jaaz, e de alguãas couzas, que se em seu tempo passaram.

ELRey Dom Sancho depois da seguunda vez, que tornou ha Toledo nunca dahy mais se partio onde com sua vida, e costumes passados em grandes virtudes, e com

1247.
finaes de boom, e Catholico Crif-tam acabou sua vida em idade de corenta annos, na era de mil duzentos corente e sete annos, dos quaaes Regnou vinte e quatro, alaber vinte e dous em Portugal, e dous estando em Castella, e seu corpo foy sepultado na Capella dos Rex da See de Toledo, que elle mandou fazer aa sua propria custa, e assi deu grandes ajudas pera ho acabamento da dita See, q se entam fazia por ElRey Dom Fernando, que de mesquita, que era ha mandou refazer em fõrma das outras Igrejas, como agora estaa, porque quando ElRey Dom Sancho se foy pera Castella, levou comsigo muitas joyas, e grandes riquezas, que ficaram delRey Dom Affonso seu padre, e delRey Dom Sancho seu avoo; das quaaes alguãas nom tornaram ha Portugal, e todas se gastãram em Castella.

Este Rey Dom Sancho no começo de seu Regnado, deu aa Ordem de SanTiago em descayrados tempos, e por apertadas doaçoens, has Villas de Mertola, e Daljustrel, has quaaes Villas tomou ahos Mouros Dom Payo Correa, Mestre de SanTiago de Castella, e porque eram da conquista de Portugal has tornou ha ElRey Dom Sancho, q dellas fez has ditas doaçoens aa dita Ordem. E como estas Villas se ganharam, na Coronica delRey Dom Affonso Conde de Bolonha, se diraa mais largo, e ElRey Dom Sancho poverou de fogo morto ha Ci-

Cidade da Idanha ha velha, sendo de todo destrohida dos Mouros, e depois que ElRey Dom Sancho seu avoo ha leyxou aa Ordem do Tēplo, e ho dito Rey Dom Sancho faleceo sem filho, nem filha legitimos, nem bastardos, que se soubesse.

E dahy ha huñ anno, em dia de São Clemēte ha vinte e tres dias de Novembro do anno de mil duzentos e corenta e oyto annos, ElRey Dom Fernando tomou por cerco ha Cidade de Sevilha ahos Mouros, e dahy ha tres annos, e meyo, nella faleceo, e ahy jaaz sepultado, e avia treze annos, que tambem tomára Cordova salteada primeyro, e entrada por certos Christãos

Almogaveis, e foy socorrida, e mātida, por ho mesmo Réy Dom Fernando.

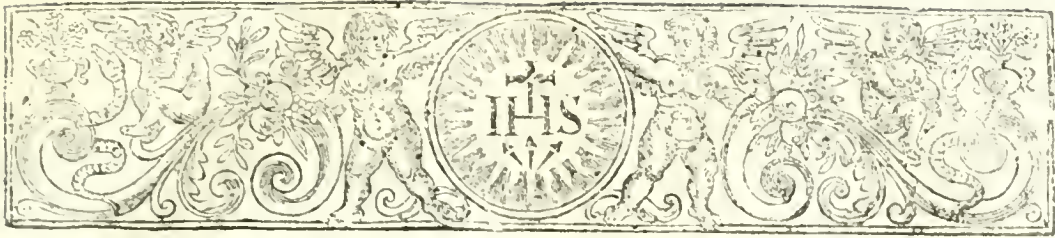
E em Regnando este Rey Dom Sancho faleceram de suas vidas por muitos, e grãdes milagres São Domingos, que faleceo em Bolonha, no anno de mil duzentos e vinte sete, e Sancto Antonio, natural da Cidade de Lixboa, em Padua, hos quaaes suas muy sanctas vidas foram em seu tempo deste Rey Dom Sancho, todos Canonizados, e referidos aho numero dos Sarctos, por ho Papa Gregorio IX. ho quaal Canonizou Sancto Antonio na Cidade Despoleta em Italia anno de mil duzentos trinta e hum.

1227.

1231.

D E O G R A T I A S.





INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

El Rey D. Affonso II. **D**E Portugal, em que anno morreo. pag. 1.
Dom Affonso Conde de Bolonha, He nomeado pelo Papa Innocencio IV. para Governador do Reyno de Portugal, pela incapacidade de seu irmaõ Dom Sãcho II. pag. 6. e 7. Na Cidade de Pariz na prezença de muitos Prelados, e Cavalleiros, toma o juramento do Governo do Reyno, e de que fórma o fez. pag. 7. Deixa sua mulher a Condeffa Dona Matilde em França, e parte para Portugal, e do modo como se intitulava. pag. 10. Cerca o Castello de Celorico, q̄ governava Fernão Rodrigues Pacheco, e o levanta por cauza de hũ celebre estratagemã de que este uzou. pag. 10. Poem cerco ao

Castello de Coimbra, e da resistencia, que lhe fez Martim de Freitas, que o governava, até que sabendo da morte del Rey Dom Sancho II. lho entregou. pag. 16. 17. 18. e 19.

Dom Affonso de Molina, Irmaõ de Dom Fernando Rey de Liaõ, acompanhado de muitos Cavalleiros, e Soldados, entraõ por Portugal à petição del Rey Dom Sancho II. para lançar fóra delle a seu irmaõ o Conde de Bolonha. pag. 11. Volta com os que o acompanhavaõ, para Castella temerozo das censuras da Igreja. pag. 12.

Aljustrel, Foy tomada aos Mouros por Dom Payo Correa, e dada por El Rey Dom Sancho II. à Ordem de San. Tiago. pag. 20.

Dom Alvaro Pires de Castro, Filho de Dom Pedro Fernandes de Castro o Castelaõ, foy cazado com Dona Mecia Lopes, que depois

depois cazou com ElRey Dom Sancho II. pag. 2.

Santo Antonio, Em que anno foy Canonizado por Gregorio IX. pag. 21.

B

Dona Beringella **M**Ulher del Rey Dom Affonso de Liaõ, tia del Rey Dom Sancho II. de Portugal, o aconselha muitas vezes a que caze, por ser muito conveniente ao seu Reyno, e elle o naõ executa. pag. 2.

C

Celorico **H**E cercado o seu Castello por Dom Affonso Conde de Bolonha, e levanta o sitio por hum estratagemma de que uzou Dom Fernaõ Rodrigues Pacheco, que o governava. pag. 10.

D

Fr. Desiderio **H**E delegado do Papa Innocencio IV. para que entregue os Castellos, e Fortalezas de Portugal à obediencia de Dom Affonso Conde de Bolonha. pag. 9.

S. Domingos, Donde, e quando falleceo. pag. 21.

F

Dom Fernando **R**Ey de Liaõ, em que dia, e anno conquistou Sevilha. pag. 21. Falleceo nesta Cidade. ibi.

Fernaõ Garcia de Souza, Filho de Dom Garcia Mendes de Souza, e neto do Conde Dom Mendo o Souzaõ, offerece a El Rey Dom Sancho II. quando voltava para Castella sem esperança de governar em Portugal, que se recolhefe a Trancozo, e da pratica que fez a El Rey em Moreira contra Martim Gil. pag. 12. e 13.

Fernaõ Rodrigues Pacheco, Governando Celorico, e sendo sitiado por Dom Affonso Conde de Bolonha levanta o sitio por cauza de hum celebre estratagemma de que uzou. pag. 10.

H

Honorio III. **E**Xpede hũa Bulla a Sancho II. de Portugal, em que lhe advertte queira emendar os absurdos, que se cometem no seu Reyno, e o excomunga senaõ obedecer, sendo executor destas censuras o Arcebispo de Braga. pag. 3. Segunda vez o notifica com palavras de mayor severidade, e rigor, até q̄ El Rey obedece. p. 4.

Idanha

Dom João e he Canonizado pelo Papa Bonifacio VIII. pag. 6.

I

Idanha **A** Velha foy povoada por Sãocho II. pag. 21.

Innocencio IV. Convoca Concilio em Liaõ, e nelle à petição dos Prelados, e Conselheiros de Portugal nomea por Governador do Reyno a Dom Affonso Conde de Bolonha pela incapacidade de seu irmão Dom Sancho II. pag. 6. e 7.

Dom João, Arcebispo de Braga cõ Dom Tiburço Bispo de Coimbra, e outros Cavalleiros Portuguezes, vaõ ao Concilio de Liaõ onde reprezentaõ a Innocencio IV. que lhe nomee Governador do Reyno pela incapacidade de Dom Sancho II. pag. 6.

L

Dom Lopo **S**enhor de Biscaya, foy pay de Dona Mecia Lopes mulher de Dom Sancho II. de Portugal. pag. 2.

S. Luis. Rey de França primo del Rey Dom Sancho II. de Portugal assistio no Concilio de Liaõ, que convocou Innocencio IV. pag. 6. Foy conquistar a Terra Santa, levando consigo sua esposa a Rainha Dona Margarida. ibi. Conquista a Cidade de Damiat. ibi. Morre no sitio da Cidade de Tunes, e seu filho

M

Martim de Freytas **G**overnã-

do o Castello de Coimbra, e sendo cercado por Dom Affonso Conde de Bolonha animosamente o defende. pag. 16, 17. e 18. Parte a Toledo para se certificar da morte del Rey Dom Sancho II. e achãdo ser certa lhe entregou as chaves do Castello de Coimbra, e depois voltando a ella o entrega a Dom Affonso irmão do dito Rey defunto. pag. 18, e 19.

Martim Gil, Cavalleiro honrado teve tenção de matar a Dom Fernão Garcia de Souza, pelo que disse da sua pessoa a Dom Sancho II. em Moreira. pag. 13.

Dona Mecia Lopes, Filha de Dom Lopo Senhor de Biscaya, viuva de Dom Alvaro Pires de Castro caza com Dom Sancho II. pag. 2. He separada violentamente del Rey, e levada ao Castello de Orem por estar nullamente cazada com elle. pag. 5.

Mertola, Foy conquistada dos Mouros por Dom Payo Correa, e dada à Ordem de San-Tiago por Sancho II. pag. 20.

O

Dona Orraqua **M**ã y del Rey
Dom Sãcho
II. de Portugal, foy irnãa de
- Dona Beringella Rainha de
Liaõ, pag. 2.

R

Reymaõ Viegas de Porto Carreiro,
EM companhia de Dom Mar-
tim Gil de Soveroza, e de ou-
tros Cavalleiros levarãõ para o
Castello de Ourem a Dona Me-
cia, contra a vontade del Rey
Dom Sancho II. pag. 5.

S

Dom Sancho II. **D**E Portugal
em que ida-
de foy levantado Rey. pag. 1.
Porque lhe chamãrãõ Capello
naõ se sabe certamente, mas in-
ferese. ibi. Pela sua enercia pa-
deceo o Reyno repetidas per-
das no tempo, que o governou.
pag. 2. Caza com Dona Mecia
Lopes, filha de Dom Lopo Se-
nhor de Biscaya. ibi. He admo-
estado pelos Prelados, e povos
do Reyno a que se aparte de
Dona Mecia, e o naõ executa.

ibi. O Papa Henorio III. o ex-
horta a que emende os abúdos
de que he author, aliã que o ex-
comungara. pag. 3. He adverti-
do por Gregorio IX. a que lan-
gue a Dona Mecia por estar nul-
lamente cazado com ella, pag. 4.
Tendo noticia, de que seu irmaõ
Dom Affonso entrara no Reyno
para o governar, parte a Castela
para pedir soccorro a seu pri-
mo Dom Fernando, para que o
lançasse fóra, e lho cõcede. pag.
10. e 11. Dende morreo, em q̃
idade, e onde está enterrado.
pag. 20. Deu à Ordem de San-
Tiago as Villas de Mertola, e
Aljustrel, que conquistara Dom
Pavo Correa. pag. 20.

Sevilha, Em que dia, e anno foy
conquistada por El Rey Dom
Fernando de Liaõ. pag. 21. Nel-
la morreo, e está sepultado o
mesmo Rey. ibi.

T

Dom Tiburço **B**ispo de Coimbra
com Dom Joãõ
Arcebispo de Braga, e outros
Cavalleiros Portuguezes, vaõ
ao Concilio de Liaõ, onde re-
presentãõ a Innocencio IV. a
necessidade que tem de que lhes
nomee Governador do Reyno
por ser incapaz Dom Sancho II.
pag. 6. e 7.

CORONICA
DELREY

D. AFFONSO III.
QUINTO DE PORTUGAL:

GOVERNMENT
OFFICE
D. ALFONSO III.
DIRECTOR OF PORTS

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO III.

QUINTO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA;

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL,

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

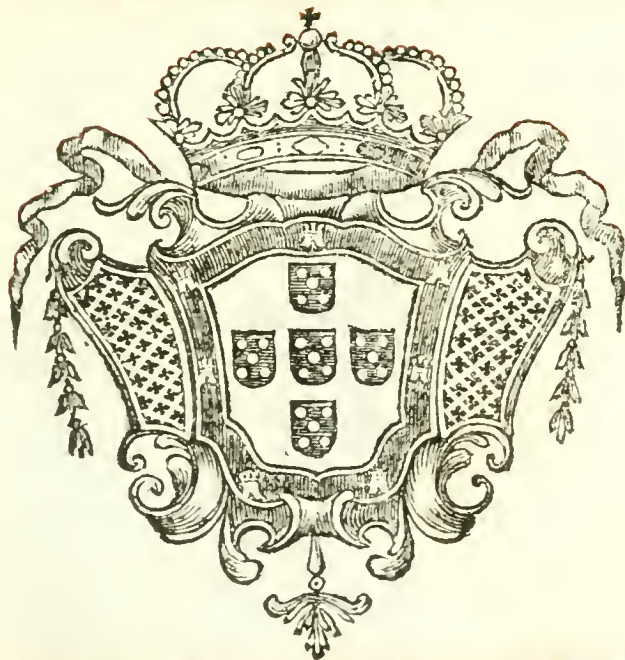
OFFERECIDA

A MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR.

POR MIGUEL LOPES FERREYRA.



LISBOA OCCIDENTAL:

Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXVIII.

Com todas as licenças necessarias.

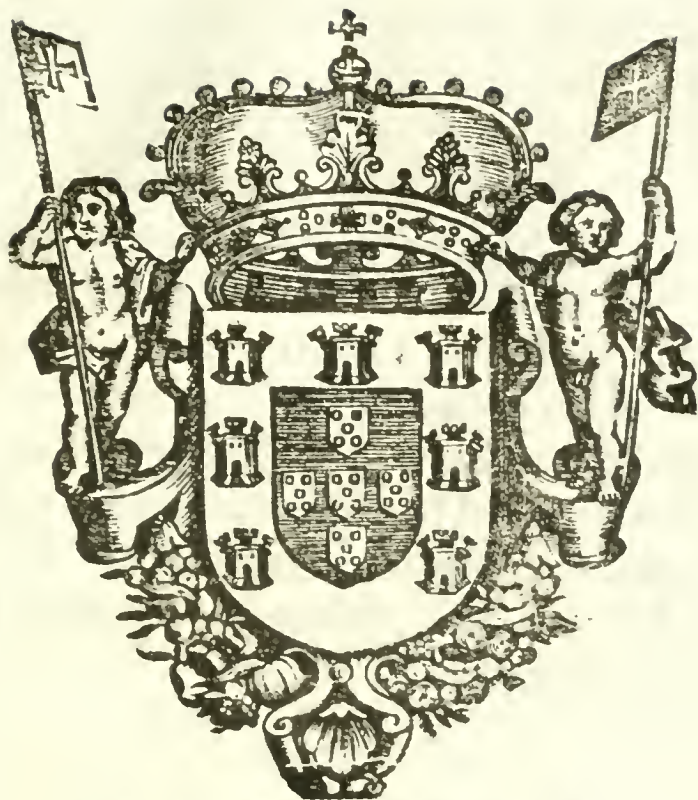
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF THE HISTORY OF ARTS
AND ARCHITECTURE
PUBLISHED BY THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
CHICAGO, ILLINOIS
1963

DICTIONARY

OF
ARTS AND ARCHITECTURE



EDITED BY
JAMES H. JOHNSON
AND
MARGARET M. JOHNSON
CHICAGO, ILLINOIS
UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
1963



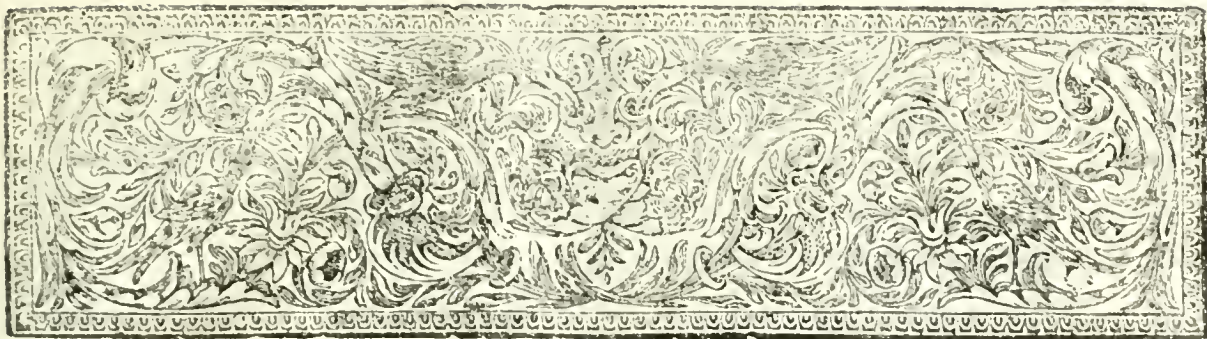
SENHOR



CONTINUANDO
com a edição das Chronicas dos Senhores Reys de Portu-
gal, gloriosos Predecessores de V. Magestade, continuo
taó bem

taõbem na precisa obrigação de as offerecer a V. Magestade. Nesta do Senhor Rey D. Affonso III. verà V. Magestade os caminhos que buscou a Providencia Divina para que empunhasse o Sctro hum Principe, que para ter menos esperanças do trono se achava cazado em França; e verà V. Magestade a felicidade, com que soube estabelecer nos seus descendentes a Monarchia, que acrescentou com Estados novos, e que soube segurar com a total expulsaõ dos Africanos. Sirvale V. Magestade de amparar o meu zelo com a sua Real benignidade, para que animado com taõ soberano favor possa dar à luz as Chronicas que faltaõ. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como dezejamos.

MIGUEL LOPES FERREYRA.



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. FRANCISCO XAVIER
DE MENEZES

QUINTO CONDE DA ERICEYRA, DO CONSELHO
*de Sua Magestade, Sargento mór de Batalha dos seus Exercitos, Deputado da
Junta dos Tres Estados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeyra, e Senhor da
de Anciaõ, oytavo Senhor da Caza do Louriçal, Commendador das Com-
mendas de Santa Christina de Sarzedello, de S. Cipriano de Anguei-
ra, S. Martinho de Frazão, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de
Elvas, e de S. Bertolamen de Covilhã todas na Ordem de Chris-
to. Academico da Academia Real da Historia Portugueza,
e hum dos cinco Censores della.*



EU Senhor aonde não chega a confiança propria, he ne-
cessario buscar o amparo alheyo. He taõ elevada a Magestade, que nem ainda
obsequioso me atrevo a chegar a ella: e por esta cauza procuro o patrocínio de
V. Excellencia para que com a sua pessoa consiga o que por mim não posso.

**

Espero

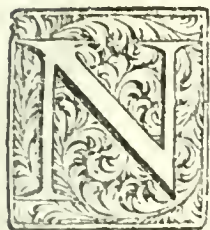
Espero que V. Excellencia se digne de me fazer esta mercé, porque a continuação dos seus estudos, e a grande livraria que tem junto a sua erudição, justamente me desculpa para lhe pedir a protecção para hum livro, que como de Hiltoria da Patria precede a todos na lição, e porque sendo offerecido a Sua Magestade pela mão de V. Excellencia terá a aceitação, que dezejo. Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.

Criado de V. Excellencia.

MIGUEL LOPES FERREYRA.



AMIGO LEYTOR.



Aó me podes accuzar de falto de palavra, pois ves que te dou agora a Chronica del Rey D. Affonso III. que foy o Quinto Rey desta Monarchia. De serem breves as narrações das suas vidas, e summamente compendiadas as noticias dos seus governos, não tenho eu a culpa, tem-na os Chronistas que, ou não quizerão, ou não souberão. Tudo podia ser, porque a falta em semelhante materia procede humas vezes de não haver quem informe, e outras de não escreverem, o que todos sabem. Donde nasce que deste principio experimentamos o dano, porque desprezaráo escrever o que era sabido, e desta sorte padecemos huma involuntaria ignorancia. Cazou este Principe em França donde esteve, e assistio alguns annos, e sendo impossivel que não fizesse naquelle tempo acções dignas da sua pessoa, ou na paz, ou na guerra, tudo ficou sepultado em hum profundo silencio, de que são reos os que escreverão primeiro. Ainda depois de nomeado Governador de Portugal, e ainda depois de ser Rey, não houve aquelle cuidado nas penas dos Chronistas, que merecia a sua politica, que não foy nesta grande arte inferior aos mayores. Lé, e espera que brevemente te busque com a Chronica de seu filho o famoso Rey D. Diniz.

Vale.



LICENCAS

3

DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informações, pode se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental o primeiro de Outubro de 1726.

Fr. Lancastre. Cunha. Teyxeira. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Vista a informação, pôdesse imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 4. de Outubro de 1726.

D. J. A. L.

DO PACO.

Approvação do Doutor Manoel de Azevedo Soares Cavalleiro professo na Ordem de Christo, do Dezembargo de Sua Magestade, Dezembargador da Caza da Supplicação, Juiz dos Contos do Reyno, e Caza, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR.

Esta Chronica del Rey D. Affonso III. que pertende imprimir Miguel Lopes Ferreyra assás recommendação tinha em o nome de seu Author para facilitar a licença que se pede: porque sendo Ruy de Pina Chronista de tam grande opiniaõ, por ella só, ficavaõ approvadas as suas obras, sendo superfluos todos os encomios com que justamente se podiam encarecer. (1) Não falta com tudo quem affirme que nem todas as obras, que se divulgaõ

(1)
Super vacanci laboris est laudare conspicuos. Symach. l. 3. Epistol. 48.

por

por suas, o saõ. E se em algua pòde ter lugar a conjectura de que o naõ seja, he esta huma dellas ao que parece; porque sem passar do Capitulo terceiro, se encontra huma inverosimilidade, certamente muito alhea do entendimento de tam grande homem. Diz que sabendo a Condeça de Bolonha Mathilde, que seu marido era obedecido por Rey pacificamente, e naõ sabendo nada do seu casamento, confiando, que se elle a visse, a trataria, e honraria como sua verdadeira mulher, aprestara Naos; e que bem acompanhada, e com hum filho, que se disse ter do dito seu marido, se embarcára para este Reyno, e chegando à Cascaes donde soubera logo, que elle estava em Friellas, e casado com outra mulher, recebendo grande indignação, e tristeza, arrependida de ter vindo, especialmente depois de saber da condição da segunda mulher, tomando parecer, mandára dous Cavalleiros principais dos que trazia consigo, para que participassem a El Rey a sua vinda, e a sua queixa; e pela resposta, que trouxeram, se voltara para França, deixando o filho, segundo diziaõ huns, e que por certa lembrança achara, o havia levado consigo, e que depois o mandára a este Reyno, cõ outras mais circumstancias, que se referem no dito Capitulo. Não reparo em q̃ faça menção de filho, e nem ainda que a Condeça tomasse a resolução de vir a este Reyno sem premeditar as contingencias do successo, como se foy assim, lhe mostrou a experiencia, porque muitos Historiadores seguiraõ aquella tradição com circumstancias mais inverosimeis; cujo erro se acha novamente refutado com demonstrações, e authoridades evidentes, pelo eruditissimo Academico o P. D. Joseph Barbosa. (2) Reparo sómente em que se diga, que a Condeça não sabia nada do casamento de seu marido, porque demais de se afirmar o contrario por muitos Historiadores, sendo aquelle casamento tam escandaloso, e sendo a grandesa dos delinquentes, a que mais vulgarisa os seus delictos, (3) como he crível o ignorasse a Condeça; e mais por ser entre pessoas de tam alta jerarquia; com instrumentos de dote publicos, e havendo taõ pouca distancia para a noticia, como de Portugal a França. Quando ainda os segredos dos Principes, mais reconditos, estaõ sujeitos à infidelidade dos mesmos a que se confiaõ. (4) se obrigava a hum tal excesso, o seu affecto, sendo deste inseparavel a desconfiança, (5) como he verosimil, se lhe occultase a sua offensa. (6) Disto sem duvida se origina o pouco credito, que tem muitas historias, porque devendo ser a verdade o seu essencial fundamento, (7) notandose lhes algum erro em parte regularmente perdem a fé de todo

(2)

Catalog. Chronolog. das Rainhas de Portugal à n. 241.

(3)

Dam in inis est quispian, ejus quodam modo vitia delitescunt; cum vero ad dignitatis culmen ascendit in lupercium prox erumpunt, & que fuerant eatenus inaudita jam per ora rumigeruli populi trita vulgantur S. Petr. Damian. Epist. 20 ad Cadol. Qui magno imperio præditi, in excelso aratem agunt, eorum facta cuncti mortales novere. Salut.

(4)

Arcana Regū ipsi prædunt Satellites Græcorum. Florileg. c. 22.

(5)

Vel alieni amoris æmulus, quod frequentissimum est in amore vitium. Guillielm. Castellus apud Textor. in Epithet.

(6)

Ita Zelotipus in omnes aliorum gressus assiduo intentus totidem suspitionum umbras producit, quoties illos è loco moveri animadvertunt Picinel. mund. Symbol. l. 16. n. 66.

(7)

Non ostentationi, sed fidei, veritati que componitur Plinio Jun. l. 6. Epist. 16. lux et evangelium veritatis Callan. catal. glor. mund. p. 10. comb. 46.

(8)
Et si per currantur ho-
rum historicorū scrip-
ta, jactis reperiantur
multa falso ab eis conti-
cripta, quot sit, ut falsius
in uno, in ceteris fidē
perdant. Menoch. cōf.
112. v. 71. Paris. contii.
23. n. 253.

(9)
Historia rerū que gel-
tarum descriptio, tubæ
clangor, quo jam olim
mortui velut è sepul-
cro excitati, in mediū
producentur. Nicetas.
Quia hoc quotidianū,
& vulgare est, multo fa-
mosi in vita, & clari
post obitū, sunt incog-
niti, & obtecuri. Petra-
ca de prosper. fortun. Dia-
log. 117.

(10)
Utile esse plures libros
à pluribus divertio sti-
lo, de eisdem questio-
nibus fieri, ut ad pluri-
mos res ipsa perveniat
ad alios quidem sic, ad
alios vero sic. D. Au-
gust. in questio. de
Trinit. c. 3.

todo. (8) E ainda que pelo Historiader a que foraõ commettidas as memorias deste Monarcha na Real Academia, que V. Magestade instituhio para que resuscitassen na memoria dos séculos futuros, aquelles Heroes, que sendo na vida esclarecidos, os es- cureceu a morte, sepultando-os nas tenebrosas urnas de hum in- grato esquecimento (9) se restituirà de todo à verdade aquelle successo, conforme a empresa da mesma Academia: com tudo sendo na opiniaõ de Santo Augustinho util que se publiquem li- vros repetidos sobre a mesma materia, com diversidade de estylo, (10) ainda me parece se pôde conceder a licença, que se pede, sendo V. Magestade servido, porque sempre ficará illesa a fama do Author da Historia, na opiniaõ dos que o conhecem, distin- guindo na obra o que pôde ser parto do seu entendimento. Lis- boa Occidental 20. de Julho de 1727.

Manoel de Azevedo Soares.

Que se possa imprimir visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressa torne à Mesa para se confe- rir, e taxar, e sem isso não correrà. Lisboa Occidental 7. de Agos- to de 1727.

Pereyra. Oliveyra. Teixeira.

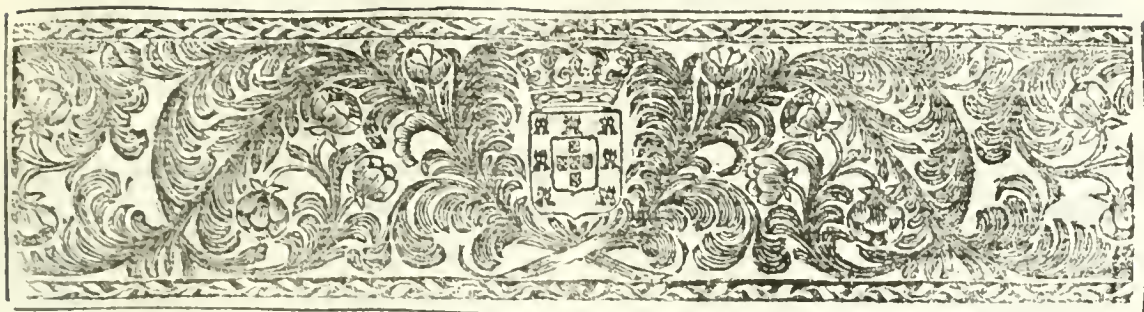


INDEX

DOS CAPITULOS DESTE LIVRO.

- C**AP. I. Como se intitulou Rey de Portugal, e do Alguarve, e como acrescentou os Castellos no Escudo das Armas Reaes, e a causa porque. pag. 1.
- CAP. II. Como El Rey D. Affonso sendo cazado com a Condeça de Bolonha em França, ha leixou, e cazou com a filha del Rey de Castella. pag. 3.
- CAP. III. Como ha Condeça de Bolonha veyo ha Portugal, e como El Rey seu marido a nom quiz ver, e ella se tornou, e do que sobre esso fez. pag. 4.
- CAP. IV. Como depois da morte da Condeça de Bolonha foy despendado com El Rey D. Affonso, que cazasse com ha Rainha Dona Breatiz, e dos filhos que della ouvesse. pag. 6.
- CAP. V. Das terras, e Luguares que se acrescentaram ha Portugal por este casamento. pag. 8.
- CAP. VI. Que fundamento ouve para ho Mestre D. Payo Correa comecar de Conquistar ho Alguarve, que era dos Mouros. pag. 10.
- CAP. VII. Do acordo que hos Mouros fizeram contra ho Mestre, e como ouveram com elle batalha em que foraõ vencidos. pag. 12.
- CAP. VIII. Como ouve treguaõ antre hos Christãos, e Mouros, e com que fundamento cada huns ho outorguaram, e como foy ha morte dos sete Cavalleyros Martyres, e ho Mestre tomou Tavilla. pag. 13.
- CAP. IX. Como ho Mestre tomou Selir, e Alvor, e ha Cidade de Silves, e porque partidos ha leixou abos Mouros. pag. 17.
- CAP. X. Como ho Mestre tornou cerquar Paderne, e ho tomou, e do fundamento que ouve para El Rey D. Affonso de Portugal aver para sy o Reyno do Alguarve, e se intitular delle, e com que obrigaçam lhe foy dado. pag. 19.
- CAP. XI. Como El Rey D. Affonso de Portugal despois de lhe ser dado ho Alguarve tomou abos Mouros ha Villa de Faraaõ, em que foy em sua ajuda ho Mestre D.

- D. Payo Correa. pag. 21.
- CAP. XII. Como El Rey D. Affonso cercou, e tomou Loulee, e como ha Aljazar tomou ho Mestre de Santiago, e ho Mestre Daviz Albofeira, e da declaraçam, que se fez deste nome Alguarve, e dos Luguares que agoura nelle cabem pag. 24.
- CAP. XIII. Como ho Reyno do Alguarve por divizões, que ouve foy posto em terçaria de Cavalleyros Portuguezes, e ho que sobre esso se fez. pag. 26.
- CAP. XIV. Como El Rey D. Affonso de Castilla quitou aho Ifante D. Diniz seu neto, ha obriguaçãõ do Alguarve, e ha soltou ha Portugal livremente para sempre. pag. 28.
- CAP. XV. Da morte do Mestre D. Payo Correa, e das causas que ouve para El Rey D. Affonso de Castilla, pay da Rainha de Portugal ser desobedecido, e como foy ajudado de Portugal, q̄ foy fundamẽto para se acrecentarem ha Portugal hos Luguares de riba Dodiana. pag. 29.
- CAP. XVI. Do falecimento del Rey D. Affonso de Portugal, e como antes de seu falecimento deu caza aho Ifante D. Diniz seu filho erdeyro. pag. 33.



CORONICA

DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO III.

QUINTO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Como se intitoulos Rey de Portugal, e do Alguarve, e como accrecentou hos Castellos no Escudo das Armas Reaes, e ha causa porque.



1247. **P**OR falecimento delRey Dom Sancho deste nome ho segundo, ha que diceraõ Capello, porque delle nom ficouo erdeyro do Reyno legitimo descendente, que ho sucedesse, foy alevantado, e obedecido por Rey na Cidade de Lisboa ho Infante Dom Affonso Conde de Bolonha, seu irmaõ, ha q ho Reyno de Portugal por sucessam direytamente pertencia, em idade de trinta e oytto annos na era de mil e duzentos

e quarenta e sete, ho qual era filho legitimo delRey Dom Affonso ho Segundo, irmaõ menor do dito Rey Dom Sancho, por cujos defeytos, e por nom reger como devia elle veo de Bolonha ha este Reyno de Portugal, e ho guovernou, e defendeo dous annos, nom se chamando Rey, mas Procurador, e Defensor delle por mandado do Papa, como na Coronica delRey Dom Sancho claramente se dice, e depois que ho dito Rey Dom Affonso Reynou durando hos primeyros annos de seu Reynado, e

A antes

antes de ser cazado ha segunda vez com ha Rainha Dona Breatiz, sua sobrinha, filha del Rey Dom Affonso deste nome ho Decimo de Castella, se intitulou sómente Rey de Portugal, e Conde de Bolonha, e trouxe seu Escudo com has sóos Quinas sem ha Orla, e bordadura dos Castellos, assi como hos outros Reys de Portugal atée este tempo trouxeram, segundo eu Coronista ho vi nos selos pendentos de algumas suas Cartas, que naquelle tempo passaram, e has achey na Torre do Tombo destes Reynos, de que por ho officio som Guardamóor.

Porque depois que com ha dita Rainha Dona Breatiz lhe foram dadas has Villas, e Castellos do Reyno do Alguarve, elle foy ho que primeyro se intitulou Rey de Portugal, e do Alguarve, e poz na Orla do dito Escudo, e Quinas hos Castellos doarados em campo vermelho, que loguo elle, e depois hos outros Reys de Portugal que d'elle decenderam sempre atée guora trouxeram, e esto afirmo assi por declaraçam da duvida, que por muytos sobre hos ditos Castellos jáa ouvi mover, ha saber, se sam Castellos por esta rezaõ, que dice, ou pelos de Riba de Coa, que ha este Reyno creceram, ou se eram com folões, ou bandeyras, que se dizem has Armas do Condado de Bolonha, e assi disputar sobre ho numero dos ditos Castellos, ha que diguo, e afirmo que nom podem

ser Castellos pelos de Riba de Coa, porque El Rey Dom Diniz filho del Rey Dõ Affonso hos ganhou, e ouve depois que Reynou, como em sua Coronica se dirá, nem menos pareçam, que sejam por respeyto das Armas de Bolonha, que por seu casamento, posto que em sua vida has trouxesse, ellas nom fiquavam, nem podiam ficar depois de sua morte à Coroa Real do Reyno de Portugal, quanto mais que ha honestidade, e rezam contrariavam elle trazer em Portugal has Armas de Bolonha, por memoria da Condeça sua molher de que contra direyto, e em delprezo della se apartou, e nunca depois ha quiz ver, por onde hee muy certo que sómente saõ pelos ditos Castellos do Reyno do Alguarve como dice.

Hos quais Castellos, posto que na primeyra doaçam del Rey de Castella fiquam del Rey Dom Affonso, seu genro ha seus filhos, estaõ por numero certo, e assinados, nem porisso obriguao serem trazidos nas Armas por aquelle numero certo, porque naquelle tempo El Rey de Castella lhe deu hos mais que ganhasse, como ganhou sem hos declarar, assi que estes Castellos sam postos na Orla, nom por numero certo, mas ho que nella em boa porporçam bem podesse caber, e porém El Rey Dom Affonso loguo como Reynou, e assi depois que ha segunda vez cazou foy boom Rey, verdadeyro, e prudente, e
de

de coraçam muy esforçado, e muito amigo da Justiça, por ha qual ha muitos mal feytores, que foram presentes, e em seus crimes comprehendidos, deu suas devidas penas, com medo das quaes outros se foram da terra, e regeo bem ho Reyno com devida, e inteyra equidade, e proveo ho povo em inteyra Justiça, e sua real Caza, e Fazenda com singular regra, e louvada ordenança, e fez muitas boas, e novas povoações em muitas partes do Reyno, que eram despovoradas, e mandou lavrar, e aprobeytar hos termos de maitas Villas, e Castellos para repayro, e culto da terra, que dos tempos passados estava muy denifiquada, e quaes foraõ has obras dignes de memoria que fez alem dos feytos grandes darmas de sua conquista do Algarve, no fim desta sua Coronica e n soma particular estam declaradas.

CAPITULO II.

Como El Rey Dom Affonso sendo casado com ha Condeffa de Bolonha em França ha leyrou, e casou com ha filha del Rey de Castilla.

E Ste Rey Dom Affonso sendo casado com Dona Matildes Condeffa de Bolonha em França, elle ha leyrou no dito Condado, e se veo ha Portugal, como na Coronica del Rey Dom Sancho seu

irmaõ hee declarado, e depois de sua vinda ha poucos annos casou outra vez com ha Rainha Dona Breatiz, filha bastarda del Rey de Castilla, ha qual elle ouve em Dona Mayor Guilhelme de Guolmaõ, sua manceba, ha que foy muyto afeçoado, e ha que fez muy firmes, e grandes doações de muitas Villas, Castellos, e rendas de Luguares no Reyno de Castilla, para depois de sua morte fiquarem à dita Rainha Dona Breatiz sua filha, e ha seus filhos erdeyros para sempre, porque, segundo parece pelas palavras do testamento que ho dito Rey Dom Affonso fez, elle antre todos os filhos, e filhas que teve, ha esta Rainha Dona Breatiz, sua filha mostrou elle querer móor bem, e ha que mais se devia por serviço, e beneficios, e soccorros que della em suas tribulações mais que doutro algum tinha recebidos, e ha que mais desejou gualardoar, e dar muito do seu se pudera, ho qual casamento del Rey, e da Rainha Dona Breatiz, quando se concertou, e se fez foy assaas maravilha dos homens que ho sabiam, assi pela grandeza do dote delle, nem sendo ha Rainha filha legitima, como principalmente por casar em tempo, que ha Condeffa, sua primeyra molher ainda era viva, e sobre este passo se acha por lembrança que hum privado del Rey Dom Affonso avendo este casamento por estranho, e muito contrairo ha sua consciencia lhe disse que nom fizera

A ij bem

bem em casar com ha Rainha Dona Breatiz, pois sabia que era cazado com ha Condessa de Bolonha, com quem jaa se muito contentara, e honrara de cazar, e que ElRey lhe respondera, que se nom espantasse do que tinha feyto; porque aho outro dia ainda cazaria com outra molher, se com ella lhe dessem outra tanta terra, porque mais acrescentasse em Portugal.

CAPITULO III.

Como ha Condessa de Bolonha vejo ha Portugal, e como ElRey seu marido ha nom quis ver, e ella se tornou, e do que sobre esso fez.

E Passados alguns annos depois que ElRey Dom Affonso partio de Bolonha ha Condessa sua molher, soube laa ho falecimento delRey Dom Sancho, e assi como ho Conde seu marido pacificamente era alevantado, e obedecido por Rey de Portugal, e nom sabendo nada do casamento delRey, e confiando que elle se ha visse ha trataria, e honraria como ha verdadeyra sua molher, que era, fesse loguo prestes, e em Naos bem aparelhadas, e de Cavalleyros, e nobre gente, e doutras gentes bem acompanhada, e com hum seu filho, que se diz que tinha de seu marido, partio de sua terra, e veo ancorar ante ha Villa de Casquais,

sinquo leguoas de Lisboa, onde preguntando ella, e hos seus por ElRey onde era? Foy loguo certificada que ElRey estava em Fincellas, duas leguoas de Lisboa, cazado jaa com outra molher, com ha quaes novas ha Condessa recebeu muita torvaçam, e grande tristeza, e pezoulhe muito de sua vinda, e assi ahos de sua companhia, especialmente depois que soube ho estado, e condiçam da segunda molher, que era filha delRey de Castella.

E tendo concelho ácerqua do que neste cazo faria, acordaram, que antes de tudo era bem que fossem ha ElRey dous seus Cavalleyros principaes, que vinham com ella, e delle eram bem conhecidos e ha que por seus serviços, que nas guerras de França lhe tiram feytos, e por outros merecimentos, queria grande bem, e qelles lhe fizessem saber da vinda da Condessa, e assi ho nojo, e espanto que por seu casamento tinha com rezam recebido, e soubessem delle finalmente ha detreminaçam de sua vontade. Estes Cavalleyros em cheguando ha ElRey foram loguo delle por seu conhecimento muy bem recebidos, mas depois que lhe propuzeram ha Embaxada da Condessa com ha graveza, e estranhamentos, que ella mandou, e diceraõ ho mortal sentimento, e deshonna em que estava, e lhe pedia que por cumprir sua bondade, e consciencia ha recebesse no Reyno, e tratasse por

por sua molher como merecia.

ElRey avendole delles por escandalizado, por ouzarem de lhe trazer em tal tempo tal mensagem com ho rostro irado lhes dice, que de non perderem has vidas com suas cabeças cortadas hos relevava naquella ora ho grande bem que lhes queria, e hos muitos serviços que lhe tinham feytos, e que por non nom fizesssem ante elle n ais detença, antes que loguo se tornasssem à Condessa, e lhe dicessem que non tallsse em seu Reyno, mas que delle loguo sem nenhuma delongua se partiisse, e se tornasse para tua terra donde viera, que se ho assi nom fizesse elle teria com ella tal maneyra de que lhe muito pezarria.

Com esta reposta chea de tanta alpezeza, e fóra de toda ha humanidade, hos Cavalleyros se tornáram para ha Condessa, ha qual maravillada, e atemorizada da sem rezam, e indignaçam delRey, e das mais couzas, que elles em seu cazo mais passaram, e lhe contáram; mandou fazer prestes suas naos, e embarcouou nellas, e se tornou para Bolonha, e aho tempo que ha Condessa veu ha Casquais se diz, que ella trazia hum filho seu, e delRey Dom Affonso, como jáa dice, cujo nome, vida, nem feytos nom achey declaradamente escritos, porque huns dizem, que quando ha Condessa se partio de Casquais, que ho leyxou em terra, para que ho levasssem ha seu pay, dizendo que

nom quizesse Deos, que com ella tornasse couza delRey, e por outra certa lembrança achey, que ella tornou ha levar seu filho comfiguo, e que depois ho mandou ha Portugal, onde ElRey ho mandou bem criar, e que fayo muito bom Cavalleyro, e muy amado delRey, e dos Nobres do Reyno, e que foy cazado com huma filha do Infante Dom Pedro de Castilla, que era ha mais fermosa molher Despanha; mas qual era este Infante Dom Pedro, e sua filha, e hos nomes delles, e em que tempo cazaram, e que terra tiveram, e ho que se delles fez depois eu ho nom soube.

Ha Condessa como chegou a sua terra manifestou loguo sua querella ha seus parentes, que eram Nobres, e grandes hemens no Reyno de França, por cujo concelho, e ajuda, ella se enviou loguo querelar aho Papa, que entam era em França, notefiquando lhe larguamente todo ho que com seu marido passára no Reyno de Portugal, pedindo ha Sua Santidade que com suas Excon munhões, e Cençuras mandasse apartar ElRey Dom Affonso seu marido, da Rainha Dona Breaticiz, que como Christãos, nem podiam cazar, como cazaram; e mandasse que recebesse ha ella para ter ha honra, dinidade, e terras que de direyto, como sua verdadeyra molher lhe pertencia. E ho Papa maravillado, da novidade por seu Breve ho enviou muito estranhar ha ElRey Dom Affonso, e lhe rognou

guou, e amoestou com palavras catholicas, e muy honestas, que loguo se apartasse do segundo cazamento, e quizesse estar pelo primeyro, conforme ha justiça, e petição da Condessa, e porque ElRey nom satisfez cõ efeyto a hos mādados Apostolicos, ho Papa enviou sua comissaõ aho Arcebispo de Santiago, porque lhe mandou que outra vez requeresse, e amoestasse ElRey Dom Affonso àcerqua de seu apartamento, e quando loguo ho nom fizesse, que ho citasse, e emprazasse, que ha quatro mezes pareceffe em pessão perante elle em sua Corte, para ser ouvido com ha Condessa, e estar ha todo comprimento de justiça, e ho Arcebispo fez inteiramente todo ho que neste cazo ho Papa lhe mandou, mas ElRey nom foy à citaçam em pessão, mas creeffe que mandaria seu Procurador, por elle sobre este neguocio. Foy na Corte do Papa ordenado processo, e foy por elle tanto procedido que em favor da Condessa, e contra ElRey foy dada sentença do apartamento seu, e da Rainha Dona Breatiz, e porque nom obedeceram ha ella, foy pelo Papa posto antredito em todo ho Reyno que durou muitos annos, acabados hos quaes andando ha era em mil e duzentos sessenta e dous, ha Condessa de Bolonha Dona Matildes faleceo em França, por morte, que em Portugal foy loguo sabida.

CAPITULO IV.

Como depois da morte da Condessa de Bolonha foy despenfado com ElRey Dom Affonso que cazasse cõ ha Rainha Dona Breatiz, e dos filhos que della ouvesse.

Loguo todos hos Prelados, e Nobres homens, e povo do Reyno enviaram sopricar aho Papa, e pedirhe que pois ha dita Condessa era falecida mandasse alevantar ho antredito q̃ no Reyno por muitos annos era posto, e quizesse dispensar sobre ho cazamento delRey com ha Rainha Dona Breatiz, porque ambos como marido, e molher podessẽ licitamente viver, e siquassẽ lidimos hos filhos, que jã tinham avidos, e hos que dahy por diante ouvessem, para com sua despenfagam poderem direytamente soceder no Reyno de Portugal, depois da morte delRey seu padre, e assi quizesse revogar todas as doaçoens que ElRey Dom Sancho Capelo em fraude, e detrimento da Coroa de Portugal em suas necessidades tinha feytas aho ifante Dom Affonso de Molina, e ha outras quaelquer pessãoas, por quam sem cauza, e contra direyto eram, ha que ho Papa em todo loguo satisfez, sobre que mandou

dou passar suas Provisões Apostólicas, que vieram ha este Reyno, e estão em guarda na Torre do Tombo, sómente se acha que pela legitimação do Infante Dom Diniz filho primeyro, e erdeyro, porque nacera em vida da Condesa de Bolonha, El Rey Dom Affonso seu pay deu em especial, muita parte de seu thesouro.

1261. El Rey Dom Affonso ouve da Rainha Dona Breatiz sua molher estes filhos, ha saber ho Infante Dom Diniz, que foy depois seu erdeyro, e successor, e nasceo em Lisboa dia de Sam Diniz, ha nove dias de Outubro de mil duzentos sessenta e hum annos, e por ha devaçam deste Santo, em cujo dia nasceo, elle mandou depois fazer ho seu Moesteyro de Sam Diniz de Odivellas, onde se mandou sepultar, como em sua Coronica direy mais inteiramente. E ouve mais ho Infante Dom Affonso, que foy Principe muy honrado, e de grande estima, e teve neste Reyno boas Villas, e Castellos, e terras, e foy cazado com Dona Violante, filha do Infante Dom Manoel de Castella, e da Infante Dona Costança Daraguam, de que ouve hum filho baram, e tres filhas, que foram grandemente cazadas em Castella, de que na Coronica del Rey Dom Diniz farey mais largua declaração; e assi ouve mais El Rey Dom Affonso da Rainha Dona Breatiz ha Infante Dona Branca, que sendo muy moça, foy recebida por Senhora do Moestey-

ro de Loryam, assi como ho fora ha Rainha Dona Thareja, sua tia, q nelle jáaz, e ho reformou, como jáa tenho dito, e depois do falecimento del Rey Dom Affonso seu pay, ella foy recebida por Senhora das Olgas de Burguos, onde sem cazar faleceo, e ahy jáas sepultada; e della porém se acha que hum Cavalleyro dito ho Carpiteyro ouve hum filho, que ouve nome Dom Joam Nunes do Prado; e este foy Cavalleyro da Ordem de Calatrava, e depois foy Mestre della, quando Dom Guarcia Lopes, que era Mestre, foy por seus desmerecimentos privado de Mestre.

E com tudo esta Infante Dona Branca foy Princeza de muy louvadas virtudes, e teve em Castella boa terra, e neste Reyno boa fazenda, porq ella foy senhora de Montemoor ho Velho, por doaçam del Rey seu pay, que em seu testamento lhe leyxou mais dez mil livras, que sam quatro mil cruzados, e assi foy senhora de Campo mayor, que El Rey Dom Diniz seu irman lhe deu em sua vida, e El Rey Dom Affonso deste nome ho Decimo de Castella, seu avoo tambem lhe leyxou em seu testamento muito dinheyro, e alguns dizem que ella jáas em Loryam, mas eu vi Cartas, e Provisões, que ella nos derradeyros dias de sua vida passou para Portugal, feytas dentro no Moesteyro das Olgas de Burguos, onde tambem recolheo algumas filhas do Infante Dom Affonso de Portugal seu

seu irnam. E assi ouve mais ElRey Dom Affonso ha Ifante Dona Cotança sua filha, ha qual ha Rainha Dona Breatiz sua madre levou cõfiguo ha Sevilha, quando foy ver ElRey Dom Affonso seu pay, e láa faleceo, e foy trazida ha Alcobaça, onde jáas sepultada. E ouve mais hum filho bastardo, que ouve nome Dom Fernando, que foy Cavalleyro da Ordem do Templo, e jáas sepultado em S. Bras de Lisboa.

CAPITULO V.

Das terras, e Luguares que se acrescentaram ha Portugual por este cazamento.

Pelo cazamento delRey Dom Affonso com ha Rainha Dona Breatiz muitas Villas, e terras do Reyno de Castella creceram, e se ajuntaram ha este Reyno de Portugual, e destas has que sam na Comarca de Riba Dodiana, ha saber Moura, Serpa, Mouram, Noudar, Olivença, Campo mayor, e Ouguela, direy na Coronica delRey Dom Diniz, porque em seu tempo elle por concordias, e por escambos has ouve, e depois atéeguora sempre pacificamente, e sem contradicam foram, e sam possuidas por da Coroa de Portugual, mas porque he claro, e muy notorio que por bem do dito cazamento, ainda creceram mais aho Reyno do Por-

tugual, ho Reyno do Algarve; de que este Rey Dom Affonso nova, e primeyramente se intitidou, e por cujo respeyto em ladeo ha boila dos Castellos às Quinas de Portugual, como atraz jáa toquey, para dizer hos principios, que teve para boa declaraçam dos que esto virem farey meu fundamento hum pouco mais alto, que será verdadeyro, e breve, como se segue.

ElRey Dom Fernando de Castella deste nome ho segundo, depois de ter pacifiquos hos Reynos de Castella, e de Liam, que nelle ha segunda vez se ajuntaram, ganhou dos Mouros ha Cidade de Cordova, na era de mil e duzentos e trinta e sinquo annos, naqual tomada foy com ElRey Dom Fernando Dom Payo Correa, natural de Portugual, Mestre da Ordem Daviz, que he ha de San-Tiaguo em Castella, por muy principal, e de grande Caza, e muy esforçado guerreyro contra hos inimigos da Fée, e porque ElRey Dom Fernando desejou muito de cobrar ha Cidade de Sevilha, e assi ha terra Dandaluzia, que toda era de Mouros, tornandose para Castella leyrou por Fronteyro contra ella Dom Payo Correa em Sam Lucar Dalbayda, e hum Dom Rodriguo Alveres das Asturias, em Alqualà da Guardara, donde com muitas gentes que tinham, e com ha guerra aturada, que faziam, poseram ha Cidade de Sevilha em tanta estreteza q̃ ho Rey della lhe deu gram soma

loma de ouro, por tregua de hum anno, que hos ditos Freyres lhe outorguaram, dentro do qual hos Mouros com fundamento de se proverem por muitos annos, fêmearaõ todo ho paõ, e sementes que tinham de que esperavam aver novidades, com has quaes recolhidas lhes pareceo que se segurariaõ, e manteriam por vinte annos, ainda que nelles fossem guerreados, e cerquados, ho qual hos ditos Fronteyros notificuaram loguo ha ElRey Dom Fernando, e ho avizaram, que para teer esperança de cobrar em breve ha Cidade anticipasse loguo ha guerra contra hos Mouros, ou ha colheyta das ditas novidades para si mesmo, ho qual loguo ElRey satisfez, e com grande poder, que ajuntou por maar, e por terra, veo cerquar ha Cidade, e depois de estar dezaseis mezes sobre ella, com cerquo bem afrontado ha tomou, ca se deu por partido, com segurança das vidas, e fazendas em dia de São Clemente, vinte e dous dias de Novembro, na era de mil duzentos quarenta, e

lho, sogro deste Rey Dom Affonso Conde de Bolanha; e ho meyo tempo que ouve antre ha tomada de Cordova, e Sevilha, e em que ho Mestre Dom Payo Correa, era Fronteyro em Andaluzia contra hos Mouros, elle guerreando, e correndo has terras dos imiguos, que eraõ à sua frontaria conjuntos, entrou pela Lusitania junto do campo Dourique, que dentro era da conquista de Portugal, Reynando ainda Dom Sancho Capello, e por força de armas ho dito Mestre tomou em desvayrados tempos has Villas de Aljustrel, e de Mertola, que eram de Mouros, has quaes ha requerimento do dito Rey Dom Sancho, e por mandado del Rey Dom Fernando de Castella, seu primo com Irmaõ, foram entregues aho dito Rey Dom Sancho por pertencerem ha Portugal, ho qual por sua devaçam, e pelas almas de seu pay, e de sua mãy, segundo diz em sua doaçam, e assi por comprir aho dito Mestre Dom Payo Correa, que era seu servidor, has deu loguo à Ordem de São Tiago, cujas oje são.

1248.

de Sevilha, e ahy jáas sepultado.
E foy loguo alevantado, e obediçido por Rey de Castella, e de Liaõ, ElRey Dom Affonso seu fi-

Esta beati-
ficado por
Santo.

CAPITULO VI.

Que fundamento ouve para ho Mestre Dom Payo Correa começar de conquistar ho Algarve, que era dos Mouros.

DEpois que ho Mestre Dom Payo tomou estes Luguares da conquista de Portugal, até se ganhar ho Algarve, passaram dous tempos em que reynaram dous Reys de Castella, ha saber ho dito Rey Dom Fernando, em cujo tempo ho dito Mestre tomou primeiramente Tavilla, e Sylves, e alguns outros Luguares do Algarve, e apoz elle Reynou ho sobredito Rey Dom Affonso seu filho, que Reynando em Castella depois de fazer sua doçam para sempre ha ElRey Dom Affonso Conde de Bolonha seu genro, e a Dom Diniz, seu filho se ganharam todos outros Luguares do Algarve, em que tambem foy ho dito Mestre como Vassallo, e Compadre, q̄ era do dito Rey Dom Affonso Conde de Bolonha, e foy por esta maneyra. Quando ho Mestre Dom Payo Correa ganhou dos Mouros Aljustrel, como he dito, se acha, que estando ainda no dito Lugar, elle como boom Cavalleyro, e catholico guerreyro, desejando conquistar esta parte do Algarve, que confinava com Portugal, que to-

da era de Mouros, para saber se ho poderia fazer, e como ho faria, teve concelho com seus Cavalleyros, em que nom achou conforme accordo, assi, porque alguns contrariavam ha empreza, e passagem da terra do Algarve, como porque era muy povorada, e hos Mouros della tinham pelo maar seu grande soccorro, e ajuda Dafriqua.

Mas ho Mestre, cujo coraçam era jáa favorecido da vontade de Deos, prepoz entender na conquista, e nom ha leyxar, para esso falou apartado com Guarcia Rodrigues Mercador, que de contino tratava neste Algarve com hos Christãos, e com hos Mouros suas mercadorias, e secretamente lhe dice, que seu desejo era com ajuda de Deos, e por seu serviço cobrar dos Mouros, esta terra do Algarve se possesse, para que entam avia singular disposiçã pelo desvayro, e discordia em que sabia, que estavam hos Reys, e Senhores, que hos senhoreavam, mas que ho nom commetia, porque nom sabia, nem tinha quem soubesse has entradas, e caminhos da terra, e por tanto lhe rogava pois elle esto tudo sabia que lhe dicesse seu parecer verdadeyro, como delle por Christam, e boom homem confiava. E Guarcia Rodrigues, em que avia boom espirito, lhe deu para esso tam boom concelho, e tanto esforço, e tal avia-mento, que ho Mestre apartou loguo alguns seus corredores por maneyra dalmoguavaria, para que fossem

fossem diante, hos quaes partiram Daljustrel, e passaram à terra pela Torre Dourique, e andaram de noyte muy atentadamente por hos Mouros nom aventarem delles alguns sentimentos; e ho primeyro Lugar ha que chegaram foy à Torre Descoubar, que por estar despercebida, e sem algum receo de Christãos prouve ha Deos, que sem muyta força, nem periguo foy loguo tomada, donde enviaram loguo recado aho Mestre, ho qual nom com menos alegria, que pressa fez prestes seus Cavalleyros, que nas armas trazia aśaas custumados, e bem ensinados, com que loguo partio, e com suas guias que levava, chegou à dita Torre, que era tomada, e dahi sem muyta detença cobrou mais ho Lugar Davor, que he antre Sylves, e Laguos, e destes Luguares ambos depois de serem de Christãos se fazia grande guerra ahos Mouros, que estavam em Sylves, e nos outros Luguares comarcãos.

Sentindose hos Mouros do Alguarve muy perseguidos, e aśaas denifiquados do Mestre, elles sobre consultaçam, que antre sy fizeram, lhe cõmetteram, que selle quizesse lhe dariam ho Lugar de Cacella junto com Tavilla por hos Luguares Destombar, e Alvor, que tinha tomados, e ha conciraçam, que hos Mouros tiveram, foy dos Luguares tomados, por serem no meo do Reyno, e mais juntos do Cabo de São Vicente, onde ha ter-

ra era entam mais pouorada se podia fazer, e fazia mais dano, que de Cacella, que era mais no fim da terra, e principalmente junto com Tavilla, que por ser Lugar forte, e de grande povoraçam hos Mouros, e vizinhos, e moradores delie poderiam mais facilmente lançar hos Christãos, do qual partido, e escambo prouve muyto aho Mestre, que loguo entregou ahos Mouros hos Luguares tomados, e cobrou para sy Cacella, que era Lugar forte, e boom, onde se fez loguo prestes, e sahio com suas gentes para hir cerquar, e tomar Paderne.

E como quer que atêly hos Mouros eram antre sy em grandes desconcertos, como atraz se disse, porém ha necessidade, e periguo em que ha ida do Mestre hos poz, hos fez loguo amigos, e concordos para com iguaes corações defenderem suas pessoas, e terras, pelo qual sabendo hos Mouros de Faraõ, e de Tavilla, e assi hos dos outros Luguares de redor, como ho Mestre era fóra de Cacella, para correr, e guerrear sua terra, avizaram tambem hos de Loulee para que todos no dia seguinte tivessem aho Mestre ho passo, e pelejassem com elle, hos quaes aho outro dia sobre este acordo se ajuntaram, e partindo, foram dormir contra ha serra ha hum Lugar, que dizem ho desbarato, e deste ajuntamento, e acordo nom sendo sabedor ho Mestre passou de noyte muy

secretamente por Loulee sem ser sentido, e seguindo seu caminho direyto, que vem para Tavilla, porque has suas escutas, que hiam de diante sentiraõ hos Mouros naquella luguar, onde jaziaõ, ho Mestre nom quiz mais abalar, e aly de noyte se deteve, e aho outro dia, como foy manhãa ho Mestre com sua singular, e costumada destreza de guerra ordenou suas gentes em batalhas, e guiados de sua bandeyra, que levavam tendida nom andaram muitos passos, que logo nom ouveram vista dos Mouros, que jaziam em hum valle escuro, hos quaes vendo ha pouqua gente dos Christãos em comparaçam da muita sua que tinham, foram muy alegres, ca tiveram grande esperança de averem ha vitoria.

E ho Mestre sem mais detença rijamente deu nelles, em que logo achou grande esforço, e muy perigosa resistencia, pelo qual antre todos se travou muy crua, e bem ferida batalha, em que ha vitoria por grande espaço esteve em balança, mas em fim nom podendo hos Mouros jáa sofrer ahos Christãos, nem às mortes, e feridas, que de suas mãos recebiam, volveramlhe as costas, e com dezacordada fogida, cada hum procurou de salvar sua vida. Nesta batalha foram dos Mouros muitos mortos, e feridos, e hos que escaparam acolheram-se ha hum Luguar, que chamam *ho Furadoyro*, que vem donde foy esta peleja ca-

minho da fonte, que ora dizem do Bispo, e porém hos Christãos por ha qualidade da fronta nom ficaram sem sua parte de dano, mas este nom acho escrito quanto seria, lóoamente que ho Mestre, e hos seus pelo grande trabalho, e muito cançasso da batalha nom seguiram ho alcanço dos Mouros, e se recolherám.

CAPITULO VII.

Do acordo que hos Meures fizeram contra ho Mestre, e como ouveram com elle batalha em que foram vencidos.

HOs Mouros de toda ha terra, por este destroço, e desbarato, que ouveram mostraram muito nojo, & grande trilleza, em especial hos de Tavilla, porque tinham inimigos tam fortes junto comsiigo, hos quaes naquella ora juntos em seu concelho diceram: *Estes Christãos nom temem, antes nos menos prezam, e nom he sem razã, porque ou por nossa muita fraqueza, ou por nossa grande dezaventura sempre somos delles vencidos, mas agnora porque elles eram seguros, e despercebidos pela vitoria, que hontem de nós ouveram, cuidam jáa, que nom haa em nos esforço, nem acordo para nossa vingança, ajuntemonos outra vez, e sem medo hos vamos commetter, e sem duvida nós*

los

hos desbarataremos, e com sua perda hos lançaremos da terra, que he nossa.

E no outro dia ho Mestre, que destas consultas, e ardís, nom foy, nem podia ser avizado, partio do luguar, onde fora ha batalha para Cacella, e vindo por seu caminho direyto, que dizem *ho Almarvem*, junto do qual hos Mouros estavaõ prestes com seu ardil de hos saltarem, e ho Mestre jáa nom trazia toda sua gente, que salvou da peleja, porque alguma leyxara no monte, em que aguora he Crasto Marim, para dahi recolherem alguns seus, que passavam pela ribeyra, e porém em chegando aho luguar do Salto, onde hos Mouros hos esperavam, elles sayram a elle tam de supito, e ho commetteram com tantas gritas, e forças, que ho poseram em muyta torvaçam, e periguo, pela qual cõveo aho Mestre, e ahos seus por força se recolherem ha hum monte alto, que he junto de Tavilla, ha que depois chamaram *ha Cabeça do Mestre*, donde pela fortaleza do luguar se defendiam dos Mouros milhor, e hos ofendiam com mais sua vantagem.

Mas com tudo elles nom afro-xavam hos Christãos, antes por todas as maneyras de fazer mal hos combatiam, trabalhando com todas as forças por lhes cobrar ho monte, que hos salvava, e com tanta fortaleza afrontavam ho Mestre, que se nom sobreviera ha noyte

que hos apartou elle, e hos seus se despunhaõ, e estavam em mortal periguo, e hos Mouros apartados do combate lançaõ-se aho pée do monte alonguados da vista dos Christãos, loguo com determinaçam de aho outro dia tornarem á peleja, mas elles neste primeyro preposito nom perseveraram, porque pratuando antre sy sobre has gentes que aho Mestre loguo viriam em seu socorro, e ho periguo, que nello cortiaõ alevantaramse, e foramse tristes para hos luguares donde partiram, ho que alli fizeram sem vista, nem sabedoria do Mestre, ho qual na noyte passada jáa tinha avizada sua gente, q̄ leyxara em Cacella para que ho viessem socorrer, como loguo vieraõ com fundamento de dar batalha ahos Mouros se ho esperassem, quando soube que eram partidos alegre, e a seu salvo se foy para Cacella.

CAPITULO VIII.

Como ouve treguoas antre hos Christãos, e Mouros, e com que fundamento cada huns ho outroguaram, e como foy ha morte dos sete Cavalleyros Martyres, e ho Mestre tomou Tavilla.

HOs moradores de Tavilla, e alli hos Mouros das outras Villas

Villas seus comarcãos, vendose perseguidos, e maltratados do Mestre, por seus meos que antre sy tiveram concordaram, q̄ por quanto ha este tempo estavam jáa cerqua do mez de Junho em que aviam de recolher seus pães, e dahi ha pouquo se achegava ho outro de seu alacil para sequarem, e aproveytarem suas passas, e fruitas, e abem de procurarem poer com ho Mestre treguoas atée ho São Miguel de Setembro, que vinha, no qual tempo acabariam inteiramente de recolher suas novidades, e dahi por diante teriam millhor disposiçãõ para lhe fazer ha guerra, e ho lançar fóra da terra. Da qual treguoas, que pelos Mouros foy requerida, e apontada prouve muyto aho Mestre, e lha deu, de que fizeram suas certidões com fundamento, que nom sóomente neste tempo daria descanço ahos seus dos muitos trabalhos, que tinham passados; mas que ainda nelle se perceberia das mais gentes, que para ho dezejado fim de sua empreza lhe eraõ necessarias.

E sendo por bem desta treguoas hos Christãos, e hos Mouros de huma parte, e da outra seguros, D. Pedro Rodrigues, Commendador móor de San-Tiaguo, que era na companhia do Mestre dice ahos outros Cavalleyros, que por seu defenfadamento, pois estavam em treguoas fossem com suas aves à caça aho lugar das Antas, que era termo de Tavilla, e está dahi tres

leguoas. Aho que foy ho Mestre, como pessoa muy prudente, contrayro, dizendolhe que escuzassem em tal tempo sua ida, porque hos Mouros, por suas condições, nom eraõ menos ciosos da terra que das molheres, e por esto com qualquer payxam destas sendo homens sem fé, e sem verdade lhe poderiam fazer dano, que custaria depois muy caro. Ha que ho Commendador móor tornou dizendo, que pois estavam com hos Mouros em treguoas delles tam dezejadas, e requerida, que nom avia rezam para elles se recearem, quanto mais que elles para segurar esse pejo iriam à caça de paz, e de guerra.

Com esta confiança ho Commendador, e sinquo outros Cavalleyros com elle ha cavallo se partiram de Cacella, e trazendo ho caminho direyto de Tavilla, passaram pela pontẽ, e entraram, e seguiram pelo meyo da praça da Villa, e cheguaram às Antas, lugar da caça, que hee huma leguoas da Villa ha cerqua da ribeyra, onde começaram de caçar, e aver prazer sem alguma maginaçam, nem sospeyta da morte, que se lhes aparelhava, porque hos Mouros de Tavilla quando daquella maneyra viram passar hos Christãos, avendo que era em seu manifesto desprezo, receberãõ por esto grande dor, porque sua vista lhes fizera viva lembrança das mortes, e males, que delles jáa muytas vezes tinham

nham recebidos, e diceraõ antre sy: *Certamente hos homens, que somos, que sofrem tanta mingua, e tanta desprezo quanto estes Christãos com soberba nos fazem saõ mais que mortos, e nom tem sizo, vergonha, nem coraçam, assi passam por aqui hos Christãos nossos uniguos tam seguros como se fossomos bestas, e elles Senhores da nossa Villa.*

Sobre has quaes palavras de murmuraçam se ajuntaram muitos com grande honra, e determinaraõ hir loguo, como foram com grande ira, e com passos muy apressados sobre hos Christãos, hos quais andando à caça, quando viram tantos Mouros, ca ha grande sua pressa, e alvoroço com que hiam, em cazo que ainda fosse de longe loguo presumiram ha máa, e indinada tençaõ, com que vinham, pelo qual leyxadas has aves, e seu officio ociozo se ajuntaram, e diceraõ: *Claro he que estes Mouros vem sobre nós, e ho principal remedio hee ho de Deos, que por sua piedade nos queyra esforçar, e socorrer, e apoz esto ho concelho seja, que nos percebamos, e esperemos, como Cavallegros qualquer afronta, que nos vier, e prazera ha Deos, que pois somos Christãos, que nom sómente nos defendemos, mas que com sua ajuda hos venceremos, e quando ha ventura for tam contrayra, que nom possamos salvar has vidas, aho menos vinguemolas primeyro cõ mortes destes, e ajamolas por bem empregadas em seu serviço.*

Com esto enviaram loguo aho Mestre hum messageyro cõ grande triguança pedindelhe, que hos soccorresse, e com aquella pressa, e diligencia que em tam breve tempo foy possível, e para elles em tanto se defenderem, e pelejarem fizeram hum palanque de paos de figueyras velhas haque se recolheram, onde hos Mouros com muyta furia hos vieraõ loguo commetter, em que acharam muito esforço, e grande resistencia, e nom tam leves como elles cuidavam, e estando hos Christãos nesta afronta acertouste, que Gracia Rodrigues, ho Mercador, com que ho Mestre se aconselhara na vinda do Algarve, como atraz dice, indo de Faraõ para Tavilla com suas carguas de mercadorias, segundo costumava, quando vio ho dezaflloseguo, e ajuntamento dos Mouros seguio ho fio delles para saber ho que era, e quando vio ha peleja, e grande periguo em que hos Christãos estavam, volveo rijamente onde deixara suas carguas, e dice ha seus levidores: *Ivos, e leyxay essas arrecovas, e tomay essas mercadorias que partireis antre vós, ca se eu viver nom me falecera de que viva, e se morrer esso me basta, pois hee em serviço de Deos.*

E com esto acabado, arremeteo, e se lançou aho palanque, e dentro delle se ajuntou cõ hos Christãos, ha que ajudou, e esforçou quanto ha hum bom homem era possível, onde por grande espaço se defenderam,

deram, e pelejaram, dando, e recebendo muitas feridas, e assi eram afrontados, e por tantas partes combatidos, que hum nom podia dar fé do que ho outro fazia, e em fim por has forças dos Christãos serem jáa de grande trabalho vencidos, ho seu palanque foy roto, e entrado, e elles todos sete por desfalecimento da virtude corporal cortados de mortaes feridas acabaram has vidas como Cavalleyros, e bons Christãos, ho que nom foy sem publica vingança de suas mortes, de que hos corpos dos Mouros sem almas déram alli verdadeyro testemunho.

Durando ha peleja dos Christãos chegou seu recado aho Mestre que era em Cacella, donde com grande triguança loguo partio com dezejo de hos soccorrer, porque bem sabia q̄ hos Cavalleyros eram taes, que sem medo, nem outro seu desfalecimento, ou aviam de viver, ou morrer, e seguio ho caminho, porque elles vieram, e sem contradicão, nem defeza dalguma pessoa entrou pela Villa, e praça della, e taõ intento, e acezo hia no dezejo, que levava de soccorrer ahos Christãos, que passando por ella nom lhe lembrou, que dessa vez livremente, e sem periguo ha podia tomar se quizera, e quando chegou a Antas, onde achou, e vio todos os seus Cavalleyros mortos, anojado, e muy iroso por tam feyo feyto ouve com hos Mouros, que ainda topou muy crua peleja, onde matou tan-

tos, que hos ossos delles foram depois por longuos tempos aly viltos em grande toma, e ahos outros, que fogiram, foy seguindo ho alcance fazendo nelles grande estraguo atée ha Villa, cujas portas hos Mouros acharam fechadas, porque hos vizinhos, e gentes, que em ella ficaram, quando viram passar ho Mestre aho soccorro dos Cavalleyros ha que hia, bem entenderam qual seria sua determinaçam como soubesse parte do cazo.

E por esto cerraram bem suas portas, que nom quizeram abrir ahos seus que vinham fogindo, e sómente lhe abriram hum postiguo pequeno, e escuro, que estaa contra ha mouraria, sobre que deu ho Mestre, e hos ferio taõ riço, e com tanta braveza, que nom tendo elles acordo para se defenderem, nem de cerrar ha porta entrou por ella ho Mestre de volta com elles, e cobrou ha Villa, e apoderouse della dentro da qual, e fóra della ho Mestre, e hos seus fizeram nos Mouros grande estraguo. E era neste tempo senhor de Tavilla Abenfalula, Mouro, que nom se sabe se morreo nestas pelejas, se ficou no luguar, como outros alguns ficaram. E esta batalha, e hos Cavalleyros mortos, e ha Villa tomada foy tudo ha nove dias de Junho de mil e duzentos e quarenta e dous. E ho Mestre como de todo foy apoderado da Villa, e ha ley xou com boa segurança, com alguma gente d'armas tornou a Antas onde hos

Ca.

Cavalleyros mortos jaziaõ, & chorando por elles muytas lagrimas, & dando grandes gemidos, e tristes sospiros hos mandou apartar dantre hos corpos dos Mouros, que elles mataram, e cheos todos de muito sangue das grandes feridas de que morreram, hos fez levar à Villa, & na Mesquita, que ho Mestre fez consagrar em Igreja da Evocação de Nossa Senhora mandou loguo fazer hum grande Moimento de pedra, em que se pintaram sete Escudos, todos com has vieyras da San-Tiago, & nelles hos seis Cavalleyros, e Guarcia Rodrigues com elles foram todos sete sepultados, & seus nomes são estes, Pedro Rodrigues Comendador moor, Mem do Vale, Duram Vaaz, Alvaro Gracia, Estevam Vaaz, Beltram de Gaya, e ho Mercador Guarcia Rodrigues, cujos corpos foram depois avidos em grande reverencia, e devaçam, e piedosamente nom era sem cauza, porque como Martires espargeraõ seu sangue, e como fieis Catholicos perderam has vidas pela Fée de Jesu Christo N. Senhor.

CAPITULO IX.

Como ho Mestre tomou Selir, e Alvor, e ha Cidade de Sylves, porque partidos ha leyxou abos Mouros.

HO Mestre Dom Payo Correa por tomar Tavilla dos Mou-

ros, como hee dito, por ella ser Cabeça, e ha principal couza do Alguarve, foy muy alegre, e deu por effo muytas graças ha N. Senhor, e porque sentio que elle com sua graça, e ajuda nesta sua empreza sempre ho favoreceria, nom quiz estar por longuo tempo ouciolo, mas fez prestes suas gentes, e depois de leyxar Tavilla em boa guarda, e segurança, sahio della, e foy sobre Selir, e ho tomou por força, e assi Alvor outra vez, e dahy foy loguo cerquar Paderne, que era Castello muy forte, e tinha boa Comarca, q̄ hee antre Albofeyra, e ha Serra, e estando em cerquo sobre elle apartou de sy algumas gentes, que mandou aho termo de Sylves, onde tomaram outra vez ha Torre Destombar, que jáa fora sua, e Abenafaam, que era Rey daquella terra estava em Sylves, quando soube que hos Christãos tomaram Estombar, crendo, que seria hy ho Mestre, ajuntou tambem has mais gentes que pode, e sahio com proposito de vir sobre elle, e darlhe batalha. Da qual couza sendo ho Mestre loguo avizado alevátou ho cerquo de sobre Paderne, e por caminho desviado se veyo lançar sobre Sylves, e ho Rey Mouro indo para Estombar, como soube que na terra nom avia outras gentes, salvo has que tomaram, e defendiam, receandote ser acommetido dalgum ardil do Mestre, fez loguo volta com grande triquança sobre Sylves, onde ho Mestre lhe tinha

feyta cilada, q̄ sabendo de certo recolhimento q̄ ho Rey Mouro avia de fazer lhe tomou todas as portas da Cidade, em cada hũa das quaes poos gente afaas que has guardasse, e ElRey Abenafaam, quando aho recolher achou embargo, e resistencia em todas as portas, commetteo de por força entrar pela porta, que dizem *Dazoya*, que lhe pareceo mais despejada, que todas as outras, onde se encontrou com ho Mestre, que de fóra tinha ha guarda della.

E em hum campo junto da Villa em que está ha Igreja de Santa Maria das Martes ouveram ambos muy travada, e ferida peleja, em que ho Mestre pola pouca gente que consigo tinha se vio em grande pressa, porque hos Mouros eraõ muitos, e muy juntos, e feriraõ-no muy rijamente, e punhaõ todas suas forças por cobrar ha entrada da porta, que ho Mestre defendia, e procuravam hos Mouros de se meter debayxo da Torre *Dazoya* que he sayda em arcos para fóra, portal que hos Mouros de cima hos defendessem, mas nom ho poderaõ fazer, e porque hos Mouros de dentro quando viraõ ho Rey Mouro à porta, e com grande vantagem de gente sobre ho Mestre, sahiram alguns cuidando de ho meter, e salvar por ella, e aho recolher, que quizeram fazer, foram dos Christãos tam apertados, que de volta se meteram com elles dentro na Cidade, e nom sem crua peleja, e gran-

de perda de homens de huma parte, e da outra, que aly ficaram mortos.

E segundo se diz, mais Christãos morreraõ nesta entrada, que em outro Lugar do Alguarve que se tomasse, e ElRey Mouro vendo que ha Cidade era jáa por aquella porta entrada, andou correndo ha cavallo em torno della experimentando todos os lugares convenientes para sair, e quando nom achou remedio, quiz-se lançar por hum postiguo da treyçaõ do alcacer, que era seu apozentamento, onde morava, e porque ho achou empedido cõmetteo outra porta em que tambem achou contradiçam, pelo qual jáa como desesperado da honra, e da vida ferio apressadamente seu cavalo das esporas, e fogio, e passando por hum peguo do rio afoguouffe nelle, onde depois ho acharam morto, e deste cazo accidental chamaõ àquelle Lugar *ho pego de Benefaam*. Hos Mouros que na Cidade ficaram vivos, se acolheram aho alcacer, e mostraram suas forças para ho defender, mas ho Mestre nom ho quiz combater, antes lhes deu segurança, que vivessem na Villa se quizessem, e aproveytassem suas Cidades, e com obediencia, e tributos lhe conhecessem aquelle Senhorio, que conheceram ha ElRey Mouro, e elles Mouros assi ho concordaram, e foram do partido contentes, e esta maneyra se diz que ho Mestre sempre teve nos Lugares do Alguarve,

ve, que tomou cujos alcaceres nom combateo, e deu segurança ahos Mouros porque has Villas fossem melhor aproveytadas, e se nom despovorallem, e nom tardou muito, que nella Cidade foy fundada Sée, e Igreja Cathedral, e Bispo della ha que foy dada toda ha jurdição Ecclesiastica daquelle Reyno.

CAPITULO X.

Como ho Mestre tornou cercuar Paderne, e ho tomou, e do fundamento que ouve para ElRey D. Affonso de Portugal aver para sy ho Reyno do Alguarve, e se intitular delle, e com que obrigaçam lhe foy dado.

TAnto que ho Mestre poos em Sylves suas gentes, que ha guardassem, e defendessem, e ha proveo das outras cousas, que ha ella eram necessarias, se partio, e tornou apoer ho cerco que levantara de sobre Paderne, e porque logno hos Mouros se nom quizeram dar ha bom partido que lhe cometiam, elle hos combateo, e por força tomou ha Villa, e ho alcacere sem hos receber ha concordia, nem algum partido de piedade, antes por dous bons Cavalleyros que lhe aly mataram da Ordem, mandou, que todos os Mou-

ros da Villa andassem, como andaram à espada, e ha gente desta Villa de Paderne, cujos grandes edeficios ainda parecem, alguns dizem, que por sua maa disposição se mudou depois à Villa de Albofeyra, que ho Mestre Daviz depois tomou como adiante vay, e atraaz deyxey apontado.

Como ha Conquista do Alguarve que primeyramente fez D. Payo Correa Mestre de San-Tiagu deCastella, por nação, e linhagem Portuguez, foram em dous tempos, ha saber, em tempo delRey Dom Fernando de Castella, e depois em tempo delRey Dom Affonso seu filho, e aguora declaro que hos Luguares, que até qui se ganharam pelo dito Mestre foram em tempo delRey Dom Fernando, e antes da tomada, e cerco de Sevilha, porque claramente consta, que este Mestre de San Tiagu era com ElRey aho tomar della, e para tal feyto foy avido, e estimado por muy principal, e para feytos darmas muy afinado, e estes Luguares do Alguarve estiveram da maaõ do Mestre à obediencia delRey Dom Fernando até ho tempo delRey Dom Affonso seu filho, que como Reynou teve grande afeçam aho dito Mestre, e lhe deu de si muita parte, e ho mandou tornar aho Alguarve, para nelle estar por segurança dos Luguares, que ganhara, porque ainda nelles avia muitos dos Mouros. E neste tem-

po era jáa cazado este Rey Dom Affonso Conde de Bolonha com ha Rainha Dona Breatiz, filha do dito Rey Dom Affonso de Castella, & ha maneyra porque depois seu marido, e ella ouveram este Reyno do Alguarve hee ha seguin-
te.

ElRey Dom Affonso Conde de Bolonha, sendo assi cazado com ha filha delRey de Castella, sabendo que ho Mestre de San-Tiaguo tinha ganhado dos Mouros has ditas Villas, e Luguares do Reyno do Alguarve, que eram da conquista, e Senhono de Castella, e estavam pela parte do Campo Dourique muy conjuntos aho Reyno de Portugal, e vendo que contra hos Mouros Despanha jáa nom tinham livre alguma propria conquista dezejando acrecentar em seu Reyno, e em sua honra, e assi por ter em que servir ha Deos em semelhante guerra piadosa, dezejou para sy esta terra, sobre ha qual falou com ha Rainha Dona Breatiz sua molher, e sendo ambos em hum dezejo, e tençam conformes, ella por seu prazer, e por concelho de seu marido, foy loguo ha ElRey Dom Affonso de Castella, seu pay, que estava em Toledo, ha qual elle recebeu com muita honra, e alegria, porque como algumas vezes jáa dice sempre por palavras, e obras, elle mostrou que lhe tinha muito amor, e grande dezejo de lhe fazer bem, e avendo depois tempo, e lugar para ho

cazo conveniente, ha Rainha com has palavras, e rezões que seu dezejo, e necessidade lhe apresentaram dice ha seu pay, ha cauza principal de sua ida, pedindolhe muito por merce, em nome delRey seu marido, e seu, que dêsse ha elles, e ha seus netos, que cada dia creciaõ ha Cõquista do Reyno do Alguarve, e assi hos Luguares, que por ho Mestre de San-Tiaguo eram jáa nelle tomados, e porque ho Reyno de Portugal, que tinham, era para elles muito pequeno, e ha este tempo ho Ifante Dom Diniz, que ha pooz seu padre Reynou, e assi outros Ifantes seus filhos jáa eram nascidos, e hos Luguares de riba Dadiana, e de riba de Coa, ainda nom eram de Portugal; porque depois se ouveram, como nesta Coronica, e na delRey Dom Diniz aho diante se dirá.

Deste requerimento prouve muito ha ElRey Dom Affonso, que por Reaes condições que muitos lhe entrepetraram ha vaidades, e desordenada cobiça de gloria, foy ho mais nobre Rey de Castella, e querendo em todo satisfazer à Rainha sua filha, lhe mandou loguo passar sua Carta patente, e selada de seu selo de chumbo, por ha qual fez solenne, e firme doaçam aho dito Rey Dom Affonso Conde de Bolonha, seu genro, e aho Ifante Dom Diniz seu filho, e ha todos os filhos, e filhas, que delles decendessẽ para sempre
do

do Reyno do Alguarve com seu inteiro Senhorio, e com todos Luguares delles guanhados, e por ganhar, com tal condiçam que ho sobredito Rey de Portugal, e seus filhos, fossem obrigados ha dar de ajuda aho dito Rey Dom Affonso de Castella em sua vida sómente cincoõta Cavalleyros, quando lhos requeressem, contra todos Reys Despanha, e além desta doaçam El Rey de Castella mandou fazer outras Cartas para ho Mestre Dom Payo Correa, e para outros grandes Cavalleyros, que com elle andavam no Alguarve, porque lhe notificou esta doaçam, que tinha feyta, e lhes mandou que a comprissem, e porque El Rey Dom Affonso folguava com ha vista, e conversaçam da Rainha sua filha pola grande afeçam, que ha ella tinha nom lhe deu lugar que loguo se tornasse ha Portugal, como ella quizera, pelo qual elle mandou has sobreditas Provisõens ha El Rey Dom Affonso seu marido, que como has recebeo alegre com tamanha, e taõ honrada, e taõ dezejada doaçam, nõtificou tudo aho Mestre Dom Payo Correa, ha que desso prouve muito, porq̃ tinham antre si muito conhecimento, e grande amizade.

E El Rey se intitulou loguo de primeiramente Rey de Portugal, e do Alguarve, e aho Escudo dos sinquo Escudos de Portugal, que seu bisavo El Rey Dom Affonso

Anriques primeyso tomou, e trouxe elle por titolo, e posse deste Reyno em adeo Orla, e borladura dos Castellos douro em campo vermelho, como depois atée guora sempre hos Reys de Portugal trouxeram, e trazem, segundo a traaz brevemente dice.

CAPITULO XI.

Como El Rey Dom Affonso de Portugal depois de lhe ser dado ho Alguarve, tomou ahos Mouros ha Villa de Faraõ, em que foy em sua ajuda ho Mestre D. Payo Correa.

Por El Rey Dom Affonso nom estar ouciozo de fazer alguma parte verdadeyra ha tençam com que pedira esta terra, mandou com grande diligẽcia preceber ha gente de seu Reyno, com ha qual junta, e para loguo ir aho Alguarve, elle ha gram pressa se foy ha Beja, e da hi ha Almodouvar do Campo Dourique, e passou ha serra, pelas Cortiçadas, e da hi levou seu caminho direyto para ha Villa de Faraõ, que era do Senhorio de Miramolim, que era Rey de Marroquos, e tinha ha Villa por elle hum seu Alcayde moor, que chamavaõ Aloandro, que era seu Alxarife, outro Mouro principal dito Abõbarram, ahos quaes para sua segurança

rança nom faleciam dentro grandes percebimentos de muita gente, armas, e mantimentos, e mais no alcacer da Villa tinham hum fusta, que por hum arco, que era feyto no muro ha lançavam aho maar quando queriam, e nella enviavam seus recados aho seu Rey, quando delle, e de suas ajudas tinham alguma necessidade, e por esta cauza, e porque ha Villa era muy forte hos Mouros della estavam muito esforçados, e com pouco medo dos Christãos, e ho Mestre Dom Payo Correa, que por prazer del Rey de Castella era jáa Vassallo del Rey Dom Affonso de Portugal, sabendo de sua yda ho foy com suas gentes aguardar na Villa de Selir antre Loulée, e Almodouvar, e aly se viram, e ho Mestre lhe fez sua devida reverencia, e acaramento, e El Rey ha elle muyta honra, com sinaes de grande amor, porque eram Compadres, e daly com suas gentes concertadas foram logo cerquar ha Villa de Faraõ, sobre que pozeraõ fortes estancias, e repartiram seus ordenados combates por esta maneyra, ha saber, ho primeyro combate tomou El Rey para sy no alcacer, e hum lanço do muro da Villa atée ha porta, que aguora dizem *dos Freyres*, e ho segundo combate do Mestre de San-Tiagu com toda sua gente, foy desta porta dos Freyres com outro lanço do muro atée ha porta da Villa, e ca hum riquo homem, e boom

Cavalleyro, que avia nome Pedro Estaço, mandou El Rey dar outro lanço do muro atée hum terra que depois chamaram *de Joam de Buim*, e ha este mesmo Joam de Buim, que era pessoa de grande estima, foy dado outro lanço desta sua terra atée ho alcacer, onde era ho primeyro combate del Rey.

E além destes Capitães aqui nomeados, eram cõ El Rey outros Cavalleyros, e pessoas muy principaes do Reyno de Portugal, ha saber, Dom Fernam Lopes, Prior do Esprital, e ho Mestre Daviz, e ho Chançarel Dom Joam Davinham, e Mem Soares, e Joam Soares, e Eguas Coelho, e outros, e por estes luguares, e lanços mandou El Rey combater ha Villa, ca tam aturadamente ho fizeraõ, que de dia, e de noyte nunca hos combates, e afrontas cessavam, nem davam ahos Mouros algum lugar, e repouzo, e porque perdessem ha grande esperança, e ajuda, e socorro, que tinhaõ no maar, El Rey lha tirou; porque mandou sua frota de Navios grossos estar no maar, e assi ordenou que no canal do Rio se atraveçassem outros Navios fortes, e bem armados, e forrados de couros da banda do maar, por tal, que se por cazo algumas Gales de Mouros viessem cõtrayras, e entrassem no Rio, que ellas com foguo, ou com outros engenhos nom denifiquassem os Navios dos Christãos, e desta maneyra

maneyra ho Lugar fiquou cerquado em torno por maar, e por terra, pelo qual vendo hos Mouros que ho maar onde tinham ho ponto principal de sua salvaçam, e socorro era de todo empedido, e atalhado, e assi nom podendo jáa soffrer hos afiquados, e perigosos combates que com grande seu dano sempre recebiam dos Christãos, e que posto que bem, e esforçadamente se defendessem, como faziam, nom tinham em fim esperança de se salvarem, ouveram por bem commetter partido ha ElRey para que sahiram de dentro hos sobreditos Alcaydes, e Alxarife, que na Villa eram dos Mouros has mayores cabiceyras.

E andando elles neste trato sem amostrarem ahos do Arrayal, que era acabado, ElRey foy falando com elles atée ho alcacer, onde por concerto jáa antre elles praticado, e prometido, ElRey foy delles recolhido no dito Castello com hos que elle quiz, que seriam atée dez Cavalleyros, e como ElRey entrou, porque assi era concordado, foguo ho alcacer foy livre de todos Mouros que nelle estavam, e se recolheram para ha Villa, e por mais segurança, ho alcacer foy loguo busquado, e despejado por aquelles Cavalleyros delRey, de maneyra, que dentro delle nom ficaram dos Mouros salvo hos sobreditos Alcaydes, e Alxarife, e porque ElRey por cumprir ahos Mouros sua verdade, e para se fazer

ho trato com mais asseceguo nom deu deste parte aho Mestre de Sarratiago, nê ahos outros Cavalleyros, que tinham hos combates, e estes achando menos ElRey, e sabendo que era dentro no alcacer, nom sendo certos de sua vida, e segurança, antes vendo, que contra sua vontade, e por seu mal ho retinham, foram por esso anojados, e por esse cazo foy no arrayal feyto grande alvoroço com que (postosto todo ho periguo) determinaram hos Christãos combater ha Villa, que sem embargo da resistencia, e letas, e pedras dos Mouros, que ho contrariaram passaram, e ajuntaramse com hos Mouros, e has gentes do Mestre trouxeram loguo muyta lenha, e outros materias às portas da Villa para com foguo has queymarem, e entrarem por ellas, e por este dezavizo, de que nom sabia ha verdade morreram nestes cometimentos, que poderam ser escuzados muitos Mouros, e mais Christãos.

ElRey depois, que ovio hos grandes rumores do arrayal, e soube ha causa delles, loguo com grande triguança se sobio em huma torre, e dando se ha conhecer alçou ho braço direyto, e na maõ amostrou ha todos as chaves do alcacer, que jáa tinham ha seu serviço, e com esso mandou ho Mestre, e ha todos os outros Capitães, que loguo cessassem de seus combates, e porque jáa era em concerto com hos Mouros, e assi ho Alcayde Mouro

Abem.

Abembarram sahio do alcacer, e dice ahos Mouros da Villa, que fossem leguros, e nom fizessem algum mal ahos de fóra, e com esto fiquaraõ todos affossegoados, e El-Rey mandou lançar preguões pelo rayal, que algum Christão nom fizesse nejo ahos Mouros, posto que antre hos Christãos andassem, nem entrassem pelas portas da Villa, posto que abertas has achassem, salvo ho Mestre, e ontros Capitães, porque estes entrariam com aquelles, que quizessem, e que hos outros Christãos estivessem sobre has portas dos combates, e estancias, que lhe foram ordenadas.

E ho concerto que ElRey fez com hos Mouros foy, que elles Mouros da Villa lhe fizessem, dessem, e paguasssem juntan ête aquelle mesmo foro, e serviço, e todalas outras coufas, que faziam, e paguavam aho seu Rey Amiramolim, e que com elles fiquassem todas suas cazas, viuhas, e Cidades assi como dantes has tinham, e que El-Rey hos amparasse, e defendesse assi de Mouros como de quaesquer outras gentes, e nações, que lhe mal, e nojos quizessem fazer, e que aquelles que para alguns Luguares de Mouros se quizessem ir, que livremente com todas suas coufas ho podesssem fazer, e andassem com ElRey quando lhe comprisse, e que lhe fizesse por esso bem, e merce. E por esta maneyra cobrou ElRey ha Villa de Faraõ no trez de Janeiro de mil duzentos e setenta.

CAPITULO XII.

Como ElRey Dom Affonso cerquou, e tomou Loulée, e como ha Aljasur tomou ho Mestre de San-Tiago, e ho Mestre Daviz, Albufeyra, e da declaração que se fez, deste nome Algarve, e dos Luguares que aguora nelle cauem.

Como ElRey cobrou ha Villa de Faraõ, como he dito loguo ha poucos dias elle, e ho Mestre foram com suas gentes cerquar ha Villa de Loulée, e sem porlonguado cerquo, ainda que fosse com dano dos Christãos em breve ha cobrou; e porque ho Mestre de San-Tiago trazia em sua companhia hões Cavalleyros, e muy esfoçados, destes se acertavzm, que nos combates das Villas, e peijas dos Mouros, que por sua bondade nom receavam de commetter, muitos morriam, e avendo ElRey desso piedade, e sentimento se diz, que em acabando de tomar esta Villa de Loulee, dice aho Mestre, que lhe pezava muito de tam hões Cavalleyros como eraõ hos seus, morrerem assi nestes cõbares, por quanto eram homens singulares, e escolheytos, e que ho Mestre lhe respondeo.

Senhor, nom vos anojéis das mortes

tes

tes destes, que acabaram suas vidas em seu proprio officio, e de tanto seu merecimeneo, pois hee em serviço de Deos, e por honra, e louvor de sua Fée, e se ho aveis, porque são Cavalleyros em posso loguo fazer outros tantos, E de Loulee cavalguou ho Mestre, e correndo ha terra dos inimigos cõtra ho Cabo, ouve aviso certo, que muitos Mouros juntos hiam avia Daljazur, e huns dizem, que este ajuntamento faziaõ para com outros consultarem sobre ho q̄ fariam por Sylves, e Tavilla, e hos outros Luguares, que eram tomados, e outros affirmaõ, que hiaõ para huma voda para que eram convidados, e esta parece ha cauza, e rezam mais conforme, porque hos Mouros Daljazur sahiram ha huma leguaõ ha receber hos do Cabo, e huns, e outros vinham mais de festa, que de guerra, ca muitos delles foram achados sem armas, e com elles saltou ho Mestre de que matou, e cativou hos que quiz, e alguns que se quizeram salvar na Villa, para que foram fogindo perseguidos do Mestre nom tiveram acordo de carrar has portas, por quaes ho Mestre entrou de volta com elles, e tomou ho Lugar sem algum partido dos Mouros.

E Dalbofeyra se acha por mais certa opiniam, que em tempo deste Rey foy tomada dos Mouros por ho Mestre Daviz Dom Lourenço Affonso, e assi parece rezaõ, porque elle foy sempre, e hee hoje

da dita Ordem. E por estes Luguares, que dos Mouros se tomaram se acabou de conquistar toda ha terra, que nós hos Portuguezes chamamos Alguarve, mas para deste nome nom virem duvidas, e confuzam ahos que has Estorias antiguas Dafriqua, e Despanha le-rem, hee de saber, que Alguarve hee nome Arabico, e ho Reyno, e Senhorio, que hos Mouros chamavam do Alguarve era muy grande, e de grandes potencias, porque começava no Cabo de São Vicente, e seguia pela costa Despanha atéc Almiria, e pela banda Dafriqua se estendia atéc Tremecem, em que entravam Fez, e Cepta, e Tange-re, que diziaõ de Benamarim, porque hos Luguares, que hos Reys de Portugal atéc aguora tem na parte do Alguarve daquem maar, que hee em Espanha sam estes, ha saber, Estombar, Alvor, Villa nova de Portimaõ, Cacella, Paderne, Tavilla, Faraõ, Loulee, Sylves, e Albofeyra, Aljazur, e Alcoutim, e Castro Marim, e Laguos, e destes alguns são Luguares novos, que em tempo dos Reys de Portugal novamente depois se fizeram, e reformaram.

E destes Luguares do Alguarve depois que hos ElRey Dom Affonso ouve ha seu poder, e Senhorio se acha, que com suas Gualees, e outros muitos navios fez sempre de cõtino cruza guerra ahos Mouros Dafriqua, que em seus corpos, e fazendas recebiam grandes da-

nos, e prezas, e ElRey Dom Affonso por seu grande esforço, e bóos feytos, tinha antre hos Reys principais Christãos muy louvado nome, pelo qual se acha, que ho Papa por esta honrada fama delRey lhe mandou por meo hum Frey Payo, Ministro da ministraçam dos Freyres de San-Tiago roguandolhe, que em remissão de seus peccados, quizesse tomar ha Cruz de Jesu Christo contra hos Mouros dultra maar, que tiranamente tinham ha Caza Santa em desprezo da Fé, e da Religiam e que ElRey respondeo, que se ElRey de França ha esta conquista passasse em pessoa, que lhe prometia, que elle tambem com ha sua passasse, salvo se algũa outra guerra, ou tamanha necessidade ho impedisse, porque ho nom podesse fazer, e por esso ambos nom foram, porque ho derradeyro Rey de França, que por recobrar ha Caza Santa passou ha ultra maar, foy ElRey São Luis de França primo com irmão deste Dom Affonso de Portugal, filhos de duas Irmãs, quando levou consigo ha Rainha Dona Marguarida sua molher, e elle, e dous Irmãos seus foram dos infieis prezos, e cativos na grande, e crua batalha, que oueram com ho gram Soldam, junto com Damiatã do Egypto, como em outras partes jáa dice, ho que foy muyto antes do tempo deste requerimento do Papa, segundo estãa na Coronica de França, e

em outras mais larguamente se contem.

CAPITULO XIII.

Como ho Reyno do Alguarve por divizões, que ouve foy posto em terçaia de Cavalleyros Portuguezes, e ho que sobre esso se fez.

Como ElRey de Portugal foy em posse pacifiqua, ho Mestre Dom Payo Correa se tornou ha seu Mestrado, e deu conta ha ElRey Dom Affonso de Castella de todo ho que era passado, ho qual para mais firmeza, e mayor seguridade das condições, com que ha ElRey seu genro fizera sua doaçam do Alguarve, ouve por bem, que ho dito seu genro has prometesse, e segurasse com menagem, e juramento em sua propria pessoa, para que ho dito Rey Dom Affonso de Castella enviou ha Portugal com seu poder abastante aho Infante Dom Luis seu irmão, que diceram de Pontes filho delRey Dom Fernando, e da Rainha Dona Joana sua segunda molher, filha do Conde Dom Simão de Pontes, e sobrinha delRey D. Luis de França, ho qual além de tomar delRey de Portugal todas has seguridades conformes has condições de sua doaçam, ainda ho dito Infante para mayor seguridade, e mais honesta escuza delRey D. Affonso

Affonso de Castella, para hos de seu Reyno, que ho reprendiam, e acuzavam por tal doaçam, quiz que todas estas Villas, e Castelllos fossem, como foram loguo entregues ha Joam de Boim, e Pedro Annes, seu filho Vassallos, e naturaes del Rey de Portugal, que eram pessoas de limpo, e nobre sangue de grandes cazas, para que por elles hos tivessem de fieltade com menagem de juramento que fizeram, que quando el Rey de Portugal nom comprisse ha condiçam dos sincoenta Cavalleyros, que ha El Rey de Castella em sua vida avia de dar, que elles com suas pessoas, e com has ditas Villas, e Castelllos servissem ha El Rey de Castella, e comprissem inteiramente tudo ho que El Rey de Portugal, era neste cazo obrigado ha cumprir.

E porque El Rey de Portugal nom foy desta terçaria do Reyno do Alguarve muito contente, e dice por outros delvayros, que ouve com Castella sobre partições, e termos dos Reynos, foram estes Reys desacordados de que El Rey de Castella se sentia mais aggravado, mas por meo da Rainha Dona Breatiz, que como virtuosa, e prudente procurou loguo antre elles boa paz, e concordia, vieram loguo por Embaxadores ha Portugal ho dito Dom Payo Correa Mestre de Santiago, de que jáa dice, e Dom Martim Nunes, Mestre da Cavallaria do Templo nos tres Reynos Despanha, e Dom Affonso Guar-

cia, Adiantado moor no Reyno de Murcia, hos quaes pozeram antre elles taes convenças, com que perderam todo ho dezamor, e escandalo, que antre elles havia, e ficou assentado, que El Rey de Portugal livremente, e para sempre despozesse de todas as terras, e Villas, e couzas do Alguarve todo ho que quizesse sem embargo de todas as outras promessas, e condiçoens que antre elles fossem postas, salvo da ajuda dos sincoenta Cavalleyros de que ho nom relevou, e com esto hos Embaxadores se tornaram, e acharam El Rey de Castella em Badalhouse, que loguo enviou suas provizoens aho dito João de Boim, e Pedro Anes seu filho, porque lhe mandou que entregassem ha El Rey Dom Affonso seu genro todas as Villas, e Castelllos do Alguarve, e se elle fosse falecido, que has entregassem ha El Rey Dom Diniz seu filho, e lhas alevantou com todas as crauzolas, e solenidade, e todo preyto, e menagem, que por quaisquer obrigações, e couzas do Alguarve tiveram feyto ha elle, ou ha outrem em seu nome, e por Carta assellada feyta em Badalhouse Mercoles deza seis dias andados de Fevreyro da era de mil e duzentos e sessenta e sete annos, e sebescrita por ho Sacretario Millaõ Paes, que por mandado del Rey ha fez escrever.

CAPITULO XIV.

*Como ElRey Dom Affonso de
Castella quitou aho Ifante D.
Diniz, seu neto ha obrigua-
çam do Alguarve, e ha
solrou ha Portugal
levemente para
sempre.*

E Porque ha este tempo ho Ifante Dom Diniz eideyro filho delRey de Portugal, posto que fosse moço era jaa em idade para poder caminhar, ElRey, e ha Rainha seus padres acordaram de ho enviar, como enviaram muito honradamente ha Castella ha visitar ElRey Dom Affonso seu avoo, para lhe ter em merce ha doaçam, e avenças passadas, e assi para lhe pedir relevamento das mais obrigações, e serviço dos sinquenta Cavalleyros, e assi com muy noble companhia chegou ha Sevilha onde achou ElRey, que ho recebeu, e aguazalhou com muytas festas, e honras, e com sinaes de grande amor, ha quem ho Ifante Dom Diniz passados hos cumprimentos, e visitasões, e bem ensina-

S Ayham quantos esta Carta virem, como eu Dom Affonso pola graça de Deos Rey de Castella, e de Toledo, e de Liam, de Gualiza, de Sevilha, de Cordova, de Murcia, e de Jaem, quito para sempre ha vós Dom Affonso por essa mesma graça Rey de Portugal, e do Alguarve, ha menagem, que fizestes ha mim por carta, ou por cartas, e ha Dom Luis meu irmaõ, em meu nome, para fazer ha mim cumprir hos preitos, e posturas, e has con-

do da instruçam, que levava pedio por merce ha ElRey seu avoo, que daquella obriguaçam dos sinquenta Cavalleyros, e assi de qualquer outra que toquasse aho Alguarve, quizesse para sempre relevar ha ElRey Dom Affonso seu padre, e ha elle, e ahos que delle decendessem, naqual coula segundo ha Coronica de Castella conta, ElRey esteve algum pouquo suspenso, e com hos grandes de seu Reyno quiz poer ho cazo em Concelho, no qual por sóo Dom Nuno de Lara com rezoes que pareciam onestas, e de bem de seus Reynos ouve alguma contradiaçam, mas hos outros, que loguo conheceram ha vontade delRey, que era satisfazer em todo ha seu neto, todos lho aprovaram, e louvaram, e sobre este assento andando ho Ifante Dom Diniz com ElRey seu avoo foram ha Jaem, donde ouve por bem, que ho Ifante se tornasse, como tornou ha Portugal, e lhe mandou dar huma Carta, que trouxe para ElRey seu padre, escrita em pergaminho em palavras Castelhanas, e asselada de seu selo pendente das Armas de Castella, e de Liam, que tornadas fielmente em Portuguez por mim Coronista, que ha propria Carta vi, diziam nesta maneyra.

venças,

venças, que foram postas antre mim, e vós, e Dom Diniz, e hos outros vossos filhos, e vossos erdeyros, por rezaõ dos sinquoenta Cavalleyros, que amim deviam ser feyta em meus dias pelo Alguarve, ha qual ajuda, e hos quaes preytos, e posturas, e menagens em qualquer maneyra, que fossem feytas assi por Cartas, como sem Cartas, eu quito para sempre a voz, e Dom Diniz; e abos outros vossos filhos, e erdeyros, que nunca por esso amim, nem ha outrem por mim, vós nem elles, nem outrem por vós sejaes, nem sejam teudos de nhumã couza por rezaõ dos Castelllos, nem da terra do Alguarve, que vos dey, e outorguey, que se alguma Carta, ou Cartas parecer, ou parecerem sobre ha menagem, ou menagens, ou sobre preytos, ou posturas, ou arvenças, ou sobre ho serviço, ou ajuda que amim devesse ser feyto, ou feyta pelos Castelllos, ou pela terra do Alguarve, que desdaqui em diante nunca valham, e sejam quebrados, e de nhumã fermidam, e renuncio, e quito todo ho direyto, e toda demanda, que eu averia, ou aver poderia por esta Carta, ou por essas Cartas contra vós, ou contra Dom Diniz, ou contra hos outros vossos filhos, ou vossos erdeyros, ou contra hos Cavalleyros que tivessem, ou tiveram hos Castelllos do Alguarve em tal guiza, que nunca amim essa Carta, ou Cartas possa nem possam preytar, nem ha outrem por mim, nem ha vós, nem Dom Diniz, nem ha vossos filhos, nem ha vossos erdeyros, nem abos sobreditos Cavalleyros empecer, e em testemunho da sobredita cousa, dou ha vós sobredito Rey de Portugal, e do Alguarve esta minha Carta aberta asselada de meu selo de chumbo, que tenhais em testemunho, feyta ha Carta em Jaem por nosso mandado Sabbado sete dias do Mez de Mayo de mil e duzentos e sessenta e sete annos, e eu Milaõ Peres ha fiz escrever.

CAPITULO XV.

Da morte do Mestre Dom Payo Correa, e das cauzas, que ouve para El Rey D. Affonso de Castella, pay da Rainha de Portugal ser desobedecido, e como foy ajudado de Portugal, q̃ foy fundamento para se acrescentarem ha Portugal hos Luguares de riba Dodiana.

Com esta Carta, e com grandes dadivas, que ho Ifante D. Diniz recebeo del Rey Dom Affonso seu avoo se tornou ha Portugal com que El Rey seu padre foy muyto alegre, e com elle veo ho Mestre Dom Payo Correa, que depois de tornado ha Castella nom soube mais d'elle, nem ho que depois fez, salvo que no fim de seus dias se recolheo à Villa de Ucles, que era Cabeça do Convento do seu Meltrado de San Tiago em Castella, onde se diz que bem, e catolicamente acabou sua vida jáa velho ha dés dias de Fevreyro de mil

1275.

mil e duzentos setenta e finquo annos, e que mandou que morto ho trouxeffem ha Tavilla, que elle ganhara dos Mouros, de que escondidamente foy ahi trazido, e sepultado na Igreja de Santa Maria antre ho Altar moor, e ha parede da Igreja.

E passados depois alguns annos andando ha era de mil duzentos e setenta e hum, avendo contenda na jurdição do Imperio de Roma, que vaguara por morte de Federiquo ho segundo, que foy mau, e erege Emperador dos Romãos, e grande perseguidor das coufas da Santa Igreja, alguns Eleytores elegeram ha Rodulfo Conde de Cambra, irmão delRey de Ingraterra, e outros elegeram, e chamaram loguo para ho Imperio este Rey Dom Affonso de Castella, ho qual muy poderoso de armas, e gentes, e assi muy abaftado de riquezas, depois que leyxou em Castella jurado por Rey, e seu sobcessor aho Ifante D. Fernando de Lacerda seu filho primogenito, loguo passou em França esperando de ser loguo no dito Imperio sem contradicção confirmado por ho Papa Gregorio decimo, aho tempo em Liaõ Sola nova de França fez Concilio géral, onde ho dito Rey Dom Affonso achou jáa eleyto, e confirmado ho dito Rodulfo com quem competia, e agravando-se desso aho Papa, que encontrou na Villa de Belicaudo em França junto com Avinham, finalmente confortado de Sua Santidade, e ro-

guado, que por se evitar cisma, e guerras antre hos Christãos, que renunciaste ho direyto que no dito Imperio tinha, e elle ho fez, e tornou-se em Espanha onde achou fallecido de peste ho dito Ifante Dom Fernando, seu filho mayor, que por affosseguo da sobceção de Castella, e de Liaõ sobre que hos Reys de França, e de Castella competiram, fora cazado com ha Ifante Dona Branca filha delRey S. Luis ha que pertencia ter direyto nos ditos Reynos Despanha por ser filho da Rainha Dona Branca filha delRey Dom Affonso ho noveno, q̄ venceu ha batalha das Navas de Toloza, e desta Ifante Dona Branca ho dito Ifante Dom Fernando tinha jáa avido dous filhes, ha saber Dom Affonso, e Dom Fernando de Lacerda, ha que muito mais claramente dizem da guadelha, porque este apelido de Lacerda nem hee de alguma geraçam, nem memoria passada dos seus progenitores de huma parte, nem da outra, mas sómente lhe foy posto nome aventicio, porque ho dito Ifante Dom Fernando, que primeiramente se chamou de Lacerda, quando naceo trouxe do ventre da Rainha Dona Violante Daraguam sua madre huma guedelha de cabelos nos peytos ha que chamam Lacerda, e este Dom Affonso por contrato do cazamento, e por direyto comum pertencia mais ha sobcessam de Castella que outro algum.

Mas aho tempo que o dito Ifante

te Dom Fernando faleceo era tambem em Castella ho Ifante Dom Sancho seu irmaõ lidimo, que ha auzencia del Rey Dom Affonso seu padre, e por morte do irmaõ tomou loguo posse da guovernacãm, e defençam do Reyno, em que trabalhou de ser como singular Principe, porque resistio com batalhas, e grandes forças ahos Reys de Grada, e Marroquos, que entraram em Espanha, e nom consentio, que Dom Affonso de Lacerda seu sobrinho fosse jurado, nem obedecido por sobcessor de Castella, e El Rey Dom Affonso em chegando de França, procurou loguo, q ho dito Ifante Dom Sancho por todos los Estados do Reyno fosse, como foy jurado, e avido por seu sobcessor, sem embargo doutro juramêto, que aho dito Ifante Dom Fernando por sy, e por seus filhos, e sobcessores era feyto, e ha Rainha Dona Violante molher del Rey Dom Affonso de Castella anejada por se deneguar ha sobcessam ha seus netos, e principalmente ha Dom Affonso ho primeyro com receo, que ouve de hos matarem em Castella, se foy com elles para El Rey Dom James deste nome ho primeyro, e dos Reys Daraguan ho decimo, que era padre della, donde enviou pedir ha El Rey Dom Affonso seu marido depois que veo de França, que pois elle por sy guanhara dos Mouros ho Reyno de Murcia, que ho dêsse aho Ifante Dom Affonso

seu neto, com que para sua honra, e estado seria sati feyto, e renunciaria por esto todo ho direyto que tivesse na sobcessãõ de Castella, no que El Rey levemente, e com sua vontade consentia, mas ho Ifante Dom Sancho em todo ho contrario, que com ameaças de morte, que fez nom leyxou ir aho Papa hos Embaxadores, que El Rey seu padre sobre esto lhe mandava, dizendo que como ho Ifante Dom Fernando seu irmaõ falecera, loguo ho Deos leyxara por erdeyro de todos los Reynos, e couzas de que El Rey seu padre era Rey, e Senhor.

E querendo El Rey por Cortes, e prazer dos povos remedear esta deneguaçam do Ifante seu filho, e para que seu neto ouvesse toda via ho Reyno de Murcia, fez ajuntar hos procuradores dos Concelhos do Reyno, ha que ho Ifante Dom Sancho requereo com muitas rezões, que faziam por elle, que por alguma maneyra nom consentissem no requerimento del Rey, e assi descontente ho Ifante antes de se tomar alguma concruzaõ, se foy para Cordova, e El Rey depois de declarar ahos povos has muitas cauzas, e rezoens porque de direyto podia daar ho Reyno de Murcia ha Dom Affonso seu neto, hos Procuradores para no cabo responderem com madura deliberaçam, como elle requeria, pediram espaço dalgum tempo, para lhe tornarem reposta, hos quaes sem lha da-

rem se foram loguo com medo ajuntar com ho Ifante Dom Sancho em Cordova, onde sendo delles bem recebidos, concordaram, que por quanto em Valhadolid sobre este cazo se faria ajuntamento dos mais principaes Luguares, e grandes do Reyno, elles dali ha certo tempo fossem, como foram aby juntos, salvo hos Concelhos Dandaluzia, que sempre tiveram com ElRey Dom Affonso, hos quaes alli juntos em Valhadolid era hy ho Ifante Dom Sancho filho delRey, e ho Ifante Dom Joao seu irmao, e ho Ifante Dom Manoel seu tio, e Dom Lopo Senhor de Biscaya, e Dom Dioguo seu irmao, e depois de muitas praticas, e apontamentos, que antre sy fizeram leyxaram todos ha determinaçam da sentença aho dito Ifante Dom Manoel, ho qual alevantado em pee, pronunciou ha sentença, e dice, que por quanto ElRey Dom Affonso seu irmao marara ho Ifante Dom Fadrique tambem seu irmao, e ha Dom Simao Rodrigues dos Cameyros seu sogro, e outros nobres de seu Reyno sem cauza, que perdesse por esso ha justiça, e porque se dezaforaram hos Fidalguos, e hos Concelhos com dano, e perda delles, que nom comprissem suas Cartas, nem lhe paguassem hos foros, e porque despartara ha terra, e fizera maas moedas, que nom ouvesse do Reyno preytas, nem serviços, nem martineguas, nem moedas forey;

ras, e que dali em diante ho dito Ifante se podesse chamar Rey de Castilla, e de Liam.

E preguntados hos Procuradores, e povos se aprovavao esta sentença, respondeo por todos hum Dioguo Affonso Alcayde moor de Toledo, que ha todos parecia bem ha determinaçam do Ifante Dom Manoel, por has rezoens que dicera, e mais por ha prodigalidade delRey Dom Affonso, que para ho resguate do Emperador de Constantinopla dera das rendas de Castilla sinquoenta quintaes de prata, e mais por dar ho Algarve ha seu genro ElRey Dom Affonso de Portugal, e lhe quitar ajuda, e ho serviço dos sinquoenta Cavalleyros em que era obriguado, e porém que lhe parecia couza honesta, se aho Infante Dom Sancho alli bem parecesse, que elle em vida delRey seu Padre senao chamasse Rey, no que ho Ifante consentio; e com esto ha obediencia de todos hos Luguares loguo foy alevantada ha ElRey, salvo ha de Sevilha, onde ElRey se recolheo; e perseguido de muitas necessidades enviando roguar, e encomendar ahos Prelados, e pessoas de autoridade do Reyno, que pozessem concordia, e boa paaz antre elle, e seu filho, elles segundo alguns dizem ho nom fizeram, antes ho contrariavam.

Com esta tamanha necessidade enviou ha pedir ajuda ha ElRey Dom Affonso seu genro, que por

em tempo de tanta fortuna ser aguardecido às boas obras, e graças que delle tinha recebidas, lhe mandou trezentos Cavalleyros Portuguezes paguos à sua custa por muito tempo, que por honra, e serviço del Rey ho fizeram de maneyra em Castella, que sua fama, e boom nome seríaa sempre lembrada, e has Coronicas Despanha, que eu vy dam desso craro testemunho, e destes trezentos Cavalleyros de Portugal, que vieram, e andaram em serviço del Rey Dom Affonso, creio que se tomou ha opiniaõ errada, que em alguns livros vy, em q̄ tem, que ha obriguaçam de que este Rey Dom Affonso relevou ha El Rey de Portugal seu genro, e ha El Rey Dom Diniz seu neto, era de trezentos Cavalleyros, com que era obriguado de ho ajudar, e servir quando lhe comprisse, ha tal sentença, e opiniam sam errados, porque ha obriguaçam, que El Rey Dom Affonso, e Ifante Dom Diniz seu filho tomaraõ por ha sobcessaõ do Alguarve, do que foram relevados, era sómente de sinquoenta Cavalleyros, que em vida del Rey Dom Affonso de Castella, contra todos os Reys Despanha lhe aviam de dar, e ha verdade desto eu Coronista verdadeiramente ha vy nas proprias doações, quitações, e privilegios assellados, e autorizados, q̄ sobresso se concederam hos quais estam no Castello de Lisboa, na Torre do Tombo de Portugal, de que eu sam Guarda moor, e outros

semelhantes deve aver nos Cartorios de Castella.

E porém ha guerra, e desavença antre El Rey Dom Affonso de Castella, e ho Ifante Dom Sancho seu filho durou muitos annos, nem cessou, salvo por morte del Rey, em cuja vida padeceo muitas necessidades, e foy sempre perseguido de muy contrayras fortunas, por has quaes meteo por sua ajuda em Espanha Abemçaf Rey de Marroquos, e seus filhos ha que se diz, que antes de entrarem empenhou sua Coroa por sessenta mil dobras, ho qual cõ geandes gentes, e poder de Mouros correo ha terra dos Chistãos, e sem aproveytarem zho dito Rey de Castella fazendo primcyio nellas muitos danos, e estraguos se volveo em Africa, como na Coronica de Castella esto melhor, e com mais particularidade se declara.

CAPITULO XVI.

Do falecimento del Rey D. Affonso de Portugal, como antes de seu falecimento deu Carta aho Ifante Dom Diniz seu filho er deyro.

HA este tempo cheguda ha era de mil duzentos setenta e oytto, El Rey Dom Affonso de Portugal sendo jáa velho de setenta annos, e perseguido de idores, e payxões de velhice, por descançar em
E alguma

alguma parte dos trabalhos, e cuydados do Reyno, aho Ifante Dom Diniz seu filho, que era de dezoyto annos, e nom era cazado, deulhe Caza em Lisboa ha dezaseis dias de Junho do anno sobre dito, e de seu assentamêto alem doutras couzas, lhe ordenou loguo mais em dinheyros quarenta mil livras de moeda antigua, que valiam ha respeyto dos preços, e valor do ouro, e da prata daguora dezaseis mil cruzados, porque naquelle tempo, segundo hee bem verificado, huma livra valia vinte soldos, e duas livras e meya faziam sinquenta soldos, que no preço, e pezo eram hos maravedis douro como aguora são hos cruzados, e duquados.

E do dia que El Rey deu assi Caza aho Ifante seu filho, e ha nove mezes primeyros seguintes, tendo jáa feyto em muy inteYRO acordo seu solene Testamento, arrependido de seus peccados recebendo como bom Catholico, e fiel Christão todos Sacramentos para bem de sua alma, em Lisboa ha vinte dias de Março de mil e duzentos setenta e nove, acabou sua vida, e deu sua alma ha Deos, em idade de setenta annos, dos quais Reynou trinta, e dous, e foy loguo soterrado no Moesteyro de São Dominguos de Lisboa, que elle novamente fez,

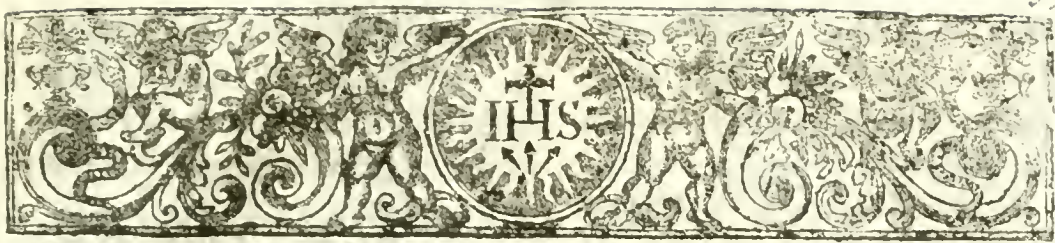
e depois na era de mil e duzentos, e oytenta e nove, foy tresladado seu corpo aho Moesteyro Dalcobaça, pela Rainha Dona Breatiz sua mulher, que ficou viva, e se mandou depois enterrar com elle no dito Moesteyro Dalcobaça, onde ambos jazem.

Este Rey Dom Affonso fez de novo ho dito Moesteyro de S. Dominguos de Lisboa, ho qual começou ahos tres annos primeyros depois que foy Rey, e ho acabou em dez annos, e assi fez ho Moesteyro de Santa Clara de Santarem, e povorou, e fez ha Villa Destremoz, e reformou, e povorou ha Villa de Beja, que dos tempos dos Mouros era de todo destroida, mas nom fez ha torre grande do Castello, porque esta fez seu filho, El Rey Dom Diniz, e assi deu boons foraes ha muitos Luguares do seu Reyno, e em humas grandes fomes, que nelle ouve em seu tempo, se acha que uzou de grande piedade com seus vassallos, ha que proveo com devidos mantimentos, trazidos de muitas partes de fóra do Reyno à custa de suas rendas, e ha penhor das riquas joyas de seu tesouro, e foy ho primeyro, que se intitoulou Rey de Portugal, e do Algarve, e que primeyro por esta causa pooz ha bordadura dos Castellos, como atraaz hee jáa dito.

1279.

D E O G R A T I A S.

IN-



INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS:

O numero denota a pagina.

A

Abenafacam **R**ey Mouro he vencido na batalha de Sylves onde morreo afogado em hum rio pag.17. e 18.

D. Affonso III. Onde, e quando foy levantado Rey de Portugal. p. 1. Foy cazado segunda vez com Dona Breatiz sua sobrinha filha natural del Rey D. Affonso X. de Castella. p. 2. Foy o primeyro que se intitoulou Rey de Portugal, e dos Algarves, e pôs no Escudo àlem das Quinas os Castellos. p.2. Foy muito amante da Justiça, e grande reedificador. pag.3. Sendo cazado com Dona Matildes Condessa de Bolonha a deixou, e vindo a Portugal se recebeu com sua sobrinha Dona Breatiz. pag. 3. Não admitte a Embayxada dos Cavalleyros que vieraõ a Portugal cõ a Condessa Dona Ma-

tilde para que a recebesse em sua companhia, antes partem injuriados da sua presenca. p. 4. Estranhalhe o Papa este procedimento, e lhe mãda intimar censuras pelo Arcebispo de S. Tiago, e não cede da sua pertinacia. p.6. Dos filhos que teve de Dona Breatiz. p.7. Amou muito a sua filha a Infanta Dona Branca a quem deu a Villa de Monte môr o velho, e em testamento lhe deixou mais de dês mil libras.p.7. Das diversas terras, que juntou à Coroa com o cazamento de Dona Breatiz.p.8. Como alcançou o Reyno do Algarve, e se intitoulou Rey delle. p. 20. Conquista gloriosamente a Villa de Faro. p. 21. 23. e 24. He exhortado pelo Papa para conquistar a Terra Santa.p.26. Mãda trezentos Cavalleiros em socorro de seu sogro, que lho pediria por estar dessapossado do Reyno.p.32. Em que dia, e anno

- morreo. p. 34. Onde foy enterado, e para que parte foy tresladado o seu corpo ibi. Edificios, que fez. ibi.
- D. Affonso X.* De Castella teve de Dona Mayor Guilhelme de Gusmaõ sua manceba a Dona Breatiz que cazou com D. Affonso III. de Portugal. p. 3. Amou excessivamente a esta filha e lhe deu hũ grande dote quando se recebeu com aquelle Principe. ibi. Deixou a sua netta a Infanta Dona Branca, grande copia de dinheiro. p. 7. Sucedeu nos Reynos de Castella, e de Liaõ a seu Pay D. Fernando. p. 9. Doa a El Rey D. Affonso III. o Reyno do Algarve, e com que condições. p. 20. Concede à petição de seu neto o Infante D. Diniz a izenção dos sincoenta Cavalleyros com que doara a seu pay o Reyno do Algarve. p. 28. Sendo eleito Emperador dos Romanos, parte a França para ser confirmado pelo Papa, e acha já de posse do Imperio a Rodulpho, e volta para Castella. p. 30. Por ter morto a seu irmão o Infante D. Fadrique, e a seu sogro D. Simaõ Rodrigues Cameiros he despossado do Reyno por sentença de seu irmão o Infante D. Manoel. p. 32. Pede soccorro a seu genro D. Affonso III. para rebater esta violencia, e lho manda. ibi.
- Infante D. Affonso.* Filho de D. Affonso III. de Portugal, e Do-
- na Breatiz; cazou com Dona Violãte filha do Infante D. Manoel de Castella, e da Infanta Dona Constança de Aragam. pag. 7.
- D. Affonso Garcia.* Adiantado môr do Reyno de Murcia, he mandado por Embayxador de Castella a pacificar ao seu Principe com D. Affonso III. p. 27.
- Albofeyra.* He conquistada esta Villa por D. Lourenço Affonso Mestre de Aviz. p. 25.
- Algarve.* Como foy conquistado por D. Payo Correa, e das gloriosas vitorias, que alcançou dos Mouros. p. 10. 11. e 12, Com q̄ condições foy doado por El Rey de Castella a El Rey D. Affonso III. de Portugal. p. 20. Que terras comprehendia quando era possuido dos Mouros, e quaes sejaõ as que tem depois que o dominaraõ os Portuguezes. p. 25.
- Aljustrel.* Foy conquistado por D. Payo Correa, e depois de ser entregue a D. Sancho II. de Portugal, o deu este Principe à Orelã de San-Tiago. p. 9.
- Aljuzur.* Foy Conquistado por D. Payo Correa. p. 25.
- Alvaro Garcia.* Cavalleiro de San-Tiago, he morto pelos Mouros em Tavira, e honorificamente sepultado. p. 17.
- Alvor.* He cõquistado por D. Payo Correa. p. 17.
- Arcebispo de San-Tiago.* He mandado pelo Papa, que admoestasse

le a D. Affonso III. que largasse a Dona Breatiz por estar viva sua primeira mulher a Cõdessa Dona Matilde, e que repugnando o emprazasse para que em quatro mezes apparecesse pessoalmente na sua presença. p.6.

B

Beja. **F** Oy reformada, e povoada por D. Affonso III. p. 34.

Beltram de Caya. Cavalleyro alentado he morto pelos Mouros em Tavira, e como foy honorificamente sepultado. p. 17.

Rainha Dona Dona Branca. Filha del Rey D. Affonso Noveno q̄ venceu a batalha das Navas de Toloza, foy mãy de S. Luis Rey de França. p. 30.

Infanta Dona Branca. Filha de D. Affonso III. de Portugal, e da Rainha Dona Breatiz se recolheu no Mosteyro de Lorvaõ, e toyo Senhora das Olgas de Burgos onde sem cazar faleceo. p. 7. Possuio grandes terras em Castella, como em Portugal. ibi.

Infanta Dona Branca. Filha de S. Luis Rey de França, foy mulher do Infante D. Fernando de Lacerda, filho primogenito de D. Affonso X. de Castella de quem teve doys filhos. p. 30.

Rainha Dona Breatiz. Filha natural de D. Affonso X. de Castella, foy cazada cõ seu tio D. Affonso

III. de Portugal. p. 2. e 3. Mãdou tresladar o corpo de seu marido para o Convento de Alcobaça, onde depois foy enterrada. pag. 34.

C

Campo Mayor **F** Oy dada esta Villa por El Rey D. Diniz a sua irmãa a Infanta Dona Branca. p. 7.

Castellos. Os que se vem no Escudo das Armas de Portugal, foram postos por D. Affonso III. quando lhe foy dado em dote o Algarve, e naõ por serem do Condado de Bolonha. p. 2.

Infanta Dona Constança. Filha de D. Affonso III. e Dona Breatiz, foy com sua mãy a Sevilha a ver seu pay, que assistia naquella Cidade, onde faleceo, e foy conduzida ao Convento de Alcobaça, e nelle està sepultada. p. 8.

Cordova. Quando foy esta Cidade ganhada por El Rey D. Fernando de Castella. p. 8.

D

Infante D. Diniz **F** Oy filho primogenito de D. Affonso III. de Portugal, e Dona Breatiz, que depois succedeo no Reyno a seu pay. p. 7. Onde, e quando naceo. ibi. Edificou o Mosteyro de Odivelas onde està sepultado. ibi. Sen.

Sendo Rey deu a sua irmãa a Infanta Dona Branca a Villa de Campo Mayor. p. 7. Parte a Castella para pedir a seu avo D. Affonso X. exima ao Reyno de Portugal da obrigação dos cincoenta Cavalleiros com que lhe doara o Algarve, e depois de algumas contradicções o alcança. p. 28. Em que dia, e anno lhe fez caza seu pay. p. 34. Edificou a Torre do Castello de Beja. ibi.

Diogo Affonso. Alcayde mór de Toledo aprova em nome de todos os Procuradores, que estavam juntos em Valhadolid a determinação do Infante D. Manoel com a qual desfapossou do Reyno de Castella a seu irmão D. Affonso X. p. 32.

Duram Vaz. Cavalleiro insigne he morto pelos Mouros em Tavira, e como foy enterrado. p. 17.

E

Estevão Vaz. Cavalleiro famoso morre em Tavira, e como foy honorificamente sepultado. p. 17.

Estremoz. Foy edificada esta Villa, e povoada por D. Affonso III. p. 34.

F

Infante D. Fadrique Foy morto por seu irmão D. Affonso X. de Castel-

la, e por este motivo foy desfapossado do Reyno por determinação de seu irmão o Infante D. Manoel. p. 32.

Faro. Como, e quando foy conquistada esta Villa por D. Affonso III. p. 22. 23. e 24.

D. Fernão Lopes. Prior do Esprital assistio com D. Affonso III. na conquista de Faro. p. 22.

El Rey D. Fernando. De Castella, quando tomou Cordova? pag. 8. Em que anno conquistou a Cidade de Sevilha. p. 9. Quando morreo. ibi.

D. Fernando. Filho natural del Rey D. Affonso III. foy Cavalleiro da Ordem do Templo, e aonde está sepultado? p. 8.

Infante D. Fernando de Lacerda. Filho primogenito de D. Affonso X. de Castella, he jurado por suefflor da Coroa quando seu pay passou a França a coroar-se por Emperador dos Romanos. p. 30. Foy cazado com Dona Branca filha de S. Luis Rey de França. ibi. Morreo de peste. ibi. Teve dous filhos, e como se chamaraõ. ibi. Porque tomou o apelido de *Lacerda.* ibi.

G

Gregorio X. Roga a D. Affonso X. de Castella que por evitar algum scisma se recolha ao seu Reyno, quando vinha a coroar-se Emperador dos Ro-

Romanos por já estar de posse desta dignidade Rodulpho Cõde de Cambra, irmaõ del Rey de Inglaterra. p. 30.

D. Guarcia Lopes, Sêdo privado de Mestre da Ordem de Calatrava lhe succedeo Joaõ Nunes do Prado. p. 7.

Guarcia Rodriguse, Deu os meyoa a D. Payo Correa para haver de conquistar o Algarve. pag. 10. Morre alentadamente em Tavira com mais seis companheiros acometidos por hum grande numero de Mouros. p. 16.

I

D. Joaõ de Avinhaõ **C**hançaõ rel assistio com D. Affonso III. na conquista de Faro. pag. 22.

Joaõ de Boim. Assistio no lanço de hum muro na tomada da Villa de Faro, que ao depois tomou o seu nome o lugar que tinha occupado. p. 22. Tomou entrega de todos os lugares do Algarve conquistados por ordem del Rey de Castella para em seu nome os entregar a seu genro D. Affonso III. e quando se celebrou este ajuste. p. 37.

Joaõ Nunes do Prado. Cavalleiro da Ordem de Calatrava de que foy Mestre, foy reputado filho da Infanta D. Branca filha del Rey Affonso III. de Portugal, e de hum Cavalleiro chamado o

Carpiteiro. p. 7.

L

Livra. **Q**ue valor tinha huma e duas, e meya. p. 34.

Quarenta mil assinou para renda do Infante D. Diniz seu pay D. Affonso III. ibi.

Loulè He conquistado por D. Affonso III. p. 24.

D. Lourenço Affonso Mestre de Aviz assiste com E l Rey D. Affonso III. na conquista de Faro. p. 22. Conquistou a Villa de Albufeyra. p. 25.

Saõ Luis, Primo com irmaõ del Rey D. Affonso III. de Portugal foy o ultimo Rey de França q̄ passou à conquista da Terra Santa, e que successo teve nesta empreza. p. 26.

Infante D. Luis, He mandado por seu irmaõ D. Affonso X. de Castella a Portugal a firmar as condições com que doara a seu genro D. Affonso III. o Reyno do Algarve. p. 26. Quem foram os pays deste Infante. ibi.

M

Infante D. Manoel **I**Rmaõ de D. Affonso X. de Castella pronuncia em Valladolid sentença em presença de muitos Procuradores de Cidades contra este Principe, para que

que não lhe obedeçaõ os povos, se intitule Rey seu sobrinho D. Sancho. p. 32.

D. Martim Nunes, Mestre da Cavallaria do Templo, veyo por Embaxador de Castella a concordar o seu Principe com El Rey D. Affonso III. p. 27.

Dona Matilde, Condessa de Bologna sabendo que era morto D. Sancho II. parte de França em huma Armada, e chegando a Cascaes, não he admittida por seu marido D. Affonso III. por estar cazado com Dona Breatiz p. 4. Volta para França, e se queyxa ao Papa do procedimento de D. Affonso III. o qual sendo advertido pelo Pontifice a q̄ largasse a Dona Breatiz, e não obedecendo se poz interdito em todo o Reyno. p. 6. Onde, e quando morreo esta Condessa. ibi.

Dona Mayor Guilhelme de Gusmaõ, Foy manceba de D. Affonso X. de Castella, de quem teve Dona Breatiz, que cazou com D. Affonso III. de Portugal. p. 3.

Mem do Valle, He morto pelos Mouros em Tavira, e de como foy honorificamente sepultado. p. 17.

Mentola, Foy conquistada por D. Payo Correa, e depois foy dada por D. Sancho II. à Ordem de San Tiago. p. 9.

Monte mór o Velho, Esta Villa foy doada por El Rey D. Affonso III a sua filha a Infanta Dona Branca. p. 7.

Mosteyro, O de São Domingos de Lisboa, e de Santa Clara de Santarem, foraõ fundados por El Rey D. Affonso III. p. 34.

N

D. Nuno de Lara **O** Ppoem-se com fortes razões a El Rey D. Affonso de Castella, para que não conceda a seu netto o Infante D. Diniz a izençaõ dos sincoenta Cavalleiros com que lhe doara o Reyno do Algarve. pag. 28.

O

Odivellas **M** Ostayro de Religiõs Bernardas foy fundado pelo Infante D. Diniz onde está sepultado. p. 7.

P

Paderne **H** E conquistada esta Villa por D. Payo Correa. pag. 18.

Papa, Admoesta a D. Affonso III. que largue Dona Breatiz por estar viva sua primeyra mulher, e não obedecendo interditou o Reyno todo. p. 6. 7. Por morte de Dona Matilde levanta o interdito, e dispensa em que os filhos, que tivera D. Affonso III. de Dona Breatiz vivendo Dona Matilde. pudessem succeder no Reyno.

Reyno. ibi. Pede por Fr. Payo Ministro dos Freyres de San-Tiago a El Rey D. Affonso III. que conquistou a Terra Santa. p. 26.

Fr. Payo, Ministro da ministração dos Freytes de San-Tiago, he mandado pelo Papa para que exhorte a El Rey D. Affonso III. a conquistar a Terra Santa. p. 26.

D. Payo Correa, Mestre da Ordem de San-Tiago assistio à Conquista de Cordova, e Sevilha com El Rey D. Fernando de Castella. p. 8. 9. Conquistou as Villas de Aljustrel, e Mertola. p. 9. Como conquistou o Algarve, e das victorias que para este fim alcançou dos Mouros. p. 10. 11. 12. e 13. Toma Tavira com grande mortandade dos Mouros. p. 16. Conquista Selir, e Alvor. p. 17. Alcança huma famosa vitoria de Abenafaam em Sylves, e conquista esta Cidade. p. 17. e 18. Toma Paderne. p. 19. Foy o principal instrumento, para que El Rey D. Affonso III. tomasse as Villas de Faro, e Loulé. p. 21. 22. e 24. Veyo por Embaxador del Rey de Castella a concordar este Principe cõ D. Affonso III. p. 27. Onde, e quando morreo. p. 29. Onde está sepultado. p. 30.

Pedro Estação. Defende hum lanço do muro na tomada de Faro. p. 22.

Pedro Rodrigues, Commendador môr, he morto pelos Mouros em Tavira, e como foy enterrado. p. 17.

Portugal, Esteve interdito alguns annos pelo Pontifice, por não querer D. Affonso III. deyxar a Dona Breatiz sendo viva a sua primeyra mulher Dona Matilde. p. 6.

R

Rodulpho. **C**onde de Cambra irmaõ del Rey de Inglaterra, he eleito por Emperador dos Romanos por alguns Eleytores. p. 30.

S

Sancho II. **D**E Portugal deu à Ordem de San-Tiago as Villas de Aljustrel, e Mertola. p. 9.

Infante D. Sancho, Filho legitimo de D. Affonso X. de Castella toma posse do governo por morte de seu irmaõ D. Fernando de Lacerda. p. 31. Foy valeroso Principe. ibi. He jurado por successor do Reyno. ibi. Convoca os Concelhos em Valhádolid para que não consintaõ que seu pay dé o Reyno de Murcia a seu neto D. Affonso, e o conlegue. p. 32.

Selir, He conquistado por D. Payo Correa. p. 17.

Sevilha, Em que dia, e anno foy conquistada por El Rey D. Fernando de Castella. p. 9. Nesta Cidade morreo este Principe, e

F quan-

quando. ibi.

Simaõ Rodrigues dos Cameiros, Sogro del Rey de Castilla D. Affonso X. he morto por este Principe, cauza porque o despossa- raõ do Reyno. p. 32.

Sylves, Cidade no Algarve he conquistada por D. Payo Correa do poder dos Mouros, e como ficã- raõ Tributarios a Portugal. p. 18.

T

Tavira, **E**M que dia, e anno foy tomada por Payo correa com grande mortandade dos Mouros. p. 16. Na Igreja de Santa Maria desta Villa, está sepultado D. Payo Correa. p. 30.

V

Ucles. **H**E cabeça do Convento do Mestrado de Santiago em Castilla. p. 29. Neste lugar morreo D. Payo Correa. ibi.

Rainha Dona Violante, Mulher de D. Affonso X. de Castilla recosa de que matasem a seus netos, partio com elles para Aragaõ a ampararse de seu pay El Rey D. Jayme, p. 31. Pede a seu marido que dé a seu neto D. Affonso o Reyno de Murcia, o que não alcançou. p. 31.

Dona Violante, Filha do Infante D. Manoel de Castilla, e da Infanta Dona Constança de Aragaõ, cazada com D. Affonso, filho de D. Affonso III. de Portugal, e da Rainha Dona Breatiz. p. 7.

F I M.



CHRONICA
DELREY
D. DINIZ
SEXTO DE PORTUGAL;

CHRONICA

DE

D. DINIS

REI DE PORTUGALIA

CHRONICA
DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE
DOMDINIZ
SEXTO REY DE PORTUGAL,
COMPOSTA
POR RUY DE PINA,
Fidalgo da Casa Real, e Chronista Môr do Reyno.
FIELMENTE COPIADA DO SEU ORIGINAL,
Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.
OFFERECIDA
A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAÕ O V.
NOSSE SENHOR.



LISBOA OCCIDENTAL:
Na Officina FERREYRIANA.

M. DCC. XXIX.

Com todas as licenças necessarias.

CHS O M I C N

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

DOMINIC

DEPARTMENT OF HISTORY

CHICAGO, ILL.

FOR THE YEAR

1900-1901

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

CHICAGO, ILL.

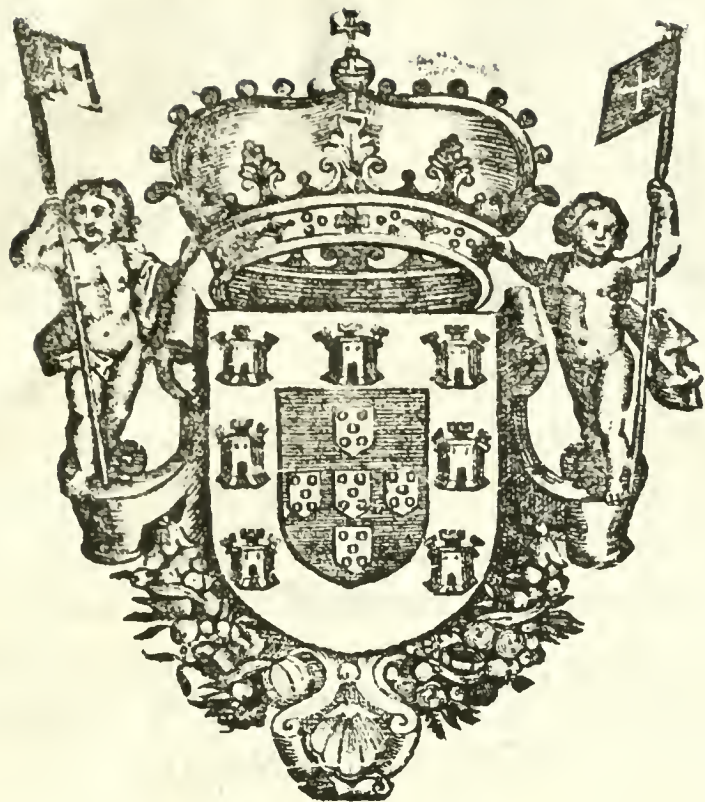
D. J. O'V.

CHICAGO, ILL.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

CHICAGO, ILL.



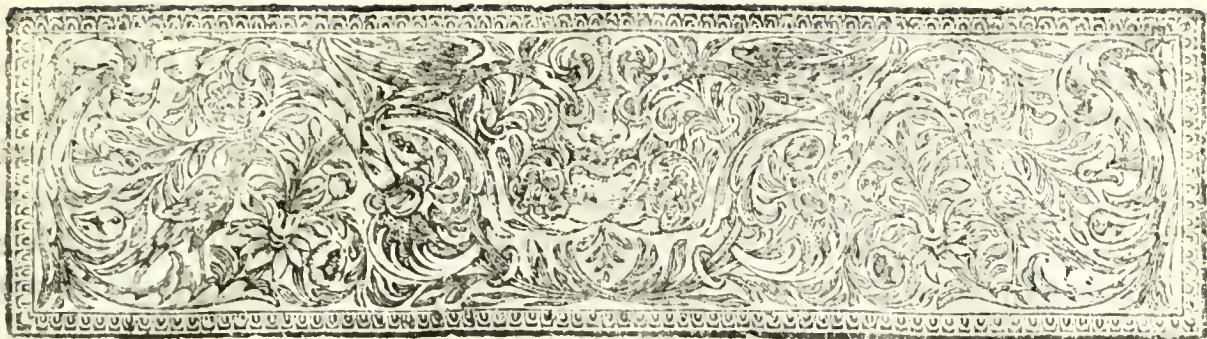
SENHOR.



OS Augustissimos pés
de V. Magestade chega a minha obrigação a offerecerlhe
a Chronica do Senhor Rey D. Diniz seu duodecimo Avo.
Esta

Esta, Senhor, he a Historia de hũ dos mais gloriosos Principes, que teve a Monarchia Portugueza, porq̃ le fez taõ conhecido pela sua prudencia, q̃ dous grandes Reys o elegeraõ por arbitro, e Juiz das contendas, que lhe perturbavaõ a paz de seus Vassallos, e foy taõ venturoso, que mereceo ter por Esposa huma Matrona, que pela grandeza das suas virtudes, e dos seus milagres a veneramos hoje coroada no Ceo. Se me fora licito passar dos limites de huma Dedicatoria, bem podia mostrar ao mundo a semelhaça do Neto com o Avo, mas bastarmeha dizer, que aquella virtude verdadeiramente de Principe, qual he a liberalidade, sendo por ella tam celebrado El Rey D. Diniz, V. Magestade a tem praticado de forte, que o deixa infinitamente excedido. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos como seus vassallos lhe dezejaõ.

MIGUEL LOPES FERREYRA.



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. FRANCISCO XAVIER
D E M E N E Z E S,

QUARTO CONDE DA ERICEYRA, DO CONCELHO de Sua Magestade, Sargento mór de Batalha dos seus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Estados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeyra, e Senhor da de Anciaõ, oytavo Senhor da Casa do Lourical, Cõmendador das Comendas de Santa Christina de Sarzedello, de S. Cipriano de Angueyra, S. Martinho de Frazão, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de Elvas, e de S. Bertholameu de Covilhã todas na Ordem de Christo, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e hum dos cinco Censores della, &c.



EU Senhor, buscar o amparo de V. Excellencia he effeito da mais prudente rezaõ, porque na sua pessoa se achão todas aquellas circumstancias, que seguraõ a protecção. He V. Excellencia taõ affavel, e taõ benigno para todos, que suaviza, e facilita com estes dotes a quelle justo temor que se acha

nos que ao mesmo tempo, em que os anima o desejo de conseguirmo que pretendem, os detem, e suspende a grandeza de quem procuraõ como valedor. Porém V. Excellencia de tal sorte he inclinado a favorecer aos que se valem do seu patrocínio, que lhes está offerecendo as occasiões de o occuparem, como se unicamente nacera para todos. Não fallo na excessiva generosidade, com que V. Excellencia faz publica para todo o genero de pessoas a sua copiozissima, e selectissima Livraria, beneficio, com que tem atrahido geralmente a todos. E porque eu Excellentissimo Senhor, sou hum daquelles que com mais frequencia, e com muita especialidade tenho recebido os favores de V. Excellencia como a confiança de lhe pedir queira pôr na Real presença de Sua Magestade esta Chronica del Rey D. Diniz, porque desta sorte por meyo de tão illustre valedor ficará desculpado o meu atrevimento. A Excellentissima pessoa de V. Excellencia guarde Deos muitos annos.

B. as mãos de V. Excellencia

Seu criado

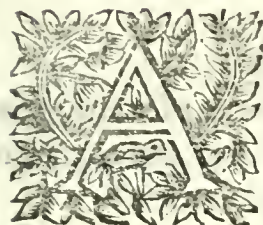
MIGUEL LOPES FERREYRA.

PRO-



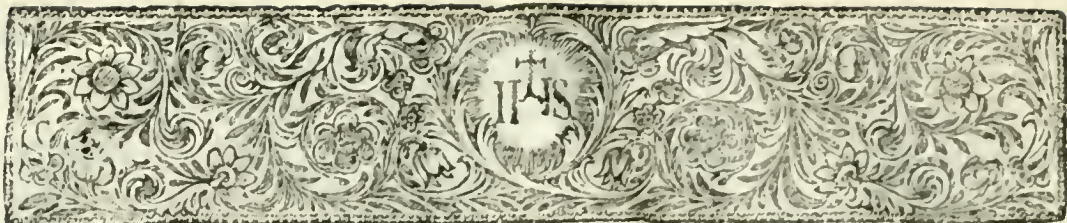
PROLOGO.

AMIGO LEYTOR.



Qui te dou na Chronica do Serenissimo Rey D. Diniz de Portugal outro argumento da palavra, que te empenhey quando te prometi dar impressas todas as Chronicas manuscritas dos Reys deste Reyno. Entre ellas era muito digna deste beneficio a del Rey D. Diniz, porque sem duvida entre os Soberanos desta Monarchia mereceo elle hum lugar de mayor distincção. Aqui verás hum Principe taõ altamente respeitado, que pela sua grande prudencia foy o arbitro para o ajuste de pezadas contendias de dous Principes, o que conleguiu com a dezejada felicidade, cujos documentos poderás ver na Sexta parte da Monarchia Lusitana, e em D. Diogo Jozè Dormes nos seus Discursos varios de Historia, impressos em Caragoça no de 1683. em quarto a folhas 135. Pelo seu conselho foy taõ venerado, como temido pela sua espada; com a qual entrou taõ felizmente pelas terras inimigas, que mais parecia triunfante, que combatente. Foy taõ venturoso, que mereceo ser Esposo da Rainha Santa Isabel, sendo tantos os pretendentes daquella Princeza, que parece que lhes prognosticavaõ os corações, que havia de ser a gloria da Monarchia, que a tivesse por Soberana. Tudo isto he a materia desta Chronica, que se a naõ achares escrita em estillo elegante, naõ ponhas a culpa ao Author, poem-na ao tempo, que tudo desfigura com as suas necessarias mudanças, porque he certo que os Reys de Portugal, q̄ elegeraõ ou a Fernão Lopes, ou a Ruy de Pina para Chronistas maiores deste Reyno, haviaõ de eleger a huns homens, que fossem merecedores de taõ authorizada occupaçaõ pelas suas letras, e pela sua elegancia.

Vale.



L I C E N C A S

DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informações, pode-se imprimir a Chronica del Rey D. Diniz, e depois de impressa tornar-se para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 29. de Agosto de 1727.

Fr. Lancaestre. Cunha. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Vista a informação pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornar-se para se conferir, e dar licença, que corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 9. de Outubro de 1727.

D. J. A. L.

DO PACO.

SENHOR.

JA na cenzura da Chronica del Rey D. Affonso III. que V. Magestade foy servido commeterme, disse, que a mayor recommendação para o prelo, era o nome de seu Auther. Nesta del Rey D. Diniz, e nas mais facilmente se distinguirá o que for parto do entendimento de tão grande Chronista, pois de alguns escritos se duvida serem seus. E sendo quem os ler juis recto, ficará ao arbitrio da sua prudente critica o exame da verdade delle: sendo sempre muito util que se imprimaõ por ser a lição das Historias estudo da mayor utilidade, porque nellas se achaõ todos os principios da verdade; da prudencia, e da sabedoria. Isto mesmo me parece quanto às Historias del Rey D. Affonso o IV. e del Rey D. Duarte em q̄ concorrem os mesmos motivos, por não multiplicar cenzuras. V. Magestade mandar-se o que for servido. Lisboa Occidental 25. de Outubro de 1727.

Manoel de Azevedo Soares.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornar-se à Meza para se conferir, e taxar, e dar licença que corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 15. de Novembro de 1727.

Pereyra. Oliveyra. Teyxeyra. Bonicho.

IN-

Nec ut credatur omnibus numeris absolutum, aliud praeter nomen Auctoris desideratur Augustinus de Castro apud Solori. in centur. Emblem. Librorum Index statim quicumque voluerit erit Rulad. de comit. r. p. l. 1. c. 13. Ex Dionisio Halicarnas. Rulad. luper c. 18. n. 5.

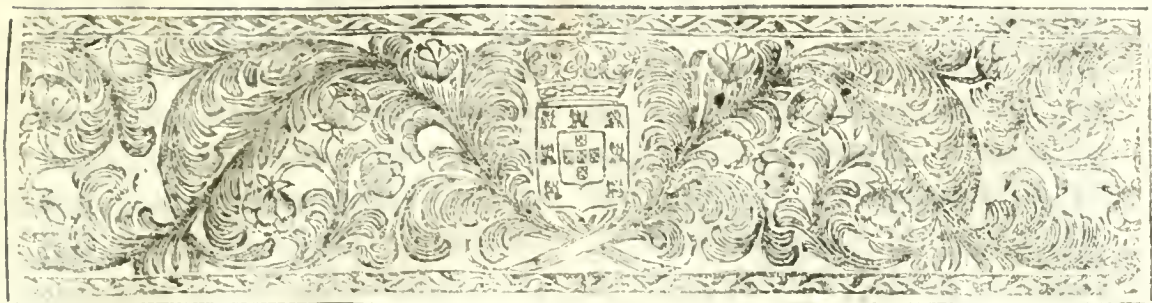
INDEX

DOS CAPITULOS DESTE LIVRO.

- C**AP. I. Como El Rey D. Diniz sendo Ifante foy levantado por Rey, e obedecido, e das virtudes, que teve. pag. 1.
- CAP. II. Como El Rey D. Diniz cazou com Dona Isabel, filha del Rey D. Pedro Daragam, e da Rainha Dona Costança, e de suas grandes virtudes, e santidade. pag. 2.
- CAP. III. Do fundamento, e couzas que ouve pera El Rey D. Diniz aver alguas Villas, e Castellos de riba Dodiana, que forão de Castella. pag. 13.
- CAP. IV. Dos filhos legitimos que El Rey D. Diniz ouve da Rainha Dona Isabel, e assi dentro bastardos. pag. 14.
- CAP. V. Do dezacordo, que ouve entre El Rey D. Diniz, e ho Ifante D. Affonso seu irmão. pag. 15.
- CAP. VI. Do que succedeo do casamento do Ifante D. Affonso filho del Rey D. Diniz, e do Ifante D. Fernando, filho del Rey D. Sancho de Castella pag. 19.
- CAP. VII. Como El Rey D. Diniz entrou em Castella, e da crua guerra que de huia parte, e da outra se fazia. pag. 25.
- CAP. VIII. Dos grandes malles, e danos que de huia Regno ha outro se faziam, e dalguis Lugares de Castella, que hos Mouros tomaram. pag. 26.
- CAP. IX. Da razam porque El Rey D. Diniz desistio desta guerra, e se tornou a Portugal pag. 27.
- CAP. X. Dos casamentos, e escaybos, que depois da concordia se fizeram entre estes Rex em Alcanizes. pag. 28.
- CAP. XI. Como El Rey D. Fernando cazou com ha Ifante Dona Costança, e das menagens que sobre se fizeram. pag. 34.
- CAP. XII. Das ajudas que El Rey D. Fernando de Castella ouve del Rey D. Diniz, pera guerra dos Mouros de Grada. pag. 45.
- CAP. XIII. Como El Rey D. Diniz ordenou em Coimbra ho primeyro Estudo, que ouve em Portugal. pag. 46.
- CAP. XIV. Como foy feyto em Portugal Mestre de San-Tiago izento da Ordem de Ures de Castella. pag. 48.
- CAP. XV. Do fundamento que teve ha Ordem do Templo de Sallamaõ em Ferusalem, e como foy desfeyta, e se fez ha Ordem de Christo.

I N D E X

- Christo, pag 49.*
- CAP. XVI.** *Do principal fundamento, e verdadeyrá cauza pera esta Ordem dos Templarios seer destroyda. pag. 51.*
- CAP. XVII.** *Como ho Papa, e El Rey de França notificaram ha El Rey D. Diniz esta condemnação dos Templarios, e de sua Ordem. pag. 55.*
- CAP. XVIII.** *Da discordia que ouve entre El Rey D. Diniz, e ho Ifante D. Affonso seu filho erdeyro, e has causas porque? pag. 61.*
- CAP. XIX.** *Das couzas que ho Ifãte capitulou pera matar Affonso Sanches, seu irmão, ou ho desterrar fóra do Regno. pag. 64.*
- CAP. XX.** *Da deligencia, que El Rey fez pera saber ha verdade dos Esromentos de Maguazela. pag. 67.*
- CAP. XXI.** *Dalguñas couzas mais que ho Ifante fez contra vontade, e serviço del Rey seu padre. pag. 71.*
- CAP. XXII.** *Como ho Ifante se partio de Coimbra pera Lixboa, e do que lhe aconteceu com El Rey no caminho. pag. 73.*
- CAP. XXIII.** *Como ho Ifante leuon ha molher, e hos filhos ha Castella, e hos Lugares que tomou ha El Rey seu padre, pag. 75.*
- CAP. XXIV.** *Como El Rey, e ho Ifante foram concordados por meyo, e intercessam da Rainha Dona Isabel, e da maneyra que nesse teve, e das menagens que*
- pera segurança de sso se fizeram. pag. 78.*
- CAP. XXV.** *De huia carta do Papa Johã XXII. abo Ifante D. Affonso filho del Rey D. Diniz, sobre has dezauenças com seu pay. pag. 80.*
- CAP. XXVI.** *Como ha Rainha Dona Maria de Castella, depois da morte del Rey D. Fernando seu filho, teve vistas com El Rey D. Diniz, ha que trouxe El Rey D. Affonso menino, neto de ambos, e do que concertaram. pag. 84.*
- CAP. XXVII.** *Como ho Ifante D. Affonso se aparelhou pera pelejar com ho Ifante D. Felipe, que contrariava ho asocego de Castella, e como ho Ifante D. Felipe se foy. pag. 85.*
- CAP. XXVIII.** *Como ho Ifante D. Affonso, requereo ha El Rey D. Diniz seu padre, que fizesse Cortes, aas quaaes depois nom quiz vir. pag. 87.*
- CAP. XXIX.** *Como ho Ifante sobre huia vinda, que contra vontade del Rey quizerá fazer ha Lixboa, foram perto de pelejar, e porque ho leyxaram de fazer. pag. 87.*
- CAP. XXX.** *Como has gentes del Rey, e do Ifante pelejaram sobre esto em Santarem, e do que se fez. pag. 89.*
- CAP. XXXI.** *Da morte del Rey D. Diniz. pag. 91.*
- CAP. XXXII.** *Das obras, e couzas notaveis, que El Rey D. Diniz fez em sua vida. pag. 94.*



CORONICA

DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

DOM DINIZ

SEXTO REY DE PORTUGUAL.

CAPITULO I.

Como El Rey D. Diniz, sendo Ifante, foy levantado por Rey, e obedecido, e das virtudes que teve.



1279.

EL REY D. Affonso Conde que foy de Bolonha, faleceo em Lisboa ha vinte dias de Março do anno de mil e duzentos setenta e nove annos, em idade de setenta annos, como em sua Coronica jáa se dice, e por seu falecimento na mesma Cidade, e tempo foy logo alevantado, e obedecido por Rey de Portugual, e do Algarve ho Ifante D. Diniz seu filho legitimo mayor, em

idade de dezoyto annos, avendo nove mezes, que sem ser cazado tinha jáa por El Rey sua caza apartada. Este foy do começo de seu Reynado atèe o fim delle sempre em todos seus feytos muy excellente, e por seu bom nome conhecido, e estimado por tal antre todos los Reys do mundo, que teve em perfeçam tres virtudes, ha saber verdade, justiça, e nobreza, pelo qual hos homens que has tem, como elle teve, claramente sam avidos de humanos, por divinos, e de

A mor-

mortais por immortais ; e porque cada huma destas elle fez com tal temperança , e assi sempre uzou. que em cada huma dellas mereceo de ser, e foy com rezam muito louvado , e na justiça foy o seu primeyro intento, e cuidado, e punições , da qual quiz loguo reparar alguns insultos, e delmandos, que dos tempos de seu padré, e avoo ainda avia no Reyno, e principalmente em punir, e castigar ladrões, e malfeytores , que com merces, que dava, e diligencias , que fazia, alhos que eram tomados punia com mortes, e grandes escarmentos , e ha outros com seu temor, espanitou, e desterrou da terra, especialmente hos que em quãdrilhas em alguns ermos onde salteavam tomava, assi como na montanha que se diz de Açor, e na ferra da mendigua, e em Alpedris , que por suas culpas, e maleficios receberam em suas pessoas cruas penas , de que davam testemunho has muitas forcas do Reyno que delles estavam cheas.

Foy Principe de bom saber; porque amou ha justiça sobre todas as cousas , e por effo foy para todos muy justiçaoso, e para sy sobre todos justificado, e sua justiça nom era sempre tam severa, que quando alguns casos, e tempos ho requeriam nom misturasse com ella muita misericordia, e piedade. Nunca delles se achou que dicesse mentira, nem quebra de sua verdade , e defendeo, e favoreceo muito hos la-

vradores , ha que chamou nervos da terra, e do Reyno, e teve grande cuydado dos pobres, e minguados, ha que sempre proveo com suas ajudas, e esmolas , e nas cousas de sua fazenda, e caza foy sobre todos ho mais provido, e solcito , com que deu maravilhoso exemplo, para que em seu Reyno todos ho fizessem, por effo se fez Rey de grandes tezueros, porque has gentes do Reyno foram tambem em seu tempo muy riquas, e fez muitas leys por bem , e regimento da terra, e todas sem alguma quebra por sy sempre guardou, e mandou inteiramente guardar, e foy Principe tam liberal sem algum vicio de prodiguo , que por todas as terras elle por sua grande nobreza foy de todos muy celebrado, e lembrado, e por ella muitos Senhores de Nações diversas vinham à sua Corte pelo ver, e elle assi hos honrava , e tratava , e com suas grandes dadivas assi hos despedia que da fama, e esperança , com que ha elle vinham, nom se achavaõ enganados, e ha todos outros Fidalguos, e Senhores Estrangeyros , que por alguns calos tinham de sua ajuda emparo, e socorro alguma necessidade, elle nunca em seu Reyno lho negou, e ha todos recebia com muita honra , e fez grandes merces.

E alguns destes foram ho Infante D. Joã de Castella seu tio irmaõ da Rainha Dona Breatiz sua madre, e de D. Reymaõ de Cardona

Dara-

Daraguam, que desses Reynos de Castilla, e Daraguam eram desterrados, e no de Portugual acolhidos, e tambem D. Joaõ Nunes de Lara, Senhor de Biltquaya, que El Rey D. Diniz teve prezo, e depois por grandeza ho soltou, e mandou poer em sua terra com muitas dadivas, e grandes merces que lhe fez, com que honradamente, e com muitos Cavalleyros ho soltou, e mandou poer em sua terra, como aho diante se dirá. Este Rey, por que sempre dezejou de fazer guerra a hos infieis, e elle nom tinha terra, que jáa fosse de sua conquista trabalhava de lhe fazer continuamente por maar com armadas, e frotas, que contra hos Mouros Dafrica, e de Grada sempre trazia, e nunca se acha que contra elles fizesse paz, nem lhe desse treguoas, e has mais cousas que em sua vida fez por acrescentar, e enobrecer seu Reyno, no cabo desta sua Coronica brevemente ha somarey, porq̃ verdadeiramente se saybaõ.

CAPITULO II.

Como El Rey D. Diniz, cazou com Dona Isabel, filha del Rey D. Pedro Daraguam, e da Rainha Dona Costança, e de suas grandes virtudes, e santidade.

SEndo El Rey D. Diniz de vinte annos, idade alãas conveniente

para cazar, foy aconcelhado da Rainha Dona Breatiz sua madre, e assi requerido por parte do Reyno de Portugual, que cazasse para teer esperança de lhe dar Deos erdeyro legitimo, que ho socedesse; e loguo lhe foy apontado na Ifante Dona Isabel Daraguam, que estava por cazar filha del Rey D. Pedro deste nome ho IV. e dos Reys Daraguam ho undecimo, e da Rainha Dona Costança, filha de Manfreu, Rey dambas as Cezilias, que fora filho do Emperador Federiquo, ha qual Ifante Dona Isabel por suas muitas bondades, e grande fremosura era nas Cortes dos Reys, e Principes Christãos muyto louvada, e por esso se requeria delles grandes, e muy altos cazamentos, no que El Rey D. Pedro seu pay nom podia consentir vencido sóo- mente de grande affeyçam, que lhe tinha, com que nom podia padecer ha privaçam de sua santa conversaçam, e da graciosa prezença de sua vista, e tendo El Rey D. Diniz por estes respeytos della muito contente; estando em Estremoz no anno de mil duzentos oytenta e hum annos, avendo dous annos que jáa Reynava, ordenou seus Embayxadores, e Procuradores para hirem requerer ha dita Ifante Dona Isabel; Joaõ Velho, Vasquo Pires, e Joaõ Martins, homens de seu Concelho, e pessos acerqua delle, de grande autoridade, e boa estima, hos quais ehégaram à Corte del Rey Daraguam, que estava em Barcelona,

A ij

onde

onde sobre o mesmo caso se acercaram outros Embayxadores del Rey de França, e del Rey de Ingraterra, que para cazamentos de seus filhos erdeyros enviavam requerer ha dita Ifante.

Pelo que El Rey D. Pedro vendo que alguns destes Principes já se nom podia escuzar confirando, que com hos filhos del Rey de França, e de Ingraterra pelos muito conjuntos divididos de sangue, que com elles tinha, elle sem dispensação Apostoliqua ha nom podia dividamente cazar, e que em caso que com cada hum delles cazasse nom saya de lua caza Rainha, mas Ifante, ouve por bem de outorgar, que cazasse com El Rey D. Diniz, porque sem mais longuas esperanças, ella fosse loguo Rainha. Pelo qual ho dito João Velho, que dos sobreditos Procuradores era pessoa para effo especialmente deputada, recebeu ha dita Ifante por molher del Rey D. Diniz, e depois de affinarem tempo certo em que avia de ser trazida, hos Embayxadores se tornáram ha Portugal, e porque antre hos grandes guostos, e muitos proveytos das Estorias, ha declaração verdadeyra das linhagens, e descendencias dos Principes, e Senhores consegue ho mais pequeno, e vejo que hos Istoriquos, que dos Reys, e seus feytos, que eram presentes escreveram elles, porque semelhantes declarações de gerações serem ha estes tempos rezentes publicas, e muy notorias, has cala-

ram, e nom escreveram, e por effo aho diante por ha longura do tempo, e has fraquezas das memorias se cauzam duvidas, e confuzoens, que muito deseontentam.

Por tanto nom sómente nom pareceo couza injusta, mas muy necessaria declarar algum tanto de mais longe ha geraçam de que esta Rainha Dona Ifabel descende, e com que geraçoens Reaes soy liada. Porque he de saber, que El Rey D. Pedro deste nome ho terceyro, e dos Reys Daraguam ho noveno, cazou com ha Rainha Dona Maria, filha de D. Guilhemo de Mompilher de que ouve hum filho, que ho socedeo dito D. James deste nome o primeyro, e dos Reys Daraguam ho decimo, este D. James, como nas Coronicas Daraguam se affirma, foy concebido ha caso, e seu nome posto por milagre, porque El Rey D. Pedro por sua natural condiçam, ou por seu vicio era muito dado às molheres estranhas, e muito pouquo à Rainha sua molher, ha que por consentimento de hum Camareyro del Rey escondida, e muy secretamente se lançou de noyte na cama del Rey em lugar de huma moça, com que elle tinha affeyçam, e aquella noyte concebeo do marido, e conhecida por El Rey, que do caso foy enverguonhado, ella se nom quiz alevantar da cama até ho outro dia muy claro em que de muitas gentes se fez alli vir conhecer, e daquelle proprio dia de que mandou tomar publi-

pubriquos testemunhos ha nove mezes pario hum filho, com que ElRey ouve muito prazer, e por devaçam, e mais segurança de sua vida, mandou loguo offerecer ho menino ha huma Egreja, e encomendallo ha Deos.

Preguntando ElRey pelo Officio, ou Pfalmos, que se rezavam aho entrar della, foy certifiçado, que ha este tempo hos Sacerdotes cantavam *Te Deum laudamus*, e daquella primeyra Egreja ho mandou levar ha outra segunda, onde pela mesma maneyra soube, q̄ aho entrar della com ho menino se dizia *Benedictus Dominus Deus Israel*, e sendo ambos pay, e mãy em consulta do nome, que lhe poriam, ha Rainha sua madre dice, que sua vontade, e devaçam era parindo filho, que ouvesse ho nome de cada hum dos doze Apostolos, e para esto mandou loguo fazer doze candeas de cera por igual medida, e pezo, e em cada hũa hum escrito, e em cada hum escrito ho nome de cada hũ dos doze Apostolos, e com ellas juntas, e ha hum proprio momento acezas mandou dizer hum Missa solene do Espirito Santo, e no cabo della has candeas todas arderam, salvo ha que em nome de Sanctiaguoy foy posta, que ficou mais inteyra, e por esto no seu nome de James, foy loguo cazado com ha Rainha Dona Lionor, filha del Rey D. Affonso deste nome ho noveno de Castella, irmãa da Rainha Dona Orraqua de Portugal, de que

ouve hum filho D. Affonso, que faleceo, e foram ambos depois pela Egreja apartados, e depois elle cazou com ha Rainha Dona Violante, filha que foy de D. André Rey Dumgria, de que ouve estes filhos ha saber: D. Pedro, que apoz elle Reynou em Araguam, e D. James, que foy Rey de Malhorqua, e Menorqua, e D. Sancho que foy Arcebispo de Toledo, e foy morto em hum batalha em Andaluzia, que ouve com hos Mouros, e Dona Costança, que foy cazada com ho Ifante D. Manoel de Castella avoo da Ifante Dona Costança, molher, que foy del Rey D. Pedro de Portugal, e Dona Violante, que cazou com El Rey D. Affonso ho decimo de Castella, avoo del Rey D. Diniz de Portugal, e Dona Isabel, que cazou com D. Felipe Rey de França, filho, e erdeyro del Rey S. Luis.

E este Rey D. James foy ho que tomou segunda vez Valença Darguam ahos Mouros por cerquo, e força, porque da primeyra vez, que por ho Cide Ruy Dias foy tomada, elles Mouros no proprio tempo de sua morte ha tornaram ha cobrar, e atée este Rey ha tiveram. E este Rey D. James depois de muito velho, e nom podendo jáa soffrer ho pezo, e carreguo do regimêto de seu Reyno fez alevãtar, e obedecer por Rey aho Ifante D. Pedro seu filho, e elle meteose Monge no Moesteyro de Santa Cruz, de Monges brancos, onde jaas sepultado.

Este

Este Rey D. Pedro seu filho de se nome ho quarto, e dos Reys D. Araguan ho onzeno, contra vontade de seu pay cazou cõ Dona Costança, filha del Rey Manfreu, que foy dambas as Cezilias, filho bastardo de Federiquo II. Emperador Dalamanha, e Rey de Cezilia, e de Napoles, que foy Erege, e mão homem, e cruel, e perseguidor da Egreja, assi como fora seu avoo, ho outro Federiquo, que diceraõ Barbarroxa, ho qual Emperador Federiquo II. sendo doente em Fruelmela Lugar do Reyno Dapulha por consentimento de hum seu Camareyro foy afogado, e morto por este seu filho Manfreu, que se chamava Principe de Tarento, para loguo aver como ouve, seus teozouros, que eram muy grandes, e esta abominavel maldade fez por tal que em algum testamento, que ho pay podera fazer, nom despozeffe de suas riquezas ho contrayro do que dezejava.

E deste Emperador ficou hum filho legitimo, que chamavam Conrado, que era em Alemanha, e vindo para Napoles de Cezilia, que direytamente lhe pertencia tambem Manfreu seu irmaõ em hum pastel ho fez matar com peçonha, e deste Conrado ficou hum filho menino erdeyro dito Conradino, que em mistura de certos prezentes, e joyas tambem seu tio ho quizera matar cõ peçonha, mas ha Rainha mãy do menino como muy prudente, e receosa das

manhas de Manfreu apresentou em lugar do filho outro menino em tudo conforme, que por elle loguo morreo, ho qual Manfreu por morte de Conrado seu irmaõ com has muitas riquezas, que tinha occupou loguo, e ouve o Reyno de Cezilia, que sendo sobre esto pelo Papa Alexandre escommunguado, e perseguido com exercito para que deixasse ho Reyno, elle por sua ajuda meteo em Italia muitos Mouros de Tunes, e Dalfriqua cõ que desbaratou ha gente do Papa, e fez em Italia grandes destroições, e levou della grandes despojos.

Pelo qual ho Papa Urbano IV. enviou em França chamar ha Carlo irmaõ del Rey S. Luis ha quem fez Alferes da Egreja, e lhe deu hos Reynos de Napoles, e de Cezilia, porque hos cobrasse de Manfreu, que tiranamente hos usurpava, e Carlo ajuntou muita gente, e com ajuda do Papa ouve batalha com Manfreu junto de Benavente em Italia onde ho dito Manfreu foy morto, de que hos Reynos de Cecilia, e de Napoles ficaram loguo pacifiquos ha Carlo, especialmente, que depois da morte de Manfreu tambem Carlo matou em outra batalha ho Conradino neto de Federiquo, ho que Manfreu quizera nas joyas matar, porque com grande exercito veo contra Carlo para cobrar hos Reynos que dizia lhe pertencerem de direyto, e na contenda foy morto, e sendo Carlo nessa posse dambos hos

hos Reynos sobreveo, que por quãto hos Francezes tratavaõ has gentes de Cezilia com inhumanos roubos, e cruezas, e desprezos, de honestidades, dissoluções: elles todos de que ha Cidade de Palermo, foy ho principio, indinados contra hos Francezes sendo jáa para esto secretamente exortados, e favorecidos del Rey D. Pedro Daraguam, em hum dia hos mataram todos, e para vinguança desta rebeliam, e mortindade dos seus, El Rey Carlo, que nom era em Cezilia ajudado de grandes potencias veo ha Cezilia, e cerquou estreytamente ha Cidade de Mecina, que loguo com has outras Cidades da Ilha enviaram pedir soccorro aho dito Rey D. Pedro, ha quem pediam amparo, e ajuda, e por effo lhe offereceram ha entregua do Reyno, que diziam lhe pertencer direytamente pela Rainha Dona Costança sua molher, filha do dito Rey Manfredu, de que nom fiquara outro erdeyro legitimo, que ho socedesse.

Por cujas preces, e requerimentos, commovido El Rey D. Pedro, principalmête por cobrar ho Reyno de Cezilia, que lho fereciaõ, elle com grandes frotas veo loguo ha Palermo onde recebeo ha obediencia, e Coroa do Reyno, e dahi ordenou loguo delcerquar Mecina em cuja perda se ha perdesse, toda Cezilia se perdia, primeyro mandou requerer ha El Rey Carlo, que se partisse, e lhe deyxasse seu Reyno, que por sua molher direyta-

mente lhe pertencia, ho que Carlo desprezou, como ha Embayxada, e requerimento de grande soberba, e porém com medo del Rey D. Pedro, que pelo maar era muito mais poderoso, receoso de lhe tolher hos mantimentos para seu exercito, deyxou ho cerquo de Mecina, e se foy ha Calabria, e dahi mandou chamar ha Carlo Principe de Salerno, seu filho que era em França, ho qual com grande poder se ajuntou com seu pay em Roma, onde se queyxaram del Rey D. Pedro aho Papa Martinho IV. da força, e danos de Cezilia feytos contra direyto, dizendo que Carlo por armas, e em campo lhe faria conhecer seu erro, e tirania.

Ha quem El Rey D. Pedro com escuzas coradas das coulas passadas se mandou defender em Roma por seus Embayxadores, hos quaes por ganharem tempo, e escuzarem ha yda dos Francezes sobre Cezilia, porque estavam muito poderosos condordaram em nome del Rey D. Pedro por juramentos solenes, que ha contenda desse Reyno se partisse por desafio dambos hos Reys em pessoas, e com cem Cavalleyros cada hum sômente, e que fosse em Bordeos, que ha esse tempo era del Rey Dingraterra, e que aho Rey vencedor fiquasse livremente, e sem contradicam ho dito Reyno de Cezilia, do que El Rey Carlo foy muy contente, para concordarem ho desafio, e El Rey D. Pedro deyxou Governador, e como Rey de

de Cezilia ElRey D. James seu filho, e veose Araguam, e Carlo para regimento, e defençam deyxou tambem seu filho Carlo Principe de Salerno, e passou em França, para cada hum com suas valias, que levavam por segurança do campo irem cumprir ho desafio para que era assinado dia certo no mez de Junho, ho qual dia Carlo pareceo em Bordeos com hos seus Cavalleyros armados, deyxando ha huma jornada ElRey Felipe de França cõ grande seu exercito por legurador.

Mas ElRey D. Pedro nom pareceo publico em Bordeos, e porém se diz, que por nom quebrar ho juramento, que fizera se mostrou ahi alguns em secreto, e que de como parecera tomou por sua escuza estormentos, e se volueo ha seu Reyno com grande pressa, e por este enguano de q̃ ElRey de França, e Carlo seu tio, e ho Papa juntamente foram muito escandalizados, ho Papa escommungou ElRey D. Pedro, e deu contra elle Cruzada, e concedeo ho Reyno Daraguam com grande solenidade, e com grande doaçam ha Felipe Conde de Valois, segundo genito delRey Felipe de França, que cazou com huma neta delRey Carlo seu tio Principe de Salerno. E neste tempo antes de se executar ha Cruzada contra ElRey D. Pedro, hum Rogerio Delora, Almirante delRey D. Pedro com grande frota se foy à vista de Napoles, onde Carlo filho delRey Carlo fiquara por

Guovernador, ho qual por seu muy rico sangue de que descendia nom podendo sofrer has muytas injurias que do Almirante Daraguam em sua pessoa recebera, guiado mais do favor de seu esforço, que do verdadeiro sizo, nem dos preceytos de seu pay, que nom guardou, sabio com sua frota, que tambem confinguo tinha, e pelejou no maar com ho Almirante, ho qual por ser de ty mesmo tam afouto, e nas pelepas do maar muy afortunado venceo, e prendeo Carlo com muitos homens de sua companhia, e prezo com hos seus, logo foram levados ha Cezilia, e postos em carcere em Mecina.

Aho qual infortunio de Carlo, ElRey Carlo seu pay querendo proverse se foy ha Guayeta, e porque com effeyto nom podia seu desejo satisfazer, de nojo adoeceo, e segundo se diz morreo de tristeza, pelo qual hos de Mecina, porque eram por este caso apertados pelo Papa com grandes escõmunhões, e antreditos sabendo ha morte delRey Carlo por mais sua vinguança se foram ahos carceres, onde estavam hos Francezes para hos matarem, e porque hos presos eram homens, e bons Cavalleyros se poseeram em defençam, e resistencia, e foram dos Cezilianos nos mesmos carceres mortos sem piedade, e queymados, e assi quizeram fazer aho Principe Carlo, se ha Rainha Dona Costança molher delRey D. Pedro, que ha esse tempo era em Cezilia,

Cezilia lhe nom valera, porque estranhou fazerse tam crua justiça; sem mandado, nem autoridade del Rey D. Pedro seu marido, e dally concordaram, que Carlo fosse levado prezo, como foy Araguam, onde era, e avendo quatro annos, que ho dito Carlo era prezo depois da morte del Rey D. Pedro, Reynando em Araguam El Rey D. Affonso seu filho, foy por meyo del Rey D. Duarte Dingraterria solto sobre ha refens, que Carlo deu de tre filhos seus legitimos, e sinquenta Cavalleyros nobres do Condado de Proença, e pelas despezas trinta marcos de prata, com condiçãõ, q̄ elle renunciase ho direyto q̄ tinha em Cezilia, e fizesse renunciar ha Carlo de Valois ho direyto q̄ ho Papa lhe dera em Araguam.

E por esto, e por cazamentos q̄ depois antre elles se fizeram ficouo ahos Reys Daraguam ho direyto no Reyno de Cezilia; como quer que sobre esta mesma contenda antes de se fazer ha mesma concordia El Rey Felipe de França, e este Rey D. Pedro Daraguam faleceram ambos sobre ho cerquo de Girona, ha saber, El Rey de França por doença, e El Rey D. Pedro por dezemparo, e treyçaõ dos seus, foy morto ha ferro, como nas Coronicas de França, e Daraguam mais larguamente se decra. E deste Rey D. Pedro Daraguam, e da Rainha Dona Costança sua molher ficaram estes filhos, ha saber D. Affonso filho primeyro, ha q̄ differaõ ho

Casto, q̄ apoz este Reynou, e sem cazar morreo Frade no abito de S. Francisquo, e D. James ha q̄ ficouo ho Reyno de Cezilia, depois q̄ elle foy Rey Daraguam, e Dona Violante, que depois cazou com El Rey Carlo, irnam de S. Luis Bispo de Tolozã, e Dona Isabel molher del Rey D. Diniz de Portugal.

E tornando ho processo aho fio de seu cazamento, que atraaz leyxey aho tempo, que este cazamento se fez em Araguam, eram grandes guerras, e differenças em Castella, antre El Rey D. Affonso ho decimo, e ho Ifante D. Sancho, seu filho, cuja parte El Rey D. Pedro Daraguam favorecia, e seguia, e por este caso receando enviar sua filha por terra ha seu marido El Rey D. Diniz, ordenava que viesse por maar, mas por outros pejos que da vinda do maar se offereciam, ordenou de toda via vir por terra, e em sua companhia enviou ho Bispo de Valença, e muitos outros Cavalleyros dos milhores de sua terra, e lhe deu muy riquas joyas douro, e de pedraria, e grande bayxella de prata, e com ella veo tambem El Rey seu padre atée ho estremo de Castella, onde antè de se despedirem falaram ambos apartados por grande espaço, e em se despedindo El Rey delia, elle com olhos cheos de muy saudosas lagrymas lhe dice.

Filha, Deos que te chamou per este cazamento, e lhe prouve que de minha casa saisses Rainha, elle neste

caminho te queyra guardar, pera que nom recebas pejo, nem dano algum, e Deos que na terra onde nasceste te amou, e quiz que de todos sempre fosses amiada, e deressa tua vida, e teus feytos nessa pera onde vaaz de maneyra que sempre faças couzas de seu fante seruiço, e te deê sempre de uença, e boa concordia com teu marido.

E com esto soltando a dos braços com que ha teye apertada, chorando lhe deytou ha bençam de Deos, e ha sua, e assi se despedio della com sinaes de muito laudoso, e como entrou em Castella, veu ha recébella aho caminho, ho dito Ifante D. Sancho, seu primo com irmaõ, porque fora filho da Rainha Dona Violante molher del Rey D. Affonso de Castella, que era irmaã del Rey D. Pedro Daraguato, e do dito Ifante D. Sancho de que ha Rainha Dona Isabel, e todolos de lua companhia receberam muita honra, e boom trato, e ho Ifante lhe dice: *Senhora El Rey vosso padre meu tio, em minhas necessidades me fez sempre tanto fauor, e me deu tam grandes ajudas, que por esso, e principalmente por quem vós sois, eu com boa vontade atee Portugal fora com vosquo, mas por estas guerras em que ando, que hee necessario que sempre proveja com minha pessoa, ho nom posso agora fazer, e peço vos que desta culpa me releveis, e sabey que pera has cousas de vossa honra, e seruiço sempre me achareis diligente, e miu-*

to aguardecido, mas eu enviarey com vosquo ho Ifante D. James meu irmaõ, que vos acompanhe.

E assi proleguiram sua viagem atee chegarem ha Braguança, onde lua entrada fora concordada, e alli eram jaa, que esperavam por ella ho Ifante D. Affonso, irmaõ legitimo del Rey D. Diniz, e ho Condê D. Guonçalo, cazado com Dona Lionor, tambem lua irmaã, filha bastarda del Rey D. Affonso Condê de Bolonha, e assi outros Perlados, e riquos homens do Reyno de Portugal, e dally se despedio della ho Ifante D. James, e se tornou pera Castella, e ho Ifante D. Affonso, e hos Perlados, e Senhores de Portugal trouxeraõ ha Rainha ha Tranquozo, onde veu El Rey D. Diniz, e ha recebeo em pessoa, e depois de feytas suas benções ordenadas pela Egreja, fizeram alli suas vodas com muy grandes festas, e com muy grandes alegrias no mez Daguosto do anno de mil duzentos oytêta, e dous annos, 1282. pera ho q no campo de Tranquozo se fizeram grandes, e custozas cazas, e El Rey se partio dally com ella, e lhe ordenou loguo caza, e deu seus officiaes, terras, e assentamento segundo ha lua honra, e estado compria.

E esta Rainha Dona Isabel posto que por obediencia, e mandado del Rey seu padre, e por necessidade de bem, e paz destes Reynos, fosse corporalmente cazada com El Rey D. Diniz ha que tinha grande

de amor, ella porém com todas as obras, e finais de muy Santa, nom leyxava espiritalmente de ser cazada com Deos, ha quem com tanta abstinencia, e continuas orações sempre lervia, e contemplava como sempre fizera, sendo donzella em casa del Rey Daraguam seu padre, porque sendo cazada, por hum Breviayro por devoto costume, tinha por seu desenfadamento mais familiar, em todos os dias rezava todas as oras Canonicas, e depois desso tomava outros livros de couzas espirituales, e devotas, e por elles lendo retraida muitas vezes com muitas lagrymas de devaçam ha viram chorar, e depois deste virtuoso officio, que cada dia ordenadamente tinha, por nom estar ocioza costumava por suas mãos lavar, e fazer couzas douro, seda, e prata, e sobreffo com suas donas, e donzellas praticava sempre em couzas devotas, e onestas, e porque sua fée fosse por obras mais prefeyta, e de moor merecimento, ella ha moor parte de suas rendas dava secretamente ha pessoas miseraveis em que sabia, que avia verguonhozas necessidades, e ha estas era tam liberal, e piedoza, e com tam limpo coração, e tam gracioso rosto lhe dava ho feu, que por ella muy verdadeyramente se dizia, que das viovas, e orfans era piedoza madre; e ella foy sempre em todas suas averffidades, e descontentamentos, que lhe focediam, muy armada de paciencia, porque nella nunca

foy conhecida ira, nem sanha, hum ora mais que outra, e has vinguanças, que tomava dos males, e descontentamentos, que dalguem recebia, eram graciosos perdões sem querer tomar per sy, nem por outrem alguma outra emenda.

Era em suas palavras muy mansa, e em suas obras muy conforme ha toda humildade, sem algum levantamento de soberba, de maneyra, que ha graça do Espirito Santo, de que era aceza de todo, causava em sua alma hum louvado affosseguo, e grande devaçam, com que hos dias que ha Igreja mandava guardar ella sem quebra dalgum hos jejuava todos ha conduto, sem comer mais que huma sóo vez, e além desso fazia jejuns de paõ, e aguoas todas as festas feyras do anno, e Vesperas dos dias de N. Senhora, e sobreffo em toda huma quarentena, que vem em cada hũ anno de S. João Baptista, até Sãta Maria Daguosto, e até ho S. Miguel, e outra quorelma dos Anjos, que hee des ho dia de N. Senhora Daguosto, e assi de dia de todos Santos até Vespera de Natal nom comia, nem bebia se nom paõ, e aguoas humas sóo vez no dia, de maneyra que fazia este tam aspero jejum has duas partes do anno, e assi teve outras muitas, e muy singulares virtudes, com que pareceo que venceo suas forças humanas, e por ellas aprouve ha N. Senhor fazer em sua vida muitos milagres, e depois de sua morte muitos mais, e

dos de sua vida segundo achey por inquirições de testemunhas dinas de fée, e muy autorizadas foy, que em Lisboa ha veio ver huma dona do Moesteyro Dodivelas, que por huma apostemaçam, e inchaço que tinha no estamago, era muito doente, e desposta ha morte, e ha Rainha aho espedir della lha vio, e benzeo com ho sinal da Cruz com que no Moesteyro se achou logo assi sam, como se daquelle mal nunca fora toquada.

E porque esta dona ha todos ho proviquava por milagre, ha Rainha ha mandou chamar, e reprendeo-a, e lhe mandou, que mais ho nom dicesse, porque se algum bem recebera nom fora de sua maõ, nem della, que era peccadora, mas sóo da virtude de Deos, que ho louvasse. E esta Rainha por sinal da sua humildade costumava em todas has festas feyras da quoresma lavar por sy hos pées ha doze homens, hos mais leprozos, que se podiaõ achar, e esto fazia assi secretamente que ElRey particularmente ho nom soubesse, e estando em Santarem depois, que hum dia fez este lavatorio, mandou dar bem de comer a hos pobres, como sempre fazia, e em se elles saindo escuzos do Paço acertouse, que hum porteyro com sanha deu ha hum cuydando q̄ era outro homem, tal golpe na cabeça de que logo cahio em terra afaaz ferido, e huma dona, que esto vio, recolheo ho pobre em sua caza onde logo ha Rainha ho foy ver, e

depois de ho curar por sua mam, e lhe dar dinheyro pera sua despeza se despedio, e aho outro dia que mandou saber de sua disposiçam acharaõ-no de todo saõ.

E na Semana Santa, na Quinta feyra de Lava pées, em lavando ha treze molheres pobres enverguonhadas, huma dellas acertou, que tinha hum pée comesto de pragua, e dous dedos afistolados, que estavam para cair, depois que ha Rainha lhe lavou ho saõ, ella escondia ho doente, e escuzandose por seu mal de ho querer mostrar, forçada dos roguos, e despejos da Rainha, lho mostrou, e nom sóoamente lho lavou mansamente, mas humildosamente lho beyjou na propria chagua, e depois que ha todos deu de comer, e vestir, como tinha por costume, em se saindo do Paço aquella molher doente indo na companhia das outras se achou de todo sam. E huma Orraqua Valques molher da Rainha, era de muitos tempos doente de tal dor, que cahia amortecida, e com tormentos, que lhe davaõ escassamente, e com difficuldade ha faziam retornar à vida, e sabendo ha Rainha, que has muitas meyzinhas, e remedios dos Fisiquos lhe nom proveytavam, ella no dia de sua payxam ha benzeo cõ ho sinal da Cruz, e aprouve ha Deos, q̄ logo acordou, e depois foy sempre em sua vida livre de taes accidentes. Estando ha Rainha em Alamquer muito doente de humores frios pera que hos Fisiquos
por

por meyzinha lhe mandavam beber vinho no puquaro porque bebia, ella ho nom quiz fazer, trazendolhe aguoã pera ella beber milagrolamente se tornou duas vezes vinho no puquaro porque bebia. Estes, e outros milagres muitos se achaõ, que N. Senhor pelos merecimentos desta Santa Rainha fez em sua vida, e muitos mais depois de sua morte, de que aho diante por sua devaçam, e louvor darey alguma particular, e breve conta.

CAPITULO III.

Do fundamento, e cousas, que ouve pera El Rey D. Diniz aver algũas Villas, e Castellos de riba Dodiana, q̃ foraõ de Castella.

A Ho tempo que El Rey D. Affonso Conde de Bolonha faleceo, e depois em alguns primeyros annos do Reynado del Rey D. Diniz, El Rey D. Affonso de Castella, seu avoo atée hos derradeyros dias de sua vida, sempre foy perseguido de grandes guerras, e muitas necessidades, causadas pela errada desobediencia, e desleal alevantamento, que ho Ifante D. Sãcho seu filho, e hos do Reyno de Castella, e de Liam contra elle usavam, pelo qual ha Rainha Dona Breatiz sua filha, como Rainha virtuosa, e aguardecida filha muy piedosa, e por lhe pagar em alguma

maneyra has dividas, que por obriquaçam Divina, e humana lhe devia, loguo como El Rey D. Diniz seu filho foy cazado, foy ha El Rey D. Affonso seu pay, que estava em Sevilha, pera em tantas suas averfidades, e infortunios, como padecia, ella ho loccorrer, e confortar, e aconselhar, sem ho nunca leyxar atée ora da morte del Rey, ha que ella foy presente, e cuja testemeyra principal com outro ficou, e porque ella lhe soccorreo com todo ho dinheyro de sua fazenda, e com todas as joyas de sua pessoa, e com todas as rendas, e gentes, que tinha, e podia aver de Portugal, pelo qual neste meyo El Rey D. Affonso pelo grande amor, que tinha à Rainha sua filha, como jáa dice, e por lhe satisfazer has boas obras, que della recebera fez ha ella especial doaçam da Villa de Niebla, que hee em Andaluzia ha que chamam Reyno, com todos os Castellos, e rendas que ha ella pertencem, e assi lhe fez mais doaçam das Villas de Serpa, Moura, e Mouram, Noudar, que são em riba Dodiana, por carta que foy dada em Sevilha quinta feyra quatro dias de Março do anno de mil duzentos trinta e tres annos.

E porque Moura, e Serpa, e Mouram eraõ da Ordem do Espiritual de S. Joã de Castella ho dito Rey D. Affonso pera melhor, e mais livremente poder dar has ditas Villas à dita Rainha sua filha, por serem conjuntas aho dito Reyno de Por-

Portugal ante algum tempo, que se fizesse ha dita doaçam elle por autoridade, que se ouve do Gram Meltre, e por consentimento do Prior, e Freyres da dita Ordem em Castella fez com elles escaybo das ditas Villas pera lhe fiquarem livres, e por ellas deu em Castella pera fiquarem à dita Ordem pera sempre Touro, e ha Egreja de Santa Maria da Veyga, e hos direytos de Cayrola, e has Martineguas, e direytos de Guaronha, e de Feerne, e de Paralyves, com outros Luguares, e outras muitas rendas, e direytos, que são expressamente declarados, ho qual escaybo ante da doaçam se fez por carta feyta em Santo Esteuam de Guormas, terça fey-ra onze dias de Março de mil duzentos oitenta e hum annos sobescrita por Guarcia de Toledo, Secratayro, ha qual doaçam destas Villas ElRey D. Affonso antes tres annos, que falecesse, fez à Rainha Dona Breatiz sua filha. Depois da morte delRey D. Affonso Conde de Bolonha seu marido, em Reynado ElRey D. Diniz, como atraas dice, e por virtude destas doações ElRey D. Diniz tinha aquerido ho direyto destas Villas, que por ElRey D. Sancho de Castella seu tio, e por ElRey D. Fernando seu filho lhe foram empedidas, e embarquadas, como aho diante direy.

CAPITULO IV.

Dos filhos legitimos, que ElRey D. Diniz ouve da Rainha Dona Isabel, e assi douros bastardos.

ELRey D. Diniz sendo cazado com muito amor, e concordia com ha Rainha Dona Isabel, ouve della estes filhos, ha saber, ha Rainha Dona Costança molher que foy delRey D. Fernando deste nome ho Terceyro de Castella, de q̄ aho diante direy, e ho Ifante D. Affonso filho erdeyro delRey D. Diniz, que apoz elle Reynou, ho qual nasceo em Coimbra ha oyto dias do mez de Feueyreiro de mil duzentos e noventa, de que aho diante em sua propria Coronica farey inteyra declaraçam. E além destes filhos legitimos, ElRey D. Diniz sendo cazado, ouve doutras molheres com que teve afeçam sete filhos, e filhas bastardos, cada hum dos quaes foy filho de hum madre, ha saber D. Affonso Sanches, que se chamou Dalbuquerque, ha que ElRey D. Diniz quiz grande bem, e por quem ho Ifante D. Affonso foy com seu pay em grandes desvayros, como aho diante direy, e D. Pedro que foy depois cazado com Dona Branqua, filha de Pedre Annes de Portel, filho de D. João de Boim, e de Dona Costança Mendes, filha de D. Mem

Mem Garcia de Souza, e outro D. Pedro, que depois foy Conde em Portugal, este foy ho que fez ho livro das linhagens Despanha, e foy singular homem; e D. João Affonso, e D. Fernam Sanches, e Dona Maria, que cazou com D. João de Lacerda, e outra Dona Maria, q̄ foy Monja no Moesteyro Dódivellas.

Hos quais filhos bastardos El Rey D. Diniz assi ouve, vencido da sobeja deleytaçam de sua propria carne, com que afastandose da Rainha sua molher nom lhe guardando ha inteýra ley do matrimonio, seguia por indumentos falsos, e máos; ha que se inclinava mais por sua vontade, do q̄ por sua dinidade Real, e por sua consciencia, e onestidade, sobressa devia, e por culpa, e peccado desso se diz, que em quanto El Rey D. Diniz se deu ha estes appetitos nom licitos, sempre decrinaram has cousas da justiça, que muito amou, e boa governança de sua caza, e fazenda, que sobre todos foya melhor ter, e ha Rainha posto, que neste tempo era em idade, e feyções, e desposiçam pera El Rey se della muito contentar, e ella dever sentir hos taes apartamentos; e solturas del Rey, porém se diz, que ella nom mostrava receber por effo payxam, nem escandalo algum; antes como esquecida, e nom toquada de dores, e payxões tam comuas ha molheres, nom perdia ha devaçam; e exercicio de rezar, e encomendarle ha Deos, e

de partir alegremente com suas molheres em cousas honestas, e de serviço de Deos, e sobre esto fazia ho que parecia mais duro, e me nos pera fazer, que era dar de vestir às amas, que criavam hos taes filhos del Rey, e fazer, e procurar merces a hos ayos, que hos ensinavam.

E estas virtudes pera outras molheres nom costumadas, vendo-as fazer tam sem payxam à Rainha sendo muy moça, cauzavam ha todas muy grande maravilha, mas El Rey D. Diniz averguonhado destas suas fraquezas, e temendo ha Deos pór emenda de sua justiça, e assi por apagar nodas, que tanto danavam ha limpeza de sua Real dinidade, e singular condiçam se apartou dellas inteýramente, e com grande serenidade se privou de todos estes defeytos, e se poz no direyto, e verdadeyro caminho, que devia, e sempre atée sua morte ho seguio, e guardou.

CAPITULO V.

*Do desacordo, que ouve antrẽ
El Rey D. Diniz, e ho Ifante
D. Affonso seu irmaõ.*

EL Rey D. Diniz tinha hum irmaõ lidimo ho Ifante D. Affonso, filhos ambos del Rey D. Affonso Conde de Bolonha, e da Rainha Dona Breatiz, e ha este Ifante D. Affonso fez El Rey seu pay doaçam

çam muy solene das Villas de Portalegre, e Marvam, e de Castello Davide, e Darronches, pera elle, e seus filhos lidimos, ho qual Ifante em vida del Rey seu padre, foy cazado com ha Ifante Dona Violante, filha do Ifante D. Manuel, filho del Rey D. Fernando II. de Castella, e da Ifante Dona Costança, filha do primeyro D. James Rey de Araguen, e ouve della hum filho D. Affonso, que foy senhor de Leyria, e fizeo seu filhos, e ouve mais tres filhas, Dona Isabel, e Dona Costança, e Dona Maria, que todas cazaram grandemente em Castella, ha saber Dona Isabel cazou com D. Joã ho torto, filho do Ifante D. Joã, que se chamou Rey de Liã, que morreu na Veiga de Grada, e a Dona Maria sua molher, filha do Conde D. Lopo, senhor de Bisquaya, e Dona Costança cazou com D. Nuno Gonçalves de Lara, filho de D. Joã Nunes de Lara, ha que diceram ho Bom. Estes nom ouveram filhos, e Dona Maria cazou com D. Tello, filho do Ifante D. Affonso de Molina irmaõ da Rainha Dona Maria molher del Rey D. Sancho, e ouveram Dona Isabel, que cazou com D. Joã Affonso Dalbuquerque neto del Rey D. Diniz, filho de Affonso Sanches, seu filho bastardo.

E avendo jáa sinquo annos, que El Rey D. Diniz era cazado, e sete que Reynava, ouve grande desacordo antre elle, e ho Ifante D.

Affonso seu irmaõ, e ha cauza principal, era porque El Rey D. Diniz nom queria, nem nunca quiz legitimar, e abilitar has filhas do Ifante D. Affonso pera erdarem suas Villas, e Castellos de Portugal depois de sua morte, sobre que ha Rainha Dona Isabel molher del Rey D. Diniz, e ho Ifante D. Affonso seu filho erdeyro, sendo ha e ho ambos conformes fizeram solenes protestaçoẽs, e requerimẽtos para ella abilitaçam, e legitimaçam, e nõ se fez por El Rey, nem pelo Papa, aleguando muitos inconvenientes se se fizesse, e ouvesse efeyto, e ho principal era ha grande diminuiçam, e perda que seria do Reyno, e Coroa de Portugal se has sobreditas Villas, e Castellos, estando no estremo de Portugal, passassem com suas filhas do Ifante, que eram cazadas com homens grandes, e poderosos de Castella, e ainda se diz, que avia receo do Ifante, que publicamente dizia, que ho Reyno de Portugal lhe pertencia, porque nacera lidimo depois da morte da Condeça de Bolonha primeyra molher del Rey seu padre, e que El Rey D. Diniz ainda nacera em sua vida della, e nom podia erdar, mas com este defeyto era jáa despensado pelo Papa, como na Coronica del Rey D. Affonso, Conde de Bolonha jáa dice.

E por esta deneguaçam em que El Rey D. Diniz se afirmou, ou por outra qualquer cousa, ho Ifante seu irmaõ

1297.

irmãos nas coulas da paaz , e da guerra lhe nom obedecia com has ditas Fortalezas assi como ElRey queria, e ho ifante devia, pello qual ouve guerra antre ambos na era de mil duzentos noventa e sete , e ho Ifante D. Affonso com ajuda , e favor , que seus genros com suas pessoas, e gentes de Castella lhe davam , fazia muito dano em Portugal, especialmente, que neste tempo Regnando jáa em Castella D. Sancho , filho delRey D. Affonso ho decimo , elle matou em Alfaro D. Lopo Conde, e senhor de Biscaya , e D. Dioguo Lopes de Campos , que eram pessoas muy principaes, e prêdeo ho Ifante D. Johão, seu irmão, cujo filho era D. Johão ho torto, cazado com Dona Isabel, filha deste Ifante D. Affonso de Portugal, e pella morte destes senhores, e prizaõ do Ifante D. Johão, ouve contra ho dito Rey D. Sancho grandes guerras em Castella.

E durando ellas ElRey D. Diniz , e ElRey D. Sancho tiveram vistas em que por bem, e mayor al-fesseguo de seus Regnos, concordáram cazamentos de seus filhos, que eram pequenos ha saber , que ho Ifante D. Affonso, filho mayor delRey D. Diniz, cazasse com ha Ifante Dona Breatiz , filha delRey D. Sancho, como depois cazou, e que ho Ifante D. Fernando, filho mayor delRey D. Sancho cazasse com ha Ifante Dona Costança , filha delRey D. Diniz; e sobre este concerto , que ha tempo certo se avia de

fazer, e cumprir com effeyto como estes Principes, e Ifantes fossem em idade, hos Rexs se tornaraõ ha seus Regnos, e hos genros do Ifante D. Affonso de Portugal , e suas gentes , que desobedeciam ha ElRey de Castella , se acolheram nos seus Castelllos de Portugal , onde has terras, que eram delRey de Castella faziam muito dano. E porque ElRey D. Diniz era sobrinho delRey D. Sancho, irmaaõ de sua mãy ha Rainha Dona Breatiz, e por pazzes de cazamentos , estavam muy concordes, e amigos, ho dito Rey de Castella enviou notificar estes danos, e guerra , que das Villas, e Castelllos de Portugal seus naturaes lhe faziam , pedindolhe que ho passado quizesse castiguar, e ho futuro mais contra elle nom se fizesse , e se nom lhe desse lugar , que em seu Regno entraasse, e que elle com suas forças ho emendaria.

Aho que ElRey D. Diniz respondeo, que de semelhantes coulas lhe pezava muito, e que fosse certo que nom eram feytas por seu consentimento , e prazer , mas que loguo sem ser necessaria sua entrada, proveria como se mais contra elle nom fezeffe. Pello qual ElRey D. Diniz encomendou, e mandou aho Ifante seu irmaaõ, que nom fezeffe, nem consentisse que aho dito Rey D. Sancho, nem ha suas terras , e vassallos, se fezeffe guerra, nem dano das ditas Villas , e Castelllos de Portugal , dos quaaes elle era obri-

C

guado

guado fazer guerra, e manter paaz, segundo elle lhe mandasse. Ha que ho Ifante D. Affonso nom quiz inteiramente obedecer assi por reſpeyto de ſeus genros, ha que ſatisfazia, e aquolhia, como pella denuaçaam da legitimaçaam de ſuas filhas, do que ſe mostrava muito agravado, dando por ſua eſcuza ha nom obedecer com hos Caſtellos contra ſua vontade, que elle pellas couſas, e preroguativas de ſuas doaçaões feytas por ElRey D. Affonso ſeu pay, era de ſemelhante obriguaçaam, e ſerviço relevado.

1399. Pello q̄ ElRey D. Diniz no anno de mil duzentos noventa e nove annos ajuntou ſuas gentes, e mandou logo cerquar Arronhes, e Marvam, e ha elle Ifante ſeu irmão, cerquou em Portalegre, e porque ha eſte tempo Caſtello Davide, que era tambem do Ifante, era termo de Marvam, e Luguar entam mais cham que forte, por eſſo ſe nom cerquou, e durando eſte cerco, em que de huma parte, e da outra, em ambos hos Regnos ſe fez dano aſaas, entrevieram ha concerto delRey, e do Ifante ambos irmãos, hos Perlados, e Senhores principaes do Regno, e ſobre todos ha Rainha Dona Ifabel, por cujo virtuoſo meyo ho Ifante D. Affonso entregou has Villas, e Caſtellos ha Ayres Cabral, que hos teve em fieldade, e com menagem atée que por elles deram aho dito Ifante has Villas de Sintra, e Dourem, com outros Luguares cháos na Co-

marca de Lixboa, e antre has outras muitas, e muy ſingulares virtudes, que ouve na Rainha Dona Ifabel em quanto viveo, foy procurar ſempre paaz, e amiſade de que ſe ella prezou muito, porque assi ho fazia antre ElRey, e ſeus vaſſallos, de que tirava todos os dias, e eſcandalos, e assi antre outros quaesquer particulares do Regno, e ſe por bem das ſemelhantes concordias compria pagua de dinheyro pera emenda dalgumas perdas, e danos ha que has partes por algum caſo nom podiam comprir, ella porque amizade ſe nom deſfezeſſe, de ſeu proprio teſouro has mandava, de maneyra, que has certas bolsas de ſeu dinheyro nunca foraõ arquas, nem cofres, mas hos ventres, vestidos, e neceſſidades dos pobres, e couſas piedoſas, em que todo lançaava, e ally tudo lhe crecia.

E eſte irmaaõ legitimo delRey D. Diniz, e filho delRey D. Affonso Conde de Bolonha, e da Rainha Dona Breatiz, faleceo no anno de mil duzentos e noventa e nove annos, e jáas ſepultado no Moeſteyro de S. Dominguos de Lixboa, em hum Moymēto de pedra, que eſtaa à porta do Coro, eſto ponho por tirar opiniam, e erro, que muitos antiguos teneram, e eu ho vy, que eſte que ally jazia, era ho filho que ElRey D. Affonso Conde de Bolonha ouve de Dona Matildes Condeça de Bolonha ſua molher, ho que nom hee (ſegundo jáa tenho dito) porque eſta hee ha verdade, que

que affirmo, e eu ha vy no proprio letreyro, que tem ho dito Moymẽto, e assi ho achey por outras escrituras alãas autenticuas.

CAPITULO VI.

Do que succedeo do casamento do Ifante D. Affonso, filho del Rey D. Diniz, e do Ifante D. Fernando, filho del Rey D. Sancho de Castella:

NO tempo, que hos ditos cazamentos antre estes Reys, e suas vistas se concordãram, foy loguo acordado, e assentado pera moor firmesa do casamento do Ifante D. Fernando com ha Ifante Dona Costança, porque em algum tempo nom ouvesse causa, nem razam pera se leyxar de fazer, que El Rey D. Sancho pozesse loguo, como poz em poder, e fieltade de Porrugueles estas suas Cidades, Villas, e Castellos, ha saber, Badalhouce, Moura, Serpa, Caceres, Broguilhos, Acharces, Aguilar de Neyva, com tal condiçam, que se El Rey D. Sancho, e ha Rainha Dona Maria sua molher, ou aquella ha que ho Ifante D. Fernando tevesse em seu poder, nom comprissem, e fezessem fazer, ou ho mesmo Ifante aho tempo que era limitado, nom quizesse cazar com ha dita Ifante, q̃ nestes casos hos ditos Portugueles, que hos ditos Castel-

los tinham, hos entreguassem loguo aho dito Rey de Portugal pera sempre de seu Reyno, e Senhorio, e mais, que depois do casamento ser assi feyto se ho dito Ifante D. Fernando leyxasse ha Ifante Dona Costança sua molher, e lhe nom desse de suas arras des mil maravedis douro, em que se concordaram, que neste caso tambem hos ditos Castellos de Castella se entreguassem ha Portugal.

E por esta maneyra El Rey D. Diniz poz em fieltade, e poder dos Castelhanos hos Castellos, e Cidades da Guarda, e Pinhel, pera que nom dando, e entreguando ha dita Ifante aho tempo concordado, que hos perdesse, e fossem pera sempre de Castella. Mas El Rey D. Sancho ho nom comprio assi; porque defejando de desfazer ho dito casamento procurou contra tua verdade daver hos ditos Castellos da terciaria, e ho que pior foy, que hos ouve, e tomou com mortes dalguns Alcaydes Portugueles, do que El Rey D. Diniz foy muy anojado, porque de sua natural, e Real condiçam nunca se achou, que dicesse mentira, assi sentio, e lhe doeo muito quebrarem lhe tam honestamente ha prometida verdade; e porque antre elles, era tambem concordado, que de pormeyo ambos concordassem, procurassem, e paguassem has despensoens Apostoliquas, que se requeriam por serem muito parentes.

El Rey D. Diniz enviou loguo

por sua parte querella aho Papa; mas ElRey D. Sancho mudou sua messagem em outra sustancia, porque enviou ha ElRey D. Felippe de França, requerendolhe huma sua filha pera ho Ifante D. Fernando, seu filho, antre hos quais ouve loguo prazer, e outorgua pera este cazamento se fazer. Ho que ElRey D. Sancho loguo fez laber ha ElRey D. Diniz sem asinar causa evidente porque ho fizera, e com esta confiança, e esforço de França, elle rompeo ha paaz, que tinha com Portugual, e mandou loguo sua frota de naos, e gualés aho Alguarve, e nellas muita gente que por maar, e por terra fizeram grandes danos, assi nos Christãos, como nos Mouros fóra daquelle Reyno, de que levaram muitos cativos, e por elles de seus resgates, outra grande soma de dinheyro de Portugual, e assi entraram has gentes do Reyno de Liam, e queymaram, e roubaram, e fezeram grandes danos com mortes de muitos do Reyno de Portugual.

ElRey D. Diniz maravillado destas roturas, e sem razões delRey D. Sancho, desejando todavia com elle paaz, e por nom virem ha maiores, danos rompimentos, lhe enviou por algumas vezes requerer atli ha entrega de seus Luguares, que contra direyto lhe tinha tomados, como emenda dos outros danos, e perdas, e tomadias que em seus Reynos vassallos, e fazendas delles contra ho assento de sua paaz

tinha recebidas, e assi que comprisse ho cazamento de seu filho com ha Ifante Dona Costança como tinha assentado, sobre ho que lhe enviou por seus Embaixadores, e Procuradores ho Bispo de Lixboa, e Joaõ Simaõ Meyrinho moor, q̃ na Corte delRey D. Sancho andavaõ sem algum despacho detidos.

E porq̃ ho cazamento de França, que ElRey D. Sancho tinha por feyto de descõcertou; e desesprou vendo que de necessidade lhe convinha concertarse com ElRey D. Diniz, assi no cazamento de sua filha, como em lhe fazer emenda dos males, danos passados, enviou ha elle por Embaxador D. Mauzinho Bispo de Palença, por ho qual lhe mandou dizer, que sua vontade era de todo concertarse com elle, e que pera effo enviasse seus apontamētos ahos ditos seus Embaixadores, que ainda eram em sua Corte, com hos quaes se concordariaõ como fosse razam, e ha seu contentamento. Aho que ElRey D. Diniz satisfez, mas hos ditos seus Embaixadores vendo, que ha concruzam delRey D. Sancho era de longuas, e de negações sem causa se tornaram sem duvida ha Portugual sem nhum despacho.

E no tempo destas desavenças, e guerra antre ElRey D. Sancho, e ElRey D. Diniz, ho Ifante D. Joaõ seu tio, irmãao da Rainha Dona Breatiz sua madre, e D. Joaõ Affonso Dalbuquerque, neto delRey D. Diniz, filho de Affonso Sanches, seu

seu filho bastardo, acertou-se que entraraõ ha correr terra de C, amora com muita gente, que levavam com D. Joaõ Nunes de Lara, filho que foy de D. Nuno Guonçalves de Lara, que diceram ho Bom, ho qual era desavindo del Rey D. Sancho, e tendo elle cõsigo poucos Cavalleyros pera peleja sayo, e ho esperou, e na peleja que ouvetam foy delles prezo, e trasido ha Portugal ha El Rey D. Diniz, ha quem El Rey D. Sancho, pello dito Bispo de Palença enviou pedir, que ho quizeste soltar, e enviarlho, porque elle ho queria recolher, e servirse delle, e fazerlhe honra, e merce, especialmente tornarlhe suas terras, que lhe tinha tomadas, e nom por desleal, mas porque fora sempre ha serviço, e da parte del Rey D. Affonso, com que El Rey D. Sancho seu filho teve guerra, como jáa dito hee.

El Rey D. Diniz, como homem muy liberal sobre todos Reys de seu tempo, enviou loguo com muitos Cavalleyros, e Fidalguos de sua caza, ho dito D. Joaõ Nunes ha Castella, ha que deu grandes dadivas, e fez muita merce, e D. Joaõ Nunes ficou por vassallo del Rey D. Diniz, e ha seu serviço, e ha sua boa vontade, e como homem bõo, e aguardecido nunca depois lho negou, e por effo depois em Castella nom compriram com elle assi como lhe tinham prometido, e elle por effo se foy ha França, e de guerra tornou depois ha Castella, como

aho diante direy. E tornando à Estoria ha El Rey D. Diniz, elle como vyo que El Rey D. Sancho contra direyto, e rezam lhe falecera de todo, e nom compria alguma cousa das muitas, que com elle concordára, bem entendo que nom queria com elle paaz, e amor, como por bem, e affesleguo de seus Reynos sempre desejava, e porém porque era Rey de grande coraçam, e que além das perdas que recebera, ainda por estes casos recebia alguma quebra de sua grande honra, e bõo nome, determinou aparelhar loguo sua fazenda, e ho que lhe compria, e mandalo desafiar pera pubriqua guerra, e entrarlhe por sua terra, e della nom sair atée nom aver emenda, e em comprimento de todo ho que requeria, e de direyto lhe era devido.

Neste tempo ante dalguma destas cousas aver efeyto, morreo El Rey D. Sancho estando na Cidade de Toledo, na era de mil duzentos noventa e sinquo, sendo ainda mãcebo. Ha cautia de sua morte antecipada, e sua tam pouqua vida muitos ha reportaram ha sentença da Ley de Deos, e pela desobediencia, e maaõ trato, que com desamor fezera ha El Rey D. Affonso seu pay, como atraas se dice, El Rey D. Sancho leyxou à ora de sua morte por seus testamenteyros, e tutores de seu filho à Rainha Dona Maria sua molher, e ho Ifante D. Anrique seu tio, irmão do Rey D. Affonso seu padre, ho qual Ifante ha este tem-

1295

po fora solto da prizam em que por muitos annos jouve em Italia, quando prezo por Carlo Rey de Napoles em Cefilia, na batalha em que Corradino seu competidor nos ditos Reynos foy morto, em cujo favor, e ajuda ho dito Ifante viera, e ha estes encomendou em seu testamento, que comprissem com ElRey D. Diniz ho que tinha concordado, assi no cazamento dos filhos, como na entrega das Villas de Moura, e Serpa, e dos outros Luguares que ha Portugal pertenciam.

Depois do falecimento delRey D. Sancho, loguo ElRey D. Diniz mandou por seus mestegeyros requerer ha ElRey D. Fernando, que novamente começara de Reynar, e assi à Rainha Dona Maria, e aho Ifante D. Anrique, seus tutores, que quizessem cumprir hos cazamentos, e fazer ha entrega das Villas, segundo com ElRey D. Sancho seu pay estava concordado, e elle em seu testamento leyxara aho tempo de sua morte. Aho que ElRey D. Fernando com acordo, e autoridade dos ditos tutores nom satisfez, segundo ElRey D. Diniz esperava, antes pelo contrayro, poendo ahos cazamentos entreposições de tempo, que tinham semelhança de denegações, e assi escuzas à entrega dos Luguares, chamandose Senhor delles em suas mesmas cartas, da reposta que enviou, de que ElRey D. Diniz se sentio muy escandalizado, e pera determinadamente fa-

ber ho que por sua honra, e por sua justiça compria, tornou ha enviar ha ElRey D. Fernando João Anes Redondo, e Mem Rodrigues Rebotim, seus Cavalleyros, e pessoas principaes, hos quais estando presentes ha Rainha Dona Maria, e ho dito Ifante D. Anrique, e assi muitos Cavalleyros, e pessoas principaes do Conselho de Castella, elles pera justificação da causa delRey D. Diniz, e do Reyno de Portugal diceram ha ElRey D. Fernando muy particularmente todas as ajudas que elle, e ElRey D. Affonso seu padre tinham feytas ha ElRey D. Sancho, e ha ElRey D. Affonso seu padre, e avoo do dito Rey D. Fernando, hos quais muitas vezes prometeram fazer entrega dos Luguares ha Portugal, mas ainda para acender mais mal com suas gentes por mar, e por terra lhe fizeram muitos danos em seus Reynos, e vassallos, sem ho quererem emendar podendo o fazer. Pello qual hos ditos Embaixadores, diceram contra ElRey D. Fernando.

Senhor estas cousas que acima relatamos tam breves, sam mais inteiramente sabidas por certas, e verdadeyras por ha Rainha vossa madre, e por estes Senhores, que aqui estam presentes, e por ellas ElRey N. Senhor se maravillou delRey D. Sancho vosso padre poer tardança, e escuzas na emenda, e satisfaçam dellas, pois eram justas, e de razam, e porque ha tençam com que esto fazia elle

elle ho nom entrepretava ha bem, por esso em sua vida ho mandou desafiar para entrar, e pór guerra em seus Regnos, e aver emenda do que justamente pedia, e depois de seu falecimento El Rey N. Senhor por algumas vezes vos enviou roguar como ha filho, e aconselhar como amigo, que has cousas que por El Rey vosso padre lhe eram prometidas, vós lhas quisesses cumprir, e assi receberdes sua filha ha Ifante Dona Costança por vossa molher, assi como antes fora concordado, e vós na resposta que lhe enviastes em lugar de lhe mandardes entregar hos ditos Castellos, e Luguares de que era forçado, vio nella que vos chamastes delles Senhor, e por esso hee muito anojado de vós, e de quem vos aconselhou muito escandalizado; e porque este escandalo, e agravo que de vós tem, nace de taes cousas, razões, que por sua honra, e estado nom convem passarem sem justiça, e emenda, elle por nós finalmente, vos manda dizer huma cousa, que pella esperança q̄ de vós tinha, e pellos grandes dividendos q̄ antre vós ha lhe he muy cara de fazer, e porèm hee de sua honra, e serviço aconselhado que sem trespasso ha faça ha saber, que vós daqui em diante busqueis outro amigo que ponhais em seu lugar, porque elle quererá com suas forças, e poder trabalhar de vos penhorar pera sua entrega nos Regnos de Castella, e Liam, e que vós pera isso envie engeytar vossa amizade, e como ha inimigo desafiar, pera q̄ vos façais pres-

tes, porq̄ em sua vida nom tardara muito.

Destas razões, e desafio publico, que estes Embaixadores de Portugal fizeram ha El Rey D. Fernando de Castella foraõ alguns, que eram presentes a saas maravilhosos, e outros postos em desvayrados pensamentos. E porèm esperando hos ditos Embaixadores alguma resposta, porque lha nom deram se tornaram descontentes ha Portugal, onde El Rey D. Diniz dobrandose por esso has cousas de sua entrada em Castella, ajuntou loguo suas gentes, e com a saas poder se foy à sua Cidade da Guarda, pera dahy entrar loguo em Castella, maas antes que entrasse, veo hy ho Ifante D. Anrique tio, e tutor del Rey D. Fernando, e sobre praticas, apontamentos, e concordias, que antre elles sobre estas cousas ouve, concertaram que ambos fossem dahy, como foram à Cidade Rodriguo, que hee em Castella, onde estavam El Rey D. Fernando, e ha Rainha Dona Maria sua madre, e ally outra vez todos se concordaram sobre ho cazamento, que atée certo tempo loguo limitado, se ouvesse de fazer.

E assi foy despachada ha entrega de Serpa, e Moura, sobre que ha Rainha, e Ifante em nome del Rey D. Fernando passaram sua carta por hum Estevam Pires Adiantado moor do Regno de Liam, que era Alcayde, e tinha has ditas Villas de Serpa, e Moura pera que se entre-

1295. entregassem ha Johaõ Rodrigues Porteyro da Camara delRey D. Diniz, pera que este has entregasse, como entregou ha Cogominho, Cavalleyro delRey D. Diniz, porque elle poz loguo nellas por Alcaide huum Martim Botelho, e outro Lourenço Martins Guanço, que esta carta delRey D. Fernando passou em Cidade Rodriguo ha vinte Doutubro do anno de mil duzentos noventa e sinquo annos, aselada com tres selos pendentos, ha saber, ho delRey no meyo, e ho da Rainha à maõ direyta, e ho do Ifante D. Anrique à esquerda, e sobre esta concordia, que foy firmada com grandes, e solenes juramentos, ElRey D. Diniz se tornou pera dentro de seu Regno. E sendo depois chegado ho tempo em que ElRey D. Fernando avia de receber por molher ha Ifante Dona Costança, e cumprir outras cousas em que fiquaram em Cidade Rodriguo concertados, ElRey D. Diniz por seu messegeyro hos mandou requerer, porque elle tornou ha Portugual sem ha reposta, e concruzaõ que ElRey esperava entonces, e veu com palavras, que mostravam craros finais de verdadeyra denegaçam das cousas prometidas.

ElRey D. Diniz anojado deffo, com coraçam pera sua emenda, e vingança muy cheo de sanha determinou sem mais tardar entrar loguo de guerra em Castella, e pera effo concertou, e apercebeo muy

bem seus Castelllos das frontarias em que leyxou bõos fronteyros, e ajuntou outra vez suas gentes pera mais poderoso entrar em Castella, e ajuntaremse com ElRey D. Diniz contra ho Ifante D. Fernando Rey de Castella, ho Ifante D. Pedro erdeyro Daraguam, que depois foy Rey, que era primo com irmaaõ da Rainha Dona Isabel de Portugual, e ho Ifante D. Johaõ, que cõtra ElRey D. Sancho se chamava Rey de Liam, e era filho delRey D. Affonso ho decimo avoo delRey D. Diniz, e D. Johaõ Nunes de Lara, aquelle, que sendo prezo em Portugual foy por ElRey D. Diniz enviado solto, e com grande honra enviado ha Castella, como atraas dice.

E sendo jáa todos juntos no estremo da Comarqua da Beyra pera entrar em Castella, veo ha ElRey D. Diniz ha Ifante Dona Margarida, molher que fora do Ifante D. Pedro, e com ella D. Sancho de Ledesma seu filho, e por discontentamentos, que tinha delRey D. Fernando pedio ha ElRey D. Diniz por mercee, que ho recebesse por vassallo, do que ha ElRey aprouve, e lhe poz loguo grande contia de dinheyro em seu ordenado, e lhe mandou que loguo se aparelhasse pera entrar com elle em seu serviço, e porque ho dito D. Sancho, que sómente viera pera receber muito dinheyro que levou, ou por lhe cometerem outros partidos em que mais consentio elle,
nom

nom tornou ha servir ElRey D. Diniz , e com seu dinheyro se foy pera ElRey D. Fernando ho quaal como soube que ElRey tinha todas suas gentes percebidas pera entrar em Castella , mandou logo perceber em Sevilha suas gualees , e frota que de guerra vieram aa costa de Portugal , e entraram no porto de Restelo, mea legua de Lixboa, onde tomaram naos de Portugal carreguadas de mercadorias , e has levaram. E ho Almirante de Portugal que ha esse tempo estava em Lixboa por cobrar ha preza, e pera vinguança do maal que se fezera , armou logo com grande triguança outras gualees , e foy empoz da frota de Castella , que ainda alcançou no maar onde todos ouveirão grande, e crua guerra , mas em fim ho Almirante de Portugal ficou victorioso, e tomou ahos contrayros suas naos, e gualees, e mais has que confugio levavam, e trouxe tudo aho porto de Lixboa.

CAPITULO VII.

Como ElRey D. Diniz entrou em Castella , e da crua guerra, que de huuma parte; e da outra se fazia.

ELRey D. Diniz com suas gêtes beem ordenadas entrou por has Comarquas de Ciudad Rodriguo, e de Ledesma , e na frontaria hos Portuguezes tomaraõ por força em

hũu Castello, q̄ dizẽ Torres, todos los contrayros, q̄ nelle achãram , e dahi foy ElRey D. Diniz fazendo crua guerra sem alguma rezistencia nem contradicãm corenta leguas por Castella atée ho Lugar de Simancas que hee duas leguas de Valedolid, onde ElRey D. Fernando estava, e ha tençaõ de todos era que ElRey D. Diniz ho hya cercuar pera que repartiram suas estancias de que ha huuma parte davam ha ElRey D. Diniz , e ha outra cõ ha gente Daraguam davam ha D. Affonso de Lacerda, que era com elle contra ElRey D. Fernando, porque se chamava Rey de Castella por ser filho primeyro do Ifante D. Fernando de Lacerda, e neto delRey D. Affonso ho decimo, e ha outra parte davam aho Ifante D. Joham que se chamava Rey de Liam, e porẽm ho cerquo se nom poz ; mas ElRey D. Diniz se tornou ha hũu Castello de Medina que dizem Pasaldes, e tomaram-no sem resguardo, nem rezistencia, e sem reverencia entraram ha Egreja, e espedaçaram has Imagens dos Sãctos, e ha despojaram de todo ho que nella acharam, e com muita crueza mataram ahos que se nella acolheram, sem perdoarem alguã idade de machos, nem femeas.

De que hos Castelhanos movidos primeyramente por sua crueza e depois por sua vinguança nos luguares; e couzas semelhantes que pera exercitar sua sanha se lhes offerciam ho nom faziam menos,

porque na Comarqua, e frõtaria de Riba Dodiana alguũs Capitaens, e senhores de Castella, dos quaaes era D. Affonso Pires de Gusman se ajuntaram nom pera dar batalha ha El Rey D. Diniz, mas pera entrar, como entraram em Portugal, onde entraram com muitas gentes Dandaluzia, e da sua frontaria, da quaal entrada mataram, e cativaram de Portugal muitos homens, e molheres seem alguũa piedade; e levaram grandes roubos da terra.

Aho encontro do quaal sayo ho Mestre Davis com has gentes, que pode, e ouveram ambos muy dura peleyja em que ouve muitas mortes, e danos dambas has partes, no fim da quaal ho Mestre foy vencido por has menos gentes, que tinha, e muitos dos seus foram mortos, e nove centos cativos, que vendiaõ, e resguatavam em Castella por muy pouquo preço, porque outro tanto se fazia de Castelhanos cativos em Portugal, porque de huũa parte, e da outra hos que se cativavam assi se vendiam como seruos, ainda que se acha que hos Castelhanos nesta qualidade de crueza uzavaõ contra hos Portuguezes em mais estremo, e cõ menor piedade, porque ha todos se diz que hos punham em barreyras, e nellas muy cruamente hos matavam aas setadas; Pelo quaal hos coraçõs de huũs, e outros assi eram nesta guerra acezos em odio, e ira; que pareciam arder, pera todos ma-

tarem, queymarem, e destroirem seem alguũa piedade, nem temperança, como faziam.

CAPITULO. VIII.

Dos grandes maales, e danos que de huũ Regno ha outro se faziam, e dalguũs Luguares de Castella, que hos Mouros tomaram

Hos periguos, danos, mortes, perseguiçoens, e trabalhos durando esta guerra eram tantos nos maares, e terras dambos estes Regnos de Portugal, e Castella, em que huũs ahos outros por odios e vinganças se guerreavam, que por asperos jáa se nom podiam sofrer, por que ha todolos Luguares que cheguavam ha que cerquas fortes nom defendiam, logo eram entrados, roubados, e destroidos de todo, e hos Castelhanos tornaram ha cobrar ho Castello de Torres, que fora tomado na frontaria de Castella, e dos Portuguezes que ha guardavam nom ficouo nhum que ha ferro nom morresse, e com ha nova desta crueza de que El Rey D. Diniz foy logo certificado com suas gentes em muy mayor sanha, e pera mais destroicam contra hos Luguares da Comarqua de Salamanca porque andava, porque nom valiam Egrejas, nem cazas sagradas, e piedozas ha alguũs que se ha ellas acolhiam, por-

porque nellas assi eram mortos, roubados, & cativos, como se foram outras quaesquer cazas profanas.

E com certidão desta cruz guerra de que ElRey de Grada foy certificado, porque era na terra dos Christãos, nom achou quem ho rezistir, entrou com mayor esforço pela parte Dandaluzia, e assi guerrearam hos Mouros que por força ganháram ha fortaleza de Quesada, e Alcaudete, com tres outros Castellos, e entraram ho arrabalde de Jaem. E com estas tam danosas entradas de taes dous Rex contrayros em Castilla, nem ElRey D. Fernando nem ha Rainha sua madre, nem hos do seu concelho abrandaram has vontades pera cõprir com ElRey D. Diniz ho que lhe tinham prometido, crendo que elle por necessidades que occurriam, ou por grandes despezas que na guerra fazia has nom poderia tanto tempo sotrer, e se partiria da teerra, mas veendo ElRey D. Fernando, e ha Rainha Dona Maria, e ho Ifante D. Anrique seu Tutor, que esta maginaçam pelas obras, e continuçam delRey D. Diniz cada vez mais crecia acordaram de dar ha Villa de Tarifa ahos Mouros por sua, porque com suas pessoas, e poder hos viessem ajudar contra ElRey D. Diniz, porque hos moradores Dandaluzia eram com entradas dos infieis já taõ destroidos, que vendo ha entrada dos Mouros ho quizeram assi fazer.

CAPITULO IX.

Da razam porque ElRey D. Diniz desistio desta guerra, e se tornou ha Portugal.

AVia hum anno, e tres mezes que esta guerra antre Castilla, e Portugal durava tam crua antre hos Castelhanos, e Portuguezes, no quaal tempo ha Rainha Dona Isabel, que estava em Portugal por seus Sanctos dezejos, e muitas virtudes com que nacera recebia desta discordia grande nojo, e muita tristeza, e pera que tantos maales com beem, e paaz de todo cessassem, de contino cõ devotas, e perseveradas lagrymas fazia suas oraçoens ha Deos, pera que cõ sua piedade hos remediasse, com segurança paaz, pois elle por paaz, e salvação do mundo, aho mundo quizera vir, e com esto nom leyxava hos outros meynos, e interesses secretos que pera efeyto deffo ahos Rex, e ahos de seu Concelho sempre apontava, mas aprouve ha Deos que vendo ElRey D. Fernando, e seus Tutores, e hos do seu Concelho, e principaaes senhores de Castilla que ha destroyçam de sua teerra por armas, e guerra jáa se nom podia cobrar, nem vingar, antes hya cada vez em pior, e mais dano acordaram por melhor tomar ho remedio da paaz, e satisfazer ha ElRey D. Diniz nas couzas que juntamente requeria, porque com

D ij effo

eslo outra se remedeasse, e compuzesse em asseceguo, como fez.

Porque sobre este acordo loguo enviaram roguar, e pedir ha ElRey D. Diniz que andava guerreando Castella que leyxasse ha guerra, e que ha paaz, e concordia se faria antre elles, como elle quizesse, e com esto foy muy contente, e confiou que compririam com elle, e poz loguo defeza que mais se nom fizesse guerra nem maal em Castella, e com esto em se tornando pera seu Regno veyo loguo por riba de Coa, onde loguo por cerquos, e combates cobrou ha seu poder ho senhorio de todolos Lugares daquella Comarqua, que aguora sam de Portugal, porque eram de D. Sancho que se fizera seu vassallo, e de sua contia, e ordenado receberam ElRey muito dinheyro, com que depois ho desservio, como atraas dice, hos quaaes Lugares nom eram entaõ taõ afortalezados como ElRey depois hos fez, e por elles se deu booa satisfaçam em Castella aho dito D. Sancho por taal q̄ cõ elles fizesse, como fez outro Escaybo antre Portugal, e Castella, como aho diante direy.

CAPITULO X.

Dos cazamentos, e Escaybos q̄ depois da concordia se fezeraõ antre estes Rex em Alcanizes.

Como esta concordia antre hos Rex, e seus Regnos foy

sobre seguranças apontada como dice, ElRey D. Fernando, e ha Rainha sua madre, e ho Ifante D. Anrique seu Tutor pera se tudo fazer com mais firmeza, e mayor autoridade sendo feyto por prazer, e consentimento de todolos do Regno, chamaram sobre este cazo ha Cortes geraaes que se logo fizeram em Camora, onde por todolos Estados dambolos Regnos de Castella, e de Liam foy concordado que por ceçarem danos, perdas, e outros grandes inconvenientes que da guerra com Portugal se seguiam era beem que ha paaz se fizesse com outorgua dos cazamentos, e das outras couzas, que ElRey D. Diniz requeria segundo fora apontado, e concordado antre elle, e ElRey D. Sancho e sobre eslo enviaram loguo Embaxadores, e Procurador ha ElRey D. Diniz que era em Coimbra Alonso Peres de Gusmam pera lhe certifiqarem ho q̄ nas Cortes fora asentado, e pera has couzas loguo averem devido efeyto concordaram vistas das pessoas Reaes no Lugar Dalcanizes, que hee em Castella, pera onde hos Rex loguo partiram, e se ajuntaram no mez de setembro de mil e duzentos e noventa e sette annos, e com ElRey de Castella foram ha Rainha Dona Maria sua madre, e ho Ifante D. Anrique seu Tutor, e defensor dos Regnos, e com elles hos Ifantes, e senhores que aho diante direy na Escritura do escay-

1297.

bo ende sam particularmente nomeados.

E com El Rey D. Diniz foy ha Rainha Dona Isabel , sua molher que levou consigo ha Ifante Dona Costança sua filha , e ho Ifante D. Affonso irmaaõ del Rey, D. Diniz , e hos Bispos, e senhores q̄ na carta do elca ybo particularmēte estaõ nomeados, e ho Ifante D. Affonso erdeyro ficou na Villa de Francozo em Portugal hos quaaes todos jutos alentaram principalmēte entre si, e seus Regnos , e senhorios ha paaz , e seguridade por corenta annos, nos quaaes fossem verdadeiros amigos damiguos, e imiguos de imiguos, e que todalas pessoas dequalquer estado, e condiçam que fossem que de hum Regno aho outro durando

ho tempo da paaz fizessem guerra, dano , ou maal , que fossem loguo entregues aho Rey , e Regno danificados pera delles se fazer justiça inteyra segundo fosse ha qualidade do crime , e porque ouveram por beem que hos cazamentos que se aly haviam de fazer nom se concertassem, nem fezessem atee que todalas entreguas e escaybos das Villas , e Luguares de hũ Regno ha outro fossem feytos , e concordados, e como atraaz elles estaõ apontados. Foy loguo feyta huma carta de concordia das ditas couzas cujo treslado de verbo averbo tornado fielmente por mim Coronista de Castelhana em Portuguez de proprio original que vy, e jaaz no Tombo he que se segue.

E M nome de Deos amem, saybam quantos esta carta virem, e leer ouvirem que como fosse contenda sobre Villas, termos, e partimentos, posturas, e preytos antre nõs D. Fernando pela graça de Deos Rey de Castella, e de Liam, e de Toledo, e Dalgezira, Sevilha , e Cordova, e de Murcia, e Jaem, e do Alguarve , e senhor de Molina de huma parte , e D. Diniz pela mesma graça de Deos Rey de Portugal , e do Alguarve , da outra por razãõ destas contendas sobre ditas nacen antre nõs muitas guerras, e omezios, e excessos em tal maneyra que de nossas terras dambos foram muitas roubadas queymadas , e estraguadas em que se feez hy muito pezar ha Deos nosso Senhor por morte de muytos homens, vendo, e guardando que se aho diante fossem destas guerras , e discordias que estavam nossas terras dambos em tempo, e ponto de se perder por nossos peccados, e de vir as mãaos dos imiguos da nossa fee, e em fim por apartar tam grande desserviço de Deos, e da Santa Egreja de Roma, nossa madre, e tam grandes danos, e perdas nossas, e da Christandade. por ajuntar paaz , amor , e grande serviço de Deos, e da Egreja de Roma ho sobredito Rey D. Fernando com Concelho, e outorguamento, e por autoridade da Rainha Dona Maria minha madre, e do Ifante D. Anrique meu tio, e meu Tutor, e guarda dos meus Regnos , e dos Ifantes D. Pedro , e D. Felipe meus irmãos , e de D. Diogno de

de Faram Senhor de Biscaya, e de D. Sancho filho do Ifante D. Pedro, e D. Joham Bispo de Tuy, e D. Joham Fernandes Adiantado moor de Galiza, e D. Fernam Fernandes de Molina, e D. Pedro Ponce, e D. Guarcia Fernandes de Villa mayor, e D. Affonso Peres de Gusman, e D. Fernam Pires, Mestre Dalcantra, e D. Esteuaõ Pires, e D. Telo Jusliça moor da minha Caza, e doutros Ricos homens boons de meus Regnos, e da Irmandade de Castella, e de Liam, e dos Concelhos destes Regnos, e de minha Corte.

E eu El Rey D. Diniz suso dito com cõcelho, e outorgua da Rainha Dona Isabel, minha molher, e do Ifante D. Affonso meu irmão, e D. Martinho Arcebispo de Braga, e D. Joham Bispo de Lixboa, e D. Sancho Bispo do Porto, e D. Vasco Bispo de Lameguo, e do Mestre do Templo Davis, e de D. Affonso meu mordomo mōor, senhor Dalbuquerque, e de D. Martim Gil meu Alferes moor, e de D. Joham P'rigues de Briteyros, e de D. Pedre Annes Portel, e de Lourenço Soares de Valadares, e de Martim Affõso, e de Joham Fernãdes de Lima, e de Joham Mendes, e de Fernam Pires de Barboza meus Ricos homens, e de Joham Simam meyrinho moor, de minha caza, e dos Concelhos de meus Regnos, e de minha Corte ouzemos acordo de nos avirmos, e fazermos avenças antre nós nesta maneyra que se segue, a saber, que eu Rey D. Fernando sobredito entendendo, e conhecendo que hos Castelllos, e Villas da terra Darronbes, e Darecera com todos seus termos, direytos, e pertenças que eram de direyto do Regno de Portugal, e de seu Senhorio que hos ouve El Rey D. Affonso meu avoo del Rey D. Affonso vosso padre contra sua vontade, sendo estes Luguares del Rey D. Affonso, e que outro si os tiveram El Rey D. Sancho meu Padre, e eu, e por esso pus com vosquo em Cidade Rodriquo, que vos desse, e entreguasse has ditas Villas, e Castelllos, ou escaybos por elles apaar dos vossos Regnos de que vós, vos paguasseis, de dia de Sam Miguel que passou da era de mil trezentos trinta e quatro annos atée seis mezes, e porque volo assi nom comprio douvos por essas Villas, e Castelllos, e pellos seus termos, e pellos frutos da quelles que abiouvenos meu avoo El Rey D. Affonso, e meu padre El Rey D. Sancho, e eu outro si atee ho dia doje, Olivença, e Campo mayor, que sam apaar de Badajoz, e Sam Felizes dos Gualeguos com todolos seus termos, e direytos, e pertenças, e com todo senhorio, e jurdiçam Real, q'ajades vós, e vossos socesores por erdamento pera sempre assi ha possessam, como ha propriedade, e tiro de mim e do Senhorio de meus Regnos de Castella, e de Liam hos ditos Luguares, e todo direyto que eu ha hy hey de hos aver, e douvolo, e ponho-o em vós, e vossos sucessores, e no Senhorio de Portugal, pera sempre.

Outro si meto no vosso Senhorio, e de vossos socesores do Regno de Portugal

gal para sempre ho Lugar que dizem Ouguela, que hee junto de Campo mayor acima dito, com todos seus termos direyτος, e pertencas, e dou ha vós, e ha todos vossos soceffores do Senhorio de Portugal toda jurdiçam direyto, e Senhorio Real que eu tenho, e devo ter de direyto no dito Lugar Douguela, e tiro de my, e do Senhorio de Castella, e de Liam, e ponho em vós, e em todos vossos soceffores, e no Senhorio do Regno de Portugal pera sempre salvo ho Senhorio direyτος, e herdades, e Egrejas deste Lugar Douguela, que hos aja ho Bispo, e Egreja de Badajos atee que com elle faça que volas solte assi como deve. Todas estas couzas desuso dittas vos faço porque nos quiteis dos ditos Castelllos, e Villas Darronches, e Darecena e de seus termos, e dos fruytos que dabuy ouvemos El Rey D. Affonso meu avoo, e El Rey D. Sancho meu padre, e eu.

Outro si eu El Rey D. Fernando entendendo, e conhecendo que vós tendes direyto em alguns Luguares dos Castelllos, e Villas do Sabugal, e Alfayates, e de Castel Rodriguo e Villar mayor, e de Castel bom, e Dalmeyda, e de Castel milhor, e Monforte, e doutros Luguares de riba de Coa, hos quaaes vos Rey D. Diniz tēdes aguora em vossa mão, e porq̄ vós vos partis, e tiraaes do direyto que tinheis em Valença, e em Ferreyra, e no Esparragual que agora tem ha Ordem Dalcantira em sua mão, e do direyto que aviades em Aya monte, e em outros Luguares que aviades em Liam, e em Gualiza, e assi porque vós vos partis, e tiraaes das demandas que me vós fazieis por rezaõ dos termos que sam antre ho meu Senhorio, e ho vosso, por esso eu me parto, e tiro dos ditos Castelllos, e Villas, e Luguares do Sabugal, e Alfayates, e de Castel Rodriguo, e de Villar mayor, e de Castel bom, e Dalmeyda, e de Castel milhor, e de Monforte, e dos outros Luguares de Riba de Coa, que aguora vós tendes em vossa mão, com todos seus termos e pertencas, e partome de toda ha demanda que eu tenho ou poderia ter contra vós, ou contra vossos soceffores por rezam destes Luguares sobreditos de Riba de Coa, e cada huũ delles, e outro si me parto de todo direyto, ou jurdiçam, ou Senhorio Real tambem na possessam como na propriedade como em outra maneyra qualquer que ho eu aby tenha, e ho tiro de my todo, e de meus Senhorios e de meus soceffores, e dos Senhorios dos Regnos de Castella, e de Liam, e ponho em vós, e em vossos soceffores, e no Senhorio do Regno de Portugal pera sempre, e mando, e outorguo que se por ventura aa alguns privilegios ou cartas ou estromentos parecerem, que forem feytos antre hos Rex de Castella, e de Liam, e hos Rex de Portugal sobre estes Luguares sobre ditos da venças, ou de posturas, demarcaçoens, e em outra qualquer maneyra sobre esies Luguares que sejam contra, vós ou contra vossos soceffores, ou em vosso dano, ou em dano do Senhorio de Portugal, que daqui em diante non valham nem tenham ha menagem, e firmeza nem se possam ajudar dellas eu, nem meus soceff-

soceffores , has quaaes todas revogo pera sempre.

E eu El Rey D. Dinis asima dito por Olivença , e por Campo mayor , e por Sam Felizes dos Gualegos que me vòs dais , e por Ouguela , que me to em meu Senhorio segundo asima he dito , eu me parto , e tiro dos Castelllos , e Villas Darronches , e Darecena , e de todos seus termos , e direyτος , e de todas suas pertençaas , e de toda ha demanda que eu tenho , ou poderia ter contra vòs , ou contra vossos soceffores por razam destes Luguares sobreditos , e de cada hũu delles que El Rey D. Affonso vosso avoo , e El Rey D. Sancho vosso padre , e vòs ouvestes , e recebestes , e destes Luguares dou ha vòs , e ha vossos soceffores todo direyto , e jurdiçaõ , e Senhorio Real , que eu ey , e de direyto poderia aver nesses Castelllos , e Villas Darronches , e Darecena , por qualquer maneyra que ho eu aby ouvesse , e ho tiro do meu , e de meus soceffores , e do Senhorio do Regno de Portugal , e ho ponho em vòs , e em vossos soceffores , e no Senhorio do Regno de Castella , e de Liam , pera sempre , outro si eu El Rey D. Diniz , porque vòs , vos tiraes dos Castelllos , e Villas do Sabugal , e Dalfayates , e de Castel Rodrigno , e de Villar mayor , e de Castel bom , e Dalmeida , e de Castel milhor , e de Monforte ; e doutros Luguares de Riba de Coa , com seus termos que eu agnora tenho em minha maõ assi como asima hee dito , eu tambem me tiro , e aparto de todo direyto , que eu ey em Valença , e em Ferreyra , e no Esparragual , e em Ayamonte , outro si me parto de todas demandas que tenho , e poderia ter contra vòs , em todos outros Luguares de todos vossos Regnos , e Senhorios em qualquer maneyra , outro si me parto de todas demandas que eu tinha contra vòs por razam dos termos que sam antre ho meu Senhorio , e ho vosso sobre que era contenda.

Eu El Rey D. Fernando de suso dito por my , e por todos meus soceffores com concelho , e outorguamento , e autoridade da Rainha minha madre , e do Ifante D. Anrique , meu tio , e meu Tutor , e guarda de meus Regnos prometo ha booa fee , e juizõ sobre estas couzas asima ditas , e cada huuma dellas pera sempre nunca vir contra ellas por my , nem por outrem defeyto , nem de direyto nem concelho , e se assi nom fizer que fique por perjuro , e por tredor como quem mata seu senhor , outra , e Castello , e nos Rainha , e ho Ifante D. Anrique asima dito outorguamos todas estas couzas , ou cada huuma dellas , e damos poder , e autoridade ha El Rey D. Fernando pera fazellas , e prometemos por booa fee por nós , e por ho dito Rey D. Fernando , e juramos sobre hos santos Evangelhos , sobre hos quaaes pozemos nossas maõs , e fazemos menagem ha vòs Rey D. Diniz , que El Rey D. Fernando , e nós tenhamos , e cumpramos , e guardemos , e façamos ter cumprir , e guardar todas couzas sobreditas , e cada huũa dellas pera sempre , e de nunca vinmos contra ellas por nós , nem por outrem defeyto , nem de direyto ,

reyto, nem concelho, e se assi ho nom fizermos fiquemos perjuros, e tredores como quem mata senhor, ou trae Castello.

E eu El Rey D. Diniz, por my, e por ha Rainha Dona Isabel minha mulher, e polo Ifante D. Affonso meu filho erdeyro, e por todos meus vassallos, e soccessores, prometo aa booa fee, e juro sobre hos Sanctos Evangelhos sobre que ponho minhas mãaos, e faço menagem ha voos Rey D. Fernando por voos, e por vossos soccessores, e ha voos Rainha Dona Maria, e ha voos Ifante D. Anrique de teer, e guardar, e cumprir todas estas couzas acima dictas, e cada huia dellas pera sempre, e nunca vir contra ellas por my, nem por outrem defeyto, nem direyto, nem concelho, e se assi nom fizer que fique por perjuro, e tedor como quem mata senhor, ou trae Castello. E porque todas estas couzas sejam mais firmes, e mais certas, e nom possam vir em duvida, fazemos desto fazer duas cartas em huñ teor, que hee huia como outra seladas com nossos sellos de chumbo de noos ambos os Rex, e dos selos das Rainhas sobredictas, e do Ifante D. Anrique, e em testemunho de verdade; das quaaes cartas cada huñ de noos hos Rex ha de teer senhas: feyta em Alcanzes quinta feyra doze dias do mez de Setembro da era de mil duzentos noventa e sete annos.

E aalem deste escãybo geral se passaram outras cartas particulares pera hos Lugares que se aviaõ entregar por virtude das quaaes El Rey D. Diniz mandou tomar posses, que se fizeraõ solenemente com desnatamentos dos vassallos, de Castella, tornando aho Senhorio de Portugal, de que ha estromentos na Torre do Tombo, e por estas Villas, & Castelllos de Riba de Coa, q̄ eraõ de D. Sancho sabeen. do El Rey D. Fernando, que lhos avia de dar ha El Rey D. Diniz logo por acordo das Cortes de Camora, deu El Rey por ellas em sua satisfacão aho dicto D. Sancho, e ha Dona Margarida sua molher has Villas de Galisteu, e de Grada, e de Miranda em Castella, e porque destes escãybos poderia nacer duvida, porque Saõ Felizes dos Gale-

gos nom hee oje de Portugal, assi como saõ Olivença, e Campo mayor, e Ouguela, que com elles foraõ dados por Arronches, e Daracena, hee de saber, que El Rey D. Diniz ouve delles ha posse, como dos outros Lugares, e lhe fez ho Castello, e Alcacer, que teem, mas depois fez delle doaçaõ ha D. Affonso Sanches seu filho bastardo, e seu Mordomo moor, que por consentimento del Rey seu padre, ho deu cõ mais certa soma de dinheiro ha D. Affonso de Molina por ameadade Dalbuquerque, de que ho dicto Affonso Sanches foy Senhor, e porq̄ El Rey D. Affonso ho Quarto, irmão deste Affonso Sanches em vida del Rey seu padre, teve cõ elle imizade, e competencia, logo como Regnou ho desterrou de Portugal, e se foy pera Castella,

E onde

onde foy mais Senhor de Medelim, e doutras Villas, e se fez vassallo del Rey D. Fernando, por onde Portugal perdeu Saõ Felizes, pella dicta doaçam del Rey D. Diniz, e por este desterro de Affonso Sanches, nom ouve Albuquerque, como aho diante mais largamente se diraa.

CAPITULO XI.

Como El Rey D. Fernando cazou com ha Ifante Dona Costança, e ho Ifante D. Affonso de Portugal com ha Ifante Dona Breatis de Castella, e das menagens, que sobressõ se fizeraõ, e da decisaõ, que fez nas contendias que avia antre hos Principes Despanha, e da grandezza, e prudencia com que nella se ouve, e muitas merces que fez.

TAnto que foraõ acabados hos dictos escãybos, e concordias, e todalas outras couzas sobre q̄ antre hos Rex avia alguãas duvidas, e debates, logo El Rey D. Fernando recebeo por palavras de presente ha Ifante Dona Costança filha del Rey D. Diniz, e pera ho dicto casamento leer pera sempre mais firme, assi no espirital, como no temporal, ho dicto Rey D. Fernando, e ha Rainha Dona Maria lua

madre, juraram solenemente que ho dicto Rey nunca por outra nhuãa molher deyxaria ha Ifante Dona Costança, salvo por lua morte, e esto fizeram, porque nom tinham avida dispenaçam do Papa, que por seerem muito parentes, era necessaria, ha quaal logo procuraram, e ouveram, e em se acabando ho dicto recebimento, El Rey D. Fernando dice por sy aho Ifante D. Anrique, e ahos outros Ifantes, e Senhores nomeados, que eraõ presentes, nesta maneyra.

Porque deste casamento, q̄ Deos quis que fosse, eu sam muito honrado, e contente folgaria que por nhuã caso, salvo por morte antre noos ambos nunca se desfizesse, ca vos rogo, encomendo, e mando, q̄ pera mayor firmeza, e segurança delle jureis aqui ahos Sanctos Evangelhos, e façais por voos preyto, e menagem ha El Rey D. Diniz, que nunca leyxarey ha Ifante Dona Costança sua filha, minha molher, e sendo caso que eu ha queyra leyxar, ho que Deos nom mande, que voos me desfirvaes, e sejaes com vossas pessoas, teerras, e vassallos contra my, e com tudo ajudeis, e firvaes ha El Rey D. Diniz, e ha seus soçessores atee que torne ha viver com ella, assi como com minha molher em toda sua vida, e se eu for vivo, que aalem de sso cumpra inteiramente todalas couzas que antre noos aqui saõ postas, e concordadas, e pera esto melhor, e mais livremente ho poderdes fazer, eu dagora fera entaõ vos ey pera esso por desnaturados,

naturados, e vos quito todolos preytos, e menagens, e juramentos, que tee ho dia doje como vassallos me tinheis feyto pera quando eu nom comprir ho que disse, vos servirdes, e ajudardes ha El Rey D. Diniz, e ha seus socessores que vos para esso requerem.

Hos quaaes juramentos foraõ solenemête tomados, e assi has menagens dadas pera ho sobredicto por sy ho comprirem, e manterem de que se tomãram estromentos publicos, que El Rey D. Diniz trouxe consigo ha Portugal, e outros taaes de seus juramentos, e outros juramentos fizeram muitos outros grandes Senhores de Castella, que ha este tempo eram auzentes, e hos enviaram ha El Rey D. Diniz muy autenticos, porque assi foy concordado, mas de huús, nem doutros nom ouve necessidade, porque El Rey D. Fernando depois desto viveo beem, e honestamente, e com mais amor, e conformidade com ha dicta Rainha Dona Costança sua molher, e em seu poder faleceo. E assi hos Rex foraõ sempre depois em toda sua vida em muita paaz, e concordia, e sobre ha entrega dos dictos Lugares nom ouve, nem se seguio força feyta por Castella, nem alguãa resistencia.

Acabadas estas couzas El Rey D. Fernando se partio Dalcanizes com ha Rainha sua molher, e El Rey D. Diniz trouxe logo pera Portugal consigo, e por Espoza do Ifante D. Affonso seu filho, ha

Ifante Dona Breatis irmãa del Rey D. Fernando, e filha del Rey D. Sancho, e da Rainha Dona Maria, ha quaal seendo ainda muy moça, andou muy honradamente em caza del Rey D. Diniz, em quanto ambos eraõ soomente cazados por palavras de futuro, cujo prometimento se fez por elles em Coimbra na era de mil trezentos e sete annos onde El Rey Diniz deu logo aho Ifante seu filho, seendo em idade de sete annos, caza muy honrada, e de muitos vassallos, e de muy ricos homens, e de seu asentamento lhe deu grande contia de dinheyro, e muitos Lugares de sua jurdiçaõ, e pera teer pessãoas de seu Concelho, e pera officiaes de sua caza, e fazenda lhe deu hos homens mais principaaes, que em seu Regno sentio, q̄ eraõ melhores, e mais pertencentes asy, como foy D. Martinho Arcebispo de Braga, e ho Conde D. Martim Gil de Souza, Alferes moor, e assi outros escolhidos pera todolos outros officios. E aalem do ordenado de sua caza, que muy perfcytamente tinha, se acha que deu mais aho Ifante D. Affonso oyto mil livras, que valiaõ do preço dagora ha tres mil e duzentos cruzados, de que pudesse fazer beem, e mercee de como quizesse.

E depois ho dicto Ifante recebeu por palavras de prezente ha Ifante sua molher, e se fizeram suas festas, e vodas em Lisboa, e El Rey lhe deu Vianna, e Te-

rena, e ho Castello Dourem, e ha teerra Darmamar jntto de Lamego, e ha sua molher muitas teerras, e grandes joyas, e riquezas, como aho diante se diraa.

E posto que estes cazamentos, e booa concordia fosse feyta antre estes Rex, nem por effo ElRey D. Fernando ficou em paaz, que nom leyxou de teer em seus Regnos guerras, e grandes deferenças, com ElRey D. James deste nome ho Seguūdo Rey Daragaō irmaaō da Rainha Dona Isabel, molher delRey D. Diniz, por razaō do Regno de Murcia, e com D. Affonso de Lacerda seu primo com irmaaō, que tambem se chamava Rey de Castella, e com ho Ifante D. Joham seu tio, que se chamava Rey de Liam, hos quaaes eram ajudados, e favorecidos de muitos, e grandes Senhores de Castella, e de Liam, contra ho diēto Rey D. Fernando, q̄ por teer no mesmo Regno tam grandes contrayros, padecia grandes afrontas, e era posto em muitas necessidades, nas quaaes se socorreu muitas vezes ha ElRey D. Diniz seu sogro, com que se vio em Fonteguinaldo junto do Sabugal, e em Badalhouse, que com gentes darmas, e muito dinheyro de seu tezouro, durando suas guerras ho ajudou, e sosteve grandemente, atee que com todos hos diētos seus contrayros, e competidores ho poz por sy em paaz, e asocego, como aho diante direy, porque nas derradeyras vistas, que tiveraō

em Badalhouse, que foy na era de mil trezentos e tres annos se acha por certa arrecadaçam da despeza do tezouro delRey D. Diniz, que elle deu de graça aho diēto Rey D. Fernando seu genro huū milhaō de maravedis, que seguūdo ha valia, e conta das moedas faziaō numero de fincoenta e finco mil cruzados dos nossos, e mais lhe deu huūa copa de huūa esmeralda, que foy avaliada em doze mil e tantas dobras douro. 1303.

E porque nom fiquem suspensas has cauzas, e fundamentos, q̄ ouve pera antre estes Rex, e Senhores aver has guerras, e competencias que dice, e porque ha Estoria se entenda melhor, e nom fique confuzza, farey dellas huūa breve, e sustancial decaraçam. E primeyramente D. Affonso de Lacerda tinha guerra com ElRey D. Fernando ha quaal ficara começada do tempo delRey D. Sancho, porque D. Affonso era filho primeyro legitimo do Ifante D. Fernando de Lacerda, e da Rainha Dona Branca filha delRey Saō Luis de França, ho quaal Ifante sendo jurado por erdeyro dos Regnos de Castella, e de Liam, faleceo em vida delRey D. Affonso ho Decimo de Castella seu pay teendo jaa filhos, ha laber este D. Affonso de Lacerda, e outro D. Fernando, dos quaaes D. Affonso era ho mayor, assi por ser neto do diēto Rey D. Affonso, como por contrato do cazamento feyto antre ElRey Saō Luis de França, e ho

ho dicto Rey seu avoo devera erdar hos Regnos de Castella, e de Liam, e por esta cauza ho dicto D. Affonso de Lacerda andando desterrado em Aragaõ, elle em vida del Rey D. Sancho seu tio, em tempo deste Rey D. Fernando de Castella seu filho, se chamou, e intitulo Rey de Castella, e porque ho titulo, e Regno de Liam, elle hos deu aho Ifante D. Johaõ seu tio, pera que ho ajudasse, como logo direy.

E porque ho dicto Rey D. Affonso de Castella seu avoo, lhe tinha dado ho Regno de Murcia, que elle ganhara ahos Mouros em que tambem por El Rey D. Sancho ouve cõtradiçaõ, como atraaz fica decrarado este dicto D. Affonso de Lacerda pera teer ajuda, e favor del Rey D. James Daragaõ, q̄ era seu tio, pera has couzas de Castella lhe deu ho direyto, q̄ tinha no Regno de Murcia, cõ toda sua Conquista, por beem do quaal assi durando ho tempo da titoria del Rey D. Fernando em quanto foy moço ho dicto Rey D. James ouve, e conquistou ho dicto Regno de Murcia, q̄ pertencia ha Castella, e ho nom quizera soltar aho dicto Rey D. Fernando, sobre que tinha guerra, ha quaal El Rey D. Diniz antre elles tambem concordou quando foy ha Aragam, como aho diante direy, e ho dicto Rey D. Fernando tinha mais guerra com ho Ifante D. Johaõ seu tio, irmaaõ del Rey D. Sancho seu pay, ho quaal Ifante se chamava Rey de Liam com

outorga, e consentimento do dicto D. Affonso de Lacerda seu sobrinho, que do dicto Regno, como Rey de Castella, e de Liam, lhe fizera doaçam, porque fosse em seu favor contra El Rey D. Fernando, e lhe ajudasse ha ganhar Castella.

E ha este partido contra El Rey D. Fernando, e em ajuda do Ifante D. Johaõ favorecia, e ajudava muito D. Johaõ Nunes de Lara, q̄ tinha grande terra com muitas gentes, e Fortalezas, este era dezavindo, e fóra do serviço del Rey D. Fernando, porque ha Rainha Dona Maria sua madre, e ho Ifante D. Anrique seu Tutor, nom compriaõ com elle has couzas, que El Rey D. Sãcho lhe prometera quando El Rey D. Diniz da prizaõ em que estava em Portugal ho enviou solto, e honrado ha Castella, como atraaz fica, e por effo elle deyxando suas Fortalezas de Castella ha recado, se foy ha França, e depois tornandose pera Aragam, e Navarra, trouxe destes Regnos consigo muita gente, com que entrou em Castella, e fez nella muito dano especialmente na terra de D. Johaõ Affonso Dalfaro, que era del Rey D. Fernando, ha quaal terra correo, e estragou por tres dias, no cabo dos quaaes ho dicto D. Johaõ Affonso com muita gente del Rey que consigo tinha, veyo buscar ho dicto Johaõ Nunes, ho quaal confiando dos Navarros, e Aragonezes ahos primeyros encontros lhe fogiraõ todos, e elle ficou soomen-

te com vinte, e seis Cavalleyros de sua caza, hos quaaes como boons, leaes, e esforçados morreraõ todos ante elle, e sendo muito ferido foy na batalha prezo.

E por effo hos leus das muitas Fortalezas, que por elle tinhaõ em Castella nom leyxaram sempre de fazer ha guerra como dantes faziam, pelo quaal na prizaõ onde ho dicto Johaõ Nunes jazia pera ser solto, ouve taal concordia, que elle desse como deu aho Ifante D. Anrique tutor, e defensor, por molher ha Dona Johana Nunes, ha que disseraõ Palombinha, e que elle Johaõ Nunes cazasse, como cazou com Dona Maria filha de D. Diogo Senhor de Biscaya, com grande acrescentamento de dinheyro, por contia aalem do que tinha. E tanto era ho poder, e valor deste Johaõ Nunes em Castella, que tanto que depois desta sua prizaõ, e desta sua concordia del Rey D. Fernando, e delle foy feyta, logo por ho Ifante D. Johaõ, e D. Affonso de Lacerda, que se chamava Rey de Castella, se foy logo pera Aragam, e consentio na concordia, que aho diante direy; e ho Ifante D. Johaõ por effo tambem leyxou ho titulo de Rey de Liam, e quebrou hos selos de Rey que trazia, e veyo beyjar ha maõ ha El Rey D. Fernando, e ficou por seu Vassallo, e depois este Ifante D. Johaõ sendo Tutor del Rey D. Affonso, filho deste Rey D. Fernando juntamente com ho Ifante D. Pedro, em hnua ora por

afronta, e sem feridas, ambos morreram na Veyga de Grada, e do dicto Ifante D. Johaõ ficou filho erdeyro D. Johaõ, ho que disseraõ ho torto, Senhor de Biscaya, de que atraaz dice.

E feytas assi estas concordias cõ ho Ifante D. Johaõ, e cõ D. Johaõ Nunes, ainda ficavaõ ha El Rey D. Fernãdo duas arduas contenddas por concordar de q se esperavaõ grãdes guerras, e muitos danos se nom se atalhassem, e huia era antre El Rey D. James Daragaõ sobre ho Regno de Murcia, e ha outra antre D. Affonso de Lacerda, sobre ho Regno de Castella como atraaz dice. E sendo neste tempo Prezidente na Egreja de Roma ho Papa Benedicto Undecimo, q era homem Sancto, que sobre todos mais defejou, e procurou ha paaz, e amizade dantre hos Rex, e Principes Christãaos labeendo desta discordia, que antre estes Rex avia, lhe enviou huñ Nuncio com seus Breves, encomendandolhe com tantas razoens, que dezistifsem do maal da guerra, e escolhessem ho beem da paaz, e pera antre elles se beem fazer como devia se louvassem em alguñ boom Juiz, que antre elles comprisse, e concordasse suas contenddas, e que Sua Santidade ajudaria ha cumprir sua determinaçaõ.

E hos Rex ambos de Castella, e Aragam obedecendo ahos concelhos, e mandados do Papa se concordaram, e enviaram dizer, que antre elles nom podia aver melhor
Juiz

Juiz, nem mais competente, que El Rey D. Diniz de Portugal, e pedia ha Sua Santidade, que pera elle lho fazer sem escuza, e com mayor obrigaçãõ lho quizesse encomendar, porque aalem de ser Rey muy justo, e de muy craro juizo, tinha com elles ambos muy estreito devido, porque era sogro, e primo com irmaãõ del Rey D. Fernando de Castella, cunhado, e primo del Rey D. James Daragam, cazado cõ ha Rainha Dona Isabel sua irmãa. Da quaal couza prouve muito aho Papa, e ha encomendou com grande afeyçãõ ha El Rey D. Diniz, que por lhe obedecer, e fazer couza dina de taal Rey, e assi por has continuas presses da Rainha Dona Isabel sua molher com que lho pedia, aceytou ho juizo por sua parte, em que tambem entrou ha determinaçãõ, e concordia sobre ha contenda, que era antre El Rey D. Fernando, e ho Ifante D. Affonso de Lacerda, que trazia o sello, e armas direytas do Regno de Castella, sobre que ambos tinham guerra, acerca das quazas couzas ante de se finalmente concordarem ho Ifante D. Johão, tio del Rey D. Fernando, de que atraaz dice, foy como seu procurador ha El Rey D. James Daragam, e aho Ifante D. Affonso de Lacerda, e com elles praticou, e asentou hos Juizes, que aviam de seer, e has couzas particularmente sobre que El Rey D. Diniz avia com hos outros Juizes dentender,

e dar sua sentença.

E asentaraõ, que no que tocava ha El Rey D. Fernando com El Rey D. James sobre ho Regno de Murcia, fosssem Juizes El Rey D. Diniz, e ho dicto Ifante D. Johão, e D. Ximeno Bispo de Caragoça, e que na contenda, e diferença, que era antre hos dictos Rex D. Fernãdo, e D. Affonso de Lacerda, fosssem Juizes hos dictos Rex D. Diniz e D. James soamente sobre huús, e outros fizessem seus compromissos autorizados, e assellados de seus sellos de chumbo, ha saber ho del Rey D. James Daragam feyto ha vinte dias Dabril da era de mil trezentos, e quatro annos, e pera segurança delle estar pela sentença que se desse, peç em ha refens hos Castellos de Arica, e de Verdejo, e de Gomit, e de Borja, e de Malom. E ho Compromisso del Rey D. Fernando, foy ha tres de Mayo da era de mil trezentos e quatro annos.

1304

E com estes Castellos no dicto Compromisso logo assinados por ha refens, e seguranças de comprir quaalquer sentença, e determinaçãõ, que pelos dictos Juizes se desse, ha saber Alfaro, Cerveyra, Ootom, & Sancto Estevaõ, e Atença. Et tanto que estes Compromissos foraõ concordados hos Rex de Castella, e Daragam, e assi ho Ifante D. Affonso de Lacerda ha que tocava, enviaram por seus Embaixadores pedir ha El Rey D. Diniz, que logo quizesse hir em pessoa por quanto has dictas contendas finalmente

mente se aviaõ de sentenciar, e determinar pelos Juizes atee Sancta Maria Dagosto, do que ha ElRey D. Diniz muito aprouve, e se feez logo prestes, e se foy aa Cidade da Guarda, donde logo partio, e entrou em Castella por Cidade Rodrigo, no mes de Junho da dicta era, e levou consigo ha Rainha Dona Isabel sua molher, e ho Ifante D. Affonso seu irmaaõ, e D. Pedro seu filho, e ho Conde D. Johaõ Affonso, e Prelados, e Infançoens, e Cavalleyros em numero de mil pessoas, afora outras muitas gentes pera que feez prestes has gentes de seus Regnõs, e na Guarda aprovou, e escolheo della ha que quiz, que foy muita, e muy honrada, e ha mais riqua, e concertada de suas pessoas, cavallos, arreyos, e vestidos, que atee quelle tempo em semelhante cazo se visse, e pera esta ida ouve ElRey D. Diniz grandes ajudas de dinheyro de seus poovos.

Ante q̃ ElRey partisse da Guarda, chegou ha elle Diogo Garcia de Toledo, Cavalleyro da Caza delRey D. Fernando, e com elle dous seus escudeyros com has fraldas das capas cheyas de chaves daquellas Villas, e Castellos por onẽ de ElRey D. Fernando foy certificado q̃ seria ha ida, e vinda delRey D. Diniz, e nellas lhe fazer prestes has pouzadas mantimentos, e couzas que ha elle, e ha suas gentes comprisse, e mais entregarlhe aquellas chaves, que eram das Vil-

las, e Castellos por onde avia de passar pera nellas pouzar, e fazer dellas livremente todo ho que quizesse, como de suas proprias. ElRey D. Diniz lhe dice, que ha ElRey D. Fernando elle lhe gradecia muito seu convite, e assi ho offercimento de suas Villas, e Castellos, de que lhe rogava, que ho ouvesse todo por escuzado, e que por escuzar alguũs bolicoes, e alevantamentos de suas gentes com has de Castella, elle nom esperava de pouzar em Villas, e povoacoens, antes ho mais alongado dellas que podesse, pera que levava muitas, e boas tendas, em que se alojaria.

E porẽm aly por acordo de pessoas, que ho beem sabiaõ concordou todas has jornadas, e alojamentos, que faria, atee Aragaõ, e foy acordado, que Diogo Garcia, dous, ou tres dias sempre fosse, como foy diante pera lhe fazer trazer hos mantimentos, e couzas necessarias, que ElRey mandava ha todos pagar muy liberalmente, e por esso lhas traziaõ com booa graça, e em grande abastança, em que chegando ElRey D. Diniz aa Villa de Goelhar, que hee em Castella, ho veo receber ElRey D. Fernando, e com elle ho Ifante D. Johaõ, e outros muitos grandes, e Senhores de Castella, e depois de averem prazer, e consultarem antre sy has couzas, que pediaõ, se partiraõ da ly com fundamento de todos irem, como foram atee Soria, e foraõ apartados por dous caminios,

minhos, e nom muito afastados por rezaõ de huũs, e outros averem melhor suas provizoens, e mantimentos, e de Soria donde ElRey de Castella se espedira delle, ElRey D. Diniz, e ha Rainha sua molher, e ho Ifante D. Johaõ de Castella passaram ha Grada, que hee ho derradeyro Lugar de Castella, fronteyro Daraguam, onde com muitos, e nobres Cavalleyros, e Donas Daragam hos veyo receber ElRey D. James, e ha Rainha Dona Branca, sua molher, e aho outro dia comeraõ todos com ElRey D. Diniz, que de baxellas douro, e de prata, e doutros Reaes comprimentos, hia tam abastado, e apercebido, como pera convite de tantos, e taaes Rex, e em seus proprios Regnos devidamente se requeria.

Acabados hos convites ElRey, e ha Rainha Daragam se volveraõ ha Tarraçona, e ElRey D. Diniz, e ha Rainha sua molher, e ho Ifante D. Johaõ aho outro dia se foraõ aa mesma Cidade onde era concordado, que pera determinaçãõ de seus debates todos aviaõ de seer juntos, salvo ElRey de Castella, que nom avia de seer presente, porque ho dicto D. Johaõ seu tio por todas suas couzas hya por seu Procurador soficiente. Tanto que estes Rex, e Senhores foraõ juntos em Tarraçona ouviraõ has partes, e seus Procuradores sobre has couzas, que ha cada huũ tocava, ElRey D. Diniz, e ho Ifante D. Johaõ, e

D. Ximeno, Bispo de Caragoça Juizes arbitros, e deputados, que eraõ pera hos debates, e duvidas que avia antre ElRey D. Fernando de Castella, e ElRey D. James Daragam sobre ho Regno de Murcia.

Ahos oyto dias do mez Dagosto do dicto anno, deram sentença ha saber, que Cartagena, e Guadamir, e Alicante, e Acheche, com seu porto de maar, e com todos seus termos, e com todo ho que lhe pertencia, e podia pertencer, assi como Talha Agoa de Segura, antre ho Regno de Valença, e antre ho mais alto cabo do termo de Vilhena, tirando desto ha Cidade de Inice, e de Molina, e seus termos todos, e outros sobredictos Lugares ficassem, e fossem pera sempre DelRey Daragam, e de seu Senhorio, salvo, que Vilhena ficasse ha D. Johaõ Manuel, e que o Senhorio, e propriedade ficasse ha ElRey Daragam, e que ha Cidade de Murcia, e de Molina, e Monte Agudo, e Loreyna, e Alfama, com todolos seus termos, e todolos outros Lugares, que saõ do Regno de Murcia, tirando hos sobredictos Lugares, ficassem ha ElRey de Castella, e que se soltasssem prizoneyros de huũa parte, e da outra, e assi quaaesquer arefens, e seguranças dadas por elles, e que este contrato jurasse ElRey D. Fernando em pessoa, e fizesse jurar, ha todolos Grãdes Senhores de seu Regno.

E esta sentença com outras mui-

ras craufulas, que aqui nom fazem aho propozito, foy dada no Lugar de Torrelhas, sentenceada junto de Tarraçona Sabado oyto dias do mez Dagofto, da era de mil e trezentos annos. E aho pubricar da diéta sentença eraõ presentes ho diêto Rey D. James Daragam por sy, e por ElRey D. Fernando como seus Procuradores soficientes eraõ presentes Fernão Gomes seu Chançarel, e Notayro moor do Regno de Toledo, e Diogo Garcia, seu Chançarel moor do Selo da puridade, e Mordomo da Rainha Dona Costança, sua molher, hos quaaes todos consentiram na diéta sentença, ha cuja pubricação eram em pessoas presentes, Grandes Senhores do Regno de Portugal, e de Castella, e Daragam, e na diéta sentença são particularmente nomeados.

Etanto que esta sentença foy pubricada, logo no mesmo dia, lugar, e anno, presente has melmas testemunhas, ElRey D. Diniz, e ElRey D. James sobre contenda, que era antre ElRey D. Fernando, e D. Affonso de Lacerda, que se chamava Rey de Castella por cõcordia dambos, deraõ, e pronunciaraõ outra sentença porque ho diêto D. Affonso de Lacerda ouvesse pera sy no Regno de Castella livres pera sempre estas couzas, ha saber Alva de Tormes, e Bejar, e Val de Arnajem, e Mançanares, e Alga boa, e hos montes Daguda de Magam, e Povia da Carça com seu Alfoz,

e ha teerra de Lemos, e Robayna, que hee no Xarafe, e ametade Della, e Baldaya, e hos moinhos, e ha Ilha de Sibilla, que foraõ de D. Johão Mateus, e hos moinhos, e ha Cidade de Fornachuellos, que foraõ de Nuno Fernandes de Valdenebro, e Incasta, e hos moinhos de Cordova. E que ho diêto D. Affonso de Lacerda, entregasse ha ElRey D. Fernando certos Castelllos, que tinha de Castella, e que leyxasse pera sempre ho titulo, e selo, que tinha de Rey de Castella, com outras muitas seguranças de juramentos, e de Castelllos, que ElRey D. Fernando poz em arefens atee trinta annos. E ha pubricação desta sentença ho diêto D. Affonso de Lacerda non quis estar por vergonha em pessoa, posto que nella consentio, e aprovou. Das quaaes sentenças hos diêtos Juizes, mandáram passar suas cartas ha seladas de seus selos.

E dadas ha cada huã das partes ha q̃ tocava, e com estas concordias assi feytas toda Espanha cercada de Rex Christãaos della, ficou em paaz, e ha secego, e ElRey D. Diniz, e ElRey Daragam, com has Rainhas suas molheres se partiram logo de Tarraçona, e se vieram todos Aguda, onde ElRey de Castella com ha Rainha Dona Maria sua madre, hos estava esperando, e hos sayram ha receber grandemente, acompanhado com todo seu Estado, e com ha mayor honra, que entãõ se pode fazer. E hos Rex comeraõ

meram aquelle dia com ho dicto Rey D. Fernando, e has Rainhas Dona Isabel de Portugal, e Dona Branca Daragam, comeram com ha dicta Rainha Dona Maria de Castella, e ally veyo D. Fernando de Lacerda, irmaão menor de D. Affonso de Lacerda, chamado por mandado del Rey D. Diniz, e trazido Dalmação donde estava pelo Conde D. Pedro seu filho, onde estava, El Rey D. Diniz lhe deu grandes joyas, e fez grande mercee, e assi ho fez ficar por vassallo del Rey D. Fernando, que depois lhe fez muita honra, e acrecentamento, porque depois da morte do Infante D. Anrique seu tio, e tutor cazou ho dicto D. Fernando com Dona Johana Nunes de Lara, que foy molher do Infante, como atraaz se dice, com que ouve muita teerra, e grande fazenda, de que ouve filhos honrados.

E ally em Aguda hos tres Rex Despanha, que eram juntos, e assi ho Infante D. Johão por contrato feyto firmaram todos quatro suas amizades, e lianças; pera dahy em diante elles, e seus successores serem pera sempre amigos de amigos, e imigos de imigos, e se por ventura algum delles em sua vida, ou depois algum, que delles descendesse fosse contra esta paaz, e amizade, e liança, que hos outros dous fossem contra elle, por guerra, ou por outra quaalquer maneyra lhe fazerem guardar, e cumprir esta postura, ha quaal queriam, que

fosse confirmada pelo Papa com censuras, e penas de grandes excomunhoens, em que logo encorresse aquelle que ha quebraffe, e fosse contra ella, e que cada huí sem poder de procuração dos outros podesse por sy empetrar, e aver esta confirmação do Papa.

E com esta concordia feyta, e acabada, hos Rex muy alegres, e contentes se despediram, ha saber El Rey Daragam pera Tarraçona, e El Rey D. Diniz pera Soria, onde esperou El Rey D. Fernando seu genro, e ambos dally por desvayrados caminhos, se vieraõ ha Valhadolid onde estava ha Rainha Dona Costança filha del Rey D. Diniz e molher del Rey D. Fernando.

E porque nom passassem sem lembrança, e por honra, e louvor del Rey D. Diniz has muitas grandezas, e grandes nobrezas de que nesta jornada em dous Regnos estranhos, e cõ tamanhos Rex uzou hee de saber por certa verdade que El Rey D. Diniz chegou ha Tarraçona ante de darem, e pronunciarem has dictas sentenças, El Rey D. James Daragam seu cunhado, pera ha guerra dos Mouros, e pera outras necessidades, que se lhe offereciam lhe pedio empreitados dies mil dobras douro, dizendo, que por penhor da paga dellas, lhe faria quaaesquer escrituras, e daria fieldade de quẽ quizesse atee pagar has dictas dobras, hos Castellos de seu Regno, que por beem tivesse, e lhe mandaria delles fazer

Fij preyto,

preyto, e menage; E ElRey lhe dice, que ho emprestimo das dees mil dobras era escuzado, mas que que daquellas, e doutras tantas por que fossem vinte mil, lhe fazia graça, que pois elle has tinha, que era razam de lhas dar, e elle Rey Daragam de has receber delle, pois lhe compriaõ, e dellas tinha necessidade, has quaaes logo lhe mandou entregar.

E aalem deffo deu mais aa Rainha Dona Branca sua molher muitas, e muy ricas joyas douro, e pedras preciozas. E assi ho fez ha todos Senhores de sua Corte ha que tambem deu muy ricas joyas douro, e prata, de suas baxellas, e muiros panos douro, e de seda, de que pera effo foy logo de seu Regno muy percebido. ElRey Daragam nom quiz nhuãa couza, salvo que elle soo sem outro alguum, comeo alguãas vezes com elle. Esta maneyra teve ElRey D. Diniz com ElRey D. Fernando seu genro, aqui em Valhadolid se ajuntaram a sy has Rainhas Dona Maria, e Dona Costança, ahos Infantes D. Pedro, e D. Johaõ, deu muy grandes dadivas, em joyas douro, e pedraria de grandes preços, e nom soamente ho fez assi ha todos grandes Senhores, e nobres homens, que eraõ na Corte, mas ainda se acha, e lee por muy certa verdade, que ahos que eraõ auzentes lhas enviava por seus messageiros, e disto principaalmente foy ElRey D. Diniz muito louvado, e ficou delles louvado em

perpetua memoria, que tamanhos Rex como eram ElRey de Castella, e ElRey Daragam, e has Rainhas suas molheres receberam delRey D. Diniz em seus Regnos, e proprias terras tantas, e tam grandes graças, sendo elle tanto pera lhas dar ha elles, parecendo beem, e razaõ de ho receberem delle.

E no cabo destas repartiçoens se acha, que hum Cavalleyro honrado, que era presente de que por ventura a nobreza delRey D. Diniz se esquecera, se aggravou ha elle em pessoa com palavras, que pareciam de fidalguia, estando ElRey comendo em huãa meza de prata, que comfigo trazia, ElRey com ho rostro muy alegre lha mandou logo dar, porque era ja ha peça menos principal de seu tezouro, que lhe ficara. E de Valhadolid ElRey D. Diniz, e ha Rainha Dona Isabel sua molher se despediram delRey, e das Rainhas, e Infantes de Castella, e alegre, e muito honrado se tornou ha seu Regno de Portugal. E nesta jornada tardou da entrada de Junho do dicto anno de mil trezentos, e quatro, em que entrou em Castella, e elle era ha este tempo de idade de quarenta, e tres annos, e avia vinte e cinco annos, que Regnava.

CAPITULO XII.

Das ajudas, que ElRey D. Fernando de Castella, ouve del-Rey D. Diniz, pera ha guerra dos Mouros de Grada.

Posto que ElRey D. Fernando ficasse em paaz com ElRey Daragam, e com D. Affonso de Lacerda, como dicto hee, potém elle como era Rey Catholico, e de grande coração, ha quiz converter em guerra contra Mouros imigos da Fee, especialmente em conquistar, e cobrar ho Regno de Grada se podesse, e pera mais facilmente, e com menos trabalho ho poder fazer, dezejou em sua ajuda ha ElRey Daragam, aho quaal por seus Embayxadores convidou pera esta empreza, ho quaal ha acceytou, com taal condição, que elle pera ho Regno, e Senhorio Dargaõ ouvesse pera sempre ho Regno Dalmeyria, que estimaram seer ha setima parte do Regno de Grada, e com este partido antre elles concertado, ElRey D. Fernando estando em Alcalá de henares, ho fez saber ha ElRey D. Diniz seu sogro, e lhe pedio, que pera guerra ha elle tam justa, e de tam sancta memoria, e principaalmente pera logo hir sobre Algezira, ho quizesse ajudar com alguumas gentes de seus Regnos, e emprestarlhe alguã

dinheyro de seu tezouro.

Aho que ElRey D. Diniz louvando seu propolito, e confiança satisfez, que lhe enviou ho Conde D. Martim Gonçalves de Souza seu Alferes moor, cõ sete centos de cavallo beem aparelhados, e mais lhe emprestou dezaseis mil e seis centos marcos de prata, em penhor dos treze mil marcos delRey D. Fernando, e atee lhos pagar lhe deu ha Cidade de Badalhouce com seu alcacer, e com todos los Castellos, termos, rendas, e direytos Seculares, e Ecclesiasticos, que ha ella pertencem, e que ElRey nella avia, e que ElRey de Castella durando ho dicto empenhamento, nom lançasse na dicta Cidade, e seus Castellos, e termos, peytas, nem serviços, nem se fizesse justiça por elle, mas por ElRey D. Diniz, e por seus soccessores, hos quaaes poriam Justiças, nem has gentes serviriaõ ninguem, nem na paaz com ElRey de Castella, mas com ho dicto Rey D. Diniz.

Deste empenhamento em que se conteem muitas crauzulas, e solenidades, e seguranças se fez carta ha selada do selo de chumbo feyta em Valhadolid ha tres dias de Julho da era de mil trezentos e nove annos, com outorga da Rainha Dona Costança, e da Ifante Dona Lianor, que era dambos, ha filha primeyra, e pelos trezentos e seis marcos de prata, q̃ ho dicto Rey D. Fernando deu ha penhor, aho dicto Rey D. Diniz, has Villas Dalcouchel,

chel, e Brúgilhos com seus termos, rendas, e Justiça, e serviço de gentes com todas as cruzulas, e solenidades da carta decima, porque ambas foram feytas em huñ dia.

E ElRey com seu poder junto, foy cercar Algezira, sobre que jouve huñ teempo, e durando assi este cerco, D. Johão Nunes de Lara, que diceram ho Boom aquelle, que se fez vassallo delRey D. Diniz como atraaz dice, tomou principaalmente Gibaltar a hos Mouros. E tambeem no dicto cerco, foy aho dicto Rey de Castella notificada ha destroiçam dos Templarios sobre que ElRey D. Diniz, e elle se concordaram como aho diante direy, e porque falleceram ha ElRey de Castella hos mantimentos pera has muitas gentes que tinha, levantou ho cerco Dalgezira, e ha nom tomou desta vez, e tornou se pera Castella, e dahy ha pouco teempo ElRey D. Fernão de Castella avendo quinze annos, que Regnava, e sendo de idade de vinte e quatro annos faleceo em Jaem de morte supitanya, e emprazado, seguundo fama, por dous Cavalleyros, que contra direyto no Lugar de Martos mandou matar, e no dia de sua morte se compriraõ hos trinta dias pera que elles ho emprazaram, e por sua morte ficou por seu erdeyro, e loccessor ElRey D. Afonso seu filho, em idade de huñ anno, e vinte dias, como aho diante se diraa.

CAPITULO XIII.

Como ElRey D. Diniz ordenou em Coimbra ho primeyro Estudo, que ouve em Portugal.

ELRey D. Diniz assi como foy dotaado de muitas boondades naturaaes, assi tambeem nom lhe faleceram has outras virtudes em todo Reaes, cuja prova, e exemplo, saõ suas excellentes obras, & muy louvadas, ha todos mostrava, que foy Principe muy prudente, e de muy singular concelho, e na fala Portuguez de seu tempo asaaz copioso, e de muita graça, e tratava com grande humanidade ha todos aquelles, que com elle conversavão, e por effo era de todos muy amado especiaalmente, que todos seus cuydados eram honrar, e acrescentar mais sua teerra, e assi procurar que fosse abastada, e provida daquellas couzas porq̃ seus vassallos, e naturaaes fossem mais nobres, e melhor ensinados, sobre ho quaal se diz que huñ dia estaando com hos seus Prelados, e nobres homens em concelho, lembrando se com mostranças de sentimento, que seus Regnos careciam de Escolas, e Estudos de que outras teerras eram muy abastadas, lhes falou nesta maneyra.

Aho boom Principe, que da maaõ de Deos aa muitos de reger sobre todo

do lhe conueem, que trabalhe, e cum-
pre que elle, e hos seus subditos sobre
todas has virtudes abracem ha vir-
tude da Justica, e amem, e sigam hos
fruytos della, porque hos merecimen-
tos saintaaes ante Deos, e de tanta
estima, que nom soamente daa por el-
les neste mundo alegre, e pacifica vi-
da em quanto duramos, mas ainda
no outro pera alma nom nega ha glo-
ria eterna, e bema venturanca pera
sempre, certamente ho Rey em hos
Regnos, que por graça de Deos lhe
sam encomendados nom pôde fazer
melhores obras, nem officios de moor
valor, que procurar que vivaõ nelle
hos homens em fee, e justica, e façam
obras sanctas, justas, e onestas, e por-
que esto se nom pôde assi beem conse-
guir, e aver efeyto sem aver no Reg-
no varoens em toda doutrina, e cien-
cias divinas, e humanas beem ensi-
nados, e concirando eu que meus
Regnos pela Providencia, e boon-
dade de Deos, nom soamente são a-
saaz providos de todos os mantimen-
tos do maar, e teerra, mas abastados
de onesta gente d'armas, e de boom
uzo, e exercicio dellas assi beem dezejo
de todo meu coraçam, que tambem
aja avondança de homens leterados,
e muy sabedores, e por esso propus
em minha vontade por beem comum
de meu Regno, e grande proveyto de
meus vassallos, e naturaaes, fazer
nelle hum Estudo geraal, e muito
honrado, onde todas as ciencias se
leaõ, e q̄ seja feyto nesta Cidade de
Coimbra, que hee no meyo do Regno,
e abastada das conzas necessarias, e

asaaz temperada dos ares pera sau-
de dos homens, e poreem ante que ho
pозesse em obra volo quiz assi notifi-
car pera me dizerdes vosso concelho, e
parecer.

Aho quaal todos responderam
louvando muito sua tençam, pedin-
dolhe por mercee, que obra tam
sancta, e tam virtuozza, e de tanto
proveyto, e de tanto ennobreci-
cimento de seus Regnos logo ha
exequasse. Pera ho quaal ElRey
sopricou logo sobresto aho Papa
João XXII. que por suas Bullas
lhe enviou has graças, e privilegios,
que lhe foram pedidos, e fundou
ho dicto Estudo cujos fundamentos
parecem agora muy pequenos, e
pera elle fez vir boons leterados
doutros terras pera que hos Rex
dellas por mandado do Papa, e por
requerimento delRey deram con-
sentimento, hos quaaes por salayros
ordenados leram nelle alguõ teem-
po, e elle foy ho primeyro Estudo,
que ouve em Portugal, mas depois
floreceo mais ho da Cidade de Lix-
boa, ha que ho de Coimbra se mu-
dou, onde agora se leem todas has
lete artes, e ciencias publicamen-
te, e são pagos hos Mestres por
salayros dos Rex, que depois Reg-
naram em Portugal.

CAPITULO XIV.

*Como foy feyto em Portugal
Mestre de San-Tiago izen-
to da Ordem de Ures de
Castella.*

HOs Comendadores Cavalley-ros, e Freyres da Ordem de San-Tiago, que avia em Portugal atee este tempo del Rey D. Diniz, todos eram logeytos aho Mestre de San-Tiago de Castella, cujo Convento, e cabeça era Ures, de quem por muitas vias, e maneyras recebiam individamente muitos agravos, e oppressoens, chamando-hos sem tempo, e sem necessidade ha Capitolo, e poendo nelles por leves cazos sentenças descomunhões, ha quaal couza sentio muito El Rey D. Diniz, e como era Principe que sempre dezejou, e procurou acrecentamento, e izença de seus Regnos, e vassallos, enviou notificar todas estas couzas aho Papa Nicolao IV. e supricou ha Sua Sãctidade, que desse licença, e autoridade pera que hos dictos Freyres, e Comendadores de seus Regnos, podessem antre sy eleger Mestre da sua Ordem, que de todo fosse izento do Mestre de Castella, ha que ho Papa deu poder absoluto, e carta de sentença, e em todo satisfez, e desso vieram ha este Regno suas Bullas inteyras, por virtude das quaaes elegeraõ por primeiro Mel-

tre de San-Tiago de Portugal huõ D. Lourenço Annes.

Sobre ho quaal ho Mestre com favor del Rey de Castella, como descontentes, e agravados de seme-lhante izençaõ lopticaram aho Papa Celestino, que socedeo ha Nicolao IV. e delle ouveram Rescrito forreticio com crauzulas revocatorias das concessõens passadas, anulando ha eleyçam do Mestre de Portugal, e hos Juizes que foram dados por exequutores procediam por excomunhoens, e censuras contra ho Regno de Portugal, e requereram Prelados delle, que has fossẽm cõprir atee antredicto ahos quaaes procedimentos El Rey D. Diniz, e ho dicto Mestre, e Freyres de Portugal intrepuzeram suas apelaçoens, e devolveram ho feyto aho mesmo Papa Celestino que mandando ha seus Leterados conhecer da cauza achou se ho Rescrito de Castella, nom ser verdadeiramente impetrado, e ho Papa Celestino aprovou ha sentença pela primeyra concessãõ feyta, dada pelo Papa Nicolao, seu antecessor, e que ho Mestre de San-Tiago de Portugal, e do Algarve nom reconhecesse superioridade salvo aho Papa, e ahos Rex que Regnassem nos Regnos de Portugal, sobre hos quaaes letigios se fizeram por El Rey grandes despezas, e deste tempo atee agora, sempre ouve Mestre da Ordem da San-Tiago em Portugal, e no Algarve, cujo primeyro Convento foy logo em Alçacer

do Sal, e depois se mudou ha Palmella onde agora estaa.

CAPITULO XV.

Do fundamento q̄ teve ha Ordem do Templo de Salamaõ em Jerusalem, e como foy desfeyta, e se fez ha Ordem de Christo.

NO anno de nosso Senhor Jesu Christo de mil cento e oyto annos, sendo Papa na Igreja de Deos Gelazio II. Regnando em Jerusalem Valdovino deste nome ho primeyro, e dos Rex de Jerusalem ho seguũdo, que socedeu ha seu irmaaõ Gudufre primeyro Rey se acha, que dous homens devotos dos quaaes huũ ouve nome Ugo de Payaõ, natural da cerqua de Troya, e outro ho Ficu Sancto homem Frances, estes com dezejõs de servirem ha Deos leyxados hos gostos, e doçuras de suas fazendas, e natureza, se foraõ aa Cidade Sancta de Jerusalẽ pera nella viverem, e por sua defençaõ acabarem suas vidas, ahos quaaes ho dicto Rey Valdovino porque conheceu que eraõ homens de boomesforço, e de singular devaçãõ, mandou dar huũa pouzada dentro dos seus Paaços, que eram junto com ho Templo de nosso Senhor, e hos Conegos do dicto Tẽplo lhe deraõ huũ Altar, e Capella apartado pera que melhor, e mais quietamente com-

prisssem suas devaçõens.

E por suas boondades que por todos foram vistas, e experimentadas ElRey, e ho Patriarca, e affihos Perlados, e nobre, e devota gente, que era em Jerusalem lhe mandavaõ abastadamente por esmola hos mantimentos, e provizam, & ho primeyro encargo que ho Patriarca por pendença, e remissam de seus peccados lhe deu, foy que com ha gente devota, que se ha elles quizesse ajuntar, guardassem hos caminhos por onde hos Romeyros vinham ha Jerusalem, porque dos muitos ladrões, e maalfeytores nom recebessem hos roubos, e danos, que muitas vezes recebiam, ho que elles quanto foy possivel fizeraõ, e continuarsõ com grande honra, trabalho, e muito cuidado atee nove annos, nos quaaes foram grandemente ajudados desmolas por ElRey, e por ho Patriarca, e por todas as outras naçoens, que eram em Jerusalem, e nestes annos nom fizeraõ alguũa mudança dos Abitos seculares, cõ que primeyro vieraõ, mas aho anno decimo depois de sua chegada lhe foy dada Regra por ho Papa Honorio II. ha quaal S. Bernaldo compoz, e lha deu com Abitos brancos por humildade, e nelles por defora huũa Cruz vermelha por senificaçaõ do sangue de Christo, e tomaraõ Religiaõ em que fizeraõ voto de castidade, e obediencia, e renunciaraõ pera sempre ho proprio.

Hos quaaes antre todos outros Cavalleyros, e calidades de Christaños, q̄ nas partes dultra maar pela Fee, e defençaõ da Teerra Sancta peleyjavam estes sobre todos com mais devaçam, e esforço faziam com mais louvada vantagem, que por seus grandes merecimentos, e serviços, e fama eraõ assi celebrados, e estimados em todo ho mundo, que hos Rex, Principes, e Senhores de toda Christandade avendo nelles has ajudas, e esmolas por muy beem empregadas no fervor desta primitiva devaçãõ, e Religiaõ lhe deraõ em seus Regnos, e Senhorios grãdes teerras, Cidades, Villas, e Castellos, com muitas rendas, e possessoens. E nesta Ordem por sua grande devaçãõ fizeraõ muitas gentes profissam, e antre hos Cavalleyros avia outros Religiosos Freyres sergentes, que traziaõ has mesmas Cruzes vermelhas, mas nos mantos avia antre elles deferença, e ordenaram antre sy pendaõ, e bandeyra, que diante elles levava nas batalhas seu Alferes, e era ametade de branquo, e ametade de preto, por senefiquaçam que na Fee sempre fossem limpos, castos, e humildos, e firmes, e no meyo della ha Cruz vermelha.

E por serem do principio alojados junto com ho Templo, como auaas dice, por effo foram chamados Templarios, dos quaaes ho Papa, e ho Patriarca fizeraõ alguũs antre hos outros mais principaaes, ha que chamaraõ logo Abbades

Bentos, e depois foraõ dictos Mestres, e repartidos pelos Regnos, e Provincias da Christandade, de que soo em Jerusalem avia destar como estava ho Graõ Mestre delles ha que todos aviaõ dobedecer como obedeciaõ. Ha este chamavaõ ho Graõ Mestre do Templo de Salamaõ em Jerusalem, e no principio, e fundamento consta que hos Cavalleyros, e Freyres viviaõ, e guardavaõ ha Religiaõ em muita profissaõ, e louvados costumes, por effo foraõ sempre em todos seus feytos muito vitoriosos, e bema-venturados, que por exemplo da verdadeyra Fee, muitos delles com grande confiança, e constancia sofreraõ morte, Cruz, e martyrios, e incomportaveis cativeyros, sem mostrarem alguõ fraqueza dos corações, nem da fee que sostinham, e tam grande foy ha fama, e boom nome da Religiaõ, e disciplina Militar destes Cavalleyros da Ordem do Templo, que hos Rex Despanha, que naquelle tempo Regnavãõ, porque nella ainda avia grandes Regnos, e poderosos Rex Mouros por conquistar mandaram por elles ha ultra maar, e nas conquistas, e batalhas dos infieis por grãde ajuda hos trouxeraõ consigo, e assi por armas boondade, e esforço responderaõ sempre aa confiança que delles era conhecida, e por effo na mesma Espanha por hos Rex, e Principes, e Senhores della, e doutras gentes particulares em seus testamentos elles foraõ erdados de

muitas

muitas Villas, teerras, e grãdes rendas, has quaaes elles assi davaõ ha obras piedozas, e meritorias, e assi has repartiãõ pelos fieis Christaõs que craramente parecia que todo ho q̄ lhe davaõ por esmola queffe era ho proprio, e verdadeyro patrimonio de Christo.

Mas depois como nellas crece- raõ grandes Senhorios, e grandes riquezas, logo seguõdo se delles diz, ha que muitos nom daõ verdadeyra autoridade, ha cobiça ocupou nelles, e em sua Ordem ho galardam dos virtuosos merecimẽtos passados, porque has virtudes, e boondades em que eraõ profef- sos converteraõ logo em todos seus contrayros, em que fizeraõ ho cõ- trayro do que ante faziaõ, de ma- neyra, que por autoridade do Papa se izentaraõ da obediencia do Pa- triarca de Jerusalem, e assi de todo- los outros Prelados, ahos quaaes denegavaõ depois hos dizimos, pri- micias, e rendas com que no prin- cipio foraõ delles ajudados, e sus- tentados, trazendo-os em deman- das, e letigios como se diz, que ho fizeraõ no Regno Daragam onde tiveraõ guerra contra has Egrejas Catredaes, e riquos homens da- quelle Regno.

CAPITULO XVI.

*Do principaal fundamẽto, e ver-
dadeira cauza pera esta Or-
dem dos Templarios seer
destroida.*

POr morte do Papa Benedicto XI. que faleceu em Italia na Cidade de Perosa, antre hos Car- deaes, que eram presentes ouve discordia na criaçaõ do futuro Sũ- mo Pontifice porque huũs que- riaõ, que fosse Italiano, e outros procuravam que Frances fosse, Regnando entam em França El- Rey Felippe a que por sobre nome diceraõ Fremozo, mas por suas o- bras de sobeja cobiça, e grande ti- rania, foy avido por a laas feyo, e disforme, e por estucia, e engenho de Nicolao Cardeal Partenes, que era Varaõ astuto, e muy prudente, foy elegido por Papa, sendo auzen- te, e nom Cardeal D. Reymaõ, Ar- cebispo de Bordeos, e foy chamado Clemente V. na quaal criaçaõ hos Italianos consentiraõ porque este Arcebispo era grande imigo deste Rey de França, cuja parcialidade pareceu q̄ seguia, ho quaal Rey por avizo do dicto Cardeal Partenes antes de seer publicada ha eleyçaõ do dicto Arcebispo em huũa Abba- dia se foy com elle ha ver, e concer- tar secretamente, e conveyo aho dicto Arcebispo pera seer Papa ou- torgar, e prometer tudo ho que

ElRey de França lhe pedio, porque sem sua concordia, e amizade elle nom avia de seer elegido, e criado em Papa, seguundo foy certificado, e aly lhe pedio ElRey seis coulas has quaaes ho Arcebispo cõ juramento sobre ho Sacramento da Oſtia que fez, e com ha refens de huũ seu irmaõ, e dous sobrinhos que lhe deu, lhe prometeu de cumprir logo como fosse Papa, das quaaes has cinco logo declarou, e huũa sem ha dizer reservou em sy pera depois ha afinar, e pedir quando lhe comprisse.

E depois da criaçaõ do Papa hos Cardeaes do Conclave ho avizaraõ ha elle em Bordeos, e aly tomou ho dicto nome de Clemente V. dõde tambem mandou ahos dictos Cardeaes, que eram em Italia que logo se viessem, como vieraõ ha Liaõ de França, onde avia de seer como foy coroado, e logo aly depois de sua coroaçaõ comprio com ElRey has cinco couzas, que lhe prometera, e assi ha que nom quiz pedir, e declarar ha reservou pera depois no anno de Christo de mil trezentos e sete annos. Ho Papa mudou sua Corte aa Cidade Pitanfis, onde ElRey de França lhe pedio execuçaõ da sexta coula que lhe pedira, e pera sy reservara, ha qual era que tirasse pera sempre do Catalogo, e numero dos Papas, ho Papa Bonifacio VIII. seu predecessor, e como de Erege, e tedor lhe mandasse queymar ho corpo, e hos ossos.

E ha cauza desto era porque este Papa ho tinha excommungado, e privado do Regno de França, e como de juro dado aho Emperador Dalemanha, e por vinguaça desto, ElRey de França manhola, e encubertamente mandou prender ho dicto Bonifacio na Cidade de Pavya em Italia, e daly foy levado ha Roma, onde logo faleceu, e por esta cauza ElRey de França, que ficava excommungado ha elle Papa de sua memoria tinha grande odio, e porém ho Papa Clemente com ha dezonestidade, e injustiça deste requerimento pelo juramento que tinha feyto, e ha refens que tinha dados que corriaõ risco de morte, foy muito torvado, e posto em pensamento, e avido sobreſſo concelho por ganhar tempo de dilaçaõ em que ha vontade delRey, por ventura se amansaria, dilatou ha dita execuçam da sexta promessa pera Concilio géral ha q̄ convocou hos Princepes, e Prelados pera ha Cidade de . . . que era fóra da jurdiçam delRey de França, pela qual cauza, e por logo nom cumprir, elle se mostrou do Papa muito aggravado.

E durando has pendenças deste injusto, e torpe requerimento delRey, que ho Papa nunca quiz outorgar, acõteceo que hum Prior de Monte Falcaõ de Toloza, que era desta Ordem, e Religiaõ dos Templarios homem perverso, e maaõ, que por seus erros, e grandes crimes jazia prezo em Pariz,

con-

condenado por sentença ha carcere perpetuo, e com elle outro chamado homem cheyo de todas maldades, e treyçoens, hos quaaes ambos por seerem de muy malinos espiritos, por tentarem alguñ caminho de sua deliberação notificaram, e certificaram ha certos officiaes del Rey de França, ho quaal sabiam seer Rey grande tirano, e sobre todos homens mais cobiçoso, que ho Mestre, Cõmendadores, e Freyres da Ordem do Templo, eram todos Ereges, e culpados em tam abominaveis crimes, que por inquirição logo se provariam por hos quaaes ha Ordem devia seer desfeyta, e El Rey aver pera sua Coroa toda sua fazenda, que em França era muita.

Ha quaal couza significada ha El Rey elle movido mais de cobiça, que por guardar verdade, nem fazer justiça requereo aho Papa, e ho inclinou maliciosamente, que desfizesse esta Ordem cheya de muitos erros, e offensas que lhe apontou, ha que o Papa seguundo se diz, pelo afrouxar da promessa do Papa Bonifacio, com que ho apertava logo satisfez, porque sem fazer muito exame, nem ver has certas provas que se requeriam ácerca do que contra hos Templarios se dizia, nem se guardar alguña ordem de direyto juizo foram em França todos prezos, e seus beens tomados, e El Rey hos apropriou logo aa sua Coroa, e assi ho notificou logo aho Papa, e mandou por suas Bullas

que assi ho fizessem todos outros Rex, e Principes Christãos em cujos Regnos, e Senhorios avia ha dicta Religiaõ, e foy logo prezo em Pariz ho Mestre do Templo, que era huñ homem por linhagem, e autoridade de muy principaal devação, e avia nome Jacobo, e com elle sessenta nobres Cavalleyros da dicta Ordem, contra hos quaaes por artigos formados se poz: *Que aho tempo de sua profissaõ que todos faziaõ secreta, cospiaõ em Christo Crucificado, e que indistintamente, e seem escuzza, e com especialidades feyas, e muy deshonestas, uzavam antre sy do abominavel peccado de contra natura, e que juravam que justa, e injustamente sempre assi ajudariaõ, e conservariaõ ha dicta Ordem, e que elles Templarios como tredores da Teerra, e Caza Sãcta foram cauza de se perder corrutos de dadivas pelos infseis.*

E sobre alguñas provas de testemunhas falças, que sobresso foram dadas, El Rey mandou meter estes, e outros muitos ha muy alperos tormentos pera que com elles confeçasssem hos delictos que dezejava pera logo aver has teerras que cobiçava. E porque alguñs destes tudo esto negavaõ foraõ retornados ahos carceres em que longamente foram reteudos, e por se tomar delles ha concruzaõ que El Rey dezejava, foram levados fóra de Pariz, e postos aa vista do povo em huñ alto cadafalço de madeyra nũs das carnes, e atados hos corpos ha
senhos

senhos paaos, logo ha huũ, e depois aho outro, lhe pozeram fogo a hos pees, e assi pouquo ha pouquo, por todolos membros acima atee serem de todo queymados, dizendo ha cada huũ alto, q̄ se confeçasse seus erros que seriaõ perdoados, e livres com piedade, e misericordia, cujos amigos, e partes movidos de sua compayxam hos conselhavaõ, e amoestavam, que por nom morrem cõ tantas cruezas confeçassem por nom perecerem.

Aho que muitos com medo das atormentadas mortes, que viaõ padecer, confessaraõ todolos maalles, e erros que lhes eram preguntados, aho que outros em que avia mais esforço nunca quizeram obedecer, antes com muiras lagrymas, e grandes prantos que fizeraõ se escuzavaõ affirmando, que dos semelhantes crimes elles, e hos da Ordem eram de todo innocentes, e encomendando suas almas ha Deos, e aa Virgem Maria sua madre eraõ contentes de acabar como acabavaõ em tormento de suas vidas, e destes fiquaram reservados, q̄ nom foram aho publico tormento, ho dicto Jacobo Mestre da dicta Ordem em Frãça, e huũ Ruy Dalfino seu praceyro, e Frey Ugo Paradi, e huũ outro dos mais principaaes da Ordem, que jaa foraõ officiaaes da Caza del Rey de França, hos quaaes foram levados aa Cidade de Liaõ onde ho Papa, e El Rey eraõ presentes, ante hos quaaes hos sobredictos aconselhados de

seus imigos por averem relevamento da prizaõ, e por salvarem has vidas, com mercee, e honra, que lhe foy prometida se diz, que confessaraõ alguũs dos crimes, e malleficios que lhes eraõ postos.

E porque ha cõfissãõ destes seendo publica parecia, que era prova sufficiente pera hos dictos artigos serem verdadeyros, e beem provados, ho Papa ha requerimento del Rey tornou ha enviar ha Pariz hos dictos prezos, onde quiz que publicamente confeçassem ho que tinhaõ em secreto confessado, e por autoridade de Juizo enviou dous Cardeaes pera depois da dicta cõfissãõ darem a hos culpados alguũa pendença piedola, e condenarem ha dicta Ordem ha perdiçaõ, e destruiçaõ dos beens que tinha, hos quaaes prezos postos em outro pulpito muy alto aa vista dos Cardeaes e de mnitos poovos, que eram juntos, foy perante elles lido, e publicado em alta voz ho processo, que do dicto cazo era feyto, em que era escrita ha cõfissãõ que hos dictos prezos fizeraõ, ho quaal como foy acabado, ho dicto Mestre Jacobo como pessoa mais principaal levantado em pee, e pedindo com grandes brados lugar de silencio se diz, que perante todos dice.

Que aquelles erros, e crimes porque foram perguntaados Deos sabia que elles nunca has cometeraõ, nem has avia nelles, nem na sua Religiaõ, que sempre fora, e era muy saneta, e hos Freyres della de muy honesta vida,

vida, e de muy limpa conversaçam, e crentes inteiramente na sancta Fée Catolica de Jesu Christo, mas que nem por esso deyxava de confessar q̄ era dino da crua morte, que se lhe aparelhava ha qual elle com paciencia sofreria pois por temor del Rey que era presente, e com branduras do Papa elle maliciozamente, e com grã- de mentira confeçara alguis dos dictos crimes, que nom devera.

E com esto sem ho acabarem beem douvir se deu toda via sentença contra elle, e hos Cardeaes, e hos outros Prelados se partiram, e logo se tornaram aho Papa, pelo quaal ho dicto Mestre, que era cõ- padre del Rey, com Frey Delfim seu companheyro foraõ levados ante hos Paaços Reaes de Pariz onde El Rey era presente, e aly dã- dolhe pouquo ha pouquo ho fogo por mayor tormento como deram ahos outros, foraõ de todo queymados, sem nunca se quererem des- dizer, antes no meyo das mayores chamas se diz, q̄ elles nunca deyxaraõ de cõfessar, e defender ha pureza de sua Religiaõ, e que na opi- niaõ de todos como verdadeyros Martyres morreraõ, e por taes se diz, q̄ foraõ avidos, e reverêciados, e seus ossos de muitos guardados, mas Frey Ugo, e outro seu parcey- ro, e assi outros cõ elles com espãto, e temor de taõ cruas mortes confes- faraõ hos dictos crimes contra ha dicta Religiaõ, por salvarem has vi- das, que da ly ha pouquos dias por seus peccados vilmente perderaõ,

ha quaal sentença de condenaçaõ cõtra ha dicta Ordem do Templo, Freyres, e Cavalleyros della, socce- deo no mez de Dezembro do anno de mil trezentos e nove annos. No quaal tempo se compriam cento e quorenta e huũ annos, que ha dicta Ordẽ fora principiada do tempo do Papa Gelasio, como atraas fica.

CAPITULO XVII.

Como ho Papa, e El Rey de Frã- çã noteficaraõ ha El Rey D. Diniz, esta condenaçaõ dos Templarios, e de sua Ordem.

A Quaal condenaçaõ, e cauzas della, ho Papa fez saber por sua Bulla ha El Rey D. Diniz, e cõ mostranças de grande sentimento encomendou, que logo fizesse em seus Regnos prender todos Frey- res da dicta Ordem, e hos remete- ce ahos Bispos, e Ordinarios, em cujos Bispados fossem prezos, pera delles tirarem inquirições, e sabce- rem de seus delictos ha verdade, e averem justo castigo, e aquelles que confeçassem hos dictos crimes, e deles se arrependessem fossem ha piedozo perdam recebidos, e assi tomasse todos seus beens, e teerras que tivessem, e sobre estivesse atee se determinar no Concilio Geral ho que de todo se fizesse, ha quaal eouza El Rey de Frãça notefiquou ha El Rey de Castella, e ha El Rey-
D.

D. Diniz, e lhes enviou ho treslado do processo, e sentença que contra elles foy dada, pedindolhes com razoes, que pareciam teer cor de justiça, e onestidade que quizessem em seus Regnos inteiramente cōprir ho que lhe ho Papa encomendava, e elle nos seus tinha jaa feyto, e com ha noteficaçã deste maal tam grande, e tam universal, El Rey D. Diniz, e tōdolos de seu Regno foram muy maravillados.

E porque has cauzas, e fundamentos do Papa, e del Rey de França, porque inteiramente foy deste cazo informado vinhaõ postas em taal ordem, e assi clarificadas q̄ pareciam muy verdadeyras, crendo El Rey D. Diniz que ha diçta Ordem por esso nom escuzaria de ser desfeyta, e hos beens della perdidos, e dados ha outrem, antes de tudo mandou logo tomar toda ha fazenda, e Lugares da diçta Ordem, e tudo teve em sy, e na pessoa do Mestre, que avia nome Vasquo Fernandes, e nos Cavalleyros, e Freyres da diçta Ordem nom se achã que El Rey, nem outrem fizessẽem alguã exequçam de mortes, prizoens, nem outra pena alguã, antes em muitas partes parece claro que muitos destes foraõ recolhidos aa nova Ordem de Christo, q̄ se depois fez, como aho diante direy, e nella viveram beem, e onestamente como boons Religiosos, porque ho diçto Vasquo Fernãdes, Mestre que era, foy recolhido aa Ordem de Christo, e lhe deram ha

comenda de Castello novo em que viveo, e acabou.

E porque como ha noteficaçã deste desfazimento logo geral, se dice que ho Papa determinava atrebuir has teerras, e beens desta Ordem do Templo aa Ordem do Espirital de S. Johã de Jerusalem, e ha El Rey D. Diniz pareceo que seria grande inconveniente pera ho assecego, e obediencia de seus Regnos ho que assi por iguaal medida tocava ha Castella, enviou logo apōtar especificamente ha El Rey D. Fernando seu genro, que estava no cerco sobre Algezira, hos pejos q̄ ha elles, e ha estes Regnos nesta concessã, se aa Ordem de S. Johã se fizesse viria, e ambos por esso se concordaraõ por contrato jurado, com pena de dẽz mil marquos de prata, que seendo cazo que ho Papa quizesse dar, ou atrebuir estes beens dos Templarios ha quaalquer Ordem sem luas vontades, e consentimento, que elles contra todos ho detendessẽem, e nom contentissẽem, e que huũ sem ho outro cõ ho Papa, nem outro quaalquer se nom podesse sobre este cazo concordar, nem fazer avença, e concerto, por quaalquer maneyra que fosse soo ha diçta pena, sobre fizeraõ contrato escrito, e aelado com juramentos, e menagens de sempre assi se comprir, e que El Rey Daragam se quizesse, como quiz, fosse nesta cõcordia, e chegou se ho tempo do diçto Concilio, que ho diçto Papa Clemente V. aterrou ahos

Rex

1311.

Rex , e Princepes Christaãos pera determinação da Ordem do Templo, e de suas couzas , e assi pera saber ho que se determinaria acerca do Papa Bonifacio VIII. que ElRey de França requeria ha pagamento de sua memoria , e que seus ossos fossem queymados , ho quaal se celebrou na Cidade de Viena , na Provincia de Narbona , no mez de Outubro da era de mil trezentos e onze annos , que foram juntos grandes Rex , e Senhores , e assi Embayxadores , e Procuradores , e nelle primeiramente se determinou que ho requerimento , q̄ ElRey de França fazia acerca de se declarar por Erege ho dicto Papa Bonifacio , e seus ossos queymados , e sua memoria perdida , era injusto , e taal que por alguãa maneyra por muitas cauzas se nom devia cumprir.

Do que ElRey de França se mostrou muito anojado , e aggravado do Papa , e no dicto Concilio foraõ publicamente lidos hos dictos processos fulminados cõtra hos Templarios , e sua Ordem , pelo quaal depois de muitas amirações , e nom menos opinioens se confirmou ha sentença contra elles , ha saber que fossem todos prezos , e apresentados ha juizo da Sancta Igreja , e aquelles que se quizessem arrepende daquellas maaldades , e tornar ha devida pendenza , nom fossem prezos , mas que lhe dessem alguũ remedio saudavel pera suas almas , e hos que pelo contrayro , fossem

ostinados , fossem prezos , e de justo juizo punidos , e foy posto por Edicto geral pera sempre , que dahy em diante alguem nom entrasse mais na dicta Ordem , e Religiam , nem trouxesse Abito della , nem se chamasse Templario , e que todos seus beens , assi moveis como de rais , que tinham em toda Christandade fossem , como foram dados , e applicados aa Ordem do Espirital de S. Johaõ , por seerem hos Cavalleyros della firmes , fieis , e constantes guerreyros pela Fee de Jesu Christo.

Mas ha entrega destes beens nom foy inteiramente feyta aa dicta Ordem de S. Johaõ ; porque em muitas partes hos Rex , e Senhores ouveraõ pera sy muitas couzas , e dellas deraõ ha outras pessoas particulares , q̄ sempre depois has tiveraõ , e logo na concessam destes beens , e fazendas foram tirados aquelles , que ha dicta Ordem do Templo tinha nos Regnos de Portugal , e de Castella , e Aragaõ , cuja applicação , e concessão , que pelos Embayxadores destes Rex foy com muytas cauzas , e razoens empedidajem se nom dar , e fazer ha dicta aa Ordem de S. Johaõ. E mandou ho Papa , e Concilio juntamente que estes beens estivessem assi socrestados atee que ho Papa com mayor deliberação , e mais resguardo tornasse aver has dictas couzas , e razoens que hos dictos Rex Despanha tinham alegados , e quizessem por sy mais alegar , pera

hos 'dictos beens nom seerem dados aa dicta Ordem de S. Johaõ, porque depois de todo beem visto, e examinado deeterminaria ho que fosse justa.

Hos Embayxadores del Rey D. Diniz, e Del Rey de Castella nom partiram da Corte do Papa pera Espanha, atee ho negocio dos da Ordem do Templo nom aver final concruzaõ. A hos quaaes pelo Papa foy mandado, que finalmente apontassem hos fundamentos, que faziaõ, e rezoens que davam pera nom seerem com hos outros dados aa dicta Ordem de S. Johaõ, e dos fundamentos principaaes, e de moor sustancia, que foram apontados, ho primeyro foy: *Que quando hos Rex Despanha seus antecessores mandaram chamar hos Templarios pera ha guerra, e conquista dos infieis, que nella avia, tambeem chamaram, e vieram outro sy da Ordem do Espirital, e de huïs, e outros por uzarem beem de seus officios de Cavallaria, tinham dados em seus Regnos, e Senhorios muitas Villas, e teerras, e rendas, com que cada Ordem tinha por sy grande poder, has quaaes todas juntas aa Ordem de S. Johaõ, ella teria dobrada potencia em cazo, que se dicesse que has da dicta Ordem refariam ha guerra contra hos inimigos da fee, e no serviço del Rey, e do Regno outra tanta gente quanta era ha dos Templarios quando serviam, esto diceram que seria quando hos da dicta Ordem de S. Johaõ quizessem, cujas vontades*

por suas grandes forças que teriam, se nom poderiam forçar, nem sojugar de que se seguiria outro tam impossivel, e grande inconveniente que nom convinha pera ho beem, e segurança dos Regnos, que quando estes do Espirital nom quizessem guardar divida lealdade elles seguïdo hos muitos Castellos, e Fortalezas que tinham nos estremos de seus Regnos teendo taal desposiçaõ, e poder poderiam meter na teerra, e alevantar no Regno outro novo, e contrayro Senhorio, com que tudo se lhe despêdesse, e destruisse, e denegariam ha obediencia a hos Rex, e Prelados, como, e quando quizessem seguïdo em Aragam hos dictos Templarios em outros tempos por seu grande poder jaa fizeram.

E alem destas razoens apontaraõ hos dictos Embayxadores outras casi ha estas conformes que aqui saõ escuzadas. Durando ho quaal debate, e ante de se concluir ho dicto Papa Clemente V. faleceu, e depois de sua morte ha dous annos, e tres mezes antre hos Cardeaes ouve discordia antre ha eleyçaõ do socessor, e cessando seus debates, e seendo conformes foy em eleyçaõ criado Papa seu lucessor, ho Papa Johaõ XXII. no quaal tempo da dicta discordia, e vccaçam da Cadeyra de S. Pedro, hos Embayxadores, e Procuradores dos Regnos se vieraõ ha Espanha, sem se tomar final assento sobre has couzas dos Templarios, que queriaõ, e no mesmo tempo antes da deter.

determinação El Rey D. Diniz ouve pera sy todas as rendas dos bens, e propriedades delles, e hos convertido no que lhe pareceu serviço de Deos, e bem de seus Regnos, aho quaal ho dicto Sancto Padre escreveo, que pera determinação desta couza, que ficara suspensa enviaasse ha elle seus Procuradores, hos quaaes logo enviou huñ Pero Martins Conego de Coimbra, e Johão Lourenço de Monçaraas Cavalleyro, que eram pessoas de bom saber, e acerca del Rey de boa autoridade.

E chegados ante ho Papa dicerão ha Sua Santidade em sustancia, e ahos Cardeaes que eram presentes has rezoens, e causas acima apontadas pera hos bens, e fazendas dos Templarios nom virem aa Ordem de S. Johão, ha quaal se nom podia ajuntar, e encorporar seem grande prejuizo del Rey, e do Regno de Portugal, e com esto dicerão mais, que pera Sua Santidade; e ho Sagrado Collegio dos Cardeaes muy claramente verem que El Rey D. Diniz nom contrariava taal concessão por alguña cobiça q̄ tivesse daver hos bens, Lugares, e terras dos dictos Templarios, mas que antes hos queria pera serviço de Deos, e defenção, e exalçamento de sua sancta Fee, que souberem que ho dicto Rey tinha no seu Regno do Algarve huñ Castello muy forte, que diziaõ Crasto Marim, que era na frontaria dos Mouros Despanha, e Dafriqua, na quaal

Fortaleza se podia fazer novo Convento, e nova Religiaõ, em que entrassem novos Cavalleyros de Jelu Christo lidadores por defenção da sua sancta Fee, e por seu acrecentamento.

Ho quaal Castello lhe aprazia tirar da Coroa de seu Regno, e dallo de todo por seu isento aa dicta nova Ordem que se fizesse em que averia muitos Cavalleyros de continuo, e forçosa resistencia contra hos inimigos da Fee, e que estes bens dos Templarios dividamente se poderiaõ conceder, e apropriar, e porém pediam ha Sua Santidade em nome del Rey D. Diniz, que assi ho quizesse outorgar, pelo quaal ho Papa, e Cardeaes vendo ha sancta tenção, e bom dezejo del Rey acerca do serviço de Deos, e de sua Fee, satisfez em todo ha suas onestas petições, e ouve por bem de se fazer ha nova Ordem de Cavallaria de Christo, que agora hee, aa quaal hos dictos bens, e couzas dos dictos Templarios fossem pera sempre atrevidas, e que hos Freyres della fizessem sua profissão pela Regra, e Estatutos da Ordem de Calatrava, e q̄ ho Abade Dalcobaça, que pelo tempo fosse vizitasse esta Ordem; com outras mais cratulas, e solenidades que nas Bullas da nova instituição são conteadas, has quaaes hos dictos Procuradores trouxeram ha El Rey D. Diniz, que era na Villa de Santarem, com que foy muy alegre.

E aly foy feyta, estabelecida, e

Hij

decreta

1320.

decrarada ha dicta nova Ordem de Christo, e foy logo della ho primeyro Mestre D. Frey Gil Martins, que entaõ era Meltre Daviz, e foy esto feyto, e celebrado na dicta Villa de Santarem no mez de Mayo da era de mil trezentos e vinte annos, avendo jaa doze annos, q̄ ha dicta Ordem do Templo era jaa destroida por cobiça do dicto Rey Felipe de França, ha cujas culpas Deos que hee em todo justo, nom tardou muito com justiça, e pena, porque este Rey Felipe correndo monte ho cavallo em que corria arrastrando como touro ho matou, e delle ficaraõ tres filhos, e huã filha Dona Isabel, ha saber ho mayor Felipe, e ho seguõdo Luis, e ho menor Carlos, e ha filha Dona Isabel que cazou com El Rey D. Anrique Dingraterra, hos quaaes todos morreram sem delles ficar erdeyro de França, e ficou desta vez estinta ha geraçaõ dos Rex de França, que vieraõ de Ugo capet.

Nos quaaes annos que ha Ordem de Christo nom foy feyta, El Rey D. Diniz recolheo pera ty has rendas da dicta Ordem do Templo como dice, e dellas ouve solene quitaçaõ dada, e outorgada pelo dicto novo Mestre de Christo fundada em razoens que pareciaõ afaas justas, e onestas, e por compenfasaõ desso se deu aa dicta Ordem ho Castello de Crasto Marim, onde primeyramente foy ordenado ho Convento della, e depois se mudou aa Villa de Thomar, onde era ho

Convento dos do Templo.

Ha quaal Ordem de Christo por proprios Mestres, e com nomes de Mestres se governou, e regeo atee ho tempo do Ifante D. Anrique, filho legitimo del Rey D. Johaõ deste nome ho primeyro de Portugal, que da dicta Ordem foy ho primeyro, e perpetuo administrador, ho quaal por sua singular devaçã, e grandeza de animo por nom seer cazado, nem teer filhos, acrecentou muito na dicta Ordem ha que procurou, que fossem dadas muitas rendas com jurdiçam do Espiritaal das Ilhas de Guinee, que elle primeyramente descobrio, e depois ha dicta Ordem em rendas, e comendas, e jurdiçoens, e em privilegios, e liberdades foy muito mais ennobrecida, e acrecentada em tempo del Rey D. Manuel N. Senhor, que della tambem por autoridade Apostolica foy perpetuo Governador ha que cresceram reçoens, edeficios, e excellentes Ornamentos, e novas comendas, e ha vintena das grandes riquezas das Índias, Arabia, Persia, que elle como Princepe virtüozo, e de grande animo, novamente mandou descobrir, e achou, como em sua Coronica mais propria, e largamente hee decrarado.

CAPITULO XVIII.

*Da discordia, que ouue antre
ElRey D. Diniz, e ho Ifante
D. Affonso seu filho
erdeyro, e has cauças
porque.*

A Traaz fica escrito has difficuldades, e trabalhos com que ElRey D. Diniz cazou ho Ifante D. Affonso seu filho, com ha Ifante Dona Breatiz, filha delRey D. Sancho de Castella, e por lhe teer grande amor, e afeição como ha rezaõ requeria, lhe deu sua caza em Lixboa, com muitas, e graãdes festas, pera que de seus poovos ouve grandes ajudas, e assi se acha, que aalem de muitas Villas, e teerras, que tinha lhe ordenou mais de seu assentamento, em cada huũ anno oytenta mil livras, que estimadas seguũdo ha valia da prata daquelle teempo, valiam da moeda dagora trinta e dous mil cruzados, ha rezaõ de duas livras, e meya huũ cruzado, que hee verdadeyra conta, e asaaz aprovada, como outras vezes jaa dice, e assi em todas as couças, que occurriam se vio que ho honrava, e estimava muito, e tinha cuydado de lhe criar seus filhos, porque jaa atee este teempo elle ouvera ho Ifante D. Affonso, que menino faleceu em Penella, e assi ouve ho Ifante D. Diniz, que seu avoo ElRey D. Diniz com grande amor

criava em sua caza, e nella faleceu moço, porque ElRey foy tam anojado, e triste que nom sabia, nem podia com nhuũa couza leer ledõ, nem consolado, e em tanto estremo sentio ha morte deste seu neto, que ho Papa lhe escreveo sobressõ huũ Breve de consolaçam, cheyo de muita prudencia, e graãdes confortos.

E por estas cauças aalem das outras obrigações naturaaes, e Reaaes que nelle avia, non hee de duvidar, que ho Ifante D. Affonso devera sempre de amar, e obedecer sobre todos ha ElRey D. Diniz seu padre, e assi lhe acatar por aver abençam de Deos, e ha sua, ho que em principio de sua idade, em seendo Ifante nom se acha leer assi, antes ho contrayro, cuja verdade, e declaraçam em cazo, que por sua graveza nom seja doce, nem gracioza couza pera ouvir, porém ha necessidade de sua Estoria, que escrevo obriga, e constrange ami que ho nome cale, principaalmente por mostrar, que hos lizongeyros, e maaldizentes antre hos padres, e hos filhos nunca ajam lugar, nem sejam ouvidos, que se estes nom foram criados, nom ouvera tantas cauças de desavença dantre ElRey, e seu filho, e assi pera que se sayba quam grande erro hee daar pena, e castigo ha alguũas pessoas por quaalquer maal, que delles seja dicto posto que traga em sy muita cor de verdade, atee elle sem payxaõ nom leer primeyro sabido, e justificado,

e tam;

e tambem porque nos erros, e graveza, que se vir nas desobediencias, e defacatamentos que ho Ifante teve ha El Rey seu padre se vejã, e resprandeção mais craro has boondades, e merecimentos dos filhos, quando acerca de seus padres usarem ho contrayro.

E porque nestas desavenças del Rey, e de seu filho ouve, e se passaraõ muitas, e muy largas couzas, que seriaõ muy longas pera escrever, eu dellas soamente apurarey brevemente has principaaes, e has que pera esta Estoria mais necessarias me parecerem. E seguũdo ho que acho, e pude comprender, tres rezoens ouve, e todas sem cauza, nem rezaõ, porque ho Ifante D. Affonso se moveo ha esta sua desobediencia contra seu padre, das quaaes ha primeyra foy em Beja, por sentir que El Rey D. Diniz queria grande beem ha D. Affonso Sanches, e aho Conde D. Johaõ Affonso seus filhos naturaes, hos quaaes seguũdo se acha nom serviam, nem catavaõ aho Ifante como elle desejava, e merecia, e deste conto nom era ho Conde D. Pedro tambem seu irmão bastardo, e de todos hos bastardos ho mais velho, porque sempre seguio ha parte do Ifante, e por effo foy ha requerimento de Affonso Sanches desterrado de Portugal pera Castella, e todas suas terras, e fazenda tomadas, e depois retornado, como aho diante se diraa, e ha seguũda cauza foy ha grande cobiça, e desorde-

nado desejo, que sempre teeve de aver, e cobrar pera sy has riquezas, e tezouros del Rey seu padre, e ha terceyra por querer, que em toda maneyra El Rey deyxasse, e tirasse desy ha Justica, e Governança do Regno, e livremente ha deyxasse ha elle.

E porẽm em alguũas destas couzas nom avia cauza, nem rezaõ que pera ho Ifante nom fosse grande erro querellas, e muito mais procurallas, porque El Rey querer beem ha D. Affonso Sanches, e aho Cõde D. Johaõ era graãde rezaõ, e assi por seerem seus filhos, como por hos achar sempre em todas couzas muy conformes aa sua vontade, e ha seu serviço muy obedientes, especiaalmẽte que ha afeção, que El Rey lhes mostrava nom empedia, nem mingoaava ho do Ifante seu filho, mas como ho amor, e senhorio sempre querem leer senhores, por effo saõ muy amiude muy cheos de ciumes, e sospeyta, pelo quaal ho beem, que El Rey mostrava a hos outros seus filhos causava na vontade do Ifante muy duvidosa tenção, com que enganando-se cuydava, que El Rey ho nom amava tanto, quanto devia, e por effo por todas maneyras, que podia trabalhava, e procurava de apartar, e defavir estes filhos del Rey seu padre, assi como logo fez aho Conde D. Pedro seu irmão, que era ho mayor dos filhos bastardos, ho quaal por couzas craras, que lhe fez entender, ho tirou da obediencia,

cia , e seu serviço delRey em que antes andava , e ho recolheo pera sy, porque favorecia sua parte, e dizer , e requerer que ho regimento da Justiça do Regno devia seer todo do Ifante , aho que ElRey contrariava com muitas rezoens asaz justas, por has quaaes aconselhava ho filho , que ho taal requerimento ouvesse por escuzado.

E porque ho Ifante vio , que ElRey seu padre em nhuãa parte destas lhe nom satisfazia, aconselhado, e induzido falsamente de huñ Gomes Lourenço Vogado de Beja, filho de huñ Carpinteyro , que depois foy Freyre de San-Tiago, teve taes meynos , e inteligencias com ha Rainha Dona Maria de Castella sua sogra, que ella enviou pedir ha ElRey D. Diniz, que por quanto desejava ver muito sua filha , e seu genro , e hos Ifantes seus netos, que jaa tinha , ouvesse por beem que elles ha fossen ver ha Castella, e porq̃ ElRey por secretos meynos que laa trazia soube , e entendeu craramente, que has taes vistas não eram pera alguñ beem , nem alecego seu, e de seu filho antes pera alguña torvação, e dano dambos, e do Regno , falou sobressa aho Ifante, e lhe rogou, e encomendou que por sua bençãam escuzasse sua ida, ha quaal fosse certo, que ha elles, nem ha Portugal nom trazia proveyto, antes era fundada , e requerida pera seu deserviço , e dano da terra, e q̃ abastava por principaal pera elle deyxar de hir ha

Castella, em cazo que outro nom ouvesse dezejar elle, e querer que nom fosse, ha que elle por aver sua bençãõ devia mais de obedecer que aa Rainha sua sogra.

E com tudo esto , e com mais outras alegaçõens , e inconvenientes que ElRey lhe poz , ho Ifante nom desistio de seu proposito , e sem licença, e contra vontade delRey foy todavia , e levou ha Castella ha Ifante Dona Breatiz sua molher , e depois de consultarem em Ciudad Rodrigo has couzas sobre que foram, que todas eraõ contra ho gosto , honra , e serviço delRey, ho Ifante se tornou ha Portugal, e nom se passaram muitos dias, que logo nom veyo ha ElRey D. Diniz em nome da Rainha Dona Maria sogra do Ifante , huñ Pero Rondel Ouvidor da Justiça em caza delRey D. Fernando de Castella, e da sua parte, aa sua grande instancia lhe requireo , e pedio que por alguñas cauzas coradas , que apontou desse ho Regimento da Justiça aho Ifante D. Affonso seu filho. Do quaal requerimento ElRey cõ grandes estranhamentos se escuzou , maravillandose muito da boondade, e prudencia da Rainha requerer taal couza, e taõ contrayra ha toda rezaõ, e onestidade, porque elle quando em cazo de velhice, ou por outro impedimento que tivera, requerera aho Ifante seu filho pera tomar semelhante regimento, ainda elle como filho obediente seendo seu pay vivo, e em booa idade
pera

pera reger como era, se deuera desfo elcuzar, quanto mais querer forçar ho que boom filho nunca fizera, e desta reposta delRey ha que ho Ifante era presente, elle como aggravado, e muy anojado se despedio logo de seu pay, e foy sempre andar apartado delle.

CAPITULO XIX.

Das couzas que ho Ifante capitulou pera matar Affonso Sanches seu irmão, ou ho desterrar fóra do Regno.

Porque há maginaçam, e lofpeyta que ho Ifante tinha do beem, que ElRey queria ha Affonso Sanches seu filho, ho trazia em muita door, e cuydado, pera desto seer livre, elle cõtra ho q ha seu Real sangue, e Estado devia, fantaziou em sua memoria huñ engano com que fallamente, e com alguñ achaque ho matasse, ou ElRey ho deterrasse do Regno, e esto fez, q ho Ifante falou secretamente com huñ Pedro Guilhelme, e com outro Pedro Gonçalves, que viviaõ com elle, e em q se muito fiava, ahos quaaes mandou que fossem fóra da terra, e de laa trouxessem escrituras com sinaaes, e mostranças de seerem publicas, e muy autenticas, e verdadeyras, porque craramente se mostrasse, que elles de mandado do Ifante foram buscar, e acharaõ homens ha que ho dicto Affonso San-

ches peytara porque trouxessem, e dessem peçonha aho Ifante D. Affonso, de que logo morresse. E estes pasado alguñ tempo depois, que manhosamente partiram do Regno, tornaraõ ha elle, e trouxeram aho Ifante, que estava em Coimbra estromentos publicos escritos em Castelhana, que perante hos Juizes da Cidade, foram logo publicados, e tomados delles autorizados trelados, cuja sustancia era.

Que ahos trinta e huñ dias do mez de Novembro da era de mil trezentos sincoenta e sete annos, ante ha porta de Sancta Maria de Magazela, presente Johaõ Pires, que aquelle anno fora Algoazil, e Diogo Dias, e Vasco Fernandes Alcaides, e Johaõ Preto, Tabaliam do Lugar, nove vaqueyros que vinhaõ por synomeados, cõ outros vaqueyros de Ruy Sanches Davilla, trouxeram prezos aho dicto Lugar de Magazela cinco homens do Senhorio de Portugal, antre hos quaaes vinha huñ acavallo, que parecia de rezãõ, e boom entendeer, e que hos dictos vaqueyros disseram, que no Lugar que dizem Aguama termo da Magazela, aquelle homem de cavallo com outros traziam prezo outro homem Portuguez, que tinha feyçãõ Descudeyro, ho quaal bradando dizia, homens do Senhorio de Castella acorreyme, que Portuguezes me levam prezo pera em sua terra me matarem, e que ha estes brados hos dictos vaqueyros acodiraõ, e querendo

rendo livrar ho prezo Portuguez daquelles Portuguezes que ho traziam, que ho diçto homem de cavallo dicerá apressadamente abos seus de pee: Matay este tedor porq̃ nom fique com vida. *E que huñ delles lhe dera huña lança por huñ braço, e que ho de cavallo sobreſto lhe aremeſſara ha lança que trazia, e ho atreveſſara por detraaz atee hos peytos, e que hos vaqueyros vendolhe fazer taal crime lançaram maão logo de quatro homens seus, e q̃ ho de cavallo querẽdolhos tirar, e defender, huñ dos vaqueyros arrancou huñ dardo, e ho ferio, e ho Eſcudeyro quando vira hos seus homens prezos, dicera abos vaqueyros, que nom tinham razaõ de prenderem, nem fazerem maal ha elle, nem abos seus, pois nom fizeraõ mais maal, que matar ſeu imigo, e que pera verem que elle demandava razaõ, que ho deyxassem, e que elle era contente de ir ha cavallo perante hos Juizes de Maguazela, e que elles depois de ho ouvirẽm mandariam ho que fosse juſtiça.*

E que ante de irem pera ho diçto Lugar, que ho Cavalleyro rogou abos vaqueyros, que pera certidaõ do que dizia, chegassem aaquelle lugar onde jazia ho ferido Portuguez, hos quaaes chegando ha elle ho Cavalleyro dicera aho ferido. Amigo eu ſaõ Pero Gonſalves, Eſcrivaõ do Ifante D. Affonſo de Portugal, e voos ſabeis beem ha maaldade, e treyçaõ que tendes feyta, cõ Garcia Dalmuche, que eu fiz matar nas manchas Daragam por ambos buſ-

cardes, e ordenardes peçonha pera mataarem ho Ifante meu ſenhor, e agora lembrevos, q̃ eſtais em tempo da rependimento, e de dizerdes ha verdade, por nom perderdes ha alma, pois jaa perdeſtes ho corpo. E que ho ferido respondera, que tudo era verdade, e que por eſto elle tinha tratado, e buſcado contra ho Ifante aquelles Portuguezes que ho traziaõ prezo, ho quaal logo falecera, e que sobre eſto em chegando abos Alguazis do lugar, ho diçto Pero Gonſalves mostrara huña carta aberta patente do Ifante, porque geraalmente fazia ſabeer, que elle enziava ho diçto Pero Gonſalves contra alguis que procuravam de fazer maos feytos contra elle, e que porem ho encomendava aas Juſtiças dos Lugares pera que lhe deſſem ha ajuda, e favor, que elle requereſſe, e aalem deſto, que ho diçto Pero Gonſalves requeria mais abos diçtos Juizes, que perguntassem hos vaqueyros aacerqua do que ho Eſcudeyro morto em morrendo confeçara, hos quaaes diceram todo ho que atraaz hee eſcrito, e mais que ho diçto ferido em querendo morrer dicera.

Eu nacy em na maa hora antre todolos homens da teerra, de que ſaõ naturaal, e aſſi aquelle por cujo concelho eſto fiz, porque certo hee que Garcia Dalmuche, e eu com outros buſcamos, e compuzemos peçonha pera matar ho Ifante, mas quiz ha ſua booa ventura, que por ella ſe nom obrou couza, que lhe danasse. E com tudo diceram, que ho Ifante ſe guardasse, e que perguntado ho ferido pelo

nome daquelle do sangue do Ifante por cujo concelho, e mandado esta pessoa se ordenava, que elle respondera, que pera que era perguntar ho que todo ho mundo sabia, e que mais nom deria, e com esto pedira confissam, e em lhe tirando ha lanca, que tinha atravessada logo morrera, pelo quaal hos dictos Alguozis, e Alcayde, visto esto mandaram que ho dicto Pero Goncalves, e hos seus se fossem em booa ora, e livres, e lhe mandaram daar hos estromentos publicos, com muitas testemunhas, que sobre esto pediram.

E depois que estes estromentos em Coimbra se publicaraõ, de que todos foraõ hy espantados, ho Ifante mandou mostrar ho treslado delles ha seu padre, por Nuno Martins Barreto, e por Ruy Garcia do Casal, e pedir lhe que logo desse ha Affonso Sanches ha emenda, e castigo, que em tam feyo cazo merecia. Do que ElRey foy alaaz maravilhado, e posto em muy tristes pensamentos, ainda que logo conheceo, que tudo eram manhozas envençoens, e maal compostas, e ahos messageyros do cazo, respondeo por maneyra, que foraõ elles contentes, e sobresto ElRey enviou logo aho Ifante, Fernam Rodrigues Bugalho, e Lopo Esteves Dalvarengua, pessoas de que fiava, pelos quaaes lhe enviou certificar ho nojo, e tristeza que do cazo passado tinha recebido, ho quaal era de calidade, que fazendose contra ho mais pequeno vassallo seu, elle ho

estranharia, e punyria muy gravemente, quanto mais contra elle seu filho, que elle amava de coraçãõ, e suas couzas assi lhe deoyam, e tocavam como se fossen feytas, e ordenadas contra sua Reaal pessoa, e que fosse certo, que quaalquer seu irmão lidimo, se ho tivera, que contra elle fizesse semelhante treyçam, que seem nhuũa piedade lhe mandaria tirar ho coraçãõ pelas espadoas, como aho mais vil homem de sua teerra, e que poreo ElRey lhe rogava, que hos propios originaes de que vira hos treslados lhe quizesse mandar, e que logo lhos tornaria, porque por elles se queria beem informar pera saber ha verdade donde tanto maal nacera, e quaaes eraõ hos participantes nelle, pera tudo emmendar, e castigar com penas, e rigoures que elle viria.

Aho que ho Ifante respondeo, que se maravilhava muito delRey seu padre, huñ feyto tam craro, e de taal importancia querello poor em vagarias, nas quaaes elle nom queria poor seu corpo, vida, e honra, porque se ElRey tivesse vontade de ho estranhar, e punir como lhe enviava dizer alaaz provado estava ho erro pera na execuçaõ delle nom procederem interlucutorias nem tantas delongas, e que jaa em cazos, que menos relevavaõ, e comprova que nom era tam abastante, mas por soo profunçam lhe vira proceder contra muytos, e punillos, e que assi ho devia fazer neste cazo, e que

e que hos originaes por seerem escritos em papel, e por se nom perderem tinha muy beem guardados antre duas tavoas, e que ha ElRey hos mostraria quando fosse necessario, e que porém, que sobresso mais se avia de fazer com mostranças da meação.

CAPITULO XX.

Da diligencia que ElRey fez pera saber ha verdade dos estromentos de Maguazella.

COM esta reposta do Ifante em que poreceo, que elle se cercava pera prefeytamente se nom saber ha verdade do cazo, que desejava, ElRey pera tirar de sy lospeyçoens, e escrupulos da vontade, antes de tudo ouve por beem denviar, como enviou, por melleageyro avizado com sua carta de rogo a hos do Concelho de Maguazella, encomendandolhes, que do cazo que nos estromentos era particularmente apontado, lhe mandassem dizer ha verdade, e que viesse por todos beem autorizada, hos quaaes juntos todos em seu consistorio maravillados primeyramente de taal novidade, responderamlhe sustancialmente, que todalas couzas conteudas nos dictos estromentos nem loomente huña nom fora, nem era verdade, porque naquella Villa nom avia, nem nunca ouvera taes

homens, que fossem justicas, nem Tabaliaens, nem taes vaqueyros, nem memoria de taal feyto, como aquelle acontecesse em Maguazella, nem em seu termo, nem em toda aquella Comarqua, sobre que fizeram grandes diligencias de que enviaram ha ElRey D. Diniz suas certidoens afinadas por todos, e aseladas com ho selo do Concelho.

E com esta reposta de Maguazella, em ha falcidade foy ho Ifante beem comprehendido, e ElRey foy muito maravillado, e recebeo grande nojo, que lhe pareceram começos, e fundamentos que ho Ifante lançava, e fazia pera descobertamente lhe desobedecer, e ho deservir, e pera alguña temperança; e resguardo desto ElRey fez ajuntar em sua Camara ha D. Johão Mendes de Briteyros, e Martin Affonso de Souza, e Gonçale Anes de Berredo, seus sobrinhos, e D. Pedro Estaço Mestre de Santiago, e D. Gil Martins Mestre de Christo, e D. Vasquo Mestre Daviz, e Valquo Pereyra, e Vasquo Martins de Rezende, e outras pessoas nobres de sua Corte, e em Concelho, e perante elles todos fez leer ha carta, e titulo que hos de Maguazella lhe enviaram, e acabada de leer, ElRey perante todos logo dice.

Certo hee, que ha alguñs pareceraa esta minha fala escuzada, pois ha faço com payxam, que nom posso dizer has muitas mercees, e grandes

beneficios que tenho feytos abo Ifante meu filho, que apoz elles nom diga hos erros, e desobediencias, e desagradecimentos, que contra my teem cometidos, e cada dia comete, e pcrém ha door, que tenho em minha alma, e ha sanha que encende ho meu coraçam, são tamanhas, que me forçam meu proprio sizo, pera que has nom possa encobrir, e dellas me fazem que vos diga alguĩas, abo menos pera saberdes minha fortuna, e minha desculpa, e sobreſſo procurardes, e dardes ha esto alguĩ remedio, e concelho pois eu jaa nom sey, nem posso.

Beem sabeis todos, quam honradamente, e com quanta prosperidade sempre criei ho Ifante, e quanto de coraçam sempre ho amey, e por este grande amor, q̄ lhe tinha nom seendo inda em idade de seis annos, lhe dey caza apartada com muita teerra, e grande contia, e com boons, e honrados vassallos, ho que hos Rex de Portugal meus antecessores, ha seus filhos erdeyros de tam pouca idade nunca costumaram fazer, porque cazados, e em moores idades sempre andavam com seus padres em sua caza, atee que lhe apartavam has suas sem teerem vassallos, nem servidores proprios, e pera prova desto sabeis, que como quer que El Rey D. Affonso meu avoo, filho del Rey D. Sancho sendo Ifante, fosse cazado com ha Ifante Dona Orraqua, e tivesse filhos, sempre porém andou em caza del Rey seu padre, e se El Rey D. Affonso Conde de Bolonha ho fez ha my, foy em tempo que eu avia

jaa dezoyto annos, e avia catorze que elle jazia em cama seem se poder foster, e alevantar, de maneyra que depois, que me apartou caza, e asinou teerra nom viveo mais que dezannove mezes, e quantos trabalhos, perigos, e despezas, eu com muitos de minha caza, e teerra passey, por se fazer seu cazamento com ha Ifante Dona Breatis sua molher, vós todos ho sabeis pois tambeem ho passastes comigo e ho conbecimento, que elle desto teem, e ho galardam que por esso me daa, sam nojos, e desobediencias que andando em minha caza, e fóra della sempre me fez, e que todas aqui nom diga alguĩas por minha satisfaçam seraa forçado, que ha aponte.

Primeyramente despedindose de my, e de meu serviço ho Conde D. Martim Gil pela contenda, que antre elle, e Martim Sanches meu filho avia sobre partilha derança, por seerem ambos cazados com duas irmãas posto, que eu soubesse que ho dicto meu filho fora maltratado, e deserddado contra direyto, eu fui favoravel abo dicto Cõde, por amor do Ifante meu filho por seer seu, aacusta do muito dinheyro meu que por composçam, que dey abo dicto Affonso Sanches, hos concordey, e sendo ho Conde meu vassallo, e meu Alferes moor, e Mordomo do Ifante, que eram officios pera me teer muito em mercee, e avia por ello obrigaçam pera me lealmente sempre servir, elle antes, que se de my despedisse, crrando nesseo ha ley de nobreza, e fidalguia, que como nobre devera guardar, se foy fa-

zer vassallo del Rey de Castella, e lhe fez preyto, e menagem contra my sopena de tredor, que toda sua vida ho servisse contra my, quando elle mandasse, convocando pera sy alguis homens honrados de meu Regno, pera que fossem contra meu serviço.

E como quer, que ho Ifante desso fosse beem sabedor, nom estimou ho grande dano, deserviço, e deshonra, que se desso podia seguir ha my, que sam seu pay, e aa Coroa de meu Regno de que hze soccessor, mas antes por estos erros ho ama, e estima, e fia mais delle do que antes fazia, e lhe escreve cartas de grande favor, e lhe faas mercees como se ha my, e ha elle has merecesse, ha quaal couza nom sey ha quem nom pareça muito estranha se nom ha elle, que sendo meu filho, e vassallo, e ha quem meus Regnos pertencem de direyto ho aa por beem sem teer lembrança destas obrigaçoens polas quaaes de razam natural, e divina, devia querer maal, e desamar muito ha quem cõtra my uza de tanta treycam. Tambem sabeis, q̄ estando Affonso Sanches meu filho, concertado com Dona Isabel sobre escaybo de Medelim por Aguiar, e sendo dia antre elles certo, e afinado pera ho dicto concerto se fazer sopena de dous mil marcos de prata, e indo ha esso ho dicto Affonso Sanches por meu mandado, e consentimento, ho Ifante sayo ha elle com voos, e tençaõ de ho matar, posto que lhe eu mandasse dizer por Fohaõ Rodrigues de Vasconcellos, que ho nom perseguisse, e ho deyxasse, que

hia por meu mandado, elle ho nom quiz fazer, e me mandou dizer, que ho que começara havia de acabar, aho que eu por evitar tamanbo maal como se aparelhava, sabi fõra em pessoa, e voos comigo, e porẽm nom se pacifiquou ho caso seem ho dano que vistes.

E outro sy Vasquo Paaes Dazedo, que em Castella contra my, e meu serviço dice alguis couzas, que nom devia, querendose dellas alimpar perante my, por ha culpa de maaoha Martin Reymondo, e porq̄ Affonso Martins Reymondo seu sobrinho, q̄ era presente lhe dice que lhe poeria de praça has maãos, e ho corpo, por prova q̄ sentio nunca taal dicera, e que lhe faria confessar, que nom dizia verdade, ho Ifante tomou ha parte de Vasquo Paaes, e falou por elle palavras descompostas, e por Affonso Martins querer alimpar, e escuzar seu tio, hos do Ifante ho quizeraõ logo matar, e perante my seem acatamento de minha pessoa ho fizeraõ, seem meu filho tornar ha esso, como de vera, consentindo em tamanha injuria, como ha my era feyta. E sabeis mais, que dous sobrinhos do Bispo de Lisboa confiando, e esforçandose como nom deviam, que pela parte que de my dava, e booa vontade que tinha ha seu tio, poderiam por favor escapar de quaalquer crime, e maleficio que cometessem, e fizessem, elles sobre segurança mataram publicamente no meyo do dia, e da Cidade huõ filho do nobre homem, e boom Cavalleyro Estevam Ejeves, e por

e por ha fieldade , e graveza do caso feer taal hos mandey logo prender, e fazer pubricamente justiça, e de todos aquelles que foram em sua ajuda, e por effo ho dicto Bispo com meu desamor, porq̄ eu quiz fazer justiça, se foy ha Roma onde por todas as maneyras que pode procurou ho meu nojo, e des-serviço, do quaal ho Ifante perdeo toda sospeyta, e ho teem por boom, e leaal servidor, e fia delle, e lhe faaz honra, e mercee, e ha todos os seus, sabendo notoriamente q̄ nisso me des-serve, e anoja.

E além destas couzas q̄ dice, outras mais desta calidade teem ho Ifante contra my feytas, que atee qui soportey, esperando que cõ crescimento dos dias, e da honra, e estado que tinha se temperasse, e emendasse, porque com ha emenda deffo, que em sy fizesse refreasse ha my que nom dicesse maal de pessoa de meu sangue, especiaalmente delle, que depois de minha morte aa esta tecrra de soceder em meu lugar: mas porque vejo que elle cada dia, tira ho beem do beem, e a-crecenta maal ha maal, ho descubro ha voos outros pera que nesso me deis concelho com remedio.

Aho que cada huñ dos Senhores, que eram presentes, responde raõ com ha door, e tristeza que por effo tinha, e pera booa paaz, e concordia antre ElRey, e ho Ifante, deram leu voto, e offereceram suas forças, e booa vontade. Mas ho Ifante veendo que has couzas passadas pera morte, ou desterro de Affonso Sanches seu irmão, nom

tinham locedido aa sua vontade pera esprimentar se com ho povo do Regno ho podia fazer, ordenou estando elle em Coimbra, e assi em Santarem onde ElRey era, que se dicesse como por muitos dos seus pubricamente se dizia, que ElRey com afinados, e selos seus, e de trinta, e duas Cidades, e Villas principaes de seus Regnos, enviara cartas de certidaõ aho Papa porque lhe certificava, que ho Ifante D. Affonso por falecimento de sizo naturaal, e por outros grandes defeytos que tinha, nom era auto pera feer Rey, porque como parvo, e desmemoriado andava tirando, e comendo has aranhas das paredes, e que por effo pedia ha Sua Santidade por mercee, que lhe tirasse ha locessaõ, e abilitasse ho dicto Affonso Sanches pera depois de sua morte Regnar, porque pera taal locessaõ era muy pertencente, e que elle das rendas do Regno mantivesse ho Ifante seu irmão em sua vida.

Das quaaes couzas seendo ElRey D. Diniz certificado, recebeo por ello grande pezar, e muito sentimento, e enviou logo Lourence Anes Redondo, e Pero Esteves seus vassallos aho Ifante, ha que dixeram todo ho passado, que hos seus diziam, e ho nojo em que por effo ElRey estava, por difamarem seem cauza de sua boondade, e consciencia, e da lealdade, e boom nome das Cidades, e naturaes de seus Regnos, e ho que desto mais sentia

assi

assi era que ho Ifante sabeendo que estas falcidades assi se diziam, nom has estranhar, e castigar com grandes penas, e muita aspereza, como taal cazo requeria, por onde parecia, que ellas naciã de toda sua vontade, e consentimento, mas que pera todos saberem craramente deffo ha verdade, e que nunca taal malicia, e treyçaõ por elle, nem pelos seus fora, nem soamente cuydada, que elle daria por effo taes penas por dezafio, e reto possessẽm hos corpos, e has vidas, aaquelles que esto diziam, e afacavam, e que por suas bocas lhe fariam confessar que eram muy falsos, e tredores, e que pera mais abastança, e moor comprimento elle escreuera logo aho Papa em quem nom avia payxam dodio, temor, nem afeyçaõ, pera que por suas Bullas, e letras patentes, e com outorgua, e approvaçam dos Cardeaes, enviassem deffo testimonho, e dizer ha verdade. E esto passou na era de mil trezentos e vinte annos. Mas ho Ifante respondeo que taes couzas nunca ouvira, nem sabia dellas parte, e porẽm ElRey notificou tudo aas Cidades, e Villas de seus Regnos, que sobre esto enviaram logo pubricos estromentos de muita lealdade, afirmando cada huũ que combateriam em campo ha quaaesquer que contra ElRey, e seu Regno taes treyçoẽs, e falcidades afacassem, porque nunca passaraõ assi, nem elles por sua lealdade has consentiriam.

CAPITULO XXI.

Dalguũas couzas mais, que ho Ifante fez contra vontade, e serviço DelRey seu padre.

COmo ho ifante andava posto em desobediencia, e com pouco acatamento delRey, nom olhava has couzas de seu serviço, e da justiça com aquelle resguardo, que devia, pelo quaal ElRey era posto em grande cuydado, e muita pena, porque ho Ifante pera mais danamento de sua boondade soltamente trazia, e acolhia em sua caza muitos maalfeytores obrigados grandemente por seus crimes aa justiça, com que hos do Ifante tomavam grande cuzadia de fazerem ho maal que queriam, porque nom receavam pena, nem castigo dos maales que fizessem, nem ElRey podia delles tomar ha emenda, que mereciam, e antre estes era huũ Estevaõ Gonçalves Leytaõ, vassallo do Ifante, e outro seu irmão, e com outro em sua companhia, partiram da caza do Ifante seendo elle aallem do Douro, e foram teer co caminho ha Estevaõ Fernandes Cavalleyro, e vassallo delRey, e ha Gonfalo Fernandes, vassallo de Fernãõ Sanches, e seem cauza ha ambos hos mataram, e acolheraõ se aa caza do Ifante, que hos nom quiz entregar ha ElRey, que com gran-

grande instancia lhos mandou pedir pera delles fazer justiça. Outro sy, huū Payo de Meyra, e Johaõ Coelho vassallos do Ifante, huū de huūa parte, e outro de outra, seem alguū temor delRey, e de suas justiças, fizeram de Cavalleyros, e de outras muitas gentes, huū grande ajuntamento, e ambos ouveraõ peleja em q̄ morreram muitos, antre hos quaaes foy Lopo Gomes Dabreu, que era huū dos melhores Cavalleyros, que avia em sua linhagem.

Pelo quaal insulto, ElRey por seu meyrinho hos mandou desterrar fóra do Regno, e elles foraõse logo pera Castella, mas dahy ha pouquos dias se tornaram pera caza do Ifante, em que acharaõ boom acolhimento, e muita mercee. Outro sy, huū Xeres Portel vivendo com ho Ifante, com outro foy roubar ho Moesteyro do Marmelar de quanto tinha, e elle, e hos seus por força se lançaram aas molheres cazadas, e virgens, que acharam pela teerra, e quizeraõ matar ho Comẽdador do dic̄to Lugar se nom se escondera, e cheyos de roubos, e de maleficios se foram pera caza do Ifante que hos emparou, e favoreceo. E assi depois Affonso Novaes, e Mem Martins Barreto, vassallos do Ifante, e seus moradores partiram de sua caza, e com homens de cavallo, e de pee armados, foram seem cauza matar D. Giraldo Bispo Devora, que era do Concelho delRey, e vivia com elle, e tambem

muitos homiziados, e maal feytores, que por seus homizidios, e fogidas de cadeas, e delitos andavam fóra do Regno, vinhaõse soltamente pera caza do Ifante de quem recebiam emparo, e mercee, hos quaaes em grande numero aly afinou, e hos cazos porque eram obrigados aa justiça, cuja mais particular declaraçam nom hee aqui necessaria.

E posto que ElRey por muitas vezes, e por muitos com cauzas evidentes enviasse rogar, e mandasse estreitamente aho Ifante, que lançasse de sua caza hos taaes homens maalfeytores, e que daly em diante nom acolhesse outros semelhantes, elle ho nom queria fazer, antes insistia, e faria tudo contra vontade delRey, pela noteficaçam, que ElRey fez aho Papa Johaõ XXII. das desobediencias, e pouquo acatamento de q̄ ho Ifante aacerqua delle uzava. E assi do que neste Regno falsamente se dizia, que ElRey asaquando defeytos do dic̄to Ifante lhe suplicara pela legitimaçam do dic̄to Affonso Sanches pera Regnar, e Sua Santidade em reposta desto enviou ha ElRey D. Diniz pera sy, e assi ha todolos Estados de seus Regnos, suas Bullas patêtes, em q̄ cõ palavras de padre boom, e piedozo se doe, e maravilha da discordia antre ho pay, e ho filho, e assi afirma, e daa testemunho da verdade, que aquellas difamaçoens, elle como Vigayro indinho de Christo, que do Ceo descendeo

cendeo por dar testemunho da verdade, affirmava seerem fallas, e que em seu tempo taes requerimentos, e supplicaçoens nunca lhe foram feytos, nem has provizoens de taal couza nom se concedaram, nem passaram em seu tempo, nem dos Papas Clemente V. e Benito XI. seus Predecessores, cujos registros pera meor justificaçam desto mandara com deligencia buscar, e porèm que ha todos por muitas, e boas cauzas, que apontou, encomendava que por serviço de Deos, e por boom a secego do Regno procurassem antre todos paaz, e amizade, e concordia, como era rezaõ, ha quaal Bulla El Rey por sua limpeza mandou mostrar aho Ifante, e assi publicar em sua caza, e por todos os Lugares principaes do Regno, ha que hos povos respondiam conformes aa verdade, de que se tiraram estormentos pera limpeza del Rey, e do Regno.

CAPITULO XXII.

Como ho Ifante se partio de Coimbra pera Lixboa, e do que lhe aconteceu com El Rey no caminho.

Estas Bullas autentiquas, que ho Papa enviou por certeza que has sospeytas do Ifante contra El Rey, e contra Affonso Sanches, nom eram verdadeyras, nom alogegaram ha vontade do Ifante pera

deyxar de ter odio, e defamor aho dicto Affonso Sanches, porque quando ho defamava, e queria matar, e desterrar, beem sabia que has cauzas, que contra elle punha, todas eram fingidas; nem abrandou de sua dureza pera com hos rogos do Papa seer obediẽte ha El Rey seu padre, como por Prégadores, e grandes homens em publico, e em secreto lhe era dicto, antes continuava no que tinha começado, pelo quaal deyxando ha Ifante sua molher em Coimbra, e com ella ho Conde D. Pedro seu irmão, partio da y, e levando consigo hos maalfeytores, e degradados, e outra gente armada, foy caminho de Leyria com fama de yr ha Lixboa em romaria ha S. Vicente, mas ha verdadeyra tençam de sua yda, era pera tomar, e ter Lixboa contra El Rey seu padre, e El Rey estando em Santarem, e sendo certifiçado da maneyra em que ho Ifante ya, ouve taal atrevimento por grande seu desprezo, ca parecia nom aver alguũ temor, nem vergonha delle, nem de sua justiça, especialmente pelo Ifante vir com tantos omiziados tam junto delle, e como quer que ho seu primeyro movimento foy acodir logo ha effo com mais trigança, e moor aspereza, porém ouve por beem enviar-lhe primeyro dizer por Pero Esteves, e Gomes Anes seus vassallos, que lhe rogava lançasse fóra de sua companhia hos maalfeytores que levava, porque com elles mais pa-

recia yr fazer almogavaria em teerra de imigos, que comprir com devaçãõ sua romaria em sua teerra propria.

Aho que ho Ifante nom quiz satisfazer , e neste cazo estes mesageyros levaraõ provizoens porque em nome delRey ouveraõ hos ditos maalfeytores por degradados fóra do Regno , ho que com favor do Ifante nunca quizeraõ fazer, e ha cazo ElRey por este cazo em muita sanha , moveo logo contra Lixboa , e ha Rainha Dona Ilabel sua molher com elle , e indo jaa ho Ifante diante, em chegando ElRey aho Lumiar , que he huã legoa de Lixboa , soube que ho Ifante seendo avizado da ira delRey, com seu medo se partira pera ha Villa de Cintra , e ElRey dice contra hos seus. *Pareceme que ho Ifante meu filho, sabeendo quanto me anojava por elle trazer estes omiziados afastado oyto legoas , que agora por me mais desprazer, e menos acatar se foy com elles , e hos tem consigo nom mais de quatro, e porque saõ maales, que pera Deos, e pera ho mundo jaa se nom podem sofrer hee beem, que pera mais nom creccerem, vamos logo sobrestes homens , que saõ cauza desto , e trabalhemos polos aver.*

Pelo quaal ElRey mandou logo fazer prestes sua gente , que muito ante manhaã armados partiram, e foram contra ho lugar onde estava ho Ifante , e dice , que ElRey ordenou esto leer feyto muy cedo, e secretamente , porque ha Rainha ho

nom soubesse , e da sua ida nom avizasse ho Ifante. Mas ha Rainha maravillhada por sentir no Lugar tanta revolta, e veer tanta trigança, e rumores daparelhos darmas, e cavallos , como soube que era contra ho Ifante seu filho , foy posta em muita angustia por taal , que nom sabia que remedio pozesse , e porém le diz , que tantos homens mandou aho Ifante , e pera tantos Lugares , e com taal pressa que ante delRey chegar ha Cintra elle era jaa avizado de sua ida. E em tanto ha Rainha se socorria ha Deos , ha que em Missas, e orações com muitas lagrymas pedia guardasse ho Ifante da ira delRey seu padre , e por beem de todos hos pozesse em paaz, e amor.

E como ElRey chegou ha Cintra onde era ho Ifante , elle como vio seu pendaõ , e suas gentes , armouse logo , e mandou armar hos seus, e pozeraõse contra ElRey em dous lugares com mostrança da pera peleja , ha quaal nom cuve , porque ho Ifante , e hos seus por quaalquer cauza, que fosse partiraõ daly, e nom esperaraõ ha ElRey. E esta se acha , que foy ha primeyra vez, que ho Ifante se armou contra ElRey seu padre pera com elle pelejar em cazo , que nom pelejasse. ElRey tomou por satisfaçãõ , partirse ho Ifante, e pera ho seguir nom deu lugar ha grande sanha , que contra elle tinha. ElRey partiose tambem de Cintra , e em chegando aa Aldea de Bemfiqua , soube
que

que ho Ifante estava da y huã legoa em huã Aldea, que dizem Alvogas, de que ElRey foy muito mais anojado, porque lhe pareceo que ha soberba do Ifante, e seu desprezo contra elle, ya cada vez em mayor crescimento, pelo quaal ElRey determinou de yr sobre ho Ifante ho quaal porque desta determinação foy logo avizado, tambem com hos seus maalfeytores, e com outras gentes com maaõ conselho esforçado, asentou logo em sua vontade esperar ElRey, e dar-lhe batalha, como se fora a huã imigo estranho.

ElRey como soube ha maneyra em que ho Ifante estava lhe mandou dizer: *Que pois ho diabo cujas carreyras elle seguia, ho punha em taal determinação contra elle, que era seu pay, e seu senhor, que effo nom era salvo pera lhe dar ho castigo, que por seus grandes erros merecia, e que por effo esperasse, e nom fogisse.* Pelo quaal ho Ifante vendo, que por forças, e por rezaõ tinha contra ElRey, seu partido mais fraco, nom esperou ElRey, e se tornou pera Coimbra, e ElRey ha Bemfica, e da y ha Santarem, e nom seem muitas lamentaçõens, e grandes maravilhas por ver seu filho tam seem razaõ contra sy, seem nunca querer amançar.

CAPITULO XXIII.

*Como ho Ifante levou ha molher,
e hos filhos ha Castella, e hos
Lugares, que tomou ha
ElRey seu padre.*

Como ho Ifante foy em Coimbra, logo levou sua molher, e filhos Alcanizes, que hee em Castella, ho quaal tinha huã Fernam Martins Dafoncequa, e aly ha deyxou acompanhada dalguãs Elcudeyros, e se tornou pera Coimbra, onde por suas cartas cheyas de piedades, e palavras, promessas, e necessidades, que apontou logo fez chamamento de todos seus vassallos, e servidores dizendo, que ho socorressem, porque ElRey queria vir sobrelle, e destroilo, ou matalo, seem cauza. E ElRey que estava em Santarem quando soube ha mudança, que seu filho fizera da molher, e dos filhos pera Castella, e percebia seem cauza tantas gentes, era por effo cada vez mais anojado, porque como prudente sabia, que nom podia delle tomar vingança, que pera todos nom fosse muy periguoza, e porém pareceolhe que hos taaes ajuntamentos nom eram se nom pera ho Ifante vir sobre elle incitado de alguã espirito diabolico ho tentar pera batalha, maravillhado de ho Ifante jaa nom cançar de seus odios, e perseguiçoens.

Ha esto proveo, e atalhou com

cartas geraaes, que logo enviou ha todas as Cidades, e Villas do Regno encomendandolhes, que se nom enganassem das palavras coradas, que ho Ifante mandava semear, cõ que hos enganasse, e desviasse de seu serviço, porque hos afagos, e promessas, que em suas cartas aas gentes fazia nom era pera com elles conquistar, nem guerrear se nom ha elle seu padre, e com esto mandou ElRey geraalmente pubriquir por treidores todos aquelles, que pera taal ajuntamento mais acodissem ho Ifante, nem com elle andassem, ainda que fossem proprios seus vassallos, contra hos quaaes assi asperamente procederia, como contra aquelles, que cometessem treyção contra ha Reaal pessoa de seu Rey, e Senhor, e que da y por diante mandava ha todos seus Alcaydes, e justiças, e ha todos os outros seus naturaaes q̄ ha todos estes que desobedeassem seu mandado, mataassem sem receo dalguãa pena, que por effo ouvessem, e assi mandou, e defendeo que nom acolhessem ho Ifante, nem hos seus nas Villas, e Castellos, nem lhes dessem mantimentos, nem outra couza alguãa, antes assi ho esquivassem, e fizessem contra elles, como contra inimigos delRey, e de seus Regnos, e desto se passaram muitas proviões, e cartas que foraõ enviadas, e pubriquadas por todo ho Regno.

Mas ho Ifante nos Lugares onde se achava nom consentia darem-

le taas cartas, nem serem feytas suas pubriquaçoens, nem obedecer ha couza que ElRey mandasse. E andando has couzas neste danamento, ElRey apartou de sy ha Rainha, e ha mandou Alanquer, com fundamento de fazer seus negocios secretamente sem ho saber ha Rainha sua molher, de quem prezomia, que ho Ifante era logo avizado, e logo foy certifiçado, que hos da Villa de Leyria, deram nella entrada aho Ifante, e que tinha jaa ho Castello, e irado ElRey por este feyto moveo, logo contra Leyria com tenção de queymar, e destroir todos aquelles, que foram em consentimento da entrada do Ifante, porque ha pena destes fosse ahos outros exemplo, e quando chegou ha Alcobaça jaa y achou muytos moradores de Leyria, que com medo de sua ira aly se acoutavaõ, como ha Caza sagrada, que lhes podia valer, hos quaaes posto todo acatamento Daltares, e das sepulturas dos Rex seus avoos, ha que se abraçavam, mandou ElRey logo tirar, e estando pera irozamente delles mandar fazer crua justiça lhe chegou recado, que ho Ifante por força entrara ho alcacer de Santarem, ha que ElRey com grãde pressa logo acodio e ho Ifante receozo delRey, e de sua ira, e poder que trazia, deyxou ha Santarem, e se foy ha Torres Novas, onde se diz, que foy ho enterramento de Affonfo Vaas Pemintel, que era seu Cavalleyro, ha que
queria

queria grande beem.

E tanto que ElRey chegou ha Santarem , logo mandou ha Lourence Anes Redondo, que jaa estava alcacer de Leyria , q̄ logo decessasse, e matasse todos aquelles que deraõ ha entrada da Villa aho Ifante, em comprimento do quaal , decepou, e queymou nove homens dos melhores , e mais principaes da Villa. ElRey mandou tornar aho Moesteyro Dalcobaça hos prezos , que da y levara pera justicar, que depois de sua ira seer temperada, ouve por beem que lhes valesse a Egreja, e mais Alcobaça, em que tinha singular devaçãõ. Ho Ifante nom menos perseguido, que desobediente, e contumaas partio de Torres Novas , e chegou ha Thomar , onde pera sy , nem pera hos seus, e suas bestas nom achou alguõ genero de mantimentos , nem ferragem , porque atee hos moinhos, e acenhas achou de suas ferramentas, e engenhos, de todo desconcertados, por taal que nom podessẽ moer mantimentos pera ho Ifante, e com esto elle se foy aho Castello da Villa, e seem ho poder tomou por força todos os mantimentos, que nella achou, e da y se foy pera Coimbra.

Da quaal se apoderou, e tomou ho Castello ho derradeyro dia de Dezembro de mil trezentos e vinte huõ annos , e logo da y tomou ho Castello de Monte moor ho Velho, donde mandou dizer aho Cõde D. Pedro seu irmão, que anda-

1321.

va em Castella desterrado, que se viesse aa Cidade do Porto, porque elle hia pera laa , e no caminho tomou ho Ifante ho Castello da Feyra, q̄ hee em terra de Sancta Maria, de que era Alcayde por ElRey Gonçalo Rodrigues de Macedo, e da y foy tomar ho Castello de Guaya, do quaal, e assi do outro de Monte moor que jaa fora tomado, era Alcayde por ElRey Gonçalo Pires Ribeyro, e da y se foy aho Porto, e ho tomou, e ali chegou ho Conde D. Pedro, que sempre andou em sua companhia, e da y se foy aa Villa de Guimaraens esforçado de huõ Martim Anes de Briteyros, que fez crer aho Ifante que por inteligencias, que tinha dentro na Villa, lhe faria entregar, mas ho Ifante chegou ha ella , achou defensor dentro Mem Rodrigues de Vasconcelos, que era nobre homem, e boom Cavalleyro, e com elle boons Escudeyros, e outra gente da Villa, e com quanto foy pelo Ifante grandemente requerido cõ dadas, e mercees, e ameaçado com morte, e outras penas pera que lhe entregassẽ ha Villa, e ho Castello, elle ho nom quiz fazer, dizendo que em quanto ElRey seu padre fosse vivo, ha quem tinha feyto menagem, nom entregaria ha Villa, nem ho Castello se nom ha elle, e que atee sobresso morrer ho defenderia.

Ho Ifante mandou combater ha Villa da quaal couza seendo ElRey avizado, ajuntou logo muitas gen-

tes

tes dos Concelhos da Estremadura, e das Ordens, e se veyo lançar sobre Coimbra, que estava pelo Ifante, e nom entrou logo na cerqua, porque estava beem guardada, e lha defenderam, mas passou no alcacer, que estava zcerqua de São Lourenço. E avendo jaa dez dias que ho Ifante jazia em cerquo sobre Guimaraens, foy avizado, que ElRey tinha cerquada Coimbra, pelo quaal deyxou ho cerquo da Villa, e se veyo ha Coimbra pera ha focorrer, e com elle ho Conde D. Pedro, e ante que chegasse aa Cidade se preytejou com ElRey, que se alevantasse, como alevantou, e se fosse ha S. Martinho do Bispo, e ho Ifante chegou aa Cidade, e pouzou em Sancta Cruz, e ElRey porque ho Ifante dilatou ha concordia, que prometera, veyo-se logo pera S. Francisquo donde se fez muito dano, e grande estrago no arrabalde, e nos olivaeas, porque de huia parte, e da outra eram aly juntos hos mais dos Fidalgos, e gētes que avia em Portugal, e ante huus, e outros avia barreyras, e repayros, de que escaramuçavam, e pelejavam, em que de huia parte, e da outra com door de muitos, morria muita gente, porque hos pays seem vōtade, e certa sabedoria matavam hos filhos, e hos filhos a hos pays, e huus irmaãos, e amigos ha outros seem alguia piedade, nem misericordia.

CAPITULO XXIV.

Como ElRey, e ho Ifante foram concordados por meyo, e intercessão da Rainha Dona Isabel, e da maneyra que nesso teve, e das menagens que pera segurança de sso se fizeram.

E Por esta discordia, que antre ElRey, e ho Infante avia, ha Rainha Dona Isabel era triste, e anojada, e por aver antre elles booa paaz, e amor como era razaõ fazia ha Deos, e mandava fazer muitas oraçoens, e devaçoens, e sendo certifiçada destas mortes, e maales tam grandes que desta delaventura se seguiam, ella de sua propria, e virtuoza vontade partio Dalanquer donde estava, e se veyo ha Coimbra, e por sy falou ha todos os Senhores, que eram com ElRey, e com ho Ifante, e assi com ho Conde D. Pedro, e com elles por sua sancta intercessam banhada com piedozas lagrymas, alentou que era beem fazerle logo paaz, e concordia, e ha Rainha com ElRey, e com ho Ifante concordou, que ambos se partissem da lly, e se fossem ha outros lugares, dōde por pessos seem sospeyta se veriam has couzas que ho Ifante requeria pera dellas lhe serem outorgadas aquellas que fossem

seem de razam, e oneftidade, e El-Rey com prazer, e consentimento desto, se foy ha Leyria, e ha Rainha, e ho Ifante se foram da y ha Pombal, e aly concertaram.

Que ElRey desse aho Ifante Coimbra, e Monte moor com seus Castellos, e ha Fortaleza da See do Porto, porque ha Cidade ainda entam nom era cêrquada, e por ellas fez ho Ifante menagem ha ElRey, pera de todas fazer guerra, e manter paaz, como elle mandasse, e assi acrecentou aho Ifante pera seu soportamento, mais contra de dinheiro, e panos aalem do que tinha, e ElRey perdoou aho Ifante, e ahos seus todo ho passado, e ho Ifante ahos delRey, e ha rogo do Ifante foy tambem perdoado ho Conde D. Pedro, que foy restituído ha todo ho que tinha, e lhe era tomado, e destas couzas mostrou ho Ifante feer muy ledo, e muy contente, e dice, que nom menos obrigava, e tanta alegria tomava das mercees, e acrecentamentos, que delRey seu padre entam recebia, como de feer seu filho, pera por ellas da y em diante, beem, e lealmente ho servir sempre seem alguñ nojo, nem escandalo. E sobresto lhe fez publica, e solene menagem, e tomou por effo juramento dos Sanctos Evangelhos sobre que poz has mãas e no Altar de S. Martinho do Pombal presente ha Rainha, e muitos Fidalgos, que sobpena de feer tedor, e de encorrer na maaldição de Deos, e na sua, daly em diante sem-

pre ho servisse, e lhe fosse obediente assi como deve feer boom filho, e leal vassallo ha seu padre, e ha seu Senhor, e que da y em diante nom acolheffe mais nhuūs maalfeytores, antes hos que podesse aver prenderia, e entregaria ha ElRey, e ha suas justiças, e hos que trazia lançaria fóra logo de sua caza, e de seu favor.

E pera mais firmeza, e moor segurança rogou, e encomendou aho Conde D. Pedro seu irmão, e ha Martim Anes de Souza, e ha Gonçale Anes de Briteyros, e Affonso Telles, e ha Gonçale Anes de Berredo, e ha Lopo Fernandes Pacheco, e ha Payo de Meyra, todos riquos homens de Portugal, e ha outros nobres seus vassallos, que fizessẽ, como fizeram outro taal juramento, e menagem, como elle tinha feyto, e ho Ifante tambem pediu aa Rainha por mercee, que pera mayor, e mais seguro penhor desta concordia, e porque ElRey da y em diante mais descançasse sobre ello, que tambem ella quizesse fazer por elle este juramento, e menagem ha ElRey, e ella tambem assi ho fez, como cada huñ dos outros. E outro sy ElRey pera satisfaçam do Ifante, e de todos tambem fez no Altar da Capella de S. Simaõ de Leyria, solene juramento de nunca falecer aho Ifante em alguña destas couzas, que lhe prometera, e outorgara. E foram estes juramentos feytos no mez de Mayo, no anno de mil trezentos e vinte

tres, e acabadas estas concordias de que todo Regno pareceo, que recebia muito prazer, e descanso, El Rey, e ha Rainha, e ho Ifante se foraõ ha Santarem, e da y ha Lisboa, onde todos estiveraõ atee Sancta Maria Dagosto, e da y ho Ifante se tornou pera has teerras, que lhe El Rey dera.

CAPITULO XXV.

De huãa carta do Papa Johão XXII. aho Ifante D. Affonso filho Del Rey D. Diniz, sobre has dezavenças com seu pay.

DEstas dezavenças, e roturas, que avia antre El Rey, e seu

filho, ante de assi seerem concordados, ho Papa por quaalquer maneyra que fosse, foy muito inteiramente informado do que lhe muito pezou, porque tinha grande, e particular afeysaõ ha El Rey D. Diniz, que ho avia em todo por Rey excellente, e por ha Sua Santidade parecer, que seus Sanctos concelhos, e boas amoestaçoens podiaõ nisto muito proveytar, enviou sua carta de Bulla aho Ifante D. Affonso, cujo theor tirado por mi fielmente de Latim em lingoagem hee ho que se segue.

JOANNE BISPO

Servo dos servos de Deos.

AHo amado em Christo filho D. Affonso enviamos este escrito de mais saãõ concelho, com muita torvaçam de nossa alma, muy amecude ouvimos como ho imigo sementeador de odio, e enveja, por estorvar ho boem estado, e paaz do Regno, e seu louvado regimento com sua maaldade te poz em coraçãõ de te levantares contra teu pay, e como primeyramente soou em nossas orelhas taal fama de desobediencia, que por toda ha teerra hee jaa muy espargida, fez ha noos grande nojo, e encheo de muita amargura nossa paternal afeysam, e pois noos teemos nesta vida taal lugar, e poder porque aho Rey pacifico no dia do grande Juizo, avemos de dar conta das almas, aprazate, e nom te agraves se ha tua duramente por seu beem reprimdermos, e porque ha palavra de Deos nom seja atada na nossa boca, e falemos com espirito de liberdade, por esso nom podemos encobrir tamanho maal como hee perseguir aquelle que te criou, e gerou, e estragares tam seem tento ha teerra

(que

(que atee espargeres por ella ho sangue) devias sempre defender, quem hee aquelle que seem grande torvação do espirito possa ouvir, que huñ Rey tam nobre ha juizo do quaal hos Rex izentos dontras teerras com grande vontade se sometem, e obedecem ha seu mandado, e concelho, seja por ty com injurias seem razam, e sem seus merecimentos tam anojado, e perseguido, e porem nom sabemos quaal couza agora digamos primeyro, ou quaal recontaremos por derradeyro, nem sabemos se choremos ho beem que perdes, ou se nos doamos do maal que fazes, dize em que te errou teu padre, ou de que ho reprehendes, e que te nom fez de graças, e beneficios que devesse fazer, cremos por sua confiança, que nhuña couza de erro te fez, mas afirmamos, que avondança de booa vontade, que te sempre mostrou, foy verdadeyra cauza de lhe seeres tam desobediente, mas agora prouvesse ha Deos, que ainda melhor soubesses, e entendesses com melhor avizo, e esguardasses no que te compria de fazer, quem he aquelle que seem grande door, e tristeza possa recontar, que hos direytos, e obrigaçoens do parentesco antre aquelles, que sam conjuntos com tanta afinidade de sangue, sejam assi quebrantados, quem consentiraa seem amargozo coraçam, que ho filho ante do tempo, nom soomente queyra abrir os annos de seu padre, mas ainda que com maliciosos cometimentos se trabalhe de hos acabar mais cedo, ho quaal tu sabe, que jaa mais vive por teu proveyto, que pelo seu, porque quaalquer couza de beem que faz, e ajunta jaa todo he pera ty, e com muitos trabalhos, e despezas affirmou, e acrescentou seu Regno, porque tu depois de sua morte podesses viver nelle, grande, e poderoso, porque te trigas ante tempo por cobreres aquillo, que ha natureza ainda te nom quer dar? Nom sabes, que diz Salamaõ, que nom averaa ha bençam no fim dos dias, ho que aa erdade se atrigar primeyro que deve? Tu juntamente perdes ha alma, e ha fama por averes antes de tempo ho que depois aas de perder, e segues ho contrayro desto nom curando de tua propria saude.

Has lex, e direytos de todas as naçoens mandam, que hos filhos em quaalquer estado alto, e baxo sempre obedeam ha seus padres, e hos amem. Pois dize, onde hee aqui ho amor, onde hee ha reverencia do filho aho padre, onde ha ley de natureza, onde finalmente he ho temor de Deos? Ha elle aprouvesse ora que soubesses quam alegre, e quam doce couza hee ho filho obedecer, e honrar ha seu padre, e quam maa, e desaventurada hee ha desobediencia, e desprezo, que ho filho contra elle mostra, de maneyra, que como se afasta de obedecer, logo nom parece filho. Nom sabes, que Felipo dos Emperadores ho primeyro Christaõ, posto que desse ho regimenco do Imperio ha seu filho delle em sua vida, lhe nom era menos obediente, que cada huñ de seus Cavalleyros, e avia por grande prazer teer vivo seu pay, e lhe obedecer? E ho Emperador Decio, quiz em sua vida Coroar seu filho, e elle ho refuzou, dizendo:

Receo tomar Coroa, e ho regimento do Imperio, que me póde esquecer cujo filho sam, pelo quaal mais quero nom seer Emperador, que reger, e seer diçto filho desobediẽte, Reja ho Imperio meu padre, e ho meu lenho-rio, de que me mais contento seja em sua vida sempre lhe obedecer.

*E muitos que ho contrayro desto uzaram perseguindo, e nom obedecendo ha seus padres, huĩs morreram maa morte, outros cayram em taal cativeyro de que nunca sayram, porẽm meu filho muito amado rogote, que ames, e honres ha teu padre, e toma aquillo, que ha igualdade da natureza em seu tempo te ofrecer, e nom queyras aver por força destroydo ho Regno, que teu aa de seer, beem sabemos que ho arroydo da tempestade diaboliqua armou ho filho contra ho pay, e armou huĩ irmão contra outro, alevantou hos sogeytos contra ho senhor, e porẽm hos beens, e fazendas em destroyçam, e hos corpos em estrago, e ho que hee mais amargo, que vos por has almas em desesperaçam de sua saude, teu padre mostra, e chora has injurias, que por ty lhe sam fey-
tas, e noos em especial avemos compayxam delle, quanto ha opiniam do poovo, elle hee por ty injustamente, e contra razão aggravado, e perseguido, que couza hee, que alguĩs maaldizentes que contigo vivem avorrecidos de Deos, busquando palavras prazenteyras, e maliciozas de suas lingoas por mordeduras peçonbentas, e concelhos enganozos sam ouzados de encher tuas orelhas de vento prazenteyro, e agrada vel com que ho amor natural, que ha teu padre, e ha teu irmão devias, hee todo corrompido, quaal he ho entendimento assi boom como rudo, que nom entenda quam maa, e quam nojoza couza hee andares armado contra teu padre, e ajuntares ha ty omiziados, e maalfeytores, com que te rebelas contra elle? Quaal couza hee mais contra ha Ley de Deos, e da natureza, que ho padre movido pela injuria de seu proprio filho, mover tambem armas contra elle? E que por outra couza nom dizisses do que fazes, por esta ho devias fazer.*

Sabe, que tu nom combates has Villas, e Fortalezas dos imigos, nem ganhasterra alhea, mas destrues ho Regno, que por direyto te hee devido, ho qua il parece que nom queres, pois nom obedeces aaquelle, que te gerou. O obra merecedora de gram doesto! O manebia muy dina de seer chorada! prouvesse ha Deos filho meu muito amado, que com lima de melhor razam tu esquaaldrinhasses todas estas couzas, mas certamẽte ho teu odor filial jaa perdeo seu boom cheyro, antes hee jaa convertido em fedoranto, ha presença do padre injuriado, quem poderaa sofrer seem amargura, que huĩ irmão por soo odio seem outra injuria se mova contra outro, ha procurar lhe com todas suas forças ha derradeyra queda de sua morte, com sua infamia, e desonra tam pubriquada? Ha quem nom avorreceraa muito, que hos sogeytos sejam tam ouzados, que cortados hos noos, e rota ha preytezia de sua lealdade, se trabalhem de someter, e derribar ha Reaal Alteza de seu senhor, que segunido por
fama

fama commuã , e muy notoria somos certifiçados , hos vassallos do mesmo Rey, por teu favor se alevantaram contra elle, querendo querer tam desonesto, que elle nom aja poderio sobre seus Regnos? Pois seendo dessto tantas vezes combatido, que queres que nesto façamos, por ventura calarnos-emos, e nom te daremos ho saaõ Concelho, que aas mister? Certamente nom.

Antes esguardando todas estas couzas com muy asiquado dezejo, como ha filho muito amado te rogamos, que ames, e lbe obedças, e por esso teus dias seram longuos sobre ha terra, e esto por teu beem te diremos, nom te aggraves, porque todo nosso dezejo, e tençam hee que vivas em paaz, e obediencia com elle, pelo quaal com humildozas preces, rogamos aho muy alto Deos, que sobre toda ha teerra senhorea, em cuja maõ saõ hos poderios dos homens, e hos direytos dos Regnos, que elle prestes, e beninamente queyra esguardar sobre ty, e sobre hos moradores desses Regnos de guiza, que de voos aparte toda dezavença, e hos coraçoes de todos firme em booa concordia, e humildade, e noos de nossa parte devotamente pediremos aaquelle Senhor, cuja providencia em sua ordenança hee certa, e nom enganada, que em taal maneyra esforce ha Reaal seda desse Regno, que aproveyte assi, e ahos seus, e hos Reja de taal maneyra, que vam pera saude perduravel com folgança de paaz.

E se hoteu Reaal resplendor assimostrado, nom quizer penssar, e obedecer ha esto que te avemos dicto, obedecendo em tudo ha teu padre, noos por ha que com toda ha afeçam dezejamos paaz necessaria, e por taal que possamos trazer nosso dezejo ha boom efeyto, em ha nossa vontade amoestamos filho logo ha ty sopena de excõmunham, e ha todos os outros de quaalquer estado que sejam assi pessoas Ecclesiasticas, como seculares, que torvam, ou anojaõ esse Rey, e seu Regno como nom devem, ou contra elle em pubriquo, ou em secreto te dam ajuda, concelho, ou favor, daqui em diante se cavidem, e ho nom façam, porque em outra maneyra ainda, que seja com grande door nossa, see certo que passados oyto dias da pubriquaçam desta nossa carta, noos mandamos aho venerado irmaõ Bispo Devora, que logo excommungue ha ty, e ha todos aquelles, que se ha ty ha chegarem, ainda que sejam Bispos, e quaaesquer outras mayores, e superiores pessoas, que torvem ha paaz de teu padre contiguo, seem embargo de quaaesquer privilegios que tenham, que desta nossa carta nom fizerem mençam, paaz, e asecego, venha ha ty, e ha esses Regnos como dezejamos, por maneyra, que hos perigos das almas sejam escuzados, e ha ty creça titulo de honra acerca dos homens, e abastança de merecimentos ante Deos.

Esta carta, ou Bulla do Papa foy dada aho Bispo Devora, que ha fizesse pubriquar aho Ifante estando

ElRey em Lixboa, mas porque ha esse tempo ElRey estava jaa em alguã concordia com teu filho, nom

foy pubriquada, mas depois em outras voltas, e delobediencias, que ho Ifante cometeu se pubriquou com que ha final paaz antre elles se comprio, como aho diante direy.

CAPITULO XXVI.

Como ha Rainha Dona Maria de Castella depois da morte del Rey D. Fernando seu filho, teve vistas com El Rey D. Diniz, ha que trouxe El Rey D. Affonso menino neto dambos, e do que concertaram.

EL Rey D. Fernando de Castella, genro del Rey D. Diniz faleceu de morte supitanea em Jaem emprazado de dous seus vassallos, que seguũdo se diz mandara injultamente matar, como atraaz brevemẽte toquey, e por sua morte ficou seu sucessor, e erdeyro ho Ifante D. Affonso seu filho primogenito em idade de huũ anno, e vinte e seis dias, ho quaal ficou logo em poder da Rainha Dona Constança sua madre, filha del Rey D. Diniz, e tambem em poder da Rainha Dona Maria sua avoo, e porque ha diçta Rainha Dona Constança da y ha pouquos annos logo faleceu, ho diçto Rey D. Affonso ficou principaalmente em poder da diçta Rainha Dona Maria sua avoo, e sobre estas titurias deste

Rey, ouve antre hos Ifantes, e grandes Senhores de Castella, grandes competencias, e muitas differenças, e discordias, de que se leguio muito maal, e estrago nos Regnos de Castella, e em fim se tomou por concruzam, que com ha diçta Rainha Dona Maria fossem juntamente tutores, como foram, ho Ifante D. Pedro, filho da diçta Rainha Dona Maria, e ho Ifante D. Johão, tio del Rey, filho que fora del Rey D. Affonso Decimo, ho quaal Ifante D. Johão, que em outro tempo esteve em Portugal, e se chamava Rey de Liam durando sua titoria, e depois da morte da Rainha Dona Constança, Dona Maria confiando da muita verdade, e grande poder del Rey D. Diniz, e assi na razam, que tinha daconcelhar, e ajudar ha El Rey D. Affonso seu neto, concertou em Guinaldo Lugar de Castella vistas cõ elle, aas quaaes contra vontade dos grandes de Castella trouxe ho diçto Rey D. Affonso seendo muy moço, e aly praticaram sobre hos desvayros de Castella, em fim dos quaaes ha Rainha lhe pedio, que se lembrasse del Rey seu neto, e de seus Regnos, e que lhos ajudasse ha conservar, e defender polas grandes necessidades, que desso tinham.

Aho que El Rey respondeo: *Que lhe agradecia muito taal confiança, e quando suas forças, poder, e saber pera esso lhe comprissem, que nunca com tudo lhe faleceria, como pelas obras poderia ver.* E com esto concordado

cordado ha Rainha, e El Rey D. Diniz se tornaram pera Portugal, e sobre esto passado logo da y ha pouquos dias hos dictos Infantes D. Pedro, e D. Johaõ tutores, e juntamente com grande poder entraraõ na Veyga de Grada, pera fazerem guerra a hos Mouros, onde seendo elles perseguidos ambos da fronta, e de mayo, e seem seer feridos morreram em huia soo hora, ha saber ho Infante D. Pedro, e logo ho Infante D. Johaõ, como atraaz brevemente jaa dice, e na Coronica de Castella mais compridamente se contem da quaal morte dos Infantes como El Rey D. Diniz foy sabedor, mostrou receber por esto sentimento, porque eram boons Principes, e com elle muito conjuntos em sangue, e logo enviou seus Embaxadores ha El Rey, e aa Rainha de Castella, ha notifiqualhe, que da morte dos Infantes, lhe pezava muito porque eram boons Cavalleyros, e aviam com elle tam grande divido, e que pois era chegado ho tempo em que lhe compria sua ajuda, e favor, que lhe tinha ofrecido, lhes pedia que lhe fizessem sabeer ho que delle lhes compria, e que fossem certos, que elle em pessoa, e com ajuda, e poder de seus Regnos, contra todos hos iria ajudar, e El Rey, e ha Rainha lhe responderaõ, que taal lembrança com taal vontade, e ofrecimento lhe gradeciaõ singularmente, que eraõ sinaaes com que ho cazo parecia, que lhes tinha grande amor, e que

quando lhes comprisse ho enviariam requerer. E pera mais favor das couzas del Rey D. Fernando, El Rey D. Diniz notifiqualho Papa ho estado perigozo em que has couzas de Castella pela morte dos Infantes estavam, pedindo ha Sua Santidade, que ho favorecesse certifiqualdhe como effo ha vontade com que estava pera em tudo ho ajudar, e defender, e ho Papa lhe respondeo, dandolhe muitas graças, e louvores por sua boonda, e manificencia por querer com tam boom dezejo encarregar se da defenstaõ, e emparo dos Regnos de seu neto.

CAPITULO XXVII.

Como ho Infante D. Affonso se aparelhou pera pelear com ho Infante D. Felipe, que contrariava ho ajecego de Castella, e como ho Infante D. Felipe se foy.

POr morte destes Infantes, e tutores, que dice El Rey D. Affonso, ficou inda em poder da Rainha Dona Maria sua avoo, pelo quaal D. Johaõ, que diceram ho Torto, filho do Infante D. Johaõ, que morreo na Veyga de Grada, e assi D. Johaõ Manuel filho do Infante D. Manuel, e ho Infante D. Felipe tio del Rey, filho da Rainha Dona Maria, todos tres tambem contenderaõ pera seer tutores del Rey
com

com ha Rainha, sobre que outro sy ouve grandes dilcordias, debates, e partiçoens de que por seus delvayros, ha que se nom achava rezoadado meyo, que elles quizessem se seguiram outros muitos maalles, e danos ha Castella, porque cada huũ sojugava, e mandava auolutamente ha parte do Regno, que podia antre hos quaaes era ho Ifante D. Felipe, que seem outorga del Rey, e do Regno, e por sua soo vontade, e cobiça procurava sojugar, e mandar sua parte do Regno, assi como fizera aa Cidade de Badalhouse, que tinha cerquada, com que sua teerra estragava de todo.

E estando El Rey D. Diniz em Santarem, El Rey D. Affonso seu neto lhe enviou pedir q̄ por quanto elle estava em Valhadolid donde ainda nom podia lahir; nem remediar por sy ho maal, e danos, que ho Ifante D. Felipe fazia, que lhe rogava muy afiquadamente, que se lembrasse da ajuda, e defença que muytas vezes lhe prometera, e que em comprimento della mandasse dizer aho Ifante D. Felipe, que cessasse, e se apartasse daquella teerra, e dos maalles que nella fazia. E quando por respeyto del Rey D. Diniz ho nom quizesse fazer, que entam ho fizesse por aquella Cidade, e por seus vizinhos, como em semelhante cazo elle faria por outros seus naturaes, que taal padecessem.

Aho quaal El Rey D. Diniz respondeo, que muy degrado ho faria

como elle por obra logo veria, pelo quaal escreveo com trigança aho Ifante D. Affonso seu filho, ha que quiz dar este cargo por moor autoridade, que elle mandasse, como mandou dizer aho Ifante D. Felipe, que por muitas cauzas, que lhe apontou, nom fizesse dano, nem maal ahos da Cidade de Badalhouse, e se alevantasse de sobre ella, e que se ho fizesse, que lho agradeceria muito, e quando nom quizesse que elle em pessoa lho defenderia, e porque ho Ifante D. Felipe respondeo aho Ifante, mais duro q̄ temperado, El Rey D. Diniz, que desta reposta foy avizado ouve della, e do Ifante D. Felipe grande desprazer, e mãdou logo ha todos seus vassallos, que com suas gentes, e armas se fossem pera ho Ifante seu filho, aho quaal se ajuntou grãde poder, cõ ho quaal moveo pera Badalhouse, e ho Ifante D. Felipe sabendo de tua yda, e do poder que levava, alevantouse forçado, e foy pera Sevilha, e ho Ifante D. Affonso chegou ha Elvas onde vio alguũas duvidas, que antre hos da Villa, e Badalhouse sobre seus termos, e tomaidias avia, e depois de hos concordar, se tornou pera Santarem onde era El Rey, e da y le foy pera Coimbra onde tinha sua molher, e asento de sua caza.

CAPITULO XXVIII.

*Como ho Ifante D. Affonso re-
quereo ha ElRey D. Diniz
seu padre, que fizesse Cor-
tes aas quaaes depois
nom quis vir.*

AVendo jaa huū anno, e sete mezes, que ha concordia antre ElRey, e ho Ifante era feyta por alguūas cauzas, e razoens, que alegou da mingua de Justiça, e outros defeytos, que dizia aver no Regno, lhe pedio, que pera remedio de tudo fizesse, e quizesse fazer Cortes, has quaaes ElRey por nom aver dellas tanta necessidade quizer a escuzar, em fim por satisfazer aho Ifante, e assi pera notificar ahos fidalgos, e poovos hos aggravos, e nojos, que do Ifante depois de suas avenças recebera, prouve-lhe fazelas em Lixboa pera onde chamou seus poovos, como em taal cazo hee costume, onde tambem foy ho Ifante, e ho dia em que se ouve de fazer ha fala pubriqua, e proposiçaõ costumada, ElRey mādou dizer aho Ifante, que viesse aas Cortes pera nellas estar comoha elle em taal auto convinha, e ho Ifante se escuzou fazelo, e de tantas delongas, e seem razoens uzou aacerqua desso, q̄ ElRey ouve por beem cometelas seem elle, e porq̄ ElRey vio que ho Ifante em todo se desviava do que lhe tinha jurado, e

prometido porque ho Conde D. Pedro seu filho, era pessoa de grāde credito aacerqua do Ifante, e tinha grande caza lhe dice: *Que se lembrasse da menagem, e juramento, que em Pombal fizera, e que hos nom quebrasse, nem fosse por alguū resfeyto contra seu servico.* E esto lhe dice por alguū alevantamentos, que no Ifante jaa sentia. E ho Conde lhe respondeo: *Senhor, eu sey beem ho que sobreisso devo fazer, e de my se dee seguro, que nunca vos venha nojo, nem desprazer, nem deserviço, porque beem conheço, que nom aapessoa neste mundo ha que tam obrigado seja como ha voos.* E sobresta segurança dice, que com sua licença se queria yr ha Santarem com ho Ifante, e que na jornada ho nom deslerviria, e que logo se tornaria pera elle, e assi ho fez.

CAPITULO XXIX.

Como ho Ifante sobre huūa vinda, que contra vontade delRey quizer a fazer ha Lixboa, foram perto de pelejar, e porque ho leyxaram de fazer.

PAssadas estas couzas, e has Cortes acabadas estando ainda ElRey D. Diniz em Lixboa foy certificado, que ho Ifante seu filho de Santarem onde estava queria y vir, e porque soube que nom vinha com sam propozito lhe mandou rogar,

rogar, e encomendar por sua bençãam, e sobpena de maldiçãam de Deos, e da sua, que por aquella vez escuzasse sua yda, e ho nom quizesse nesse anotar, pois sabia que taal yda ha elle nom relevava, e podia cauzar muito maal, e ho Ifante lhe enviou dizer, que nom sabia razaõ porque lhe pezasse sendo seu filho, q̄ viesse ha Lixboa, onde elle estava pera ho ver, e servir, e que por esso nom avia de leyxar dyr. E desta determinaçãam que ho Ifante tomou, pezon muito ha ElRey, e foy por esso contra elle acezo em grande sanha, e sabeendo que ho Ifante toda via profegua seu caminho, e q̄ era jaa no Lumiar, sayo contra elle com suas gentes armadas, e em saindo lhe mandou dizer, que logo se tornasse por beem, e quando nom que ho faria tornar por maal, e com seu pezar. E ho Ifante ho nom quiz fazer, antes abalou, e se poz junto com ElRey procurando todavia contra sua vontade entrar em Lixboa, e hos delRey concertandose por seu man lãdo pera lhe defender ha entrada, foram de huã parte, e da outra postas, e ordenadas suas azes pera batalha, e nellas alevantadas huãas mesmas bandeyras das Quinas contrayras, e pera esso jaa toquadas trombetas, e anafins, que traziam em se começando alguãa rotura antre hos homens bayxos, alguãas dambalas partes se diz, que morreram de pedras, e dardos, que se arremessavaõ.

E com esta triste nova, que aa

Rainha chegou, ella por escuzar com sua sancta pessaõ outra mayor rotura antre ho pay, e ho filho, com grande pezar cavalgou em huãa mula, e passando por meyo das azes seem alguãa pessaõ yr diante, nem ha levar pela redea, nem tam pouco esperar pela companhia, que ha ella por sua Reaal pessaõ se devia, e seem medo dos muitos perigos ha que se oferecia, chegou logo aho Ifante seu filho, ha que estranhou ho cazo muito de taal vinda pois era contra vontade delRey seu padre, acuzando-o pela quebra da menagem que dera, e dos grandes juramentos q̄ em Pombal ha Deos fizera, rogandolhe que se tornasse, e nom anojasse ha ElRey em tantas couzas, e aho menos ho fizesse por seu amor della que por elle, e por seu rogo tinha feytos hos juramentos, e prometimentos, que sabia, hos quaaes por polta ha consciencia, e honestidade hos via por elle de todo quebrados, e sobre esto tornou logo ha ElRey cuja ira poz em taal temperança com que outra vez tratou avença antre elles.

Donde se diz, que ho Ifante jaã sobre concordia com soo seis de cavallo veo falar ha ElRey, e pedir-lhe perdãam, dizendo, que lhe obedeceria em todo, como ha ElRey seu padre, e seu Senhor, e q̄ ElRey lhe respondera, que ha elle nom agradecia sua taal obediencia, mas aaquelles seus boons, e naturaes vassallos que com elle estavam, dizendolhe que se partisse se quizesse,

se, e seria beem âconcelhado fazello, e que onde quer que fosse se mais lhe dezobedeceffe laa ho iria tomar pela garganta. E com esto ho mandou yr ha Santarem, e ElRey se tornou ha Lixboa.

CAPITULO XXX.

Como has gentes delRey, e do Ifante pelejaram sobresto em Santarem, e do que se fez.

PAssados alguũs dias depois deste alvorço, ElRey se foy de Lixboa pera Santarem, e entrando no termo da Villa foy avizado no caminho, que hos moradores della por mandado do Ifante que y era, estavam pera ho nom acolher na Villa, mas ElRey com quanto avia entam grandes chuvas nom leyxou por effo de continuar seu caminho, e foy pouzar ha hũas cazas, que foram de Rodrigo Affonso Redondo, e hos seus se agazalharam em muy estreyto lugar que hos do Ifante lhe leyxaram, e sobre comer por razoens, que hos do Ifante ouveram com hos delRey, se levantou huũ grande, e perigoso aroido ha que ElRey, e ho Ifante acodiram em pessõas cada huũ ha seu bando apartado, e porẽm depois de alguũs mortos, e feridos dambalas partes foy procurada, e posta tregoa sobre ha tarde antre ElRey, e ho Ifante, e hos seus, e porque hos

Cavalleyros, e nobres homens que se acharaõ nestas roturas, e pelejas, vendo ho grãde dano, q̃ dellas seem cauza se leguia, pediram ha ElRey por mercee, que por muitas cazas, e razões muy urgentes, que lhe alegaram lhes desse licença pera entenderem finalmente em sua concordia com ho Ifante.

Aho que ElRey respondeo muy aspero: nom querendo que sobre tantas paazes, e tantas concordias firmadas, e menagens taõ seem cauza quebradas se fizessem mais outras com tanta quebra, e desprezo, mas que queria castigar ho Ifante como merecia, e como faria ha huũ seu imigo mortal. E porẽm tanto aprofiam aquelles Senhores com ElRey, e assi terçaram Affonso Sanches, e ho Conde D. Pedro seus filhos, que ElRey aprouve estar ha todo boom remedio, e aseceguo que antre elles se desse, polo quaal se diz, que hos Cavalleyros, e Escudeyros que ElRey consigo aly tinha, eram por todos quorenta, e hos do Ifante trezentos e vinte, e huns destes se ajuntaraõ aho Moestyro de S. Domingos das Donas, e hos outros em Sancta Maria de Marvilla, e estes escolheram vinte e coatro pessõas, homens de beem, e de consciencia, e de booa inclinacãm, ha saber, doze por parte delRey, e doze por parte do Ifante, que logo foram nomeados, hos quaaes determinassem, e computassem todolos debates, e contendas, que entam avia antre ElRey,

M

e ho

e ho Ifante , e que sua determinação , e composição fosse inteiramente guardada, e comprida, e fosse por maneyra feyta , que della nom se seguissem mais desvayros, seguūdo se logo apontaram, e nomearam outras pessoas , que tudo dentro de sessenta dias tornassem logo ha concordar em toda sua prosperidade , e quaalquer dos del-Rey, e do Ifante que contrayro fosse, que pelo mesmo feyto caysse em cazo de treyçam, e nom se de livrar se nom poendo seu corpo ha quatro Cavalleyros , que lho quizessem combater, e nom ho fazendo , que ficasse encartado , e quaalquer do povo ho podesse matar sem pena.

E aly pedio ho Ifante ha ElRey, por grande mercee, que tirasse ha Affonso Sanches seu filho , ha teerra , e has quantias dos maravedis, que delle tinha , e assi ho officio de seu Mordomo , e ha Mem Rodrigues de Vasconcellos ho Meyrinhado moor. Ha que ElRey respondeo: *Que lhe parecia couza muito contra razão, e sem justiça dar ha estes pena seẽ culpa , e fazerlhes maal tendolhe beem mercee merecida, e que fazendolho nom sabia , que conta daria deffo ha Deos, e abo mundo, abo que por sua Reaal dinidade era obrigado, e porém por comprir, e assegurar ha vontade do Ifante seu filho prouvelhe outorgar todo o que quiz , e lhe pedio.*

E desta vez se partio Affonso Sanches pera Albuquerque cujo era , e ficou vassallo delRey de

Castella. E assi foram de huũa parte, e da outra perdoados nesta concordia todos aquelles que serviram, e seguiram quaalquer partido, e assi que se fizesse entrega das couzas , que nas pelejas foram tomadas. E concordaram mais, que se ho Ifante D. Pedro filho do dicto Ifante D. Affonso, que jaa era nacido viesse em taal idade, que saindo do mandado de seu padre. quizesse vir contra ElRey D. Diniz seu avoo, que ho Ifante seu padre sempre fosse contra elle com ElRey seu padre, e sem elle. E assi concordaram, que fosse dado mais certa contia de dinheyro aho dicto Ifante D. Affonso , e que nunca mais lhe podesse pedir , nem ElRey dar , e que pera segurança de todo se pozessem de cada parte dous Castellos , dos quaaes ho Ifante polla sua poz ho Castello de Gaya, e ho Castello da Feyra, e ElRey ho Castello de Celorico da Beyra , e ho de Faria.

E foram affinados quatro Juizes logo nomeados pera determinação, sem revogação de todas duvidas e debates que antre ElRey , e ho Ifante ouvesse, hos quaaes nom podessem estar , nem estivessem nos Lugares onde taes Juizes se ouvessem de fazer , e que ha parte desobediente, e danificada hos Castellos da outra revel fossem logo entregues , e que ha parte desobediente pagasse mais duzentas livras de pena has quaaes repartissem hos Juizes , e Fidalgos do Regno antre sy, e q̄ hos Fidalgos, e nobres do Reg-

1324. Regno sobpena de treyçaõ hos fizessẽ pagar inteiramente ha quaalquer, que esta concordia quebrantasse, e com ha dicta pena logo elles se viessem, e servissem ha El Rey, ou aho Ifante quaalquer destes, que aas determinaçoens dos Juizes fosse obediente, e estas concordias, e convenças foram feytas em Santarem ha vinte e finquo de Feveryro do anno de mil trezentos e vinte e quatro, huũ anno antes da morte del Rey, que se tornou ha Lixboa, e ho Ifante ha Coimbra.

CAPITULO XXXI.

Da morte del Rey D. Diniz.

DEpois destas concordias acabadas, El Rey D. Diniz se foy ha Lixboa como dice, e da y ha huũ anno se partio da dicta Cidade, e le tornou pera Santarem, e indo aacerqua do Lugar, que se diz Villa nova adoeceo de infirmitade, que consigo traaz todalas dores, e accidentes mortaaes de que se sentio mais maal tratado, e ho Ifante seu filho, que era em Leyria avizado desso por ha Rainha Dona Isabel sua mãy, que era com El Rey ho veo logo vizitar, e concordaraõ de ho levarem ha Santarem em andas, e em colos de homens, e ha y jouve doente por alguũ tẽpo seem alguũ melhoramento, na quaal ha Rainha sempre foy presente, e nas couzas de sua cura, e remedios era mais deligente, e humildoza que

quaalquer outra simpres molher, que em semelhantes necessidades nom teem quem has escuze, e vendo ella que has afiquadãs dores, e payxoens da doença del Rey eram continuas, e pareciam mortaaes, duvidando da vida del Rey estando em sua Camara, e presente alguũs, que y eram, dice ha todos nesta maneyra.

Porque eu tenho grande esperança em Jesu Christo meu Senhor, e nom menos confiança na Gloriosa Virgem sua Madre, e assi singular devaçam na Ordem, e Abito de Sancta Clara, assi como sempre ha tiveram aquelles de que descendo, sempre puz em minha vontade, que falecendo primeyro El Rey meu Senhor, e marido, eu acabar ha vida no dicto Abito, e por esso ho tenho feyto, e aa muitos dias q̃ comigo ho trago, e em minha arquã, por taal q̃ se por ventura acontecesse del Rey meu Senhor, primeyro que eu falecer, ho que Deos nom queyra, eu vestisse logo ho dicto Abito por lembrança de minha tristeza, e por final de tamanha mudança destado, que eu mais nom devo teer, nem por fazer no dicto Abito profissam, nem obedecer ha alguũa Ordem que nom hee minha tençam fazello. Especiaalmente porque eu por minha idade, e grandes infirmitades nom poderia suportar hos grandes encargos, e trabalhos da Religiam, mas posto que eu este Abito vista, e traga, por esso nom leyxarey minha Casa, nem has Donas, e Donzelas, que comigo vivem, mas prazendo ha Deos,

M ij espero

espero trazer estas , e tomar outras como filhas , e irmaãs , e cazallas , e aviallas com ho que eu poder de meus beens , e fazenda , porque como dice , eu proponho nom fazer profissaõ nesta Ordem , nem em outra alguia , nem tenho em alguia feyto voto publico solene , nem secreto , e esto digo porque em caso , que no meu corpo vista ho dicto Abito , que minha alma fique livre pera de minha fazenda seem alguia outro cargo , nem obrigacãm de Relligiam poder despoer livremente todo ho que por beem tiver , e assi ho tenho dicto , e decrarado muitas vezes aho Ifante D. Affonso meu filho , e ha Frey Johaõ meu Confessor .

E com esto sendo ha doenca del Rey cada vez mais perigoza , e mortal , teendo muy craro conhecimento , que hos dias de sua vida se acabavam , elle como Princepe virtuozo , prudente , e muy catolico , proveo seu testamento , que tinha feyto cõ grande devaçam , e muito temor de Deos , e ho confirmou , no quaal mandou , que ho seu corpo se enterrasse no seu Moesteyro de S. Diniz Dodivellas da Ordem de Cistel , ou de S. Bernardo , que elle de novo fundou , e dotou , no quaal entam avia oytenta Freyras de Cogula com voto de ençarramento , que nom teem has dos outros Moesteyros desta Ordem , e em que jaa tinha feyta sua sepultura , e de sua fazenda , apartou no dicto testamento pera loos descargos de sua alma , trezentas e sinquoenta livras , que

taxadas pelo preço dagora ha razam da valia da prata , e ouro , que daquelle tempo tinham ho valor , e preço , que agora teem hos ducados , e cruzados douro , como muitas vezes jaa dice , e esta soma mandou q logo se tirasse da torre do tezouro de Lixboa , que agora hee do Tombo em que tinha grandes tezouros , e se entregassem ha seus testamenteyros , de que ho principaal foy ha Rainha Dona Isabel sua mulher , e ha estes mandou , que tivessem este dinheyro de sua maõ no tezouro da See da dicta Cidade , de que cada huõ tivesse sua chave pera nom aver embargo , nem estorvo quando delle quizefsem despende , e comprir hos legados , e couzas , que ordenava , e leyxou ha sua Capella toda aho dicto Moesteyro Dodivellas .

E toda outra sua fazenda , e bayxellas douro , e prata , joyas , e colares , pedrarias , e panos aho Ifante D. Affonso seu filho erdeyro , e destes cento e corenta mil cruzados ordenou muitas , e grandes esmolas repartidas por todos Moesteyros , e Espritaes , e Cazas piedozas do Regno , e assi certa soma pera cazamentos de noças orfaãs , e pera criaçam de meninos engeytados , e tambem dellas ordenou , que huõ Cavalleyro de booa vida , e vergonhosa estivesse em Jerusalem , e servisse por elle na guerra contra hos infieis dous annos , e pera esto ordenou tres mil livras , que eraõ mil e duzentos cruzados , e quando se

nom achasse taal Cavalleyro, ou nom ouvesse despoliçam pera yr ha Ultra-maar, que este dinheyro se convertesse em vestir pobres, e envergonhados, e outro ly ordenou, que outro boom homem de booa vida, fosse estar em Roma duas quarentenas, e que por elle andasse todalas Estaçoens em que ganham has Indulgencias plenarias, e ha este ordenou mil livras, e depois delto confeçando seus peccados com grande contriçaõ, e arrependimento delles, recebendo ho Corpo de N. Senhor, e todolos outros Sacramentos como Rey muy Catolico, e fiel Christaão acabou ha vida dãdo sua alma ha Deos em Santarem, ha sete dias de Janeyro do anno de mil trezentos e vinte sinquo, em idade de sessenta, e quatro annos, dos quaaes Regnou quorenta e seis.

E ha Rainha que era presente se apartou logo em huãa Camara, e das maãos de huãas Freyras seculares, que consigo trazia recebeo logo, e vestio ho Abito de Sancta Clara, que trazia feyto, como jaa dice, e sendo nelle vestida ante de se fazer do corpo delRey alguãa mudança, ella presente muitas que ha ouviam, dice estas palavras: *Pois Deos por seu grande poder, e profundo fuizo ouve por beem, que ha morte delRey meu Senhor, e marido ante passasse ha minha, e seem sua vida eu fiquo, e sam tanto como morta, e de razam eu jaa morri com elle, e por esso eu quis logo mudar hos vestidos, e trajos que vedes, que sam este Abi-*

to pardo cingido com esta corda, e este veeo branquo, que ponho sobre minha cabeça porque ha vida, que seem elle viver seja com doo, e tristeza pera sempre, e esto nom faço por seer Freyra, nem teer feyto alguã voto, e obrigaçam de Religiam como teenho dicto, mas por minha humildade, porque nelle sirva ha Deos, nas couzas em que ha sua graça me ajudar.

E com esto acabado ho corpo delRey ficou concertado, como devia, e com muitas tochas acezas, e acompanhado da mesma Rainha, e do Ifante D. Affonso seu filho, e do Conde D. Pedro, e D. Johaõ Affonso, e doutros Prelados, e ricos, e nobres homens do Regno, que aly eram juntos, e assi de muitos Clerigos, e Religiozos que com elle yaõ rezando, e encomendando sua alma ha Deos, foy levado aho dicto seu Moesteyro de S. Diniz Dodivellas, onde nom seem grandes prantos, e lamentaçoens foy metido em sua ordenada sepultura, e depois de seu enterramento, ficou y ha Rainha por alguã tempo comprindo seus legados, e fazendo outras muitas esmolaz, devaçoens, e orações, por beneficio, e descargo de sua alma. E da vida que depois esta Rainha, e como acabou, e quantos milagres fez Deos por seus rogos, e merecimētos, e onde jaas, direy na Coronica delRey D. Affonso seu filho, em cujo tempo, e Regnado ella depois faleceo, que foy onze annos depois da morte delRey D. Diniz, como se diraa.

CAPITULO XXXII.

*Das obras, e couzas notaveis,
que El Rey D. Diniz fez
em sua vida.*

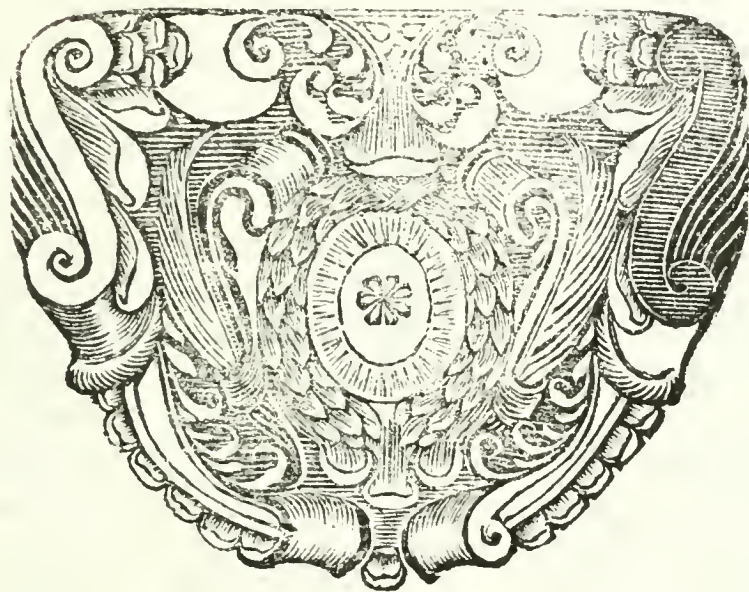
HAs obras, e feyçoens, e couzas notaveis que este muy excellente Rey D. Diniz fez em toda sua vida aalem das que nesta Coronica tenho escritas, em cazo que por desvayrados tempos has fizesse, e mandasse fazer, porque da certidam dos annos, e tempos em que semelhantes obras se fizeram, esta Estoria que delle escrevo, nem hos que ha lerem nom teem alguãa final necessidade, e assi juntas se comprehendem, e entendem melhor, por tanto has reservey pera este derradeyro capitulo, e has mais principaes laõ estas, primeyramente elle fez muitas Lex, e Ordenaçoens em seu tempo, e deu boons foraaes ha muitos Lugares de seus Regnos, fez ho Estudo de Coimbra, que foy ho primeyro de Portugal, e fez ho primeyro Mestre de San-Tiago izento de Castella, e ordenou primeyramente ha Ordem de Christo, e fez nella ho primeyro Mestre, como jaa dice. Este Rey em seu tempo fez quazi de novo todalas Villas, e Castellos de riba Dodiana, ha saber: Serpa, Moura, Olivença, Campo mayor, Ouguella, cujos alcaceres, e Castellos fez de fundamento com muitas despezas,

e assi fez na dicta Comarqua dantre Tejo, e Odiana hos Castellos de Monforte, e Darronches, Portalegre, e Marvam, Alegrete, Castello Davide, Borba, Villa Viçca, Arrayolos, Evora monte, Veyros, e ho Alandroal, Monçaraas, e Nouadar, e acrescentou ho Castello de Jurumenha, e fez ho Redondo, e ho Assumar, e fez ha Torre, e Alcacer de Beja, e na Comarqua da Beyra, e riba de Coa, fez de novo estes Castellos, ha saber, Avoo, que agora hee do Bispo de Coimbra, ho Sabugal, Alfayates, Castel Rodrigo, Villar mayor, Castel boom Almeyda, Castel melhor, Castel mendo, Sam Felizes dos Galegos, que tem agora Castella, e nom fez ho Castello de Monforte de riba de Coa, que tambeem lhe foy dado por estar em maa despoziçam da teerra, e sua força pera defençaõ do Regno, nom leer muito necessaria, fez mais Pinhel, e seu Castello, e nas Comarquas dantre Douro, e Minho, e Tralos montes fez estas Villas; e Fortalezas, ha saber, cerquou Guimaraães da cerqua, que agora teem, e Braga, e Miranda de Douro, e seu Castello, e Monçam, e Crasto Laboreyro, e povoou de novo, e fez hos Castellos de Vinhaes, e Villa frol, Alfandega, Mirandella, Freyxo Despada Cinta, Villa nova de Cerveyra, e fez de novo, e do primeyro fundamento Villa Real, que fazem numero de corenta, e coatro Villas, Castellos, e Fortalezas do Regno, de que alguãas

guãas fez novamente, e outras reformou, e fez de novo hos Castellos, e assi fez outras muitas povoaçoens, assi como Muja, Salvateerra, Atalaya, Ceyceyra, Montargil, e outras semilhantes, e fez ha rua nova de Lixboa, e assi ho Moesteyro de Sam Diniz Dodivellas em que jaas, ho quaal logo ha pouquos an-

nos, que Regnou mandou começar, e em sua vida se acabou em dês annos, e foy logo dado aas molheres Monjas, pera que foy ordenado, porque ho Moesteyro de Sancta Clara de Coimbra fez, e dotou ha Rainha Dona Isabel sua molher, e nelle jaas, como aho diante direy.

DEO GRATIAS.



The first part of the report
 deals with the general
 conditions of the country
 and the progress of the
 work during the year.
 It is followed by a
 detailed account of the
 various expeditions
 and the results obtained.
 The report concludes
 with a summary of the
 work done and a
 list of the names of the
 members of the party.

REPORT OF THE





INDEX

DAS COUZAS NOTAVEIS.

O numero denota a pagina.

A

El Rey D. Affonso III. **D**E Portugal, em que dia, e anno falleceo. p. 1. Fez doação das Villas de Portalegre, e Marvão, e dos Castellos da Vide, e Arronches a seu filho o Infante D. Affonso. pag. 16.

D. Affonso, Chamado o Casto filho de D. Pedro Undecimo Rey de Aragoão, não cazou mas morreo Religiozo Franciscano. p. 7.

D. Affonso, Rey de Castella, Avo del Rey D. Diniz de Portugal, fez doação a sua filha a Rainha Dona Beatriz, mãy do dito Rey D. Diniz, das Villas de Niebla, Serpa, Moura, e Mourão. pag. 13

Principe D. Affonso. Filho herdeiro del Rey D. Diniz em que anno, e lugar naceo. pag. 14. Tendo sete annos, lhe nomeou seu

pay officiaes para a sua caza. pag. 35. Em que parte se recebeo cõ a Infante Dona Beatriz. pag. 35.

Discordias, que teve injustas cõ seu pay. pag. 61. e 62. Parte para Castella contra vontade de seu pay. pag. 63. Intenta matar a seu irmaõ Affonso Sanches, e quanto machinou para este fim. pag. 64. Continua em machinar novas falsidades contra seu irmaõ. pag. 70. He avizado pelo Papa Joaõ XXII. a que dezista do odio contra seu irmaõ, e não cessa de o perleguir. pag. 73. Intenta batalhar com seu pay, mas deziste deste intento. pag. 74.

Toma os Castellos de Coimbra, Montemor, e Feira, e a Cidade do Porto. pag. 77. Faz levantar o sitio que tinha posto a Badajos o Infante D. Felipe. pag. 86.

Infante D. Affonso, Filho del Rey D. Affonso III. de Portugal, ca-

zou cõ Dona Violante, filha do Infante D. Manoel, filho del Rey D. Fernando II. de Castella, e da Infante Dona Constança. pag. 16. Que filhos teve deste matrimonio. pag. 16. Deulhe seu pay as Villas de Portalegre, e Marvaõ, e os Castelllos da Vide, e Arronches. ibi. Diferenças que teve com seu irmaõ El Rey D. Diniz. ibi. Fez guerra a seu irmaõ, e mata a D. Lopo Conde, e senhor de Biscaya, e a D. Diogo Lopes de Campos. pag. 17. Cede das contendias, que tinha com seu irmaõ por intervenção de sua cunhada Santa Isabel, pag. 18. Em que anno falleceo, e onde está enterrado. ibi.

Infante D. Affonso, Filho do Infante D. Affonso, e Dona Constança filha de D. Jaymes primeiro Rey de Aragaõ, e neto del Rey D. Affonso III. de Portugal, foy senhor de Leiria, e falleceo sem filhos. pag. 16.

Affonso Pires de Gusmaõ, Acompanhado de muitos Capitaens entra em Portugal onde obra algũas hostilidades, e prizonou novecentos homens. pag. 26.

D. Affonso Sanches, Chamado de Albuquerque, foy filho natural del Rey D. Diniz. pag. 14. Seu filho D. Joaõ Affonso de Albuquerque cazou cõ Dona Isabel, filha de D. Tello, e Dona Maria neta del Rey D. Affonso III. de Portugal. pag. 16. He notavelmente aborrecido por seu irmaõ

o Principe D. Affonso. pag. 64. e 70.

Arronches, O seu Castello, foy doado por El Rey D. Affonso III. de Portugal a seu filho o Infante D. Affonso. pag. 16. He cercado por El Rey D. Diniz. pag. 18.

B

Dona Beatriz, **M**ãe del Rey D. Diniz, foy senhora das Villas de Niebla, Serpa, Moura, e Mouraõ por doação que dellas lhe fez seu pay D. Affonso Rey de Castella. pag. 13

Benedicto XI. Manda Nuncio para pacificar a El Rey D. Fernando de Castella com El Rey D. Jayme de Aragaõ, e o Infante D. Affonso de Lacerda. pag. 38. Infina a El Rey D. Diniz, que seja medianoiro nestas pazes. pag. 37.

Dona Branca, Filha de Pedre Annes de Portel, cazou com D. Pedro filho natural del Rey D. Diniz. pag. 14.

C

Carlos, **I** rmaõ de S. Luis Rey de França, recebe a investidura dos Reynos de Secilia, e Napoles do Papa Urbano IV. e vence na batalha de Benavente a Manfreu Rey de ambas as Sicilias, na qual morreo. pag. 6. Cerca a Cidade de Messina, e levanta

vanta o sitio. pag.7. Queixa-se ao Papa Martinho IV. da violencia com que o queria despojar de Secilia ElRey D. Pedro de Aragaõ. ibi. Dezafia a este Rey para Bordesos. pag.8. Morre em Messina. ibi.

Celestino V. Confirma o privilegio concedido por seu Antecessor Niculao IV. de que se elegesse Mestre da Ordem de San. Tiago em Portugal independente do de Castella. pag.48

Clemente V. Como foy eleito, e das promessas, que fez a ElRey Felipe de França chamado o Fermoço. pag. 52.

Rainha Dona Constança, Filha de Manfreu Rey de ambas Secilias, mulher delRey D. Pedro de Aragaõ, e mãy da Infante Dona Isabel, que cazou com ElRey D. Diniz de Portugal. pag.3.

Dona Constança, Filha de D. Jaymes Duçimo Rey de Aragaõ, e a Rainha Dona Violante, cazou cõ o Infante de Castella D. Manoel, Avo da Infante Dona Constança mulher, que foy delRey D. Pedro I. de Portugal. pag. 5.

Dona Constança, Filha delRey D. Diniz de Portugal, e a Rainha Santa Isabel, cazou com D Fernando III. de Castella. pag.14.

Dona Constança, Filha dos Infantes D. Affonso, e Dona Violante, foy cazada com Nuno Gonçalves de Lara de quem não teve geração. pag. 16.

D

ElRey D. Diniz, **E**M que tempo foy aclamado Rey, e que idade tinha. pag. 1. Virtudes, e acções heroicas, que praticou. pag.1. e 2. Hospedou magnificamente no seu Reyno a pessoas muito grandes de Castella. pag. 2. Prendeo a João Nunes de Lara, senhor de Biscaya, e o soltou fazendolhe grandes merces. pag.3. Caza com a Infãte Dona Isabel, filha delRey D. Pedro IV. de Aragaõ, e que idade tinha quando se recebeo. pag. 4. Celebraõse estes despozorios em Trancoço. pag.10. Filhos legitimos, e naturaes que teve. pag. 14. Diferenças, que teve cõ seu irmão o Infante D. Affonso. pag.16. Avista-se com ElRey D. Sancho de Castella, e ajusta com elle os cazamentos de seus filhos D. Affonso, e Dona Constança. pag. 17. Ordena a seu irmão D. Affonso, que se não faça hostilidade algũa contra D. Sancho de Castella, e lhe não obedece. ibi. Manda cercar Arronches, Mouraõ, e Portalegre, onde estava seu irmão. pag. 18. Por intervençaõ de sua Esposa Santa Isabel se pacifica cõ seu irmão, e este lhe entrega as Villas, e Castellos, que tinha em seu poder. ibi. Manda Embaxadores a ElRey de Castella D.

N ij Sancho

Sancho porque lhe largue os Lugares, que lhe tem usurpado. pag. 20. Por morte de D. Sancho manda novos Embayxadores a seu filho D. Fernando, e do que lhe disserão os Embayxadores, e de como se concertaraõ estes Princepes. pag. 23. Prepara-se com exercito para vingar a incõstancia das promessas del Rey de Castella. pag. 24. Recebe por seu vassallo a D. Sancho de Ledesma, filho dos Infantes D. Pedro, e Dona Margarida, e lhe assima copioza renda. ibi. Entra por Castella com exercito, onde faz muitas hostilidades. pag. 25. Toma o Castello de Medina. ibi. He sollicitado por El Rey de Castella a q̄ celebre cõ elle pazes, e assim o executa. pag. 28. Avista-se em Alcanizes com El Rey de Castella para ajustar as pazes, e os cazamentos mutuõs de seus filhos, e de q̄ modo se celebrou este acto. pag. 28. e 29. Parte de Alcanizes donde traz em sua companhia a Dona Beatriz, filha del Rey D. Fernando de Castella, para molher de seu filho D. Affonso. pag. 35. Das pessoas q̄ nomeou para officiaes da Caza que fez ao Principe seu filho. pag. 35. Escrevelhe o Papa Benedicto XI. para que seja mediameiro entre as discordias del Rey de Castella, e o de Aragaõ. pag. 39. Parte a Castella acompanhado da Rainha Santa Isabel, e muitos Cavalheiros a compor

as discordias, que havia entre os Reys de Castella, e Aragaõ. pag. 40. Passa a Granada com Santa Isabel, onde he recebido magnificamẽte por El Rey D. Jaymes, e a Rainha Dona Maria pag. 41. He arbitro em Tarragona entre as contendias que havia entre D. Fernando de Castella, e D. Jaymes de Aragaõ sobre o Reyno de Murcia, e como os compoz. ibi. Voltando de Tarragona he recebido por El Rey de Castella, e a Rainha Dona Maria, onde deu preciosas joyas a D. Affonso de Lacerda. pag. 43. Firma pazes com os Reys de Castella, e Aragaõ. pag. 43. Naõ aceyta dês mil dobras de ouro a El Rey D. Jaymes de Aragaõ que lhe tinha emprestado. pag. 43. e 44. Dá muitas, e preciosas joyas à Rainha Dona Branca, mulher del Rey de Aragaõ, e aos Senhores daquela Corte. pag. 44. A meza de prata em que comia mandou dar a hum Fidalgo que por esquecimẽto naõ tinha sido premiado como os outros. pag. 44. Que idade tinha, e em que anno fez esta jornada a Castella. ibi. Manda Martim Gonçalves de Souza seu Alferes mór com setecentos Cavallos a El Rey D. Fernando para ajuda da guerra contra os Mouros, e lhe empresta dezaseis mil, e seis marcos de prata para o mesmo fim. pag. 45. Funda em Coimbra os primeiros estudos, que houve em Portugal,

tugal, e como alcançou do Papa João XXII. privilegios para elles. pag. 47. Izenta os Cavalheiros de San-Tiago da obediencia do Mestre de Castella, e institue Mestre em Portugal por Bulla de Niculao IV. pag. 48. Ajusta com D. Fernando de Castella, os bens dos Templarios dos seus Reynos não fossem dados pelo Papa a outra Ordem. pag. 56. Representa por seus Embaxadores ao Papa João XXII. não ser conveniente, que as rendas dos Templarios se dessem aos do Hospital de S. João. pag. 59. Institue a Ordem Militar de Jesu Christo a quem assina as rendas que eraõ dos Templarios. ibi. Assina para gasto de seu filho D. Affonso quando cazou com a Infante Dona Beatriz, alem de muitas Villas que lhe deu, ou tenta mil livras de prata. pag. 61. Sentimento q̄ teve com a morte de seu neto o Infante D. Diniz. ibi. Relataõ-se as discordias que teve com o Principe seu filho. pag. 61. e 62. Manda o processo que este Principe tinha machinado para matar seu irmão D. Affonso Sanches, e acha ser falso. pag. 67. Pratica que fez na presença dos seus vassallos quando descubrio ser falso tudo quanto tinha machinado o Principe seu filho contra D. Affonso Sanches seu irmão. pag. 67. e 68. He buscado por seu filho para lhe dar batalha. pag. 24. Manda a

Louieço Annes Redondo, q̄ mate a todos os que deraõ entrada em Santarem ao Principe seu filho, e assim se executa. pag. 77. Por intervençaõ da Rainha Santa Isabel, se concerta com seu filho D. Affonso. pag. 78. e 79. Avistase em Guinaldo com a Rainha Dona Maria, e o que aqui passou. pag. 84. Significa aos Reys de Castella o sentimento que teve com a morte dos Infantes D. Pedro, e D. João. pag. 85. Pedelhe seu neto El Rey D. Affonso de Castella os danos que fazia naquelle Reyno seu tio o Infante D. Felipe, e o obriga a levantar o sitio de Badajos, pag. 86. Celebra Cortes em Lisboa, onde não assiste o Principe D. Affonso seu filho. pag. 87. Sem embargo de que não queria que entrasse em Lisboa seu filho, este o executa com gente armada de que se seguiraõ muitas mortes. pag. 88. Em Santarem depois de huma grande contenda, se compoem com o Principe. pag. 89. Legados que dispoz, antes de morrer. pag. 92. e 93. Em q̄ lugar dia, e anno morreo. pag. 93. Foy levado a enterrar ao Mosteyro de S. Diniz de Odivellas que elle fundara. ibi. Das açoens heroicas que obrou, e das Villas, e Cidades que fundou, e reedificou. pag. 94. e 95.

Diogo Garcia, Chanceller mór do sello da puridade del Rey D. Diniz, e Mordomo mór da Rainha

nha Dona Cõstança sua mulher assiste em Tarraçona com o mesmo Principe para compor as discordias, que havia entre D. Fernando de Castella, e D. Jaymes de Aragaõ. pag. 42.

F

El Rey Felipe de França **C**Ha-

ma do o Fermoço, como concoreo para ser Pontifice Clemente V. a quem pedio que queimasse o corpo de Bonifacio VIII. pag. 52. A' sua instancia extinguiu o Papa a Ordem dos Templarios, pag. 53. Morre desgraçadamente, e que filhos deixou, pag. 60.

Infante D. Felipe, Tio del Rey de Castella, cerca a Badajos, e he obrigado a levantar o sitio pelo Principe D. Affonso, filho del Rey D. Diniz, pag. 85. e 86.

El Rey D. Fernando, Terceiro de Castella, cazou cõ Dona Constança filha del Rey D. Diniz, e Santa Isabel, pag. 14. Com que circunstancias, e conveniencias foy contratado este casamento, pag. 19. He requerido por El Rey D. Diniz, que largue os Lugares, que lhe tinha usurpado, e da pratica que lhe fizeraõ Joaõ Annes Redondo, e Mem Rodrigues Rebotim Embayxadores de Portugal, pag. 22. Recebe-se por palavras de presente com a Infante Dona Constança, e da

pratica que fez aos circunstantes, pag. 34. Sahe a receber a El Rey D. Diniz com o Infante D. Joaõ na Villa de Coelhar, pag. 40. Pede soccorro a D. Diniz para continuar a guerra contra os Mouros, e lhe manda tetecentos cavallos, e lhe empresta para a mesma empreza dezaleis mil, e seiscentos marcos de prata pag. 45. Dalhe em cauçaõ deste emprestimo as Cidades de Badalhouse, Alconchel, e Brughilhos, ibi. Cerca Algezira, e levanta o sitio, pag. 46. Onde morreo, e de que idade, pag. 46.

G

Gibraltar **F**Oy tomado aos Mouros por Joaõ Nunes de Lara, pag. 46.

D. Fr. Gil Martins, He eleito primeiro Mestre da Ordem militar de Jesu Christo, instituida por El Rey D. Diniz, pag. 60.

Guimarães, O seu Castello he defendido por Mem Rodrigues de Vasconcellos, contra a invasão do Infante D. Affonso, pag. 77.

H

Infante D. Henrique **F**Ilho del Rey D. Joaõ o I. de Portugal, foy perpetuo administrador da Ordem de Christo, pag. 60.

Honorio II. Deu regra aos Templarios, pag. 49.

I

D. Jaymes **D**ecimo Rey de Aragaõ, e avo paterno da Infante Dona Isabel, mulher de D. Diniz de Portugal como naceo, e a cauza porque lhe puzeraõ o nome de Jayme, pag. 4. e 5. Tomou segunda vez Valença de Aragaõ aos Mouros pag. 5. Acabou a vida feito Mõge, ibi. Cazou cõ Dona Lianor filha del Rey D. Affonso Nono de Castella, e foy separado pela Igreja deste matrimonio, ibi. Caza segunda vez com Dona Violante, filha de D. André Rey de Ungria de quem teve muitos filhos, ibi.

D. Jaymes, Rey de Malhorca, e Minorca, foy filho de D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e da Rainha Dona Violante, pag. 5.

D. Jaymes, Filho de D. Pedro Undecimo Rey de Aragaõ a quem ficou o Reyno de Secilia, foy depois Rey de Aragaõ, pag. 9.

João XXII. Concede privilegios para os Estudos que em Coimbra instituiu El Rey D. Diniz, pag. 47. Expede huma Bulla na qual consola a D. Diniz nas discordias que tinha com o Principe seu filho, pag. 72. Escreve hũa carta a este mesmo Principe sobre as discordias, que tinha com

seu pay, pag. 80.

D. João, Infante de Castella sendo desterrado daquelle Reyno, he recebido em Portugal por seu tio El Rey D. Diniz, pag. 2.

D. João Affonso, Foy filho natural del Rey D. Diniz, pag. 15.

João Nunes de Lara, Senhor de Biscaya, foy prezo por El Rey D. Diniz a quem mandou soltar, e lhe fez grandes merces, pag. 3. e 21. Tomou Gibraltar aos Mouros, pag. 46.

João Velho, Com Valquo Pires, e João Martins laõ mandados por Embayxadores a Aragaõ a ajustar o casamento del Rey D. Diniz com a Infante Dona Isabel filha de D. Pedro Rey de Aragaõ, pag. 3.

Rainha Santa Isabel, Filha de D. Pedro Undecimo Rey de Aragaõ, sendo pretendida de muitos Princepes para Esposa, he preferido entre todos El Rey D. Diniz de Portugal, pag. 3. Acompañada do Bispo de Valença, e outros Cavalheiros, parte para Portugal, e como della se despedio seu pay, pag. 9. Sahe a recebella em Castella seu primo cõ irmaõ, o Infante D. Sancho, e das palavras, que lhe disse, pag. 10. Chega a Bragança, onde he cortejada pelo Infante D. Affonso irmaõ del Rey D. Diniz, e outros Cavalheyros, ibi. Entra em Trancozo onde se recebeu com El Rey D. Diniz, ibi. Virtudes que praticou em toda a sua vida, e mila,

e milagres que fez, pag. 10. 11. e 12. Por sua intervençãõ, e diligencia, se ajustaraõ as discórdias del Rey D. Diniz com o Principe seu filho. pag. 78. e 79. Segunda vez pacifica ao mesmo Principe com seu pay, pag. 88. Por morte de seu Elpozo se veste no habito de Sãta Clara, pag. 93. Edifica o Convento desta Santa em Coimbra, e o dorou da sua fazenda, e nelle está sepultada, pag. 95.

D. Isabel, Filha do Infante D. Affonso de Portugal, e a Infante Dona Violante, foy cazada com D. Joãõ o Torto, filho do Infante D. Joãõ chamado Rey de Liaõ, pag. 16.

D. Isabel, Filha de D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e da Rainha Dona Violante, cazou com o Principe D. Felipe filho herdeyro de Saõ Luis Rey de França, pag. 5.

L

Rainha Dona Lianor Filha de Affonso Nono de Castella, irmãa de Dona Urraqua Rainha de Portugal, cazou cõ D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e he separada de seu marido pela Igreja, pag. 5.

D. Lopo, Condê, e Senhor de Biscaya, he morto em Alfaro pelo Infante D. Affonso irmão del Rey D. Diniz, pag. 17.

D. Lourenço Annes, He eleyto primeyro Mestre em Portugal dos Cavalleiro de San-Tiago, pag. 48.

M

Manfren Rey de ambas Secilias de quem foy filho, pag. 6. Foy sogro del Rey D. Diniz de Portugal, pag. 3. Matou com veneno a seu pay, e irmão, pag. 6. He morto em a batalha junto de Benavente em Italia que lhe deu o Principe Carlos, irmão de Saõ Luis Rey de França, pag. 6.

El Rey D. Manoel, Foy perpetuo administrador da Ordem de Christo, pag. 60.

Dona Maria, Filha natural del Rey D. Diniz, foy cazada com D. Joãõ de Lacerda, pag. 15.

Dona Maria, Filha natural del Rey D. Diniz, foy Freyra no Mosteyro de Odivellas, pag. 15.

Dona Maria, Filha dos Infantes D. Affonso, e Dona Violante, foy cazada com D. Tello; filho do Infante D. Affonso de Molina, pag. 16.

Martim Gonsalves de Souza, Alferes mór del Rey D. Diniz, he mandado por este Principe cõ setecentos cavallos a ajudar a El Rey de Castella na guerra contra os Mouroos, pag. 45.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, Sustenta o Castello de Guima-

rães por D. Diniz contra a inva-
zaõ do Principe D. Affonso,
pag.77.

Messina, Cercada pelo Infante
Carlos irmão de São Luis Rey
de Frauçã, e levanta o sitio obri-
gado por D. Pedro Rey de Ara-
gãõ, pag.7.

Mouros, Ganhaõ as Fortalezas de
Quelada, e Alcaudete com ou-
tros Castelllos no arrebalde de
Jaen, pag. 27.

N

Nicolao IV. **C** Oncede a El Rey
D. Diniz, que os
Cavalleyros de San. Tiago se
eximãõ da obediencia do Mestre
de Castella, pag. 48.

Nuno Gonçalves de Lara, Filho de
João Nunes de Lara, cazou cõ
Dona Constança filha dos In-
fantes D. Affonso, e Dona Vio-
lante, pag. 16.

O

Ordem militar **D** E Jesu Chris-
to quando foy
instituida por El Rey D. Diniz, e
quem foy o seu primeiro Mestre
pag.60.

Orraqua Vasques, He curada mi-
lagrosamente de hum achaque
pela Rainha Santa Isabel, pag.
12.

P

D. Pedro **U** Ndecimo Rey de
Aragãõ, foy filho
de D. Jaymes, e a Rainha Dona
Violante, e pay da Infante San-
ta Isabel, pag. 5. Com quem ca-
zou, pag. 6. Recebe obediencia
do Reyno de Secilia, pag. 7.
He dezafiado para Bordeos pelo
Infante D. Carlos irmão de São
Luis Rey de França, ibi. He ex-
commungado pelo Papa, pag.8.
Morreo violentamente sobre o
cerco de Girona, pag. 9. Filhos
que teve, ibi. Pratica que fez a
sua filha quando partio para se
receber com El Rey D. Diniz,
ibi.

D. Pedro, Filho natural del Rey D.
Diniz, cazou com Dona Branca
filha de Pedre Annes de Portel,
pag.14.

D. Pedro, Conde de Barcellos fi-
lho natural del Rey D. Diniz,
foy o author das linhagens de
Portugal, pag. 15.

S

El Rey D. Sancho **D** E Castella
ajusta com
El Rey D. Diniz cazar seus fi-
lhos D. Fernando, e Dona Bea-
triz com os Infantes D. Affonso,
e Dona Constaça, filhos daquel-
le Principe, pag. 17. Falta às
O condi-

condições prometidas para estes despozorios, pag. 19. Manda hũa armada sobre o Algarve com que fez muitas hostilidades, pag. 20. Manda por seu Embayxador o Bispo de Palença a tratar pazes com D. Diniz, e não conclue o que intenta, ibi. Em que lugar, e anno morreo, pag. 21.

Infante D. Sancho, Primo com irmão da Infante Dona Isabel, veyo recebella a Castella quando vinha despozar-se com El Rey D. Diniz de Portugal, pag. 10.

D. Sancho, Arcebispo de Toledo, e filho de D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e da Rainha Dona Violante, foy morto na batalha de Andaluzia contra os Mouros, pag. 5.

D. Sancho de Ledesma, Filho dos Infantes D. Pedro, e Dona Margarida, descontente del Rey de Castella, veyo fazer-se vassallo del Rey D. Diniz, o qual lhe assignou huma grande renda, pag. 24. Volta para Castella, pag. 25.

T

D. Tello **F**ilho do Infante D. Affonso de Molina, casou com Dona Maria, filha dos Infantes D. Affonso, e Dona Violante, e netto de Affonso III. de Portugal, pag. 16.

Templarios, Quem foraõ os seus instituidores em Jerusalem, e que habitos trazião, pag. 49.

Açoens heroicas, e virtuozas q̄ obravaõ, pag. 50. Saõ extinctos violentamente por Clemente V à instancia de Felippe de França chamado o Fermoço, pag. 52. e 53. No Concilio celebrado em Vianna da Provincia de Narbona se promulgou a extinção desta Ordem, pag. 57. As rendas desta Ordem saõ applicadas à do Hospital de S. Joaõ, ibi.

V

Valdovino **R**ey de Jerusalem manda hospedar dentro do seu Palacio aos primeryros fundadores da Ordem do Templo, pag. 49.

Vasco Fernandes, Mestre dos Templarios em Portugal quando se extinguiu esta Ordem, pag. 56.

Dona Violante, Filha de D. Andre Rey de Ungria, caza com D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ de quem teve muitos filhos, pag. 5.

Dona Violante, Filha de D. Jaymes Decimo Rey de Aragaõ, e da Rainha Dona Violante, cazou cõ D. Affonso Decimo de Castella avó del Rey D. Diniz de Portugal, pag. 5.

Dona Violante, Filha de D. Pedro Undecimo Rey de Aragaõ, cazou com El Rey Carlos irmão de São Luis Bispo de Toloza, pag. 9.

Dona Violante, Filha do Infante D. Manoel

Manoel filho delRey D. Fernando de Castella , e da Infante Dona Constança foy cazada cõ o Infante D. Affonso filho de Affonso III, de Portugal, e que

filhos teve, pag. 16.
Urbano IV. Dã a investidura dos Reynos da Secilia, e Napoles ao Principe Carlos irmão de S. Luis Rey de França, pag.6.

F I M.







7000





